

MONICA SOARES SIQUEIRA

ARRASANDO HORRORES!

UMA ETNOGRAFIA DAS MEMÓRIAS, FORMAS DE
SOCIABILIDADE E ITINERÁRIOS URBANOS DE TRAVESTIS *DAS*
ANTIGAS

Florianópolis

Dezembro de 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MONICA SOARES SIQUEIRA

ARRASANDO HORRORES!

UMA ETNOGRAFIA DAS MEMÓRIAS, FORMAS DE
SOCIABILIDADE E ITINERÁRIOS URBANOS DE TRAVESTIS DAS
ANTIGAS

Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação
em Antropologia da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC), como requisito para a
obtenção do grau de Doutora em Antropologia
Social; área de concentração: Antropologia
Urbana.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Luiza Carvalho da Rocha
Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª Sônia W. Maluf

Florianópolis

Dezembro de 2009

Ficha Bibliográfica

SIQUEIRA, MONICA SOARES. ARRASANDO HORRORES! UMA ETNOGRAFIA DAS MEMÓRIAS, FORMAS DE SOCIABILIDADE E ITINERÁRIOS URBANOS DE TRAVESTIS DAS ANTIGAS. 2009. 530 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Curso de Pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. Este trabalho segue as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT/NBR 14724).

AGRADECIMENTOS

Indiscutivelmente esta tese é resultado de muitos encontros, reencontros e também, como não poderia deixar de ser, de alguns desencontros que transformam um trabalho, por vezes tão solitário, em algo especialmente coletivo.

Começo agradecendo a todas as Divas, minhas incríveis parceiras nesta longa e difícil, mas também muito prazerosa, caminhada, não apenas pelo fato de terem, realmente, tornado possível este trabalho, mas também por terem me ajudado a ver os muitos tons que a vida pode ter. Em especial agradeço à Laura, Raquel, Camille, Fujika, Marlene, Isa, Paula, Sarita, Jane, Eloá, Zuzu, Ruddy e Ângela. Divas, sempre Divas que estão muito além “dos tempos” e das minhas palavras. Vocês são realmente um escândalo!

Seguramente este trabalho não teria concretude se não fosse pela paciência e pelo apoio incansável da minha orientadora, a professora Dr^a. Ana Luiza Carvalho da Rocha. Muito além das críticas, sugestões, avaliações fundamentais para a escrita da tese estão os “puxões de orelhas”, as palavras de estímulos, o olhar de quem acredita, e o conforto quando já nos achamos perdidos em meio às angústias e infindáveis inseguranças, sem falar nas muitas acolhidas em sua casa. Aqui um especial agradecimento aos companheiros constantes em nossas reuniões: Joça, Filó e Carmela.

A professora. Dr^a. Sônia W. Maluf, co-orientadora desta tese, pelas valiosas contribuições a partir de uma leitura crítica e atenta deste trabalho, e pelo apoio que me foi concedido durante todos estes anos como aluna do PPGAS.

As professoras Alicia Castells (UFSC), Andréa Moraes Alves (UFRJ), Cornelia Eckert (UFRGS), Miriam Hartung (UFSC), integrantes titulares da banca de defesa, pelas contribuições a este trabalho.

Agradeço às instituições financiadoras CNPQ e CAPES, pelo financiamento em diferentes momentos do curso de doutorado, e esta última, especificamente, pelo financiamento da bolsa-sanduíche em Portugal por um período de quatro meses.

À secretaria da Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC e aos seus funcionários, em especial a Adriana e a Karla.

Aos professores do PPGAS que me acompanham desde o mestrado e que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Ao professor Dr. Miguel Vale de Almeida, meu co-orientador da bolsa-sanduíche no ISCTE/CEAS em Lisboa/Portugal. Sua simpatia, nossas

reuniões e suas orientações, em sua sala nas dependências do ISCTE, e nossos encontros furtivos pelos corredores jamais serão esquecidos.

Ao professor Paulo Raposo, na época coordenador do CEAS, e as secretárias Isabel e Manuela pela atenção e auxílios que me foram concedidos.

À Larissa Pelúcio e Anna Paula Vencato pelas trocas de experiências acadêmicas, mas também pelo carinho e amizade.

À família Ok por terem me recebido em sua casa sempre com carinho e muita alegria.

Às minhas queridas amigas e companheiras nos “sabores” e “dissabores” da vida e da escrita de uma tese de doutorado. Falo especialmente de Ângela Maria de Souza, Micheline Ramos de Oliveira e Rose Mary Gerber.

À Regina Gerber pelas palavras de apoio e a disponibilidade para as correções sempre nos instantes finais.

À minha irmã do coração Patrícia Amaral Siqueira pelo inestimável apoio e carinho nos últimos meses de campo.

À minha querida amiga portuguesa Maria Manuel Quintela e a sua linda e afetuosa família, pela acolhida sempre tão carinhosa.

Ao meu companheiro, Matias Godio, por estar sempre ao meu lado, ter sido meu porto-seguro e por todos os auxílios durante a escrita da tese.

Aos meus amados pais pelo mais trivial e por acreditarem sempre, mesmo sem muito compreender.

**Esta tese é uma homenagem à *Laura de Vison*,
com certeza um encontro inesquecível.**

RESUMO

Esta tese de doutorado propôs-se a realizar um estudo etnográfico das narrativas biográficas e formas de sociabilidade de sujeitos que se identificam como “travestis das antigas”. Ao procurar empreender, em termos de Eckert & Rocha (2005), uma etnografia das lacunas da duração pretendeu-se compreender os processos pelos quais estes sujeitos foram construindo, ao longo de suas trajetórias sociais, e por intermédio de seus itinerários urbanos, suas formas de sociabilidade relacionadas às suas vivências na cidade do Rio de Janeiro. Pensar as formas de sociabilidade específicas das interlocutoras desta pesquisa me conduziu à análise de suas interações sociais e, conseqüentemente, das formas de apropriação do espaço urbano, bem como de suas relações, percepções e concepções da cidade entendida, principalmente, como cenário de atuação desses atores sociais. Acredito que ao compartilhar de suas caminhadas ao longo de suas vidas através de suas memórias e seus cotidianos somos levados aos dramas, às intrigas e aos dilemas que compõem a interface entre o que estou chamando aqui, inspirada em De Certeau (2008), cidade conceito e cidade ordinária. Se em suas narrativas sobre as experiências na e da cidade são enunciados preconceitos e discriminações constrangedoras de seus processos de construção de subjetividade, de formulações de projetos e de apropriações e usos da cidade em que nasceram e/ou escolheram para viver, também são relatadas suas astúcias e táticas no intuito de impor seus estilos de uso nos diferentes espaços urbanos e de serem, assim, senhoras de seus passos na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Travestis; Memória; Itinerários urbanos; Sociabilidade; Cidade.

ABSTRACT

This thesis sets out to conduct an ethnographic study of biographic narratives and sociability forms of subjects identified as “transvestites of the ancient kind”. While trying to undertake, in terms of Eckert and Rocha (2005), an ethnography of the gaps of duration, it intends to understand the processes by which these subjects were building, all along their social trajectories and through their urban itineraries, their forms of sociability related to their existences in the city of Rio de Janeiro. Thinking the specific forms of sociability of the interviewed led me to analyze their social interactions and consequently the forms of appropriation of the urban space, as well as their relations, perceptions and conceptions of the gay city, principally, like stage of performance of these social actors. I believe that sharing their walking along his lives through his memories and his daily activities we’re taken to the dramas, intrigues and dilemmas that compose the interface between what, inspired in De Certeau (2008), I refer to as concept city and ordinary city. If, in their narratives of the experiences in and of the city, prejudices and embarrassing discriminations of his processes of subjectivity-building, of projects-formulation and of appropriations and uses of the city in which they were born and/or chose to live are expressed, their cunning and tactics as they try to impose their styles of use in different urban spaces and of becoming ladies of their steps in the city of the Rio de Janeiro are also told.

Key-Words: Transvestites; Memory; Urban Itineraries; Sociability; City.

SUMÁRIO

Introdução	17
PARTE I: MENINA REPARE!	
CAPITULO I: BICHA QUE DEU CERTO!?	37
1. Trajetórias da pesquisa	37
1.1 As sementes de um tema e objeto de pesquisa	37
1.2 Um trajeto de pesquisa e seus percalços – da graduação ao mestrado	40
1.3 Um trajeto de pesquisa e seus percalços – do mestrado ao doutorado	45
1.4 O retorno da antropóloga: os reencontros e encontros na configuração do universo de pesquisa	51
1.5 REDE SOCIAL MISTRADO	75
1.6 REDE SOCIAL DOUTORADO	76
1.6.1 Rede Social Doutorado (2ª fase trabalho de campo)	77
1.6.2 Rede Social Doutorado (3ª fase trabalho de campo)	78
CAPITULO II: SOBRE AS FERRAMENTAS DE TRABALHO: AS ESCOLHAS E DECISÕES NO PLANO METODOLÓGICO	79
2 Narrativas biográficas	79
2.1 Entrevistas não-diretivas	81
2.2 O trabalho de campo na cidade – etnografia de rua, itinerários urbanos e observação participante	83
2.3 O uso das imagens e a pesquisa antropológica	91
2.3.1 O uso da imagem e a pesquisa com narrativas biográficas	96
2.3.2 O uso da imagem e a pesquisa com trajetórias sociais	100
2.3.3 O uso da pesquisa de imagens e a história visual do mundo trans no RJ	102
2.4 Observação participante e as formas de sociabilidades	107
2.5 Estudo de redes sociais	112
2.6 Identidades em jogo e afetos na cena social	114
CAPITULO III: CIDADE CONCEITO/CIDADE ORDINÁRIA: URDIDURAS E TRAMAS	123
3.1 A Cidade em questão – na rítmica dos relatos	124
3.2 Sobre traçados e alterações	132
3.3 O Rio de Janeiro como cenário e personagem	138
3.4 As primeiras teias entre a cidade e a travestilidade	147
3.5 Os estudos sobre travestilidades	156
3.6 A experiência de envelhecer na cidade	167
PARTE II: O MUNDO É DAS “BONECAS”	
CAPITULO IV: TÔ BEM AQUÍ... NÉ? SENHORAS DE MUITO GLAMOUR: LAURA, RAQUEL, CAMILLE	177

4.1 Laura: “Era de dia o professor e nos finais de semana a prostituta”	178
4.1.1 Como “generosa” eu já flutuava pela cidade: estilo de vida e visão de mundo	189
4.1.2 A bicha do embrulhinho: saberes e fazeres	194
4.1.3 Encontros e confrontos etnográficos	198
4.2 Raquel: O Ministério era meu Manto Sagrado	202
4.2.1 Eu sempre fui uma pessoa correta:estilo de vida e visão de mundo	216
4.2.2 Eu gosto de inventar nomes, João Rola, Chuparina, Cú nas trevas:saberes e fazeres	221
4.2.3 Encontros e confrontos etnográficos	224
4.3 Camille: “Eu tive a sociedade inteira do Rio de Janeiro na minha mão”	228
4.3.1 Eu sempre fui uma pessoa privilegiada por Deus:estilo de vida e visão de mundo	236
4.3.2 “Eu queria fazer a linha maneca, bonita”:saberes e fazeres	240
4.3.3 Encontros e confrontos etnográficos	242
CAPITULO V: AS SENHORAS EM SUAS AVENTURAS PARA ALÉM DA CAPITAL: FUJIKI, MARLENE, ISA, SARITA, JANE E PAOLA	247
5.1 Fujika: Tudo que eu pensei se realizou	247
5.1.1 Eu sou muito caseira:estilo de vida e visão de mundo	257
5.1.2 Coisas de cantora: saberes e fazeres	261
5.2 Marlene: Existem travestis e travestis: eu sou uma artista	264
5.2.1 A chama apagou um pouco:estilo de vida e visão de mundo	271
5.2.2 Quando eu passo o batom, eu me desligo: saberes e fazeres	274
5.3 Isa: Eu devo tudo a Paris	276
5.3.1 Eu gosto de ficar na minha: estilo de vida e visão de mundo	282
5.3.2 Eu sou conhecida pelo meu visual: saberes e fazeres	287
5.4 Sarita: Eu sou como um pássaro que voa; só regresso quando tenho vontade	290
5.4.1 Eu sempre fui mão aberta: estilo de vida e visão de mundo	295
5.4.2 Eu sou muito comunicativa: saberes e fazeres	300
5.5 Jane: Meu sonho era morar em Copacabana	302
5.5.1 Sempre sei qual é o meu destino: estilo de vida e visão de mundo	307
5.5.2 Eu sou polivalente: saberes e fazeres	310
5.6 Paola: Se eu não fosse travesti eu hoje seria um grande executivo	313
5.6.1 Eu não fico à toa na rua: estilo de vida e visão de mundo	317
5.6.2 Eu sou muito querida e amada: saberes e fazeres	319

CAPITULO VI: “IMITADORES DO BELO SEXO”: PROCURAM-SE	
RAPAZES COM TENDÊNCIAS FEMININAS	323
6.1 A corporalidade em cena: aproximações teóricas	324
6.2 Descobrimdo-se como diferente: construções de “ si”	330
6.3 Meio tubarão e meio sereia: A vida entre mundos	339
6.4 O “ser feminina”	342
PARTE III: SOCIABILIDADES: ONTEM E HOJE	
CAPITULO VII: SENHORAS DOS SEUS PERCURSOS	375
7.1 Calçando as sandálias	375
7.2 Caminhadas: encontros na cidade	380
7.3 O espaço das ruas e seus lugares de reconhecimento	401
7.4 Os modos de ‘parecer’: etiquetas do e no cotidiano	406
7.5 REDE DE VIZINHANÇA: RAQUEL	419
CAPITULO VIII: PERCORRENDO OUTROS	
TERRITÓRIOS DE SOCIABILIDADE	421
8.1 No ‘interior’ da Turma ok: Quem será a Musa?	421
8.2 Entre escovas, pentes, cremes e muito bate-papo	438
8.3 “No interior da casa” – sociabilidades íntimas	445
8.4 REDE SOCIAL TURMA OK	457
CAPITULO IX: EPÍLOGO: MEMÓRIAS DE UMA DIVA	459
9.1 As antigas e suas lembranças: na interface entre memória, envelhecimento e cidade	460
9.2 “Flutuações”, “desfiles”, “corridas” e “pegações”: itinerários urbanos e sociabilidades de ‘tempos de outrora’	468
9.3 A pianista dormiu: um cabaré muito especial	474
9.4 Noites de fantasia: os carnavais que não voltam mais	478
9.5 Os territórios de pegação:	486
9.6 MAPA 1: ITINERÁRIOS URBANOS E SOCIABILIDADE	492
9.7 MAPA 2 ITINERÁRIOS URBANOS E SOCIABILIDADE	493
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	495
ANEXOS: VÍDEO LAURA, UMA DIVA DO BABADUU!	

INTRODUÇÃO¹

O tempo, ou melhor, a percepção daquilo que chamamos de memória, é como um velho acordeom da Martinica - que se abre ou se fecha, encolhendo algumas coisas, aumentando outras e, neste processo, fazendo música.

Richard Price, 2004.

Esta tese de doutorado tem como proposta realizar um estudo etnográfico das narrativas biográficas e formas de sociabilidade de sujeitos que se identificam como “travestis das antigas”. Ao procurar empreender, em termos de Eckert & Rocha (2005), uma etnografia das lacunas da duração pretende-se compreender os processos pelos quais estes sujeitos foram construindo, ao longo de suas trajetórias sociais e por intermédio de seus itinerários urbanos, suas formas de sociabilidade relacionadas às suas vivências na cidade do Rio de Janeiro. Pensar as formas de sociabilidade específicas das interlocutoras desta pesquisa me conduziu à análise de suas interações sociais e, conseqüentemente, das formas de apropriação do espaço urbano, bem como de suas relações, percepções e concepções da cidade, entendida, principalmente, como cenário de atuação desses atores sociais.

Ao buscar realizar uma etnografia da duração e das lacunas da duração e não uma etnografia das lembranças do passado supõe-se que as memórias dos sujeitos estudados não são simples manifestação de um eu profundo, de um passado que se conserva inteiro no decorrer do tempo, mas sim que tais sujeitos, imbuídos em seus “trabalhos de lembrar” o passado, o fazem a partir de suas reflexões e experiências no presente². Acredito que a memória é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, um tempo que não flui de forma uniforme e linear, mas que é vivenciado, sentido e percebido diferentemente pelos diversos grupos sociais e pelos

¹ A frase *Arrasando Horrores* que faz parte do título da tese é uma expressão utilizada pelas interlocutoras cujo sentido, em linhas gerais, dependendo do contexto, pode ‘enaltecer’ uma pessoa (ou supervalorizar determinado objeto) e uma determinada ação realizada por ela ou pode ter um significado depreciativo. Com relação às interlocutoras, às vezes em que ouvi esta expressão a mesma era utilizada no primeiro sentido e é com esta conotação que a tomo como empréstimo para intitular o trabalho.

² Questões pontuadas não apenas nos estudos sobre memória com Halbwachs (2004), Bosi (2003), Bachelard (1988), Eckert & Rocha (2001; 2005), como também nos estudos antropológicos que se utilizam de narrativas, como por exemplo, os de Rosaldo (1963), Turner (1984), Langdon (1999, 2001) e Maluf (1992;1999).

seus sujeitos no interior desses grupos. Neste sentido, devem ser consideradas as tensões entre tempos sociais, coletivos e individuais, ciente que não nos depararemos com uma sucessão coerente de formas, mas com os tropeços da vida corrente (BOSI, 2003, p. 62).

Este trabalho versa sobre a memória coletiva e social compreendida como um vínculo entre as interlocutoras desta pesquisa e seus mundos numa interação entre o indivíduo e a sociedade. Portanto, acredito que ao compartilhar de suas caminhadas ao longo de suas vidas através de suas memórias e seus cotidianos somos levados aos dramas, às intrigas e aos dilemas que compõem a interface entre o que estou chamando aqui, inspirada em De Certeau (2008), cidade conceito e cidade ordinária.

As travestis, como habitantes da cidade do Rio de Janeiro, são compreendidas neste trabalho como narradoras (BENJAMIN, 1993) em potencial de suas experiências vividas no contexto urbano e, neste sentido, nos conduzem às práticas e aos saberes que foram sendo tecidos e que tecem em suas relações com a “Cidade Maravilhosa”. Parafraseando Eckert & Rocha (2001, p.8), a cidade é percebida em seu caráter polissêmico e como testemunha dos jogos da memória das travestis, espaço fantástico onde elas podem colar sua existência a certos momentos de interação social vividos em seus territórios, e investi-los do próprio ritmo construído do corpo de duração de biografias de vida.

O trabalho de campo para a tese foi realizado por um período de quase dez meses alternados entre os meses de setembro a dezembro de 2006 e entre os meses de fevereiro a julho de 2007, e durante os meses de outubro a dezembro do mesmo ano. O universo de pesquisa principal foi composto por nove travestis entre 44 e 68 anos de idade consideradas por elas como “travestis das antigas” que, por sua vez, conformam diferentes redes sociais. Por outro lado, cabe salientar que a pesquisa pôde contar com um espectro mais amplo de sujeitos, isto é, pude manter contato e conviver em diferentes momentos do campo com outras travestis também das antigas que, por motivos que serão tratados no primeiro capítulo (doença, viagem ou simplesmente por terem mudado de idéia no decorrer do campo), não fazem parte do universo principal da pesquisa, mas, sem sombra de dúvida, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

A maior parte das interlocutoras se identifica também como travestis-artistas justamente porque atuaram em espetáculos teatrais do tipo revista (gênero muito popular na cidade do Rio de Janeiro desde os meados do século XIX até, aproximadamente, fins da década de 1960) e/ou porque trabalham no ramo de shows de transformismos cantando e/ou dublando cantoras nacionais e internacionais. Algumas delas, na época da pesquisa, ainda trabalhavam em teatros como comediantes. Cabe esclarecer que

trabalhavam (e trabalham) no ramo artístico concomitante a outras atividades profissionais, sendo que algumas delas em diferentes momentos de suas vidas também exerceram a prostituição. Também pude conhecer e conviver com travestis mais jovens, pessoas que fazem parte das redes de relações sociais de minhas interlocutoras, o que, a meu ver, só fez enriquecer o trabalho, haja vista que ali emergiram redes de relações ‘intergeracionais’, além das que já estavam visíveis, ou seja, as ‘intraeracionais’. Como cenários da pesquisa, temos como referência os bairros de moradias dos sujeitos como, por exemplo, Lapa, Centro, Copacabana, e alguns bairros do subúrbio, como Penha, Olaria e Realengo, sempre em vias de apreendê-las em seus percursos e suas situações do cotidiano.

Em linhas gerais, a metodologia empregada neste trabalho se pautou pelo uso de entrevistas não-diretivas (THIOLENT, 1982) a fim de recolher as narrativas de memórias biográficas e as trajetórias sociais (BOURDIEU, 1989), formas de sociabilidade (SIMMEL, 2002) e itinerários urbanos (ECKERT & ROCHA, 2005) dos sujeitos da pesquisa, bem como na utilização da observação participante (MALINOWSKI, 1978) articulada ao exercício da etnografia de rua (ECKERT & ROCHA, 2003). Lancei mão de técnicas próprias da Antropologia Visual, especialmente a utilização do vídeo e da fotografia. A abordagem metodológica empregada neste estudo será tratada em profundidade no segundo capítulo da tese.

Por que “travestis das antigas”? Esta foi uma das perguntas que me foi direcionada pelo Prof. Paulo Raposo (ISCTE/CEAS) durante minha apresentação do seminário de tese nas dependências do ISCTE em Lisboa/Portugal durante o período em que realizei estágio sanduíche, entre março a junho de 2008. Foi justamente durante minha pesquisa de mestrado que escutei, pela primeira vez, esta expressão. Foi através de Charla, uma travesti com cerca de quarenta anos na época em que coordenava um interessante evento³ que reunia travestis das mais variadas idades nas dependências da ONG Pela Vida localizada, na época, em um edifício comercial no centro da cidade, mais precisamente em uma de suas principais avenidas, a Rio Branco. Nesta “primeira escuta”, a expressão “travesti das antigas” foi acompanhada de outro termo classificatório: “as geriatras”, imbuído de certa conotação pejorativa, mas sempre dito com jocosidade.

No entanto, com o decorrer do campo e da convivência com elas, esta expressão foi ganhando outros significados, os quais ultrapassam a

³ Refiro-me ao “chá das travestis”, realizado na época do trabalho de campo para o mestrado, o qual ocorria às quartas-feiras no período da tarde. Falo com mais detalhes deste encontro e do chá na minha dissertação de mestrado (SIQUEIRA, 2004).

articulação com a velhice nos moldes usuais como é definida em nossa sociedade (DEBERT, 1997, 2000a; 2000b; LINS DE BARROS, 2000). Assim, fui percebendo, ao longo principalmente do doutorado, momento em que tive a oportunidade de estar mais tempo com elas que, em geral, quando se referiam a alguém como ‘das antigas’ este termo é usado, sobretudo para dar conta da experiência de vida de uma geração de travestis (diferentes entre si, como veremos a seguir) e da “sobrevivência” dessas pessoas com relação ao seu “grupo de origem” e em termos da sociedade de forma ampla. Ou seja, como algumas delas mesmas ressaltam, se trata de travestis “pioneiras”, “guerreiras”, travestis de outros tempos sim, mas principalmente dos tempos de hoje.

Por sua vez, ‘os destemidos aventureiros e desbravadores de territórios’, através de suas narrativas e crônicas de viagens, já mencionavam com surpresa e espanto, a presença de ‘homens vestindo roupas de mulheres’, fazendo trabalhos femininos e relacionando-se sexualmente com outros homens (LANG, 2000). Sabemos, através da literatura antropológica, que as ‘transformações de gênero’ (BENEDETTI, 2005) desde muito tempo vem ocorrendo em várias sociedades⁴, sendo sempre revestidas de particularidades que não podem ser depuradas como um fenômeno restrito às sociedades complexas moderno-contemporâneas (VELHO, 1999a, 1999b).

No entanto, desde as últimas décadas do século XX, não há como negar que é nos “interstícios da urbe” que a experiência da travestilidade, em sua diversidade, tornou-se um fato frequente, (SILVA, 1993; MALUF, 1998) desvinculada de seus espaços tradicionais, como o carnaval e o teatro (GREEN, 2000). Deve-se considerar ainda que seja recorrente entre os pesquisadores deste universo⁵ chamar atenção para as dificuldades e os problemas em utilizar definições e/ou categorias classificatórias restritivas quando se referem aos chamados sujeitos do universo trans (BENEDETTI, 2005). Ao longo das últimas décadas, alguns termos foram sendo cunhados e utilizados para abordar conceitualmente a experiência travesti:

⁴ Os exemplos mais citados, no que concerne às sociedades não ocidentais, aparecem já em meados do século XX com as *berdaches* encontradas entre os índios norte-americanos. Em geral, são indivíduos que se identificavam com o gênero oposto, se vestiam como mulheres e atuavam como tal. Se originalmente sua orientação sexual os ligava ao homossexualismo, ao longo dos anos, os estudiosos perceberam variações com relação à prática sexual: alguns pareciam ser heterossexuais e outros bissexuais (FERNANDEZ, 2004). Nanda (1994) destaca a existência dessa prática entre os *Hijas* da Índia, que após serem submetidos a uma operação de castração dos órgãos genitais, passam a vestir roupas femininas e a assumir comportamentos femininos. Para maiores informações ver: Siqueira (2004).

⁵ Silva (1993), Benedetti (2005), Oliveira (1997), Pelúcio (2007).

travestismo⁶, transvestitismo (SILVA, 1993), transgêneros⁷ (GONZAGA, 2001) e, mais recentemente, travestilidades, termo usado no âmbito dos movimentos sociais de travestis que tem como objetivo justamente se afastar de uma concepção patológica do fenômeno, como explicou a presidente da ASTRA RIO (Associação de transgêneros, travestis e transexuais do estado do Rio de Janeiro) a travesti Marjorie Macchi (30 anos) durante uma reunião da ONG: “Travestilidade é uma terminologia adotada pelo segmento de travestis para representar tudo o que se refere a essa identidade de gênero; usada objetivando extinguir a terminologia travestismo, considerando que o sufixo “ismo” caracteriza-nos como doentes” (reunião ASTRA RIO, novembro de 2007). Para que o leitor tenha uma idéia da fluidez e do dinamismo de tais denominações e classificações, durante minha pesquisa de mestrado, seguindo o discurso que predominava entre as travestis que fizeram parte do universo de pesquisa na época, principalmente pelo discurso militante de algumas em especial, optei por “englobá-las” dentro da categoria transgêneros. No entanto, quando em campo para o doutorado, tive a oportunidade de participar de algumas reuniões da ASTRA RIO e do XIV ENTLAIDS⁸ como descrevo a seguir através de um fragmento do meu diário de campo:

Esta mesa de hoje foi particularmente interessante para mim, devido à discussão mais pontual em torno desta categoria; ao mesmo tempo em que pude constatar o quão é ainda fundamental a questão de uma definição de identidade entre elas e o quão o discurso acadêmico é, em alguns momentos, um bicho de sete cabeças para as participantes em geral, inclusive as militantes, apesar de cada vez mais beberem nesta fonte. Durante o mestrado, quando ouvi pela primeira vez o uso do termo transgêneros entre elas, tinha um conteúdo altamente político que procurava abranger os segmentos ‘trans’, travestis, transexuais, transformistas. No entanto, o que vi neste evento foi o destaque para a categoria em relação a travestis e transexuais, num sentido de reivindicarem uma ‘identidade transgênero’, aqueles - conforme definição de um dos participantes - que se

⁶ Tradicionalmente eram compreendidas como inversões temporárias de papéis de gênero durante rituais religiosos e no carnaval (DA MATTA, 1979), ou vinculados ao uso da roupa do sexo oposto.

⁷ “Los Transgeneristas han sido definidos como personas con una posición intermedia, que viven con los rasgos físicos de ambos géneros. Los Transgeneristas pueden alterar su anatomía con hormonas o con cirugía, pero pueden conservar deliberadamente muchas de las características del género al que estaban asignados originariamente. Muchos llevan, a tiempo parcial, una vida en ambos géneros; la mayoría cultiva una apariencia andrógina” (DENNY, 1990 *apud* MEJÍA, 2006, p.259).

⁸ O ENTLAIDS – Encontro nacional de Travestis e Transexuais que atuam na luta e prevenção à AIDS foi realizado em São Paulo entre os dias 26 a 30 de junho de 2007.

“auto-define” como tal - que mudam, trocam de gênero em determinados momentos, se montam de vez em quando, ou que fazem uso na composição de suas aparências de signos ditos masculinos e femininos. Por exemplo, Suzi (a principal representante do segmento) trajava calça de seda vermelha e uma blusa também de um tecido fino, tipo voal, vermelha com mangas do tipo ciganas, com sapatos scarpin de cor vermelha, cabelos bem curto, com corte masculino, sem maquiagem, apenas alguns anéis nos dedos. O foco era em torno da necessidade de se afirmar identidades, a travesti, a transexual, e o transgênero com suas especificidades e características que não poderiam ser confundidas. Afinal, a confusão entre os segmentos era uma das principais preocupações entre elas e eles. A importância dada à questão da constituição de uma identidade explodiu quando um antropólogo da USP foi expor sobre o assunto. Ele trouxe para o debate as concepções mais recentes em torno da identidade, procurando demonstrar que pensar a identidade em termos tão fixos e rígidos provavelmente as colocaria em uma armadilha, levando-se em conta que inviabilizaria a idéia de processo como um meio de tratar o universo trans. Enquanto ele falava, Carmen ao meu lado, uma travesti negra de 27 anos, retrucava dizendo que já foi tão difícil se assumir, resolver que queria ser travesti e agora esse cara vem com essa história de que uma identidade não existe! Outras intervieram em sua fala, discordando e salientando a necessidade de afirmarem uma identidade social de travesti. A Tatiane levantou e disse que queria ser respeitada no futuro como uma senhora travesti!! (diário de campo, junho de 2007).

Fui me dando conta, através de seminários, conferências e conversas informais que as travestis não se sentiam mais representadas pela categoria transgêneros e utilizavam o termo travestilidades⁹ não somente como forma de despatologizar o segmento, mas também para dar conta da experiência travesti em sua heterogeneidade, apesar de reivindicarem a idéia de uma “identidade de gênero”. Por outro lado, quero deixar claro que não é objetivo deste trabalho fazer uma discussão aprofundada com relação a esta temática e sim trazer à tona a complexidade deste universo em termos de definições, representações e classificações. Neste sentido, Vencato (2003) observa que:

⁹ Termo que vem sendo utilizado também em trabalhos acadêmicos mais recentes (PELÚCIO, 2007; CARDOZO, 2006) que versam sobre o universo trans. Cabe salientar que o termo travestilidade faz parte do discurso das travestis militantes, bem como, em nenhum momento do campo percebi a utilização deste termo entre as travestis que não são militantes.

As distinções entre travestis, transexuais e drag queens já estão muito marcadas na apresentação visual desses sujeitos, e acabam ainda mais sublinhadas caso observadas suas práticas sociais. Além disso, a diferenciação entre um e outro grupo é constantemente requerida por esses sujeitos, que não pretendem confundir-se, mas, ao contrário, buscam uma espécie de diferenciação dentro da diferença, uma vez que o transvestismo enquanto fenômeno está longe de ser uma norma em nossa sociedade e mesmo dentro do universo homossexual (VENCATO, 2003, p. 191).

Um de meus aprendizados desde o mestrado, e que se aprofundou durante o doutorado, é que as travestis com quem trabalhei em geral ‘desejam’ passar por senhoras e é com muito orgulho que comentam episódios cotidianos que confirmam e reafirmam o ‘sucesso’ de tal performance, o que, por sua vez, não vai ao encontro do desejo de Tatiane, a jovem travesti militante representante do estado de Sergipe, mencionada acima. Também pude constatar isso durante a apresentação oral de minha dissertação de mestrado durante o Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania LGBTTT¹⁰ realizado em setembro de 2007 para uma audiência de acadêmicos, estudantes e duas senhoras travestis militantes que faziam questão de reivindicarem sua condição de “travesti senhora”.

Assim, justamente confrontados com a complexidade que envolve este “grupo social” (VELHO, 1999a) os pesquisadores procuram, primordialmente, basear-se nas definições e compreensões da travestilidade de seus respectivos sujeitos de pesquisa. Moema, uma das informantes de Silva, afirma: “Travesti tem que ter silicone, hormônio. Não tem travesti sem hormônio”. Em sua interpretação, Silva pondera: na busca pela distinção, a travesti tem uma natureza diferente produzida pelo silicone” (SILVA, 1993, p. 133). Já Benedetti (2005) resolve esta problemática da seguinte forma:

Travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenita-

¹⁰ Este Seminário foi realizado pelo NIGS (Núcleo de identidades de gênero e subjetividades) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC.

lização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição sine qua non da sua transformação. As transformistas por sua vez promovem intervenções leves – que podem ser suprimidas ou revertidas – sobre as formas masculinas do corpo, assumindo as vestes e identidade femininas somente em ocasiões específicas (BENEDETTI, 2005, p. 18).

Kulick (2008), logo no início de seu livro, apresenta minuciosamente todo o processo de construção imanente à subjetividade travesti e considera que:

[...] a principal característica das travestis de Salvador, e de todo o Brasil, é que elas adotam nomes femininos, roupas femininas, penteados e maquiagem femininos, pronomes de tratamento femininos, além de consumirem grande quantidade de hormônios femininos e pagarem para que outras travestis injetem até vinte litros de silicone industrial em seus corpos, com o objetivo de adquirir uma aparência física feminina, com seios, quadris largos, coxas grossas e, o mais importante, bundas grandes (KULICK, 2008, p. 21).

Deste modo, o autor, ao destacar algumas características que definiriam o que é “ser uma travesti brasileira” já traz à tona a construção de um modelo de corpo, de uma determinada estética corporal. Em geral, os estudiosos deste universo lançam mão de definições semelhantes, sempre tendo como referência principal a lógica do grupo estudado.

E o que o dizer em relação ao universo de pesquisa em questão? Aqui faço novamente referência à pesquisa de mestrado, momento em que trabalhei com cinco interlocutoras, e, de acordo com as observações e dados recolhidos na época, que se “enquadravam”, em termos gerais, às definições apresentadas. Apesar disso, cabe esclarecer que, compartilhando das preocupações, angústias e dos cuidados com relação à classificação dos sujeitos pertencentes a este universo, a minha estratégia foi deixar que elas próprias ‘definissem’ o que entendiam por travestis: “Travesti é alguém que se veste e se comporta como mulher 24 horas por dia (Raquel). Ou, como disse Helô, É um homem vestido de mulher [...] que quer ser mulher [...] ou se veste de mulher”.

No entanto, durante o trabalho de campo para o doutorado, apesar de contar com duas antigas interlocutoras, diante de uma nova configuração do universo de pesquisa, em termos da rede de entrevistadas, a questão de como classificar, nomear e apreender em categorias tornou-se um complicador, na medida em que o universo de pesquisa mostrou-se mais complexo já que interagi tanto com sujeitos que, em alguns casos, se compreendiam dentro dos “tradicionais” parâmetros, como também com sujeitos que não correspondiam a tais parâmetros, desestabilizando-os. Não quero que pareça que estou em uma busca “racionalista” de um cientificista clássico. Muito pelo contrário, procuro alertar para a complexidade e a riqueza deste universo, mas, ao mesmo tempo, compartilho da opinião de Pelúcio (2007, p.37) quando coloca que a pluralidade da experiência travesti não implica em uma impossibilidade de definição conceitual, apenas alerta para o perigo de se propor categorias teóricas sem a necessária flexibilidade para enfrentar o que acontece no espaço empírico. Esta preocupação também é compartilhada por Vencato (2003), ao refletir sobre a importação de determinadas categorias e conceitos utilizadas em outros países e a aplicação dos mesmos sem uma reflexão mais aprofundada do contexto brasileiro (VENCATO, 2003, p.191).

Isto posto, como já mencionado, os sujeitos que compõem o universo da pesquisa de doutorado se identificam, particularmente, como “travestis das antigas” e/ou, em alguns casos, como “travestis-artistas”, o que por si só já evidencia a preocupação em distinguir-se do seu grupo mais amplo. Posso dizer que estamos tratando com indivíduos que, ao longo de suas vidas, promoveram modificações corporais através do uso de hormônios, da aplicação de silicone, bem como que se utilizam de nomes femininos, mas que, às vezes, em seu cotidiano e ambiente familiar, fazem uso e são tratadas por seu nome de batismo. Cabe ressaltar que a maior parte delas vive cotidianamente em conformidade com o gênero feminino através do uso de vestimentas, acessórios, corte de cabelo, posturas, gestos, voz, sendo que, algumas delas podem adotar uma aparência “andrógina” mesclando elementos considerados apropriados do gênero masculino e do gênero feminino. Ou simplesmente uma aparência considerada apropriada ao gênero masculino. Além disso, embora algumas delas confessem ter desejado recorrer à cirurgia de transgenitalização em determinados momentos de suas vidas, nenhuma levou adiante este desejo. Cabe esclarecer ainda que, em geral, elas também se identificam como homossexuais¹¹ ou, mais usualmente, como “bichas¹²”, porque sentem

¹¹ Córdova (2006) observa que autores como Michel Foucault (1980) e Jurandir Freire Costa (1992) dentre outros, argumentam que o homossexual não existe. “Isto que hoje definimos

atração física e relacionam-se afetiva e sexualmente com homens.

Enfim, as identificações são fluidas, dinâmicas, estratégicas e circunstanciais apesar de terem como base um sistema classificatório inventado e absorvido por este universo que, a princípio, pode parecer bastante rígido¹³. Neste sentido, a constatação de Laura já nos colocava diante desta problemática “Eu sou a mistura de tudo: sou travesti, sou transformista, sou drag queen, sou homem, sou mulher”. Dessa forma, Laura se “definia” deixando claro que poderia “ser o que quisesse”. Com esta frase, em termos bluterianos, zomba da idéia de uma verdadeira ‘identidade de gênero’ original e primária. Acreditando poder ser o que quisesse, ela nos alerta para o terreno movediço sobre o qual pisamos e evidencia o caráter performativo dos gêneros (BUTLER, 2001, 2003).

Cabe esclarecer que, ao entender a experiência travesti e/ou da travestilidade como aquela que subverte as normas de gêneros hegemônicas, este trabalho procura compreender as travestis aqui estudadas sob a perspectiva das relações de gênero, geração, corpo e sexualidade a partir dos estudos *queer*¹⁴ e dos estudos feministas¹⁵, especialmente apoiada

como “homossexual” é uma criação relativamente recente e teria como objetivo classificar e estigmatizar, perante a sociedade, seja europeia, norte-americana ou brasileira, aqueles sujeitos “desviantes” de uma sexualidade considerada como normal” (CÓRDOVA, 2006, p.12).

¹² Conforme Green (2000, p.145) o termo bicha para referir-se ao homem efeminado que mantém relações sexuais com outros homens foi criado nos anos 30 do século XX. Apesar de seus outros significados, incluindo de parasita intestinal, ele permanece, hoje em dia, como a forma mais comum de referir-se, pejorativamente, a um gay. Uma explicação para a origem do termo como uma expressão endógena da ‘subcultura homossexual’ é a de que ele seria uma adaptação espirituosa da palavra francesa *biche*, que significa corça, feminino de veado [...], além de ser também usado na França como um termo afetuosos para uma jovem mulher.

¹³ Como vimos com relação aos movimentos sociais de travestis, transexuais e transgêneros. Por exemplo, na ficha de cadastro do ENTLAIDS o participante deve, entre outros dados, referentes ao nome, endereço, profissão, documento, raça, etnia, cor, informar o seu gênero (masculino ou feminino), identidade de gênero (transexual, travesti e/ou transgêneros), orientação sexual (homossexual, bissexual e/ou heterossexual) e o sexo biológico (masculino ou feminino).

¹⁴ *Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais, precisamente, para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização, venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade. Mas, não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2001, p. 541).

¹⁵ A respeito dos estudos feministas ver por exemplo: Beauvoir (2009), Cavalcanti; Franchetto; Heilborn (1981), Scott (2002), Rosaldo (1995), Ortner (1979), Bordo (2000), Lauretis (1994) entre outros.

nas teses formuladas por Judith Butler que, em sua teoria da performatividade, desconstrói a noção do gênero como atributo cultural depositado sobre um receptáculo natural (o corpo ou o sexo). Para a autora, o gênero é sempre uma construção, não pode ser entendido como expressão de uma essência, de uma substância. Ou seja, deve ser visto sempre sob o ponto de vista relacional, como uma relação entre sujeitos socialmente construídos, em contextos especificáveis. Portanto, em termos da autora, a realidade de gênero é criada:

Mediante performances sociais contínuas, o que significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras também são construídas como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. A noção de performatividade deve ser compreendida como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia (BUTLER, 2002, p. 85).

É recorrente nos trabalhos (KULICK, 2008; OLIVEIRA, 1997; PELÚCIO, 2007; PERES, 2005; BENEDETTI, 2005) que versam sobre o universo das travestilidades a idéia de que as travestis vivem seu cotidiano sob o signo da discriminação e do preconceito, sendo, inclusive, considerado, por alguns autores, como Peres (2006) e Kulick (2008), como um dos grupos mais vulneráveis em termos de sociedade brasileira. Neste sentido, por exemplo, tanto Benedetti (2005) quanto Kulick (2008) apontam os receios, por parte das travestis, que fizeram parte de seus universos de pesquisa, em aventurar-se de dia pelas cidades onde moram e trabalham, Porto Alegre e Salvador respectivamente, e aquelas que o fazem se utilizam de estratégias de manipulação para ocultar os indícios de uma corporalidade travesti, vestindo roupas e acessórios tidos como masculinos.

Por outro lado, Silva (1993), em sua etnografia, faz questão de frisar – sem desconsiderar a discriminação e o preconceito por parte da sociedade para com as travestis que estudou – um processo de “aceitação social” da travesti que permitiu que esta experiência se socializasse desvinculando-a de sua história original marcada pela violência e coesão policial. Para ele, algumas mudanças sociais e transformações culturais como, por exemplo, as mutações na moda masculina e feminina, a

emergência do unissex, a indeterminação de certos itens como os cabelos longos devem ser articulados ao desenvolvimento do fenômeno e socialização da travesti. Tais mudanças seriam, para Silva, como brechas através das quais penetram as travestis. Benedetti (2005), por sua vez, também observa a conquista de um espaço relativo das travestis na sociedade brasileira e relaciona esta conquista com os traços e valores mais amplos da cultura brasileira.

Assim tal espaço, em termos do autor, poderia ser explicado pelo fato de que, no Brasil, segundo Parker (1991), os valores atribuídos ao masculino e ao feminino sejam flexíveis e pouco delimitados construindo um quadro mais “permissivo” no que diz respeito aos gêneros, à sexualidade e aos seus usos, garantindo possibilidades para que os desejos de transformação e construção do feminino sobre um corpo masculino sejam realizados (BENEDETTI, 2005, p.129). Já Kulick encontra, num “modelo de sistema de gênero brasileiro”, as explicações para tais “brechas”. Sob seu ponto de vista, bastante crítico, coloca que nas etnografias brasileiras, especialmente as realizadas por Silva e Oliveira:

As travestis não simbolizam a tendência nacional para o engodo das aparências, nem a ilusória democracia brasileira, e tampouco a crise alarmante da virilidade nacional. A verdadeira mensagem que ousam transmitir é que os corpos, os desejos, e as subjetividades dos brasileiros são constituídos de maneira a permitir, e até encorajar, a criação de espaços culturais como aqueles habitados por travestis [...]. É patente que as travestis não criaram suas noções de sexo, gênero e sexualidade do nada. Ao contrário, elas exemplificam e esclarecem um tipo de relação entre sexo, sexualidade e gênero encontradas na cultura brasileira (KULICK, 2008, p.248).

No contexto destes estudos, minha proposta, neste trabalho, volta-se para abordar outras dimensões da experiência de sujeitos travestis, aqueles que se vêem como ‘das antigas’, tomando como suposto a idéia do processo de socialização da travesti, e de “uma malha social que o acolhe”, bem como compreender esse processo, que prefiro chamar de “interação social”, em articulação com suas vivências da e na cidade a partir de memórias e formas de sociabilidade tecidas ao longo de suas vidas e do cotidiano das travestis das antigas. Quais as tramas e intrigas que compõem este processo e em quais condições?

Diante da riqueza de trabalhos apresentados sobre este universo penso que minha tese pode contribuir justamente para uma melhor compreensão desta “experiência socializadora” tendo em vista o universo da pesquisa e as formas de abordagem. Penso ainda que suas “maneiras de fazer” e seus “modos criativos” (DE CERTEAU, 2008) ao longo de suas vidas são fundamentais para compreendermos este processo. São, como coloca De Certeau (2008, p. 41), “as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”. Por sua vez, esclareço que, de modo algum, estou desconsiderando o papel das mudanças sociais¹⁶ e das transformações culturais nesta experiência de socialização da travesti.

Assim, um dos focos deste trabalho são as “artes de saber e fazer”, as “táticas e astúcias” (DE CERTEAU, 2008) através das quais as travestis foram conquistando seus espaços e territórios, formando redes de sociabilidades, conquistando seu direito de ir e vir, e, portanto, configurando um sentido de ser e estar na cidade e na sociedade. Justamente o que as interlocutoras desta pesquisa nos convidam a conhecer através de suas memórias, trajetórias sociais, seus itinerários urbanos e suas formas de sociabilidade; bem como, também, a trajetória de uma experiência, suas relações com a cidade do Rio de Janeiro e com o seu entorno social. E, logicamente, a configuração de uma memória coletiva deste fenômeno entrelaçada com a memória da cidade e do seu cotidiano.

Enfim, inspirada em De Certeau (2008), busquei detectar práticas “estranhas” ao espaço geométrico ou geográfico das construções visuais, panópticas e teóricas. Essas práticas do espaço que, de acordo com o autor, nos remetem a “uma forma específica de operações (maneiras de fazer), a outra espacialidade (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada, uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se, assim, no texto claro da cidade planejada e visível¹⁷”.

Sob este ângulo, procuro apreender os significados, os excedentes de sentido de grupos ‘alheios’ a um modelo de cidade conceito que o Estado e os poderes públicos ainda hoje, em geral, procuram construir em busca, justamente, dos diversos modos de apropriação e usos do espaço urbano,

¹⁶ Especialmente o papel dos movimentos sociais como o movimento homossexual que se desenvolve no Brasil, especialmente, em finais da década de 70 do século passado, o movimento feminista, que se desenvolveu a partir de meados da mesma década, e aos longos dos anos a própria inserção política das travestis através das inúmeras ONGs espalhadas pelo Brasil.

¹⁷ DE CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. In: A invenção do cotidiano, 1. Petrópolis: Vozes, 1994, p.171-172.

das marcas impressas por esses grupos na cidade nos desvelando uma pluralidade de vivências sociais e configurando, assim, uma cidade ordinária. Desse modo, temos cidade conceito e cidade ordinária como faces de uma mesma cidade, num jogo de imagens, experiências e histórias que vão compondo e recompondo as multiplicidades de atos que constituem a teatralidade da vida urbana na cidade no âmbito das sociedades complexas. Nesta tese, em conformidade com os argumentos de Eckert & Rocha (2006, p.458), a cidade assume, assim, um lugar estratégico como lócus privilegiado para a reflexão antropológica em sua busca de apreender, a partir de uma perspectiva compreensiva, tanto a "comunicação" que preside as formas de vida social no meio urbano, como as multiplicidades e as singularidades que encerram o vivido humano no interior deste espaço existencial criado pelo homem da civilização.

No sentido de atender aos referidos propósitos apresento, a seguir, a estrutura geral da tese que se divide em nove capítulos, distribuídos em três partes principais. No Capítulo I, *A bicha que deu certo!*, pretendo dar conta da trajetória da pesquisa, em termos de mestrado e doutorado, apresentar as propostas de pesquisa do mestrado e o que me levou a dar continuidade, durante o doutorado, sob novas perspectivas. Além disso, apresentar o meu reencontro com o universo de pesquisa depois de alguns anos, os encontros e desencontros com as antigas interlocutoras do mestrado e o processo de montagem da nova rede de entrevistadas para o doutorado.

No Capítulo II, *As ferramentas de trabalho*: escolhas e decisões no plano metodológico, o objetivo é esmiuçar minhas escolhas metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa de doutoramento e confecção desta tese. No Capítulo III, *Cidade conceito/cidade ordinária*: urdiduras e tramas aborda-se o tema da cidade, especialmente a cidade do Rio de Janeiro, cenário e personagem da pesquisa e suas relações pioneiras com o fenômeno da travestilidade. Além disso, buscando contextualizar o trabalho, percorro, em linhas gerais, alguns estudos empreendidos no campo da antropologia urbana e da antropologia das sociedades complexas tendo como foco destacar os autores, os conceitos e as noções que serão abordados ao longo do trabalho, além de buscar trazer à tona algumas pesquisas que versam sobre o universo das travestilidades em diferentes cidades brasileiras.

No Capítulo IV, *'Tô bem aqui'?* *Senhoras de muito glamour*, e no Capítulo V, *As senhoras e suas aventuras para além da Capital*, serão apresentadas ao leitor as interlocutoras a partir de suas trajetórias sociais e seus itinerários urbanos, seus estilos de vida e visões de mundo, e alguns dos seus "saberes" e "fazeres", além de desvelar alguns aspectos característicos do encontro etnográfico.

No Capítulo VI, *Imitadores do belo sexo: procuram-se rapazes com tendências femininas*, me debruço sobre as narrativas biográficas dos sujeitos da pesquisa a fim de abordar os processos de transformação em travesti. Rumando para o final, no Capítulo VII, *Senhoras de seus percursos*, e no Capítulo VIII, *Percorrendo outros territórios de sociabilidades*, a intenção é desvelar os percursos e itinerários das nossas interlocutoras na cidade, suas formas e territórios de sociabilidades no cotidiano e no âmbito das relações de amizade e familiares. Destacam-se também as modalidades de sociabilidade nestes diferentes espaços considerando suas diferentes performances de gênero e de geração.

Finalmente, no Capítulo IX, *Memórias de uma Diva*, através das narrativas de memórias das travestis que fazem parte da pesquisa, busco refletir sobre suas formas de apropriação da cidade ao longo do tempo a partir de suas formas de sociabilidade e itinerários urbanos, no intento de tecer algumas considerações finais sobre esta tese.

Cabe ressaltar ainda que, de acordo com a língua portuguesa, a palavra travesti é um substantivo masculino. No entanto, como ocorreu em minha pesquisa de mestrado - seguindo a demanda do universo pesquisado na época - farei uso, nesta tese, do artigo feminino “a” para me referir ao termo travesti, já que, com relação ao universo de pesquisa de doutorado, também verifiquei que, em termos gerais, em suas relações cotidianas, as interlocutoras se utilizam de pronomes femininos e de seus nomes femininos para se referirem entre si. Além disso, o tratamento no gênero feminino é uma das principais reivindicações da militância travesti. Em alguns trabalhos pioneiros sobre o universo travesti, como o de Silva (1993) e Oliveira (1994), verifica-se o uso do artigo masculino como referência ao termo. Por outro lado, estudos mais recentes (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008; OLIVEIRA, 1997; CARDOZO, 2006; PELÚCIO, 2007, 2009) fazem uso de artigos e pronomes femininos para se referirem aos sujeitos de suas pesquisas¹⁸.

¹⁸ Neste sentido, destaco que Kulick (2008) especialmente no capítulo 5 de seu livro procura discutir a utilização do gênero gramatical entre os sujeitos de sua pesquisa. Para o autor, as travestis em geral, não quebram as convenções gramaticais da língua portuguesa e usa pronomes, artigos e desinências no masculino ao lado do substantivo masculino. E quando empregam o substantivo no feminino, utilizam formas femininas (2008, p. 224) E ainda o interessante artigo de Borba e Ostermann (2008) que discute com mais profundidade a maneira que as travestis utilizam a linguagem para fabricar seu repertório de identidades. Conforme os autores referidos: “A fluidez das travestis em variados âmbitos da sexualidade e dos gêneros as torna capazes de extrair significados sociais de visões mais amplas sobre a masculinidade e a feminilidade na sociedade brasileira e de alocar esses significados sobre os processos de construção lingüística de sua identidade. Os padrões de língua encontrados na comunidade investigada demonstram que a corporificação de valores femininos sobre um corpo biologicamente masculino dá às travestis uma ambigüidade inegável que é perpetuada em suas

Por fim, como anexo da tese, apresento o vídeo etnográfico Laura, uma Diva do babaduu!, cujas imagens foram gravadas durante minha pesquisa de mestrado realizada em 2003 com cinco travestis entre 59 e 70 anos residentes na cidade do Rio de Janeiro. O produto final resultou de um reencontro entre mim e Laura, uma das antigas interlocutoras do mestrado, e que é personagem central deste vídeo, o que se deu no transcórrer do trabalho de campo para o doutorado. Ao longo da tese será possível compreender melhor os pormenores deste encontro que resultou neste vídeo etnográfico.

PARTE I

MENINA, *REPARE...*!

“Sindico quer ver Veruska usando gravata e paletó”

“O Edifício Canindé, na Rua Washington Luis, no bairro carioca de Fátima, é um daqueles prédios típicos da área que abrigam em doce convivência as pessoas mais diversas: famílias de classe média remediada, rapazes solteiros, mulheres solitárias de ocupação mais ou menos obscura, aposentados etc.

[...] A eleição de um novo síndico em janeiro, no entanto, veio alterar o precário equilíbrio no qual seus moradores conviviam [...]. Gerson Correia, sargento da marinha, solteiro adepto fiel da teoria de que homem, para ser homem, tem que falar muito alto e fazer gestos largos tomou posse do cargo e imediatamente baixou uma série de editos [...].

[...] a alguns moradores dedicou editos especiais... Como aquele que destinou a Vicente de Fleuri, o travesti Veruska, morador do prédio há quatro anos: a partir de sua posse como síndico, ele só poderia

continuar usando o elevador social do prédio se trocasse suas vestimentas por roupas “estritamente masculinas” (aspas originais). Como o prédio só tem um elevador Veruska achou o desaforo grande demais e resolveu tomar providências: através da advogada Alda Vaisherg impetrou uma ação inédita na 14ª vara cível: uma medida cautelar contra o síndico que se julgada de acordo com a lei, firmará a seguinte jurisprudência: é inconstitucional querer

forçar um cidadão, por qualquer motivo, a usar determinadas tipo de vestimenta. Ainda mais que no caso, as roupas de Veruska não são estritamente femininas – ele nunca saiu do prédio usando saia, por exemplo: a não ser que se queira considerar mentora da moda e guardiã da masculinidade a mente tortuosa do síndico, para o qual Vicente está vestido de mulher até mesmo quando sai de calça e T-SHIRT, mas usando uma prosaica bolsa a tiracolo.



[...] Segundo Vicente ele começou a receber recados do síndico, transmitidos pelo porteiro, para que o procurasse. “Eu disse ao porteiro que não ia fazer isso porque não estava querendo falar com ele [...] a situação ficou neste pé até que um dia ele cruzou com o síndico no corredor, e este o chamou para ir até seu apartamento, pois precisavam ter uma conversinha” (aspas originais).

“Lá, ele me disse que não tinha nada contra mim, que me achava uma pessoa de comportamento exemplar, mas que ia ter que proibir minha entrada no prédio pelo elevador social se eu não passasse a usar roupas estritamente masculinas. O que você entende por roupas estritamente masculinas? Ele disse: São diferentes dessas que você usa. Eu tentei explicar que era Veruska um artista, que tinha carteira da Censura Federal, que tinha passado por um tratamento de hormônios, e que minha figura só seria chocante se, ao contrário, com o tipo feminino que eu tenho, passasse a usar paletó e gravata. Mas ele não quis ouvir explicações. Quem manda no prédio sou eu, e eu quero moralizar isso aqui. Gritou. Então eu lhe disse que quem ia tratar da questão era a minha advogada” (aspas originais). A advogada é uma velha amiga de Vicente cliente no salão que ele trabalha [...].

[...] Para Veruska o caso deixou de ser puramente pessoal, na medida em que ele tem consciência de que há muita gente que passa pela mesma situação e tratam de mudar dos prédios em que moram [...] “O pessoal fica com medo de escândalo, com medo da reação dos vizinhos, com medo que a família saiba e trata de dar o fora. O que eu quero que fique bem claro é o seguinte: se a atitude do síndico é ilegal, então a lei nos protege de atitudes como estas. [...] Seria realmente esta a posição dos moradores? [...] uma senhora falante e sorridente, que comentou: “o rapaz louro do 11º andar? Eu acho ele uma gracinha. Tão quieto, tão bem educado, parece uma moça.” (aspas originais).

(Trechos da reportagem de Aguinaldo Silva, jornal *Lampião da Esquina*, ano 1, março de 1979).

CAPÍTULO I

A bicha que deu certo!?

Contamos histórias porque
finalmente as vidas
humanas necessitam e merecem ser
contadas.

Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa*
(1994).

Algumas das histórias sobre o desenvolvimento desta tese de doutoramento serão contadas neste capítulo. Deste modo, serão abordadas algumas especificidades que correspondem à trajetória desta pesquisa, e em parte da própria pesquisadora, as motivações, os projetos que resultaram no estudo em questão, bem como as intrigas e os caminhos percorridos para encontrar os sujeitos deste estudo e, assim, configurar um universo de pesquisa.

1. Trajetórias da pesquisa

1.1 As sementes de um tema e objeto de pesquisa

Já era final de tarde, por volta das seis horas quando Raquel - uma travesti de 68 anos, e que foi minha interlocutora durante a pesquisa para o mestrado - e eu caminhávamos pela Rua 20 de abril, no centro do Rio de Janeiro, em direção à Rua Gomes Freire onde residia na época, após termos ido buscar camisinhas na ONG “Damas da Noite” voltada para a prevenção do vírus HIV entre mulheres profissionais do sexo. E por conhecer uma de suas diretoras, Raquel normalmente conseguia arrecadar um pacote destas camisinhas que eram destinados às mulheres. Sua justificativa perante a diretora era o fato de que a ONG ASTRA RIO¹⁹ da qual era integrante não conseguir receber

¹⁹ A ASTRA RIO é uma associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado do Rio de Janeiro. Fundada em 2005 com o objetivo de contribuir com a integração social e a cidadania destes segmentos sociais. Na época da pesquisa a ONG enfrentava problemas para encontrar uma sede fixa. Já no final do trabalho de campo as reuniões estavam sendo realizadas

do governo camisinhas suficientes para distribuir entre as travestis. Realmente cheguei a ouvir da própria presidente da ONG, que era associada, que o Ministério da Saúde nos últimos anos estava controlando a remessa de pacotes de preservativos. Assim que chegamos à sede da ONG fomos recebidas por uma simpática mulher em torno de seus 50 anos que me foi apresentada como a responsável pela entidade. Raquel fez questão de me apresentar como uma amiga antropóloga que tinha feito um vídeo sobre sua vida. Fui intimada por ela a explicar “o que fazia” e a falar dos vídeos que tinha feito. Ficamos conversando por algum tempo até que ela decidiu ir embora para casa. Enquanto caminhávamos, bem devagar devido a suas dores no joelho, em meio às trombadas dos outros transeuntes, Raquel comentava comigo que havia pensado em me apresentar a Magda, uma travesti por volta dos 40 anos, que era sua amiga e que morava perto de seu apartamento. Mas, por outro lado, tinha dúvidas se interessaria, já que meu trabalho era sobre as tombadas²⁰ como ela. E foi justamente a partir desta reflexão que veio o questionamento quanto ao meu empenho em pesquisar travestis idosas²¹. Apesar de ter sido a primeira vez que ouvia esta pergunta da Raquel, já havia sido alvo deste tipo de pergunta quando iniciei meu trabalho de campo em 2003 para o mestrado. Algumas travestis mesmo após minhas explicações sobre o tema de pesquisa queriam compreender os motivos de meu desejo em conhecê-las e “estudá-las”. Sem falar de alguns dos meus companheiros do curso de mestrado, e até mesmo de alguns

em uma sala nas dependências da ONG “Pela Vida”, localizada na Avenida Rio Branco no centro da cidade.

²⁰Muitas vezes durante o campo Raquel usou esta palavra para se referir a muitas coisas. Por exemplo, diretamente ao seu envelhecimento, a partes do seu corpo, para se referir a uma peça de roupa ou acessório já usado, ou um lugar que estivesse muito vazio ou feio, um evento que não estivesse gostando ou mesmo para se referir a um estado de saúde ruim. De acordo com o *bajubá* (linguagem baseada nas línguas africanas empregadas pelo Candomblé, como nagô e/ou ioruba e utilizada pelas travestis, com variações como *pajubá*) a palavra *tombada* quer dizer: caído, derrubado, destruído, sem graça, cansado etc. Fonte: *Igualdade – Associação de Travestis e Transexuais do RS*, 2007. Esclareço que a utilização deste tipo de linguagem cifrada pode ser encontrada também entre os demais sujeitos pertencentes à comunidade LGBTTT (MOTT, 1999).

²¹ Peixoto observa que no final da década de 60 do século passado no Brasil vislumbram-se ações em favor da mudança de nomenclatura. O termo velho dotado de uma conotação negativa (sobretudo quando relacionado às pessoas pertencentes às camadas populares) passa a ser substituído pela categoria idoso, mas como sublinha a autora isto não significa uma implantação por parte das instituições governamentais de uma política social voltada pela velhice; trocam-se apenas as etiquetas. (PEIXOTO, 2000b, p. 78).

antigos colegas do curso de ciências sociais - realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - com os quais pude cruzar quando estive em campo. No entanto, foi durante esta conversa com a Raquel que me dei conta que respondia quase da mesma forma para ambos ao justificar que apesar de serem comuns estudos sobre travestis, raramente ou de forma esporádica estes trabalhos vislumbravam as mais velhas. É que, inclusive, em minha própria dissertação a explicação para minhas motivações baseou-se em referências mais “científicas”. Não que até agora tenha dado respostas menos verdadeiras, mas sim ocultado algumas de ordem mais “pessoal”. Talvez acreditando que ali, naquele momento, a Raquel desejava me conhecer melhor, resolvi compartilhar com ela sentimentos, idéias, interesses e, sobretudo, lembranças que lhe explicassem da melhor maneira possível os porquês que estavam por detrás da pesquisa. Assim, expondo minha intimidade, digo-lhe que acreditava que meu interesse por travestis já envelhecidas tivesse sido estimulado antes de tudo (por mais inusitado que pareça) por um dos quadros de um programa da rede nacional de televisão SBT que ia ao ar aos domingos e era apresentado por Silvio Santos. Referia-me especialmente ao quadro denominado “show de calouros”. Comento-lhe então que aos domingos minha mãe sempre recebia minhas tias e minha avó para almoçar, e que no final do dia ficávamos minha avó e eu, e às vezes, uma das minhas tias assistindo ao programa de calouros do Silvio Santos. Raquel um pouco surpreendida me pergunta: Você gostava de ver o programa do Silvio Santos? Deixo claro que na verdade eu nunca gostei muito, e também não via o programa inteiro, a parte que eu assistia era a dos calouros e, mas especificamente, a que era dedicada ao concurso para transformistas. E que quando chegava este momento do programa, todo mundo acabava assistindo, inclusive meus tios e meu pai. Confesso-lhe que nos divertíamos muito e que sempre elegíamos alguém para acompanhar durante os outros domingos. Raquel comenta que torcia muito para um transformista chamado Eric Barreto, que inclusive ganhou várias vezes o programa. E fica interessada em saber se eu me lembrava do Eric e de uma travesti que era amiga dela e que também participava do programa. Ao lhe dizer que não lembrava muito bem dos nomes, sou convidada para assistir um desses programas que ela tinha gravado, acreditando que ao revê-los certamente me recordaria dos seus amigos. No transcorrer da conversa lhe conto que numa ocasião minha

mãe havia se lembrado de uma travesti com quem conviveu em sua adolescência e que gostava de imitar cantoras. Infelizmente não tinha notícias dela e, caso estivesse viva, já deveria ter mais de 65 anos e talvez vivendo sozinha já que a família, segundo o relato de minha mãe, não a aceitava. Confesso-lhe que, na época, já havia me sensibilizado a pensar as travestis sob outro aspecto bem diferente deste que conhecíamos através do programa de televisão, dos noticiários e do carnaval, e que essa sensibilidade foi ainda mais aguçada após conhecer um trabalho de um antropólogo sobre travestis que se prostituíam na Lapa, especialmente quando retratava a experiência de vida de uma travesti de mais idade e que insistia em continuar na batalha. Esclareço-lhe que, neste momento, apesar de estar cursando Ciências Sociais e de ter que escrever um trabalho para receber o diploma universitário foi apenas quando ingressei no mestrado em Antropologia que realmente levei a sério essa minha curiosidade em conhecer mais de perto a vida cotidiana de travestis em processo de envelhecimento. Raquel coloca que existem sim algumas travestis que mesmo depois de certa idade ainda vão para a pista, mas que é muito difícil já que as travestis que estão nas ruas são cada vez mais jovens. Em seguida, comenta que vai tentar localizar “uma da antiga” que alugava vaga de apartamento para travestis no centro da cidade [...].

Diário de campo 07/10 /2006.

1.2 Um trajeto de pesquisa e seus percalços: da graduação ao mestrado

Como ressaltado no trecho de meu diário de campo descrito acima, apesar de ter me interessado pelo ‘universo travesti’ sob a ótica do envelhecimento ainda na época em que fazia o curso de graduação em Ciências Sociais oferecido pela UERJ lá pelos idos de 1991, e aqui abro parênteses para esclarecer que tomei conhecimento do livro do antropólogo Hélio Silva quando fazia iniciação científica sob a supervisão do prof. Dr. Valter Sinder no âmbito de um projeto de pesquisa cujo propósito geral era discutir a escrita da antropologia em sua articulação com a literatura e a narrativa ficcional. Portanto, em meio às discussões sobre a escrita etnográfica a respeito de como são construídos os textos antropológicos, das estratégias narrativas das quais o antropólogo lança mão para informar a seus pares, e em algumas vezes ao público em geral, o resultado de suas investigações.

Momento também no qual voltei meu olhar para a Antropologia Visual - uma área da antropologia ainda muito estranha para os alunos de

ciências sociais da minha geração através de uma disciplina ministrada pela Profa. Dra Clarice Peixoto e que estava sendo oferecida pela primeira vez pelo Departamento de Ciências Sociais. O entusiasmo por essa área, ainda em sua fase embrionária no Brasil, me levou a escrever minha monografia de final de curso, no ano de 1996, intitulada *Pelo ensino da antropologia visual*, sob a orientação da Profa. Clarice Peixoto, sobre, justamente, às possibilidades de desenvolvimento e consolidação do ensino da Antropologia Visual no país a partir do estudo de uma linha de pesquisa sobre esta área oferecida, na época, pelo Mestrado em Multimeios da UNICAMP²².

Deste modo, somente alguns anos após a conclusão da graduação em Ciências Sociais, quando decidi dar continuidade aos meus estudos, que me encorajei a levar adiante minha antiga motivação e transformá-la em objeto de estudo antropológico a ser desenvolvido durante o curso de mestrado em Antropologia Social oferecido pelo Programa de Pós-Graduação da UFSC em 2001. Assim, minha dissertação de mestrado Sou Senhora! Um estudo antropológico sobre travestis na velhice defendida em 2004, sob a orientação da Profa. Carmen Silvia Real tinha como objetivo geral descortinar, com base em suas histórias de vida, os significados e implicações do processo de envelhecimento para travestis residentes na cidade do Rio de Janeiro. E talvez por uma fidelidade àquelas que primeiro despertaram meu entusiasmo tinha, inicialmente, a intenção de pesquisar travestis que atuavam nos chamados shows de transformismos onde travestis e transformistas interpretam e dublam cantoras famosas, tanto nacionais quanto internacionais.

Todavia, como observo na parte introdutória de minha dissertação de mestrado, ao me deparar com muitas dificuldades em configurar um universo de estudo apenas com tais sujeitos - pois as travestis que fui conhecendo na época não tiveram interesse em participar da pesquisa - e também à medida que ia me dando conta da complexidade deste universo, conclui que diversificar o universo de pesquisa, no que concerne às categorias de classificação, só ampliaria meu campo de investigação e observação. Na época, sem ter muita idéia por onde começar, contei com auxílio precioso de uma amiga que me informou sobre a existência da ONG “Pela Vida”, localizada na Av. Rio Branco no centro do Rio de Janeiro. A partir daí conheci uma travesti chamada Charla, de 45 anos, que no período do trabalho de campo coordenava um grupo de travestis que se reuniam semanalmente na sede desta entidade. A reunião denominava-se “chá das

²² Aqui faço uma menção de agradecimento ao auxílio do Prof. Etienne Samain durante a realização deste trabalho.

travestis” e sucedia sempre as quartas-feiras no período da tarde. Foi a partir da Charla, e da minha ida ao chá, que dei entrada no universo em questão, e pude, enfim, configurar um universo de pesquisa.

Assim, meu universo de pesquisa principal para o mestrado foi composto por cinco interlocutoras entre 50 e 79 anos, que durante suas trajetórias sociais (BOURDIEU, 1989, 1996) exerceram (e exerciam na época) distintas atividades profissionais, algumas delas de forma concomitante, como por exemplo: a prostituição na rua com o magistério, ou o funcionalismo público, o de artista com o exercício da atividade de cabeleireiro, entre outros. Como já salientado, o trabalho de campo foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 2003, por um período de três meses, entre regiões e bairros que são próximos do Centro (Lapa e Glória), além de Copacabana e Ipanema, bairros da Zona Sul. A escolha desses bairros deveu-se a um conjunto de fatores: o fato de serem locais representativos do universo travesti (SILVA, 1993; PARKER, 2002), o fato de serem locais onde se desenvolve o trottoir, o fato de serem locais de shows de transformismos (as primeiras casas e boates que ofereciam shows de transformismo têm nesses bairros, particularmente no Centro e na Lapa, seus locais de origem) e, finalmente, o fato de serem utilizados como local de moradia, trabalho e lazer pelos sujeitos da pesquisa na época. A metodologia empregada se baseou na utilização de um conjunto de técnicas de pesquisa etnográfica clássica como entrevistas, observação participante e diário de campo, e das técnicas próprias da antropologia visual como o uso da fotografia e do vídeo. Neste sentido, cabe esclarecer que todas as entrevistas foram realizadas com a câmera na mão, portanto registradas visualmente, sendo que em alguns momentos de observação participante também foi utilizada a câmera de vídeo²³.

Deste modo, quando resolvi estudar o universo das travestilidades, durante o mestrado, me interessava compreender como essas pessoas vivenciavam o projeto travesti (SILVA, 1993) durante o processo de envelhecimento, bem como descortinar suas representações sobre a velhice. Tinha em mente mostrar algumas particularidades desta experiência, seus modos de perceber e vivenciar o encontro com a velhice, em quais momentos acionavam uma “identidade de velha”, aqui inspirada nos trabalhos da Profa. Myriam Lins de Barros (2000). Neste sentido, algumas questões relativas a cuidados com aparência física, e comportamento foram esmiuçadas, procurei também discutir as relações entre gênero e geração, sendo o foco as relações intergeracionais (MOTTA, 2004), como viviam e

²³ Em minha dissertação de mestrado no capítulo referente à metodologia discorro sobre a experiência de ter utilizado a câmera digital em campo.

percebiam suas sexualidades nesta fase de suas vidas, e, por fim, busquei trazer à tona como compreendiam suas histórias de vida a partir das noções de estigma (GOFFMAN, 1975) e comportamento desviante (BECKER, 1977).

No decorrer da pesquisa de mestrado pude constatar que categorias sociais como travesti e velhice surgiam para mim como socialmente excludentes. Ou seja, era como se fosse impensável imaginar, em nossa sociedade, devido, em grande parte, ao fato de as travestis serem vistas como um dos grupos sociais mais vulneráveis à violência - em termos de agressões físicas e assassinatos (CARRARA & VIANNA, 2006) - e a discriminação, (PERES, 2005; KULICK 2008) aliadas aos seus estilos de vida²⁴ e as suas condições precárias de sobrevivência (PERES, 2005; KULICK, 2008; SIQUEIRA, 2004), que as travestis pudessem vivenciar a experiência do envelhecimento, tendo em mente a variabilidade de formas de conceber e viver esta experiência de acordo com os significados que lhe é dado em contextos históricos, sociais e culturais distintos (DEBERT, 2000a, 2000b). Deste modo, “um dos objetivos desse texto foi tentar mostrar que as travestis envelhecem e revelar, por sua vez, algumas particularidades do seu modo de percepção desse envelhecimento” (SIQUEIRA, 2004, p. 131).

Provavelmente, influenciada pelas histórias de vida de Viena e Luma²⁵ a hipótese que norteava minha pesquisa de mestrado era que esses sujeitos eram vítimas de um duplo processo de marginalização, por serem travestis e velhas, e se meu argumento na época não foi descartado em absoluto, pelo menos foi posto em xeque, e, visto sob uma perspectiva mais relativista, tendo em vista as trajetórias individuais e sociais das interlocutoras da pesquisa. Neste sentido, vale à pena recuperar algumas conclusões que pontuei em minha dissertação, a saber, (1) que, ao mesmo tempo em que constroem uma representação, até certo ponto positiva da velhice - quando procuram salientar que vivem uma fase mais tranqüila, com melhor qualidade de vida, ou que estão na melhor fase de suas vidas - elas também chamam a atenção para as dificuldades em atingir uma idade avançada. Essas dificuldades surgem como um argumento a seu favor, já que envelhecer com dignidade nesse universo “não é para qualquer uma”.

Dessa forma, (2) o fato de chegarem à velhice representava a possibilidade de serem confundidas com “senhoras” em seus cotidianos, e

²⁴ Neste sentido, destaco as consequências para a saúde da ingestão de silicone industrial, do consumo de álcool e drogas químicas e o HIV, principalmente se temos como horizonte o universo da prostituição. Para maiores informações ver: Peres (2005) e Pelúcio (2007).

²⁵ Viena é o nome de uma das personagens do livro do antropólogo Hélio Silva, e Luma é o nome inventado por mim para fazer referência a travesti que foi vizinha de meus familiares.

era percebido como um status perante o grupo, e, num sentido mais abrangente, perante a sociedade – o que, a princípio, vai contra a idéia de perda de status social atrelada à velhice, salientada por vários dos estudos etnográficos realizados em sociedades ocidentais contemporâneas. No entanto, (3) esse status, que também está vinculado ao fato de serem permanentemente “confundidas” com “senhoras” em suas relações cotidianas, está intrinsecamente articulado à qualidade de sua velhice. Não bastava ser tratada como “senhora” na rua, não bastava que lhes indicassem o banheiro de senhoras ou que lhes ofereçam o assento do ônibus, é necessário ser uma senhora bem-sucedida, no sentido de ter “escapado” da AIDS, da dependência de drogas químicas, de poder transitar em diferentes segmentos sociais, de ser respeitada no local aonde mora e ser uma senhora de posses, afinal, como nos diz Bosi (1994), suas propriedades a defendem da desvalorização de sua pessoa.

Assim, (4) ao mesmo tempo em que elas se consideram “guerreiras”, “vitoriosas” e “orgulhosas” por terem chegado à velhice em virtude das especificidades de suas trajetórias, constatei, que elas, em alguns casos, se recusavam a identificarem-se como velhas. E, quando se identificavam, buscavam dar outros contornos a essa condição, procurando sempre se aproximar das novas concepções sobre a velhice, vigentes nas sociedades ocidentais contemporâneas. Deste modo, (5) concluí que a velhice se apresentava de duas formas para elas: como algo positivo – quando confrontadas com o seu passado e com o seu grupo num sentido mais amplo – e como algo negativo, quando estão diante da sociedade da qual fazem parte e que, por vezes, é cruel com aquele que envelhece. Já que, de acordo com seus pontos de vista, a sociedade estigmatiza aquele que envelhece, vinculando a velhice com a inatividade, a incapacidade física e com a eminência da doença e da morte, além da perda de alguns atributos valorizados por elas como a beleza, a capacidade de sedução e o erotismo. Pude verificar algumas dessas representações sobre o processo de envelhecimento coletadas durante a pesquisa de mestrado no transcórre da pesquisa de doutoramento, como será apontado ao longo da tese. E (6) se a velhice, em alguns casos, pode parecer um “projeto” difícil de realizar, isso não se dá unicamente pelas características próprias da “vida dura das travestis”, mas em grande parte pelas adversidades pelas quais passam as pessoas de mais idade em nossa sociedade (PEIXOTO, 2000a; MOTTA, 1997).

Por outro lado, o que pude observar, na época, é que estava diante de travestis que se consideravam ‘preparadas’ para o encontro com a velhice, mas, com um detalhe, como salientou uma delas, só com muito glamour, meu bem! No entanto, devido aos limites de um texto dissertativo,

algumas questões surgidas durante o campo e durante o processo de escrita não puderam ser tratadas com maior profundidade, entre elas a temática da sociabilidade, por exemplo. Assim, a decisão de trabalhar novamente com travestis em processo de envelhecimento para o doutoramento veio, em grande parte, de algumas inquietações e “pistas” deixadas pelo caminho não somente pelos sujeitos da pesquisa, mas também pelas próprias contribuições da banca de defesa da dissertação.

1.3 Um trajeto de pesquisa e seus percalços: do mestrado ao doutorado

Acredito que a problemática em torno da luta por legitimidade e reconhecimento social ficou povoando minha mente, muito tempo após a defesa de mestrado, pelo fato de eu ter me inserido no universo travesti a partir de minha relação com Charla, que era uma militante. As reuniões, tanto da ONG “Pela Vida” quanto do “chá das travestis”, que participei contavam com travestis das mais variadas idades, o que propiciava uma interação intergeracional bastante interessante. Muitas vezes, justamente na tentativa de sensibilizar as mais jovens em prol da luta por direitos civis, a trajetória social das mais velhas era colocada como um exemplo.

Foi a partir de suas reivindicações pelo direito de ir e vir na cidade, portanto pelo direito de experienciar os espaços citadinos, que me interessei em refletir, através de suas memórias, sobre seus itinerários urbanos e formas de sociabilidades desenvolvidas ao longo de suas trajetórias sociais que, por sua vez, nos convida a pensar seus processos de interação social no contexto citadino a partir das interfaces entre tempo e espaço. Por sua vez, considerando a importância da problemática da sociabilidade na velhice, principalmente se temos como horizonte tanto a literatura antropológica, através das pesquisas realizadas por autores como Motta (1997, 2004), Peixoto (2000a, 2000b, 2000c), Eckert (1997, 2000a) Alves (2004; 2006), Lins de Barros (1997, 2000, 2001 e 2006a, 2006b) entre outros, quanto à mídia²⁶, que constantemente realiza reportagens e programas televisivos cujo foco recai, em geral, sobre as novas formas de vivenciar a velhice destacando principalmente as novas estratégias de sociabilidades entre os idosos e idosas nas cidades brasileiras. Conforme Peixoto (2000a), a experiência da sociabilidade dos aposentados nos espaços públicos, em termos de “manifestações espontâneas e coletivas”, é um fenômeno recente na cidade do Rio de Janeiro articulado, para autora, com a ausência de

²⁶ A antropóloga Guita Grin Debert tem produzido trabalhos que discutem a representação dos idosos pela mídia. Ver, por exemplo: O velho na propaganda. *Caderno Pagu*, n 21, 2003, p. 133-155.

políticas públicas para esta faixa da população diante de seu crescimento, o que levaria os idosos e as idosas aposentados a criarem estratégias autônomas de sociabilidade (PEIXOTO, 2000a, p. 84).

De acordo com as pesquisas antropológicas, que têm como foco de análise o universo trans (BENEDETTI, 2005), seria possível delimitar alguns espaços de sociabilidade tradicionalmente vinculados a este universo em cidades brasileiras como Rio de Janeiro (SILVA, 1993), Salvador (OLIVEIRA, 1994; KULICK, 2008), Florianópolis (OLIVEIRA, 1997; FLORENTINO, 1996, SILVA, 2003; VENCATO, 2002; CÓRDOVA, 2006; CARDOZO, 2006, 2009), Porto Alegre (BENEDETTI, 2005), São Paulo e a cidade de São Carlos no estado paulista (PELÚCIO, 2007, 2009), bem como em outras cidades da América Latina, como Buenos Aires (FERNANDEZ, 2004), Chile (LEMEBEL, 2002). Assim, ruas, esquinas, avenidas, são considerados espaços fortemente relacionados ao exercício da prostituição, sendo, à noite, a temporalidade privilegiada. Ao mesmo tempo, tais espaços são tidos por autores como Benedetti (2005), Pelúcio (2007, 2009) e Kulick (2008), como espaços por excelência de sociabilidade e socialização da travesti, principalmente da jovem e inexperiente travesti pela mais velha²⁷.

Tendo em vista o panorama apresentado passei a me perguntar: Quais seriam as estratégias de sociabilidade produzidas pelas travestis idosas? Que malha de relações sociais articuladas a tais práticas eram tecidas por elas ao longo de suas vivências cotidianas no contexto citadino? De que pessoas foram e são compostas suas redes de sociabilidade? É possível que elas criem elos a partir de uma identificação etária? Em muitos estudos sobre sociabilidade na velhice (MOTTA, 1997, MOTTA, 1998; PEIXOTO, 2000a; ALVES, 2004) os clubes de terceira idade e/ou os grupos de convivência com seus bailes semanais ou de fins de semana surgem como um espaço de convívio, de amizade e de encontros amorosos. Estes espaços de sociabilidade são referidos pelos autores como locais por excelência onde as pessoas envelhecidas, em geral das camadas médias, buscam companheiros de bate-papo, parceiros de dança, e possíveis namorados. E em relação às travestis de mais idade? Seriam estes também espaços de sociabilidade possíveis (MOTTA, 1997) para elas? Seria possível pensar em novas estratégias e formas de sociabilidade entre elas com a “chegada da velhice”? E quando velhas, como se apropriam ou não dos espaços citadinos, quais os significados atribuídos por elas a esses espaços ao longo de suas trajetórias sociais?

²⁷ Silva (1993) observou que algumas travestis que faziam o *trottoir* na Lapa podem sentir-se velhas já a partir dos seus trinta anos.

Apesar desta tese não ter como foco principal um estudo antropológico sobre o envelhecimento, considero, nos termos de Lins de Barros (1997), que a sociabilidade nos espaços públicos das cidades aponta para as condições de representação social e de vivência na velhice. Portanto, considerando que a maior parte dos sujeitos desta pesquisa são travestis idosas, estarei tratando da experiência do envelhecimento, procurando compreendê-la a partir de um estudo aprofundado de suas narrativas de memórias e dos ‘modos de fazer’ cotidiano desses sujeitos ao longo de suas trajetórias sociais. Enfim, no decorrer desta investigação, ao procurar responder tais questionamentos e inquietações, me confronto, em última instância, com o problema da visibilidade do envelhecimento nas cidades.

Muitos têm sido os estudos (LINS DE BARROS, 2000; DEBERT, 1997, 2000a, PEIXOTO, 2000a, 2000b) que chamam a atenção para a necessidade de rever a utilização de categorias como velhice, idade cronológica, terceira idade, entre outras, sendo que alguns deles destacam que devemos tratar das questões sobre o envelhecimento como construções sociais acerca do ciclo de vida e das relações entre gerações (DEBERT, 1988). Deste modo, a questão geracional torna-se saliente, pois, como bem salienta Myriam Lins de Barros (2006) viver e compreender a cidade tem suas determinações geracionais²⁸, e eu completaria, de gênero²⁹ e sexualidade (PERLONGHER, 2008; PARKER, 2002). Assim, esta tese se insere na tradição dos estudos em Antropologia Urbana, desenvolvidos principalmente a partir dos trabalhos pioneiros de autores como Park (1987), Simmel (1987; 1999; 2002), Wirth (1987), Redfield (1941) entre outros, os chamados etnógrafos de Chicago³⁰ e, mais especificamente, na Antropologia das Sociedades Complexas³¹ (VELHO, 1999a; MAGNANI, 1996).

²⁸ A cidade é pensada, assim, por diferentes imagens configuradas em função das particularidades da experiência e do *habitus* de cada geração (LINS DE BARROS, 2006a, p. 20).

²⁹ Penso no estudo clássico do antropólogo Roberto Da Matta (1997), *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, e de Margareth Rago (1985), *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*.

³⁰ Este termo é apropriado de Harnnez (1986). Por Escola de Chicago costuma-se designar um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados, entre 1915 e 1940, por professores e estudantes da Universidade de Chicago. Caracteriza-se, sobretudo, pela pesquisa empírica e por ter realizado um número diversificado de pesquisas sobre os problemas que enfrentava a cidade de Chicago, e, em grande parte, se dedicou a um dos principais problemas pelos quais passavam as grandes cidades americanas na época: a questão da imigração e da assimilação de milhões de imigrantes a sociedade americana. COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papiirus, 1995.

³¹ Segundo Velho “o nome antropologia urbana hoje já está consagrado, mas dentro da produção brasileira deve ser entendido de forma ampla, como um modo de desenvolver uma

Ao mesmo tempo, durante o curso de doutorado em Antropologia Social tive a oportunidade de realizar, durante os meses de março a junho de 2008, um estágio de doutoramento sob o financiamento da CAPES no ISCTE/ CEAS - Centro de Estudos de Antropologia Social - sob a supervisão do Prof. Dr. Miguel Vale de Almeida. O objetivo central foi o aprofundamento das questões que envolvem os estudos sobre as relações de gênero e sexualidade, temáticas compreendidas como fundamentais para pensar as formas de sociabilidade ao longo de suas trajetórias sociais e itinerários urbanos das interlocutoras desta pesquisa. Sendo assim, um dos principais intuítos deste estágio foi o de alcançar um refinamento teórico voltado para essas áreas, a meu ver crucial para a excelência deste trabalho.

Afinal, de acordo com alguns estudiosos como Benedetti (2005) e Pelúcio (2007), os arranjos e relações sociais dos indivíduos que fazem parte do universo trans estão, sobretudo, pautados e organizados pelos valores que cercam as concepções de feminino e de masculino presentes nesse universo, e estão, portanto, construídos pela lógica de gênero e pela lógica que pauta suas práticas sexuais e eróticas. Cabe ressaltar que, durante este processo, pude contar com a orientação do Prof. Dr. Miguel Vale de Almeida concernentes às reflexões que venho desenvolvendo ao longo de minhas pesquisas com relação a este universo. Além disso, tive a oportunidade de estabelecer trocas intelectuais com alunos que também se dedicavam a esta temática e cujos estudos estão sob a supervisão do referido professor.

Falo aqui, especialmente, do encontro com a socióloga Sandra Saleiro que, na época, estava envolvida com um projeto de pesquisa que tinha como objetivo geral constituir uma primeira caracterização social das pessoas transexuais e transgêneros em Portugal. A pesquisa pretendia abarcar a diversidade de, nos termos da autora, expressões de identidades de gênero tais como: transexuais, transgêneros, crossdressers, drags, andróginos ou qualquer outra identificação que não correspondesse a uma linearidade com o sexo e/ou gênero atribuído ao nascimento. Deste modo, um dos principais objetivos de sua pesquisa era interpretar o “sentimento de desincidência entre sexo e gênero” apresentado por esses indivíduos. Ou seja, não apenas quais os sentidos que são atribuídos a esse sentimento e como ele se expressa, mais ainda de que modo esses sentidos e práticas, a

antropologia das sociedades complexas que privilegia a cidade como lócus de investigação. Antropologia urbana e antropologia das sociedades complexas não apresentam nenhuma relação de subordinação e englobamento disciplinar, sendo modos de focalizar fenômenos que apresentam diferentes dimensões”. VELHO, Gilberto. Antropologia e cidade. In: *Cidade: história e desafios*. Lúcia Lippi Oliveira (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 36-41. Disponibilizado em <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso: abr. 2009.

eles associados, poderão contribuir para a transformação da realidade social (SALEIRO, 2008).

Foi possível, durante o período de estágio, estabelecer um profícuo diálogo em termos principalmente dos universos de ambas as pesquisas e das perspectivas teóricas que serviam de base. Por exemplo, em um de nossos encontros pude apresentar-lhes uma parte do acervo iconográfico de minha pesquisa, mais especificamente as fotos dos acervos pessoais das interlocutoras, o que propiciou discussões sobre algumas diferenças concernentes as performances de gênero e estilos de vida de travestis e transexuais brasileiros e portugueses. Como também sobre questões de nível de conceituação e classificação das pessoas pertencentes a este universo.

Mesmo não tendo o propósito de realizar trabalho de campo a fim de desenvolver um estudo comparativo foi justamente através de meu contato com a pesquisadora Sandra Saleiro que tive a oportunidade de ser apresentada a duas transexuais portuguesas, Carla de 35 e Amália³² de 49 anos na época. Neste sentido, foi muito interessante vislumbrar algumas representações construídas por elas a respeito das travestis brasileiras, talvez um trecho do meu diário seja mais sugestivo:

Amália tem 49 anos e reside num bairro nos arredores de Lisboa com sua filha de 25 anos. Bem alta, cabelos longos e claros com algumas mechas grisalhas, vestia-se com saia longa preta e blusa vermelha de mangas cumpridas e sandálias de salto. Sem maquilagem, de adorno apenas brincos e unhas pintadas de vinho. Amália, a princípio, me pareceu bastante fechada, e fiquei imaginando como iniciar nossa conversa de modo que se sentisse a vontade. Resolvi falar sobre minha pesquisa e, ao mesmo tempo, esclarecer que minha intenção com o nosso encontro era manter uma conversa informal. Logo de imediato, Amália quis me esclarecer às diferenças entre transexuais e travestis, colocando que as primeiras reivindicam uma identidade de gênero feminina definida que não tem lugar para ambigüidades tão características do universo travesti que, segundo sua concepção, são homens que se vestem de mulher esporadicamente para shows ou mesmo para exercer a prostituição. Comento como que, em termos brasileiros, considerando as pesquisas feitas até o momento, as pessoas com as características que competem à denominação de transexuais em Portugal são também compreendidas como

³² Os nomes são inventados por mim.

travestis. Amália acentua que, no Brasil, tudo é muito confuso, e que inclusive ela tomou ciência através da internet de alguns blogs de transexuais brasileiras e não participa das mesmas idéias, critica o fato de o universo trans no Brasil ser muito voltado para o sexo e a prostituição. De acordo com ela, as travestis brasileiras vêm para Portugal apenas para trabalhar como prostitutas e não se interessam pelos problemas da comunidade. Ao ser questionada, por mim, sobre o que acontecia quando uma travesti brasileira chegava na cidade para trabalhar, ela acentua que não poderia me dar muitas informações porque não faz parte deste universo, mas acredita que no fim elas não devem encontrar muitos problemas porque os portugueses não são de criar confusão, nem violentos. Dá destaque para a invisibilidade das transexuais em Portugal, diz que só conhece umas oito transexuais e que, em geral, elas preferem se manter no anonimato. Por isso a dificuldade de se reunirem em torno de uma associação ou algo similar. As que existem não “dão a cara”, ou seja, para ela, sentem vergonha de serem transexuais. Assim, de acordo com suas considerações, não existiria uma rede de sociabilidade entre elas, um local onde se encontram para lazer, por exemplo. Mas aponta algo interessante ao observar que uma possibilidade de estabelecer laços sociais seria as duas instituições de saúde em Portugal que fazem cirurgia de mudança de sexo [...]. Outro tema abordado em nossa conversa foi à relação das transexuais com relação ao mercado de trabalho formal. Neste sentido procura exemplificar utilizando o caso de uma transexual mais velha que ela que foi avó há pouco tempo e que trabalha numa gráfica em Lisboa. No início esta pessoa ao chegar ao emprego vestia-se de homem para exercer suas funções, depois, quando decidiu se submeter pela primeira vez a cirurgia de transgenitalização, foi ameaçada de demissão, fato que não ocorreu devido a intervenção de duas outras transexuais que, fingindo serem respectivamente advogada e jornalista, pressionaram o empregador que finalmente aceitou sua transexualidade, mas não a cirurgia. Ou seja, sua conhecida passou a trabalhar como transexual mais em serviços de limpeza. No entanto, há pouco tempo, diante de uma nova tentativa de realizar a cirurgia, a ameaça de demissão voltou. Pergunto se não teria possibilidades de conversar com esta pessoa e ela me diz que não, pois a mesma trabalha das 11 da manhã às 8 da noite e agora está completamente dedicada ao seu papel de avó [...]. Foi possível também conversarmos sobre temas como

discriminação e preconceito. Aqui temos um discurso bem ambíguo ao mesmo tempo em que diz que não sente discriminação em seu dia-dia conclui que isto se deve ao fato de “passar despercebida” pelas pessoas devido a seu comportamento e ao fato de, fisicamente, ser discreta; daí faz uma comparação com as travestis brasileiras em relação ao uso de silicone e das suas formas corporais muito torneadas, de serem exuberantes, e, ao mesmo tempo em que critica o exagero demonstra o desejo de ser mais bonita, ou seja, de sobressair o que levaria a exposição talvez de sua transexualidade. Amália destaca a existência de uma “cultura homofóbica” em Portugal acentuando que a sociedade portuguesa, em geral, é muito conservadora e tradicional.

Diário de campo 20/06/08.

Ainda pude, durante o Arraial Pride, um evento organizado pelo ILGA³³ no mês de junho de 2008, assistir a shows de transformismos realizados por travestis portuguesas e constatar semelhanças com relação às performances artísticas, a constituição de uma imagem de si (a apresentadora as anunciava como “as estrelas da noite”) entre transexuais e travestis portuguesas e brasileiras. Em suma, diante do panorama apresentado tive o ensejo de conhecer um pouco as características do “universo trans” em Lisboa, sobre seus estilos de vida, visões de mundo, representações sobre gênero, sexualidade e corporalidade em contraponto, mesmo que superficial, com o “universo trans” da cidade do Rio de Janeiro.

1.4. O retorno da antropóloga: os reencontros e encontros na configuração do universo de pesquisa.

Como já salientado, o trabalho de campo foi realizado por um período de quase dez meses alternados em três fases. A primeira fase, considerada por mim de caráter mais exploratório, ocorreu entre os meses de setembro de 2006 até meados do mês de dezembro do mesmo ano. Já a segunda fase, ocorreu entre os meses de fevereiro a junho de 2007. E, a última fase, ocorreu durante os meses de outubro a dezembro de 2007. No decorrer das linhas que seguem demonstro como fui configurando o universo de pesquisa para o doutoramento e, conseqüentemente, cada uma dessas fases serão descritas de forma mais aprofundada.

³³ Associação ILGA de Portugal é uma associação em defesa dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros em Portugal.

A primeira fase do trabalho de campo tinha como propósito principal retomar contato com os sujeitos que fizeram parte do universo de pesquisa para o mestrado afim de novamente seduzi-los a colaborar com essa nova “empreitada”. Como já mencionado anteriormente, durante o mestrado, o uso do vídeo foi um dos principais recursos metodológicos que utilizei em campo. Todas as entrevistas, alguns shows de transformismos e reuniões do “chá das travestis” foram registradas em imagens, sendo um dos objetivos principais a realização de um vídeo etnográfico. No entanto, a impossibilidade de terminá-lo durante o mestrado, fez com que eu pensasse, visando uma nova inserção em campo já para o doutorado, em outra estratégia de devolução das imagens captadas durante a pesquisa referida. Por outro lado, devo confessar que me sentia em dívida com essas pessoas que aguardavam um retorno de todo aquele registro visual.

Assim, como estratégia de reaproximação, resolvi que faria uma edição individual das entrevistas e encontros que foram efetuadas de modo a realizar um “arquivo” (compactado) pessoal e videográfico dos sujeitos da pesquisa. Isso tudo teve como intuito não apenas apresentar-lhes o resultado daquela pesquisa, mas também proporcionar-lhes um "arquivo pessoal" e dar-lhes uma espécie de prestação de contas. Desde já saliento que as imagens editadas em vídeo foram muito importantes neste processo de retorno ao campo, pois, permitiram que fosse restabelecido um diálogo entre nós a partir do retorno das imagens, ou seja, à medida que eu entregava as imagens a elas nós as víamos juntas. E, esses foram momentos muito frutíferos, pois resultaram em comentários, sugestões e críticas enriquecedoras para o desenvolvimento desta nova pesquisa. Neste sentido, estes “vídeos arquivos” me proporcionaram um importante exercício crítico de reinserção, quase que uma retomada de proximidade com essas pessoas e seu universo. Além de poder reavaliar, sob novos ângulos e perspectivas, os temas que seriam tratados e, às vezes, retomados em nossas conversas e entrevistas. Em alguns momentos, cheguei a supor que este visionamento me levaria a “congelar” os atores sociais envolvidos e seu universo, mas à medida que ia vendo e revendo as imagens sentia como se as estivesse (re)conhecendo.

No entanto, não poderia deixar de lado as diferentes temporalidades que caracterizam este estudo, visto que quase quatro anos haviam se passado desde a pesquisa do mestrado³⁴. Consciente das

³⁴ Concordo com Malighetti (2004, p.110) quando diz que “as temporalidades etnográficas são múltiplas e se inter-relacionam de modo complexo, articuladas pela escritura que atravessou a pesquisa em todas as suas fases, desde os dados confusos e dispersos em campo, até à sua transformação em um texto coerente e legível. Espelham-se, aí, a negociação e a dialogicidade do trabalho etnográfico, em diferentes níveis: entre o antropólogo e os nativos, e entre os

mudanças que isto poderia representar, em termos de contexto de pesquisa, das interlocutoras envolvidas, sem esquecer a antropóloga, enfim, em termos do encontro etnográfico (GEERTZ, 1997), a idéia de me inserir novamente neste universo, e principalmente o reencontro com as antigas interlocutoras, me causava um misto de expectativa, insegurança e receio. Assim no início do mês de setembro de 2006 viajei para o Rio de Janeiro com este material visual e, durante alguns momentos da longa viagem de ônibus de Florianópolis até a Rodoviária do Rio de Janeiro, me perguntava: como estariam estas pessoas? Estariam residindo nos mesmos lugares? Lembrariam de mim? Gostariam de me rever? Como seria recebida depois de tanto tempo? Como seriam nossos reencontros?

Logo que cheguei o sentimento de euforia pela possibilidade do reencontro se transformou em um grande sentimento de angústia. Tinha receio de não encontrá-las, afinal já fazia muito tempo que tinha perdido o contato com elas, de que elas não gostassem dos vídeos, de que estivessem chateadas comigo por não tê-las procurado antes e assim por diante. Havia guardado da época do mestrado um pequeno caderno onde anotava telefones, endereços, impressões em formas de lembretes, frases soltas, entres outras coisas deste gênero e, naquele momento, este caderno representava para mim “a chave” da minha reinserção neste universo. Vale ressaltar que assim que cheguei à cidade sem ter ainda um lugar para morar encontrei apoio entre familiares e amigos que me hospedaram em suas casas em bairros da zona norte da cidade, como Tijuca e Méier e em municípios da região metropolitana, mais especificamente São Gonçalo e Niterói. Nas linhas que se seguem recorro a fragmentos do meu diário de campo para trazer à tona meus itinerários neste processo de reinserção em campo:

A primeira pessoa com quem tentei restabelecer contato foi a Raquel, mas os dois telefones, um fixo e outro celular, já eram de outras pessoas. Depois resolvi procurar a Zezé, uma das antigas interlocutoras. Na época que nos conhecemos ela tinha 59 anos e residia numa apartamento na Lapa, sendo proprietária do apartamento acreditava que a encontraria com facilidade, mas ao invés de ir diretamente a sua casa,

próprios nativos; entre as diferentes fontes de informação, orais e escritas; entre o antropólogo, os próprios modelos teóricos, e a comunidade científica; entre o próprio antropólogo e seu próprio ser, ao longo do tempo, em seus vários aspectos – biográficos, pessoais, disciplinares. Sem falar na temporalidade da escritura, na transcrição da realidade do dizer, e na relação com os leitores. MALIGHETTI, Roberto. *Etnografia e Trabalho de Campo*. Autor, autoridade e autorização de discursos”. *Cadernos Pós-Ciências Sociais*, v. 1, n.1, mar/jul, São Luís/MA, 2004.

resolvi fazer um contato telefônico antes e, para minha grande surpresa, soube através da mulher que me atendeu que a antiga proprietária havia falecido há um ano. A morte da Zezé foi um choque para mim, principalmente em virtude das condições do seu falecimento. Afinal pude averiguar, brevemente, com a pessoa que me atendeu que Zezé tinha se atirado da janela de seu apartamento que ficava no nono andar. Durante alguns dias fiquei bastante abalada com a notícia não conseguia compreender os motivos de um ato, para mim tão extremo, e não condizente com a imagem da Zezé que tinha em mente. De todas as interlocutoras que fizeram parte da pesquisa de mestrado Zezé me pareceu uma pessoa equilibrada, de temperamento calmo, segura em relação aos seus projetos de vida, tinha certa estabilidade financeira, ou seja, jamais poderia supor que pudesse ser protagonista de um episódio tão trágico. Como seus familiares moravam em São Paulo e no interior do Ceará e tampouco cheguei a estreitar relações com algum amigo e/ou amiga sua sabia que dificilmente localizaria alguém para quem pudesse entregar o vídeo que tinha feito. [...]

Diário de campo, 10/09/06.

Alguns dias depois, retomei meu antigo caderno de notas e liguei para a Laura; nesta altura já estava temerosa com o que poderia encontrar, visto que a última vez que estive com ela nas férias de final de ano em 2003 a encontrei com problemas de saúde e prestes a se submeter a uma cirurgia de hérnia. Na terça-feira à noite ligo para ela e, para meu alívio e alegria, foi ela mesma quem me atendeu. Apesar de não me reconhecer de imediato não demorou muito para que se lembrasse “da moça antropóloga que morava em Florianópolis”. Laura me recebeu em seu novo apartamento, morava agora em uma rua mais próxima do Largo da Lapa em um apartamento bem menor que o seu anterior. Surpreendi-me ao vê-la. Estava pelo menos uns vinte quilos mais magra e um pouco abatida. Parecia cansada, caminhava devagar e com certa dificuldade pelo apartamento. Como era nosso primeiro encontro, depois de tanto tempo, não achei conveniente fazer indagações a respeito. Fui recebida com um misto de simpatia e surpresa pela minha presença. Sentamos na sala, cada uma em um sofá, e após conversarmos sobre sua mudança, e sobre o espetáculo de teatro que estava fazendo, a própria Laura comentou comigo que não andava com a saúde muito boa e que tinha

emagrecido muito depois de ter se submetido a uma cirurgia e que desde então não tinha engordado mais. Percebo que não se lembrava da última vez que fui ao seu antigo apartamento na Glória. Tocando em temas como problemas de saúde, cirurgias, hospitais nos levou a conversarmos sobre o falecimento da Zezé e sobre as condições suspeitas em torno de sua morte. Os comentários no “meio” giravam em torno de duas hipóteses: uns achavam que ela estava envolvida com a migração de travestis para o exterior e foi descoberta pela polícia e, por isso, optou pelo suicídio. Outros diziam que sonegava impostos há muito tempo e que ao ser surpreendida por policiais federais na porta do seu apartamento se suicidou atirando-se pela janela. Na verdade eram simplesmente especulações já que nunca se soube realmente o que se passou e tampouco durante a conversa optei por alguma das hipóteses apresentadas justamente para não tomar partido. Resolvi então aproveitando o ensejo perguntar pela Raquel já que não conseguia encontrá-la. No entanto, Laura também não tinha notícias de seu paradeiro. Ela, por sua vez, me orientou a procurá-la à noite na Lapa, pois há muito tempo não a via, mas disse que a última vez que tinha se cruzado com ela tinha sido lá. Resolvemos então assistir ao vídeo. A expectativa de ambas era nítida, de um lado Laura estava curiosa para ver como tinha ficado, se lembrava vagamente das imagens que registrei dela e por outro, a pesquisadora ansiosa e preocupada se a edição ia agradá-la. Assim que apareceu a primeira imagem Laura se assustou com o que viu: Mônica como estava gorda! Meus seios eram enormes, né? Seus primeiros comentários enquanto assistia as imagens giraram em torno de sua aparência física sempre em contraponto com seu corpo e aspecto na época. De certa medida, percebia que não lhe desagradava ver-se tão gorda, afinal, o que ela via diante si era uma pessoa que transbordava alegria, vivacidade, mobilidade física, características e capacidades que ela não encontrava nela naquele momento. Ao mesmo tempo em que demonstrou uma satisfação muito grande quando surgiu sua imagem se maquiando para um show na boate Casarão na zona oeste do Rio. Como registrei em detalhe todo o momento de sua maquiagem antes do show, para ela foi uma possibilidade de avaliar-se, não só o ato de maquiarse, mas o tipo de maquiagem que usou na época, os tipos de riscos no olho, na boca, as cores, destacando algumas que não encontrava mais como o rosa fúcsia e, portanto, impossibilitava a realização de alguns traços e desenhos no

rosto. Fez alguns comentários sobre algumas de suas falas no vídeo. Laura escutava-se atentamente e, por vezes, reafirmava suas idéias e relatos. Em outro momento, algumas falas foram motivos de preocupação com relação aos seus familiares. Neste caso, observou que sua sobrinha e seu afilhado não poderiam ter acesso ao vídeo. Era justamente quando surgia falando sem pudores, com humor e ironia de sua sexualidade e de suas práticas sexuais. Faz apreciações críticas sobre a boate onde fazia o show na época. Considerando-a de “baixo-nível” e, por sua vez, justifica o “estilo” de sua apresentação devido à necessidade de combinar o tipo de show com o ambiente no qual ele é praticado. Mas, ao mesmo tempo, seu comentário tinha um tom de saudosismo daqueles momentos e das experiências que pôde vivenciar ali. Por muitos momentos me elogiou pelo vídeo e me agradeceu. Certamente um dos motivos de sua satisfação com as imagens era o fato de proporcionar-lhe uma lembrança de quando “era gorda” e, obviamente, o que esta fase de sua vida representava para ela naquele momento. Após vermos o vídeo, Laura me convidou para tomarmos um café e aí aproveitei para lhe expor os propósitos da minha pesquisa de doutoramento e para seduzi-la a participar. Para minha alegria, de imediato se animou com a possibilidade e se comprometeu a me ajudar e a encontrar a Raquel.

Diário de campo, 18 /09/06.

Com o transcorrer dos dias volto minha atenção para Helô e Gilda, apesar de não ter conseguido editar o vídeo das duas a tempo, mantinha a intenção de retomar contato com elas. Como tinha fixado apenas o nome da rua que Helô morava recorri novamente à minha antiga caderneta e lá encontrei o endereço completo com seu telefone. Não liguei, pois acreditava que ainda mantinha o costume de quando a conheci de não atender telefone sem uma senha; na época do mestrado tínhamos estabelecido uma: após três toques eu desligaria o telefone e chamaria em seguida. Desacreditada que isto pudesse funcionar depois de tanto tempo resolvi ir diretamente procurá-la em sua residência. Na última quinta, no final da tarde, fui até seu antigo endereço. Assim que cheguei à portaria do edifício me identifiquei ao porteiro, um homem por volta dos quarenta anos, que interfonou para seu apartamento, e, como ninguém atendeu, perguntei se não poderia subir e tocar a campainha, afinal talvez ela não tenha escutado, lhe digo. Mas ele retrucou me informando que “as

ordens” era para não deixar ninguém subir sem a permissão do morador e como ele estava sozinho na portaria não poderia subir comigo. Não insisti mais e resolvi esperar um pouco na calçada em frente ao prédio na esperança de que Helô pudesse aparecer retornando de suas caminhadas diárias com os cachorros como fazia na época do mestrado. Mas foi inútil, como ela não aparecia resolvi ir embora. Neste mesmo dia, de um telefone público, localizado a duas quadras da casa de Helô, resolvi ligar para Gilda, tinha em mãos o antigo número do seu salão, no entanto sou informada, pela senhora que me atende, que o número era de uma residência familiar. [...]

Diário de campo, 22/09/06.

Apenas hoje durante minha terceira tentativa de retomar contato com a Helô enfim consegui uma informação mais precisa quanto ao seu paradeiro. Fui novamente em seu apartamento e quando o porteiro interfonou, desta vez, após um momento, finalmente alguém atendeu e eu pedi ao porteiro que me deixasse falar com ela. Do outro lado, uma mulher atendeu e ao lhe explicar brevemente quem eu era e que gostaria de fazer uma visita a Helô fui informada que a mesma estava com problemas de saúde e que não queria receber visitas. Deixei então com ela meu nome e telefones de contato para que assim que melhorasse pudesse retomar contato comigo. Sai do edifício pensando até que ponto Helô não usou a saúde como uma desculpa para não me receber, visto que, de todas as interlocutoras do mestrado, ela sempre me pareceu a mais arredia à aproximação de desconhecidos. Na época da pesquisa para o mestrado, apesar do pouco tempo que passamos juntas, chegamos a estabelecer um relacionamento que eu acreditava de proximidade e confiança, talvez não o suficiente para sobreviver um distanciamento de quatro anos [...]. Ou realmente ela estava com problemas de saúde. Por outro lado, não restabelecer contato com Helô dificultaria encontrar a Gilda, pois, foi através da Helô, que a conheci. Cheguei a perguntar a Laura, mas ela tampouco tinha alguma informação que pudesse me ajudar.

Diário de campo, 27/09/06.

Como minhas tentativas de localizar o telefone novo do salão de Gilda foram em vão resolvi, alguns dias depois de ter ido à casa de Helô, ir até o endereço antigo do salão na esperança de

encontrá-la trabalhando no mesmo lugar. Para minha alegria o salão era o mesmo e, inclusive, da porta de vidro pude reconhecer uma antiga funcionária. No entanto, ao me aproximar da recepção e falar com a recepcionista fui informada que Gilda estava visitando seu filho que morava nos Estados Unidos e não sabia quando voltaria para o Brasil. Já bastante frustrada, e confesso desanimada com o fato de não ter conseguido restabelecer os contatos como imaginava, tinha a esperança de que pelo menos com a Laura tivesse mais sorte e conseguisse saber notícias da Raquel. E foi este sentimento de ansiedade que me fez, após um dia inteiro andando pelas ruas do bairro da Glória e do Catete, a procura de apartamento para alugar, resolver ir até o apartamento da Laura sem ter lhe avisado antes, apostando numa visita surpresa. Após ser anunciada pelo porteiro do prédio subi até o seu apartamento e encontrei a porta da sala já aberta. Laura me esperava sentada em um dos sofás assistindo uma telenovela. Cumprimentamo-nos e fui recebida com a boa notícia de que tinha conseguido o telefone novo da Raquel através de Luiza, uma travesti que é sua amiga e que eu não conhecia. Argumenta que assim que obtive a informação tentou entrar em contato comigo, mas não conseguiu me encontrar em casa. Explico-lhe que quase não tenho estado no local onde estou hospedada porque saía quase todos os dias a procura de apartamento para alugar. Ficamos conversando um pouco na cozinha enquanto ela fazia um cafezinho para nós no estilo árabe. Falávamos sobre as minhas dificuldades em alugar um apartamento no centro e arredores quando chegou seu sobrinho, um jovem de aproximadamente uns 18 anos e que eu não conhecia. Vinha da faculdade, e praticamente não ficou no apartamento, saindo em seguida para ir à Academia. Foi neste dia que ouvi pela primeira vez alguém dirigir-se a Laura através do seu nome de batismo, no diminutivo, o que me causou certo constrangimento, pois, já ciente dos seus cuidados com relação ao sobrinho não queria chateá-la e ao mesmo tempo me colocar numa situação difícil. Assim que tive uma oportunidade perguntei se tinha problemas em chamá-la por Laura na presença de seu sobrinho, esta me diz que não porque “ele” já estava acostumado que as pessoas do meio a chamassem por seu “nome de mulher”[...]

Diário de campo, 29/09/06.

No dia seguinte a minha visita a Laura liguei para Raquel e finalmente consegui restabelecer contato com ela e, para meu alívio, minha ligação foi recebida com contentamento.

Conversamos por quase uma hora e combinamos um primeiro encontro alguns dias depois em uma das filiais do CRAS (Centro de Referência em Assistência Social/RJ) no centro da cidade. Raquel recém tinha terminado de participar de um projeto desenvolvido pela prefeitura do Rio de Janeiro voltada para a inclusão social de travestis, chamado “Projeto Damas”, e me convidou para assistir a cerimônia de formatura que seria realizada nas dependências do CRAS. Estava levando comigo o vídeo que tinha feito, já que tínhamos combinado que após a cerimônia seguiríamos para seu novo apartamento, no bairro da Lapa e lá o veríamos juntas [...]. Nesta época, morava em um pequeno apartamento do tipo quarto e sala nos arredores do bairro. Durante toda a exibição, Raquel esteve atenta a sua imagem na tela e as suas falas. Em alguns momentos, ela se corrigia, às vezes, pequenos detalhes como datas e locais. Quando sua atenção se voltava para sua aparência no vídeo, como Laura, fazia a todo o momento comparações entre a sua aparência física na época em que ocorreu o registro das imagens e a atual. Ao mesmo tempo em que apreciava ver-se mais “nova” e “mais bonita” ficava chateada por agora estar “mais velha”. Afinal, naquela época, estava menos gorda, sua peruca era mais bonita e etc. Ficou muito emocionada ao ver fotos de sua mãe e de sua irmã já falecidas, principalmente em relação à irmã que tinha falecido há dois anos. As cenas em que aparecem suas fotos foram as que ela sem sombra de dúvidas mais apreciou. Ver-se em vários momentos de sua trajetória através das fotos e da sua imagem na tela parece ter concedido um sentido para sua biografia de vida. Raquel ficou muito envaidecida com o fato de ter um vídeo sobre ela, que conta momentos de sua trajetória de vida. De imediato observou que mostraria estas imagens para algumas amigas travestis para que pudessem vê-la. Considerando o visionamento realizado com a Raquel e a Laura de uma forma geral poucos foram os momentos que elas se prenderam em pormenores técnicos, que faziam parte dos meus fantasmas. Além disso, à medida que se viam elas falavam de suas emoções, gestos, performances, percepções de si. As imagens serviram para que elas recordassem momentos, pessoas, lugares acionando o mundo dos afetos. O vídeo serviu como instrumento para re-viverem histórias, experiências e sentimentos, bem como instrumento provocador de reflexões sobre diferenças e semelhanças entre seu estilo de vida e aquele representado na tela. Penso que mostrar-lhes suas imagens e ver conjuntamente com elas

foi uma importante instrumento de reflexão no que se refere as suas formas de sociabilidade. Em meio à preocupação imediata e clássica com sua imagem na tela vinham à tona falas que desvendavam alguns fatos de seus cotidianos. Além de que o visionamento de suas imagens assinalou principalmente para suas representações e significados sobre a velhice principalmente a dificuldade de se identificarem como velhas e no caso de Raquel principalmente o sentimento de desconforto que a evidencia do corpo mais envelhecido lhe trazia.

Diário de campo, 01/10/06.

Peixoto (2000a), em sua pesquisa sobre as práticas de sociabilidades entre idosos residentes em Paris e idosos residentes na Zona Sul do Rio de Janeiro, ao fazer uso do vídeo como instrumento de pesquisa explorou o recurso da observação compartilhada das imagens produzidas durante a pesquisa. Neste exercício de exame de imagens, os idosos parisienses refletiam sobre suas representações de si, suas identidades, sobre sua realidade cotidiana em comparação com a realidade brasileira circunstanciada à cidade do Rio de Janeiro. Apesar de, em princípio, ter pensado em utilizar as imagens em vídeo como recurso de abordagem, ou seja, de reinserção em campo, a experiência da observação em conjunto das imagens também apontou questões fundamentais para a pesquisa, principalmente no que diz respeito à problemática da representação de si, do envelhecimento em suas interfaces com as questões de corpo e sexualidade.

Além disso, soma-se o fato de que a experiência de “observação em conjunto das imagens” me estimulou a reeditar o vídeo que tinha entregado a Laura. Desta reedição surgiu Laura uma Diva do Babaduu!, um vídeo etnográfico realizado a partir das múltiplas temporalidades de uma pesquisa antropológica. Talvez esta não seja uma característica do vídeo que possa ser notada imediatamente em seu transcorrer, mas ela foi fundamental no processo de construção da sua narrativa. Depois de restabelecer contato com Raquel e Laura, e ante as dificuldades de retomar contato com a Helô e a Gilda, voltei meus esforços para re-configurar o universo de pesquisa e, neste sentido, foi fundamental o auxílio de Raquel e Laura:

Após vermos o vídeo Raquel comenta comigo que há uns meses atrás, participou, juntamente com mais uma travesti, gays e lésbicas idosas de um documentário³⁵ sobre a experiência da velhice entre eles. A outra travesti que

³⁵ Refiro-me ao documentário “Antigos Segredos” de Mariana Von Oertzen de 2005.

participou do vídeo era uma amiga sua, e ela acreditava que fosse uma participante em potencial para a minha pesquisa. Como não a conhecia, combinamos que a própria Raquel entraria em contato com ela e falaria sobre mim e sobre o trabalho que estava fazendo.

Nota de Campo 06/10/2006.

Já fazia quase duas semanas de minha última visita a Raquel e resolvi ligar para ela para saber como estava e perguntar se tinha conseguido falar com sua amiga. Não demorou muito para atender ao telefone e assim que eu me identifiquei reclamou do meu “sumiço”. Explico-lhe que estava muito ocupada procurando apartamento, mas que finalmente tinha conseguido alugar um conjugado em Copacabana. Neste momento, ela me diz que também estava pensando em se mudar porque estava muito atacada de sua alergia e ela acreditava que fosse do carpete do apartamento. Conversamos um pouco mais sobre o tema até que lhe perguntei se tinha conseguido contato com a Marisa, ela diz que não, mas me promete que quando acabasse a novela que estava assistindo tentaria de novo e combinamos que mais tarde eu retornaria a ligar para saber se tinha conseguido encontrar a Marisa em casa ou não. Quase uma hora depois retorno a ligar. Já no segundo toque Raquel atende e me diz que conseguiu falar com a Marisa, mas, no entanto, como ela estava de saída não deu tempo de falar sobre mim. Pergunto-me se eu não poderia ir até sua casa no sábado porque precisava escrever um email para a imobiliária explicando que precisava deixar o apartamento antes do término do contrato. Então, de sua casa, durante a noite ligaríamos novamente para Marisa. Combinamos que por volta das seis horas estaria em seu apartamento [...].

Diário de campo 18/10/06.

Já eram por volta das 11h30 da noite quando Raquel resolveu telefonar para Marisa. Para minha sorte ela atendeu e após algum tempo de conversa entre as duas, durante o qual Raquel falava ao meu respeito, me nominando de sua “amiga antropóloga” e falando que eu queria fazer umas entrevistas com ela, Raquel me passa o telefone. Expliquei-lhe os propósitos do trabalho em termos mais gerais e enfatizei meu interesse em conhecê-la pessoalmente e marcamos um encontro. Para minha alegria, Marisa aceitou que marcássemos um encontro e pareceu disposta em colaborar com a pesquisa, mas não quis já deixar marcado o

encontro dizendo que em dias de semana ficava na Tijuca na casa de sua tia uma senhora de idade avançada a quem ela cuidava e acabava dormindo lá, apenas nos fins de semana ficava em seu apartamento em Copacabana e isto limitava muito seu tempo por isso me pediu que ligasse para ela dentro de duas semanas, pois estava bastante ocupada no momento.

Diário de campo 22/10/06.

Na sexta-feira passada fomos Raquel e eu passear na Lapa à noite. Foi nossa primeira saída noturna, e, enquanto estávamos caminhando atravessando os arcos procurando um local entre as inúmeras barraquinhas de comidas e bebidas espalhadas pela calçada do Largo da Lapa para que a Raquel se sentasse, esbarramos em Cláudia, uma travesti acima dos cinqüenta anos, morena, cabelos castanhos cumpridos, estava vestida com uma blusa de cor negra de alças e uma calça com estampas coloridas, nos pés sandálias rasteiras. Na verdade nos esbarramos, mas foi Claudia que se deu conta da Raquel, chamando-a pelo nome. Neste momento, Raquel parou e pude perceber que já fazia um tempo que não se viam e ficamos ali as três no meio da multidão num vai e vem intenso, de pessoas ao som do funk, sem falar da mistura dos cheiros do cachorro quente, salsichão, churrasquinho, que Raquel resolveu me apresentar a Cláudia e falar sobre a pesquisa que eu estava fazendo e praticamente a “intimar” a participar. Cláudia, muito educada e simpática, me passa seu cartão pessoal com seu email e telefone e me pede que entre em contato com ela [...].

Diário de campo, 29/10/06.

Meu primeiro encontro com a Cláudia foi marcado quase duas semanas após a noite que nos conhecemos lá na Lapa. Como era nosso primeiro encontro não quis caracterizá-lo como uma entrevista, queria conversar e explicar com calma o teor da pesquisa. Encontramo-nos na porta da Fundação Progresso, um dos locais que trabalhava na época como figurinista de um espetáculo bem nos arredores dos arcos da lapa. Tínhamos marcado às 10 horas da manhã, Cláudia chegou uns vinte minutos depois com passos apressados se desculpando dizendo que antes de sair de casa teve que resolver uns problemas de outro trabalho que estava fazendo. Neste dia em particular vestia camiseta negra sem mangas, calças compridas estampadas e sandálias. Não usava maquiagem, e como acessório, apenas um discreto par de

brincos, um anel, e relógio. Quando entramos na Fundação Cláudia dirige-se ao balcão de recepção e é recebida de forma sorridente e por “Claudinha” pela jovem que atendia ao público. Cláudia pergunta por um funcionário do local e se ele tinha realizado o serviço que ela tinha pedido, ante a dúvida da jovem Cláudia decide que deveríamos subir ao segundo andar do edifício para procurá-lo. Comento com ela, que era a primeira vez que ia a Fundação de dia, e que já tinha ido à noite para assistir algum espetáculo. Enquanto procura pelo funcionário Cláudia vai me mostrando algumas dependências do antigo sobrado, me aponta as fotografias do centro antigo penduradas nas paredes, às reformas feitas no local, até que nos sentamos em um degrau próximo às grandes janelas do sobrado e ao pequeno restaurante self-service. Logo no início de nossa conversa Cláudia fez questão de demarcar um lugar diferenciado em relação ao seu grupo mais amplo. E para isso lançou mão do tipo de atividade profissional que exercia. Cláudia era figurinista e trabalhava no ramo da cenografia e, segundo ela, era a única travesti que trabalhava nesta atividade no Rio de Janeiro, dando pistas do quanto foi difícil para ela, em sua travestilidade, afirmar-se em sua profissão. Conversamos durante mais de duas horas, os mais variados temas, um pouco de sua trajetória, de sua saída de São Paulo e vinda para o Rio de Janeiro em companhia de um antigo “caso”, dos trabalhos que já fez, sobre a pesquisa. Foi neste dia que ouvi pela primeira vez o termo “travesti-arte” fazendo uma articulação entre o travestismo como uma forma de “composição artística” numa determinada época. E, apesar de ter aceitado participar da pesquisa, devido a seus compromissos de trabalho, me pede para retornar contato com ela apenas no início do mês seguinte quando estaria mais “livre”.

Diário de campo 08/11/06

Acompanhei Laura em uma apresentação que ia fazer num quiosque no Aterro do Flamengo. Combinamos às 11 horas da noite em sua casa. Laura já me esperava pronta para o show. Direcionamo-nos para o quiosque de táxi. Durante o trajeto Laura reafirma que lá eu encontraria a Paola, a travesti com quem falou a meu respeito e sobre a pesquisa; seria uma oportunidade de conhecê-la e conversar com ela. O quiosque era de propriedade de uma amiga da Paola que pensava em oferecer shows de transformismo aos sábados.

Diário de campo 05/11/06.

Liguei para Raquel para avisá-la que a Laura ia fazer um show na boate Red Star em Copacabana, bem na Praça do Lido, e para perguntar se não gostaria de ir conosco. A princípio me diz que não tem muita vontade de ir. Insisto dizendo que é para dar uma força a Laura que estava começando na casa. Ela então acaba aceitando. Aproveita para comentar comigo que encontrou com a Mariza da Lapa, uma travesti de sua geração que ela havia comentando comigo, mas que acreditava que poderia estar na Europa, me diz que falou com ela a meu respeito e que ela disse que eu podia lhe telefonar de preferência durante a noite quando estava em casa. Agradeço pela ajuda e lhe digo que ligaria em seguida. Combinamos que por volta das oito horas passaria em sua casa e de lá iríamos juntas para o apartamento de Laura. Era uma forma de fazer com que ela mantivesse o compromisso de sair conosco. Assim que desliguei liguei para Mariza, apesar do aviso para ligar à noite, resolvi arriscar já que estas questões de horário nem sempre são muito exatas com elas, mas realmente não estava em casa.

Diário de campo 10/11/06.

Antes de pegar o ônibus para a Lapa passei pelo cybercafé para fazer uma outra tentativa com Mariza. Desta vez tive sorte em encontrá-la em casa. Apresento-me, digo que sou amiga da Raquel que é antropóloga, falo da pesquisa e a convido a colaborar. Mariza foi muito simpática, pareceu-me bastante interessada, mas me pede que eu aguarde um contato dela para marcarmos as entrevistas porque ela estava resolvendo uns problemas familiares que tomava todo seu tempo. Esclareço-lhe que no próximo mês estaria retornando a Florianópolis e que só voltaria ao Rio em fevereiro. Combinamos então que assim que eu chegasse à cidade entraria em contato com ela.

Diário de campo 12/11/06.

Já fazia algumas semanas que tentava, insistentemente, através de contato telefônico, falar com a Mariza de Copa. Por outro lado, a própria Raquel não tinha notícias dela o que piorava a situação. Mas foi justamente uns dias antes do meu retorno a Florianópolis para fins de defesa do projeto que reencontramos a Mariza. Estávamos Raquel e eu no calçadão do Largo da Lapa conversando sentadas em cima de uma mureta de ferro “observando o movimento” quando a Mariza passou por nós. Assim que viu a Raquel se aproximou. Neste

momento, Raquel me apresentou como sua amiga antropóloga com quem havia conversado ao telefone e sem papas na língua a pressionou quanto ao seu interesse ou não em participar da pesquisa. Procurei intervir ressaltando a importância de sua colaboração e explicando que se naquele momento estava muito ocupada poderíamos retomar o contato e marcar nossos encontros após meu retorno à cidade já em fevereiro. Neste momento, minha sugestão foi prontamente aceita por Mariza o que me faz acreditar que poderia enfim contar com ela [...].

Diário de campo 08/12/06.

Os trechos do diário de campo destacados acima se referem particularmente aos meses entre setembro e dezembro de 2006 entre os quais me dediquei a configurar um universo de pesquisa para o doutoramento, mas também pude realizar observação participante ao, por exemplo, acompanhar Laura em suas apresentações no teatro, saídas noturnas com ela e a Raquel pela Lapa, e acompanhá-las em alguns de seus itinerários cotidianos. Em meados de dezembro retorno à cidade de Florianópolis a fim de defesa do meu projeto de doutoramento retomando o trabalho de campo no início do mês de fevereiro, momento no qual foi realizada uma reestruturação do universo de pesquisa e, mais uma vez, o auxílio incansável daquelas que permaneceram participando do estudo foi imprescindível. Novamente, por intermédio das transcrições de meu diário de campo, convido o leitor a acompanhar este processo:

Na terça-feira de carnaval durante o tradicional “Bloco das Quengas” que se concentra na Rua Ubaldino do Amaral finalmente conheci pessoalmente a “Mariza da Lapa”, uma travesti acima dos sessenta anos, morena, estatura mediana, de cabelos castanhos escuros ondulados com um corte na altura dos ombros, muito simpática e sorridente e que também me foi apresentada pela Raquel durante a concentração do bloco. Somente quando terminou o desfile do bloco que conversamos mais uma vez sobre a pesquisa e a possibilidade de marcamos um encontro em sua casa. Mariza pareceu bastante entusiasmada com a temática e me pede para ligar para ela na quinta-feira. Foi exatamente o que fiz, mas não encontrei Mariza em casa e deixei meu nome e telefone em sua secretária eletrônica. Resolvi então fazer uma nova tentativa com a “Mariza de Copa” para que enfim

puдéssemos marcar nosso primeiro encontro. Ao atender ao telefone lhe pergunto como passou o carnaval já que não foi possível nos encontrarmos durante este período, comenta que chegou a ir há Cinelândia um pouco e ao baile Gala Gay. Perguntei se poderíamos combinar algum dia e horário para nos encontrarmos ainda no fim de semana, aproveitando o fato que agora éramos vizinhas de bairro, como sabia que tinha o hábito de levar seu cachorro para passear de manhã nos fins de semana disse que poderia acompanhá-la e aí conversaríamos um pouco. Mariza então me diz que não sabe se poderia combinar comigo, pois no sábado à noite tinha um compromisso com uma amiga que veio da Europa e não sabia se dormiria em casa. Resolvo não insistir e fico de retornar contato no outro final de semana. No dia seguinte telefono a Raquel para saber seus planos para a semana e fiquei sabendo, enquanto conversávamos, que “Mariza de Copa” havia lhe telefonado e durante a conversa aproveitou para informar seu descontentamento com a minha insistência em encontrá-la. Inclusive, no decorrer da conversa, segundo relato de Raquel, Mariza havia lhe perguntado se “eu gostava de mulher” e depois suspeitava que eu poderia estar interessada sexualmente por ela. Raquel me diz que fez questão de enfatizar que eu era uma “pessoa fina”, “casada” [...]. Fiquei bastante surpreendida com a atitude de Mariza já que sempre procurei deixá-la à vontade em sua decisão de colaborar ou não com a pesquisa, e como ela sempre me pareceu simpática em nossas conversas pelo telefone não imaginava que pudesse estar sendo inconveniente ou mesmo passando a impressão de que me aproximava dela por sentir-me atraída sexualmente por ela. Sem saber muito que fazer neste momento, confessei a Raquel minha surpresa diante do ocorrido e que não sabia ao certo que atitude tomar, não pelo fato dela ter concluído que eu sentia atração por mulheres e/ou travestis, em outros momentos do campo durante o mestrado minha orientação sexual já tinha sido objeto de questionamento, mas sim por ela poder estar confundindo o sentido de minha insistência em procurá-la. Raquel me aconselha a não ligar mais para ela e deixar por conta da própria Mariza uma possível reaproximação já que a mesma tinha meu telefone. Resolvi acatar seu conselho porque de todos os modos ligar para a Mariza para tentar esclarecer a situação poderia colocar Raquel numa situação

delicada, ao mesmo tempo em que poderia parecer que estivesse fomentando fofoca.

Diário de campo 24/02/07.

Recebi uma ligação da Mariza da Lapa, que me deixou mais aliviada e com esperanças de que, enfim, conseguiríamos nos encontrar. Ela se desculpa por não ter ligado antes, explica-se dizendo que está muito ocupada com a mãe que está doente, e marca comigo para que a encontre, em sua casa, na próxima quinta à noite por volta das sete horas. Por outro lado, tinha falado com Cláudia e marcado de passar em sua casa amanhã de manhã por volta das 9 horas para irmos até o centro da cidade juntas, ia fazer umas compras para um cenário de uma festa que precisava montar. Aproveito e ligo para a Paola, em seu celular, para marcar de encontrar-se comigo em seu novo local de trabalho, um salão em Copacabana nas proximidades da Praça do Lido. Combinamos que eu passaria por volta das seis horas da tarde.

Diário de campo 22/02/07.

Desde a primeira saída de campo com Cláudia há três semanas atrás não consegui mais marcar nenhum outro encontro com ela. Sempre muito ocupada, cheia de trabalho, estava viajando os fins de semana para Angra dos Reis, para trabalhar na pousada de uma transexual amiga sua e demonstrava interesse em mudar-se para lá, em busca de uma vida mais tranqüila. Ao mesmo tempo tampouco estava tendo mais sorte com a “Mariza da Lapa” desde quando desmarcou nosso primeiro encontro em sua casa. Retorno contato com ela por mais três vezes sendo que na última vez me conta que decidiu viajar à Itália para trabalhar com um amigo, tampouco sabia quando tempo ia ficar por lá [...]. Neste momento do campo isto me deixa bastante preocupada, à medida que parecia conseguir montar uma rede esta se desfazia apesar dos meus esforços e insistência [...].

Diário de campo 10/03/07.

E foi, após uma conversa com a Laura em sua casa, onde confessava tais dificuldades, que ela me indicou o nome de Camille, e me passou o telefone de contato do salão no qual trabalhava: Resolvi ir diretamente ao salão mesmo que pouco às escuras, já que apenas tomei a precaução de certificar-me que estava trabalhando. Para

minha surpresa, assim que entrei no salão, Camille estava sentada no sofá de dois lugares que decora a recepção do salão. Aproximei-me e me apresentei como uma amiga da Laura e lhe expliquei a razão de estar ali à sua procura. Para meu alívio, contentamento e surpresa, também Camille aceitou imediatamente meu convite e acertamos para a próxima terça-feira nossa primeira entrevista ali mesmo no salão.

Diário de campo 13/03/07.

Foi durante a primeira entrevista com Camille que ao perguntar-lhe se poderia me indicar alguns nomes ela me indicou três outras travestis de sua geração que acreditava que poderiam participar da pesquisa. Camille é uma travesti muito respeitada e querida em seu grupo mais amplo e eu sabia que falar com estas pessoas através de sua indicação surtiria o efeito de uma senha de entrada no universo das famosas. Neste mesmo dia, Camille me passou o telefone de Marlene e Jane.

Diário de Campo 21/03/07.

Ainda no transcorrer da segunda etapa do campo tive a oportunidade de reencontrar Gilda e de participar, juntamente com Raquel e Marjorie, a presidente da ONG Astra Rio, do ENTLAIDS realizado em São Paulo no mês de junho. A ida a este encontro possibilitou-me conhecer Ângela, uma travesti acima de 60 anos, sobre quem ouvia comentários desde a época da pesquisa de campo para o mestrado. Ela era famosa por ter sido eleita na década de 70 do século passado como Miss Brasil Gay. Recorro novamente a fragmentos de meu diário e notas de campo para mostrar como se deu estes dois encontros:

Hoje de manhã por volta das nove horas caminhava pelas areias da praia de Ipanema quando Gilda passou por mim. Como usava um boné e óculos escuros fiquei na dúvida se não a estava confundindo com outra pessoa. Resolvi recuar e acompanhá-la em sua caminhada pela beira da praia, ao chegar mais perto tive a certeza de que era realmente ela e a chamei pelo nome. Gilda parou e ao voltar-se para mim a expressão do seu rosto era de surpresa e me dei conta que não tinha me reconhecido. Também minha aparência era um pouco diferente, estava com os cabelos cumpridos, usava óculos escuros, e já fazia bastante tempo que não nos víamos. Busquei lembrá-la de onde nos conhecíamos e do

fato de ter participado de minha pesquisa de mestrado em 2003. Gilda se desculpa por não ter me reconhecido e se justifica dizendo que nunca foi uma boa fisionomista. Comento que a estive procurando no salão, mas havia sido informada de sua viagem. Gilda me diz então que na verdade estava no Rio só de passagem [...]. A conversa não se prolongou muito, afinal a abordei em plena caminhada e me lembrei que este era um hábito antigo dela, desde o mestrado o havia mencionado. E diante de seus projetos achei que tampouco tinha clima para falar sobre a pesquisa de doutorado e a possibilidade de fazer parte dela [...].

Diário de campo 17/03/07.

Ângela viajava com uma jovem mulher universitária de serviço social, cuja monografia tinha como foco o universo travesti. Durante algum tempo da viagem pude conhecê-la um pouco mais através da conversa entabulada entre ela e a Raquel. Percebi que conheciam-se de longa data através de Chacrete, com quem Ângela chegou a trabalhar em um cassino de Paris. No entanto, há muito que não se viam, fato justificado pela atual moradia de Ângela num sítio na região metropolitana da cidade. Ângela passou muito tempo vivendo em Paris e quando voltou ao Brasil resolveu se estabelecer neste sítio. Ao longo dos anos também pode montar um negócio próprio na cidade o que dificultava ainda mais suas idas ao Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo sabia que o fato de residir longe da cidade dificultava o recebimento de visitas. No decorrer da viagem falaram um pouco sobre alguns acontecimentos de suas vidas, sobre suas famílias. Como viajávamos durante a madrugada não demorou muito para que o cansaço e o sono impedissem o desenrolar das conversas até o silêncio tomar assento.

Diário de campo 26 /06/07.

Durante o congresso tive a oportunidade de falar com Ângela a respeito da pesquisa e após ter se interessado em participar combinamos de nos comunicar logo depois do término de nosso retorno. Cheguei a pensar em iniciar alguma entrevista aproveitando o momento, mas depois achei que seria melhor aproveitar para me aproximar mais dela lançando mão da empatia que surgiu entre nós. Algumas vezes compartilhamos o café da manhã servido no hotel e tivemos a oportunidade de almoçarmos por duas vezes durante o congresso uma sozinha, momento que ela comenta sobre sua família, enfatizando seu bom

relacionamento familiar, sobre seu trabalho no salão de festas de sua propriedade, onde é responsável pela decoração, organização da festa e dependendo da festa também faz shows. Em outro momento almoçamos com Raquel e outras travestis e a conversa girou em torno do congresso, as mesas, as apresentações de trabalho, o comportamento das travestis mais jovens [...].

Diário de campo 02/07/07.

Já no decorrer da última etapa do trabalho de campo durante os meses de outubro a dezembro de 2007 retornei a campo com intuito de realizar entrevistas com algumas das interlocutoras que se integraram ao universo de pesquisa na segunda fase do trabalho, como a Ângela e aquelas que se integraram a rede social pesquisada na etapa final da pesquisa etnográfica, como a Sarita e a Isa. Cabe esclarecer que, apesar de ter conhecido Sarita e Isa no final da segunda fase deste trabalho, foi apenas no decorrer da última fase da etnografia que elas, finalmente, se incorporaram ao universo de pesquisa. Contudo, não pude contar com a participação da Ângela na pesquisa. Mais uma vez recorro a trechos de meu diário de campo para que o leitor possa acompanhar este processo:

Venho tentando marcar uma entrevista com Ângela. Cheguei a me convidar para passar um sábado com ela, deixando claro que não me importaria em ir até o sítio já que suas justificativas estavam sempre relacionadas ao seu trabalho no salão e a falta de tempo de ir à cidade. Mas ela delicadamente se desvencilhou de minha proposta me prometendo que, assim que tivesse um tempo, entrava em contato comigo por telefone me avisando que estava indo para o apartamento do irmão na cidade. Decidi não insistir mais e tampouco ela retornou contato. No entanto, o fato de não ter participado efetivamente da pesquisa não impediu que surgisse entre nós uma relação bastante amistosa, em muitas de nossas conversas por telefone conversávamos sobre alguns fatos de sua vida familiar e pessoal e eventos do cotidiano, suas impressões e opiniões sobre o “meio”. Chegamos a nos reencontrar durante um espetáculo que realizou junto com Camille, Fujika, Jane e Marlene, onde conversamos um pouco sobre seu trabalho no salão de festas e os problemas que estava enfrentando com as cobras que estavam aparecendo cada vez mais [...].

Diário de campo 05/12/07.

A primeira vez que vi a Sarita foi nas dependências da Turma ok durante a apresentação de seu show. Era aniversário de Gabriel, um amigo de Camille e um dos maquiadores do salão onde trabalhava. Ela era uma das convidadas do espetáculo e assim que a vi me entusiasmei com a possibilidade de lhe contatar. Chegamos a conversar um pouco após seu show mas em meio a euforia da festa não tive oportunidade de falar sobre a pesquisa. O que só ocorreu durante a última fase do campo através da Camille que conseguiu o telefone dela para mim e me deu a permissão de falar em seu nome quando fosse ligar. Quando telefonei para ela a primeira vez, apesar de me identificar e falar em nome da Camille, ela me pareceu um pouco desconfiada e fez perguntas pessoais ao meu respeito. Mas, por outro lado, foi bastante decidida e marcou um encontro em seu apartamento em Copacabana já para próxima sexta-feira no horário da tarde.

Diário de campo 15/10/07.

Como estávamos sozinhas no camarim, decidi tomar coragem e perguntar a Isa se ela não queria colaborar com a pesquisa que estava fazendo. Aproveitei o fato de que ela parecia mais aberta às aproximações, inclusive tinha me deixado fotografá-la. Sem rodeios ela me diz: tudo bem. Mas você tem que ir lá em casa. Ela não acreditava que eu fosse até à Penha já que ela sabia que alguns dos seus amigos não a visitavam porque morava “longe”, fora do eixo zona sul. Para sua surpresa lhe digo que era só ela me passar seu endereço e me dar algumas orientações de como localizar sua casa, pois nunca tinha ido à Penha.

Diário de campo 19/10/07.

Deste modo, em linhas gerais, pude configurar um universo de pesquisa principal com nove pessoas entre 44 a 68 anos, o que por sua vez traz ao trabalho uma perspectiva intergeracional. O que, num sentido amplo, me permitiu vislumbrar à problemática que envolve a transmissão de uma tradição constituinte do universo das travestilidades através das narrativas de memórias das ‘travestis das antigas’, entendidas aqui como guardiãs da memória de seu grupo mais amplo. Portanto, a importância mesma da transmissão da memória para este universo. Afinal, “as antigas” podem “contar histórias, episódios,

anedotas” de como era a travestilidade antigamente (e, portanto, de como ela é hoje) através de muitos fragmentos da vida cotidiana³⁶.

Os sujeitos desta pesquisa residem em diferentes bairros da cidade, compreendendo o Centro, a Zona Sul (Botafogo e Copacabana), a Zona Norte (Olaria e Penha) e Zona Oeste (Realengo) do Rio de Janeiro. Em sua maioria elas pertencem às camadas médias e média-baixa³⁷, residindo com amigos ou familiares, sendo que duas delas moravam sozinhas. Nos capítulos 4 e 5 desta tese serão esmiuçadas suas trajetórias sociais, estilos de vida (BOURDIEU, 1989) visões de mundo (VELHO, 1999) e “suas artes de fazer e de saber” (DE CERTEAU, 2008). Insisto que as redes sociais pesquisadas se caracterizam, principalmente, por terem como componentes sujeitos que se identificam como “travestis das antigas” e/ou “travestis-artistas”, neste caso, porque atuam em espetáculos de teatro e shows de dublagens, e em menor extensão com algumas que já trabalharam no ramo da prostituição, concomitantes com outras atividades “formais” como funcionalismo público, e a profissão de cabeleireiro, por exemplo.

Até aqui procurei mostrar um breve panorama dos meus percursos para reencontrar antigas interlocutoras de pesquisa e aqueles que me levaram a encontrar novas parceiras. Na continuidade deste trabalho, especialmente no caso de Laura, Raquel e Camille, tais reencontros e encontros serão tratados mais profundamente e as personagens desta investigação serão apresentadas em detalhes. O propósito é justamente envolver o leitor com os pormenores destes encontros e reencontros e lhe dar a oportunidade de se tornar mais íntimo dessas pessoas, mesmo que através do olhar da pesquisadora. Neste sentido, talvez mais um trecho de meu diário de campo poderá servir como uma ponte:

Já um pouco cansadas de caminhar pelas ruas ao em torno do Largo da Carioca, convidei Raquel para fazermos um lanche rápido na Confeitaria Colombo. Enquanto saboreávamos nosso café com bolo de laranja e conversávamos amenidades mencionei que, em seguida, iria até a casa da Laura para lhe dar um abraço de votos natalinos. Para minha surpresa, e certo constrangimento,

³⁶ Aqui me inspirei em algumas das reflexões desenvolvidas por Rafael Devos em sua dissertação de mestrado, *Uma “ilha assombrada” na cidade: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros*, Porto Alegre, 2003.

³⁷ Velho chama a atenção para o fato de que as noções de classe média e trabalhadora são excessivamente vagas e podem escamotear diferenças internas como, por exemplo, as de trajetória social (BOURDIEU, 1974) ou a natureza das redes de relações sociais em que se movem os indivíduos [...]. (VELHO, 1999a, p. 20).

Raquel demonstrou interesse em ir comigo, já que há tempos que não a via e achava que esta seria uma boa oportunidade para lhe fazer uma visita de cortesia. Um pouco sem saber se deveria ou não avisar a Laura desta visita inesperada resolvi arriscar, pois, por outro lado, não queria perder a oportunidade de reuni-las por alguns momentos e, no fundo, supunha que Laura não iria ficar chateada. De qualquer forma, assim que chegamos à portaria do prédio tomei o cuidado de pedir ao porteiro que anunciasse a nossa presença. Enquanto subíamos pelo elevador Raquel comentava comigo que provavelmente a Laura ficaria muito surpresa com sua visita. De fato, Laura não escondeu a surpresa com a presença da Raquel em sua casa, mas tampouco pareceu aborrecida com isto, visto que nos recebeu com simpatia e cordialidade. Assim que entramos, Laura foi mostrando o apartamento para Raquel que tecia comentários comparativos com o antigo apartamento, falando da diferença de tamanho, da decoração, da localização, do prédio etc. Após o tour pelo pequeno apartamento Laura nos ofereceu um café e ficamos conversando um pouco sobre os trabalhos que estava fazendo apesar de suas constantes dores na perna direita. Naquele mesmo dia, mais tarde, Laura ia fazer um show na sauna localizada nas proximidades de seu apartamento e, por ser véspera de Natal, estava justamente pensando em ir fantasiada de mamãe Noel. Aproveito para reforçar minha vontade de ir à sauna com ela apesar de saber que este é um espaço interdito para mulheres. Laura me explica que vai falar com o proprietário, mas me esclarece que não acreditava que minha entrada fosse permitida, e aproveita para frisar: as mariconas³⁸ não gostam de ver travesti por lá, imagina mulher! As duas começam a falar jocosamente dos bofes³⁹ do lugar, se ficavam ou não com a neca⁴⁰ de fora, se andavam só de toalhinha, e acham engraçado o meu interesse em conhecer a sauna. Neste momento, estavam Raquel e Laura sentadas na mesa de jantar, uma de frente para a outra, e eu estava encostada na poltrona em frente à mesa observando as duas conversando sobre mim quase como se eu não estivesse ali, comentavam com um misto de

³⁸ *Maricona* aqui é usado no sentido de classificar homens gays (particularmente os mais velhos) e “afetados”, ou seja, afeminados e que durante a relação sexual são passivos. O termo pode ser utilizado como uma forma de ofensa. Significados bastante semelhantes foram encontrados por Kulick (2008) entre outros.

³⁹ Termo usado entre as travestis para se referirem aos homens.

⁴⁰ Termo êmico que corresponde ao pênis.

satisfação e estranhamento o fato de gostar de estar entre elas, de não me constranger com o comportamento delas, com as maluquices de bicha. Foi quando Laura, em tom jocoso, exclamou: esta daí é a bicha que deu certo. Num primeiro momento supunha que tal frase estaria reforçando a idéia que no fundo toda bicha gostaria de ser mulher, mas depois entendi que a frase expressava muito mais as características do relacionamento desenvolvido entre nós, e acredito que se referia ao prolongamento do meu trabalho com elas.

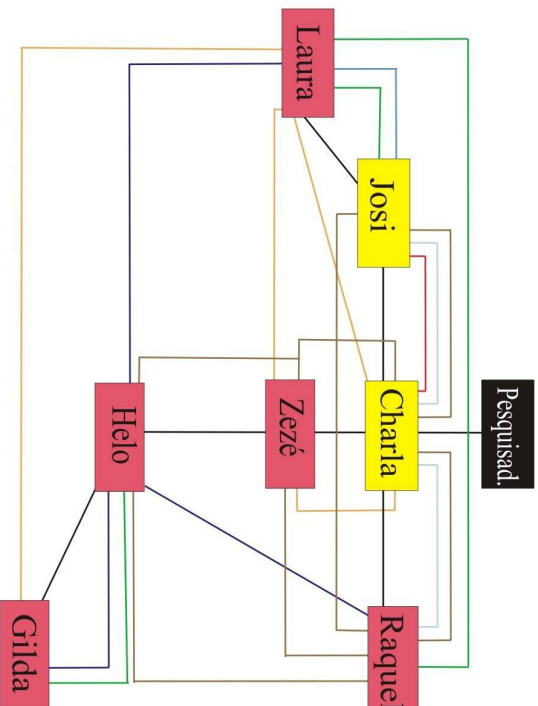
Diário de campo 23/12/2006.

É sabido que a inserção e aceitação no campo são passos decisivos para o desenrolar da pesquisa antropológica. E é sabido também que durante o decorrer do trabalho de campo somos desafiados a todo o momento com os “imponderáveis”, como diria o mestre Malinowski (1978), do encontro etnográfico, ou em termos de Roberto Da Matta (1978) apanhados pelo anthropological blues. Assim, é especialmente no capítulo 4 que procuro acentuar as nuances de uma frase como “a bicha que deu certo” no que concerne ao processo da pesquisa etnográfica. Neste sentido, é necessário pontuar que o universo de pesquisa foi sendo configurado a partir de diferentes redes sociais, como procuro demonstrar através da apresentação abaixo de diagramas realizados por mim das redes sociais correspondentes ao universo de pesquisa durante o mestrado e as distintas fases do trabalho de campo para o doutorado. A escolha de tal procedimento etnográfico será retomada no próximo capítulo, quando menciono os caminhos metodológicos privilegiados para desenvolver esta pesquisa de doutoramento.

Rede social Mestrado (universo de pesquisa)

Legendas

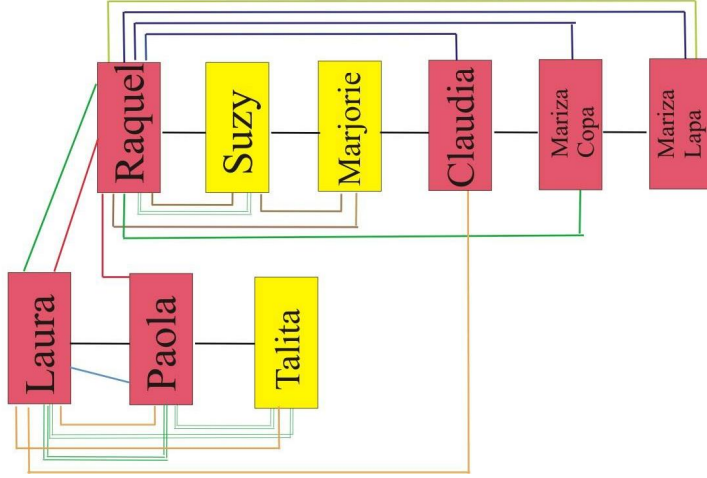
- interlocutoras principais
- interlocutoras ocasionais
- interlocutoras ausentes



- Linhas de contato
- Relações de conhecimento (como se conheceram)
 - batallas (prostituição de rua, cinema)
 - universo artístico (teatros, shows, cabarets)
 - sociabilidade (rua, praça, parque, bailes)
 - chá das travestis
- Relações de amizade*
- Relações de vizinhança
- Relações de trabalho (universo artístico)
- Relações políticas (ONGs)

*Relações de amizade "estritas" "trouxas"

Rede social Doutorado (1ª fase do trabalho de campo)



Legendas

- interlocutoras principais
- interlocutoras ocasionais
- interlocutoras ausentes

— Linhas de contato

Relações de conhecimento (como se conheceram)

- batalha (prostituição de rua, cinema)
- universo artístico (teatros, shows, cabarets)
- sociabilidade (rua, praça, parque, bailes)

Relações de amizade*

Relações de vizinhança

Relações de trabalho (universo artístico)

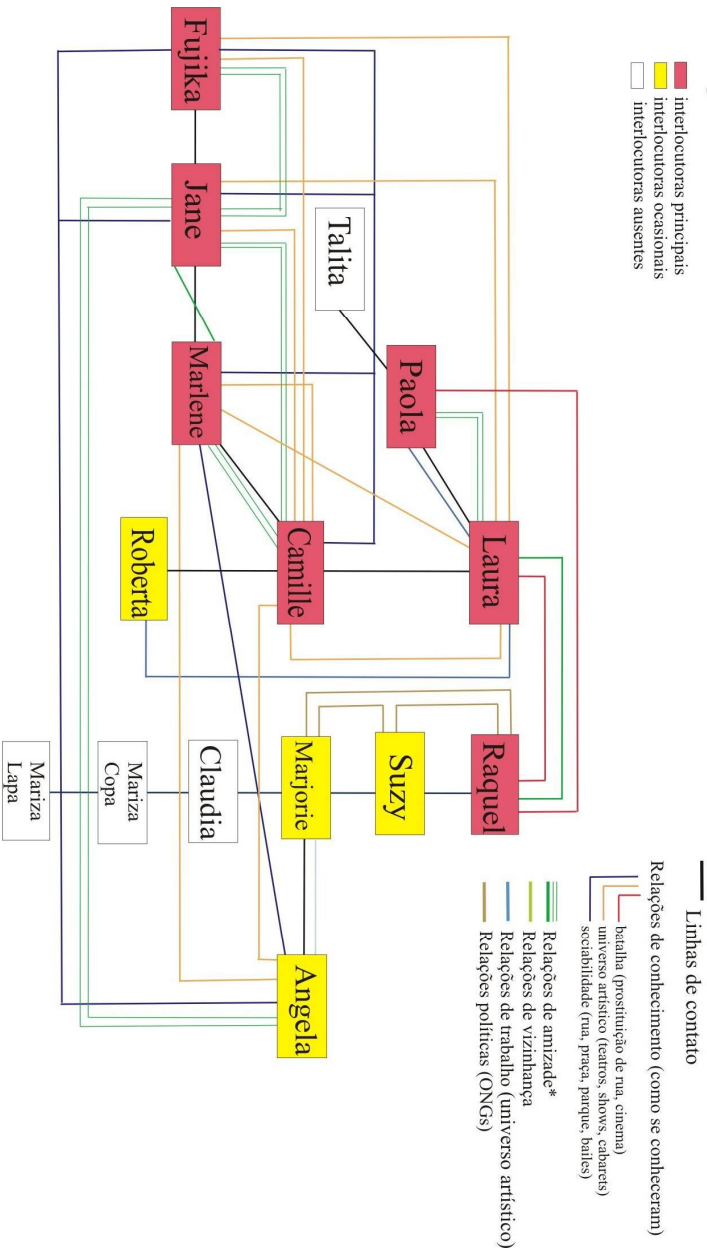
Relações políticas (ONGs)

*Relações de amizade
 estreitas
 "frouxas"

Rede social Doutorado (2ª fase do trabalho de campo)

Legendas

- interlocutoras principais
- interlocutoras ocasionais
- interlocutoras ausentes



* Laura tinha falecido nessa fase
 **Relações de amizade
 — estranhas
 — trouxas*

Rede social Doutorado (3ª fase do trabalho de campo)

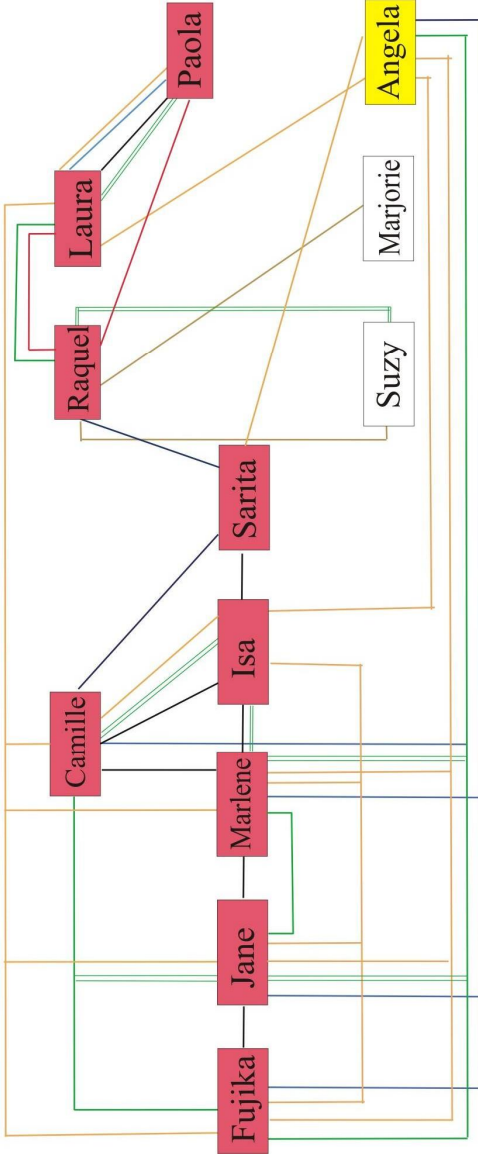
Legendas

- interlocutoras principais
- interlocutoras ocasionais
- interlocutoras ausentes

— Linhas de contato

Relações de conhecimento (como se conheceram)

- batalha (prostituição de rua, cinema)
- universo artístico (teatros, shows, cabarets)
- sociabilidade (rua, praça, parque, bailes)
- Relações de amizade*
- Relações de vizinhança
- Relações de trabalho (universo artístico)
- Relações políticas (ONGs)



* Laura tinha falhado nesta fase
 **Relações de amizade
 "Irouxas"

CAPÍTULO II

Sobre as *ferramentas* de trabalho: as escolhas e decisões no plano metodológico

Neste capítulo, como o próprio título já anuncia, apresento os procedimentos teórico-metodológicos utilizados para desenvolver a pesquisa de doutoramento e as condições em que foi produzido o material etnográfico.

2 Narrativas biográficas

O uso da narrativa em Antropologia remonta a muitos autores como Turner (1986, 1981), Bauman (1986), Rosaldo (1986), Bertaux (2005), Langdon (1999, 2001), Maluf (1992; 1999b) entre outros. Aqui o enfoque é a narrativa entendida como relatos biográficos de ciclos de vida, onde o sujeito fala situando-se em contextos sociais vividos e reinterpretados no presente (ECKERT, 1996-1997, p. 23). Assim, outro autor que tomo como referência para pensar a questão em torno do estudo de narrativas biográficas é o filósofo francês Paul Ricoeur que nos indaga: “Como falar de uma vida humana como de uma história em estado nascente se não existe experiência que não esteja já mediatizada por sistemas simbólicos e entre eles, os relatos, se não temos nenhuma possibilidade de acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas a esse respeito por outros ou por nós mesmos?” (RICOEUR, 1983, p. 141 *apud* ARFUCH, 2002 tradução minha). Portanto, o tempo, dimensão fundamental neste trabalho, de acordo com Ricoeur, só se tornaria humano na medida em que é articulado sobre um modo narrativo. Seria através da narrativa que o sujeito se apropria do tempo dando sentido e uma coerência a sua vida .

De acordo com Ricoeur, as vidas humanas, suas histórias, não devem ser entendidas como algo “dado”, mas são, por sua vez, refiguradas por meio das narrativas através das quais os sujeitos se constituem a si próprios num movimento de interpretação e reinterpretação de si. E é neste movimento que os indivíduos constroem uma identidade narrativa (RICOEUR, 1991). Deste modo, as travestis ao narrarem suas vidas, suas memórias, estão definindo relacionalmente suas identidades (GRAEFF, 2007). Assim as narrativas biográficas (RICOEUR, 1983, 1994; ECKERT & ROCHA, 2005) e as trajetórias sociais (BOURDIEU, 1974; SCHUTZ, 1979) dos sujeitos que fazem parte desta pesquisa foram recolhidas através

da realização de entrevistas não-diretivas (THIOLLENT, 1980) e conversas informais durante momentos do desenrolar da observação participante, em reuniões familiares, em festas, shows, reuniões da ONG Astra Rio, durante as caminhadas pela cidade com algumas interlocutoras, e após o término das entrevistas, durante “o lanchinho da tarde” com a Sarita e a Dona Dolores⁴¹, durante o cafezinho com a Laura, a Isa e a Marlene, durante os almoços e jantares com a Raquel e a Fujika, nas despedidas no portão ou simplesmente em meio às ruas da cidade.

É particularmente através do “trabalho da memória” (HALBWACHS, 2004) que tive acesso às narrativas biográficas e as trajetórias sociais das travestis. Na busca de descrever e interpretar suas memórias esta tese segue as linhas de pesquisas realizadas por Eckert & Rocha (2005) que, inspiradas em autores como Gaston Bachelard (1988), Gilbert Durand (1988, 1999) e Paul Ricoeur (1991, 1994, 2001), propõem o estudo das narrativas da memória como parte de uma etnografia da duração. Parafraseando as autoras, esta tese aceita como suposto que a matéria das lembranças ou reminiscências de um tempo vivido pelas travestis na cidade do Rio de Janeiro adquire uma substância somente se ela se temporaliza sob formas de ondulações do próprio ato que encerra o tempo pensado. Deste modo, tais ondulações rítmicas⁴², com as quais opera a inteligência humana face às falhas do tempo, é que são responsáveis pela propagação da memória (ECKERT & ROCHA, 2005, p. 153-154). Assim, a etnografia da duração trataria a memória das travestis como conhecimento de si e do mundo a partir do trabalho de recordar narrados por elas. O fundamental é que a partir desta perspectiva a ‘memória da travestilidade’ não seria a manifestação de um eu profundo, simples repetição, mas composição do seu passado, e, porque não, do seu futuro.

Ao fazer um exame aprofundado das narrativas de memórias de travestis esta tese de doutorado pretende colocar em relevo as relações entre memória individual e coletiva pensadas em articulação com o viver cotidiano destes atores sociais no contexto de uma grande metrópole contemporânea. Neste sentido, mais uma vez concordamos com Eckert & Rocha (2005, p.92-93), quando dizem que estudos mais detalhados sobre o fenômeno da memória coletiva e da estética urbana, numa perspectiva que alia as análises macro e micro sociológicas dos fenômenos culturais na e da

⁴¹ Dona Dolores, uma senhora de 80 anos, antiga empregada dos pais de Sarita e que foi sua babá quando criança.

⁴² De acordo com Bachelard (1994), “longe de os ritmos serem necessariamente fundados numa base temporal uniforme e regular, os fenômenos da duração é que são construídos com ritmos”. (*Ibid.*, p.9)

cidade, aparecem não apenas como referência essencial para o entendimento da reconstrução de identidades de grupos e indivíduos na realidade contemporânea do país, do repensar de seus valores e estilos de vida e da reorganização de seus projetos e aspirações, mas também como instrumento para se refletir sobre o viver urbano no que aí se processa.

2.1 Entrevistas não-diretivas

O uso de entrevistas não-diretivas se apóia em Thiollent (1980), para quem o indivíduo é considerado como portador de cultura que a entrevista não-diretiva pode explorar a partir das verbalizações, inclusive as de conteúdo afetivo. Nelas são procurados sintomas dos modelos culturais que se manifestam na vivência dos indivíduos ou grupos considerados (THIOLLENT, 1980, p. 85 *apud* DIÓGENES, 1998). Cabe esclarecer que, neste trabalho, o uso de entrevistas não-diretivas se deu através da confecção de um roteiro temático que serviu como orientador da situação de entrevista. Logicamente que este roteiro ficava submetido à interação entre a pesquisadora e as interlocutoras e ao próprio fluxo espontâneo de suas memórias. Muitas vezes durante a entrevista mais formal eu chegava com minhas “fichas temáticas” e embarcávamos ambas, pesquisadora e entrevistada, em outras estórias fantásticas⁴³. Durante o trabalho de campo foram acumuladas aproximadamente 49 horas de entrevistas gravadas considerando o universo de pesquisa em conjunto. O tempo de duração das entrevistas individuais variavam entre uma a duas horas estando sempre submetido à disponibilidade dos sujeitos da pesquisa.

O roteiro de entrevistas foi estruturado com tópicos temáticos, e perguntas gerais que buscavam atingir a narrativa biográfica, a trajetória social, as experiências na cidade, itinerários cotidianos, formas de sociabilidade, representações e percepções da cidade, sobre o bairro onde moravam e trabalhavam. Na maior parte das vezes as entrevistas foram realizadas na residência das interlocutoras. Nestes casos, normalmente nos encontrávamos sozinhas, com exceção de duas entrevistas realizadas com Laura quando, por duas vezes, contamos com a companhia discreta e tímida de Luiza, uma travesti de 72 anos amiga sua⁴⁴. Nestas ocasiões, Laura, em alguns momentos, recorria à amiga para compartilhar e apoiar suas

⁴³ Aqui faço uma breve alusão à idéia da memória como um *espaço fantástico* (ECKERT & ROCHA, 2005).

⁴⁴ Luiza tem nacionalidade argentina e vivia no Rio de Janeiro há mais de 40 anos. Foi convidada por mim e pela Laura para colaborar mais efetivamente na pesquisa, mas nunca aceitou alegando problemas de saúde (na época submetia-se a seções de fisioterapia devido a problemas de coluna) e emocionais.

memórias (HALBWACHS, 2004), ao mesmo tempo Luiza intervinha de forma curiosa e terna interessada em compreender o que estava fazendo, e para quê. Por outro lado, quando as entrevistas não se davam no ambiente doméstico eram realizadas nos locais de trabalho das interlocutoras. Deste modo, a situação de entrevista ganhava outra dinâmica relacional devido às eventuais intervenções de companheiros de trabalhos e clientes, que às vezes participavam com perguntas ou simplesmente através da observação atenta e silenciosa. Inicialmente temia que ao realizar as entrevistas no ambiente de trabalho poderia constrangê-las a falar sobre temas mais íntimos. No entanto, quando os assuntos abordados as levavam a narrar mais abertamente sobre estes temas elas mesmas interferiam criando o ‘contexto necessário’ para sentirem-se mais à vontade comigo, para isso, podiam ora impedir que a entrevista fosse assistida ou nos movíamos para algum lugar considerado mais apropriado. Por sua vez, fui percebendo que, em grande parte, as “intervenções” ora se transformavam em “testemunhos” (BOSI, 1994) ora as estimulavam a entregarem-se a “arte de narrar” (BENJAMIN, 1993).

Por outro lado, era também uma oportunidade para compreender as “imagens de si” e as “performances de gênero” que estavam em jogo no momento da entrevista e que interferem na construção da narrativa, afinal, toda narrativa pressupõe uma performance que se desenrola num contexto entre aquele que narra e aquele que ouve (BAUMANN, 1986). Isso porque a “audiência” e o contexto são determinantes no processo narrativo⁴⁵. Como aponta Piña (1991) todo relato autobiográfico é gerado tendo em vista suas condições materiais e simbólicas. Deste modo, deve ser compreendido como um produto de uma relação específica e as condições materiais e simbólicas, nas quais o relato surge, atuam como um conjunto de modeladores, pois se supõe que: “Ao contar uma vida, se está construindo uma imagem dirigida a um público, mais ou menos particularizado. Até a confissão mais íntima, espontânea, sem testemunhos, a narração de uma vida será estruturada em termos de uma imagem, para ser consumida por outros e por si mesmo” (1991, p. 119, tradução minha).

Na medida do possível procurava realizar uma primeira escuta das entrevistas a fim de fazer um apanhado geral dos temas abordados e, assim, em outras ocasiões de entrevistas e/ou conversas informais poderia esclarecer dúvidas, introduzir novos temas, sempre no sentido de promover

⁴⁵ “Nas performances narrativas o tempo e o espaço do contador encontram-se com o tempo e o espaço da audiência, propiciando uma interação, um diálogo e uma troca de experiências que estão, neste “aqui e agora” compartilhado, mostrando a própria cultura em emergência (BAUMAN, 1977 *apud* HARTMANN, 2005).

uma maior loquacidade do interlocutor, logicamente que isto se dava também na medida em que o trabalho de campo avançava, as nossas relações se tornavam mais estreitas e íamos nos tornando mais “conscientes” da pesquisa. Afinal, como bem observa a antropóloga Paula Montero⁴⁶, “a pesquisa é sempre um processo, portanto o informante⁴⁷ e mesmo o antropólogo não controlam de antemão os objetivos e os desdobramentos de uma pesquisa”. Por sua vez, parafraseando Graeff (2007), a cada entrevista, ao buscarem coerência pelo pensamento, as “senhoras” desta pesquisa estão consolidando sua duração social, reinventando a pertinência de eventos e personagens e se inscrevendo na memória coletiva. Assim, elas comparam recordações contraditórias, superam lacunas em suas trajetórias e colocam em debate recordações e contra-recordações (BACHELARD, 1984 *apud*, GRAEFF, 2007).

2.2 O trabalho de campo na cidade – etnografia de rua, itinerários urbanos e observação participante

O edifício onde mora a Laura fica nos fundos de uma pequena praça que serve de estacionamento e onde está agora um senhor vendendo, na esquina, artigos para o lar como abridores de lata, de garrafa, colher de pau em madeira, filtro de pano para café, tomadas, além de pequenos objetos de consumo pessoal como pentes, espelhos, isqueiros, lixas de unha, tesouras, entre outras miudezas. É quase como um mini mercado na rua. Bem em frente à entrada do prédio, bem próxima à rua, uma mulher com uns trinta anos vende cachorro quente, refrigerantes e coco. Ainda em baixo do prédio tem uma lavanderia, uma casa lotérica e uma pequena imobiliária, e o tradicional ponto de referência do local o bar “Princesinha da Lapa”, de onde escrevo e de onde posso ver pintado, em um dos muros que cercam a praça do lado esquerdo, uma espécie de réplica dos sobrados germinados que fazem parte da paisagem do local. Este pedaço da rua é repleta de lojas comerciais, mas é bastante residencial também. Afinal, em cima de muitas dessas lojas, moram pessoas em vagas e quartos. Observando a parte de cima dos sobrados é possível presenciar alguns flagrantes domésticos: roupas estendidas em varais improvisados, um homem jovem fumando na varanda, um casal conversando na janela. Como os

⁴⁶ Depoimento dado a Vagner Gonçalves da Silva no livro *O antropólogo e sua magia* (2000).

⁴⁷ Prefiro pensar em termos de interlocutor/a (OLIVEIRA, 2000).

flagrantes domésticos por vezes podem passar despercebidos pelos transeuntes apressados, algumas cenas tidas como tradicionais do bairro podem também passar despercebidas pelos mais apressados que talvez não observem os muros pintados fazendo referência às rodas de samba e aos lendários personagens do local como os malandros, por exemplo. Enquanto caminhava pelas calçadas anotando em meu caderno de notas e sendo, logicamente, observada pelos mais atentos, me dei conta da presença de uma intensa sociabilidade entre os comerciantes do local. Vi que em muitas das lojas as pessoas conversavam animadamente do lado de fora compondo ludicamente o cenário. Daqui da mesinha vermelha do Princesinha da Lapa, olhando mais de longe este cenário cheio de cores, rumores, sons e odores, a beleza destes sobrados tão maltratados, fiquei pensando no quão acolhedor é este local para a Laura. Uma rua que, para mim, durante o tempo em que estudei e trabalhei na cidade e percorria algumas ruas do centro e arredores, tinha como diria o cronista João do Rio, uma alma, um tanto sinistra e perigosa.

Diário de campo, 2 /03/07.

O antropólogo Ruben Oliven, no artigo *Por uma Antropologia em Cidades Brasileiras* (1980), observa que:

Um dos principais desafios do antropólogo que pesquisa sociedades complexas reside justamente em procurar interpretar sua própria cultura e questionar seus pressupostos que são freqüentemente aceitos como dados inquestionáveis pela maioria da população em geral e mesmo por vários pesquisadores. Neste sentido, uma boa Antropologia, para ser uma boa Antropologia das Sociedades Complexas, necessita ser radical, no sentido etimológico do termo, isto é procurar ir na raiz dos fenômenos que estuda, sem ter medo de desafiar tabus e conhecimentos consagrados (OLIVEN, 1980, p. 34).

Por sua vez, realizar trabalho de campo em uma metrópole como o Rio de Janeiro é, sem sombras de dúvidas, parafraseando Eckert & Rocha (2005), um debruçar-se sobre a heteronímia da vida social [...], ou seja,

[...] indagar-se sobre o lugar que ele (o antropólogo) ocupa no diálogo com seus interlocutores, os moradores do local. De um lado trata-se de

investigar o “tempo do mundo” que rege o ritmo dos acontecimentos da vida dos grupos e, de outro, repertoriar o tempo imanente dos sentimentos e emoções coletivas de tais grupos humanos, inclusive do antropólogo (*Ibid.*, p. 96).

A cidade do Rio de Janeiro possui uma população com mais de 5,8 milhões de habitantes⁴⁸, sendo que os seus 160 bairros são organizados em 33 regiões administrativas concentradas no Centro, Região Portuária, Zona Norte, Zona Sul e a Zona Oeste que, por sua vez, possuem características sociais, culturais, econômicas, arquitetônicas e urbanísticas muito diferenciadas. Em linhas gerais, o Centro caracteriza-se tradicionalmente como pólo dos setores financeiro, de serviço terciário e de comércio e onde se concentra as repartições públicas. É no Centro que se pode encontrar a maior parte dos monumentos históricos como os Arcos, o Paço Imperial, e alguns dos edifícios da chamada “Belle Époque” carioca, como o Teatro Municipal⁴⁹. A Zona Sul⁵⁰, em termos gerais, é caracterizada tradicionalmente pelas praias, espaços abertos, corpos bronzeados, ruas e calçadas arborizadas, edifícios modernos, população das camadas médias e da elite, comércios de nível internacional, é o centro turístico da cidade e é identificado com um estilo de vida mais ‘liberal’ e ‘sofisticado’. Em contraste, a Zona Norte⁵¹, caracterizada por sua paisagem mais árida, seus edifícios antigos, é, tradicionalmente, a zona das indústrias e fábricas, cuja população abrange as camadas mais populares, e um estilo de vida identificado como conservador (LINS DE BARROS, 2001). Conforme Gontijo (2002), citado por Pereira (2004, p.290):

A divisão territorial define a diversidade cultural e social que existe entre os habitantes não só da Zona Norte e da Zona Sul, mas também do subúrbio da

⁴⁸ Dados recolhidos do site oficial da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁹ Nas últimas décadas, o bairro passou a ser expressivamente incorporado no roteiro turístico da cidade atraindo um ‘turismo histórico’.

⁵⁰ De acordo com Geiger a chamada Zona Sul se estende entre os morros do maciço e as praias oceânicas, e a entrada da baía. O trecho oceânico começou a ser urbanizado com a abertura do Túnel Velho em 1892, logo seguida pela introdução de linha de bonde. Compreende as RA’s (Regiões Administrativas) de Botafogo, Copacabana, Lagoa e Rocinha, esta, nas encostas faveladas do morro da Gávea.

⁵¹ Já os bairros da Zona Norte são aqueles que se situam do lado norte do maciço da Tijuca estendendo-se até a linha ferroviária da Central. Compreende bairros como Tijuca, Vila Isabel, Engenho Novo, Méier, Madureira, Bonsucesso, Penha, Olaria, Ramos, Piedade, Inhaúma entre outros. Para maiores informações ver: GEIGER, Pedro. *A metrópole e a cidade do Rio de Janeiro*. In: <portalgeo.rio.rj.gov.br>. Acessado em março de 2009.

Baixada Fluminense, do Centro e da “miamizada” Barra da Tijuca, símbolo de ascensão social. Com a chegada de emigrantes estrangeiros e brasileiros primeiro na Zona Norte, formando uma comunidade trabalhadora e operária, criou-se um espaço de oposição para a elite na Zona Sul, que introduziu uma forma diferente de viver a cidade, adotando hábitos praianos. A partir daí, surge a valorização de uma ‘morenidade’ carioca e o ‘ciclo festivo do verão’, que inclui as festas de fim de ano, as religiosas e o carnaval.

Uma cidade considerada como uma colcha de retalhos de ricos e pobres vivendo relativamente próximos (PARKER, 2002). Além disso, reconhecida e exaltada por sua geografia exuberante que, em parte, lhe proporcionou um “ineditismo urbano” ao combinar em seu território montanhas, floresta e praia (SEGRE, 2008). É, tradicionalmente, a principal cidade turística do Brasil, sendo ainda hoje a cidade brasileira que mais recebe viajantes estrangeiros ao mesmo tempo em que o turismo é sempre apontado como um fator fundamental para a revitalização econômica da cidade e um elemento constitutivo de sua identidade de ‘Cidade Maravilhosa’ (CASTRO, 1999, p. 81).

Identificada pela alegria e sensualidade de seus habitantes, pela música, tendo o samba e a bossa nova como referências, pela grandiosidade e esplendor de seu carnaval, sendo “a mulata” - que traz em si uma síntese estereotipada da mulher brasileira, pautada pela sensualidade, beleza e exposição do corpo, erotismo, símbolo e objeto sexual - um dos principais produtos de exportação. É também a cidade conhecida por seus contrastes sociais e econômicos a tal ponto que alguns autores a definam como uma cidade partida (VENTURA, 1994). Para outros autores (OLIVEIRA, 2000), ela é a cidade que sempre se pautou por um padrão cosmopolita que remonta a época em que foi capital do país, ou seja, cidade que tem como um dos traços característicos a fusão de gêneros, ritmos, e, enquanto tal, mantém sua posição de capital da cultura construindo modelos que são divulgados pelo país e pelo mundo (Ibid., p. 12).

Enfim, uma cidade que, ao longo de sua história, tem sido inspiração para pintores, fotógrafos, músicos e escritores como Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto, Nelson Rodrigues (FACINA, 2007), que, através de suas obras, expressam diferentes formas de se apropriarem, ‘experienciar’ a cidade através de suas narrativas visuais e/ou escritas como as interlocutoras deste trabalho que através de suas memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos nos convidam a pensar e vivenciar a

cidade que habitam como “uma entre tantas outras formas de viver o urbano” (ECKERT & ROCHA, 2005).

Ao mesmo tempo, quando se trata de realizar trabalho de campo no Rio de Janeiro, deve-se considerar o que Velho (2007) coloca que, na cidade, a dimensão da violência teria hoje a capacidade de interferir mesmo em pesquisas não voltadas ao tema, enquanto risco a ser constantemente avaliado na prática do trabalho de campo ou mesmo como tópico de reflexão mais sistemática. Neste sentido, não foram poucas às vezes em que fui aconselhada, seja por minhas interlocutoras, a evitar determinados itinerários dependendo dos horários, seja por transeuntes, durante as saídas de campo para fotografar alguns lugares na cidade.

Em relação à escolha da cidade do Rio de Janeiro como lócus da pesquisa remeto-me à pesquisa de mestrado quando imaginei que não haveria lugar mais propício para encontrar travestis envelhecidas, como pude comprovar à medida que ia tomando conhecimento da literatura antropológica sobre o universo travesti durante o mestrado. Ao mesmo tempo em que a própria história da emergência e do desenvolvimento da travestilidade, como fenômeno social e cultural, tem como referência principal a cidade do Rio de Janeiro, a partir de personagens e lugares emblemáticos como Madame Satã⁵², o bairro da Lapa, situado no centro da cidade e que destaca-se por sua notória vida noturna e ‘boêmia transgressora’, que remonta aos antigos cabarés e zonas de meretrício (ELIAS, 2005) e a partir das festividades do carnaval articuladas à experiência da travestilidade (GREEN, 2000; FIGARI, 2007) entre outros elementos que serão tratados com mais profundidade no capítulo que se segue.

Assim como mencionei anteriormente, ao chegar à cidade do Rio de Janeiro para iniciar o trabalho de campo minhas motivações principais eram localizar as antigas interlocutoras, retomar contatos com elas e fixar residência na cidade. Em princípio tinha em mente me estabelecer na região do Centro, ou em bairros próximos como Glória e Catete, tendo em vista que as antigas interlocutoras do mestrado moravam, em sua maioria, nestas regiões e os propósitos metodológicos da pesquisa de compartilhar de seus itinerários urbanos e de suas interações cotidianas.

No entanto, estabelecer-me no Rio de Janeiro, para minha surpresa, representou um desafio e uma significativa demanda de tempo e cansaço

⁵² Madame Satã - nome de batismo João Francisco dos Santos-, negro de 1 metro e 75, forte e parrudo; tinha os cabelos pretos, longos e lisos [...]. Foi o malandro valente e homossexual mais conhecido da antiga Lapa [...]. Também era conhecido pelo nome com que trabalhava no teatro: *Mulata do Balacochê*. Foi inclusive, o primeiro *travesti artista* do Brasil. (DURST, 2005, p.18).

físico, já que pretendia alugar por um período de oito a nove meses e as inúmeras imobiliárias que contatei, em geral, só alugavam com contrato de 30 meses. Além disso, as imobiliárias e agências de turismo que alugavam através do sistema de temporada, estipulavam um período máximo de permanência de até três meses e os preços dos aluguéis eram altíssimos. Assim, depois de muito procurar em classificados de jornais, em sites especializados em aluguéis por temporada e de caminhar muito perguntando a porteiros, de indagar com as próprias interlocutoras da pesquisa na época, consegui, através de um anúncio de jornal, alugar um quarto e sala na Rua Almirante Gonçalves altura do posto cinco em Copacabana.

O bairro de Copacabana é um bairro emblemático da cidade do Rio de Janeiro. Em sua formação caracterizava-se por ser uma grande praia delimitada por morros e habitada pelos índios tamoios que a batizaram com o nome de Sacopenapã. O nome que conhecemos hoje surgiu no século XVII e está vinculado à descoberta, pelos pescadores, da região de uma imagem da virgem de Copacabana. As dificuldades de se chegar ao bairro, devido aos morros, fez com que o bairro passasse a ser ocupado sistematicamente a partir do final do século XIX após a abertura do túnel Real Grandeza permitindo a ligação com seu bairro vizinho, Botafogo (FRAIHA & LOBO, 1998, p.13-14). Com a reforma, empreendida pelo Prefeito Pereira Passos, nos primeiros anos do século XX, o bairro foi sendo remodelado, ruas, avenidas e praças foram configurando o espaço. Todavia, é somente a partir da segunda metade do século XX que se verifica um crescimento da região, coincidindo com o processo de industrialização por qual passava o país. Sem dúvidas, um marco para o bairro foi à construção do Hotel Copacabana Palace, em 1923, que colocou Copacabana no cenário internacional. A partir das décadas de 40 e 50 se dá uma grande expansão imobiliária do bairro através da construção de inúmeros edifícios e Copacabana passou a ser um bairro eminentemente de prédios (VELHO, 1999d).

Caracteriza-se, durante muitos anos, por ser um bairro moderno e sofisticado, gestor de comportamentos e hábitos, muitos deles relacionados às apropriações da praia, um dos principais territórios de lazer. Morar em Copacabana tornou-se símbolo de status social (VELHO, 2002a), noção que estimulou em muito a ocupação desordenada de seus territórios. A criação do mito Copacabana só é possível em um tipo de sociedade em que exista uma identificação entre local de residência e prestígio social de tal forma acentuada que a simples mudança de bairro possa ser interpretada como ascensão social (VELHO, 2002a). E se até a década de 60 havia um predomínio de

camadas médias superiores com a especulação imobiliária isto vai, progressivamente, se modificando atraindo pessoas provenientes de setores mais populares. Nas últimas décadas sofreu um processo de decadência e perda de status justificado, principalmente, pelo seu crescimento desordenado e a expansão de moradias irregulares em seus morros, transformando-se em uma das maiores concentrações urbanas do país.

Em linhas gerais, é um bairro cosmopolita, que se caracteriza, sobretudo, pela heterogeneidade de grupos sociais, um comércio muito diversificado que o torna, como bem assinalou Velho, uma espécie de outro centro da cidade aonde as pessoas vão para fazer compras, se divertirem, devido não só a praia, mas as muitas outras opções de lazer como: cinemas, boates, bares, restaurantes, além, obviamente, de suas praças. O bairro também é identificado com a oferta de mercado sexual, com suas ‘garotas de programas’ (GASPAR, 1985), concentradas em algumas das boates do bairro e/ou simplesmente em pé do lado de fora dos bares e restaurantes que ficam na Avenida Atlântica, e logicamente pela prostituição travesti. Desde pelo menos fins da década de 50 do século passado vem se consolidando um “circuito gay” de grande destaque internacional (GREEN, 2000). Ainda hoje é considerado o principal destino turístico da cidade, ir ao Rio de Janeiro sem conhecer Copacabana é como se não tivesse ido à cidade. Ao mesmo tempo, Copacabana é o bairro onde tem a maior concentração da população idosa da cidade e onde reside não apenas duas interlocutoras desta pesquisa, mas muitas outras jovens travestis que residem no bairro em minúsculos apartamentos, além de algumas de mais idade com as quais pude manter um contato, apesar de não formarem parte da pesquisa.

Uma outra técnica utilizada durante a realização do trabalho de campo na cidade do Rio de Janeiro foi o exercício da etnografia de rua (ECKERT & ROCHA, 2003) a partir, principalmente, de caminhadas pelos bairros de moradia e/ou do trabalho das interlocutoras feitos em sua companhia ou em eventuais passeios por alguns locais da cidade sempre articulada ao exercício da observação participante. Ressalto que a utilização desta técnica se deu de forma mais expressiva com algumas das interlocutoras da pesquisa em especial com Laura, Marlene e Raquel. Segundo Eckert & Rocha (2003, p.4) a técnica de etnografia de rua consiste:

Na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas “sem destino

fixo” nos seus territórios. A intenção não se limita, portanto, apenas a retornar o olhar do pesquisador para a sua cidade por meios de processos de reinvenção/reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana. Assim, o ato simples de andar torna-se estratégia para igualmente interagir com a população com as quais cruzamos nas ruas.

Apesar de na primeira fase do trabalho de campo ter acompanhado Raquel e Laura em alguns dos seus itinerários pelos seus bairros de moradia de dia e de noite, e de termos realizado algumas saídas noturnas pela Lapa, foi durante a segunda e a terceira fase do trabalho de campo que esta prática ganhou mais densidade, principalmente com a Raquel e a Marlene. Em alguns momentos foi possível articular a prática da etnografia de rua com o uso da fotografia como parte de minha caminhada no processo de reconhecimento dos lugares da pesquisa e de alguns dos lugares da cidade evocados pelas travestis através de suas memórias, compreendidas como narradoras de suas experiências vividas e revividas na cidade do Rio de Janeiro, ao longo de suas trajetórias. Realizar caminhadas com as interlocutoras foi fundamental para compartilhar com elas alguns de seus itinerários urbanos e captar seus usos e apropriações do espaço urbano, bem como observá-las em pleno processo de interações e negociação da realidade da vida cotidiana (BERGER & LUCKMANN, 1983).

Neste sentido, cabe esclarecer ainda que, tomo a cidade como objeto temporal (ECKERT & ROCHA, 2005), o que significa, segundo as autoras, que devemos considerar que “a cidade e seus arranjos da vida social, no contexto das atuais modernas sociedades complexas, devem ser pensadas desde a perspectiva das durações de instantes descontínuos que orientam a experiência humana de seus habitantes, os quais além de serem atores e autores, também assumem o lugar de personagens da vida urbana” (*Idem.*, 2008, p.6). Assim, a cidade do Rio de Janeiro será ‘abordada’ através das narrativas, dos itinerários e das formas de sociabilidades das travestis que são sujeitos desta pesquisa. Levando em conta que, “a descrição da cidade que somos nós, e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes, tanto quanto do etnógrafo que reinterpreta as interpretações dos habitantes que pesquisa em suas trajetórias” (*Idem. Ibid.*, p.1).

2.3 O uso das imagens e a pesquisa antropológica

O uso das imagens no âmbito das ciências sociais, principalmente na pesquisa antropológica, mesmo que timidamente, e, principalmente, restrita a fins ilustrativos, e como forma de documentar a realidade social, servindo em grande parte ao antropólogo como uma evidência de ter estado lá (BITTENCOURT, 1994), acompanha o desenvolvimento de nossa disciplina desde seus primórdios. Malinowski, durante sua pesquisa de campo, no ano de 1914, na Melanésia, primeiro nas ilhas Mallu, e mais tarde nas Ilhas Trobriand, lançou mão do instrumento fotográfico para registrar cenas da vida cotidiana, objetos de uso pessoal, como colares e braceletes entre outros⁵³.

Para Samain (1995), Malinowski não usava a fotografia apenas como material ilustrativo, pois, ao legendar suas fotos, procurava estabelecer uma interação entre as imagens e o texto. Margareth Mead (1975), por exemplo, já criticava os antropólogos que, por sua vocação pela escrita, atendo-se aos tradicionais métodos de pesquisa não usufruíam das infinitas possibilidades que o material visual podia oferecer. Neste sentido, segundo Rocha (2003, p.123):

O problema acerca da depreciação da imagem técnica nas diversas formas do pensamento antropológico deriva da forma como o pensamento científico processou uma higienização do mundus imaginalis no interior do logos racional, tratando-o como fenômeno resultante da vacuidade essencial da consciência ao orientar-se progressivamente na busca de um pensamento purificado de imagens.

Voltando aos nossos ousados pioneiros, Mead, juntamente com Bateson, entre 1936 e 1938, em seus estudos comparativos sobre as diferentes maneiras das mães se relacionarem com os seus bebês em Bali, nos EUA e na Nova Guiné, fez uso da fotografia e do cinema não somente como meio de descrever o comportamento humano, mas como instrumento fundamental de análise de diversas situações culturais.

⁵³ No mesmo ano de 1922, data da publicação dos *Argonautas do Pacífico Ocidental* – obra de maior popularidade de Malinowski – Robert Flaherty, em expedição ao Ártico Canadense, realizou um documentário sobre a vida cotidiana de uma família de esquimós Inuit. O filme “Nanook of the North” tornou-se um marco da produção do cinema etnográfico. Para maiores informações sobre o panorâmico histórico do desenvolvimento da Antropologia Visual ver: MACDOUGALL (1994) PIAULT (1994) MONTE-MÓR & PEIXOTO (1995) EDWARDS (1996).

Nos últimos anos, mais e mais antropólogos brasileiros vêm fazendo uso da imagem técnica⁵⁴ (videográfica e/ou fotográfica) em suas pesquisas (MONTE-MÓR, 1985; LINS DE BARROS, 1989; ROCHA, 1994; RIAL, 1995; ACHUTTI, 1997; SAMAIN, 1995, GOLDOPHIN, 1995; NOVAES, 1996; PEIXOTO, 2000a; ALVES, 2004, entre outros), indo além do seu potencial ilustrativo e do caráter de veracidade que é diretamente associado a essa prática, buscando, assim, obter informações suplementares para seus estudos e vendo, principalmente nessa metodologia, a possibilidade de construção compartilhada de conhecimento. Eckert & Goldophim (*et.al.*, 1995, p.169) destacam três objetivos que serviriam como justificativa para o emprego de técnicas audiovisuais na pesquisa antropológica: “num primeiro momento elas nos aparecem como uma forma de captação de dados, no segundo momento como um meio que possibilita a comunicação-interação sujeito-objeto, e por fim como instrumento de divulgação ao nível didático acadêmico e/ou social”

Cabe esclarecer que, apesar de ter atuado também como “fotógrafa” durante alguns momentos da observação participante, como em festas de aniversários, shows, entre outros eventos sociais, bem como durante a prática da etnografia de rua, como já mencionado anteriormente, a utilização das imagens, neste trabalho, é compreendida, sobretudo, como um fio condutor visando a (re)construção de suas narrativas. Isso levando em consideração seu “poder de evocação e de eternizar a memória associada à propriedade que a fotografia tem enquanto representação do referente e como elo simbólico de duas temporalidades, a de evocar uma memória de sentimentos e emoções e a de exacerbar as imagens do presente em contraposição com aquelas do passado” (FERREIRA, 1996, p.118). Inspiro-me, principalmente, nos estudos de Myriam Moreira Leite (2001) que ressalta que muitas tentativas vêm sendo feitas objetivando usar a fotografia como “recurso catártico”, onde os sujeitos são incitados a falar de si mesmos ou de questões propostas indiretamente pelas fotografias. Pois, quando olhamos uma fotografia não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos (LEITE, 2001).

Logo nos primeiros encontros com as interlocutoras lhes falava sobre meu interesse em lançar mão de suas fotografias durante as entrevistas e procurava esclarecer a importância da imagem em seu potencial de evocar suas memórias (LEITE, 2001; LINS DE BARROS,

⁵⁴ Samain ressalta que o pesquisador deve estar atento que a natureza das imagens varia muito, ou seja, devemos perceber suas específicas operações cognitivas, que não podem ser confundidas nem hierarquizadas (SAMAIN, 1998b).

1989, FERREIRA, 1996) e também em sua dimensão de “memória fotográfica” do grupo. Em princípio elas não apresentavam nenhuma rejeição ao meu projeto de utilizar suas fotos, com exceção de Marlene que desde nossa primeira entrevista me esclareceu que não teria como dispor de suas fotos já que algumas estavam em Salvador na casa de amigos. No entanto, com o decorrer do trabalho de campo, e à medida que iam sendo realizadas as entrevistas, o acesso às fotografias envolveu algumas dificuldades.

Deste modo, cabe esclarecer que tive acesso às fotos e aos álbuns de fotos de seis interlocutoras, Camille, Fujika, Laura, Isa, Raquel e Sarita, sendo que, desta última, só foi possível a reprodução, que ela mesma fez para mim em fotocópia, de cinco fotografias. No caso de Paola tive acesso apenas a duas fotos de shows. Paola, durante todo o trabalho de campo, nunca recusou diretamente o acesso e a reprodução de suas fotos. Nos primeiros encontros a cada nova entrevista ela assinalava com a promessa de no próximo encontro trazer suas fotos, só que isto nunca acontecia, até que decidi não insistir mais concluindo que ela não queria dispor de suas fotografias, mas se sentia constrangida em me negar diretamente.

Em relação as que me disponibilizaram seus álbuns de fotos, estes, em geral, eram guardados em caixas de papelão ou em sacos plásticos, com exceção de Fujika que deixava alguns de seus álbuns expostos na mesa de centro da sala. Pude perceber que quando as fotografias eram guardadas em álbuns obedeciam a um critério de classificação sem muita rigidez é verdade, do tipo álbuns com fotos de viagens, com fotos de aniversários, com fotos de shows, mas tal classificação não impedia que uma foto ou outra “descontextualizada” surgisse.

À medida que as entrevistas iam sendo realizadas as fotos iam sendo mostradas e lhes solicitava que falassem “livremente” sobre elas. Em alguns momentos fazia comentários ou perguntas sobre as fotos ou sobre questões que as imagens remetiam. O objetivo era criar um “clima de conversa” nos deixando levar pelas imagens. Se, como diz Peter Berger (1976, p.65), “nós nunca deixamos de interpretar e reinterpretar nossas vidas” é na interface entre a fotografia e a memória que as interlocutoras interpretaram e reinterpretaram suas biografias, individual e familiar, suas trajetórias sociais e a própria trajetória do “grupo de origem”. Nas linhas que se seguem discuto, com mais detalhes, justamente duas maneiras sob as quais os álbuns de fotos das travestis foram tratados ao longo do trabalho como forma de reflexão de suas narrativas biográficas e de suas trajetórias sociais.

Cabe esclarecer que as fotografias retiradas por mim respeitaram as regras de dom e contradom (MAUSS, 2003). Deste modo, grande parte das

fotografias realizadas em situações de observação participante eram reproduzidas e entregues as interlocutoras, especialmente aquelas em que figuravam em destaque sozinhas e/ou com amigos. Apostando sempre em seu potencial de contribuição para a interação e diálogo com os sujeitos a serem pesquisados e como geradora de trocas de informações e comentários entre o pesquisador e seus informantes (PEIXOTO, 2000a; MAGNI, 1995; RIAL, 2001). E principalmente acreditando que este uso, ao valorizar o diálogo com as interlocutoras, possibilita uma base para a execução de uma antropologia compartilhada, de forma similar a como Rouch (1979) propõe para o cinema etnográfico (GOLDOPHIM, 1995).

Gostaria de observar que a maior parte das fotos que tirei das travestis em suas interações sociais se caracterizam pela “pose” e, por sua vez, dificilmente pude fotografá-las em sua vida cotidiana em situações mais “espontâneas”. Elas não gostavam de ser fotografadas “descabeladas”, “sem perucas”, “sem batom”, “desarrumadas”, muito menos em seus afazeres domésticos. Afinal, como coloca Bourdieu (1985, p.120 *apud* PEIXOTO, 2000a), fazer pose é se respeitar e solicitar respeito. Por outro lado, à medida que se sentiam mais a vontade comigo, e com a pesquisa em si, algumas delas me permitiram fotografá-las quando, por exemplo, maquiavam-se para shows, penteavam suas perucas, ou ainda quando faziam compras no bairro onde moravam.

Ressalto ainda que a utilização da Antropologia Visual, neste trabalho, tanto em sua dimensão videográfica - a partir dos “vídeos arquivos” apresentados as interlocutoras no início do trabalho do campo, bem como o documentário *Laura uma diva do babaduu!*- quanto fotográfica - a partir da utilização da fotografia como instrumento de pesquisa, - (COLLIER, 1982; GURHAN, 1987), como recurso narrativo (GOLDOPHIM, 1995) ou como fonte geradora de dados (LEITE, 2001; FERREIRA, 2000; BITTENCOURT, 1994), considera a necessidade de refletir sobre as funções epistemológicas da imagem tendo em vista as conexões existentes entre o pensamento humano e as imagens, ambos considerados como partes do trajeto antropológico (ROCHA, 1995, p. 111) e em sua função expressiva a partir de uma estética do imaginário, isto é, um modo de dizer através das imagens aquilo que não pode ser aprendido de outra forma (*Ibid.*, p. 113). Gostaria de sublinhar que busquei, ao longo do trabalho, fazer uso das imagens buscando uma complementaridade entre texto e imagem. Assim, ambos concorrem para propiciar reflexões sobre as questões abordadas. Em termos de Goldophim (1995) esse caminho leva a tratar as fotos como “falas”, como relatos em imagens da (dis)cursividade da experiência etnográfica.

Por fim, acredito ser de fundamental importância salientar algumas

das questões éticas que envolveram o uso das imagens do acervo pessoal (fotos, folders, cartazes de shows e de espetáculos) e aquelas produzidas pela pesquisadora em termos de fotografias e do vídeo documentário já citado. O acesso, a reprodução e a utilização, na tese, do acervo iconográfico pessoal das travestis sempre foi pautado em relações de confiança e respeito. Por sua vez, a confiança depositada em mim não me poupou dos muitos avisos e promessas de total cuidado para não danificar ou extraviar suas imagens. E aqui acrescento que a própria circulação das imagens, entre elas quando realizada obedeceu algumas restrições tais como: não mostrar suas fotos e/ou outros tipos de imagens sem um consentimento prévio por parte delas, o que foi feito algumas vezes durante o trabalho de campo quando via, nesta circulação, um recurso para estimular lembranças em e/ou do grupo mais amplo. Já no que diz respeito às fotografias produzidas por mim em momentos da observação participante, ou quando elas me solicitavam como ‘fotógrafa’ para registrá-las em determinadas apresentações teatrais ou junto com amigos em festas de aniversário ou durante algum momento de sociabilidade, estas circulavam entre aqueles que foram retratados.

Ou seja, quero enfatizar que evitava circular suas imagens, especialmente as fotografias, aleatoriamente. Assim, as fotografias produzidas durante um evento que fui acompanhando Camille, e que contou com a participação da Fujika e Isa, por exemplo, eram entregues individualmente e depois a circulação poderia ser negociada ou simplesmente ficava a cargo de suas vontades. Estas estratégias de precauções foram necessárias porque em muitas ocasiões elas ‘não gostavam das fotos’, ou melhor, dizendo, “não gostavam de se ver nas fotos”, ora “porque a maquiagem estava um horror”, ou “muito pesada” ou “ainda o olho estava todo borrado”, ou porque “a peruca não estava bem”, “o vestido estava enrugado”, ou “estava parecendo muito velha”, ou “porque a pose não estava boa”, ou ainda por motivo de desavença entre elas após o registro das imagens.

Por outro lado, apesar de estar ciente da complexidade que envolve a questão ética em torno do uso da imagem no âmbito da pesquisa antropológica optei por não lançar mão de um documento formal assinado pelos sujeitos da pesquisa, no que diz respeito às imagens técnicas (fotográficas e videográfica) que me proporcionasse garantias de ordem jurídicas, pois, acredito que a utilização das imagens deve sempre ser negociada no processo mesmo da pesquisa etnográfica entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Neste ponto concordo com Rocha quando salienta que:

ainda que os pesquisadores tenham legalmente o direito de uso de sua imagem e voz, de posse de um

documento assinado pela própria pessoa, se esta não autorizar seu uso, posteriormente, por qualquer motivo, o pesquisador não está habilitado legitimamente a fazê-lo, ainda que esteja protegido por um dispositivo jurídico legal. É a ética do respeito à voz e a imagem do outro que está em vigor, acima de tudo, pela moralidade das regras e normas que orientam o ofício do antropólogo em campo (ROCHA, 2006, p.9).

Já com relação ao exercício da etnografia de rua articulado com o registro fotográfico, tendo em mente que o registro de imagens de pessoas e situações no mundo urbano contemporâneo responde a direitos civis, disposições jurídicas e legais (ECKERT & ROCHA, 2003), solicitei permissão para fotografar estabelecimentos comerciais, e nos casos que a imagem de uma pessoa poderia ser facilmente identificada.

2.3.1 O uso da imagem e a pesquisa com narrativas biográficas

Através das narrativas biográficas das interlocutoras desta pesquisa buscava aceder às “intrigas” e “dramas” da ordem do subjetivo e da constituição de uma subjetividade travesti, e também as suas biografias familiares, aquilo que, tradicionalmente, é considerado do mundo do privado e do íntimo. Deste modo, o objetivo era ter acesso aos álbuns de família das travestis e de fotografias que nos trouxessem pistas, fragmentos dos processos de constituição da subjetividade e de uma corporalidade travesti. Um propósito que, desde o início do trabalho de campo, já se mostrava difícil de ser realizado. Em parte, as dificuldades de acesso a estas categorias de fotografias podem ser explicadas pela inexpressividade de laços familiares, como no caso da Raquel, por exemplo, que guardava as poucas fotos da mãe e da irmã falecidas como se guarda uma relíquia. Por sua vez, estas fotos eram expostas ao público em porta-retratos, na estante da sala, e como protetor de tela de seu computador, o que sugere um sentimento de pertencimento a um grupo familiar (LINS DE BARROS, 1989), por isso mesmo diria, como objeto de distinção.

Portanto, tendo em vista o acervo fotográfico das travestis que pude acumular, poucas são as fotos de seus familiares, pais, irmãos, sobrinhos, sobrinhas, tios, tias e de eventos familiares como casamentos, aniversários, batizados, natais entre outros. Isto é bastante significativo já que no universo travesti a importância da família como instituição social é muito exaltada (SILVA, 1993; OLIVEIRA, 1994; BENEDETTI, 2005;

SIQUEIRA, 2004; PELÚCIO, 2009,) para o “bem ou para o mal”, ou talvez melhor seria para “além do bem e do mal”⁵⁵. Como diria Lins de Barros (1989), à imagem fotográfica permite muitas leituras, como a de uma viagem interior e pessoal em busca da própria identidade no contexto da família. Entretanto, às vezes, fazer esta viagem pode, justamente, implicar o encontro com sentimentos de tristeza, dor e rejeição, como é possível perceber através deste relato de Sarita enquanto me mostrava uma foto:

Olha aqui, mamãe e eu com a bolinha na mão lá na Ribeira, na nossa casa que eu te falei que adoro. O lugar que eu mais adoro. A mamãe, minha tia e eu com a bolinha. Todos os três meses de férias eram passados ai, depois mudou. Depois ela ficava o mês de julho lá, depois a mamãe com a mania dela de princesa comprou em Teresópolis e queria que nos fôssemos para Teresópolis. Tudo que a mamãe fazia era para me contrariar. Porque ela sabia que aqui era minha vida.

Por outro lado, isto não quer dizer que Sarita fosse reticente em relação à evocação de suas vivências familiares. Muito pelo contrário, a sua “memória familiar” era uma referência fundamental, um dos eixos centrais de suas lembranças do passado reinterpretadas e ressignificadas no presente. E se tive logo, em nossas primeiras entrevistas, um acesso as suas fotos de família, compostas principalmente por fotos de casamento de seus pais, de tios e tias, primos e primas, de sua infância, adolescência, viagens com os pais, reuniões sociais, homenagens a seu pai durante sua carreira profissional, entre outros, não pude, para minha frustração, reproduzi-las. Cabe esclarecer que, com exceção de Fujika que logo em nossas primeiras entrevistas ao me dizer: “estas fotos são do pessoal lá de casa, da minha família, você não vai querer essas, não é?”, já me deixou claro que não gostaria que eu utilizasse suas fotos de família na tese, as interlocutoras que tive acesso aos seus álbuns de retratos não se negavam, diretamente, a mostrar as fotos de família ou tampouco quando as mostravam me negavam diretamente a reprodução das mesmas, simplesmente lançavam mão de justificativas como “esquecimentos”, “dificuldades para encontrar em casa as fotos”, dificuldades para ter acesso a estas fotos já que se encontravam em mãos de outras pessoas,

⁵⁵ As questões em torno das relações familiares serão abordadas no decorrer da tese, mas especificamente nos capítulos quatro e cinco quando discuto suas trajetórias, e novamente no capítulo oito quando as relações familiares são abordadas sob o viés da sociabilidade.

como irmãos e irmãs, ou as do tipo de Sarita que optou por reproduzir algumas de suas fotografias para mim devido ao zelo e ao medo de extravio.

Penso que isto se explica, em grande parte, porque Sarita se coloca como “guardiã da memória da família” (LINS DE BARROS, 1989). Além disso, apesar dos conflitos familiares e de não ter sido um consenso, o fato de ter cumprido o papel de “cuidadora” da mãe até seu falecimento e de cuidar do pai, na época da pesquisa, lhe ‘garantiram’ o direito de ser guardiã desta memória. Não apenas em termos de fotografias, mas dos mais variados objetos sendo a casa um verdadeiro “museu familiar” (HALBAWCHS, 1976 *apud* LINS DE BARROS, 1989). As fotografias mostradas por Sarita recriavam a identidade familiar baseada em uma moralidade cristã e de um estilo de vida onde predominavam status e prestígio. Deste modo, sugiro que, sob o ponto de vista de Sarita, a exposição das imagens de seus familiares, vinculadas ao universo travesti, é percebida, em termos de Mary Douglas (1976), como uma contaminação. Por sua vez, para que uma memória se configure, se delimite, coloca-se, antes de qualquer coisa, o problema da seleção (POLLACK, 1989). Portanto, tendo em conta os jogos de lembranças e esquecimentos que constituem a memória e sob seus efeitos o que as travestis esquecem e o que selecionam como lembranças em termos de suas narrativas biográficas? Talvez um trecho de uma entrevista com Laura possa ser ilustrativo:

(Pesquisadora e Laura, sentadas na mesa da sala. Laura mexe nas muitas fotografias a sua frente, até selecionar uma delas):
Ah minha irmã era muito bonita [...] no fundo, quem é? Acho que sou eu. A Norma era muito bonita, a casa que era feia, velha! Do lado tinha uma padaria.

P: Aonde era isto? Em Olaria.
(silêncio)

Laura: Nós moramos em Olaria um tempo. Meu pai tinha uma loja na frente da casa, depois ele alugou a metade da sala, para uma casa de concerto de rádio. Ih. [...]! Era barulho o dia todo [...]! Essa minha irmã praticamente foi ela quem criou a gente. Minha mãe trabalhava fora, meus pais eram feirantes, e éramos



cinco irmãos. Éramos tudo pequeno, e ela era mais velha. Ela que fazia comida, tomava conta da gente, botava a gente para escola, era uma segunda mãe.

P: E como era o relacionamento de vocês?

Laura: Ah. [...]. Minha irmã era maravilhosa, me entendia, nunca me criticou [...].

P: E você gostava de morar em Olaria?

Laura: Eu? Não. Eu não gosto nem de voltar lá, tem coisas lá que eu não quero lembrar.

Laura, em sua narrativa, exalta a beleza de sua irmã mais velha, mas enfatiza principalmente seu papel “de segunda mãe” no grupo familiar, o qual, segundo Laura, a mesma cumpria com amor, dedicação e, principalmente, compreensão. Afinal, não repreendia seu comportamento e suas escolhas que destoava dos seus irmãos e dos outros meninos da vizinhança e, principalmente, dos valores e da moral familiar. Ao observar a fotografia Laura constrói a sua narrativa reinterpretando sob o bojo dos jogos da memória (ECKERT & ROCHA, 2005) suas histórias e vivências familiares. Selecionando aquilo que, para ela, é importante e tem razões para recomençar (BACHELARD, 1988) como, por exemplo, a família como terreno da afetividade, da compreensão e da solidariedade. Deve-se considerar que o relato de uma vida⁵⁶ é um processo narrativo, no qual aquele que fala se debate com sua memória, suas recordações, seus interesses e seus temores (PIÑA, 1991). No caso de Isa, por exemplo, acredito que ela acionava estratégias de evitar o contato com o material fotografado, ou seja, a foto como duplo do fotografado (FERREIRA, 2000). Para Ferreira, “a seleção e a exposição das fotos parecem estar relacionadas ao poder do qual é investido o objeto fotográfico para operar e acionar emoções e sentimentos, muitas vezes mantidos em suspensão como artifício de maior tolerabilidade do presente” (*Idem.*, p. 119).

Em relação às fotografias que refletem as diferentes fases do processo de construção de uma subjetividade travesti e de um corpo travesti, e que compreendo como aquelas que aparecem como “boyzinho” e/ou “rapazinho”, bem como aquelas que já são retratadas em suas performances femininas, ou ainda que exibam as mudanças do corpo, as que tive acesso desencadeavam reações as mais diversas, de pudor, de vergonha e, às vezes, de rejeição, como no caso de Fujika quando se via

⁵⁶ Bourdieu chama a atenção para a “ilusão biográfica”, ou seja, ao se considerar uma vida como um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto (BOURDIEU, 1996, p. 184).

retratada numa época que “ainda não tinha peito”, ou de orgulho, pois representavam a confirmação de uma “feminilidade natural” e o sucesso do projeto de travestilidade, como no caso da Raquel.

Imagens que evocam lembranças não apenas sobre os processos de transformação de seus corpos, do início de suas carreiras artísticas, do ingresso na prostituição, em uma época que a maior parte delas se dividiam entre o trabalho no mercado formal e os palcos do teatro e/ou da rua e das esquinas⁵⁷ e, principalmente, da experiência da travestilidade na cidade do Rio de Janeiro num período em que ser travesti, como diria Jane, era um desafio. Neste sentido, deve-se ter em mente a articulação colocada por Velho entre memória, identidade e projeto. Para este autor, “na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais” (VELHO, 1999b, p.101). Questões que serão retomadas e tratadas com maior profundidade ao longo do capítulo 6 desta tese quando abordo a partir de suas narrativas biografias a problemática da construção de um sujeito e de uma corporalidade travesti.

2.3.2 o uso da imagem e a pesquisa com trajetórias sociais

A maior parte das fotografias selecionadas pelas interlocutoras, e utilizadas durante as entrevistas e/ou conversas informais, são aquelas que refletem diferentes momentos de suas trajetórias sociais. São, em grande maioria, fotografias que refletem suas trajetórias artísticas, tiradas durante apresentações em teatro, casas noturnas, boates, cabarés, clubes. São fotos nas quais aparecem sozinhas, durante o momento mesmo de suas apresentações, e outras ao lado de artistas “não-travestis”, conhecidos nacionalmente e que são exibidas com orgulho, pois marcam sua distinção e Legitimidade artística. Nesta categoria cabe assinalar as fotografias que documentam o recebimento de troféus e prêmios por suas performances artísticas. Fotografias com amigos em festas e reuniões íntimas como jantares, almoços, viagens, passeios, festas de fim de ano, como Natal e Ano Novo que, por sua vez, configuram-se numa fundamental porta de acesso as suas redes de sociabilidade e que acionam lembranças de “tempos” de intensa sociabilidade. Algumas delas retratam suas trajetórias no exterior como é possível perceber através de um fragmento de uma de nossas entrevistas:

⁵⁷ Fernandez (2004) em sua etnografia com travestis que se prostituem em Buenos Aires se apóia na idéia de rua como “palco”.



Aqui é numa boate na Suíça com uma amiga minha portuguesa. Perdi o contato com ela porque ela casou e saiu do trabalho [...] ai eu perdi o contato com ela. Graça, maravilhosa, uma portuguesazinha. Eu a conheci aqui neste night club, lá na Suíça. Ela trabalhava também no show. A boate se chamava Butterfly era na Suíça, fronteira com a França.

Por sua vez, Isa, de suas sacolas de fotos, retirava fotografias e mais fotografias que refletem suas viagens por vários países Europeus, bem como das diferentes temporadas que passou em países como França e Suíça a trabalho. São fotos que, ao mesmo tempo em que documentam suas atividades profissionais como artista, professor e, em alguns casos, como cabeleireira, evocam algumas facetas do universo de suas relações sociais como nesta fotografia do acervo de Camille:



(Pesquisadora e Camille observando fotos no salão onde a última trabalha):

Camille: Isto foi no dia da inauguração do meu primeiro salão em Copacabana. Olha como eu me vestia naquela época [...].

Pesquisadora: Quem são estas senhoras que estão conversando? Ah [...]. As que estão do meu lado eram mulheres da sociedade carioca na época que eram todas minhas clientes e amigas. A outra (em pé do lado

esquerdo) é a minha mãe.

Fotografias com seus “namorados”, “casos” e “maridos”, sobre as quais, especialmente Raquel e Fujika, se detinham para relatarem histórias de amor e companheirismo, de conflitos e separações. Em determinados momentos a imagem fotográfica passa a atuar como interlocutora entre elas e seus entes queridos (FERREIRA, 2000). Imagens que despertam lembranças, sempre carregadas de muita emotividade, principalmente no caso de Fujika cujo companheiro já era falecido. A quem ela vincula momentos de felicidade e de muita amizade. Imagens que eternizam aquele que foi o grande amor de sua vida. Um acervo imagético que nos conduzem, através de suas



trajetórias reinterpretadas e revividas por meio de suas lembranças, a um rico e complexo universo de interações sociais, formas de sociabilidades, itinerários urbanos, estilos de vida, representações sobre gênero, corporalidade e envelhecimento. Enfim, um ponto de partida para muitas viagens. Questões que serão retomadas de forma mais aprofundada nos capítulos 3 e 4 onde ‘reconstruo’ as trajetórias sociais das interlocutoras.

2.3.3 O uso da pesquisa de imagens e a história visual do ‘mundo trans’ no RJ

À medida que o trabalho de campo avançava, e que as entrevistas e as conversas informais iam acontecendo com mais frequência, ia me dando conta, por meio de suas narrativas, da importância de recolher imagens de uma cidade e da sociabilidade evocadas constantemente por elas. Inclusive, algumas das interlocutoras faziam menção ao fato de que entre as décadas de 60 e 80 do século XX apareciam em revistas nacionais como *O Cruzeiro*⁵⁸ e *Manchete*⁵⁹ durante as festividades carnavalescas.

A fim de me envolver com a atmosfera de uma cidade, e com as formas de sociabilidades “de ontem”, fui à busca destas revistas e percorri sebos, arquivos da cidade, feiras localizadas no centro e arredores, principalmente nos arredores da Praça Tiradentes, da Praça XV e da Cinelândia. Além das revistas, fui à busca também do jornal *Lampião da Esquina* no intuito de fazer uma pesquisa sobre reportagens, crônicas, opiniões e imagens a respeito deste universo no contexto social da época. As fotografias, revistas e jornais são compreendidos enquanto quadros sociais da memória (HALBWACHS, 2004), ou seja, pontos de referência das memórias das travestis e da travestilidade como fenômeno social.

Plumas, pompons, lantejoulas e gritinhos, elas soltaram de tudo um pouco nos salões do Canecão. Era o grande Gala Gay, em sua versão 82. Organizado por Guilherme Araujo e este ano em homenagem a Emilinha Borba, o baile foi um sucesso completo. Fresquíssimas e bonequerrimas ou discretas e enrustidas, as meninas se divertiram como bem entenderam para brilho maior do melhor carnaval do mundo (reportagem transcrita da *Revista Fatos e Fatos* de 1982).

Saliento que não foi fácil encontrar tais revistas. Ao percorrer os

⁵⁸ A revista ilustrada *O Cruzeiro* foi publicada no final da década de 20 pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand e saiu de circulação em 1975.

⁵⁹ A revista *Manchete* era produzida pela Bloch Editoras e circulou de 1952 a 2000.

locais mencionados, funcionários e/ou proprietários me esclareciam, ante a ausência do material que buscava, que muitas dessas revistas estão em mãos de colecionadores, historiadores, ou simplesmente se perderam. Deste modo, pude reunir um total de seis revistas publicadas pela Bloch Editora, Revista Manchete (1980, 1958, 1968, 1976) e Fatos e Fotos (1970, 1982). As revistas foram mostradas a algumas interlocutoras em diferentes situações, como, por exemplo, em momentos de entrevistas, à Isa e à Marlene, à Camille durante momentos da observação participante no âmbito do trabalho, e durante um almoço na casa de Fujika. À Raquel e a outras travestis durante uma das reuniões da ONG Astra Rio. Neste sentido, a utilização das revistas, enquanto elementos acionadores de lembranças, foi muito revelador em termos da interface entre a memória individual, coletiva e social.

Se em termos gerais as revistas estimulavam as lembranças de amigas travestis já falecidas, com quem trabalharam no teatro, cabarés, boates no Brasil e/ou no exterior, dos “bons tempos” do bailes de carnaval, dos concursos de beleza gay, como forma de lançar novas travestis, por exemplo, as questões em torno da corporalidade sobressaíam, ao destacarem “a febre do silicone entre elas”, ao se fixarem na avaliação dos corpos “mais naturais” dos “exagerados” (aqueles construídos a base de muito silicone). Mas também, as revistas como suportes de memória podem nos levar como diz Bosi (1994) as diferenças de observação sobre o mesmo fato, lembranças em contraponto. Para tornar mais claro o que estou chamando a atenção transcrevo um trecho de meu diário de campo onde narro uma das minhas últimas entrevistas com uma das interlocutoras⁶⁰ em sua casa:

[...] Tinha levado comigo as revistas da Manchete e Fatos e Fotos edição extra do carnaval gay de 82 para mostrar. Assim que ela começa a folhear as revistas fico impressionada como vai reconhecendo muitas das travestis que aparecem em suas páginas. E dá nomes de ruas, cabarés, boates em Paris onde “faziam a puta” e critica severamente o fato de que quase todas “fazem a puta” e depois quando retornam ao Brasil e suas cidades de origem querem dar uma de “estrela”. Em outro momento sua atenção é fixada nas plumas que adornam em profusão as fantasias das travestis e me informa que são todas compradas numa mesma loja em Paris, a Maison de Madame Fivrier, o que já tinha sido apontado antes pela Fujika. Quando vê a Perla, uma travesti alta, de pele morena bronzeada, cabelos longos negros e

⁶⁰ Com o intuito de proteger a interlocutora não faço menção ao seu nome.

olhos azuis, menciona que a mesma, enquanto esteve em Paris, fez muito sucesso e que, inclusive, tinha fila de carros para sair com ela. No entanto, observa que, infelizmente, ela não soube aproveitar todo este sucesso na época e como a maioria das travestis, “bebia muita cachaça e misturava com cocaína”. De acordo com ela, a experiência da travesti Perla é muito comum: “aparece uma travesti muito bonita como a Perla e acaba não conseguindo fazer sua vida; ou às vezes também sofre muito nas mãos das outras travestis mais antigas do lugar por inveja, sabe?”. E reafirma, com ênfase, que a Perla sofria muito nas mãos das outras por ser tão bonita. Camille também fez bastantes comentários sobre a Perla dizendo que já tinha ouvido “falar” que ela era “toda montada”, usava lentes de contato azuis, peruca, que de dia era muito diferente. Como aconteceu quando mostrei as revistas para as outras meninas [...], em alguns momentos, se detém em classificar as que eram bonitas e as feias [...]. Quando elogia a beleza do rosto ou do corpo de algumas das travestis destaca que já não estão mais assim, ou estão gordas – algumas que foram “cortadas” – ou muito magras, fazendo gesto com o dedo mindinho. Reconhece um modelo de vestido de cor azul na revista e que ela fez igual em prata. Vai me dizendo quem ganhou muito dinheiro, quem perdeu e porque perdeu, segundo ela por causa “de homem” referindo-se que as travestis se iludem muito com homem e que ela não faz mais isso. Com relação aquelas que conseguiram ganhar muito dinheiro comenta o costume entre elas de comprar apartamentos no Brasil, principalmente na zona Sul e acrescenta que muitas dessas, ao falecerem, suas propriedades acabam nas mãos dos familiares que às vezes já estavam muito distanciados da pessoa. Aproveita para reafirmar que não gosta do carnaval e que não tem o costume de vir ao Rio durante este período para ir aos bailes como as outras fazem. Deixa claro que considera esses bailes uma baixaria e que serve apenas para as “bichas” se exibirem [...].

Diário de campo 21/11/08.

A observação das revistas nos remete também para uma “tradição compartilhada” e para a questão da transmissão da memória entre elas, acredito que outro trecho de meu diário de campo pode ser elucidativo:

Marjorie fixa sua atenção na última página da revista que registra o concurso de beleza realizado no Gala Gay em 82. As candidatas que se destacavam nas fotos eram Perla e

Roberta Close, esta muito jovem ainda na competição de beleza acabou ganhando Perla. De acordo com Marjorie, segundo lhe contaram as mais antigas que presenciaram o concurso, a decisão do júri foi recebida com muito tumulto, todo mundo dizia que quem merecia ganhar era a Roberta porque tinha uma beleza natural e era mais bonita que a Perla.

Diário de campo 21/11/08

As revistas nos reportam especialmente a uma memória social da experiência da travestilidade, fortemente vinculada ao carnaval onde as travestis ‘surgem’ como “personagens-símbolos” desta festividade, relacionado a significados bem demarcados, como é possível perceber através de um pequeno trecho de uma das revistas e de uma entrevista da travesti Eloína ao *Jornal Lampião da Esquina*:

O topless não podia faltar. E veio de barra pesada, na base dos enxutos, que já tinham tido o seu baile na sexta-feira. (Revista *Manchete*, 1980).



Lampião: Você sente algum tipo de agressão ou preconceito por parte do povo brasileiro em relação a você?

Eloína: Prefiro chamar de injustiça. Até bem pouco tempo no aeroporto de Londres tinha um pôster meu desfilando pela Beija-Flor. Uma vez tive para ganhar o estandarte de ouro da Globo mas quando souberam que eu era travesti não quiseram dar. A mesma coisa me

convidaram para aquela capa da revista manchete com todos os destaques das escolas de samba. Na hora da fotografia Marlene Paiva não permitiu que eu saísse junto com as outras dizendo que aquilo não ficava bem porque ela era mulher de sociedade. Acabei ficando de fora. (entrevista concedida por Eloína ao *Jornal Lampião da Esquina*, 1980).

Já em relação ao Jornal *Lampião da Esquina*, deve-se esclarecer que ele não foi mostrado às interlocutoras, pois, só tive acesso a este material nas últimas semanas do campo. Foram pesquisados os jornais do número 0 ao 32 correspondentes aos anos de 1979 e 1980. Cabe assinalar que privilégio como dado de pesquisa apenas as matérias, notas e reportagens dedicadas ao universo das travestilidades. O jornal foi lançado no ano de 1978 e nos seus três anos de vida publicou 37 números. Para Simões Júnior (2006, p. 14), o jornal constituiu-se como:

Espaço de memória, construção, reflexão e manutenção de um grupo durante um período extremamente conturbado e emocionante do ponto de vista histórico sendo até hoje reconhecido como elemento propagador de um discurso que buscava engendrar consciência política e de direitos, um elemento produtor de uma memória homossexual brasileira.

Os jornais pesquisados, e que trazem matérias sobre travestis, em geral, buscam fornecer explicações sobre “o travesti” (como é denominado nas matérias jornalísticas) e o “travestismo” no Brasil, tendo como referência principal as experiências cariocas e paulistas. Às vezes lançam mão de entrevistas com travestis que se destacavam na época focalizando suas histórias de vida e os seus processos de transformação. Encontram-se também matérias sobre o universo da prostituição travesti no Rio de Janeiro, bem como notas e divulgação de espetáculos teatrais e shows realizados por travestis, em alguns casos, inclusive, com comentários críticos.

É interessante perceber a presença de duas formas de representação da experiência da travestilidade: “as travestis artistas” (inclusive algumas interlocutoras figuram nas páginas do jornal ou são citadas) que primam pela beleza, charme, luxo e glamour e se destacam como profissionais do mundo artístico, e as travestis que são profissionais do sexo, não menos bonitas, mas agressivas, violentas, cujo cotidiano se caracteriza pela marginalidade e pobreza. Em linhas gerais, as informações escritas e visuais recolhidas através do *Lampião* foram muito enriquecedoras para o desenvolvimento deste trabalho. Por exemplo, ao me propiciar o acesso à outra narrativa sobre o universo, outros pontos de vistas sob os bailes de carnaval que permite um contraponto interessante com as revistas, os territórios de sociabilidade, muitos deles mencionados pelas interlocutoras, os depoimentos de algumas travestis das antigas a partir de “outros tempos e espaços”. Assim, tanto o material proveniente das revistas e do jornal serão

recuperados, em parte, no decorrer desta tese como uma outra narrativa, diferentes pontos de vista e representações deste universo.

2.4 Observação participante e as formas de sociabilidades

De acordo com Ruth Cardoso (1988), “observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe como vimos, um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar”. Tendo em mente este investimento, que nos coloca Cardoso, tratarei aqui da prática da observação participante em vias de apreender as formas de sociabilidade desenvolvidas em suas interações sociais cotidianas, mais especificamente suas formas no âmbito familiar, das relações de amizade e, em outros eventos sociais. Procurando compreender a complexa teia de redes sociais que esses sujeitos foram tecendo (e ainda tecem) ao longo de suas biografias e trajetórias sociais. Cabe deixar claro que minha principal referência teórica, em relação à temática da sociabilidade, são as teses defendidas pelo sociólogo alemão George Simmel (2002), cujos argumentos serão retomados ao longo do texto, principalmente no sétimo capítulo desta tese. Aqui quero sublinhar quais os momentos de sociabilidade voltados para a esfera do “espaço privado”, e outras formas de sociabilidade vinculadas aos espaços públicos para além das caminhadas na cidade mencionadas anteriormente.

Durante todo o período do desenrolar deste trabalho de campo procurei compartilhar, me envolver em meio as suas “artes de fazer” e “de saber” (DE CERTEAU, 2008) cotidianas, refiro-me aqui especialmente ao âmbito do trabalho e ao lazer. Para cumprir meus objetivos uma das estratégias foi freqüentar seus locais de trabalho. Assim, a minha presença e permanência em seus ambientes de trabalho, quando não estavam condicionadas a realização das entrevistas, eram sempre negociadas com elas, sendo que a observação direta no ambiente de trabalho foi realizada com maior intensidade com Camille, Raquel e Paola, onde, pelo menos uma vez por semana, costumava passar as tardes em seus respectivos trabalhos. Eram ocasiões propícias para observá-las mais atentamente em suas atividades profissionais, compreender a natureza das relações desenvolvidas neste ambiente para além do âmbito profissional, o desempenho de suas performances de gênero.

Enfim, momentos propícios para participar de conversas informais e da sociabilidade que se desenvolvia neste contexto marcado pela heterogeneidade de grupos sociais, estilos de vida e visões de mundo (VELHO, 1999a). Durante a observação desenvolvida no ambiente de trabalho da Camille tive a oportunidade de vislumbrar e compartilhar, por

exemplo, de momentos da relação de amizade e cumplicidade entre ela e Marlene, o que, por sua vez, me permitiu acesso a momentos de evocação de memórias compartilhadas (RICOEUR, 2007). Esta questão será retomada no decorrer do capítulo 8 da tese. Já o exercício da observação participante realizada no trabalho de Paola me permitiu acesso não somente as interações sociais ali desenvolvidas, mas também ao seu universo doméstico e familiar com as idas de sua empregada e de sua irmã ao salão de cabeleireiro do qual era proprietária na época.

Já com relação à Raquel, por exemplo, cabe esclarecer que, pelo fato de trabalhar em uma repartição pública, minha presença constante em seu trabalho foi anteriormente negociada com a coordenadora do seu departamento, tanto quanto a possibilidade de fotografá-la enquanto trabalhava. Porém, mesmo assim, com receios de prejudicá-la, procurava não permanecer muito tempo em seu local de trabalho e lancei mão de outras estratégias, como ir o mais próximo de seu horário de almoço. Neste caso, esperava até o horário de sua saída para que almoçássemos juntas, às vezes em um restaurante próximo ao trabalho, ou para que fossemos até a cidade. Em outras vezes, eu ia vê-la num horário mais próximo do término do seu expediente. Nestas ocasiões, eu tinha a oportunidade de acompanhá-la em muitos dos seus itinerários urbanos, nos diferentes trajetos de retorno a casa, já que Raquel mudou de residência e de bairro por duas vezes durante o campo, em suas idas ao centro da cidade para ir ao seu curso de computação, nas suas saídas para comprar artigos como roupas, sapatos, fazer pagamentos em lojas comerciais ou mesmo para me acompanhar em meus itinerários e participar do meu cotidiano.

Raquel trabalhava num órgão público⁶¹ vinculado ao município do Rio de Janeiro, em um edifício localizado num bairro da zona Norte da cidade. No mesmo órgão público, mas em departamentos diferentes, trabalhavam também mais duas travestis, Suzy, uma travesti de 35 anos na época, que era sua amiga, e Samantha, uma travesti de 43 anos. Todas tinham funções parecidas, já que trabalhavam nas recepções dos departamentos, portanto faziam atendimento ao público, sendo que Suzy e Samantha, às vezes, faziam serviços externos. Assim, ‘as habituais conversas de corredor entre elas’, ou ‘os furtivos encontros no banheiro’ e nos elevadores tornou-se, para mim, um excelente campo de observação e interação dos códigos de comportamento, das representações de gênero, da linguagem, próprios do universo travesti, mas também de suas estratégias de interação social, de apresentação de si (GOFFMAN, 1975) ao vivenciarem uma situação nova em suas vidas. Raquel, após muitos anos de

⁶¹ Por solicitação de Raquel não menciono em qual órgão público exercia suas atividades.

aposentadoria, retornava ao trabalho, agora em sua nova condição “como idosa”. Suzy e Samantha, pela primeira vez, estavam inseridas no mercado de trabalho formal, condições que as deixavam especialmente alertas em relação ao desempenho de suas performances de gênero, de suas condutas e modos de comportar-se nos “jogos da sociabilidade” (SIMMEL, 1983; 2002).

Durante a primeira fase do campo pude acompanhar Laura em algumas apresentações da peça de teatro que estava encenando em um pequeno teatro no posto cinco, em Copacabana. O espetáculo tinha um elenco formado por duas drag queens⁶² e três “go-go-boys” (homens jovens, considerados de boa aparência física, que dançam de forma erótica em boates, saunas, casas de massagens) e recebia outras travestis e/ou drag queens para apresentarem shows. As sessões eram aos sábados às 22 horas e aos domingos às 19 horas. Minhas primeiras saídas noturnas durante o campo de doutorado foram para acompanhar Laura nesses espetáculos. Naquela época, ainda procurava “resituar-me” neste universo e, portanto, restabelecer meus laços com ela, ao mesmo tempo em que foi à oportunidade de conhecer mais de perto outra faceta de seu trabalho artístico, pois era a primeira vez que a via atuando de forma “mais séria”, possibilitou que eu visse, como ela definia, sua performance artística para este espetáculo, diferenciando dos shows que fazia em boates e saunas. Mas sempre entre um “caco” e outro a Laura irreverente, abusada, e desbocada surgia em cena para arrancar gargalhadas da platéia.

No transcorrer da segunda fase pude acompanhá-las em distintos eventos sociais, como concursos de beleza gay, nos quais algumas delas figuravam como juradas, festas de aniversários, formaturas, bem como de suas apresentações em teatros, casas noturnas e quiosques localizados no Aterro do Flamengo e na Avenida Atlântica em Copacabana. Esses são quiosques que oferecem shows de transformismo como atração para o público, sendo que, o localizado na Avenida Atlântica, que apesar de ser considerado particularmente voltado para o público gay, quando começa os shows que se dão no calçadão da praia em frente ao Hotel Copacabana Palace, nota-se a presença expressiva de casais heterossexuais sozinhos ou com seus filhos, de senhoras, de grupos de jovens (homens e mulheres) e também de jovens travestis, normalmente em grupos ou em pares, gays e heterossexuais masculinos das mais variadas idades.

Cabe esclarecer ao leitor que nenhuma das interlocutoras desta pesquisa freqüentava o quiosque durante a pesquisa de campo. Assim, o que em grande parte me levou até ele foi, justamente, o fato de evitarem,

⁶² Para uma melhor compreensão destes sujeitos e de seu universo sugiro Vencato (2002).

veementemente, freqüentá-lo e de verificar, por exemplo, a presença ou não de outras travestis idosas. Foi possível realizar também alguns passeios noturnos com elas e seus amigos e/ou maridos em bares e restaurantes localizados na Lapa e Copacabana. Além disso, pude freqüentar três reuniões da ONG Astra Rio em sua “sede provisória”, nas dependências da ONG Pela Vida. Quero chamar a atenção para a prática da observação participante realizada na Turma Ok, definido como um clube social pelos seus sócios cujo público predominante é de ‘sujeitos homossexuais masculinos’ localizado na época da pesquisa na Rua do Resende, no bairro da Lapa. Ou seja, um tradicional território de sociabilidade entre algumas das interlocutoras desta pesquisa e que será discutido de forma pormenorizada no capítulo 8 deste trabalho.

Em relação à observação participante no âmbito doméstico quero salientar que ter acesso às casas a partir da realização das entrevistas não quer dizer, necessariamente, ter acesso às formas de sociabilidade no âmbito familiar e desfrutar do convívio familiar. Poder compartilhar do cotidiano em sua forma mais íntima, às vezes, nem sempre, é uma tarefa das mais fáceis, sendo que, o “sucesso” depende irremediavelmente da natureza da relação estabelecida entre o pesquisador e os seus interlocutores, pelo menos esta foi uma das lições que aprendi nesses anos de experiência de campo com as travestis.

Por exemplo, dificilmente teria tido a oportunidade de observar o cotidiano familiar de Laura se não tivesse surgido entre nós uma grande empatia e, conseqüentemente, uma relação de confiança. Deste modo, apesar de ter tido acesso ao espaço da casa da maior parte das interlocutoras, com exceção de Paola e Jane, a oportunidade de compartilhar de seus cotidianos domésticos e de momentos familiares foi mais intensa com Laura, Raquel, Sarita e Fujika. No caso das interlocutoras mencionadas, sempre que me era permitido às visitava em suas casas. Nestas ocasiões, tinha conhecimento de seus dramas cotidianos, e tinha a oportunidade de observá-las em seus afazeres domésticos, na preparação do café, no jeito de pôr a mesa para o lanche da tarde, nos segredos daquele feijão caseiro, nas músicas que gostavam de ouvir. No caso das que são ‘artistas’, pude presenciar a escolha de repertório, de roupas e acessórios para o show, os ensaios de dublagens das músicas e, enfim, entre tantas outras ‘miudezas’ do mundo privado que só a convivência mais intensa dá acesso.

Durante o campo também recebia convites espontâneos para tomar um cafezinho, almoçar, pernoitar e passar fins de semana com elas. Isto se deu, principalmente, com Laura, Raquel e Fujika, o que me permitiu participar ativamente de suas rotinas diárias, como por exemplo: ajudar a

limpar a casa, fazer as refeições, compras no mercado, ou simplesmente assistirmos juntas algum programa de televisão de sua preferência. Pude também realizar “participação observante” durante a comemoração do aniversário de 69 anos de Raquel realizado em sua nova casa em Realengo com a participação de uma amiga travesti e vizinhos.

De acordo com Eckert (2000, p.174) viver e observar o cotidiano é conhecer o ritmo da vida daqueles que estudamos. Assim, é não apenas ter a oportunidade de conhecê-las em sua intimidade e privacidade, como é fundamental na busca de “desnudá-las” da carga de exotismo e mistificação que em grande parte são submetidas. Além disso, é ter acesso as informações e aos códigos de conduta e de moralidade que, por vezes, nas entrevistas, são ocultados, como, por exemplo, o uso do nome de batismo como forma de tratamento no universo familiar, aspectos que me propiciaram conhecer de forma mais densa seus estilos de vida e visões de mundo. Além de que tais situações observadas e vividas em campo me possibilitaram adotar uma atitude metodológica de estreita proximidade, uma antropologia participante (PEIXOTO, 2000a). Por sua vez, os momentos do exercício da observação participante, principalmente aqueles vinculados ao mundo do trabalho, da casa e do lazer, mostraram-se muito significativos no que diz respeito ao exame de suas memórias e quais fatos, objetos, sensações e sentimentos as estimulam a aflorar. Como ilustração, transcrevo mais um trecho de meu diário de campo durante uma visita a Fujika em sua casa:

[...] Fujika escolhe outra música para escutarmos, coloca Isaurinha Garcia enfatizando o depoimento da cantora que inicia a canção. Recorda-se que seu pai, como maestro, chegou a acompanhá-la e que a cantora bebia compulsivamente. E se recorda: “Eu me lembro que eu fui para o ensaio e papai disse assim: Ô moça não beba tanto assim! Ela disse: Oh Maestro, isto incentiva. Vê como era danada.” Ao escutarmos a música Fujika vai me contando com riqueza de detalhes a vida da cantora. Lembra com saudade e nostalgia da época em que ela e as outras “cantavam de verdade” e de quando cantava com seu pai. Foi a primeira vez que Fujika mencionou que quando jovem chegou a cantar com o pai em seu conjunto. Tento estimulá-la a falar mais sobre esta época, mas ela estava completamente envolvida com a música que tocava, recordava de Apolo que gostava muito desta música. Neste momento, se entristece. Sente muita falta de seu antigo companheiro [...]. Mas uma parte do depoimento da cantora

chama novamente sua atenção e o interessante é que ela ia acompanhando a fala da cantora se posicionando como uma interlocutora proferindo expressões do tipo: como é verdade, às vezes rindo com as coisas que ela falava, ou era [...]. Ou às vezes ia acrescentando outros fatos [...].

2.5. Estudo de redes sociais

O conceito de rede social (network) tem uma longa tradição na Antropologia que remonta aos estudos de Radcliffe Brown (1952), Mitchell (1969) Barnes (1972), Bott (1976) entre outros, no sentido de compreender um núcleo de relações que se cruzam no interior de um dado sistema social (GUIMARÃES, 2004). De acordo com Harnnez (1986), apesar de não ser possível tomar as análises de rede apenas como um instrumento de investigação urbana tende, por outro lado, a se desenvolver com maior importância devido ao interesse antropológico pelas sociedades complexas. Em linhas gerais, a rede social é o conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos (BARNES, 1954 *apud* HARNNEZ, 1986).

Neste trabalho lanço mão desta ferramenta, sobretudo como descrição etnográfica, ou seja, para dar conta da configuração da trajetória de minha experiência etnográfica, em termos do desenrolar do trabalho de campo no âmbito do universo travesti, desde o mestrado até a pesquisa de doutoramento. Vale lembrar que se deve considerar aqui as dificuldades de configurar um universo de pesquisa até certo ponto “estável”, nas primeiras fases do campo, como já demonstrado acima, considerando as entradas e saídas de interlocutoras, e, principalmente, o fato de que nesse processo de configuração e reconfiguração do universo ter tido a oportunidade de estar em contato com diferentes redes sociais. E também para sublinhar a rede social que tive contato ao frequentar durante o exercício da observação participante a Turma Ok, já mencionada por mim acima. De acordo com Harnnez (1986) uma rede pode ser “egocêntrica” ou “rede ego centrada” ou “pessoal”. Também se pode definir uma rede ancorando-a em algum ponto particular da estrutura das relações sociais, como, por exemplo, em um indivíduo, ou em ambas as partes de uma díade particular, e passar a um ponto exterior quantas vezes pareçam necessário. Outra possibilidade é a de construir uma rede em torno a algum tipo particular de conteúdo de relações, e, assim, por exemplo, abstrair a rede política da rede total. Este princípio de abstração conduz ao que se costuma chamar de “rede parcial”. Ou ainda, pode-se delimitar uma rede parcial desde o ponto de partida de algum ego particular (HARNNEZ, 1986, p. 187). Ao construir as redes sociais pesquisadas e tomá-las como ferramenta

de descrição etnográfica me apoiou, principalmente, nos modelos de redes construídos e utilizados por Foote-White em seu célebre trabalho *Sociedade de Esquina* (2005), criado a fim de representar as estruturas dos grupos com os quais trabalhou, a natureza das relações e das ações desenvolvidas pelos membros das redes e a estrutura das organizações que faziam parte dos sujeitos de sua pesquisa. Assim, construí cinco diagramas com o intuito de demonstrar as redes sociais pesquisadas durante a pesquisa de mestrado e durante as distintas fases do doutorado, tendo como base a idéia de rede egocêntrica (cf. HARNNEZ, 1986).

Por exemplo: o diagrama que corresponde à rede social pesquisada durante o mestrado tem a pesquisadora como ponto de partida, como ego. Já os diagramas correspondentes as distintas fases do campo tem como ponto de partida as ‘informantes chaves’ da pesquisa através das quais pude ir configurando o universo de pesquisa. Ao mesmo tempo em que foi possível verificar o ‘lugar’ destes sujeitos com relação as suas redes sociais, e, assim, perceber, por exemplo, que Laura e Camille possuíam uma posição de destaque no interior de suas redes relacionadas às peculiaridades de suas trajetórias sociais que serão abordadas no quarto capítulo da tese. Em linhas gerais, o objetivo foi de trazer à tona os ‘tipos’ de relações sociais estabelecidos (ou não) entre os sujeitos desta pesquisa. Para isto desenvolvi algumas categorias, como relações de amizade (estreitas ou frouxas⁶³) relações de trabalho, relações políticas (refiro-me às ONGs) de vizinhança e, finalmente, como elas se conheceram ao longo de suas vidas, tendo como referência o universo da prostituição (batalha, em linguagem êmica), o universo artístico (teatros, shows, cabarés etc.) e outros territórios de sociabilidade como as praças, parques, ruas, sendo que as interlocutoras foram classificadas a partir de duas categorias: “interlocutoras principais” e “interlocutoras ocasionais” (aquelas que durante determinados momentos do trabalho de campo aceitaram participar da pesquisa, mas depois declinaram, e aquelas que participam de forma esporádica).

A utilização das redes foi importante para vislumbrar os territórios de sociabilidade encontrados entre elas e a importância destes territórios para a construção de vínculos e laços sociais, enfim, para o processo de constituição de redes de sociabilidade entre elas, que, ao mesmo tempo, evidencia a composição de diferentes redes e diferentes vínculos no interior

⁶³ Aqui lanço mão de categorias cunhadas por Elisabeth Bott que também se utiliza do conceito de rede social em seu trabalho “Família e rede social” (1976) onde observou que as famílias em suas relações sociais externas pareciam uma rede, ao invés de um grupo organizado, pois apenas certos indivíduos tinham relações entre si e não com todos. Essa rede possui dois tipos de conexidade, a primeira é a malha estreita, onde há inúmeras relações entre os membros dessa rede enquanto que, a segunda é a malha frouxa quando há raras relações desse tipo.

das redes que dizem respeito a diversos estilos e projetos de travestilidades e que, por sua vez, expressam processos de negociação de identidades e de “memórias em disputas” da travestilidade enquanto fenômeno social. Cabe considerar outro trabalho que me serviu de inspiração realizado por Myriam Lins de Barros (2001) sobre redes sociais entre idosos residentes no bairro do Méier e adjacentes, regiões do subúrbio carioca. Aqui, a autora procurou compreender como são construídas as redes sociais entre estes idosos e como se movimentam nas redes em função das atividades realizadas e da natureza das relações com os elementos das redes (*Idem*, p. 234).

Por fim, pensar em termos de redes foi fundamental para ter um controle do universo pesquisado e refletir sobre seus critérios de escolhas dos mediadores de contato (HEILBORN, 2004). Por sua vez, Heilborn aponta a análise de rede social como uma ferramenta cara ao estudo das camadas médias urbanas tendo em vista, apoiada em Velho (1985), que, nesses segmentos, “em razão de uma maior fragmentação dos papéis sociais e de formas menos unívocas do controle social o sujeito encontra campo para exercer suas escolhas” (2004, p. 76). Já Harnnez (1986, p.228) observa que devemos pensar a cidade usando uma terminologia cunhada por Claben e Wellnan (1974), como uma “rede de redes”, sendo que, uma delas, ou várias, podem formar um modo urbano de viver, e juntas vão constituir a cidade como ordem social.

2.6 Identidades em jogo e afetos na cena social

De acordo com o mestre Malinowski (1978), o antropólogo deveria passar longos períodos de convivência com os grupos estudados, acompanhar de perto suas atividades diárias, aprender a língua nativa, enfim, absorver os valores e sentimentos do grupo, observando cuidadosamente o que as pessoas fazem e dizem. O fato de ser cada vez mais difícil que atualmente o antropólogo/a tenha condições de realizar trabalho de campo obedecendo, estritamente, a um modelo preconizado a partir dos Argonautas, muitos dos ensinamentos e conselhos de Malinowski são seguidos como premissas de orientação para realizar etnografia ⁶⁴.

Neste sentido, a meu ver, o tempo passado em campo é uma questão fundamental. Tendo em vista as duas experiências de trabalho de

⁶⁴ Um interessante artigo sobre algumas das mudanças com relação à prática do trabalho de campo é o de Emerson Giumbelli (2002). Silva, por sua vez, aponta que nem sempre é possível, e talvez mesmo não seja uma boa estratégia, atingir os preceitos de intimidade total com o grupo estudado tal qual preconizado por Malinowski, já que o antropólogo vai aprendendo o grau adequado de proximidade e distância que deve manter na convivência cotidiana com os grupos (SILVA, 2000, p. 38).

campo junto ao universo travesti, penso que o fato de ter realizado, durante o mestrado, um campo por um período de três meses deve ser considerado com relação à natureza do encontro etnográfico, refiro-me especialmente a natureza das relações que foram desenvolvidas entre nós. Assim, apesar das mesmas terem sido baseadas em sentimentos de empatia, devido ao curto período em campo, não foi possível desenvolver uma convivência mais intensa que criasse condições para estabelecer laços de intimidades como se deu durante o doutorado com grande parte das interlocutoras da pesquisa.

Ao mesmo tempo, todo campo tem suas idiossincrasias com as quais o antropólogo aprende a lidar somente no decorrer da pesquisa etnográfica e à medida que sua convivência com os sujeitos da pesquisa vai se tornando mais estreita. E, apesar de ter realizado um trabalho de campo por um período de três meses apenas durante o mestrado, esta experiência me fez sentir um pouco mais segura e não tão ‘às cegas’ quanto aos códigos de relacionamento presentes neste universo. Mas, como cada experiência de campo tem suas particularidades, o fato é que se no princípio me sentia ‘preparada’ para certas situações, muito tive que aprender durante o campo para o doutoramento. Considerando que nos capítulos que se seguem, mais especialmente no capítulo quatro desta tese, retomarei, de forma mais detalhada, algumas questões pertinentes ao encontro etnográfico com as principais interlocutoras desta pesquisa, tratarei aqui, de alguns pormenores do campo que penso serem significativos num sentido mais amplo.

Em princípio, gostaria de contemplar que apesar de compartilharmos de uma mesma sociedade, de seus códigos culturais, de, até mesmo, levando em conta minha trajetória pessoal, de uma mesma cidade, e de pertencermos ao universo das camadas médias urbanas, a pesquisa entre as travestis, em sua maioria idosas, sempre significou abordar “um universo estranho” para mim. Por outro lado, Heilborn (2004) chama a atenção, apoiada em Duarte, para o fato de que o universo de pesquisa abordado pelo antropólogo pode ser simultaneamente exótico e familiar, sendo, sobretudo, uma questão de prisma. Ao mesmo tempo, Silva (2000) observa que devemos entender a observação participante como parte de um processo de encontro cultural entre sujeitos portadores de “identidades contrastivas” (raça, gênero, classe, origem). Deste modo, o encontro e o confronto das identidades sociais e dos impulsos subjetivos (afetivos, emocionais e sexuais) dos participantes da pesquisa etnográfica são, portanto, dimensões inerentes ao trabalho de campo. Por sua vez, concordo com Kuschnir quando diz que, por mais que existam certas condições sociais dadas é no imponderável da própria interação que se constroem, se testam e se confirmam identidades (2003, p.38)

Desde a pesquisa de mestrado minha entrada no universo travesti se deu a partir do acionamento da minha “identidade social de pesquisadora”. Naquela época, foi como estudante de antropologia, de uma universidade de Florianópolis, que fui apresentada, por Charla, às travestis que participavam do chá e que me olhavam “desconfiadas” e “curiosas” enquanto me esforçava para esconder o meu nervosismo e para explicar, diante de uma banca especialmente “inquiridora”, o meu projeto de pesquisa. E foi a partir desta experiência que aprendi que fazer contato sem intermediários não era uma boa estratégia de abordagem. Já destaquei que, no mestrado, Charla foi quem, em grande parte, “abriu as portas” deste universo para mim e propiciou minha entrada e aceitação em campo. Mas ao mesmo tempo, tentei, nesta época, fazer alguns contatos por minha conta e risco com travestis das quais obtive o número de telefone no primeiro dia do chá.

No desenrolar do campo fui sendo informada que muitas travestis mais velhas “se escondem” e/ou “estão afastadas” do “meio” mantendo contato com uma ou outra travesti, o que pode colocá-las em uma postura de defesa, proteção e desconfiança e até mesmo de rejeição para demandas que venham do “meio”. Além do fato de ter percebido uma reserva em fornecer seus números de telefones para pessoas do universo que não tenham relações de proximidade, principalmente porque podem ser alvos de trotes e brincadeiras por telefone. Assim, receber o telefonema de uma pessoa que não se conhece, que nunca se ouviu falar, e que, ainda por cima, a “re-situa” ao meio pode não ser visto com “bons olhos”. Dessa forma, fui me dando conta, tendo em vista minha experiência com este universo, que deveria sempre optar por encontrar meus possíveis “Docs” (FOOTE-WHYTE, 2005), e a partir daí estabelecer outros vínculos.

O fato de ser bem mais jovem que a maior parte das interlocutoras e de ser em linguagem êmica uma “amapô” (como elas se referem às mulheres), ou, no jeito bem humorado da Raquel, ter “chavasca” (ou seja, ter uma vagina), merece ser problematizado. O fato de ser mais jovem era constantemente posto em cena, às vezes para acentuarem o fato de ser “jovem e bonita” e as vantagens que isto pode representar em contraste com elas, já “senhoras”, “velhas”, “bicha velha cansada”, “geriatra”, já acentuando a articulação tradicional entre juventude e beleza, velhice com falta de beleza, com decadência física. Além do estranhamento, diante do meu interesse em estar com elas e de ser “paciente”. Quando destacavam nossas, digamos, “descontinuidades geracionais”, em termos de meu desconhecimento sobre músicas, cantoras, cantores, filmes, atores e atrizes

de sua época, não que o desconhecimento fosse completo⁶⁵, mas me faltava à experiência e vivência geracional. Por outro lado, a minha curiosidade e escuta atenta pelas “coisas de sua época” as estimulavam a praticarem o papel de narradoras em potencial. Interessava-me por elas, por suas coisas, seus gostos, suas histórias, e isto me aproximava realmente delas.

O antropólogo Don Kulick (2008), em sua etnografia sobre travestis prostitutas em Salvador, faz questão de frisar que o fato de ser “estrangeiro” e de ser “gay” contribuiu em muito para o vínculo estreito que estabeleceu com as travestis. Em suas palavras: “O que estou afirmando é que sendo assumidamente gay, visto pelas travestis como um viado, assim como elas, eu fui colocado, por elas mesmas, em uma certa posição que parece ter facilitado o acesso a conversas e confidências que talvez não fossem reveladas tão facilmente a pesquisadoras do sexo feminino” (*Ibid.*, p. 34). Não posso deixar de assinalar que meu estatuto de “amapô” representou alguns limites em termos da observação direta como a observação mais intensiva em saunas e/ou casas de massagem frequentadas por algumas delas seja por motivos de trabalho ou para o exercício da sociabilidade.

Depois que saímos do Centro Cultural Banco do Brasil, já por volta das sete horas, Laura decidiu que queria passar no clube X uma sauna onde ela costumava fazer seus shows. Queria falar com o dono sobre o próximo show de aniversário da sauna, queria levar algumas travestis para se apresentarem. Atravessamos a 1º de março em direção a Candelária. A sauna está localizada em uma das ruas próximas a Candelária. Estava curiosa porque era a primeira vez que ia a um clube deste tipo, mas ao mesmo tempo apreensiva porque não sabia se poderia entrar sendo mulher. Exponho minha dúvida à Laura que me diz que realmente não é aceita a entrada de mulheres, “os gays não gostam”, mas que ela ia falar com o dono e explicar que eu era sua amiga e que estava fazendo um trabalho com ela. Assim que chegamos à porta da sauna, um sobrado destes de estilo antigo, de fora parecia tudo fechado, Laura bate na porta e um rosto de um homem jovem surge de uma janela bem pequena. Ao ver Laura nos abre a porta, em seguida. Assim

⁶⁵ Em um dos capítulos da minha monografia de final de curso em Ciências Sociais em que abordo a história do cinema brasileiro enfatizo, justamente, o período de nossa cinematografia marcado pelas ‘chanchadas’ (filmes em que predominava a comicidade ingênua e com forte apelo popular). Assim, tive acesso a este universo, já que muitos dos cantores e cantoras ídolos das interlocutoras atuavam nestas produções. Infelizmente não tenho uma cópia impressa e nem eletrônica deste trabalho o que impossibilitou o seu uso como material de análise.

que entramos o calor é muito grande. Estávamos na recepção da sauna, atrás de um pequeno balcão um jovem fazia o atendimento, foi a ele que Laura se dirigiu perguntando pelo dono do local, e acredito que se dando conta dá surpresa estampada em seu rosto já foi logo dizendo que eu era uma amiga dela, o atendente lhe informou que o dono não estava e que só chegaria mais tarde, Laura então decide ir embora.

Diário de campo
12/2006.

O fato de “ser mulher” não passava despercebido e, por várias vezes, principalmente nos primeiros períodos do campo, foi sendo evidenciado, seja quando estava acompanhando alguma interlocutora em casas noturnas voltadas para o público gay e/ou travesti ou simplesmente quando caminhava com alguma delas na rua. Isto pude vivenciar ao compartilhar dos itinerários urbanos da Raquel, por exemplo, quando encontrávamos alguma travesti conhecida sua que indagava sobre minha “identidade de gênero”. Pude notar também, em alguns momentos, o estranhamento de amigos de algumas interlocutoras quando se davam conta de nossa amizade:

Luis⁶⁶ parece chateado porque Fujika me deu o copo que ele costuma usar. Continua dizendo (em tom jocoso) que “viado” ela trata com indiferença, e que Fujika gosta de amizade com mulher. Fujika responde dizendo: mulheres assim como ela eu gosto. Eu não gosto de mulher que é falsa [...]. Ah eu adoro vocês! Eu hum [...]. Mas ela nunca falou que adora a gente, ela é natural, é normal.

Por outro lado, prefiro acreditar que justamente o fato de “ser mulher”, e levando-se em conta o que isto representa para o universo em questão, tenha me levado a conhecer outras senhas e códigos de acesso. Eu era alvo, com certa constância, de comparações que envolviam representações acerca do gênero feminino, como suas dicas sobre que tipo de corte de cabelo seria mais adequado para mim, sobre roupas, como quando me chamavam a atenção para o fato de que as mulheres hoje em dia estão muito descuidadas de sua aparência, ou quando percebia que elas dedicavam a mim os cuidados que elas acreditam que devem ser dedicados “a uma mulher”; não é sugestivo que determinadas interlocutoras sempre pagavam as contas do cafezinho, do almoço, e do táxi quando estávamos

⁶⁶ Nome fictício.

juntas, mesmo diante de minha insistência em “rachar a conta”? E aqui se articula, a meu ver, o fato da pesquisadora ser mais jovem que elas. Pode parecer que caio em “armadilhas essencialistas” em termos de gênero e sexo, mas este fato me chamou a atenção justamente quando, durante uma conversa com Sarita, ela me explicava seus “modos de tratamento” quando no cotidiano se vê diante de uma “mulher e/ou senhora” onde, em seu discurso, as idéias sobre o que é da ordem do masculino e do feminino eram bem demarcadas. Por sua vez, com relação a algumas interlocutoras o fato de “ser mulher” “facilitou” meu acesso ao cotidiano em termos de acompanhá-las em afazeres do dia-a-dia, já que, nesses casos, preferem sair sozinhas ou acompanhadas por mulheres, questão que será retomada no capítulo 7 da tese.

Ao mesmo tempo, considerando que o antropólogo é “também observado por aqueles que estuda” (SILVA, 2000), tornando-se alvo de avaliação e curiosidade, não foram poucas às vezes que os papéis se inverteram e que fui entrevistada. Perguntas sobre a minha vida pessoal, se era casada, solteira, se tinha namorado; e, se tinha, como era sua aparência física, o que fazia, de onde era minha família, onde moravam, sobre os motivos que me levaram a ir morar e estudar em Florianópolis, como era morar nesta cidade, e aqui sempre faziam comparações com o Rio de Janeiro a partir de eixos como violência urbana do Rio de Janeiro versus tranqüilidade de Florianópolis, qual era a cidade mais bonita, já que algumas delas, por motivos de trabalho e/ou políticos, chegaram a conhecer a cidade de Florianópolis. Perguntas que traduziam seus interesses e empenho em se ‘familiarizarem’ comigo, já que vivíamos uma relação social em que ambas as partes aprendiam a se conhecer (ZALUAR, 1985).

Aos poucos, a estas perguntas, foram somando-se outras relacionadas à minha condição de “antropóloga” e/ou “jornalista”, de alguém “inteligente e preparado”, assim, me solicitavam para opinar em questões de ordem as mais diversas, sobre política, economia brasileira, miséria, e, em algumas ocasiões, para explicar os motivos que levam a uma pessoa “ser homossexual” ou “travesti”. Aqui, particularmente, procurava esclarecer que não tinha condições de dar-lhes tal resposta salientando os limites do meu saber (ZALUAR, 1985). Em outros momentos ocupava uma posição de “acompanhante”, já que “eu gostava de sair com elas”, para ir ao médico, ao advogado, posição esta que era estimulada por mim, afinal, compartilhar de seus afazeres e problemas cotidianos era um dos propósitos da pesquisa.

Valer-me de diferentes redes trouxe seguramente muitos benefícios para a pesquisa, mas também alguns problemas e constrangimentos, já que a maior parte das interlocutoras se conhecem - como será possível perceber

ao longo da tese a partir dos diagramas das redes sociais pesquisadas - mas não mantêm relações de convívio, existia, em alguns casos, a curiosidade em saber informações acerca de membros de redes diferentes. Neste sentido, sempre procurei evitar dar informações pessoais, e, quando não conseguia escapar por completo, procurava ser bastante restrita naquilo que lhes transmitia acerca de alguém que era alvo da curiosidade. Tinha muito receio que qualquer informação veiculada por mim entre elas, e sobre elas, ganhasse o status de “fofoca”. A circulação de uma fofoca pode gerar conflitos que, às vezes, levam (mesmo que momentaneamente) a destruição de laços de amizade. Entre as interlocutoras desta pesquisa a fofoca⁶⁷, e aquele que é seu transmissor, o fofoqueiro/a, é muito “mal visto”, e mesmo que o fofoqueiro/a seja perdoado ganha uma “marca identitária” que dificilmente é esmaecida. O fato de compartilhar do universo doméstico e familiar de algumas delas tornava minha situação, neste sentido, ainda mais delicada. Às vezes sentia-me, como diz o ditado popular, como que pisando em ovos. Quando via que a circulação de informações poderia ser produtiva para a pesquisa estas eram realizadas com o conhecimento e o consentimento prévio das interlocutoras. Sentia que esses cuidados eram importantes para manter a confiança delas em mim.

De todos os “imponderáveis”, ou, em termos de Da Matta, do antropológico presentes no trabalho de campo o mais difícil de lidar foi à experiência da morte de duas das interlocutoras da pesquisa. Através da notícia, logo na primeira fase do campo, da morte trágica de Zezé e da dolorosa experiência de vivenciar a doença e a morte de Laura. Sempre procurei cultivar o envolvimento compreensivo, a participação afetuosa e emocionada nos seus dramas diários (ZALUAR, 1985), mas não poderia supor que iria experimentá-lo em sua dimensão mais extrema. Por sua vez, esta experiência, oriunda do campo, me colocou diante de alguns dilemas éticos, visto que me sentia constrangida ao escrever sobre o que aconteceu talvez em grande parte devido ao que Áries (2003) chama a atenção:

Hoje é vergonhoso falar da morte e do dilaceramento que provoca, como antigamente era vergonhoso falar do sexo e de seus prazeres. [...] O decoro proíbe, a partir de então, toda referência à morte. É mórbida, faz-se de conta que não existe; existem apenas pessoas que desaparecem e das quais não se fala mais – e das quais talvez se fale mais tarde, quando se tiver esquecido que morreram (ARIÉS, 2003, p. 224-225).

⁶⁷ Sobre a noção de fofoca ver Fonseca (2000).

Por sua vez, como bem nos lembra Geertz, faz-se necessário “[...] ver a sociedade como objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm ao mesmo tempo que formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para o nosso moinho analítico” (GEERTZ, 2001, p. 45). A morte de Laura repercutiu profundamente em duas interlocutoras da pesquisa, mas especialmente em Raquel e Paola. Raquel e Laura tinham, na época, a mesma idade, com diferenças de poucos meses entre elas, e a morte da última pôs em cena sua fragilidade física e a proximidade da morte. Seus receios de “morrer sozinha”, de passar mal em casa e não poder avisar a ninguém foram, durante algum tempo, anunciados por ela. Lembro-me de uma vez em que estávamos em sua casa e fez o seguinte comentário: “se você demorar muito Mônica para terminar este documentário com a gente vai acabar virando o ‘vídeo da morte’”. Paola por sua vez sentia-se tomada não apenas pela tristeza de ter perdido uma amiga querida, mas pelo sentimento de desamparo, havia perdido uma das suas principais referências de grupo.

Enfim, como observa Foote-Whyte (2005) descobri que a minha aceitação dependia das relações pessoais que foram desenvolvidas muito mais que quaisquer explicações que poderia dar sobre a pesquisa, por exemplo, e aprendi também que a partir de nossas diferenças construímos uma relação de conhecimento mútuo tão caro a experiência etnográfica. Neste sentido, parafraseando Eckert & Rocha (2008, p.11), ao longo do trabalho de campo quanto mais esquecido de si mesmo, mais profundamente o antropólogo escuta a voz de quem conta, atingindo, assim, a visão compartilhada daquilo que lhe é contado. Como antropólogos narramos histórias vividas quando produzimos descrições etnográficas e, com isso, evocamos essas reminiscências, seja por meio da escrita, de fotografias, de vídeos ou de filmes.

CAPÍTULO III

Cidade conceito/cidade ordinária⁶⁸: *urdiduras e tramas*

A cidade mora em mim, e eu nela.

Lima Barreto, 1997

Desci para comprar café no pão de açúcar e, antes de atravessar a pracinha, resolvi ir até a lanchonete que fica em frente ao prédio para verificar o que serviriam no almoço. Ao atravessar a praça percebi que, do outro lado, na calçada do banco caminhava uma jovem travesti, vestida com saia curta jeans, e camiseta branca com estampas, um tamanco branco de salto alto, morena, cabelos lisos e longos, realmente muito bonita. Ela se dirigiu a mesma lanchonete e cumprimentou com dois beijos no rosto um homem pardo em torno de uns 40 anos, que estava parado no balcão tomando café. Quando me aproximo do balcão vem à senhora, que costuma atender e ficar no caixa da lanchonete. Ao chegar ela se integra a conversa. Dentro da lanchonete, nas mesas que ficam logo na entrada, outro senhor, acima dos 60 anos, tomava um suco de laranja com um pedaço de bolo. A senhora me pergunta o que eu ia querer, logo a minha frente uma bandeja com o bolo de laranja que parecia apetitoso, peço um pedaço para levar. Enquanto esperava, a jovem travesti e o homem, que parecia seu amigo, num determinado momento escuto chamá-la pelo nome de Patrícia, falavam do almoço que é servido no bar. Ela comenta que o que mais gosta dali é o bife. Achei estranho o fato de nunca tê-la visto almoçando na lanchonete, depois ele comenta algo sobre a mãe dela, se está com ela no apartamento, ela diz que sim, depois a conversa gira em torno de algum evento que não pude entender muito bem, mas que a fez falar novamente com a outra senhora explicando que não pode ir porque era dia das mães. Noto que fala com certa intimidade com a senhora que atende no balcão chamando-a pelo nome de Rosita. A travesti quando percebe que a senhora esta embrulhando o pedaço de bolo de laranja para me entregar salienta que o bolo também é muito

⁶⁸ As noções de *cidade conceito* e *cidade ordinária* são inspiradas em De Certeau (2008) a partir do seu livro *Invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer*.

gostoso. O homem então pondera que só falta um cafezinho quentinho. Fala, inclusive, para a travesti levar um pedaço de bolo para ela já que gosta tanto e a pergunta se não tem café em casa. Ela diz que sim e se oferece para pegar café em seu apartamento e entra no edifício ao lado. Assim que ela sai o homem comenta com a senhora: ela vai trazer um cafezinho quentinho para gente. Dona Rosita responde: que bom! Tomara mesmo porque esse café daqui já tá horrível, prontamente ele responde de forma afirmativa acrescentando: ela é super gente boa. Pago à senhora e resolvo ir embora e seguir meu caminho até o supermercado pão de açúcar, contendo meu impulso de ficar e esperar ela voltar [...].

Diário de campo, 19/05/07.

3.1 A Cidade em questão – na rítmica dos relatos

O subtítulo que introduz este capítulo tem o propósito de insistir que, ao propor realizar um estudo de memória coletiva, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de sujeitos que se identificam como ‘travestis das antigas’, habitantes da cidade do Rio de Janeiro, a partir de suas histórias vividas e narradas, me transformo também, enquanto antropóloga, em um certo tipo de narradora (ECKERT & ROCHA, 2005) daquilo que viu e ouviu. Desta forma, a cidade configura-se aqui a partir de relatos - já que em termos de De Certeau (2008), eles são percursos de espaços - os das travestis e o da antropóloga.

Sabemos que temas como o fenômeno urbano, o crescimento das cidades, “o estilo de vida urbano”, fazem parte, pelo menos desde a metade do século XIX, das preocupações dos mais célebres pensadores das ciências humanas, da literatura e do cinema. Mas, no que diz respeito à sociologia e a antropologia foi, definitivamente, através dos estudos pioneiros da Escola de Chicago⁶⁹ que as reflexões a respeito do espaço citadino e de um modo urbano de viver ganharam vulto. Estudiosos como Park (1979), Simmel

⁶⁹ Por Escola de Chicago costuma-se designar um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados, entre 1915 e 1940, por professores e estudantes da Universidade de Chicago. Caracteriza-se, sobretudo, pela pesquisa empírica e por ter realizado um número diversificado de pesquisas sobre os problemas que enfrentava a cidade de Chicago, e, em grande parte, se dedicou a um dos principais problemas pelos quais passavam as grandes cidades americanas na época: a questão da imigração e da assimilação de milhões de imigrantes à sociedade americana. COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

(1979), Wirth (1979), Weber, (1979) Redfield (1963), para citar apenas alguns, foram os pioneiros no desenvolvimento de estudos sobre o meio urbano, referências fundamentais ainda hoje nos estudos sobre a problemática do individualismo contemporâneo acerca das relações entre os indivíduos com a cidade.

Seguindo as trilhas deixadas por esses autores é que a antropologia urbana se desenvolve e vem estabelecendo, ao longo dos anos, e em especial no Brasil, variadas reflexões acerca do fenômeno urbano e das implicações do mesmo nas formas de vida que ele abarca, buscando, em linhas gerais, entender como se dão os processos de apropriação de novos espaços de sociabilidade e quais os sentidos que os mais diversos grupos sociais lhes atribuem. Em termos gerais, tais pensadores postulavam que, concomitante ao desenvolvimento das grandes metrópoles, emergiam novos padrões sociais baseados, principalmente, na impessoalidade, na solidão, no anonimato, na fragmentação de papéis sociais, proporcionando o desenvolvimento de uma espécie de personalidade urbana que ia moldando os indivíduos e suas relações. Park (1979), em idos da metade do século passado, já anunciava: “A cidade, e especialmente a grande cidade, onde mais do que em qualquer outro lugar as relações humanas tendem a ser impessoais e racionais, definidas em termos de interesse e em termos de dinheiro, é num sentido bem real um laboratório para a investigação do comportamento coletivo”. (PARK, 1979, p.45)

Foi também Robert Park que, do interior da academia, incentivou a pesquisa *in loco* das situações críticas da vida social nos grandes centros urbanos na cidade de Chicago, revelando-os desde suas regiões morais e províncias de significado configuradas desde as formas de socialização, das redes de vizinhança, dos grupos de amigos etc., construídos por seus habitantes. Heap (2003) observa o pioneirismo das pesquisas realizadas pelos professores e estudantes da Escola de Chicago também com relação aos estudos sobre as sexualidades não normativas compreendendo a cidade como um “laboratório sexual” tanto quanto “social”. Em geral, o foco destes estudos era a organização moral das populações urbanas e a emergência, justamente, de regiões morais na cidade (PARK, 1979). Neste sentido, sublinha Heap: “And in doing so, they not only documented a wide range of non-normative urban sexual practices, including prostitution, cross-racial sexuality and homosexuality, but also charted their relationship to the social and physical landscapes of the city” (HEAP, 2003, p. 458).

Simmel (1979), no célebre artigo *A Metrópole e a Vida Mental*, vai abordar as formas que a vida assume no interior das grandes cidades e destaca os problemas sociopsicológicos dos indivíduos na sociedade moderna. De acordo com o autor, os indivíduos em meio ao estilo de vida

moderno estão sujeitos a uma espécie de intensificação dos estímulos nervosos (*Ibid.*, p. 12) em contraste com as cidades pequenas, o que faz com este homem metropolitano em sua atitude blasé crie um dispositivo de defesa que, através da reserva, o protege contra a pressão da vida urbana. Ao mesmo tempo afirma que: “Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar sua autonomia e a individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais da herança histórica da cultura externa e da técnica da vida” (SIMMEL, 1979, p.13).

Conforme O’Donnel há, nesse artigo, bem como nos trabalhos de Simmel em sua totalidade, uma riquíssima fonte para pensarmos a dinâmica indivíduo/sociedade que, numa relação dialética, aparecem para esse autor como uma díade que se constrói e reconstrói mutuamente (O’DONNEL, 2008, p.19). Assim, a cidade, em Simmel, é vista como um labirinto, uma interconexão, um emaranhado de fenômenos, diversidade de mundos, ou ainda como interdependências cotidianas. A metrópole não é só o ponto focal da diferenciação social e de complexas redes sociais, senão também o lugar no qual se localizam coletividades indefinidas; que reúne interesses múltiplos e complexos, enlaçados uns com os outros num organismo coletivo (TEDESCO, 2006, p.104). Ao mesmo tempo, as relações na cidade moderna seriam particularmente impessoais, superficiais, transitórias e segmentárias. A reserva, a indiferença, e o ar blasé que os habitantes da cidade manifestam em suas relações podem, pois, ser encarados como instrumentos para se imunizarem contra exigências pessoais e expectativas de outros (WIRTH, 1979). Por outro lado, a extrema heterogeneidade pode ocasionar a quebra de estruturas sociais rígidas e a produzir maior mobilidade, resultando na filiação de indivíduos a uma variedade de grupos sociais.

No Brasil, os trabalhos de referência em relação ao fenômeno urbano⁷⁰, e que correspondem, por sua vez, ao desenvolvimento da Antropologia Urbana no país, são sem dúvidas os estudos sobre as migrações do campo para a cidade de Durham (1973) - e os estudos sobre imigrações e mobilidade social (CARDOSO, 1972), bem como as pesquisas realizadas pelo antropólogo Gilberto Velho a partir dos estudos sobre camadas médias urbanas, como por exemplo, *A Utopia Urbana* (1973), um estudo pioneiro sobre o bairro de Copacabana que mostra, através do

⁷⁰ O’Donnel chama a atenção para o fato de que Gilberto Freyre, já nos anos 30, preocupava-se com a problemática urbana, primeiro em *Sobrados e mucambos* (1936) onde a rua assume um lugar privilegiado na análise da decadência do patriarcado rural, e depois em 1959 com o livro *Ordem e Progresso*, onde discute o processo de urbanização e modernização da sociedade brasileira (*op.cit.*, p.21).

cotidiano, estilos de vida e visões de mundo de moradores de um mega edifício de conjugados. A publicação da coletânea *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social* (VELHO, 1974), que se caracteriza, em linhas gerais, por uma incursão aos estudos de comportamento desviante a partir de uma perspectiva crítica distanciada das abordagens mais tradicionais influenciado, sobretudo, pelo interacionismo simbólico, e pela Escola de Chicago (BECKER, 1966 e 1977; GOFFMAN, 1975).

Por sua vez, destacam-se também os trabalhos (1) do antropólogo Ruben George Oliven, como por exemplo, *Urbanização e mudança social no Brasil* (1980), que volta-se para a temática da heterogeneidade cultural da cidade de Porto Alegre tratando dos problemas da urbanização. (2) A pesquisa do antropólogo José Magnani em *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade* (1984), onde as relações sociais construídas no lazer são analisadas a partir de uma etnografia do circo-teatro, apostando no valor heurístico da categoria nativa de pedaço⁷¹. (3) A investigação pioneira de Luiz Fernando D. Duarte, *Da Vida Nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* (1986), sobre o cotidiano de sujeitos pertencentes às classes trabalhadoras urbanas através da discussão da noção de nervoso a partir de dois contextos: a cidade de Niterói/RJ e a cidade de Petrópolis/RJ. Os estudos precursores empreendidos por Lins de Barros (1987) sobre mulheres envelhecidas de camadas médias urbanas, a partir das noções de projeto (VELHO, 1999a) e identidade com enfoque em seus estilos de vida e visões de mundo. (4) O trabalho de Maria D. Gaspar, também realizado na cidade do Rio de Janeiro, *Garotas de Programa* (1985), cujo foco recai sobre a atividade da prostituição realizada por mulheres das camadas médias no universo das boates e bares em Copacabana, onde a autora, em linhas gerais, procurou entender a organização social e o sistema de representações sociais característicos deste universo.

Convém ressaltar ainda as pesquisas sobre as homossexualidades em âmbito nacional e que privilegiam o contexto urbano. Aqui, destacam-se (1) os estudos realizados por Peter Fry, como, por exemplo, o livro *Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira* (1982) que traz discussões pioneiras em torno das homossexualidades, seus sistemas de classificação para definir as práticas sexuais; (2) as pesquisas de Edward MacRae junto ao grupo Somos, visto como o primeiro grupo homossexual organizado no país surgido na cidade de São Paulo em fins da década de 70,

⁷¹ “O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 1984, p. 138).

sendo, suas pesquisas, publicadas apenas na década de 90 sob o título A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Ainda com relação a este autor, o artigo “Em defesa do gueto” (MacRae, 1983), ambientado também na cidade de São Paulo, em que o autor discute o aumento da visibilidade pública alcançada pela homossexualidade após a ditadura militar, ao mesmo tempo que descreve um desenvolvido ‘circuito gay’ na cidade.

Podemos citar ainda (1) a pesquisa de mestrado de Carmen Dora Guimarães recentemente editada, *o Homossexual visto por entendidos* (1977/ 2004), que aborda uma rede social de homossexuais das camadas médias residentes na zona Sul da cidade, seus estilos de vida e visões de mundo destacando os lugares de lazer e/ou para encontros sexuais. (2) Nestor Perlongher (1987, 2009) em, *O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo*, um estudo sobre o universo social da prostituição masculina na cidade de São Paulo na figura do michê e seus clientes. Neste sentido, faço menção à pesquisa de Regina Erdmann (1981) sobre a prostituição masculina entre menores de idade na cidade de Florianópolis que deu origem a dissertação em Ciências Sociais, *Reis e Rainhas no desterro: um estudo de caso* que, de acordo com Córdova⁷² (2006), foi à primeira dissertação de mestrado sobre homossexualidades defendida na Universidade Federal de Santa Catarina e que serviu como referência bibliográfica para o estudo realizado por Perlongher. (3) Também no ano de 1987 cito o trabalho do antropólogo Luis Mott que publica, *Dez Viados em questão: tipologia dos homossexuais na Bahia*. (4) Os trabalhos de Richard Parker realizados entre os anos de 1982 a 1988, e entre os anos de 1989 a 1992 durante os quais realizou um estudo sobre as reações ao HIV/AIDS por parte de homens homossexuais e bissexuais no contexto urbano brasileiro, com foco, principalmente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. (4) Vale sublinhar os estudos empreendidos entre os anos de 1994 a 1996, uma extensão dos trabalhos mencionados acima com a característica de abranger não apenas as comunidades surgidas entre homens que fazem sexo com homens, mas também a forma e a organização da homossexualidade feminina e as comunidades lésbicas no contexto urbano tendo como cenários as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Belo Horizonte e Recife. Para finalizar esta breve recuperação de alguns dos

⁷² Em sua tese de doutorado *Trajetórias de Homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*, orientada pela Prof^a Mara C. de Souza Lago e co-orientado pela Prof^a Sônia W. Maluf, defendida em 2006 no âmbito do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC, Córdova faz um criterioso levantamento acerca dos trabalhos realizados na UFSC e encontrou 21 dissertações de mestrado que versam sobre homossexualidades até o ano de 2004.

estudos considerados pioneiros sobre homossexualidades no Brasil, saliento (5) a pesquisa de doutoramento da antropóloga Maria Luiza Heilborn, *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário* (1992/2004), um estudo comparativo entre casais homossexuais masculinos e femininos com casais heterossexuais residentes na cidade do Rio de Janeiro e dos segmentos das camadas médias urbanas.

O desenvolvimento da Antropologia Urbana no Brasil caracteriza-se justamente pela diversidade de pesquisas realizadas, resultando numa vastíssima bibliografia que não é intenção deste trabalho dar conta, apenas menciono alguns estudos considerados precursores, muitos dos quais fontes inspiradoras deste trabalho. Assim, em termos gerais, em tais estudos, a cidade destaca-se como fenômeno urbano complexo, visto que é constituída por universos simbólicos descontínuos e grupos sociais heterogêneos, segundo suas origens, histórias, projetos e desejos diferentes, mas pressionados por processos homogeneizadores.

Deste modo, ao buscar compreender a “vida cotidiana” (SCHUTZ, 1979; BERGER & LUCKMAN 1983; MAFFESOLI, 1987, 1984; DE CERTEAU, 2008) dos sujeitos desta pesquisa, em suas diferentes temporalidades e espacialidades, tomo como referência alguns dos fundamentos da etnometodologia, principalmente a partir das teses de Garfinkel (1984) e Goffman (1975). Garfinkel, o principal expoente da etnometodologia, em sua crítica a teoria da ação desenvolvida por Talcott Parsons (1937) elaborou uma nova forma de compreender e tratar justamente a relação entre os indivíduos e a “realidade social” em que estão imersos, e principalmente seus modos de apreensão dessa realidade. Influenciado por Alfred Schutz -e sua fenomenologia-, para quem “o mundo social deve ser interpretado em função de categorias e construções próprias do senso comum cuja origem, em grande parte, é social; sendo justamente o foco no cotidiano que pode garantir que o mundo da realidade social não seja substituído por um inexistente mundo de ficção criado pelo observador científico” (SCHUTZ, 1979).

Desse modo, Garfinkel postula que, para apreendermos a realidade social, é necessário voltarmos nossa atenção para os sentidos e os acontecimentos da vida cotidiana. Portanto, caberia ao investigador tomar como base as práticas, as explicações e pontos de vistas dos atores sociais em suas experiências cotidianas. Um dos seus pressupostos, e que especialmente nos interessa, é o fato da etnometodologia chamar a atenção para a consciência dos indivíduos em suas condutas sociais e valorizar suas interpretações e explicações, seus “etnométodos”. Goffman (1975), por sua vez, dedicou seus estudos a análise da “interação face a face” e ao comportamento público. Para ele, as matérias de comportamento são os

olhares, os gestos, as posturas e as ações verbais com as quais as pessoas alimentam continuamente a situação deliberadamente ou não. O autor se interessa em detalhar os modos pelos quais as pessoas tratam de apresentar uma imagem, delas mesmas, que resulte vantajosa e ao mesmo tempo seja crível aos demais. Ao mesmo tempo em que “propunha o estudo de fragmentos da vida social nas grandes cidades como uma análise dramaturgica de sua forma. A proposta era, então, elucidar as modalidades através das quais a pessoa moderna se representava no dia a dia, em especial nas situações públicas na cidade” (ECKERT & ROCHA, 2008, p.6).

Se, em termos de Goffman (1975), em sua compreensão dramaturgica da vida cotidiana os indivíduos, na “interação face a face”, apresentam-se uns aos outros “representando papéis” a partir de roteiros pré-estabelecidos socialmente, e apesar da possibilidade de ‘manipulação do eu’ é, portanto, durante a interação, que os indivíduos encenam valores e padrões de comportamentos instituídos socialmente. Assim, ao fazer uso de alguns preceitos de Goffman, principalmente as noções de “manipulação de impressões” e de “estigma” procuro tomá-los com cuidado tendo como perspectiva de análise a idéia dos passos perdidos de De Certeau (2008), ou seja, do cotidiano como algo a ser inventado. Penso que ter em conta o cotidiano como invenção que nos remete ao vivido como experiência, ultrapassa a noção de interação como ‘mera representação de papéis’ e nos possibilita compreender os sujeitos como capazes de intervir no mundo. Deste modo, De Certeau (2008, p.177-178) coloca que:

Se for verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por um local onde é permitido circular) e proibições (por um muro que impede prosseguir) o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca, e inventa outras, pois a idas e vindas, as variações e ou improvisações da caminhada mudam ou deixam de lado elementos espaciais. Cria assim algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da língua espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles.

Por sua vez, terei em conta a dimensão do conflito conforme Simmel (2001) presente nas interações sociais vividas pelas travestis, fundamental para se pensar em suas idas e vindas às possibilidades das variações e improvisações e, sugiro, de ‘questionamento’ de normas sociais rígidas. Ao mesmo tempo em que se deve ter em conta que, parafraçando Rocha (2008, p.12), as grandes cidades, antes de serem reduzidas apenas

aos espaços circunscritos dos contatos face-a-face, onde todos se conhecem, por suas dimensões e complexidade de arranjos e trocas sociais configuram-se como territórios e lugares onde se processam diferentes e múltiplos circuitos de informações. Tais questões brevemente colocadas aqui, serão retomadas no capítulo 7 da tese.

Enfim, considerando o panorama apresentado, intenciono refletir sobre as “continuidades” e “descontinuidades” entre o que estou chamando “cidade conceito” e “cidade ordinária” a partir das memórias, formas de sociabilidade, itinerários urbanos das travestis com quem construí um diálogo em meu trabalho de campo, nos bairros da cidade do Rio de Janeiro, compartilhando com elas o cotidiano da cidade e ouvindo estórias de suas vidas na cidade. Cabe esclarecer que quando falo em “cidade conceito” quero me referir aos pressupostos que orientam os projetos civilizatórios, urbanísticos das grandes cidades brasileiras que, por sua vez, faziam parte de um projeto de Brasil como uma nação moderna⁷³ baseados em pressupostos racionais e homogeneizadores, como no caso do Rio de Janeiro, por exemplo, que desde a instauração da República visavam, sobretudo, a higienização da cidade, ordenamento dos costumes e comportamentos, em virtude de um modelo de modernidade. Já quando falo em termos de uma “cidade ordinária” me apoio novamente em De Certeau e em sua compreensão do cotidiano, onde, através das “artes de fazer”, este é feito e refeito, permanentemente, num movimento de continuidade e descontinuidades no qual somos convidados a refletir sobre as múltiplas práticas cotidianas que fazem parte da vida das pessoas e, aqui, especialmente da vida das travestis estudadas, e descobriremos as brechas, as fissuras, as improvisações de sobrevivência. Para o autor, as práticas ou maneiras de fazer cotidianas podem ser consideradas como táticas produtoras de sentido, artes de manipular e comprazer-se (DE CERTEAU, 2008)

Deste modo, não se trata de pensar a “cidade conceito” e a “cidade ordinária” como entidades separadas e estanques de uma cidade dividida em partes, mas sim, em termos de sinergia, a partir da experiência urbana dos seus habitantes, representados aqui pelas travestis estudadas que, através das

⁷³ Por outro lado, Rocha (2008) argumenta que com relação às cidades brasileiras desenvolveu-se um mito de fundação do atraso e do fracasso para a instalação da civilização urbana nos Trópicos eternamente seduzida pela tentação das aspirações purificadoras e monárquicas do Herói civilizador nos Trópicos. Relacionado à incapacidade em atingir plenamente a harmonia ideal do progresso ocidental moderno, por vezes, é apontada como sendo o resultado de uma “doença” crônica que corrói as formas de vida social nas cidades brasileiras contemporâneas, mas que vem desde o nascimento da própria sociedade brasileira, de suas instituições políticas, sociais e culturais.

suas interações sociais e práticas cotidianas, jogam com a disciplina. Assim, penso que as narrativas, as trajetórias sociais e as caminhadas dos sujeitos aqui pesquisados nos convidam a refletir sobre suas interações sociais a partir das sobreposições entre a cidade conceito e cidade ordinária. Deve-se ressaltar que, faz-se uso do binômio cidade conceito/cidade ordinária no sentido de salientar “facetadas” “perspectivas” que compõe a vida urbana em toda a sua complexidade que afeta e é afetada pelos indivíduos-sujeitos (VELHO, 1999a).

3.2 Sobre traçados e alterações

Em meados do século XVIII emergem as primeiras tentativas da administração portuguesa de controlar as cidades e as populações no Brasil em prol dos interesses do Estado, e o Rio de Janeiro, por sua posição estratégica, do ponto de vista econômico e militar, vai converter-se em laboratório dessas experiências (COSTA, 1979). Um dos métodos de controle teve como princípio a incorporação da cidade e de sua população pelo saber médico. Como base de estruturação do Estado Nacional burguês privilegiou-se o binômio família/cidade (AZEVEDO & FERREIRA, 2006) e, neste processo civilizatório e normativo, em virtude da formação de uma família burguesa, remodelaram-se hábitos e condutas; desenvolvia-se a família nuclear, formada pelo pai (macho e provedor), pela mãe (responsável pela educação dos filhos e da moral familiar e do Estado) e pelos filhos. Como observa Costa, “a medicina social no curso do Segundo Império vai dirigir-se a família burguesa cidadina, procurando modificar a conduta física, intelectual, moral, sexual e social dos seus membros com vistas a sua adaptação ao sistema econômico e político” (COSTA, 1979, p. 33).

Neste sentido, já dizia Foucault (1982) que: “Sentiu-se a necessidade, ao menos nas grandes cidades, de constituir a cidade como unidade, e de organizar o corpo urbano de modo coerente, homogêneo, dependendo de um poder único e bem regulamentado” (Foucault, 1982, p. 86). E a medicina social torna-se fundamental neste processo visto, por este autor, como um dispositivo de saber e poder investido, principalmente, sobre o corpo “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política” (*Ibid.*, p.80).

Nesse sentido, a sexualidade se constitui num “dispositivo” principal para o exercício do poder, alvo de controle e vigilância, um

dispositivo de seleção entre os anormais e normais (FOUCAULT, 1982) que classifica comportamentos sociais e práticas sexuais. Deste modo, vê-se, no que diz respeito à consolidação do Estado brasileiro moderno, que algumas condutas e comportamentos foram classificadas como “lesa-Estado”, antinaturais e anormais. Assim, num contexto de implantação do modelo de “pai-higiênico” eram encaixados os celibatários, e no modelo de libertinos, os homossexuais, que foram considerados os casos mais graves, estes anti-homens desertores da obrigação de ser pai (COSTA, 1979).

Por sua vez, para Parker (1991) tanto a ciência quanto as instituições cristãs são fundamentais para que se compreenda o universo sexual do brasileiro, à medida que, contribuíram para situar o entendimento sobre comportamentos e práticas sexuais na esfera do legítimo/ilegítimo, do normal/patológico. Segundo o autor referido, a Igreja foi responsável pela emergência e pela propagação das noções de pecado, culpa e vergonha relacionadas às ações que transgrediam a rígida tríade de conceitos reguladores da expressão da sexualidade – casamento, monogamia e procriação. Já a medicina deslocou o discurso sobre as “sexualidades transgressoras” para o campo das patologias e desvios sexuais (PARKER, 1991; GREEN, 2000).

O controle e a segmentação dos espaços são partes constitutivas e fundamentais deste processo de higienização e disciplinamento de condutas, corpos e sexualidade (FOUCAULT, 1987). Conforme Valentine (1993), a regularização dos espaços é um dos principais instrumentos de poder do discurso heteronormativo a fim de manter os padrões de gênero, corpo e sexualidade por ele instituídos. Já Namaste (1996), em seu artigo *Genderbashing: sexuality, gender, and the regulation of public space*, observa que a regularização do espaço público está intimamente vinculada às “identidades de gênero” culturalmente sancionadas. Para autora, isto tem profundas implicações para as pessoas que “desestabilizam” as relações de sexo e gênero normativas, como as travestis⁷⁴. Laura, por exemplo, recorda um episódio bastante ilustrativo:

Eu me lembro uma vez na década de 70 quando eu fui sair de mulher na Central do Brasil, fui pegar um táxi e quando descobriram que eu era bicha, viado,

⁷⁴ Ao abordar as diferentes respostas dos ativistas contra a homofobia, com relação aos gays e transgêneros - sendo os gays, segundo a autora, alvo de melhores tratamentos por parte dos ativistas-, chama a atenção para o fato de que, os principais alvos de violência e coerção são vitimizados devido não as suas orientações sexuais, mas sim a visibilidade de suas apresentações de gênero percebidas como ameaças a dominação heterossexual do espaço público.

sei lá, juntou uma montoeira de gente [...]. Queriam me malhar. A sorte é que eu entrei dentro do ônibus, o chofer fechou a porta e me levou para o distrito [...]. Para eu sair de lá o policial teve que ir na casa onde eu estava pegar minha roupa de homem.

Já dizia o antropólogo Roberto Da Matta (1997), um dos principais pensadores sobre a sociedade brasileira, que “o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (Ibid., p.30). Deste modo, percebe-se que o espaço surge como temática fundamental para se pensar as relações sociais no Brasil e nas cidades brasileiras. O autor ressalta que é possível pensar a sociedade brasileira a partir de três espaços: a casa, a rua e o “outro mundo”⁷⁵. Muito além de simples espaços físicos, são compreendidos, pelo autor, como espaços sociais dotados de moralidades específicas. Portanto, modos de ler, explicar e falar das relações sociais no Brasil. O mundo da casa sendo o lugar da tranquilidade, o lar, a morada, onde somos membros de uma família, o lócus do doméstico, da mulher⁷⁶, onde predomina a noção de pessoa em contraste com o mundo da rua, o espaço do movimento, da surpresa, das tentações, dos imprevistos, da competição e do trabalho, do homem, espaços que expressam respectivamente as categorias sociológicas de pessoa e indivíduo. Diz ele:

Duas perspectivas opostas, mas complementares de se pensar a sociedade brasileira, a casa e a rua são como dois lados de uma mesma moeda. Compensando-se mutuamente e sendo ambas complementadas pelo espaço do “outro mundo”, onde residem os espíritos e deuses, casa e rua

⁷⁵ É necessário ressaltar que alguns autores procuram relativizar a “rigidez” da clássica dicotomia casa e rua. Por exemplo, Santos & Vogel (1985), em pesquisas realizadas no bairro do Catumbi, zona norte do Rio de Janeiro, salientam que a rua é vista como uma extensão da casa para os moradores que estudaram por meio de atividades do dia-a-dia, como as brincadeiras das crianças na rua, as conversas entre os vizinhos, as festas. Por sua vez, Rocha, tendo como base uma pesquisa sobre a vida cotidiana dos moradores de um bairro da cidade de Porto Alegre, aponta para o fato de que a relação dos moradores com o bairro pode revelar inúmeras facetas não de uma ambivalência Casa/Rua, mas da harmonia conflitual entre tais inscrições espaciais do corpo coletivo das cidades brasileiras (ROCHA, 2002).

⁷⁶ Rosaldo, em seus estudos, chama a atenção para as conseqüências com relação à oposição público e privado para o status social da mulher. Para autora, insistir em dicotomias tende a reforçar universalismos e essencialismos pautados na desigualdade sexual ou mesmo em relação à categoria mulher. Para maiores informações ver: Rosaldo & Lamphere (1979), Rosaldo (1995), Laurettis (1994) e Ortner (1979).

formam os espaços básicos através dos quais circulamos na nossa sociabilidade (DA MATTA, 1998, p. 33).

Em suas interpretações da sexualidade brasileira, Parker (1991) apóia-se, justamente, na oposição dos espaços da casa e da rua propostos por Da Matta (1997). Neste sentido, para Parker, a sexualidade brasileira pode ser compreendida a partir da idéia de uma dupla moralidade: a da casa, onde a sexualidade seria experimentada sob a insígnia do lar e da família, e a da rua, que oferece possibilidades de experimentar as sexualidades “ilegítimas”, ainda que sob as prescrições e normas da Igreja e do Estado.

Para autores como Parker a herança da tradição patriarcal marcou profundamente a sociedade brasileira e ainda é presente nos dias atuais. Faz-se necessário salientar que, ao mesmo tempo em que a sexualidade tornou-se referência fundamental para se pensar o Brasil, é tida como eixo de formação de uma identidade nacional (FREYRE, 1930; PRADO JÚNIOR, 1933) visto que o “furor sexual e erótico”, próprio do “povo brasileiro”, como bem observa Vainfas, desde nosso passado colonial, não esteve livre de sanções: “À fornicção tropical não faltaram, pois, normas bem rígidas. [...] Por mais sexualmente intoxicada que tenha sido a colônia, como quer Gilberto Freyre, os valores da família, mescla da cultura popular e do discurso oficial se fizeram presentes” (VAINFAS, 1989, p. 65, *apud* RAGO, 2006). A sexualidade brasileira foi regularizada sob os pressupostos científicos que emergiram ao longo do século XIX, que classificou e nomeou comportamentos e práticas sexuais em legais e ilegais. Assim, concordo com Green (2000, p.26) quando diz que, “o mito de que não existe pecado ao sul do equador sempre escondeu um amplo ‘mal-estar cultural’ diante dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, principalmente, acredito, entre aquelas que o discurso heterossexista dominante considera “transgressores do gênero”.

Por sua vez, considerando algumas das características da sociedade complexa moderna (VELHO, 1999b) como, por exemplo, a coexistência de grupos, estilos de vida e visões de mundo diferentes, Velho pondera que, um dos seus grandes paradoxos é justamente o fato de:

[...] gerando a diferenciação, não consegue conviver com ela a não ser através de mecanismos discriminatórios. Daí a coerção normalizadora, a repressão institucional, a fabricação ininterrupta de desviantes. [...]. No caso brasileiro teríamos, portanto, uma estrutura social marcadamente rígida com normas e regras bastante estritas, com um forte

controle social sobre o comportamento dos indivíduos (VELHO 1999a, p.63).

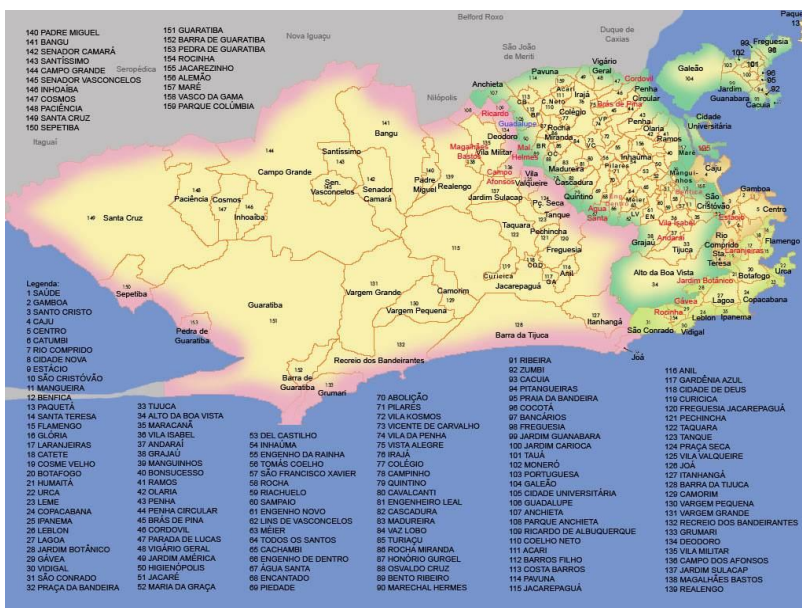
Mas, justamente por fazermos parte de uma sociedade complexa, que se caracteriza pela maleabilidade e fluidez das fronteiras sociais, cujo um dos principais aspectos de seu estilo de vida é a possibilidade de jogo de papéis e identidades, as noções de normalidade e desvio têm um caráter instável e dinâmico. Todavia, por mais que exista uma margem de manobra, em função da natureza das sociedades modernas complexas, existem limites que se são ultrapassados podem mobilizar sanções e mecanismos de controle e repressão, transformando determinados sujeitos em transgressores e/ou desviantes. (VELHO, 1999b, p.83)

Deste modo, Velho (1999a), ao analisar a importância do indivíduo e de suas ações e interações no contexto das sociedades complexas modernas, elaborou noções como a de campo de possibilidades, e a de projeto chamando atenção especialmente para as relações desta última com a memória; partindo da idéia que é a memória que dá consistência a biografia do indivíduo e permitiria o desenvolvimento de projetos. Desta forma, associados, projeto e memória são o que dão sentido as vidas e as ações dos indivíduos em sociedade. Tais noções tornam-se fundamentais, neste trabalho, tendo em vista as narrativas biográficas e as trajetórias sociais dos sujeitos desta pesquisa, articuladas as reflexões de De Certeau (2008) sobre a cidade e as práticas urbanas, para quem:

A vida urbana deixa sempre mais remontar aquilo que o projeto urbanístico dela excluía. Deste modo, se a linguagem do poder se urbaniza, na cidade podemos observar movimentos contraditórios que se compõem e se combinam fora do poder panóptico. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparência racional – impossíveis de gerir. (DE CERTEAU, 2008:174)

A partir deste panorama, a ênfase analítica neste trabalho recai sobre os jogos das memórias das travestis aqui estudadas, das suas formas de sociabilidade e interações sociais como campo de negociação da realidade social cotidiana ao longo do tempo. Portanto, tomando a cidade como objeto temporal, em termos de Eckert & Rocha (2005, p.96), trata-se de investigar o "tempo do mundo" de caráter homogeneizante e progressista que rege o ritmo dos acontecimentos da vida dos grupos urbanos e, de

outro, trazer à tona o "tempo vivido" dos sentimentos e emoções coletivas da qual participam tais grupos humanos, inclusive a pesquisadora. Deste modo, ainda com as autoras, trata-se de pensar que “a cidade, em sua polissemia, torna-se o testemunho dos jogos da memória de seus "agentes", espaço fantástico onde eles podem "colar" sua existência a certos momentos de interação social vividos em seus territórios e investi-los do próprio ritmo construindo no corpo da duração de biografias de vida” (ECKERT & ROCHA, 2005, p.88). Neste sentido, em termos gerais, observa-se que nas narrativas de memória das travestis das antigas que dão conta de suas experiências na e da cidade são enunciados preconceitos e discriminações constrangedores de seus processos de construção de subjetividade, de formulação de projetos, e de apropriações e usos da cidade que nasceram e/ou escolheram para viver. Porém, como se verá ao longo da tese, isto não as impedia de sair às ruas, de impor seus estilos de uso em diferentes espaços urbanos, e de, ao longo de suas trajetórias, criarem formas de sociabilidade e redes sociais, e desenvolverem uma tradição em estreita articulação com as práticas de espaços.



Mapa da cidade do Rio de Janeiro⁷⁷.

⁷⁷ Disponível em: www.google/maps. Acesso em 10/2009.

3.3 O Rio de Janeiro como *cenário e personagem*

No capítulo anterior procurei, de forma breve, apresentar ao leitor alguns aspectos e imagens sobre a cidade do Rio de Janeiro no intuito de entusiasmar-lo a aventurar-se, junto com “as travestis das antigas” e comigo, por alguns dos caminhos (dentre os muitos) que dão forma a esta cidade. Convém esclarecer que não faz parte dos propósitos deste trabalho dar conta das inúmeras representações e análises empreendidas sobre o Rio de Janeiro. Como bem observa Oliveira (2002), o Rio de Janeiro é certamente a cidade mais estudada⁷⁸, mais retratada e, se me permitem a expressão, mais “iconografada”⁷⁹ do Brasil. Tema de inúmeras canções, sendo a mais célebre Garota de Ipanema, de Vinícius de Moraes, que é conhecida e cantada internacionalmente, bem como tema e cenário de obras literárias, como as de Machado de Assis, Lima Barreto, Nelson Rodrigues, para citar apenas alguns. Neste sentido, não há como não mencionar um dos seus mais célebres cronistas o jornalista e escritor carioca João do Rio⁸⁰.

O Rio é ainda cenário de muitas produções fílmicas hollywoodianas desde *The Girl From Rio* realizada em 1927, e *Voando para o Rio*, de 1933 que, por sua vez, inventam um Rio de Janeiro a partir das muitas imagens da cidade e dos seus habitantes veiculadas na tela de cinema (FREIRE-MEDEIROS, 2005). Cabe ainda uma menção as telenovelas brasileiras⁸¹ – um dos principais produtos de exportação brasileiro – que tem a cidade do Rio de Janeiro (principalmente a zona Sul e, mais recentemente, as favelas cariocas, reproduzindo em grande parte a dicotomia “morro e asfalto”) seu cenário por excelência. Ao longo do texto algumas dessas imagens e representações da cidade serão consideradas no desenvolvimento das análises. No início do século XX o Rio de Janeiro viveu um intenso processo de transformação através da

⁷⁸ Inúmeros são os trabalhos que contemplam a cidade a partir da ótica dos variados campos das ciências humanas e sociais (LEITE, 1995; 1997; VENTURA, 1994; VELLOSO, 1988).

⁷⁹ Neste sentido, podemos lembrar os inúmeros viajantes que durante o século XIX produziram registros através de suas telas e aquarelas, de paisagens e dos habitantes da cidade; bem como, a imensa coleção de fotos produzidas por Marc Ferrez e Augusto Malta desde o início do século XX, fotógrafo que registrou as transformações implantadas na cidade durante a administração de Pereira Passos. Neste sentido, ver o interessante artigo de Moreira (1997) e os muitos álbuns de fotografias sobre a cidade, que registram não apenas suas belas paisagens e o estilo de vida de seus moradores, mas também as transformações pelas quais passaram a cidade (BERGER, 1979).

⁸⁰ João do Rio é o pseudônimo do jornalista carioca Paulo Roberto, visto como um dos mais famosos *dândis* cariocas (GREEN, 2000; FIGARI 2007). Seu mote foi à vida urbana da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Segundo O’Donnel (2008), sua própria imagem pública era uma alegoria do *ethos* da metrópole em estado nascente.

⁸¹ Para maiores informações consultar: Prado (1987), Leal (1986) e Hamburger (2007).

reforma urbana empreendida pelo prefeito (e engenheiro) Pereira Passos. De 1902 até 1906 Passos comandou o mais importante processo de reforma no tecido urbano da cidade. Como bem observam Motta & Santos (2003): “O discurso que predominava era calcado nos pilares da razão e da ordem, e visava produzir não apenas um modelo de cidade, mas também de nação - pensando-se na capital federal como vitrine e espelho do Brasil – baseado em determinadas concepções de progresso e de modernidade” (MOTTA & SANTOS, 2003, p. 12).

Assim, a reforma urbana de Passos⁸² atingiu sobremaneira as práticas econômicas, as formas de lazer, os costumes e os hábitos arraigados no tecido social e cultural da cidade que, por não estarem em conformidade com os novos padrões, não poderiam mais ser permitidos, um dos objetivos principais era regulamentar o cotidiano da população carioca (MOREIRA, 1997). Deste modo, em nome da higiene e da estética, por exemplo, se proibiu a venda dos mais variados produtos nas vias públicas, se procurava combater o comércio ambulante, aos quiosques públicos⁸³ - um dos pontos de encontro da população operária- o exercício da mendicância, entre outras medidas (ABREU, 2006, p.63). Ao mesmo tempo em que a “cirurgia urbana” era realizada, através da abertura das grandes avenidas e da construção de jardins e passeios públicos pela cidade, que por sua vez, desenvolveram novas formas de sociabilidades mais “organizadas”⁸⁴. Se antes a sociabilidade se restringia a esfera da casa e da Igreja, à medida que a cidade se transformava e se urbanizava, “descobre-se a rua” e se desenvolve “hábitos mundanos” (BORGES, 2001 *apud* D’INCÃO, 1997).

⁸² A Reforma Passos em muito se inspirou nas transformações urbanas realizadas na cidade de Paris na França empreendidas no século XIX, sob a direção do prefeito Georges Eugène Hausmann. Para maiores informações ver Benchimol (1990).

⁸³ Muitas dessas medidas atravessaram os tempos e são tomadas pelos diferentes administradores da cidade nos últimos anos, por exemplo, as incansáveis (e muitas das vezes, ineficazes) medidas de fiscalização do comércio ambulante carioca, cuja construção do “Camelódromo” no centro da cidade é um exemplo, mais recentemente as obras realizadas na orla da Avenida Atlântica voltada para a “modernização” e “padronização” dos quiosques, durante a administração do prefeito Cezar Maia; inclusive pude acompanhar em campo um processo de “ordenamento” do comércio na orla e nas areias das praias da zona Sul carioca. Cabe ressaltar que uma das primeiras medidas tomadas pelo atual Prefeito da cidade, o Sr.Eduardo Paes foi justamente de *por ordem na cidade*. Entre muitas medidas, o foco recai sobre o comércio popular, e sobre a prostituição nas ruas da cidade.

⁸⁴ Peixoto (1997) em interessante artigo sobre as ideologias paisagísticas na França e no Brasil menciona que no período da Reforma Passos, praças, largos e jardins são arborizados, cobertos por grama, árvores, lagos, uma mudança de estilo desses novos espaços que leva a mudança de seu papel social. É assim que o repouso é introduzido na concepção de lazer dos habitantes. Ela destaca, por exemplo, a reforma do terreno que margeava a praia de Botafogo transformado no Passeio dos Ingleses, que a partir da década de 20 passa a ser chamado de Praça Paris, um dos marcos da memória de nossas interlocutoras como veremos a seguir.

É a partir da Reforma de Passos que a cidade se expande no sentido zona sul, através dos bondes, utilizado sempre pela população de maior poder aquisitivo, em direção a zona norte através da malha ferroviária e, finalmente, nos espaços livres do morro do centro onde se instalam os pobres, muitos dos quais oriundos dos cortiços demolidos durante a reforma (ABREU, 2006). É nesta época também que o Rio de Janeiro, agora uma “cidade higienizada”, “embelezada”, é representado como a Cidade Maravilhosa, título que lhe foi conferido a partir do livro de poemas *La ville merveilleuse*, de uma escritora francesa encantada com a cidade que visitara logo após a reurbanização empreendida por Pereira Passos, orientada pelos padrões estéticos da belle époque (LEITE, 2000, p.1).

As transformações urbanas na cidade foram sucedidas nas décadas posteriores através da gestão do prefeito Carlos Sampaio (1920-1922). Com Carlos Sampaio a cirurgia urbana culminou com a demolição do Morro do Castelo⁸⁵ (localizado no que atualmente é a área central da cidade) e a remoção da população instalada no morro para áreas distantes do centro, principalmente para a região da zona Norte da cidade. O propósito era realizar uma separação de usos e classes sociais com maior atenção para as áreas reservadas ao Estado e ao consumo das elites e da classe média, no caso os bairros do Centro e da zona Sul. A idéia era construir uma cidade seguindo o modelo das cidades européias, sendo a capital francesa o modelo de referência principal. (cf. ABREU, 2006) A cidade vai ganhando ares de principal destino turístico do país, como uma cidade moderna, civilizada e de natureza exuberante. Castro, (1999) ao abordar a relação da cidade com o turismo, discute algumas das imagens veiculadas através de folhetos, guias turísticos, que atravessam os séculos e que aludem a natureza turística da cidade. Em uma de suas análises se dá conta que diferentes imagens marcaram esta natureza turística, por exemplo, na década de 30 os guias pesquisados destacavam a suntuosidade dos edifícios, a grande beleza das praças com suas fontes e estátuas, e a vivacidade dos cafés ao ar livre⁸⁶ (CASTRO, 1999, p. 83) bem diferente das imagens e narrativas produzidas

⁸⁵ Segundo nos informa Oliveira, o desmonte do Morro do Castelo foi realizado no âmbito das comemorações da Independência durante o ano de 1922. No início dos anos 20, tratava-se de preparar a cidade para uma grande exposição internacional. E era naquele território que se dava uma convivência problemática entre um Rio europeu e elitizado, e resquícios da cidade colonial e popular (OLIVEIRA, 2002).

⁸⁶ Cabe mencionar um filme do tipo documentário de viagem produzido por uma empresa cinematográfica hollywoodiana, a Metrô Goldwyn Mayer, sobre o Rio de Janeiro na década de 30. O filme intitulado *Rio city of splendour* de 1936 retrata alguns dos principais edifícios (Palácio Monroe, Teatro Municipal) da cidade, praças como a Praça Paris, a Av. Beira Mar, as calçadas com mosaicos, e os morros como o Pão de Açúcar. Disponível em: <www.youtube.com> Acesso: 20 out. 2009.

sobre a cidade nas décadas posteriores que enfatizam o carnaval, a praia, o futebol e o samba, características dos dias atuais.

O fato é que tais reformas visavam, sobretudo, a modernização da estrutura da cidade e dos padrões sociais. O período entre as décadas de 1930 e 1960 é visto como uma época de vertiginosas transformações na cidade, devido, principalmente, ao processo de industrialização ocorrido durante o governo do presidente Juscelino Kubitschek na década de 50 que tornou a cidade um dos pólos econômicos do país e um dos principais destinos do fluxo migratório da população residente no campo, fenômeno característico da sociedade brasileira naquele momento (ABREU, 2006). É nesta época também que começa a se desenvolver no país uma cultura de massa relacionada, principalmente, com a expansão das rádios, especialmente a partir da década de 40. Já em 1941 é implantada a rádonovela no país. E, entre as décadas de 40 e 50, o cinema torna-se um bem de consumo entre os brasileiros, principalmente com a entrada da indústria cinematográfica norte-americana (ORTIZ, 2006). Isto não quer dizer que não existia uma produção cinematográfica nacional, tendo em vista a construção de estúdios de cinema, como a Vera Cruz em São Paulo, aos moldes de Hollywood, e a Atlântida do Rio de Janeiro, que fica famosa pela produção de comédias musicais com temas carnavalescos, principalmente, e de costumes, onde os principais atores eram da Rádio Nacional, e que passamos a ter nossas próprias produções cinematográficas, como as rádonovelas e filmes. E, foi justamente através da rádonovela e destes filmes que algumas de nossas interlocutoras se encantaram com a “Cidade Maravilhosa” e com o estilo de vida que era representado nas telas⁸⁷.

O fato de ter sido capital do País até a década de 60 em muito justificou todo esse processo de urbanização e modernização da cidade. Assim, ao longo do século XX o Rio de Janeiro foi ganhando ares de metrópole, cosmopolita e moderna e, atualmente, com quase seis milhões de habitantes é o segundo maior município brasileiro, só superado por São Paulo. Para alguns historiadores (ABREU, 2006; VILHENA, 2003) muitos foram os efeitos colaterais das cirurgias urbanas empreendidas nas primeiras décadas do século XX, sendo a principal delas a expansão desordenada da cidade com a população de baixa renda instalando-se de forma irregular, o que, nos últimos anos, vem representando um grande desafio para as autoridades responsáveis pela gestão da cidade. Tais transformações foram caracterizadas também pelas mudanças de hábitos e de costumes da população, relacionados, em grande parte, com a ocupação

espacial da cidade. Para se ter uma idéia é a partir da reforma, empreendida durante o governo de Pereira Passos, que o banho de mar na cidade vai deixando de ser visto como unicamente terapêutico para se tornar uma prática de lazer voltada para o culto da beleza. É o início da “vocação balneária” que o Rio de Janeiro vai levar às últimas conseq ncias fazendo das praias o foco principal do lazer, o principal espaço público da cidade até a atualidade. (IWATA, 2001)

Ao mesmo tempo, a popula o de alta renda vai ocupando os bairros da zona sul enquanto os segmentos mais populares da popula o se expandem pela região central e pelos bairros da zona norte. Até as décadas de 30 e 40 a zona sul se define como espaço de habita o e lazer das classes dominantes, ao mesmo tempo em que vai surgindo, em grande parte vinculada ao culto   praia, uma imagem da cidade onde o “tom bronzeado” e a “ideologia do morar a beira-mar” compõem uma nova representa o social da classe dominante, imagem que passa a ser perseguida por todos aqueles que querem ser reconhecidos como cariocas e se sentir inseridos na cultura burguesa (cf. IWATA, 2001). As praias cariocas, especialmente a orla que se estende pelos bairros da zona sul (Botafogo, Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon), apesar da característica estratifica o e segmenta o em várias “tribos” (MAFFESOLI, 1987), tornou-se um dos ícones não só de uma “cultura hedonista” atrelada   cidade e aos seus habitantes, mas também de uma idéia do Rio de Janeiro como uma “cidade democrática” onde “todos” se “encontram” sob os “raios do sol” e desfrutam de um “chopp gelado”.

No entanto,   medida que a região sul cresce, em muito devido   forte expansão imobiliária que atravessou a região, sendo o bairro de Copacabana o mais atingido - devido   idéia de populariz -lo através das constru es de edifícios com muitos apartamentos por andar (VELHO, 2002a) -, a configura o sócio-espacial vai adquirindo novas fei es. E a cidade, muito vinculada ao bairro de Copacabana, vai consolidando um ‘perfil’ caracterizado por suas belezas naturais, pela cordialidade, irreverência e alegria dos seus habitantes, ‘orgulhosos de sua cidade maravilhosa’. Por outro lado, no início da década de 60, com a mudança da capital federal para Brasília, o Rio de Janeiro procura compensar seu esvaziamento político e perda de status, exatamente pela valoriza o desta imagem de “cidade maravilhosa”, com forte ênfase em sua face de centro cultural e artístico, bem como de gestor de novos comportamentos, modas, experimentos (LEITE, 2000).  poca que as interlocutoras falam principalmente de um Rio elegante, a cidade-capital (LINS DE BARROS, 1997) onde as senhoras andavam de luvas e chapéus, os senhores de terno e gravata, dos concursos de Miss Brasil no Maracan zinho, dos pomposos

bailes de carnaval, de uma cidade que atraía artistas de Hollywood, enfim aspectos de uma cidade glamourosa que serão retomados em outros capítulos da tese a partir de suas narrativas.

Mas, ao longo dos anos, a “cidade maravilhosa”, símbolo nacional da irreverência, alegria e da exuberância natural, cartão postal do país e principal destino turístico, foi se tornando uma metrópole caracterizada por sua heterogeneidade de tipos urbanos, salientando sempre sua vocação democrática que garantia a integração de todos acima das diferenças de raça, classe e gênero, apesar dos profundos contrastes sociais e econômicos. Justamente atrelada à intensificação de tais contradições ao longo das últimas décadas, principalmente a partir das últimas décadas do século XX, outra imagem foi vinculada à cidade, a do “Rio violento” onde predomina a insegurança e o medo⁸⁸. Para um maior aprofundamento acerca da problemática da violência e criminalidade na cidade do Rio de Janeiro sugiro os trabalhos de autores como: Leite (1997, 2000), Soares (1995) e Zaluar (1996). Por outro lado, concordo com Villaça (2001, p.3) quando salienta que, atualmente, é impossível fixar à cidade qualquer uma dessas imagens, o Rio feito de points turísticos, da beleza de suas paisagens, da sensualidade e do erotismo, é também o Rio dos arrastões, da criminalidade, do tráfico, das balas perdidas, ou seja, devem ser entendidos como devires de uma cidade.

E pensando em seus devires que estarei tratando de um dos seus aspectos ao procurar compreender as formas de sociabilidade desenvolvidas entre as personagens desta pesquisa através de suas memórias, itinerários urbanos e trajetórias sociais. Como já mencionei Silva (1993; 1997), em seus estudos sobre travestis, ressalta que há muito que tais atores não são característicos das grandes cidades, podendo ser encontrados nas mais variadas cidades brasileiras, de médio ou pequeno porte, mas sempre tendo em vista as suas particularidades. Não há como duvidar de tal argumento, no entanto, acredito que em nenhuma outra cidade brasileira ganhou tamanha visibilidade e complexidade como no Rio de Janeiro. Não é por

⁸⁸ É interessante notar que alguns guias turísticos sobre a cidade sem um discurso alarmista – o que parece óbvio - alertam o turista para os perigos da cidade, normais em qualquer grande metrópole. Entre algumas dicas estão: “em caso de perda, furto ou roubo compareça a delegacia especial de atendimento ao turista. Cuidado com as malas e os laptops. Não deixe sua bagagem desacompanhada. Esqueça a antropologia não entre nas favelas dos morros. Evite o centro nos fins de semana. Não deixe a vista máquina fotográfica ou filmadora. Guarde-as em uma bolsa discreta e dê uma olhada antes de usá-la. Não use relógios ou jóias chamativas. Não ande perto do mar de Copacabana antes das 6hs e depois das 19hs. Nos aeroportos, prefira os táxis de cooperativas registradas. Para chegar à cidade ou sair dela, prefira os períodos da manhã ou da tarde. Saia apenas com o dinheiro necessário e ande com cópia dos seus documentos” (GUIA QUATRO RODAS, Ed. Abril, 2006).

acaso que, durante uma conversa informal com Chacrete⁸⁹ (uma travesti em torno dos 50 anos), durante uma reunião da ASTRA RIO (Associação das Travestis e Transexuais/RJ), que ela, enfaticamente, me dizia: “tudo começou aqui, as travestis apareceram aqui, não tinha em outros lugares, depois que foi aparecendo”.

De onde surgiram inclusive travestis que ganharam status de celebridades nacionais como Rogéria e Roberta Close. Sendo “vendidos” turisticamente, mesmo que não oficialmente, como mais um dos atrativos exóticos e exuberantes da cidade. Nos últimos meses, algumas delas protagonizaram as páginas de alguns jornais cariocas envolvidas em escândalos, tornando corriqueira sua aparição em programas de TV em horários vespertinos⁹⁰. Por sua vez, nos últimos anos, algumas telenovelas contaram com a participação de artistas travestis fazendo papéis de travestis e/ou transexual, como por exemplo, a novela *Paraíso Tropical*, exibida em 2007 pela Rede Globo de televisão, que contou com a participação, em algumas cenas do folhetim, da Rogéria (que interpretava o papel de uma transexual – ‘ex-transformista’- casada com um português) e inclusive de algumas interlocutoras da pesquisa, como Camille, Jane e Marlene, que faziam papel de travestis que fizeram sucesso no Teatro de Revista carioca. Em síntese, o enredo da cena que todas participaram girava em torno de uma visita a uma amiga ex-vedete (papel da atriz Yoná Magalhães) moradora de Copacabana para um chá onde recordavam “os bons tempos” dos espetáculos de revista⁹¹. O que está em jogo, sem dúvidas, são imagens e as representações das experiências travestis veiculadas pela mídia que,

⁸⁹ O nome Chacrete não é uma ‘simples referência’ as sensuais dançarinas do Programa *Cassino do Chacrinha* veiculado em sua última versão pela Rede Globo de Televisão mas porque, segundo ela, trabalhou na década de 80 como dançarina durante alguns programas em substituição a uma dançarina que estava com problemas de saúde.

⁹⁰ Há alguns meses atrás durante uma reunião familiar uma tia materna compartilhava comigo informações sobre o uso da prótese de silicone e outros tratamentos estéticos corporais colhidos após assistir uma entrevista de uma travesti num programa de TV do tipo variedades, veiculado à tarde.

⁹¹ Em algumas novelas atores fizeram papéis de travestis como, por exemplo, na novela *Explode Coração* de Glória Perez, exibida pela Rede Globo em 1995. Em 2005, numa outra novela da emissora, o ator Miguel Magno (já falecido) interpretou a Dona Roma que não ganhou a identificação como travesti exatamente, mas próximo do *crossdressing*. Neste sentido, cabe mencionar que o cinema há décadas explora a experiência da travestilidade. Destaco os muitos filmes do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, e aqui no Brasil o filme *Copacabana* (2001) de Carla Camuratti que traz a Rogéria ‘interpretando a si mesma’ e que foi abordado por mim na dissertação de mestrado. Com relação aos filmes do cineasta espanhol saliento o artigo de Maluf (2002b), “Corpo e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero nas margens”, onde a autora faz uma interessante análise sobre a problemática do gênero e corporalidade a partir de uma personagem travesti do filme *Tudo sobre minha mãe*, de 1999.

em termos gerais, reforça a idéia da travesti como um dos muitos “tipos” da cidade diretamente vinculado ao bairro de Copacabana.

Questões “explicáveis”, talvez pela própria “índole” da cidade e dos seus habitantes por nascimento, ‘o carioca’, identificado como um povo sensual, erótico e libertário, ou simplesmente pela curiosidade e exotismo que suscita. Silva, em *Certas Cariocas*, em suas reflexões sobre o Rio de Janeiro observa que os habitantes da cidade vivem sob o signo da liminaridade, onde as relações sociais se desenvolvem sob a égide do “desregramento”. Para ele, “em tal terreno, surpreender-se com a travesti é, não se dar conta do chão que se pisa” (SILVA, 1996b, p.15).

Por sua vez, Heilborn (1999) ao salientar que a identidade brasileira é pensada em termos de desinibição sexual, aponta que desde o século XVII, pelos menos, o ‘país tropical’ é a terra sem pecado. Formou-se um imaginário social que perpassa, igualmente, parte de nossa produção sociológica, sobre a sensualidade brasileira questões que já foram mencionadas anteriormente e chamam a atenção para o fato de que o Rio de Janeiro foi tomado como ‘micro-modelo’ do país. A autora atribui à vanguarda e ao cosmopolitismo da antiga capital, com sua vida política e a presença constante de estrangeiros, a origem da imagem sexualizada e erotizada da cidade. A geografia e o clima do Rio de Janeiro entram no discurso sobre esta sexualização e/ou sensualidade: natureza tropical, temperatura elevada e a vida social ao ar livre, em parques, praias e praças, gerariam um ambiente propício à lascívia e ao desnudamento. (HEILBORN, 1999, p.2)

Ao mesmo tempo, um mapa erótico tanto heterossexual como homossexual (GUIMARÃES, 2004; GREEN, 2000; PARKER, 2002; FIGARI, 2007) se consolidou na cidade nas últimas décadas, principalmente nos bairros da zona Sul estreitamente vinculado a um turismo internacional (HEILBORN, 1999). No último capítulo da tese será justamente abordado, através das narrativas de memórias das interlocutoras, territórios de sociabilidade que delimitam também um circuito (MAGNANI, 1996) “erótico-sexual”. Mas, retomando Heilborn, em “Corpos na cidade: sedução e sexualidade” (1999), ao discutir a temática da sexualidade na cidade Rio do Janeiro e todo o imaginário social que recai sobre ela pautado pela idéia de “costumes libertários no que toca à sexualidade, de permanente sedução e exibição dos corpos” precisa ser relativizada e matizada. Tendo como base suas pesquisas em diferentes bairros da Zona Sul e Zona Norte da cidade, Heilborn verifica diferenças no que concerne às concepções sobre sexualidade, corpo e família relacionadas aos estilos de vida e visões de mundos diferenciados insinuando que:

[...] na metrópole carioca as diferenças entre estilos de vida e visões de mundo rebatem, ainda que de uma maneira não linear, na organização social dos bairros; a oposição sul-norte fala de fronteiras morais significativas. [...] (HEILBORN, 1999, p.7)

O Rio se multifaceta em cenários sexuais mais contrastantes, nos quais as diferenças de classe, a construção social dos gostos e corpos, a oposição simbólica e moral dos bairros fazem emergir sensíveis contrastes. (*Ibid.*, p.11)

Ao mesmo tempo, autores como Peres (2005), Kulick (2008) e Pelúcio (2009) enfatizam os processos de estigmatização e discriminação por quais passam as travestis em seus cotidianos. Em geral, estes estudos têm como universo de pesquisa travestis jovens onde as mais velhas aparecem em casos isolados. Em relação ao contexto carioca durante as reuniões da ONG Astra Rio que pude participar em campo, tive a oportunidade de compartilhar de reclamações de travestis que corroboram tais argumentos⁹². E mesmo que se evidenciem, representações da travesti como uma figura exótica e pitoresca, em alguns casos, como indivíduos agressivos e violentos, em outros, como vítimas de uma sociedade excludente e preconceituosa (PERES, 2005), o fato é que “para ver travesti⁹³” não é mais necessário deslocar-se até teatros, bailes e clubes durante o carnaval, e durante a noite até as esquinas, calçadas e avenidas de alguns bairros da cidade, cada vez mais são partícipes do cotidiano da cidade. Guardadas as devidas proporções da hipótese defendida com tanto ardor e segurança pela Chacrete, o interessante é reter deste panorama o que é bom para pensar. Para além de um esboço de um mito de origem do “fenômeno”, o que chama a atenção é o delinear de uma relação peculiar com a cidade. E são justamente sobre os primeiros indícios dessas relações e interações que se debruçam as páginas que se seguem.

⁹² No final de uma das últimas reuniões que participei, enquanto nos despedíamos, escutei uma travesti em torno de uns 25 anos reclamando com a presidente da ONG que estava tendo dificuldades para alugar um apartamento. Ao aproximar-me das duas e fazer parte da conversa tomo ciência de que a travesti mais jovem ficou sabendo, através de uma amiga travesti, de um apartamento no centro da cidade do seu agrado para alugar. No entanto, ao fazer contato telefônico com a proprietária foi informada que o mesmo já tinha sido alugado. Mas, segundo “fontes seguras”, ou seja, através do porteiro do prédio, sabia que o apartamento estava vago. Sentia-se discriminada, o que, segundo elas, é algo corriqueiro, e estavam pensando numa estratégia para averiguarem, com exatidão, se o apartamento estava vago ou não.

⁹³ Aqui faço alusão à fala de Jane que, em uma de nossas entrevistas, enfatizou que *antigamente para ver travestis tinha que ir ao teatro*.

3.4 As primeiras *teias* entre a cidade e a travestilidade

O percurso do que recentemente é chamado de “travestilidade” na cidade do Rio de Janeiro nos remete a tempos longínquos e a sujeitos que, inicialmente, foram ‘classificados’ como “fanchonas”, “frescos” e “afeminados” (GREEN, 2000). Santos (1997), em *Incorrigíveis, afeminados, desenfreados: Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX*, em sua pesquisa sobre os sinais do fenômeno na Bahia, destaca uma matéria do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, intitulada ‘Homem-mulher’, como evidência da existência de sujeitos “travestidos”⁹⁴ na cidade, diz o autor:

A referida matéria tratava de um episódio envolvendo a prisão de um rapaz chamado João, pardo, 22 anos “presumíveis”, que teria “formas mais ou menos regulares de voz affeminada”. João, que no seu segundo depoimento não soubera dizer se era livre ou escravo, apesar de que anteriormente teria dito ser livre, houvera sido preso na freguesia do Engenho Velho, na casa de uma família à rua Uruguaiana, esquina com a General Câmara, onde, através de uma agência portuguesa, tinha se alugado como criada com o nome de Rosalina. Encontrava-se João (ou Rosalina?) na referida casa por quatro dias, “exercendo as funções de mucama”, quando, segundo o periódico, “quis o acaso que um menino que o vio despir-se descobrisse o segredo e d’elle desse parte a seo pae, que, por sua vez, o entregou a polícia”. O fato que tenha conseguido passar tanto pela agência de aluguel de escravos quanto pela família como sendo Rosalina, e não João é revelado, segundo a matéria, pela facilidade como ele “movia-se desembaraçadamente [...] em trajes de mulher”; o mesmo não ocorria quando usava roupas masculinas já que se mostrava “acanhado e trôpego no andar” parecendo não estar à vontade – à sonaise [grifo do jornal]. Mas, além dos trajes de mulher o que compunha a persona Rosalina? Tendo os cabelos “metido em um invisível e preso por um pente denominado vulgarmente travessa”, envolvia-se num

⁹⁴ Santos verificou que, no que se refere à sociedade baiana oitocentista, havia não apenas “homens vestidos de mulheres”, mas também “mulheres que se vestiam de homens” (SANTOS, 1997).

xale e usava uma “pequena almofada de algodão para fingir seios”. Convém notar a afirmação de que desde “tenra idade andava vestido de mulher” e que já havia trabalhado há algum tempo como criada em outras “casas de família”. A esse último dado deve ser acrescido o fato de que veio de Aruama (Araruama?) para o Rio de Janeiro, vestido de mulher, em companhia de “Bernadino de tal conhecido pelo charuteiro”, e que viveu na casa de Bernadino durante dois anos trabalhando como criada, sempre vestido de mulher, sabendo este “ser elle homem”. Por “soffrer maos tratos”, deixou a casa de Bernadino e passou a trabalhar em Barra do Paraí como cozinheira de “alguns trabalhadores de estrada de ferro” para posteriormente ser “alugada como criada em diversas casas de família” (SANTOS, 1997, p. 168-169). *Jornal da Bahia*, 25 de abril de 1875.

Já autores como Green (2000), que se dedicou a realizar um vasto estudo sobre a homossexualidade masculina no Brasil durante o século XX, e mais recentemente Figari (2007) que realizou, em termos do autor, uma genealogia crítica do homoerotismo na cidade do Rio de Janeiro do século XVII ao XX, a partir de suas pesquisas, também apontam indícios da ocorrência do “fenômeno” no cenário social desde as últimas décadas do século XIX. Em grande parte a experiência travesti, no sentido mais próximo do crossdressing (VENCATO, 2003) sempre esteve estreitamente relacionada às festividades carnavalescas e/ou populares que ocorriam desde o Brasil colônia. Figari (2007), por exemplo, destaca a ocorrência de tal prática entre um escravo chamado Antonio que trabalhava usando um nome feminino e que, ao ser descoberto por um cliente, foi entregue aos inquisidores.

De todos os modos, o travestismo identificado como uma transgressão de gênero sempre foi considerado um delito associado à sodomia e a fanchonice. Por exemplo, tanto Green quanto Figari destacam, em seus trabalhos, o estudo de Francisco José Viveiros de Castro, professor de criminologia na faculdade de direito do Rio de Janeiro que, em seu livro “Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual” destaca em 1880 a presença, nos bailes de máscaras durante o carnaval nos tempos do Império, de homens que se vestiam com roupas e acessórios femininos. Interessante que o professor de criminologia já fazia uma articulação entre a presença desses homens

afeminados a determinados lugares da cidade, formas de relacionar-se, e a “signos de identificação”.

O largo do Rocio foi antigamente célebre por ser o lugar onde a noite reuniam-se os pederastas passivos á espera de quem os desejasse. Tinham elles uma toilette especial por onde podiam ser facilmente reconhecidos. Usavam paletot muito curto, lenço de sêda pendente do bolso, calças muito justas, desenhando bem as formas das coxas e das nádegas. Dirigiam-se aos transeuntes pedindo fogo para accender o cigarro, em voz adocicada, com meneios provocantes e lascivos. Durante o carnaval vestidos de mulher, invadiam os bailes de máscara do theatro São Pedro. (VIVEIROS DE CASTRO, 1894 *apud* GREEN, 2000, p. 86)

Como por exemplo, o costume “de designar-se às vezes com nomes femininos como Princesa Salomé, Foedora, Adriana Lecouvrier, Cora Pearl”, além de terem o costume de usar pó-de-arroz, carmim, maquilagem e perfumes (VIVEIROS DE CASTRO, [1894] 1932, p. 228-229 *apud* FIGARI, 2007, p.296) signos tradicionalmente associados às mulheres nesta época. Estes homens em suas caminhadas “provocantes e lascivas” percorriam as ruas da cidade e se reuniam pelo Largo do Rocio (atualmente Praça Tiradentes), e na Praça da República, sendo “facilmente” identificados por sua aparência exuberante e fora dos padrões masculinos da época. Podiam também estar relacionados a certas profissões: cabeleireiros, costureiros, floristas, atores, bailarinos (FIGARI, 2007). Mas, a possibilidade de fazer uso de “vestes femininas” ficava praticamente restrita ao carnaval.

Numa época em que a homossexualidade e as “transgressões de gênero” eram vistos como “anormalidades sexuais”, perversões e desvio, a visibilidade de tais sujeitos e de suas práticas no espaço público era alvo de repressão policial, do escrutínio de suas vidas, corpos e sexualidade por parte de médicos e criminologistas e até mesmo justificativa para internação em instituições hospitalares. Os estudos dos criminologistas e médicos destacados por Green e Figari, em seus estudos, tinham como objetivo catalogar, classificar os homens efeminados e, “ao documentar um problema social, oferecer soluções para melhorar a saúde pública da Capital do Império e criar um papel ascendente dos profissionais médicos na manutenção da ordem e da saúde pública” (GREEN, 2000, p. 78), bem como fomentavam a noção do homem efeminado como imoral e

degenerado, e a patologização da pederastia. Neste sentido, cabe mencionar que Figari observa que a própria indústria cultural literária do princípio do século XX difunde uma visão naturalista da homossexualidade sempre relacionada ao discurso médico. Um exemplo interessante são os manuais veiculados entre as décadas 1930 e 40, “compêndios científicos publicados para a compreensão do público leigo dedicado aos comportamentos sexual, incluindo os desviantes, na linha moral do discurso médico-legal” (FIGARI, 2007, p. 284).

Seguindo esta linha de estudos, em idos da década de 30 do século passado, como nos informa os autores referidos, o médico Leônidas Ribeiro, entre outras pesquisas científicas, realizou um estudo em 1938, intitulado “Homossexualismo e Endocrinologia”. Os alvos de suas investigações era os “homossexuais profissionais” vinculados a prática da prostituição. Ribeiro estudou as histórias de vida de 195 homens e, dentre estas, destaca-se a vida de um deles conhecido pelo seu codinome feminino:

Segundo Ribeiro já na tenra idade Marina expressara preferências e atitudes associadas com meninas, tais como brincar com bonecas e gostar de tarefas domésticas. Sua primeira experiência sexual foi com um inspetor escolar, que o submeteu a penetração anal. Poucos anos depois Marina deixou sua família no norte do Brasil, mudou-se para o Rio de Janeiro e conseguiu emprego no teatro de revista como dançarino e membro do coro. No Rio, conheceu um homem de status social superior ao seu, e os dois iniciaram um relacionamento de seis anos, no qual Marina assumiu o papel tradicional da mulher. Ele cuidava da casa, possuía um guarda-roupa repleto de roupas femininas e assumiu o que Ribeiro considerava uma persona feminina: o prazer de servir, a dedicação, o espírito de sacrifício e passividade [...] (GREEN, 2000, p. 136).

Já Figari (2007), em seu trabalho, observa ainda a existência de duas travestis “famosas” durante o período da *belle époque* carioca, a Bela Açucena, de origem argentina, e Panella de Bronze, residentes no bairro da Lapa, ambas relacionadas à prostituição. Todavia, sem sombras de dúvidas, o mais célebre travesti desta época foi Madame Satã, cuja travestilidade é articulada ao universo artístico, devido a sua fama é considerado o primeiro “travesti-artista” surgido no Rio de Janeiro, além de ter ficado famoso como

o principal malandro do bairro da Lapa⁹⁵. O Jornal O Lampião da Esquina em 1979 publica um ensaio fotográfico de Mário Chaves, que, como diz um fragmento da nota: “Na Lapa noturna transformava-se em Marisa Caveira” quem “ainda hoje pode ser visto no que restou da Lapa, em noites de lua cheia, a esconder sob uma blusa transparente seus seios de menina”. E a julgar por sua sessão de fotos divulgada pelo jornal parece ter sido contemporânea à Madame Satã:

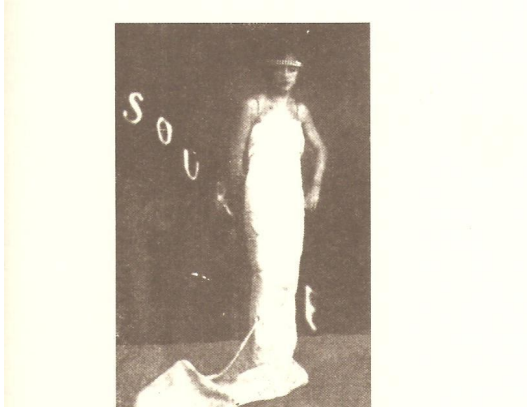


Pará com flores e em pé

(Fonte: Whitaker et.al, 1938-1939, p. 257-258 *apud* FIGARI, 2007, p.297).



⁹⁵ De acordo, com Costa & Lemos (2000) na hierarquia da malandragem carioca, visto que cada área tinha um malandro responsável, Madame Satã dava cobertura ao bairro, sendo um gerente da ordem.



Pederasta passivo com indumentária feminina

(Fonte: FÁVERO. Medicina Legal. V.II p.331 *apud* FIGARI, 2007, p. 299).



Preferida

(Fonte: Whitaker et.al, 1938-1939, p. 258 *apud* FIGARI, 2007 p. 323).

Mas se, por um lado, a presença de travestis no cenário urbano do Rio de Janeiro foi documentada para além dos entrudos e bailes carnavalescos, sendo em geral “sua aparição” vinculada ao mundo do espetáculo e da prostituição, parece que a experiência da travestilidade durante até meados do século passado estava praticamente restrita aos bailes de carnaval, ou pelo menos, estes eram seus espaços “autorizados”. Esses bailes, que aconteciam em teatros e cinemas da Praça Tiradentes, atravessaram os anos e serviram como lócus permitido para que homossexuais usassem indumentárias femininas sem restrições

e possíveis punições. Segundo nos informa Green (2000, p 344-354), durante um desses bailes, no ano de 1948, no teatro João Caetano, a corista Dercy Gonçalves propôs um concurso de fantasias para rapazes, cuja regra era o de vestir-se de mulher. Devido ao grande êxito, o concurso de fantasias passou a ser uma parte institucionalizada dos bailes carnavalescos. Com a chegada dos anos 50 mais bailes surgiam e a presença das travestis em suas fantasias ou vestidos luxuosos era condição de sucesso para esses eventos. O comparecimento desses sujeitos nos bailes passou a ser incentivado pelos empresários do ramo de entretenimento, ao mesmo tempo em que chamava a atenção da mídia da época⁹⁶. Como assinali em outro trabalho⁹⁷, em sua coluna no jornal “Última Hora” o jornalista Everaldo de Barros observava:

Fantasia riquíssimas nos mais originais bailes do Rio – João Caetano e Carlos Gomes são seus domínios – vivem o momento que passam e não são existencialistas – durante o ano é que usam máscaras. Tudo nelas é falso. Os cabelos, o belo busto, a cor nacarada ou bronzeada da pele, as vestes, o nome, a história da família decente (que não pode saber que ela esta ali) enfim até o próprio sexo, são produto de uma imaginação ardente. As falsas baianas, odaliscas, bonecas, são paradoxalmente, a única verdade nos bailes de carnaval dos Teatros João Caetano e República ou quicá dos carnavais carioca. (BARROS, 1953 *apud* GREEN, 2000, p.348)

⁹⁶ Antes dos anos 50 notas sobre transvestitismo masculino nos bailes carnavalescos, na maioria das vezes, eram ignoradas ou pareciam de forma cifrada [...]. Já, por volta de 1953, a Revista Manchete recém lançada no mercado e que cobria os acontecimentos carnavalescos, passou a escrever sobre a predominância dos travestis nas festas de carnaval, principalmente nos bailes. “Esses jornais e revistas que escreviam sobre as/os travestis faziam por sua vez uma distinção entre os heterossexuais que se vestiam de mulher – para uma transgressão de gênero temporária e os homens efeminados, que se vestiam como mulheres para expressar sua identidade real. Nessas coberturas à homossexualidade estava relacionada com modos efeminados e com o uso de roupas femininas, como deixavam patentes os travestis que participavam dos bailes carnavalescos” (GREEN, 2000, p.346-347).

⁹⁷ Refiro-me a minha dissertação de mestrado.

TRAVESTI no grande baile existencialista

No Teatro João Caetano, a festa de rapazes travestidos já é tradicional. Eles se apresentam no baile de segunda-feira de Carnaval para o grande concurso criado pelo artista-decorador Sansão Castelo Branco, que instituiu um prêmio de cinco mil cruzeiros para o "existencialista" mais convincente. A Associação dos Cronistas Carnavalescos do Rio estabeleceu um segundo, de dois mil. Este ano, 60 concorrentes desfilaram (o som da marcha "As Pastorelinhas") para as 4 eliminatórias: Elegância, Graça, Originalidade e Convicção.

FANTASIADO DE "JEMANJÁ", EIS O VARÃO QUE CONQUISTOU O 1.º LUGAR.



FANTASIADO foi o "Ziegfeld Girl" que se julga o 1.º lugar, junto a "Jemanjá".



NO BOSQUE da praça Deodoro, "ela" era a ninfã que sabe posar como modelo.

Nesta época, as interlocutoras desta pesquisa ainda não participavam dos bailes de carnaval, mas a frequência a estes bailes em anos posteriores são sem dúvidas evocadas por elas e se configuram como um dos marcos de suas memórias, como será tratado no decorrer dos capítulos que seguem. Se a experiência da travestilidade tinha limites claros, "portas adentro" e "o escuro da noite" (FIGARI, 2007), o "universo do ritual"

estava, por sua vez, vinculado a determinados territórios da cidade, a Praça Tiradentes, à Cinelândia, ao bairro da Lapa, ao bairro de residência da Bela Açucena, ao de Marina, ao de Madame Satã e ao de Marisa Caveira.

Por outro lado, é justamente no final da década de 60 e início da década de 70 que autores como Green (2000) e Silva (1993) observam a intensa proliferação de travestis na cidade do Rio de Janeiro. Estes autores não estão se referindo apenas a sua presença nos bailes, mas, principalmente, seu surgimento expressivo nas ruas da cidade e de sua “invasão” nos bairros do Centro⁹⁸ e da zona Sul, como Copacabana, já que, a partir da década de 70, os bailes se deslocam do centro da cidade para os bairros da zona Sul. Os shows de travestis nos teatros e casas noturnas de Copacabana tornam-se eventos freqüentes, muitos deles contando com a presença de algumas interlocutoras da pesquisa, e são ressaltados por elas em suas narrativas que o leitor conhecerá no transcorrer da tese. Produções como o *Les Girls*, por exemplo, que fazem parte da trajetória artística de Laura, Jane, Sarita e de Gilda, minha interlocutora do mestrado, que compõem, por sua vez, os quadros sociais (HALBAWCHS, 2004) de suas memórias.

Para Laura o *Les Girls* foi o primeiro show de transformismo no Rio de Janeiro sendo responsável pelo lançamento de muitas travestis, proporcionando a algumas delas, inclusive a ela, o status de estrela, por terem conquistado notoriedade e o reconhecimento como artistas. De acordo com Green (2000), esta propagação de espetáculos com travestis em seus elencos, pode ser percebida como certa tolerância social à existência desses sujeitos, tolerância esta que, em certa medida, estaria diretamente relacionada a uma abertura geral da sociedade brasileira em 1968. Após o golpe de Estado, em Abril de 1964, é instaurado no Brasil o regime militar que vai perdurar até o ano de 1985. São quase vinte anos de um governo conhecido como linha dura, marcado pelo autoritarismo, pela supressão dos direitos constitucionais, forte perseguição policial e militar, prisão e tortura dos opositores ao governo e pela imposição da censura prévia aos meios de comunicação (SKIDMORE, 1988). Um governo que, no final da década de 60, implementa, seguindo uma série de decretos institucionais emitidos a partir de 64, o AI-5 considerado o mais autoritaritário e cruel (SKIDMORE, 1988) dos atos institucionais. O AI-5 foi o de maior repercussão no meio artístico e na mídia, pois instituiu plenamente a censura. Em decorrência,

⁹⁸ Silva (1993, p.140) ressalta que o bairro da Lapa foi pioneiro de um fenômeno extremamente curioso que se processou pelos fins da década de 60 e início dos anos 70, que foi a progressiva e violenta expulsão das prostitutas femininas pelos travestis que passam a ocupar o bairro, dando cabo a um predomínio de sete décadas.

uma onda de protestos, através dos movimentos sociais de esquerda, se espalha por todo país. Em meados da década de 70 as reações contra o governo militar agravam-se com as mobilizações estudantis, os protestos das classes trabalhadoras e intelectuais. É também, nesta época, que começa a se desenvolver no país os movimentos feministas (MACRAE, 1990), bem como – especialmente em finais da mesma década -, os movimentos homossexuais; e o Jornal o Lampião da Esquina, já citado anteriormente, lançado em 1978, é um exemplo de organização dos movimentos homossexuais na época⁹⁹. Por outro lado, o final dos anos 60 é uma época marcada por transformações culturais¹⁰⁰. Nesta época, surgem movimentos como o tropicalismo¹⁰¹, o unissex ganha às ruas, dando indícios para a emergência de um princípio de relativização que vai se insinuar nos padrões de vestuário, as mulheres podiam aparecer em público usando jeans, e os homens podiam adotar um estilo mais andrógino sem sofrer estigmatização severa. “Há uma exploração de toda uma informalidade, e mesmo a transgressão de certos itens do feminino para o masculino, do masculino para o feminino” (SILVA, 1993, p.111-112).

Percebe-se, a partir desse período, um processo de desestabilização das representações padronizadas do masculino e feminino, dos comportamentos, dos códigos sexuais. É, nesse contexto, que se circunscreve o fenômeno no Rio de Janeiro e em outras grandes cidades do país, como São Paulo, por exemplo. Tornando-se cada vez mais abrangente e visível durante as décadas de 70 e 80 do século XX até os tempos atuais. A travesti torna-se, portanto, da ordem do público e do cotidiano.

3.5 Os estudos sobre travestilidades

Percorrerei algumas etnografias sobre o universo das travestilidades - em sua maioria etnografias realizadas em cidades brasileiras¹⁰² – com o objetivo não apenas de fazer uma breve revisão

⁹⁹ De acordo com Uziel (*et. al.*, 2006, p.204-205) até os anos de 1980, os grupos homossexuais que se constituíram eram, sobretudo, grupos de convivência, no início, e de afirmação homossexual, em seguida, distantes ainda do movimento por direitos. Com o passar do tempo, os grupos passaram a ganhar visibilidade, especialmente com o início dos anos 1990 e a divulgação da AIDS.

¹⁰⁰ Para uma melhor discussão acerca do tema, ver Schwartz (1978).

¹⁰¹ O Tropicalismo foi um movimento musical surgido no fim da década de 60 e teve como líderes os compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil. Seus membros se destacam principalmente por suas vestimentas tropicais e por um comportamento liberal, por um desdour que criticava principalmente os padrões sexuais da época e os conceitos de gênero tradicionais.

¹⁰² Ao optar por fazer referência apenas a algumas das etnografias realizadas com travestis brasileiras não quer dizer que etnografias sobre o universo trans no contexto de outros países

destes trabalhos¹⁰³, mas também de situar minha pesquisa neste universo; logicamente, ao longo do texto, estas pesquisas serão retomadas em diálogo com os meus dados de pesquisa e interpretações destes dados. Nesta busca de realizar uma revisão da literatura sobre estudos que versem sobre o fenômeno das travestilidades, em termos de etnografias feitas no Brasil¹⁰⁴, uma das obras de referência é o livro do antropólogo Hélio Silva, *Travesti – A Invenção do Feminino*, publicado em 1993. Este livro é uma etnografia sobre travestis que se prostituem na Lapa, considerado um dos bairros mais tradicionais do Rio de Janeiro. Silva, ao contextualizar o leitor sobre a Lapa, “espaço físico” da sua etnografia, traça um pouco a história da região, ressaltando seu “passado de ouro” relacionado à sua tradição boêmia com seus cabarés e personagens típicos, uma Lapa que, para alguns dos moradores que entrevistou, experimentava um momento de decadência. Para uma melhor compreensão da região, Silva se detém na leitura de alguns exemplares de um jornal que circulava

não sejam contempladas ao longo da tese como, por exemplo, o trabalho de Fernandez (2004), com travestis na cidade de Buenos Aires, e Mejia (2008), com travestis residentes em Barcelona na Espanha.

¹⁰³ Alguns trabalhos já foram mencionados em minha dissertação de mestrado num tópico pertinente à revisão bibliográfica sobre o tema. Aqui esta breve revisão é retomada incluindo outros trabalhos como os de Benedetti (2005) e Oliveira (1994).

¹⁰⁴ No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do PPGAS/UFSC algumas pesquisas sobre este universo foram realizadas: OLIVEIRA, Marcelo (1997), *O lugar do Travesti em Desterro*, um etnografia sobre travestis na cidade de Florianópolis que teve como foco central o processo de construção de identidade da travesti e os percursos sociais necessários para essa construção. FLORENTINO, Cristina (1998), *Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher! – uma etnografia de travestis em Porto Alegre*, por sua vez, teve como objeto de análise o transvestitismo circunscrito à cidade de Porto Alegre (RS), a autora enfatizou as relações entre as travestis, procurando apreender como se dava à interação entre elas, bem como as formas de construção de subjetividade. Mais recentemente destaco a monografia de final de curso realizada por Fernanda Cardoso (2006) *Parentesco e Parentalidade de Travestis em Florianópolis*, uma pesquisa antropológica sobre as relações de parentalidade e conjugalidade entre travestis e familiares residentes na cidade de Florianópolis. Seu foco de estudo, como a autora observa, “se debruça sobre os laços de parentesco e de filiação que unem travestis de camadas populares a crianças pelas quais aquelas sejam, direta ou indiretamente, responsáveis”. Cardoso pode verificar que os mecanismos de nomeação no universo estudado respeita uma espécie de divisão entre espaços públicos, nos quais se solicita um reconhecimento político de sua identidade feminina, e espaços privados, em que há permissão para que o nome masculino seja acionado. Ressalto ainda, as dissertações de mestrados de Anna Paula Vencato (2002), *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*, de Marco Aurélio Silva (2003), *Se manque! Uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina*, mais recentemente a dissertação de mestrado de Carlos Eduardo Henning (2008), *As Diferenças na Diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis*, que versa sobre as configurações hierárquicas que compõem os diferentes espaços de sociabilidades da cena GLS em Florianópolis.

no bairro¹⁰⁵, um jornal que, segundo o autor, se empenha em reconstruir justamente a mística do bairro através de alguns de seus ícones como os Arcos, sua pulsão de boemia, seus moradores ilustres e seus malandros, mas que também já ressaltava “as transformações do local, aonde os malandros iam sendo substituídos pelos travestis”. Algumas das matérias publicadas já dão sinais das relações contraditórias da comunidade local com as travestis:

Outro assunto que preocupa atualmente os moradores do edifício Víctor são os travestis que fazem ponto em frente ao prédio. Um comunicado da síndica tenta convencer os mais revoltados a não jogar água ou xingar os travestis. Pois o revide – alguns jogam pedras nas vidraças do edifício – pioram mais a situação (Folha da Lapa, n 5, 1991, *apud* SILVA, 1993, p.27)

Ao contrário do que se possa pensar a convivência entre travestis, prostitutas e moradores, é bastante harmoniosa. As famílias que outrora se indignavam e viam com maus olhos o pessoal da batalha, nestes 90 chegam a defendê-los. O problema do bairro não é prostituta, nem travesti. Eles são inofensivos, não se metem com ninguém [...]. (Folha da Lapa, n 6, 1991 *apud* SILVA, 1993, p.28).

Para Silva, a partir de este último trecho vislumbra-se um exercício de certa tolerância com as travestis. É também através do jornal que o autor acentua o desenvolvimento de um discurso de restauração do bairro não apenas em termos de equipamentos urbanos, mas de um estilo de vida comunitário e solidário. Um bairro que vai, de acordo com o autor, desenvolvendo uma convivência ambígua com as travestis entre a desconfiança e o aceno com a possibilidade da tolerância, que atravessa, inclusive, as fronteiras da Lapa, ao procurar salientar que uma parte da população não vê mais a travesti como uma “personificação do mal”. O que se conclui que sua interação social não pode ser considerada plena e ausente de múltiplas tensões, do preconceito e da violência por parte da outra parcela da população que não a aceita. Desse modo, em linhas gerais, sua proposta principal foi “de demonstrar o caráter ambíguo da travesti, de sua posição social, das posições que impõe aos seus interlocutores e outros

¹⁰⁵ Infelizmente em minha pesquisa não consegui ter acesso a esses jornais.

atores com os quais interagem, os sentimentos que suscita e as idéias que se produzem sobre elas” (SILVA, 1993, p. 157).

Silva destacou ainda o aumento da visibilidade da travesti que, para ele, está associado a determinadas mudanças ocorridas no seio da sociedade, mudanças que permitiram que o fenômeno que o autor denomina “transvestitismo” se desenvolvesse e ganhasse características diferentes de sua história urbana original, marcada, segundo seu ponto de vista, pela intolerância e violência numa via de mão-dupla da sociedade para com a travesti e desta para com a sociedade. Uma de suas hipóteses foi a de compreender a travesti que se prostitui na Lapa, como uma transformação do malandro, relacionando o fenômeno do “transvestitismo”, entre outras coisas, com a mudança do vestuário que se deu na sociedade a partir da metade do século XX, mudança que permitiu, por exemplo, que os homens pudessem exibir cabelos compridos. E, principalmente, propõe uma articulação entre a passagem do “travesti histórico” “solitário” para o “travesti socializado” com o processo feminista ocorrido no Brasil que permitiu ao travesti assumir uma variedade de papéis e modelos femininos antes impensados em nossa sociedade.

Em síntese, Silva organizou sua etnografia em etapas do dia: manhã, tarde e noite. Iniciou a etnografia pelo turno da tarde, onde nos desvendou um pouco do cotidiano da travesti no bairro, suas idas a depiladora, seus aspectos da construção do corpo, sendo, segundo o autor, a correção da natureza o seu principal trabalho e o seu projeto: passar-se por mulher. Além disso, nos desvendou seus sentimentos, sonhos e planos, seus estilos de vida, seus locais de moradia, as relações com a família, suas redes de relações de amizade, as formas de lidar com a morte, a experiência perturbadora com a AIDS. No turno da noite, nos foi apresentado não apenas o começo da jornada, ou seja, o mundo da prostituição, com seus conflitos, sua frustrações, tensões, medos e inseguranças, suas relações com os clientes, às estratégias de abordagens, a relação entre prostituição e tráfico de drogas, mas também alguns territórios de sociabilidade, o Boêmio, o bar da Tia Emília, a Tigresa, alguns destes, inclusive, mencionados por algumas interlocutoras da minha pesquisa. Além disso, o universo dos shows, a sociabilidade no fim da jornada e o retorno a casa. E, finalmente, o turno da manhã: quando as travestis da Lapa dormem, momento das reflexões do autor acerca da condição social da travesti. Diz Silva: “O travesti ocupa hoje um lugar em nossa sociedade e uma rede significativa já opera e trabalha em função dele” [...] “outros atores sociais que lhes servem ou cooperam em sua produção (costureiras, médicos, farmacêuticos advogados, depiladoras... pedicures, cirurgiões, donos de pensões, donos de bares, o público que os consome não só sexualmente,

mas em seus shows...)" (*Ibid.*, p.118). E por fim, concluía que: "Vivemos um momento histórico de transição, um processo de incorporação social do travesti, no qual os desviantes já são os que não o aceitam" (SILVA, 1993).

Neuza Maria de Oliveira, (1994) em *Dama de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher* realizou uma etnografia com travestis residentes em Salvador, mas especificamente no Pelourinho, região do Centro Histórico da cidade. Apesar de seu trabalho ter sido publicado no ano de 1994, a etnografia foi realizada entre os anos de 1982, 83 e 84 com 40 travestis (a maior parte jovens), destacando-se entre suas informantes Florípedes, segundo a autora, uma "travesti lendária". Seu foco são travestis profissionais do sexo e suas experiências de vida, e principalmente o cotidiano da prostituição realizada pelas ruas do Pelourinho destacando suas características e leis internas. Oliveira 'constrói' uma imagem sobre o Pelourinho como uma zona perigosa, um local de concentração de ladrões, marginais e área de prostituição da cidade, onde se vislumbra, segundo a autora, uma tolerância para com as travestis do local devido mais ao tipo de atividade que exercem do que precisamente a imagem que representam. As travestis, conforme nos informa Oliveira, "são prisioneiras do bairro", sendo característico a não circulação por outras aéreas da cidade. No entanto, apesar de salientar que as travestis eram exploradas e estigmatizadas, elas possuíam "liberdade de ir e vir travestidas", devido ao fato de que a cidade de Salvador seria, em parte, tolerante a inversão sexual.

Oliveira se apóia na noção de "inversão masculina" para entender a prostituição travesti, considerando a travesti uma "metamorfose ambulante", "uma inversão da inversão". Segundo seu ponto de vista, a inversão é "um componente forjado na nossa cultura e que de certa forma nos permite compreender o tipo particular de prostituição de travestis". (*Ibid.* Cap.I). De acordo com autora, é justamente porque a inversão social de papéis é característica da sociedade brasileira que a prostituição travesti é viável. E procura inseri-la no âmbito da prostituição masculina sob o argumento de que, por mais que as travestis representem mulheres¹⁰⁶, esses sujeitos são homens que a partir do seu erotismo estabelecem relações de mercado com outros homens. Com o intuito de compreender de forma mais ampla as características da prostituição travesti, Oliveira destaca algumas peculiaridades com relação ao programa sexual realizado pelos sujeitos da pesquisa, suas relações com os clientes e suas demandas, as tipificações dos

¹⁰⁶ As travestis são consideradas figuras que recriam as divindades andróginas que habitavam as narrativas míticas da antiga civilização grego-romana, portanto devem ser percebidas entre os mitos andróginos e da mulher fálica. É justamente na oferta dessa fantasia andrógina, e da mulher fálica que residiria o sucesso da prostituição travesti.

mesmos, as relações com outros agentes sociais que trabalham na noite e que se tornam elementos chaves da dinâmica da prostituição travesti como a polícia, por exemplo. Outra preocupação da autora é compreender os processos de transformação aos quais as travestis se submetem com o objetivo de atingirem uma aparência feminina. Processos esses que são compreendidos como equivalentes aos ritos de passagem encontrados nas sociedades tradicionais cujo corpo alvo de intervenção é visto como principal objeto do processo ritual. Além disso, argumenta que é através do processo ritual que as travestis atualizam o mito da androginia na sociedade brasileira.

Para a autora “os travestis prostitutos” visto como minorias sexuais por não respeitarem o acordo do sistema sexo-gênero presente em nossa sociedade exercitam uma desobediência erótica que os colocam sob o signo da ambigüidade ao mesmo tempo em que são considerados uma das categorias sociais mais rechaçadas socialmente, isolados em prostíbulos decadentes, humilhados pelas ruas, seus corpos seriam “tatuados pela violência social” sendo esses sujeitos os que mais que nenhum outro leva consigo a marca da sociedade inscrita em seus corpos. Considerando que ao mesmo tempo em que a sociedade traçou os limites da polarização entre os sexos produziu sua negação. Neste sentido, a inversão característica do carnaval, a moda unissex, as entidades andrógenas presentes no candomblé, a emergência da travesti Roberta Close como símbolo sexual, a presença de travestis no cenário artístico, o crescimento expressivo da prostituição travesti são, de acordo com os argumentos desenvolvidos por Oliveira, indícios que permitem afirmar que a sociedade brasileira vem tecendo em termos históricos o mito da inversão, em contraposição a rigidez das definições dualistas e excludentes, reservadas as identidades masculinas e femininas¹⁰⁷.

Já Don Kulick em *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes* de 1998 traduzido para o português sob o título, *Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil* em 2008, como Oliveira seu universo de pesquisa foram às travestis que se prostituem na cidade de Salvador. O autor procurou retratar, em profundidade, o contexto de vida das travestis que vivem em uma área de baixa renda no Pelourinho. Kulick trabalhou com 35 travestis entre 11 e 58 anos (sem especificar quantas pessoas mais velhas fizeram parte de seu universo de pesquisa) residentes, em sua grande maioria, na Rua São Francisco (no bairro já citado) onde o autor pode vivenciar, de perto, o cotidiano destas

¹⁰⁷ A respeito da noção de masculinidade e feminilidade ver Miguel Vale de Almeida, *Senhores de Si* (2002).

pessoas ao residir- sendo este um dos destaques do seu trabalho- em um dos prédios habitados por travestis. Mais de uma década separam as etnografias de Oliveira e Kulick, no entanto, o quadro que apresenta este último sobre o cotidiano das travestis que residem na cidade de Salvador no bairro do Pelourinho, mas exatamente na Rua São Francisco, não é muito diferente do que nos pinta Oliveira em seu trabalho. Em um dos tópicos do seu livro (2008, p.54-61) Travestis em Salvador, Kulick traça um breve panorama do contexto do seu estudo e alguns aspectos de como vivem as travestis nesta cidade. De acordo com Kulick a cidade de Salvador, devido as suas características de grande cidade, funcionaria como um ímã atraindo travestis de outros estados do Nordeste em busca de trabalho e de maior liberdade já que, como também ressalta Oliveira (1994), o caráter de tolerância da cidade – em comparação com outras cidades nordestinas - em relação a essas pessoas é maior. Para ele, uma das características da relação das travestis com a cidade é a sazonalidade. Ou seja, considerando as travestis pessoas com grande mobilidade, ele argumenta que o contingente de travestis na capital baiana aumenta consideravelmente durante o verão quando a cidade está especialmente festiva devido ao carnaval e aos eventos que o antecedem. Assim, terminando o verão, muitas travestis se deslocariam para outras cidades do Sul e do Sudeste.

No entanto, apesar da aparente tolerância confirmada, inclusive por algumas de suas informantes, para Kulick, Salvador é uma cidade extremamente violenta (o que em parte é explicado pelo fato de considerar a violência como constituinte da sociedade brasileira) sendo, as travestis, seu principal alvo. O autor constatou que as travestis da Rua de São Francisco vivem em condições extremamente humildes, e até insalubres, como é possível perceber através das minuciosas descrições do autor do lugar onde fez sua pesquisa de campo, e que a maior parte delas vivem basicamente da prostituição. E, apesar de ressaltar que a maioria das travestis de Salvador são jovens, em determinados momentos do seu trabalho refere-se às travestis envelhecidas e chega a, inclusive, retratar um panorama de suas vidas no Pêlo. Assim, conforme Kulick, devido à violência e a AIDS, principalmente, as travestis morrem muito cedo, sua expectativa de vida não passaria dos 45 anos. As que ultrapassam esta idade já não encontram mais um meio de sobrevivência na prostituição e, se não tem outra atividade profissional, encontram-se numa situação muito difícil, visto que os caminhos encontrados para se manterem seria o tráfico de drogas, a realização de pequenos serviços para outras travestis, às vezes apenas por um prato de comida. Além disso, existem aquelas que passam a trabalhar como bombadeiras (especialistas em injetar silicone) ou as que tiveram mais sorte conseguem adquirir uma casa, em alguns casos sendo cafetina,

alugando vagas para travestis mais jovens e/ou cobrando dos clientes para serviços sexuais. (*Ibid.*, p.57)

Apesar de que, no lugar onde vivem e convivem com outros atores sociais não travestis, estão totalmente integradas à comunidade local, em suas experiências cotidianas predomina, segundo Kulick, a discriminação e a violência. Assim a travesti teria que reafirmar a cada instante seu direito de ocupar o espaço público e, diante de uma sociedade tão violenta, sua arma, insinua o autor, seria ainda a violência, a arma utilizada pelas “travestis”, como sugere Silva, para se impor à sociedade carioca nos finais da década de 60. Para Kulick as travestis provocam, na sociedade brasileira, ao mesmo tempo, sentimentos de “medo e repulsa” e “atração eletrizante”, assim, os mesmos homens (ou outros) que as desejam sexualmente, podem agredi-las e/ou assassiná-las. Em suas lutas pelo direito de ir e vir, as travestis de Salvador, reduzidas ao universo da prostituição, têm como arma a violência e como seu território de batalha as ruas e as avenidas da cidade, sempre quando cai à noite.

Kulick procurou mostrar, no decorrer do livro, o processo de “tornar-se travesti” – desde a infância até a adolescência, quando começavam a se prostituir – as transformações corporais, o uso de silicone e de hormônios. Descreveu também suas relações amorosas, alguns aspectos de suas relações sociais com outros travestis, com seus vizinhos e, além disso, suas relações familiares. Apontou para um processo de construção coletiva de uma realidade entre os travestis, ressaltando a existência de uma “cultura travesti”, que tem como características, entre outras coisas, ser individualista e pouco voltada para a construção de laços sociais. (*Ibid.*, p.61)

Uma das idéias defendidas pelo autor é que “as travestis não se consideram homens, mas homossexuais, isto é, “viados” e “bichas”. “O núcleo duro de suas subjetividades é o fato de sentirem atração física e sexual por homens”. Sendo esta atração a principal força motivadora quando começam a perceber que são diferentes de outros meninos. “Ser homossexual está no âmago do projeto travesti”. De acordo com este panorama, “a subjetividade travesti não é a subjetividade de mulher nem a de homem, é a de um efeminado de sexo masculino – um homossexual” (*op.cit.*, p.230-231). Mas de uma homossexualidade diferente, ostensiva. Neste sentido, o autor faz algumas críticas às interpretações deste universo realizadas por Silva, quando compreende as travestis a partir de uma perspectiva ambígua, e por Oliveira, quando diz que as travestis preferem não se definirem. Para Kulick, assim como as travestis não estão lutando para conquistar a condição de mulher elas também não rejeitam a identidade e também não desejam ambigüidade. Pelo contrário, lutam pela homossexualidade (p.233).

Assim, ao procurar desvendar as lógicas que estão por trás desse universo, o autor se baseou na idéia de uma lógica própria do “sistema de gênero brasileiro”¹⁰⁸, que, segundo ele, se define através das posições adotadas na prática sexual, ou seja, limitada a uma classificação do tipo: homens – os que penetram (ativos) – e não homens – os que são penetrados (passivos). Um sistema, que caracteriza-se por “um ponto de vista não essencialista e dinâmico do corpo e da pessoa”, a partir do qual Kulick procurou compreender a experiência travesti em Salvador e em âmbito da sociedade brasileira como um todo.

Já Benedetti (2005) em *Toda Feita – o Corpo e o Gênero das travestis* realiza uma etnografia sobre travestis que se prostituem na cidade de Porto Alegre/RS. A partir de um período de quatro anos de convivência com este universo, o autor nos brinda com uma densa etnografia tendo, como base, os diferentes espaços de prostituição das travestis, suas observações em seus locais de moradias e nas reuniões do GAPA/RS (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS). Benedetti não se detém de forma mais pormenorizada sobre a relação das travestis que estudou com a cidade de Porto Alegre, mas informa ao leitor quais os lugares de batalha das travestis - algumas das principais avenidas da cidade -, como a famosa Avenida Farrapos que conecta o Centro com a zona Norte da cidade, e uma das entradas principais para quem chega à cidade vindo de outros estados e municípios, via de acesso ao aeroporto, uma região que, segundo o autor, conta com um variado comércio, com lojas, restaurantes e bares, onde, por vezes, algumas travestis fazem uso para comprar refeições e bebidas. Neste sentido, Benedetti observou, em alguns momentos, situações de hostilidade de comerciantes e clientes em relação à presença das travestis.

Como nos outros autores, as travestis pesquisadas por Benedetti eram advindas das classes populares e viviam em pensões, vilas e/ou favelas na periferia da cidade, sendo que algumas alugavam vagas em pensões no centro. Das 85 travestis pesquisadas pelo autor 45% são migrantes de outros estados e municípios do interior do Rio Grande do Sul. Apesar de ter realizado observação participante com as travestis em algumas situações cotidianas foi o “mundo da noite” seu terreno principal.

¹⁰⁸ Os termos classificatórios *ativo* e *passivo*, concernente aos papéis sexuais, são fundamentais para se compreender a construção da homossexualidade no Brasil. Nesse sentido, ver Fry (1982 e 1985). Vale ressaltar ainda que essa dicotomia ativo/passivo serve para pensar não somente a homossexualidade no Brasil, mas o modelo de vida sexual brasileiro como um todo. Conforme Parker (2002), a masculinidade percebida como atividade e a feminilidade como passividade são o cerne da organização de nossa realidade sexual e vão exprimir as relações de poder que, tradicionalmente, circunscrevem e organizam o sistema de gênero no Brasil (PARKER, 2002, p. 55).

Também Benedetti acentua a exclusão social e a violência como companheiras constante da travesti em seu cotidiano em Porto Alegre fazendo, segundo o autor, que muitas delas prefiram frequentar lugares como salões de beleza, farmácias entre outros, que tenham profissionais travestis ou que sejam indicados por outras travestis.

Seu foco é o estudo das práticas sociais das travestis, particularmente as práticas relacionadas aos usos e transformações corporais, descrevendo os principais processos criados e experimentados pelas travestis para levar a cabo o projeto de ser feminina. Faz ainda uma descrição e análise do universo da prostituição, das relações afetivas e sexuais entre elas no intuito de compreender suas concepções sobre gênero. Neste sentido, diante da existência de uma hierarquização e segmentação dos espaços de prostituição característicos deste universo, Benedetti argumenta que estes podem reproduzir os diferentes valores do masculino e do feminino no universo trans em que travestis e clientes ocupam os mesmos espaços por compartilharem esquemas de gêneros semelhantes (2005, p.117). Que de acordo com o autor é uma prática estruturante das suas visões de mundo e do seu principal objetivo: a vontade de se sentir mulheres.

Para Benedetti, as travestis, ao fabricar formas e contornos femininos nos seus corpos, estão construindo seu próprio gênero, seus valores relacionados ao feminino e ao masculino, que constituem, em suma, os processos sociais de fabricação dos sujeitos. Assim, os arranjos e relações sociais que desenvolvem em seus cotidianos (com os clientes, a família, os bofes etc.) “estão, sobretudo, pautados e organizados pelos valores que cercam o feminino e o masculino nesse universo: estão construídos pela lógica do gênero”. Argumenta ainda, que elas questionam e reinventam os próprios modos de fabricação dos sujeitos, trazendo para si o poder de conformar suas curvas, seus desejos, suas práticas e significados de gênero. (*Ibid.*, p.131-132)

Até o momento me detive a abordar as principais publicações sobre o universo das travestilidades, visando, inclusive, não saturar o leitor com uma revisão pontual dos inúmeros trabalhos sobre travestis realizados em formato de teses, dissertações e artigos¹⁰⁹, muito dos quais serão abordados ao longo da tese em suas diferentes contribuições. Como os trabalhos mencionados acima têm como foco o universo da prostituição travesti em diferentes cidades brasileiras sendo, principalmente, as travestis jovens que são retratadas, e restritas a presença de travestis mais velhas, principalmente aquelas em idade mais avançada, gostaria de fazer

¹⁰⁹ Para citar apenas alguns: Peres (2005), Pelúcio (2006) e Gonzaga (2004).

referência ainda à pesquisa realizada por Córdova (2006) em Florianópolis e que deu origem a sua tese de doutoramento intitulada, *Trajetórias de homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*, já citada anteriormente. Córdova faz um estudo sobre a sociabilidade de três gerações de homossexuais e travestis, articulada as suas formas de viver a cidade. A pesquisa procurou investigar a história de mulheres e homens, alguns deles com mais de 60 anos, outros em uma faixa etária entre 30 e 50 anos e alguns mais novos, entre 18 e 25 anos, sendo que, entre as travestis as idades variavam entre 52, 43 e 26 anos. Através de análise das histórias de vida desses sujeitos, procurou investigar como foi vivenciada a homossexualidade em diferentes momentos, em Florianópolis, e quais os espaços de sociabilidade foram frequentados pelos sujeitos na cidade, em épocas diferentes. Córdova pôde observar como seus interlocutores manifestavam seus interesses, valores e expectativas no que diz respeito aos espaços de socialização e lazer homoeróticos. O foco do autor estava direcionado para a descrição do desenvolvimento de um circuito guei (termos do autor) na cidade, através de suas práticas de sociabilidade. Neste sentido, salienta que até a década de 80 do século XX, para encontrar amigos e namorar, os gueis e lésbicas organizavam festas em casas e apartamentos espalhados pela cidade. Já a partir dos anos 80 começam a aparecer às primeiras boates e bares voltados para o público homossexual, aí incluído as travestis. E, enfim, a partir dos anos 90, ampliam-se os locais de sociabilidade gueis na cidade. Todavia, chama atenção para a falta de lugares próprios ao lazer que atenda o público travesti sendo característico entre tais sujeitos o hábito de frequentar lugares voltados para o público heterossexual.

Nos termos de Córdova, a circulação de gueis, lésbicas e também travestis é bastante difusa e dispersa por todo espaço urbano, marcada por divisões de classes e gerações. Não há locais exclusivos para homens ou para mulheres homossexuais, mas existe uma hierarquização dos seus espaços de sociabilidade e lazer, que os segmentam e separam em grupos. Lugares identificados de frequência de diferentes sujeitos com diferentes estilos de vida, os bares aonde iam “tias velhas”, “bichas pintosas”, “bichas pobres”, “caminhoneiras”, “travestis” (*Idem.*, 2006, p.297).

Em relação às travestis o autor, seguindo a linha de trabalhos como o de Oliveira (1997), também vislumbra um maior envolvimento social da travesti em diferentes segmentos da sociedade florianopolitana articulada a uma maior visibilidade deste ator social, o que, de acordo com o autor, amplia os espaços de circulação desses sujeitos na cidade, por seu próprio movimento e afirmação enquanto cidadãs. Assim, ao discutir a presença dos sujeitos homossexuais nos diferentes espaços da cidade de Florianópolis,

em diferentes tempos, Córdova procura salientar as diferentes representações e vínculos que os homossexuais e as travestis criaram e criam com a cidade. Deste modo, considerando que, neste sentido, esta pesquisa se aproxima de seu trabalho, apesar de realizado em um contexto urbano distinto, achei pertinente fazer alusão a seu estudo que, por sua vez, será retomado ao longo do texto.

3.6 A experiência de envelhecer na cidade

O envelhecimento da população é destacado como um fenômeno estrutural irreversível, de caráter multidisciplinar, que interfere profundamente em toda a organização econômica e social das sociedades moderno-contemporâneas, caracterizando-se, por sua vez, por ser um fenômeno urbano. Em linhas gerais, o fenômeno do envelhecimento populacional está relacionado, entre outros fatores, com a considerável queda de números de nascimentos e o aumento da expectativa de vida. É notório que o envelhecimento populacional nas últimas décadas representa inúmeros desafios econômicos e sociais e, que por sua vez, o que vemos é uma propagação da idéia do envelhecimento ativo e, portanto, com redefinição positiva do envelhecimento e da velhice (ANTUNES & VIEGAS, 2007, p.28) e a necessidade de “adaptarmos as sociedades cada vez mais envelhecidas”, para isto torna-se fundamental não apenas o desenvolvimento de políticas públicas em prol de um “bem envelhecer”, mas, principalmente, o desenvolvimento de novas formas de compreensão do processo de envelhecimento, isto é, do que é “ser velho”¹¹⁰.

No Brasil, por exemplo, desde as últimas décadas os dados do IBGE vêm constatando um vertiginoso aumento da população idosa tornando o prolongamento da vida uma realidade. E tais constatações são acompanhadas, em parte, pela legislação brasileira que a partir da década de 90 do século passado, multiplicou, em larga escala, o número de leis federais, estaduais e municipais que contemplam a velhice no Brasil. Por sua vez o estado do Rio de Janeiro vem se destacando nas estatísticas como o estado brasileiro que contém a maior proporção de idosos na população

¹¹⁰ Numa terça-feira, oito de abril de 2008, na Fundação Gulbenkian em Lisboa, no âmbito do Fórum Gulbenkian de Saúde aconteceu à primeira fase de um seminário sobre envelhecimento, intitulada: *Quanto somos? Como seremos?*. A amplitude e a importância do evento pode ser medida pela presença em sua abertura do Presidente da República o Sr. Cavaco Silva. Para além da constatação do crescimento do envelhecimento populacional como um fenômeno global considerando-se sua inevitabilidade *de nada serve angustiarmo-nos horrivelmente por isso*, dizia o demógrafo britânico Cris Wilson, um dos primeiros conferencistas a falar sobre o tema e suas conseqüências para o mundo. *O que temos que fazer é perceber porque que isto está acontecendo e adaptarmos a esta realidade.*

total¹¹¹. Sendo o bairro de Copacabana o que tem mais concentração deste segmento da população.

Hoje almocei num restaurante de comida a quilo numa galeria em frente ao pão de açúcar, bem perto do apartamento. Foi a primeira vez que almocei lá. Recebi um papel de uma moça na porta da galeria e resolvi arriscar porque o preço estava bem mais barato. Fui almoçar um pouco mais cedo, por volta de 12h30, chegando ao local, deparei-me com um restaurante pequeno, bem simples, fui recebida por um senhor por volta de uns setenta anos, bem simpático e atencioso, que parecia o dono do lugar [...], achei interessante o atendimento extremamente personalizado diferente dos outros restaurantes que já frequentei. No restaurante tinham no total cinco mesas, três grandes, que apertadas cabiam quatro pessoas, e duas menores, para duas pessoas. Já estava bastante cheio, e assim que me sentei pude me dar conta que com exceção de mim e de um homem sentado ao meu lado, o restante dos clientes eram homens e mulheres idosas, na mesa grande na minha frente tinham quatro delas que enquanto comiam conversavam animadamente e falavam com a atendente do local tratando-a de uma forma bastante pessoal, uma delas, pedia que fizesse uma quentinha para levar para outra pessoa. Era evidente que estas pessoas eram frequentadoras assíduas do local, inclusive fazendo comentários sobre a comida com a caixa que estava próxima a mesa delas [...].

Diário de campo 26/11/07.

No âmbito das ciências humanas e sociais, já desde meados do século XX, assistimos a um progressivo despertar de consciências em direção ao estudo e tratamento do processo de envelhecimento (GUSMÃO, 2003). Segundo Peixoto (2000b), a antropologia ou mesmo a sociologia começam a se interessar pela problemática do envelhecimento a partir do surgimento de novo fenômeno, o aumento da população de mais de 60 anos, que passa a ser vista, então, como um “problema social”. E isso se deu, de acordo com a autora, sobretudo devido às consequências econômicas, que afetaram tanto as estruturas financeiras das empresas – e posteriormente do Estado, com o advento da aposentadoria¹¹² –, quanto às

¹¹¹ Segundo dados do IBGE a população de idosos no Estado é de 9,9 %, enquanto a média nacional é de 7,3 %.

¹¹² Para maiores informações sobre estudos que tratam de políticas de aposentadoria e pensões para idosos ver: Simões, (1992, 2004) e Hochman (2000). Segundo Simões, as idéias de que o idoso é vítima de um processo de pauperização, que sua incapacitação para o trabalho o lança

estruturas familiares, que até então arcavam com os custos gerados por seus velhos, incapacitados de se sustentarem (*Ibid.*, p. 70).

Por outro lado, para Debert, uma das dificuldades que os estudos sobre a velhice enfrentam é justamente o fato de nas sociedades ocidentais contemporâneas a velhice ser apresentada como um problema social. Para a autora, o antropólogo deve compreender – não buscar as soluções - como um problema social é constituído e o conjunto de representações que orientam as práticas destinadas a solucioná-lo (2000a, p. 62). Um dos primeiros avanços, no que concerne aos estudos sobre velhice, foi o de contrapor a perspectiva que dominava a literatura sobre o envelhecimento – normalmente relacionada ao campo da medicina, biologia e gerontologia – até meados do século XX, que tratava o processo de envelhecimento como uma experiência comum, dissipando suas diferenças de raça, etnia, gênero, classe etc. No entanto, com o advento das pesquisas no campo das ciências sociais, foram sendo expostas as diferentes experiências relacionadas com o processo de envelhecimento (LINS DE BARROS, 1987; 2000; DEBERT, 1988, 1994 e 1999, PEIXOTO, 2000a).

O que a literatura antropológica procura destacar é justamente a infinidade de percepções e de formas de viver o processo de envelhecimento. Assim, a própria idéia da idade como algo natural deve ser deixada de lado. Neste sentido, Debert chama atenção para o fato de que em todas as sociedades podemos encontrar grades de idade, mas, por outro lado, cada cultura tem sua própria maneira de elaborá-las. Assim, é necessário considerar que as diferentes fases do ciclo de vida são socialmente manipuladas e comportam arbitrariamente características, qualidades, deveres e direitos (DEBERT, 2000b, p. 50-53). Portanto, deve-se ter em conta que, a imputação de algumas prerrogativas para determinada fase da vida estará sempre em relação com o que se considera socialmente apropriado para essa fase e não para a outra. Tais prerrogativas mudam ao longo do tempo e não são as mesmas em todos os lugares (ALVES, 2001, p. 9).

Em relação às pesquisas que têm como foco a sociedade e as cidades brasileiras, destaco, inicialmente, as pesquisas realizadas por Lins de Barros (1997, 2001, 2004, 2006) com os velhos moradores da cidade do Rio de Janeiro e as pesquisas realizadas por Eckert (2000a) e Eckert & Rocha (2005) sobre os velhos habitantes da cidade de Porto Alegre e seus cotidianos, sob a ótica da cultura do medo, e Peixoto (2000a) sobre as

no desamparo, que seus cuidados devem ser assumidos pelo poder público, foram fundamentais para a legitimidade e consagração do direito à aposentadoria. SIMÕES, J. A. *O idoso como ator político*. Campinas, 1992.

estratégias de sociabilidade entre velhos parisienses e cariocas. Cabe mencionar ainda os estudos de Simões (2003) sobre a questão do envelhecimento entre sujeitos homossexuais, fontes inspiradoras deste trabalho. Alguns estudos também giram em torno das representações sociais sobre a velhice, sobre o modo como as pessoas se definem como velhas, sobre questões relativas à construção da identidade, nesse caso, principalmente, a identidade feminina (LINS DE BARROS, 1981, 2000; MOTTA, 1998), e sobre as relações entre as pessoas de mais idade e seus familiares (LINS DE BARROS, 1987, 2006b).

Têm merecido atenção também questões que envolvem as novas imagens vinculadas à velhice pela mídia, em que os estágios mais avançados da vida passam a ser vistos como momentos propícios para novas conquistas e experiências prazerosas (DEBERT, 1999), e ainda pesquisas sobre as relações entre gênero e classe, como a de Motta (1997), realizada na cidade de Salvador (BA), com homens e mulheres entre 62 e 76 anos. Nesta última, há uma interessante reflexão sobre a experiência do envelhecimento a partir de um enfoque que privilegia o gênero e a classe social, através da observação de formas de sociabilidade e atividades em grupo, concluindo que os grupos e programas culturais e de lazer contam, mais expressivamente, com a presença de mulheres, pois os homens, segundo Motta, buscariam formas menos institucionais, do tipo: encontros na praça para jogar cartas e dominós. E, em relação à classe, os grupos de convivência são, em geral, constituídos por pessoas das classes populares, enquanto os programas institucionais para Terceira Idade são freqüentados por pessoas da classe média.

Em suma, de uma forma geral, o que se vê nas últimas décadas na produção antropológica brasileira sobre a velhice em contextos urbanos é a tentativa de desnaturalizar muitas questões que envolvem a experiência do envelhecimento: muitos são os debates que chamam a atenção para a necessidade de rever a utilização de categorias como velhice, idade cronológica e de geração, terceira idade, entre outras. Nesse sentido, gostaria de destacar os trabalhos de Debert (1999, 2000a) e de Peixoto (2000a). Neste horizonte, Debert salienta que: “A identidade do velho não é homogênea, nem mesmo no que diz respeito a um único indivíduo que se sente velho para algumas coisas e não para outras e em alguns momentos e não em outros, enfim a velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações” (DEBERT, 1988, p. 62). Assim, compreende-se que o processo de envelhecimento apresenta variações que são constituídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores (HECK & LANGDON, 2002).

Tendo em vista o universo de pesquisa, a problemática em torno do envelhecimento, ciclo de vida e as relações geracionais¹¹³ no cenário citadino é um dos eixos principais deste trabalho, afinal, em termos de Lins de Barros (2006a, p.16), “viver na cidade e viver a cidade são experienciais existenciais distintas para as diferentes gerações”. Neste sentido, algumas das questões apontadas acima serão abordadas nos capítulos que se seguem e que tratam das trajetórias sociais, itinerários urbanos e formas de sociabilidade dos sujeitos aqui estudados. E também, a partir de suas representações que, em muito, influenciam suas experiências citadinas no presente ao mesmo tempo em que nos falam, sobre seus modos de viver e perceber a velhice. Por sua vez, ainda recorrendo a Lins de Barros (2006a), a cidade, através de seus espaços e da sociabilidade neles desenvolvidas, aparece ao mesmo tempo como cenário e como significado da vivência das mudanças ocorridas nas trajetórias das senhoras desta pesquisa. A cidade torna-se suporte de suas memórias, e seus lugares pontos de amarração (BOSI, 2003) de memórias individuais e coletivas, e os diferentes usos e apropriações que fizeram dos seus espaços, transformados em “territórios de pertencimento”, são fundamentais para compreendermos suas trajetórias sociais.

As análises de suas trajetórias evidenciam as relações entre o indivíduo e seu contexto sócio-histórico, dos “campos de possibilidades” (VELHO, 1999a) e conseqüentemente de suas formas de manipulação, pensada em termos de astúcias e táticas (DE CERTAU, 2008) que, por sua vez, permite compreender as travestis como sujeitos atuantes em sua cidade e realidade social. Assim, pensando em Ortner (2005) e, em sua noção de “jogos sérios”, concordo com a autora quando coloca que restaurar a subjetividade com base na agência é reconhecer, nas ciências sociais, que o objeto, por elas estudado, é um sujeito em processos múltiplos de subjetivação, consciente e reflexivo sobre si mesmo e sobre os outros, exercendo, de diferentes formas, uma ação sobre o mundo.

¹¹³ Como bem aponta Debert, a reflexão antropológica sobre o envelhecimento diz respeito às construções sociais sobre o ciclo de vida e as relações entre gerações (DEBERT, 2000a).

PARTE II

O Mundo é das “Bonecas”

experiência com a cidade do Rio de Janeiro, até o desenvolvimento da escrita deste texto, sofreu algumas rupturas, e posso dizer que muito das minhas relações com a cidade foram sendo restabelecidas por intermédio dos itinerários e interações configurados a partir desta pesquisa, ao mesmo tempo em que, através deles, muitos foram os estranhamentos. Seguramente esta relação ora de familiaridade ora de estranhamento com a cidade do Rio de Janeiro, e o contexto urbano que lhe é próprio, marcou intensamente os itinerários desta investigação que são, sobretudo, os itinerários dos encontros etnográficos que o caracterizam. Este serão, em grande parte, desvelados à medida que suas personagens irão nos apresentando alguns dos seus percursos urbanos e interações sociais ao longo de suas vidas.

CAPÍTULO IV

*Tô bem aqui... Né? Senhoras*¹¹⁴ *de muito glamour* **Laura, Raquel, Camille**

Como mencionei anteriormente, meu universo de pesquisa principal foi composto por nove travestis que na época do trabalho de campo variavam entre 45 e 68 anos. Mas, particularmente com algumas delas se desenvolveram vínculos muito próximos e uma convivência contínua; isto foi o que aconteceu com Laura, Raquel e Camille. As duas primeiras, devido em grande parte ao fato de já terem participado de minha pesquisa de mestrado, o que permitiu que surgisse entre nós, nesse período, um relacionamento baseado em muita empatia, e penso que isto foi fundamental para que fossem restabelecidos os vínculos entre nós e intensificados no transcorrer do campo, para o doutorado. Depois foi com Camille que mais convivi. Como já observei, a conheci na segunda fase da pesquisa etnográfica e foi com ela que pude também estabelecer um relacionamento de muita proximidade.

Foi com elas que tive a oportunidade de explorar com mais densidade o exercício da observação participante em suas casas, em seus locais de trabalho, compartilhar de momentos de sociabilidade com seus amigos, e foi através delas, como o leitor já foi informado, que configurei as redes de interlocutoras que fazem parte do universo desta pesquisa. Foram elas que me levaram pelas mãos para conhecer “suas esquinas”. Portanto, este capítulo tem como intuito percorrer as trajetórias sociais e itinerários urbanos das senhoras em questão ressaltando aspectos de seus estilos de vida e visões de mundo (GEERTZ, 1978; VELHO; 1999) e também de refletir de forma mais específica as características do encontro etnográfico que se desenvolveu entre nós. A antropóloga Rosane Guber (2004) resalta que o campo “[...] compone en principio de todo aquello con lo que se relaciona el investigador, pues el campo es una cierta conjunción entre un ámbito físico, actores y actividades. Es un recorte de lo real que queda circunscripto por el horizonte de las interacciones cotidianas, personales y posibles entre el investigador y los informantes” (GUBER, 2004, p. 84).

Neste sentido, o propósito é justamente explorar o horizonte das interações cotidianas, pessoais e possíveis que marcaram a minha pesquisa

¹¹⁴A utilização do termo senhoras para nomeá-las faz uma alusão ao tratamento que elas reivindicam para si como exemplo de eficácia da *performance* feminina em suas vidas cotidianas. Fato que já tinha sido inferido por mim durante pesquisa de mestrado.

etnográfica, que na maior parte dos casos se caracterizou pelo estabelecimento de um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com os sujeitos da pesquisa¹¹⁵.

4.1 Laura

“Era de dia o professor e nos finais de semana a prostituta”.

Laura nasceu em Monte Santo numa cidade do interior do estado de Minas Gerais, no ano de 1939 no mês de julho. Na época do trabalho de campo para o doutorado estava com 67 anos de idade. Filha de imigrantes libaneses, “o caçula” de quatro irmãos, duas mulheres e dois homens, sendo que um deles veio a falecer por volta dos 50 anos em um acidente de automóvel. Seu nascimento é lembrado por



ela como um momento de muita alegria para a sua família¹¹⁶. Quando tinha dois anos de idade seus pais, já falecidos, em busca de melhores condições de vida para a família, migraram de Monte Santo para a cidade do Rio de Janeiro. Estabeleceram-se, a princípio, no bairro do Engenho de Dentro¹¹⁷, na Zona Norte da cidade, onde já moravam alguns familiares de sua mãe também imigrantes libaneses, e depois foram morar no bairro de Olaria¹¹⁸ também Zona Norte da cidade, onde se

¹¹⁵ Bosi (1994) enfatiza que uma pesquisa é antes de tudo um compromisso afetivo e trabalho ombro a ombro com os sujeitos da pesquisa. Talvez este seja mais um ideal a ‘ser perseguido’ por todo pesquisador, com relação as minhas experiências de campo, que sempre foram pautados por um compromisso ético, e não necessariamente afetivo. No entanto, durante a pesquisa de doutoramento pude, com algumas delas, vivenciar a pesquisa etnográfica da forma preconizada pela autora referida.

¹¹⁶ Na fotografia em que está com seus irmãos Laura é o primeiro da fila em ordem decrescente

¹¹⁷ O bairro de Engenho de Dentro faz parte da XIII Região Administrativa da cidade do Rio de Janeiro que corresponde ao Méier, importante bairro da Zona Norte da cidade. A sua formação original remonta à época colonial, e a denominação relaciona-se a um engenho de açúcar localizado na região. Tem uma população com mais de 46 mil habitantes.

¹¹⁸ O bairro de Olaria é localizado na região da Leopoldina no subúrbio da cidade e conta com uma população de mais de 60 mil habitantes. A origem do nome Olaria deu-se em virtude dos senhores de engenho, que mantinham no local inúmeros desses fornos, sendo a primeira olaria construída em 1821, no século XIX, por iniciativa de uma família de sobrenome Ferreira que aproveitou a abundância de barro, oriundo do Morro do Alemão, pertencente àquela época a família. Fonte:www.wikipedia.com.br. Acesso em Outubro de 2009.

estabeleceram definitivamente. Seus pais sempre trabalharam como comerciantes de tecidos. Nos primeiros anos mantinham uma barraca em uma feira livre no centro da cidade:

Desde muito cedo, com quatro, cinco anos, meu pai tirava a gente da cama: Vamos embora garoto! Vamos trabalhar! (fala com a voz mais alta e grave) Meu pai era um homem muito severo. Tinha uma barraca... Tinha uma caixa, se a gente sentasse, ele gritava: Levanta daí! Tá cansado?! [...]. Meu pai tinha muito bom gosto em tecidos, fazia aqueles leques de tecidos. Minha mãe às vezes vendia fiado e, algumas pessoas passavam beijo. A gente sempre vinha para a cidade para comprar tecidos, aí à gente carregava aquele peso de tecido, ficava na fila do ônibus para ir para casa... Mamãe lutou muito coitada. [...].

Já morando em Olaria seu pai montou, na frente da casa, uma pequena loja de tecidos e Laura então passou a ajudar seu irmão mais velho na feira. Durante toda a sua infância e adolescência ajudou seus pais e/ou seus irmãos homens no provento da família, “já que as irmãs ficavam em casa”. Em suas recordações da infância e adolescência configura-se uma memória de “tempos de trabalho duro e de muita luta” para seus pais, seus irmãos e também para ela, o que, por sua vez, de acordo com seu ponto de vista, resultou em que iniciasse seus estudos tardiamente por volta dos oito anos. Laura estudou em colégios municipais localizados no bairro de sua moradia. Sua trajetória escolar é revivida como uma época de “conflitos” com os seus companheiros devido a sua “forma de ser diferente” onde começa a delinear-se uma “memória do preconceito”: “Eu tive muitos problemas na escola, notavam que eu era diferente principalmente quando eu ia fazer educação física, as perninhas roliças, também os meus trejeitos mais femininos. Aí eles me pixavam. Ih! Na época era horrível, eu tinha que brigar toda hora, era uma confusão danada. Eles me chamavam de dada [...] dada já deu hoje? Estas coisas todas”.

Ao mesmo tempo em que “a época da escola” é articulada com os primeiros deslocamentos furtivos de seu bairro de moradia para outros bairros da cidade, e especialmente para a região do centro da cidade, definindo-se como um “garoto muito família”, envergonhado, inibido e tímido, estes deslocamentos, na adolescência, são recordados como “escapulidas para atender o sexo” longe da vigilância familiar e dos vizinhos: “Até certa idade, meus 16, 17 anos eu saía com a mamãe,

passeava com ela. Ela me levava para visitar as comadres dela, e às vezes escapulia, né? para atender meu sexo. As pessoas botavam muito olho em mim. Me perseguiam. Eu saía da escola e ia brincar com outros garotos em outros bairros ia fazer minhas pegações no centro”.

Faziam parte de seus itinerários, nesta época, principalmente a Cinelândia, a Praça da República, a “Praça da Cotia”, como gostava de dizer, devido ao grande número destes animais no local, a Central do Brasil, a partir dos quais começava a transitar entre mundos distintos (VELHO, 1999a). E foi também, neste período, que numa noite, com 18 anos, conheceu de perto o “mundo dos bailes de carnaval”. Diz ela: “Fui me vestir de mulher na casa de uma amiga minha, a gente ia para um baile na Praça Tiradentes”. É quando, através de suas narrativas, se delinea uma cartografia da cidade constituída, principalmente, pelas lembranças dos circuitos (MAGNANI, 1996) de suas aventuras homoeróticas (COSTA, 2002).

No início da década de 60, em torno dos seus vinte anos, Laura ainda trabalhava nos negócios da família, ora ajudando seu irmão na feira, ora com seu pai na loja de tecidos, começa a cursar a Faculdade de Filosofia e História da UFRJ. A entrada para uma universidade federal é mencionada com muito orgulho, como uma marca de distinção (BOURDIEU, 2007), afinal “as seleções eram muito rigorosas” e “não era qualquer pessoa que conseguia uma vaga”. No entanto, a realização do curso não foi uma tarefa fácil, como ela mesma relatou durante uma entrevista na época do mestrado em 2003:

Eu fiz a faculdade aos trancos e barrancos porque eu ia para faculdade de calcinha Lee, apertadinha na época. Aí eu tive um professor que era um padre. Ele me chamou na hora da prova, queria que eu deixasse: ah você deve desistir, você não vai conseguir ser um bom professor. Foi numa prova oral que ele veio falar isto. Eu falei para ele: para com isso padre! Vamos para a prova. Era teoria do conhecimento, matéria difícilíssima! Mas eu me dei bem, aí ele não podia me reprovar. Eu estudei bastante porque sabia que ele era preconceituoso.

Por sua vez, a época da faculdade só intensifica como ela mesma costumava ressaltar, sua “vida dupla”. Ainda residia com seus pais em Olaria onde viveu até seus 37 anos quando decidiu sair de casa para ir morar

no Centro da cidade, mais especificamente no Bairro de Fátima¹¹⁹. Esta “vida dupla” não era marcada apenas pelos seus deslocamentos na cidade, que nesta fase de sua vida, eram mais intensos e frequentes por algumas das principais praças, becos, cinemas em busca de parceiros sexuais, mas pelo desenvolvimento de formas de sociabilidade articuladas a experiência da travestilidade através dos bailes de carnavais e do teatro¹²⁰.

Considero que um dos eixos da memória de Laura são seus inúmeros deslocamentos por diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro, principalmente o Centro da cidade. Em seus itinerários urbanos em busca de parceiros sexuais alguns nomes curiosos são dados a conhecer: o “Beco da Maisa” (porque uma “bicha chamada Maisa foi quem descobriu o beco”), o “Largo dos Espermatozóides” onde é o Arco dos Teles, um dos monumentos históricos da cidade localizado na região da Praça XV, no Centro da cidade; lugares que se caracterizavam na época por serem mais isolados e com pouca iluminação. “Os cantões”, em linguagem êmica, propícios para a pegação, ou seja, para praticar sexo livre. Por vezes, através de seus itinerários, próprios de um tempo evocativo, revivia formas de sociabilidade mais “lúdicas” como, por exemplo, as idas à Rádio Nacional, território de sociabilidade predominante nas narrativas de memórias da maior parte das interlocutoras desta pesquisa e em alguns casos fundamental no que diz respeito as suas vivências da subjetividade travesti, como o leitor poderá verificar mais especificamente quando abordo a trajetória de Camille e Marlene.

Cabe esclarecer que suas caminhadas e percursos pela cidade também são revividas através de suas narrativas como “memórias de coerção” e “preconceito” como é possível perceber através de um trecho de uma de nossas entrevistas:

Laura: Uma vez a polícia levou a gente lá para o Corcovado de madrugada e deixou a gente lá.

Pesquisadora: A gente quem?

Laura: tinha uma turma de “viado”, de “bichas”, não estávamos montadas não, uma ou outra montada, aí chegou lá, deixou a gente lá em cima e foram embora. E a gente teve que descer aquilo tudo a pé!

Pesquisadora: Vocês estavam aonde?

Laura: A gente tava na rua, e de vez em quando, quando aparecia à polícia a gente tinha que correr. Corre para lá,

¹¹⁹ A região do Centro da cidade denominada Bairro de Fátima localiza-se entre a Praça Onze e a Lapa.

¹²⁰ Questões que serão retomadas no último capítulo da tese.

corre para cá, foge para lá, foge pra cá. Hoje em dia não, é diferente, né? Hoje em dia não pode mais, cada um têm a sua característica, as suas particularidades, se veste como quer, sai como quer e não é motivo de prisão. Se na época estivesse vestido então, deus me livre!

Se não podiam sair montadas¹²¹ pelas ruas da cidade, pois eram alvo de repressão policial e às vezes até mesmo da própria população, para além dos bailes carnavalescos, o teatro surge como um dos principais territórios onde era legítimo exercer a travestilidade, um outro território de “consumo” desta experiência pela sociedade. Foi ainda, durante o período que cursou a faculdade, que Laura iniciou suas atividades artísticas, mas precisamente no ano de 1965, no Teatro Carlos Gomes localizado nos arredores da Praça Tiradentes no Centro da cidade:



Eu comecei no teatro num grupo de amadores no Teatro Carlos Gomes às segundas-feiras, em 1965. Eu ia ao Baile dos Enxutos, no cine São José, e foi lá que eu conheci o produtor do show que me convidou para fazer esse espetáculo. Naquela época travesti era coisa rara, as pessoas se amontoavam na porta do teatro para nos ver passar e aplaudir. O nome do show era: “Eles gostam de peruca”. Tinha pequenos textos, esquetes engraçadas, era uma comédia. Este é um quadro cômico o enterro da messalina. No meio da cena a messalina sai do caixão com a vela imensa (intensifica a entonação) Era muito engraçado o espetáculo, era muito bom. O Teatro Carlos Gomes é um teatro imenso, de três andares. As bichas foram para lá né, do Teatro Rival para vaiar, que era concorrência, né? A gente só fazia segunda-feira. Quando chegou lá eu gritei: Parem com isto! A estrela do espetáculo sou eu!

¹²¹ É uma expressão utilizada por travestis, transformistas e drag queen que está relacionada à prática montagem do feminino, ex. ao uso de roupas, acessórios, afim de adquirir uma aparência feminina (VENCATO, 2003).

Aqui eu estou nas escadarias do teatro, fazendo uma cena, com um vestidinho básico, sem luxo, porque não tinha dinheiro. Eu linda na escadaria do teatro [...] Descendo do camarim, um escândalo!



No entanto quando terminou a faculdade Laura decidiu abandonar os palcos com receios da repercussão no seio familiar:

Quando eu terminei a faculdade resolvi parar de me apresentar. Eu estava fazendo o “Les Girls” e o espetáculo foi viajar pela América Latina, e eu não quis ir. Além disso, tinha acabado a faculdade. Achei que tinha que optar: ou ficaria no mundo artístico ou iria me formar e trabalhar. Deixei então o transformismo por medo de ser reconhecida e causar um escândalo¹²².

Afinal, como bem observa Velho (1999a, p.118), como resolver a permanente tensão entre as aspirações individuais e o caráter englobante, incorporador da família? Portanto, como realizar um projeto sem o apoio e legitimação dos parentes e familiares? Continuemos com Laura:

Esta foto aqui é da minha formatura de professor, em 1967. Eu demorei um pouco para me formar porque, pela vida que eu levava, era muito levado, entendeu? Tinha que trabalhar tinha que estudar a noite, quer dizer, eu não me formei muito cedo não. Eu me formei com 27 anos mais ou menos.



Pesquisadora: Mas você era muito levado, como assim?

¹²² Este trecho é de uma entrevista de Laura concedida ao jornalista Pedro Sthepan em 2004. Esta entrevista foi concedida a mim - em texto impresso - pela Laura como ela mesma ressaltou em sua linguagem de professor como “material de reforço”.

Laura: Ah eu saia ia fazer pegação ali na cidade, depois veio a Revolução de 64 fechou tudo, mas aí eu me formei. Esta formatura foi no Teatro Municipal, teve uma missa. Meus pais foram minha madrinha. Logo que eu me formei não quis dar aula não, era uma década muito preconceituosa, década de 60 e eu tinha medo que descobrissem minha identidade sexual. Aí fui trabalhar na Cetel, na companhia telefônica, e fiquei dois anos lá. Eles gostavam muito de mim. Aí um dia um cliente foi lá pagar uma conta e eu vi que era dono de uma escola, aí eu perguntei se precisavam de um professor, isto era mês de setembro. Aí pouco tempo depois ele veio com a notícia que estavam precisando de professor de história, o Ministério da Educação estava exigindo, e eles não tinham professor de história pro científico. Aí eu fui lá fiz entrevista com a diretora, mas eu acho que ela não foi muito comigo não, acho que me achou muito criança. Eu já com vinte e tantos anos. Não sei se ela notou que eu era homossexual... Alguma coisa. Mas o coordenador gostou e me chamou. Eu fiquei lá por 17 anos quase 18 anos, mas aí depois teve aquele problema da AIDS eu fui explicar, aí me disseram que eu não podia explicar, aí eu falei: porque eu não posso explicar? Porque eu sou homossexual não posso explicar? Aí no dia seguinte eu estava despedido.

O trecho da entrevista destacado acima, na qual Laura narra sua trajetória profissional, digamos “normativa”, primeiro como funcionário de uma companhia telefônica depois como professor, foi concedida durante trabalho de campo para o doutoramento, mas, como já salientei, em minha experiência de campo para o mestrado, Laura já havia mencionado sua formação universitária e seu trabalho como professor. No entanto, sem relatar o episódio que levou a sua demissão da escola particular, na qual iniciou sua carreira no magistério.

A sua trajetória como professor de uma escola particular na Ilha do Governador por quase 18 anos e numa escola municipal no bairro da Penha, Zona Norte da cidade, até se aposentar por volta dos seus 60 anos, é evocada tendo como eixo o prazer e a alegria em dar aulas enfatizando seus métodos de ensino criativos e sua personalidade como professor: “eu era um professor muito calmo [...], gostava de inventar coisas, de fazer teatro com os alunos”. Além disso, enfatiza a “luta” contra o preconceito e a

discriminação, devido a sua orientação sexual; por vezes vivenciados no cotidiano escolar em suas interações com os alunos:

Uma vez eles escreveram assim no quadro: o professor Dada é viado. Tive que subir. Foi na parede! Tive que subir na mesa para apagar, dei um sermão neles, mas aí uma aluna confessou quem foi que tinha escrito. Aí eu mandei eles escreverem 500 vezes “o professor é viado” e mandei os pais assinarem. Assim, na rua quando eu saía da escola, um ou outro se escondia atrás do muro: dadaaa, dadaaa! Debochando né?

Por outro lado, revelando a complexidade de sua trajetória, durante alguns anos, enquanto exercia suas atividades no magistério, nos fins de semana, Laura fazia pista¹²³ na Lapa na altura da Av. Mem de Sá:



Pesquisadora: Por que você se prostituía?

Laura: Eu me prostituía mais por prazer, para ser possuída na cama. Na minha época a pista era muito melhor, não tinha que pagar pedágio, era livre. A gente levava um cliente para a hospedaria e já tinha outro esperando.



Por sua vez, Laura não ficou por muito tempo longe dos palcos dos teatros e cabarés da cidade. Seu retorno se deu através de um convite da diretoria do Cabaré Casanova, localizado na Av. Mem de Sá, na Lapa, em 1973, onde trabalhou como apresentadora e fazendo shows por alguns anos. Porém, é a década de 80 que é recordada como o auge em sua carreira artística ao trabalhar no “antigo Bifão”, um restaurante de dia e uma

¹²³ *Pista* é uma categoria êmica utilizada pelas travestis para designar a prostituição de rua.

casa de espetáculos à noite que depois mudou de nome e passou a ser chamado “Boêmio”, localizado nas proximidades da Praça Cinelândia no Centro da cidade. Neste período, desenvolveu um gênero de show que ia muito além do que tradicionalmente é tido como característico dos shows de transformismos, como dublagens de cantoras internacionais e nacionais, batizado por ela como “escatológico”. “E porque escatológico? (ela mesma faz a pergunta). Porque eu como miolo, fígado, fico nua, abro a cabeça da bicha e faço operação, fazia striptease”. Enfim, um show cujas performances causavam os mais variados sentimentos que iam da admiração ao espanto.

O Boêmio, de propriedade de um empresário Suíço, fechou suas portas no final da década de 90 do século XX, ainda com a “casa cheia”, como salientava Laura, que afirmava desconhecer os motivos que causaram o encerramento da casa. Laura sempre observou que o Boêmio representou “um divisor de águas em sua vida”, pois, como já assinalado por mim na dissertação de mestrado, suas performances artísticas desempenhadas neste lugar lhe renderam várias reportagens em jornais nacionais, como o Jornal do Brasil, por exemplo, em revistas nacionais como Manchete, Fatos e Fotos e Sexy, inclusive também em uma revista alemã intitulada Stein. Além disso, recebeu alguns prêmios como, por exemplo, o de melhor ator no festival de cinema de Brasília por sua atuação no filme Mamãe Parabólica (1989) de Ricardo Fevalia. Além de participações em programas de televisão como, por exemplo, o programa de entrevistas comandado pelo apresentador Jô Soares exibido na Rede Globo de televisão.

Neste período também realizou viagens por algumas cidades brasileiras, como Manaus, Fortaleza, Salvador, fazendo apresentações em boates e casas noturnas. Durante quase vinte anos Laura trabalhou no Boêmio, quando a casa fechou passou a trabalhar fazendo shows e/ou como hostess (receptionando os clientes) em outras boates gays, localizadas em bairros da Zona Sul, mais especificamente em Copacabana, Ipanema e uma casa noturna voltada para travestis e homens na Zona Oeste da cidade, além de trabalhar também em algumas saunas localizadas no bairro da Glória e no Centro da cidade.

Mas foi através do Boêmio que atingiu sucesso profissional como artista, e certa ascensão social. Foi através do seu trabalho no Boêmio que pode adquirir seu primeiro apartamento próprio, do tipo duplex, localizado no bairro da Glória. Quando nos conhecemos na época do mestrado era neste apartamento que vivia. Laura residiu na Glória durante mais de vinte anos até vendê-lo e adquirir outro na Lapa, em uma rua bem próxima ao seu antigo endereço. Quando a conheci morava sozinha com dois cachorros da raça poodle, mas, às vezes, amigos e/ou amigas do universo travesti se

hospedavam em sua casa por longas temporadas. Laura nunca manteve uma união “formal” com um homem, teve alguns “casos”, quando da pesquisa do mestrado chegou a mencionar que devido algumas decepções amorosas deixou de “ser romântica” e optou por manter relacionamentos afetivo-sexuais sem compromissos. Como ela mesma observa: “Uma vez me apaixonei perdidamente por um gaúcho, mas depois descobri que ele ia casar e fiquei louca. Eu não queria ser volúvel, mas eles marcavam encontros e depois não íam”. Durante os primeiros meses do campo para o doutorado Laura estava em cartaz com uma peça de teatro e, às vezes, também fazia shows em saunas do centro e no bairro do Catete em uma boate (a mesma que é registrada no documentário) no subúrbio da cidade. Mas, devido aos problemas de saúde que estava enfrentando se via obrigada a diminuir seu ritmo de trabalho e até mesmo alguns dos seus afazeres do cotidiano, o que representava um sofrimento para ela.

Durante todo o campo, como já insinuei, pude constatar, e mais do que isso vivenciar bem de perto, muitos desses problemas pelos quais passou e que a levou a duas internações hospitalares, primeiro para fins de correção de uma cirurgia da hérnia realizada há alguns anos atrás, e segundo por uma combinação de fatores, implicações decorrentes desta mesma cirurgia de correção agravado com seu estado de saúde física e psicológica bastante fragilizada. Durante a última internação, na qual permaneceu por quase dois meses e que foi muito dolorosa para ela e para todos seus amigos e familiares, o seu estado de saúde não apresentou melhoras e Laura veio a falecer em junho de 2007, deixando-nos órfãos de sua vibrante e iluminada companhia.

Em nossa primeira entrevista formal Laura inicia sua narrativa a partir do seu nascimento demarcando sobre quais bases reconstrói sua trajetória social:

Na época quando eu nasci foi uma felicidade, é homem, é homem, é homem! Aí fizeram Sirico, chamaram as pessoas, dão geléia, bombons para as pessoas [...] faz uma festa né? É um ritual maravilhoso. Fui batizado como N. David, um batismo diferente, sabe? A gente batiza [...]. Eu sou católica ortodoxa, então eles batizam a gente, mergulham a gente numa pia batismal, três vezes, e o nenê chora, grita, esperneia e depois faz um lindo ritual por toda a igreja, cantam, é maravilhoso. Bom, pensaram que era um homem [...]. Mas aí de repente eu me transformei numa linda mulher.

“O menino enunciado”¹²⁴ (BUTLER, 2001) não se identificou com o sexo e o gênero que lhe foi outorgado e buscou seus caminhos para desenvolver seu projeto de vida, “transformar-se em uma linda mulher”. Lembremos que nosso passado é interpretado a partir das ‘exigências’ do presente. Assim, Laura reflete sobre seu projeto que contrastava fortemente com o projeto familiar e social delimitado para ela, o de ser um “homem bem sucedido”, “cidadão honrado” e “respeitável pai de família”, como seus irmãos. Os dramas na tentativa de “gerenciar” dois projetos tão conflitantes (VELHO, 1999a) atravessam sua trajetória individual e social. Uma trajetória que durante muito tempo esteve circunscrita a gestão de uma subjetividade e sexualidade “marcada” pelo estigma (GOFFMAN, 1975), por sua vez, nota-se que suas lembranças são baseadas em determinados “marcos espaciais”, a cidade e seus territórios tornam-se seus cúmplices.

Já ao discorrer sobre sua trajetória social no que se refere à “memória do trabalho” esta ganha, ao longo de sua trajetória, novos “tons” e “conotações” associados por sua vez as diferentes fases do ciclo de vida. As suas lembranças do trabalho durante a infância, e até boa parte de sua vida adulta quando trabalhava com seus familiares na feira, são recheadas de sentimentos de sacrifício, de certa amargura pelo fato de ter sido obrigada a trabalhar quando queria, por exemplo, dedicar-se mais aos estudos. Já quando fala da época em que começou a trabalhar como professor é diferente, apesar de suas lembranças serem atravessadas pela “memória do preconceito” e, portanto, de alguns ‘dramas’ serem revelados, como os constrangimentos de ser chamada por “dada”, ou em sua feição mais radical, através de sua demissão da primeira escola na qual trabalhou. É sua capacidade como professor, o fato de ser apreciado pela maior parte dos alunos, o seu gosto de dar aulas, e aí o lúdico entra em cena, através de sua forma particular de ensinar, os aspectos que são privilegiados em suas narrativas.

Neste sentido, o trabalho como prostituta é evocado com um tom onde predomina a malícia e a sua irreverência, uma atividade intrinsecamente relacionada à sua auto-estima e a constituição de sua imagem como travesti. Suas lembranças ressaltam sua capacidade para

¹²⁴ Neste sentido, Aran e Peixoto Junior (2007, p. 133-124) ao discutirem os argumentos de Butler sobre a interpelação médica colocam que através da ultra-sonografia, transforma-se o “bebê” antes mesmo de nascer “ele” ou “ela”, na medida em que se torna possível um enunciado performativo do tipo: “é uma menina!” A partir desta nomeação, a menina é “feminizada” e, com isso, inserida nos domínios inteligíveis da linguagem e do parentesco através da determinação de seu sexo. Entretanto, essa “feminização” da menina não adquire uma significação estável e permanente. Ao contrário, essa interpelação terá que ser reiterada através do tempo com o intuito de reforçar esse efeito naturalizante.

atrair e seduzir os clientes, o seu corpo bonito e sexy. A prostituição dava-lhe, sobretudo prazer, o sexual e o de ser cobiçada, admirada, bem como a oportunidade de exercer a travestilidade de uma forma diferente do que no teatro, por exemplo. Seus relatos sobre o mundo do teatro e sua carreira artística são sempre um contraponto a sua atividade artística no presente. Sugiro que suas narrativas “servem” para confirmar sua distinção artística, o êxito de sua carreira, ao mesmo tempo em que demonstram sua insatisfação de não “poder” desempenhar as performances artísticas que realmente gosta e que lhe deu reconhecimento profissional e pessoal.

Em nossas entrevistas Laura fazia um esforço de ordenar linearmente sua trajetória a partir dos ciclos de vida, do seu nascimento, infância, adolescência, vida adulta, selecionando os momentos e acontecimentos mais significativos até chegarmos à época do Boêmio, sem deter-se em profundidade. Uma trajetória em muitos momentos estreitamente relacionada à sua narrativa biográfica, como, por exemplo, com relação as suas escolhas e delimitações dos seus projetos profissionais, ao abandonar durante um período a carreira artística, para somente exercer suas atividades como professor. E apesar de serem também matéria de suas lembranças situações dramáticas, como a experiência de vivenciar o preconceito e a discriminação, em muitos momentos de sua trajetória acredito que ao demarcar em suas narrativas uma “memória do preconceito” ela menos constrói uma imagem de si como vítima social, mas, sobretudo no âmbito do jogo social (MAFFESOLI, 1984) como alguém que constantemente resistiu e lançou mão de sua sabedoria.

4.1.1 *Como “generosa” eu já flutuava pela cidade: estilo de vida e visão de mundo*

Desde que fui apresentada pela primeira vez a Laura, durante a pesquisa de mestrado, sempre me impressionou muito sua alegria, seu bom humor, e, principalmente, sua energia e vivacidade. Ela mesma afirmava: “ih! [...] para mim não tem tempo ruim”. Inclusive esta sua vivacidade e energia foram características acionadas por ela em suas representações e modos de viver o processo de envelhecimento. Por sua vez sua generosidade também se destacava e tornou-se uma referência durante o trabalho de campo a partir do estreitamento de nosso convívio, uma característica também apontada por outras travestis que faziam parte de sua rede de sociabilidade, como pude constatar mais de perto. Laura não lançou mão de muitas modificações em seu corpo em sua experiência de travestilidade, apenas fez uso de hormônios, esta problemática em torno dos

processos de ‘transformação’ em travesti serão tratados no capítulo 6 da tese.

Tive a oportunidade de ir com frequência em seu apartamento. Para ser mais precisa pelo menos uma vez por semana durante o campo fá até sua casa, o que representou várias oportunidades de vivenciar momentos do seu cotidiano, e, em alguns, de sua intimidade familiar. Normalmente chegava mais no final da tarde, pois sabia que gostava de descansar após o almoço. Nestes momentos “o café brasileiro” acompanhado com pão e manteiga não faltavam. E como seu apartamento se localizava próximo a lugares que faziam parte dos meus percursos, quase que diários, pelo Centro da cidade aproveitava para lhe fazer visitas de surpresa.

O apartamento ficava em uma das ruas mais movimentadas do bairro, e, ao contrário do anterior, que era do tipo duplex, este tinha cinco cômodos divididos em sala, cozinha, uma pequena área de serviço, banheiro e quarto. O apartamento primava por uma decoração simples, mas confortável. Na sala, dois sofás de dois e três lugares, uma estante onde estavam a TV de 29 polegadas, o aparelho de som e o de DVD, algumas fitas de filmes, seus inúmeros CDs de trabalho, troféus que ganhou em homenagens, porta-retratos com fotografias suas em shows, inúmeros bibelôs decorativos, além de muitos livros de história, filosofia e enciclopédias. Em direção a janela, no fundo da sala, uma mesa com seis cadeiras, sentia falta dos seus antigos quadros nas paredes, deles restaram apenas três, um grande de estilo abstrato, e os outros dois, um com uma fotografia sua, e outro de vidro que tem olhos e uma boca pintados a óleo, presente de um fã.

Na cozinha, uma pia de mármore, um fogão de quatro bocas, um armário de fórmica, onde guardava mantimentos e utensílios próprios de cozinha, geladeira, micro-ondas e, nos fundos, próximo a uma pequena janela de basculantes o tanque e a máquina de lavar, em cima, no teto, o varal de roupas. Bem em frente à cozinha, o banheiro, local que Laura guardava, em uma prateleira em cima da pia de lavar as mãos, seus cremes, xampus, acessórios para a unha, escovas e secador de cabelos entre outras miudezas. O único quarto era usado também como camarim, e era decorado com uma casa de casal, com um criado mudo ao lado, em cima um aparelho de telefone, agendas e uma caixa com muitos remédios, dois armários e um cabideiro para as roupas de show mais utilizadas e para as suas inúmeras perucas. Nestes dois armários guardava, nas prateleiras de cima, várias caixas de papelão com antigas fitas VHS com gravações de shows, idas a programas de TV, fotografias. Nos cabides, roupas de show que não usava mais misturadas com roupas suas utilizadas no dia-a-dia, roupas dos seus familiares, além de roupas de cama. Do lado da cama e da porta do quarto

uma poltrona vermelha onde ela se sentava para fazer sua maquiagem e se preparava para seus espetáculos. Enquanto Laura me mostrava seu novo apartamento comentou:

Agora estou ficando conhecida aqui na Lapa, até no submundo, o submundo que fica meu amor. Esses camelôs que, ficam aqui vendendo na rua, nunca ouvi um ai, ai para mim, me respeitam demais. Tem uns que falam comigo, me chamam de professor e tudo; sabem que eu sou professor, por causa das entrevistas. Estou morando aqui na lapa no fervo, porque isso aqui é um fervo meu amor, sexta e sábado, mas eu me habituei. Se eu saio pintada, até de cilhão, ninguém fala nada, todo mundo me respeita, vou na lapa e tal, às vezes tem um palhaço que é de outro lugar, ai fica admirado.

Ser popular em seu local de moradia era um sinal de orgulho e reconhecimento social para ela. O fato de ser “conhecida por todos” era acionado como uma marca de distinção (BOURDIEU, 2007). Apesar de estar morando apenas três anos na Lapa, chegou há morar mais de 30 anos no bairro da Glória considerado Zona Sul da cidade, e que faz fronteira com a Lapa, para se ter uma idéia a distância entre o novo apartamento e o antigo eram de apenas duas quadras. Quando estava em casa, gostava de se dedicar aos afazeres domésticos, especialmente cozinhar, ir ao supermercado, e passear pelos arredores do prédio. Laura era muito popular, não apenas no edifício onde morava, mas também entre os vendedores ambulantes e alguns funcionários das lojas comerciais do bairro. Era muito comum quando caminhávamos pelas ruas do bairro e seus arredores, pararmos para que Laura pudesse cumprimentar e conversar com algum vendedor que encontrava, ou com um morador do bairro. Em parte articulada ao fato de ser artista e de ter aparecido em programas de televisão, mas também devido a sua vivência no bairro. Questões que serão retomadas ao longo da tese, especificamente no capítulo 7 que trata de suas formas de sociabilidade cotidianas.

Por sua vez seu estado de saúde, que já apresentava algumas debilidades desde o início do trabalho de campo, contribuiu para mudar sua rotina. Saía com menor frequência de casa, reduzindo suas caminhadas, concentrando-as. Saía para resolver questões de ordem bancária, para pequenas compras de alimentos em locais próximos ao edifício ou para comprar algum artigo para seus shows. Guardava suas energias físicas para o trabalho artístico, para o espetáculo que encenava nos fins de semana, e os

shows na sauna. O que ela sempre privilegiou até sua última internação foi, mesmo com muitas dores, continuar trabalhando. Manter suas atividades artísticas era primordial para ela e arrisco a dizer que era o que mantinha seu ânimo e bom humor diante das dificuldades físicas que enfrentava.

Desde que a conheci também participava, em algumas ocasiões, como voluntária na prevenção da AIDS, distribuindo camisinhas, principalmente nas saunas e nas boates onde fazia shows. Às vezes fazia shows beneficentes, mas nos últimos anos já não se dedicava a estas atividades com tanta intensidade. Laura considerava-se “tia-avó” das travestis a quem procurava aconselhar e transmitir sua experiência “sem passar sermões” e, em muitos casos, ajudar financeiramente, oferecendo trabalho em sua casa ou chamando para fazer shows. Durante a pesquisa para o mestrado Laura procurou enfatizar que o envelhecimento não lhe trazia muitas mudanças com relação ao seu estilo de vida, mantinha suas atividades artísticas, uma vida cotidiana ativa, e, especialmente, “uma vida sexual ativa”, “eu tenho 63 anos, mas meu sexo está muito vivo”, dizia ela. No entanto, durante o campo de doutorado ela já dava indícios da ocorrência de modificações mais significativas no que concerne ao seu estilo de vida e visão de mundo, e neste momento a sexualidade é novamente um “termômetro”.

Quando no desenrolar do trabalho do campo para o doutorado lhe indaguei sobre “os namorados” e para minha surpresa, ela ressaltou: “Ah eu ando desanimada para essas coisas, acho que vai fazer um ano desde a última vez que fiz sexo”, e diante minha curiosidade em saber os motivos que a levaram a esta mudança ela lança mão do avanço da idade como justificativa: “Acho que a idade já está pesando”. À medida que nosso convívio se estreitava fui me dando conta de outros elementos que, a meu ver, contribuíram para esta mudança, como, por exemplo, a presença constante de seu afilhado em casa que a inibia a sair como antes. Em suas representações da velhice, colhidas por mim durante a pesquisa do mestrado, Laura articulava a velhice, ou melhor dizendo, o “sentir-se velha”, com atitudes como a de “entregar-se a idade”, fase da vida onde “tudo incomoda”, propício para o “surgimento de doenças”, e o que a afastava “espiritualmente” da velhice, afinal ela identificava-se como alguém pertencente a Terceira Idade (DEBERT, 1999, 2000b) seria justamente: “Não sei se é esse meu contato com o público, a minha personalidade extrovertida, eu sou muito alegre, acho que mentalmente não envelheci, não, quanto mais velho, mas desinibido eu fico, eu acho que eu vou ficar uma velha gagá, eu acho um escândalo”.

O processo de envelhecimento foi então sendo experimentado em suas versões mais “negativas”, já não saía mais para encontrar parceiros

como antes, afinal “a idade já estava pesando”. Através da doença viu limitado seu vigor físico e agilidade que, por sua vez, a levou a afastar-se do trabalho, de suas apresentações artísticas, daquilo que mais gostava de fazer em sua vida e motivo de orgulho pessoal. Ao experimentar a “decadência física” Laura enfrentava sua “morte social”, aquela que retira do indivíduo sua autonomia e sua independência, sua condição de agir plenamente como indivíduo (LINS DE BARROS, 2006, p. 112).

Cheguei a aventar que à medida que Laura, ainda no final da adolescência, começa experimentar, com certa autonomia, de outros territórios da cidade para além dos limites da casa, da escola e do seu bairro de moradia, começa também a transitar entre mundos distintos e a ter certo acesso a diferentes estilos de vida e visões de mundo. Uma frase de Laura é extremamente significativa neste sentido: “Com quinze anos era muito familiar, saía e viajava com a mãe depois que comecei a depravar”. É óbvia a separação entre o que diz respeito a um estilo de vida pautado sobre os códigos e valores de sua família nuclear e aquele que ela caracteriza como “depravado” ou, em outros momentos, de “submundo”, numa visão de mundo que a aproxima da clássica dicotomia entre a casa e a rua preconizadas por Da Matta (1997), e já mencionadas neste trabalho, aonde a categoria rua - relacionada à noção de indivíduo - indica basicamente o mundo com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a casa - relacionada à noção de pessoa - remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares (DA MATTA, 1997, p. 90).

O espaço da rua como território de experimentar a sexualidade e o prazer sem as “amarras familiares” que atentava contra a moralidade familiar, que envergonhava, é cenário de negociação das “amarras sociais”, de sociabilidade entre pares onde as cintas de lycra não são mais usadas para apertar e esconder os seios, mas para arredondar as formas do corpo, tornando-se agora elementos importantes na composição de suas performances de gênero feminino. A adoção de um estilo de vida depravado sugere uma temporalidade, a da noite, espacialidades e formas de sociabilidade, que serão abordadas especialmente no último capítulo da tese.

Esta separação feita por Laura, a meu ver, muito contribuiu para que permanesse morando com seus pais até completar 37 anos, quando seu “estilo de vida depravado” foi se tornando cada vez mais aparente e motivo de conflitos e dramas familiares, até decidir alugar um apartamento no Bairro de Fátima no Centro da cidade. Por outro lado, a saída da casa dos seus pais não representou uma total ruptura com o universo familiar em termos de seus valores e códigos morais. Em geral sua visão de mundo baseava-se em modelos dicotômicos, por exemplo, a infância “normal” por

um lado, a família, a escola, as brincadeiras com as crianças em seu bairro, e “a anormal”, referindo-se à sua atração por meninos, ao fato de gostar de vestir as roupas da mãe e das irmãs; o que é para família e o que não é como, por exemplo: “Quando eu faço show para a família é mais light, nas boates é que eu faço mais escrachado”. Cabe ressaltar que durante algum tempo manteve sua “vida dupla” mesmo morando sozinha: “O síndico do prédio pensava que eu tinha uma irmã porque eu entrei de homem no Bairro de Fátima e a noite saía de mulher”. Mas, em grande medida, seu modo de vida se alterou, com o tempo foi relacionando-se com os outros moradores do edifício que faziam parte de uma rede de sociabilidade composta por travestis e transformistas, inclusive alguns dos seus amigos mais íntimos saíram desta rede, como a Luiza, por exemplo, já apresentada por mim no primeiro capítulo. Compartilhavam o cotidiano doméstico, realizavam aniversários, festas de fim de ano como natal e reiveillon, seguramente uma sociabilidade impensável de vivenciar em sua casa quando morava com seus pais.

4.1.2 “A bicha do embrulhinho”: saberes e fazeres

Pra você ter uma idéia: eu tinha peitinho, então punha uma camisa larga. Mas chegava na cidade e trocava-a pela minha blusinha de pegação, bem justinha, e escondia meu blusão em cima de uma banca de jornal. Por causa disso me apelidaram de ‘a bicha do embrulhinho.

Desde muito cedo Laura soube lançar mão de táticas e astúcias (DE CERTEAU, 2008) para “se esconder”, “escapular” da vigilância e do controle familiar para vivenciar sua sexualidade com certa autonomia e dar cabo a seu projeto de travestilidade. Em sua “vida dupla”- como “garoto de família” em Olaria, como “generosa”, no teatro e na cidade, e no transcorrer de sua trajetória como “professor e puta” e/ou como “professor e travesti artista”-, algumas de suas “habilidades” são evocadas por Laura: “Para dar aulas eu saía assim (referindo-se a foto ao lado): usava terno e gravata num calor de 40 graus! Usava uma cinta de lycra para ajustar os seios”.



Portanto, como já assinalado, durante muitos anos, ao longo de sua trajetória social e dos seus itinerários urbanos, Laura manteve,

como ela dizia, “uma vida dupla” manipulando o estigma e o desvio (BECKER, 1977; VELHO, 1999c) que afetavam sua posição de sujeito (MOORE, 2000). Durante quase todo o tempo em que trabalhou no Boêmio, e exercia o magistério, Laura não trabalhava aos domingos já que no início da semana tinha que dar aulas e não podia deixar que, na escola, dessem conta da purpurina que usava nos shows. Mas, o episódio de sua demissão foi decisivo e trouxe uma mudança significativa em sua vida: “Logo depois disso fui até a sala dos professores, peguei no meu escaninho todos aqueles livros didáticos e rasguei um por um, e bradei: Eu sou a Laura de Vison! Tirei o terno, e saí do colégio de calça e camisa de manga, através da qual dava para ver os seios, que eu escondi dezoito anos sob o terno, o colete e a gravata”.

A partir daí Laura resolveu assumir publicamente sua travestilidade e passou então a negociar esta nova realidade já que não se afastou do magistério dando aulas para o município. É importante assinalar que sua demissão, segundo seu relato, foi ocasionada devido ao fato de ter prestado esclarecimentos aos alunos sobre a AIDS numa época – meados da década de 80 – que esta síndrome no Brasil¹²⁵, e em muitos outros países ocidentais, como nos EUA, por exemplo, era exclusivamente vinculada a homossexuais e travestis, época em que antigos preconceitos, contra estes sujeitos, ganham força e ações radicais são incrementadas, como os avanços de práticas homofóbicas (TERTO JR, 1996, p.91). Quando conheci Laura durante a pesquisa para o mestrado e estive em sua casa sempre a encontrei com os cabelos presos em um rabo de cavalo, sem maquiagem, trajando blusa de corte feminino, mas soltas, às vezes com decote que marcava os seios, com calças cumpridas de algum tecido leve, sapatos rasteiros, unhas sempre pintadas com esmaltes de cores fortes. Sendo que uma vez a encontrei “mais montada” como relato em minha dissertação:

Numa terça-feira, por volta das sete horas da noite, estando nos arredores da casa da Laura, resolvi lhe fazer uma visita de surpresa. Quando cheguei à porta do prédio deparei-me com Laura saindo do edifício. Usava uma peruca Chanel curta, de cor preta, estava muito bem maquiada, trajava uma calça preta acetinada e uma blusa preta transparente com motivos florais roxo, que caíam sobre a calça até altura dos joelhos, e exalava um perfume adocicado de um aroma muito bom. Quando indaguei onde

¹²⁵ A AIDS chega ao Brasil no início da década de 80 e era chamada de “peste gay” ou “peste rosa” (TERTO JR, 1996).

estava indo tão bonita e toda arrumada, ela prontamente me respondeu: vou namorar mona! Fomos conversando até a esquina, onde nos despedimos para que ela seguisse em direção ao seu encontro. (SIQUEIRA, 2004, p. 105)

Já durante o trabalho de campo para o doutorado pude perceber que ela mantinha este hábito de optar por uma aparência mais “natural” que destoa de sua composição para os shows, o rosto sempre muito maquiado, como é possível notar através da foto acima e do documentário. Nos dias que tinha espetáculo, e quando ia fazer suas apresentações em saunas, Laura tinha o costume de já sair maquiada de casa. Gostava de maquiarse com calma, as roupas e acessórios de show (em média fazia dois números diferentes) eram cuidadosamente arrumadas em uma mala vermelha de rodinha, que era levada por seu “camareiro (e amigo) particular”, o Roberto, cozinheiro profissional e que há mais de 20 anos exercia a função de seu camareiro. Desde o mestrado havia me surpreendido com a quantidade de vestidos, fantasias, perucas (mais de sessenta) as mais divertidas e originais, mas principalmente com as enormes e altas botas que usava durante suas apresentações. Isto não quer dizer que não fosse vaidosa ou descuidava-se de sua aparência em outros momentos de sua vida cotidiana, como é possível perceber através de um trecho do meu diário de campo:

Enquanto tomávamos café com uns biscoitos de polvilho que eu levei para ela, sua amiga, uma travesti um pouco acima dos 40 anos e que ela costuma levar para o espetáculo, liga para confirmar o passeio. Iam comer em uma pizzaria, Laura achava que era na Lapa mesmo. Resolve que ia começar se maquiando, apesar de ter dúvidas se ia ou não devido o mal estar que sentia. Volta do seu quarto com uma bolsa tipo nécessaire de cor preta e coloca em cima da mesa da sala. De dentro tira um pequeno espelho, e alguns itens para começar sua “maquiagem básica”, como ela mesma ressaltou: um pouco de pó compacto no rosto, lápis preto para desenhar as sobrancelhas e contornar os olhos, e por fim o batom vermelho. Vê se não ficou melhor? (olhando-se no pequeno espelho) A maquiagem deixa a gente com as feições mais alegres.

Diário de campo, 10/2006

Uma de suas características marcantes era a de mostrar os seios, “a gente tem que atrair meu bem, senão a gente tá perdida”, como o leitor pode ter uma idéia através da foto mostrada nas páginas acima e ao longo do

trabalho em outras fotografias suas que fazem parte do texto. Em seu antigo apartamento, na maior parte das fotografias que decoravam as paredes do quarto e da sala, ela aparecia em poses sedutoras com os seios desnudos e praticamente à mostra. Em seus shows a exuberância de seus seios era usada como um artifício a mais. E apesar de ter iniciado no teatro “mais light, mais séria” ao longo dos anos, como já assinalado por mim, desenvolvendo seu próprio gênero artístico, cujas performances extremamente irreverentes e até mesmos chocantes, tornaram-se sua marca. Um tipo de show que, segundo Laura, primava, através de suas performances, acabar com a demagogia e a hipocrisia da sociedade.

Um elemento fundamental na composição de suas performances artísticas era a sua maquiagem, segundo ela fruto de sua criatividade que foi sendo desenvolvida nos anos 80 do século passado e que, apesar de manter um modelo de base, a pele do rosto pintado com panqueique branco, cores fortes para pintar boca, olhos e as maçãs do rosto, o desenho dos traços não são sempre os mesmos, as cores tampouco, ou seja, ía pintando em seu rosto diferentes “telas”, como o leitor pode perceber ao comparar a maquiagem registrada na fotografia destacada logo no início do capítulo com a do vídeo etnográfico. Laura sempre ressaltou sua capacidade de inventar em suas apresentações artísticas: “Eu inventei uma vez o número a Buzina da Laurinha. Com essa buzina foram surgindo muitos artistas. Com três pessoas da platéia levantando o braço eu buzina. Também fazia concursos de Miss Universo, onde cada uma representava um país”. Durante minhas experiências de campo para o mestrado e para o doutorado pude, no exercício da observação participante, constatar muitos momentos de sua criatividade e originalidade:

Logo em seguida Laura retorna e apresenta um último número usando o mesmo vestido, mas sem a blusa branca, desta vez ela dubla uma música que é na verdade uma paródia. A letra é sobre um homem que queria ser mulher e contra a vontade do pai tornou-se travesti, é uma paródia feita a partir de uma música da cantora teen Sandy. É um número muito divertido, e em um determinado momento Laura levanta a saia e deixa aparecer um pênis de plástico e, enquanto canta acaricia o pênis para o deleite do público.

Diário de campo, 08/11/06

Para o espetáculo teatral que encenava, ela praticamente não decorava os textos e usava e abusava dos improvisos e de sua experiência

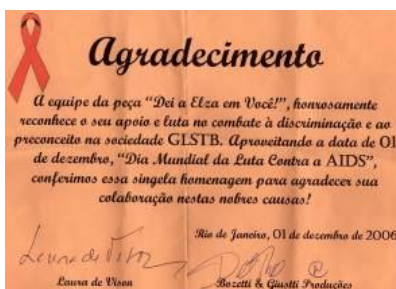
artística. Apesar de ter iniciado sua carreira no teatro simultaneamente com algumas das interlocutoras da pesquisa, como Jane, por exemplo, e de ter, inclusive, dividido o palco de cabarés e teatros com algumas delas, como Marlene, Isa e Camille, Laura percorreu outros caminhos empreendendo um estilo artístico bem diferente dos primeiros tempos e que, de certo modo, representou um afastamento da rede social das antigas colegas de palco. Laura, em sua trajetória social e “flutuações” pela cidade, teve muitos nomes, como “a bicha do embrulhinho”, “Generosa” porque emprestava suas roupas às colegas de palco e/ou porque “gostava de dar suas coisas”, aqui numa conotação sexual, “Laura Claiper” batizada por um amigo, o Seu Francisco do vídeo documentário. Até que, numa noite daquelas, “cheia de razões para lembrar”, “surge” Laura de Vison:

Durante um carnaval, eu estava no baile do Cine São José, usando um biquíni e um casaco de visom por cima, apesar de estar fazendo 40 graus. Mas você sabe: bicha não quer saber se tá calor ou frio, e sim arrasar. Então um repórter se aproximou e perguntou: qual é seu nome? E eu disse: “Laura”. Tiraram a foto, que saiu na revista O Cruzeiro em destaque, com a legenda “Laura de Vison” e eu pensei: “legal Vison” e ficou assim.

4.1.3 Encontros e confrontos etnográficos

Como mencionado anteriormente, Laura foi uma das interlocutoras da minha pesquisa de mestrado e com quem mantive certo contato mesmo após o término do trabalho de campo, cheguei a visitá-la uma vez nas vésperas do natal em dezembro de 2003. Portanto, apesar ter transcorrido mais de três anos desde o nosso último encontro nosso reencontro não aconteceu às cegas. Afinal, através da experiência de campo para o mestrado, do processo de escrita da dissertação e depois durante o processo de edição do seu “vídeo arquivo” me sentia em certa medida “familiarizada” com ela. Já tinha ouvido algumas de suas narrativas sobre suas origens familiares, sobre seus conflitos gerados com a descoberta de uma sexualidade ‘não-normativa’, a identificação com a homossexualidade, a experiência com a travestilidade, dimensões de sua subjetividade que não condiziam com os padrões morais de sua família e da sociedade da qual faz parte, e que caracterizam sua trajetória social. Ao mesmo tempo, já havia observado e registrado em vídeo seu processo de maquiar-se para um dos seus shows de transformismos, bem como etnografar visualmente uma de

suas apresentações em uma casa noturna na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, situações que serviram de mote para a construção do documentário *Laura uma diva do babaduu!*. No entanto, o que caracterizou profundamente nosso reencontro foi o estranhamento, Laura estava fisicamente muito diferente como dito em outro momento, estava muito mais magra e abatida, já não morava no mesmo lugar, e a própria decoração do apartamento era diferente, a sua casa tornara-se outra para mim. Na época estava em cartaz com uma peça de teatro, o que me possibilitou vê-la enquanto artista sob outro aspecto. Logo em nossos primeiros reencontros conheci membros de sua ‘família de coração’ pela primeira vez. A passagem do tempo não foi sentida só por mim, Laura também se dava conta dela, e a enfatiza a cada comentário ao ver suas imagens, não se reconhecia, espantava-se com a sua antiga gordura, relembra de seu antigo apartamento, do seu amigo que aparecia na tela e que havia sumido, já não trabalhava mais na mesma boate e tampouco a maquiagem para shows era a mesma já que há muito não conseguia encontrar rosa suferine. Logo que retomamos nosso relacionamento me propôs que, juntamente com a pesquisa, escrevesse sua biografia. Mas em meio as minhas dúvidas se poderia ou não levar a cabo tal projeto junto com a pesquisa e a sua saúde fragilizada esta idéia acabou sendo posta de lado. Entretanto, sempre que se sentia melhor e mais bem disposta me recebia em sua casa, ora para conceder alguma entrevista ora apenas para visitas. Sentia que à medida que me tornava cada vez mais presente em sua vida, ficando a par de seus problemas particulares, ia ganhando sua confiança.



Laura decidiu prestar homenagens a seus amigos. Na verdade, as pessoas que de alguma forma fazem parte da sua carreira. Dentre essas pessoas eu também seria homenageada. A idéia de ser “homenageada” após o espetáculo, na verdade me constrangia um pouco, mas por outro lado, tampouco poderia recusar um convite como este, ela

certamente se sentiria ofendida. Assim que terminou o espetáculo, Laura com o resto do elenco no centro do palco anunciou que aquela noite era uma noite especial, uma noite que ela homenagearia algumas pessoas muito importantes para ela e que apóiam as causas relacionadas à prevenção da AIDS. Laura anunciava a pessoa e proferia alguns

comentários elogiosos e depois a chamava para subir ao palco para receber uma espécie de diploma de agradecimento. Quando fui chamada para subir ao palco, Laura me anunciou como: uma amiga que é antropóloga, que está fazendo uma pesquisa com travestis e que se preocupa em conhecê-los em sua casa, como vivem com seus familiares, uma amiga muito generosa. Confesso que me senti bastante constrangida com a situação, estava emocionada por suas palavras tão carinhosas, mas também extremamente incomodada em ser, naquele momento, o centro das atenções. Ao pegar o diploma apenas agradei brevemente e voltei para o meu lugar sob as palmas da platéia sentindo-me bastante envergonhada.

Diário de campo 02/12/06.

Justamente devido a sua saúde debilitada fizemos cinco entrevistas de caráter formal sendo que suas durações variavam entre 40 a 50 minutos. Na maior parte delas foi possível utilizar suas fotografias de família e de shows. Para ela, era um prazer olhar suas fotografias, falar sobre e com elas, reencontrar amigos através delas e reviver momentos de sua infância, principalmente sua relação com a mãe e as irmãs, ver-se “como era boazuda”, comprovar, através das fotos, como o seu corpo era bem feito, feminino, a beleza dos seios, das pernas. Muitas vezes quando ía à sua casa com intuito de realizar entrevistas percebia, por mais que tentasse disfarçar, que não estava se sentindo bem e lhe dizia para que deixássemos a entrevista para outro momento.

Seu esforço em participar da pesquisa, e seu comprometimento me comovia. Por outro lado, me dava conta que estar vivenciando, em momentos que se encontrava tão vulnerável, uma “situação de entrevista” lhe causava certo alento e até mesmo um melhor estado de ânimo. Laura tinha prazer em narrar histórias de sua vida, de falar sobre suas performances artísticas, de tirar fotografias, afazeres que, especialmente, naquele momento contribuía para sua auto-estima; inclusive quando iniciei a pesquisa ela me perguntou se não iria filmá-la e senti uma ponta de decepção quando lhe expliquei que este não era um dos meus propósitos. A fotografia de Laura maquiando-se destacada no início do capítulo foi tirada durante a primeira fase do campo em sua casa numa noite muito significativa para mim, pois diz respeito à relação que se desenvolvia entre nós. Apesar de abatida seu estado de saúde tinha apresentado indícios de melhora e preparava-se para retomar seu trabalho na sauna no bairro do Catete.

Esta noite, em seu quarto enquanto fazia sua maquiagem para se apresentar em uma sauna bem perto de sua casa [...] parou e, segurando um dos cílios postiços, me olhou fixamente e disse: Eu vou contar para você coisas da minha vida que eu não contei antes, ih [...] eu tenho muitas coisas para contar. Eu fiquei muito surpresa com sua declaração, mas também feliz e emocionada com a confiança que estava sendo depositada em mim. Seu tom era como quem se preparava para trocar confidências e segredos, talvez mesmo desabafar.

Diário de campo 20/11/06

No transcorrer da segunda fase do trabalho de campo Laura apresentava um estado de saúde muito instável alternando períodos em que se sentia bem disposta e esperançosa com sua recuperação definitiva e períodos de muita debilidade física, até sua internação definitiva em junho de 2007. Devido a seu débil estado de saúde, e em seguida seu agravamento, muitos dos nossos projetos para a pesquisa iam sendo suspensos. Venho insistindo que Laura sempre se dispôs a ser uma colaboradora da pesquisa, no início do campo fazia sugestões de atividades para fazermos juntas, fazia pesquisas em seu acervo procurando materiais que pudessem me interessar. Sempre me recebeu em sua casa com carinho e amizade, e por isso acompanhei de perto o processo de agravamento de sua saúde, como o leitor pode perceber através de um trecho do meu diário de campo:

No final da tarde fui fazer uma visita a Laura, soube, através de Pedro, que seu estado de saúde não estava apresentando melhoras e que ela não estava saindo quase da cama. Fiquei muito triste e preocupada e combinei com ele que iria fazer-lhe uma visita. Quando cheguei ao apartamento, por volta das cinco horas, quem atendeu a porta foi Pedro, pela expressão do seu rosto notei que a situação estava realmente grave. Ele me levou até o quarto e Laura estava deitada em sua cama com olhos fechados, quis voltar para não incomodá-la, pois imaginava que estava dormindo, mas Pedro insistiu para que eu ficasse no quarto e se aproximou de Laura chamando-a por seu nome de batismo dizendo que eu estava ali para vê-la. Laura abriu os olhos e balbuciou alguma coisa na minha direção que não pude entender. Vendo-a assim tão debilitada, com dificuldades para comunicar-se, logo ela, sempre tão comunicativa, falante,

expressiva, foi com muito esforço que contive minha dor ao vê-la daquele jeito, não queria demonstrar o quanto estava impressionada com seu estado. Aproximo-me dela e lhe dou um beijo em sua testa. Pedro, por sua vez, me pede para que a convença que tem que ir ao hospital, pois vem tentando convencê-la mais em vão. Concordava com Pedro que era o melhor para ela, naquele momento, mas por mais que tentasse argumentar com ela sobre isso, inclusive me oferecendo para levá-la e estar com ela no hospital, Laura mostrou-se muito arredia e chegou a irritar-se conosco. Vendo que estava ficando ainda mais nervosa resolvi que seria melhor acatar sua posição e procurei tranquilizá-la que não faríamos nada contra a sua vontade.

Diário de campo 20/05/07.

Acreditava em sua recuperação. Por isso, sua morte foi um grande choque para mim. Durante algum tempo sentia-me confusa, e confesso sem ânimo para a pesquisa. Muitas vezes me questionei se seria ético fazer uso de suas memórias, de suas imagens, de suas histórias e de nossas histórias na tese, afinal ela, ao contrário das outras interlocutoras, não terá acesso às minhas interpretações e reflexões. Porém, um dia, reunindo alguns materiais do campo, deparei-me com um dos seus comentários cheios de humor, próprio dela, e porque não, da maior parte de nossas interlocutoras, que me fez compreender esta tese como uma forma de homenageá-la através do desvelar de suas memórias compartilhadas comigo. Afinal, como ela dizia: viado menina, quando morre, vira purpurina.

4.2 Raquel

O Ministério era meu Manto Sagrado



Raquel nasceu em São Geraldo uma cidade do interior de Minas Gerais, em abril de 1939, e, como Laura, na época da pesquisa, tinha 67 anos de idade. De origem humilde, sua mãe teve doze filhos, sendo todos eles com paternidades diferentes, dois morreram ainda na infância, alguns deles foram criados por famílias distintas. Raquel

nunca conheceu seu pai - nem mesmo através de fotografias - um imigrante português com quem sua mãe teve um breve relacionamento. Em São Geraldo, quando nasceu, morava apenas com sua mãe, suas duas irmãs e

um irmão mais velho. A mais velha decidiu migrar para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e foi trabalhar como empregada doméstica numa casa de família, acabou se casando com o filho dos seus patrões. Esta irmã patrocina a viagem da mãe com Raquel, ainda na infância, para o Rio de Janeiro. Chegando à cidade foram morar em uma residência familiar no bairro do Rio Cumprido onde sua mãe passou a trabalhar como empregada doméstica. Raquel viveu nesta casa até aproximadamente os dez anos, quando foi matriculada num colégio interno no interior do estado. As suas lembranças de infância, nesta casa, antes de ir para o colégio interno giram em torno de suas relações com Dona Mariana, a patroa de sua mãe, e com o seu sobrinho, um jovem de 17 anos. Raquel sempre acentuou seu profundo amor pela mãe, mas ao refletir sobre sua infância vê em Dona Mariana a responsável pela sua educação:

Quem me criou praticamente foi Dona Mariana, quem me ensinou as coisas. Minha mãe era analfabeta, não sabia ler, não sabia escrever, não sabia nada. Então quem me deu um pouco de instrução foi ela. Ela não deixava brincar na rua, ficava brincando só dentro de casa com a vizinha do lado, não deixava eu ir para a rua jogar bola, nada disso. Eu fiquei afeminada desde criança. Ela pagava professora particular para mim, para me ensinar o abecedário. Aí um dia estava eu mais três garotos na mesa sentados, a professora tinha uma fruteira com uva, com não sei o quê, aí eu peguei uma uva, me lembro. Aí o garotinho falou assim: eu vou falar com a professora. Eu falei: ah pode falar! Quando a professora chegou, ele disse: ele comeu suas frutas, aí ela contou para Dona Mariana ela me botou de castigo no quarto escuro, a casa era grande. Fiquei umas três, quatro horas neste quarto [...]. Então foi ela que me ensinou esta parte que eu não deveria roubar.

Dona Mariana não apenas ensinava-lhe “boas maneiras”, mas também a levava para passear pelo Centro da cidade: “a gente ia de bonde para a Cinelândia, fazia lanche lá na cidade, era muito gostoso”. Em sua casa, Dona Mariana recebia visitas constantes de seu sobrinho, como Raquel conta:

Ela tinha um sobrinho chamado Marcos, ele fazia escola militar, era loiro, olhos azuis, família de

Santos, era bonito [...]. Aí me levava sempre balinha de chocolate quando ele ia lá, aí eu gostava, toma balinha para você, bala Hering que existia naquela época, aí chegou um dia, ele tinha mania, tinha umas casas do lado, tinha um negócio assim, tipo uns buracos no telhado, ele tinha a mania de dizer para mim que tinha fantasma, ele botava lençol na cabeça, me assustava e eu ficava com medo. Aí chegou um dia ele levou a irmã dele, também muito bonita, loira de olhos azuis, ela tinha 14, ele devia ter uns 17, aí ele mandou ela tirar a roupa para mostrar a vagina dela, e ele tirou a roupa dele e mostrou o pênis dele. Aí perguntou para mim o que você acha mais bonito? O que você gosta mais? Aí eu era uma criança, eu tinha oito anos, olhei para menina, para a vagina da menina e olhei para o pênis dele e achei mais bonito o pênis dele, aí apontei é o seu. Ele fez um teste comigo, para confirmar. Um dia ele veio preparado para fazer o estupro, estava eu sozinho de tarde, a Dona Mariana não subia porque ela era gorda, era uma escada enorme para subir no terraço, o terraço tinha uma casa para minha mãe morar, a gente dormia no terraço, aí ele me estuprou, levou vaselina, porque naquela época era vaselina, levou algodão, iodo, aí me pegou no quarto, botou à mão na minha boca, aí ele já tinha... Já era bem dotado, eu gritava, mas não podia, ele era mais forte, um homem que fazia academia, eu uma criança de oito anos, aí acabou o sexo, sangrou, ele me botou embaixo do tanque, eu comecei a chorar, ah... Você me machucou, cala boca, cala boca, senão vou te bater! [...]. Aí eu fiquei embaixo do tanque, me limpou, botou algodão com iodo no meu ânus, vai parar de sangrar, vai parar, aí parou. Aí ele falou: se você falar para a sua mãe, ou para a minha tia vou te bater, e vai sair o monte de fantasma e vai te pegar! Aí ele me ameaçou, eu era criança, ficava com medo dele e dos fantasmas.

Foi com serenidade e um ‘distanciamento’ reflexivo, que me impressionou, que Raquel narrava à experiência de abuso sexual pelo qual passou na infância, a dor, o sofrimento, o medo, a violência parece que foram sendo atenuados com o tempo. Mas são recompostos por ela no presente em vias de dar uma ordem e coerência a sua trajetória. Após este

episódio, Marcos continuou a assediá-la para praticar sexo. Já não a ameaçava com agressões físicas e com os medos infantis, mas estabelece uma relação de sedução e submissão a base de oferta de dinheiro, passou a lhe dar pequenas somas em troca de sexo. É a partir desta experiência de ‘violação sexual’ que Raquel vai buscar sentido para seu projeto de travestilidade e para sua própria trajetória como profissional do sexo. No primeiro caso, o fato de “ser afeminada” desde criança é percebido como um aspecto que a tornava vulnerável, alvo fácil para eventuais abusos sexuais, no segundo caso:

Eu comecei a prostituição desde quando eu tinha oito anos, foi quando eu sofri o estupro do sobrinho da Dona Mariana. Depois eu fiquei fazendo sexo com ele, ele me dava dinheiro e chocolates naquela época, eu dava o dinheiro para a minha mãe e ela perguntava para mim, quem lhe deu este dinheiro? Eu falava para ela que era o Marcos, e que ele me dava dinheiro para engraxar as botas dele.

Por volta dos seus 10 anos de idade Dona Mariana veio a falecer, é através de sua morte que Raquel interpreta um acontecimento de sua vida que ganha uma carga mais traumática para ela, a separação de sua mãe e a ida ao colégio interno. “Quando Dona Mariana morreu minha mãe foi trabalhar em outra residência e as patroas não queriam me aceitar porque eu já estava muito grande, foi quando minha mãe me internou”.

Assim, nesta época, foi levada há um colégio interno no interior do estado e depois, com 12 anos, sua irmã mais velha, a mesma que trouxe sua mãe para o Rio de Janeiro, a internou na Casa do Pequeno Jornaleiro “onde é hoje a cidade do samba”, onde permaneceu até completar 18 anos. Suas lembranças dos tempos do colégio interno desde seus 10 anos são pautadas pela vivência de uma rígida rotina de estudo pela manhã e trabalho no resto dia - durante o tempo de internada neste lugar trabalhava vendendo jornais na Rua da Quitanda - e novamente a sexualidade é ponto de referência de suas memórias, agora as experiências sexuais são com os seus companheiros e servem para reafirmar seu “destino”. Ela relata que:

Logo na primeira noite no colégio interno estava numa cama de ferro, tipo beliche. Aí um garoto veio, eu usava o short do colégio, aqueles shorts que davam para a gente vestir, o garoto cortou meu short com a gilete, eu pedi ao garoto para deixar eu dormir embaixo, porque eu estava com medo de cair, eu

estava dormindo e o garoto cortou meu short, e foi em cima de mim.

Quando saiu da casa do pequeno jornalista Raquel foi viver com sua mãe na Cruzada São Sebastião¹²⁶, no bairro do Leblon, e começou a trabalhar num escritório de advocacia no Centro da cidade como office-boy, neste emprego ficou por três anos. Neste momento são matérias de suas lembranças os deslocamentos na cidade em busca de parceiros sexuais. E aí surgem locais como alguns cinemas da região central da cidade, bem como locais já citados por Laura, como a Praça da República. Como também começa a frequentar os bailes de carnavais da Praça Tiradentes, e os carnavais de rua, temas que serão abordados no último capítulo da tese. É nesse período também que Raquel retomou seus estudos na antiga SUESC, localizada nos arredores do Campo de Santana, no Centro, chegando a fazer o ginasial e dois anos do curso técnico em contabilidade, sendo inclusive agraciada com uma bolsa de estudos, mas, apesar de não ter dado continuidade a sua formação escolar, se lembra com carinho da “época do Suesc”. Suas narrativas têm como referência o seu bom relacionamento com os companheiros de escola, principalmente as mulheres, as brincadeiras do Prof. Waldir para com ela, “ele era um encarnador me chamava de “Rola” às vezes, eu falava para ele: eu não sou Rola não, professor!”. Os namoros com os meninos, em especial um relacionamento que serve como exemplo do apoio materno, no que diz respeito a sua orientação sexual e travestilidade:

Tinha um bonitinho lourinho, nesta época eu estava morando na Cruzada, aí eu levava ele lá para casa, eu estudava com ele, a mamãe sabia, largava eu e ele sozinho e ficava no apartamento da vizinha. Minha mãe era maravilhosa. Mamãe vou estudar com Antonio! Ah vou para a casa da minha amiga Altina, de tarde eu trago um lanche para vocês, então tá bom. A gente namorava, era como se fosse um namorinho [...]

O abandono do colégio é explicado pelo seu desejo de se dedicar melhor a uma outra atividade, a de profissional do sexo:

¹²⁶ A Cruzada São Sebastião é um conjunto habitacional fundado em 1955 por Dom Hélder Câmara, na época Arcebispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro, como parte de um projeto de erradicação de favelas da então capital federal. Com a particularidade de manter os moradores das favelas no próprio bairro de moradia.

Eu estava com uns vinte anos, foi quando eu comecei a fazer prostituição na esquina. Eu estava começando a tomar hormônios e já trabalhava de office-boy. Eu largava às 17 horas e ia para a Praça Tiradentes e me produzia num hotel que dava entrada para nós fazermos programas. Este xale era da minha mãe, era com esse xale que eu comecei a fazer prostituição. Minhas lembranças do início da minha vida de prostituição são as piores possíveis, porque a polícia pegava no pé das travestis. Várias vezes eu fui presa e de madrugada eu era solta porque eu trabalhava com carteira assinada. Naquela época havia mais de 30 travestis trabalhando na Tiradentes, dessas 30 somente 10 trabalhavam na honestidade, porque as restantes eram perigosíssimas com os clientes e também com as outras travestis. Eu, graças a Deus, nunca tive problemas com elas, comigo era o contrário elas me adoravam e me defendiam de qualquer coisa, inclusive quando eu era presa.

Quando saiu do escritório de advocacia foi trabalhar em uma firma que publicava uma revista sobre artigos eletrônicos onde trabalhou até seus 24 anos, concomitante com a prostituição, quando, por intermédio de amigos influentes de uma de suas irmãs, conseguiu entrar para o Ministério do Trabalho, na função de datilógrafa/escriturária. No Ministério do Trabalho exerceu suas funções até se aposentar por volta dos cinquenta anos. O trabalho no Ministério representou um marco em sua vida, possibilitou status no interior da rede social de travestis que integrava afinal ela “era a única travesti que trabalhava no Ministério” e ascensão social, pôde sair da Cruzada, um lugar que dizia não ter gostado de morar, mas que, por outro lado, lhe proporcionou alguns momentos especiais: “Na Cruzada a polícia entrava na casa da gente abria a geladeira, tirava as coisas, revistava. Passou a ser um local muito marginalizado. Na minha época era bom porque tinha o cinema, eu ia para o cinema lá em Ipanema, esqueci o nome agora. Às vezes tinha pré-estréia mundial de filmes, eu vi atores, como Alan Delon”.



Raquel sai da ‘Cruzada’ e consegue alugar um apartamento na Lapa nos arredores da Av. Augusto Severo. Quando entrou para o Ministério ela tinha iniciado seu processo de transformação em travesti a partir da ingestão de hormônios, como ela mesma observou em relato anterior, processo que deu continuidade “gradativamente”, “para não chocar”, enquanto exercia suas atividades profissionais:

Logo que entrei no Ministério eu fui de terno e gravata, aí umas cem pessoas foram nomeadas comigo numa sala grande todo mundo sentado esperando ser chamado para as seções que iam trabalhar. Cada um ia sendo dimensionado para um local de trabalho. Aí eu ficava assim, deslocada, né? Ficava separada, não queria conversar com ninguém, não queria que ninguém soubesse que eu era gay ali, por causa do homem que arrumou emprego para mim que era amigo da minha irmã. Mas, não adiantou porque um dia um rapaz falou assim: olha desde que você entrou naquela porta ali eu sabia que você era bicha. Eu falei: é mesmo? É. Você não tem como esconder não. Aí eu peguei [...] então tá bom, já que estou forçando uma barra à toa, vou começar a me soltar, aí não fui mais de terno e gravata nada! Comecei a botar calça jeans, blusa, e comecei assim, no truque.

Nesta época, ainda morava com sua mãe e, apesar de manter a prostituição, ela passou a ficar subordinada ao trabalho no Ministério como ela mesma conta:

Nos dois primeiros anos do Ministério eu não fui fazer a pista na Tiradentes, só ía aos sábados e domingos, porque trabalhava no ministério das 8 às 20 horas ou mais e ganhava uma boa gratificação, e eu ficava muito cansada. Quando eu completei 26 anos meu horário passou a ser das 9 às 17 horas, aí retornei a Praça Tiradentes para trabalhar e ficava das 18 às 23 horas na batalha. Eu já tinha clientela certa.

Raquel não tem fotos desta época, muitas delas se perderam durante suas muitas mudanças de residência, mas um dia em que fui passar o fim de semana com ela, ao chegar em sua casa, havia separado

uma sacola com fotos que acreditava que estavam perdidas:

Essas aqui são amigas antigas. Sarita que trabalhava no correio (à esquerda na foto), que era uma antiga. Eu, aqui eu trabalhava no Ministério, com essa roupinha, calça branca, essa blusinha. Eu estava com peitinho pequeno ainda. Só não botava peruca, botava meu cabelo curto. É essas aqui morreram as duas.



Pesquisadora: Isto foi aonde?

Raquel: Na Praça Tiradentes. Ao lado da loja Ducal, onde fizeram aquele mercado que tem na Tiradentes, o continental, ali tinha uma sapataria e a loja ducal uma loja fina de roupa para homem, como naquela época as vitrines eram mais bonitas a gente parou ali para tirar foto. Eu fazia prostituição e elas não faziam programas, só iam duas vezes na semana para pegar os bofes, no vício, transar gratuitamente.

Pesquisadora: E você nesta época trabalhava vestida assim?

Raquel: Sim, eu trabalhava assim, os homens gostavam, eu era feminina, não estou bem aqui?

Pesquisadora: Sim esta ótima

Raquel: Foi em 70 (lendo o que atrás da foto) a lembrança das noites de sucesso, Sarita, Barbosa, que era eu e Marília, seis do onze de 70.

Com o tempo Raquel passou a exercer a prostituição não apenas na esquina do Teatro Carlos Gomes em frente à Praça Tiradentes, mas também em ruas do bairro da Lapa, como a Mem de Sá, por exemplo, e em um cinema do Centro nos arredores da Praça Tiradentes. Sendo que a prostituição realizada no cinema passou a ser mais intensa num período em que, por motivos de saúde, solicitou uma licença no Ministério por dois anos: “eu ficava na Central¹²⁷ das 14 às 22 horas”. Em suas reflexões sobre sua trajetória como profissional do sexo Raquel, como Laura, também observa que, no “tempo” dela, era melhor porque “tinha mais clientes” e se

¹²⁷ Nome fictício para o cinema onde Raquel trabalhou.

“ganhava mais dinheiro”. Mas, por outro lado, também fazem parte de suas lembranças desta época à massiva repressão policial vivida em sua experiência como prostituta e também a caracterização do universo da prostituição travesti a partir de idéias como violência e marginalidade, como o leitor pode dar-se conta através de suas narrativas:

Agora não [...] é mamão com açúcar. Elas ficam na Lapa peladas, lá na Augusta, o camburão passa nem olha. Na minha época, o camburão vinha de longe: Aliban! (polícia em linguagem êmica). Todo mundo tinha que sair voada! Eles vinham em cima da gente. Uma vez, eu estava na Tiradentes, ia [...] saía lá no Largo da Carioca eles vinham atrás na contramão entrava na Uruguaiana saía lá na Presidente Vargas [...] Ih era um terror! Era como se estivesse correndo as olimpíadas para fugir da polícia. Agora não, é mamão com açúcar. Tinha um senhor escuro, de fusquinha levava as travestis para Santa Tereza e matava os travestis. Era um maníaco, agora está mais devagar, naquela época era babado.

Mas, ao mesmo tempo em que o universo da prostituição travesti é demarcado como violento, e alvo de coerção social, e que as suas protagonistas podiam ser perigosíssimas, elas podiam ser também belíssimas, assim como o Rio de Janeiro, era a ‘cidade destino’ de travestis de outras nacionalidades:

Na minha época os travestis ficavam mais na Lapa, embaixo dos Arcos, no Casanova, na Mem de Sá. Não ficava na Augusto Severo. Ficavam no Beco das Carmelitas. Era muito bom, vinham travestis da América do Sul para colocarem silicone. Aqui era como se fosse uma Europa hoje. As travestis belíssimas, produzidas, todas com roupas finas, não ficavam peladas não, com scarpin, meias arrastões, superprodução, a que ganhava mais era que tinha mais produção.

Já em suas reflexões sobre seu trabalho no Ministério, Raquel sempre fez questão de frisar uma equação que, para ela, explica o fato de “não ter tido problemas no trabalho”, respeito e eficiência no desempenho de suas atividades.

O negócio era o respeito. Eu era uma das melhores datilógrafas, trabalhava no gabinete do Ministro às vezes, porque era muito rápida batendo as cartas. Meu único problema era para entrar no banheiro das mulheres, tinha umas beatas lá que não aceitavam que eu freqüentasse o banheiro das mulheres. Houve esse babadinho só. As outras não que eram minhas amigas de bate papo, de contar a vida íntima, era diferente. Mas com as duas coroas das antigas elas não aceitavam porque sabia que eu não era mulher, aí eu fui falar para o diretor que eu tinha este tipo de problema, como é que ia ser? Eu tinha que ir ao banheiro público lá embaixo, feminino? Se o problema é esse você pode freqüentar o banheiro da secretaria a hora que você quiser, ele falou. É que às vezes eu entrava no banheiro de homem e os homens se assustavam, um banheiro público no andar, tinha um banheiro de homem e um de mulher do outro lado, mas algumas mulheres não aceitavam. Mas foi só com elas, porque as outras mulheres gostavam de mim, eram minhas amigas, me davam presentes, às vezes até coisas para minha casa.

Já afastada da “batalha” Raquel passou a alugar quartos para rapazes e depois também para travestis, exercendo a função de cafetina. Sendo que, durante um período chegou a hospedar travestis que vinham de outros países da America Latina para o Rio de Janeiro exclusivamente para colocar silicone. Nesse caso, ela alugava um apartamento apenas para isso e morava em outro. É com muita nostalgia que Raquel fala dessa época, marcada por uma rede de sociabilidade intensa e mesmo solidária: “Eu gostava muito quando alugava vagas, a gente se reunia, fazia natal, fazíamos umas ceias gostosas, a gente ia para a Lapa passear, ia lá para a ‘Boate da Laura’, era muito bom”. Ao contrário de Laura, Raquel, ao longo de sua trajetória, teve inúmeros relacionamentos amorosos duradouros. Entre “namorados”, “casos” e “maridos” ela contabiliza sete relacionamentos, todos recheados de situações dramáticas e, em alguns casos, violentas como ela mesma conta:

Eu conheci todos na cidade, no cinema Iris, na praia, andando por ai, não no meio de travesti assim. Um eu conheci na Tiradentes batalhando, ele se matou. Ele trabalhava na Telerj, na antiga Telerj, era técnico de telefonia, aí ele estava tomando um chope eu

batalhando na porta do Carlos Gomes e tinha um bar do lado. Eu passei, ele me viu. Ele era bonito, tinha olhos verdes, ele era meio mestiço, a mãe dele era loura o pai era mulato, cabelo sarara mais claro, bigode loiro natural, olhos verdes e era bonitão, lembrava até um artista que faleceu, o Carlos Augusto Strazzer. Aliás, os casos que eu tive, alguns me lembravam algum artista de TV, o outro, que me deu facada, lembrava o Kadu Moliterno da Armação Ilimitada, o último que era o Fuldêncio, lembra o Ângelo Paes Leme, tem uma vaga lembrança. Ele me largou quando tinha 25 anos. Estes três foram uma tragédia para mim. Este que me lembrava o Strazzer se jogou do prédio, ele era apaixonado por mim, me seguia na rua, me vigiava, às vezes ele largava o emprego dele para me vigiar. No turno da noite ele largava o serviço para ir em casa para saber se eu estava em casa. Eu como era viciosa, quando ele fazia serviço noturno eu me montava, botava meu vestido e ia para a Lapa arrastar meu aquezinho. Daqui a pouco a bicha falava: ih Raquel lá vem seu João Rola lá, era ele. Ele ia me pegar lá na secção 5h30 como se fosse um homem que ia pegar a namorada na porta do serviço. Ele ia me pegar dentro da secção. Eu dizia: que isso? Você veio me pegar aqui? Pega mal. Nós vivemos cinco anos juntos. Ele queria andar de braço dado comigo na rua, eu é que tinha vergonha de andar com ele. Na época eu já era travesti, mas tinha um medo do pessoal falar alguma coisa. Olha lá! Uma bicha com um homem de braço dado! Apesar de que eu já passava como mulher, mas dentro de mim eu tinha um medo. Ele queria botar o braço no meu ombro e sair como casal normal, naquela época [...]. Ele morreu em 83, ele morreu com 27. Então, naquela época, era muito preconceito, as pessoas eram muito preconceituosas [...]. Eu tinha medo. Hoje não, você vê ai um travesti passar de braço dado com o namorado, se ela passar como mulher, ninguém olha, mas senão, ainda choca um pouco. Todos eles trabalharam para mim, eu nunca fui de bancar homem. Só banquei um depois que minha mãe morreu o Alair. Eu ia pro Central fazia programa lá, mas ele era minha empregada, fazia tudo, eu alugava vagas para homens, para 12 rapazes num apartamento e eu morava com ele num

outro. Ele foi para a vaga, me viu, gostou de mim e eu gostei dele, aí tirei ele da vaga e ele foi morar comigo.

É interessante ressaltar aqui como Raquel utiliza-se de suas experiências amorosas para, mais uma vez, estabelecer fronteiras entre ela e o universo travesti que constitui sua rede de sociabilidade, reivindicando para si outra “identidade social de travesti” e “estilo de travestilidade”. Em geral as etnografias sobre travestis ressaltam que é no âmbito deste universo, e em suas redes de relações, que as travestis encontram seus parceiros amorosos. Muitas vezes, já foram namorados de outras travestis, em outras, são michês, sendo comum, também, relacionamentos com pessoas com passagens pela polícia por roubo e/ou furto, por exemplo, em sua maioria de classes populares, mais jovens e considerados fortes e bonitos. Apesar de Raquel ressaltar que não conheceu seus ‘casos’ no âmbito do universo travesti, mas em seus itinerários urbanos pela cidade, a maior parte deles, com exceção de Salvador, com quem viveu cinco anos, oriundo de classe média, mas que, por sua vez, conheceu no âmbito da batalha, se enquadram no panorama apresentado acima, de camadas baixas da população, com pouca escolaridade, jovens com destaque para sua beleza física, sendo comparados com artistas famosos, alguns deles, inclusive, com passagens pela polícia: “eu já namorei um ladrão uma vez, mas comigo ele nunca fez nada, nunca me roubou”.

Por outro lado, a relação entre ela e seus relacionamentos amorosos se diferencia em comparação com os relacionamentos entre travestis e homens: Salvador não queria que ela continuasse batalhando, se esforçava para sustentá-la, a tratava como se trata uma esposa e a amava tão profundamente que diante do desejo de Raquel de romper com o relacionamento, num ato de desespero, se matou. Mesmo namorando um assaltante, este sempre foi correto com ela, não é por acaso que ela enfatiza que “não banca homem”, com exceção de Alair. Mas, este, em troca, trabalhava para ela. Em geral são as travestis que sustentam financeiramente seus companheiros, esta é uma prática comum entre elas, sendo vista, inclusive, como a “real motivação” de um homem para estarem com elas, um depoimento de Janete, uma informante de Benedetti (2005, p.122) é bastante ilustrativo: “esses bofes gostam é dos nossos aquês (dinheiro), porque homem que é homem gosta de mulher”. Portanto, apesar das narrativas de seus relacionamentos amorosos serem pautadas por memórias de violência e sofrimento, ela interpreta seu envolvimento com estes homens a partir de situações e escolhas que transcendem a sua vontade:

O pessoal do Ministério dizia poxa você é uma pessoa tão boa porque só arruma pessoas assim? Não sou eu que arrumo é o destino que joga para mim só pessoa assim, eu não tenho nada a ver com essa gente, não sou drogada, não cheiro, não fumo, não bebo. E só aparece cachaceiro, ladrão, assassino tudo na minha vida é um karma que eu tive.

Desse modo, suas relações com estes homens, e a forma trágica que as interpreta, reafirmam, por sua vez, sua feminilidade, o sentir-se desejada como mulher é um traço recorrente em suas narrativas, desde suas memórias dos namoricos de infância. Um sentir-se mulher também associado ao ato sexual, Raquel sempre foi enfática em afirmar que sempre manteve o papel de passiva¹²⁸ em suas relações sexuais mesmo quando no exercício da prostituição. Depois do seu último relacionamento, há mais de vinte anos atrás, Raquel decidiu por ter relações afetivas esporádicas e passageiras, dizia-se desiludida e cansada de aborrecimentos. Vivendo sozinha, já aposentada, resolve dedicar-se a fazer viagens com amigos gays e travestis.

Fala com orgulho de suas viagens por algumas cidades brasileiras, como Salvador, Minas Gerais, Florianópolis, e pelo Estado do Rio de Janeiro. Algumas dessas, por exemplo, para assistir aos concursos de Miss Brasil Gay na cidade de Juiz de Fora/MG, algumas vinculadas a sua



participação em ONGS, como a viagem que fizemos juntas em julho de 2007 para São Paulo na ocasião do Entlaids, congresso já mencionado anteriormente. Mas, são especialmente duas viagens feitas por ela que são revividas de forma mais intensa: a viagem de regresso a sua cidade natal já com 60 anos e uma viagem com uma antiga amiga a Lambari

Esta foto aqui é interessante, eu fui na cidade de São Geraldo, eu queria conhecer a cidade que eu nasci. Aí eu peguei uma amiga minha, uma gay em Belo Horizonte, ela tinha carro, aí me levou lá. Aí eu

¹²⁸ Ou seja, sempre enfatizou que era penetrada no ato sexual, inclusive escondendo o pênis para que o parceiro não o visse e/ou tocasse. De todas as interlocutoras com quem já trabalhei ao longo do mestrado e do doutorado, Raquel foi à única que demonstrou sentir aversão ao pênis e inclusive chegou a participar da triagem realizada pelo Hospital Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, para a realização da cirurgia de transgenitalização, sendo, no entanto, reprovada devido a sua idade ser considerada já avançada para a cirurgia.

peguei, é uma cidadezinha do interior, ela mesma falou: vai fazer o que lá? Não tem nada para oferecer para gente! Mas eu quero conhecer a cidade que eu nasci, eu fui por curiosidade.

A primeira vez que eu fui a Minas Gerais foi quando eu fui na casa da minha amiga Denise em Lambari, a gente passeava pela cidade, pelo centro e depois fui trabalhar num puteiro em Varginha com a Denise, a cidade do ET [...]. Naquela época só falavam do ET, era muito bom. Eu ia para lá para Lambari, a Denise era bonita, eu não era bonita, mas eu tinha axé, e nós duas íamos num puteiro que tinha lá em Varginha, ela já conhecia a dona, a gente ficou lá 15 dias, ganhava um dinheirinho bom. Isso foi há uns 20 anos atrás mais ou menos, eu ainda estava no truque.

É numa mescla de tristeza e resignação que Raquel comenta que quase não realiza mais estas viagens, salvo quando vai aos congressos do ENTLAIDS. No decorrer do trabalho de campo Raquel retornou ao mercado de trabalho formal, novamente no âmbito do funcionalismo público. Esta



retomada lhe proporcionou novos desafios em sua trajetória, no que diz respeito não apenas as questões de ordem profissional, mas, principalmente, no que diz respeito as suas interações sociais e estilo de vida.

A trajetória social de Raquel, como em Laura, evidencia diferentes “memórias do trabalho”, a da infância, que a remete ao trabalho duro na roça, sob o olhar vigilante do padre, da adolescência, vendendo jornais na Rua da Quitanda no Centro da cidade, já na fase adulta, quando passa a ter várias atividades até manter-se em duas delas como prostituta e como escrivão, no Ministério do Trabalho, ambas fundamentais em sua trajetória, no que concernem as mudanças em seu estilo de vida. É com riqueza de detalhes que Raquel narra suas memórias, e ao relatar aspectos de sua trajetória social se esforça, como Laura, em organizar suas lembranças a partir das fases do seu ciclo de vida, articulada à “marcos espaciais”, como a casa de Dona Mariana, o colégio interno, a Praça Tiradentes, o Ministério, lugares que, por sua vez, lhe auxiliam a compor

sua narrativa biográfica e, portanto, a subjetividade travesti a partir de “marcos temporais” através da tentativa de lembrar-se de datas e idades. Na maioria das vezes se confunde porque sua referência é sempre sua idade no presente. Em meio as suas narrativas, se detém vez ou outra, para fazer contas. Delineia-se também uma “memória do preconceito” em dimensões menos dramáticas que no caso de Laura. Ela pontua especialmente “a época que era gay pintosa” e os primeiros anos de seu trabalho como prostituta através da repressão policial. Por sua vez, a trajetória individual e social de Raquel é recheada por memórias de situações dramáticas, algumas delas localizadas ainda na infância, como o abuso sexual do qual foi vítima, a separação da mãe, os dias difíceis passados no colégio interno, “a falta de sorte” com seus romances, situações usadas por ela para reiterar suas habilidades e seu valor como indivíduo, como alguém que soube lidar com as adversidades da vida e construir uma trajetória que a destaca com relação ao seu “grupo” mais amplo e que lhe proporcionou, e proporciona as *travessias sociológicas* das quais nos fala Velho (1999b).

4.2.1 *Eu sempre fui uma pessoa correta: estilos de vida e visão de mundo*

Raquel considera-se uma pessoa que sabe discernir entre o “certo” e o “errado”, e que sempre optou por uma conduta correta em sua vida, algo visto com orgulho por ela, e que, a meu ver, está estreitamente vinculado a experiência travesti. O que seria o certo e o errado para ela? Seria, principalmente, não roubar, usar de sinceridade em suas relações pessoais, pagar suas contas em dias, saber se comportar de acordo com o contexto social. Enfim, algumas características que contrapõem a visão que ela tem de seu universo, as travestis em geral são tidas como pessoas que não se pode confiar, mentirosas, oportunistas, que não sabem se comportar, entre outros adjetivos. Deste modo, o fato de ser uma “pessoa correta” lhe garantiu “sobreviver” no universo da prostituição em determinados momentos hostis e perigosos, e no universo social do Ministério. Como no caso de Laura o fato de transitar em mundos tão diferenciados e contrastantes exigia dela capacidade para adaptar-se às circunstâncias (VELHO, 1999b), e a sua tática era, sobretudo, ter ‘atitudes corretas’. Por exemplo, quando saía do Ministério mudava de roupa e colocava seu “uniforme” (vestidos de lycra curtos, ou saia e tops) de trabalho como prostituta, evitava que seus casos e/ou maridos fossem buscá-la no Ministério, um dia ela me contou um episódio bastante ilustrativo:

Uma vez eu tava indo pro Ministério, já era travesti já, quando eu peguei a Santa Luzia, percebi que tinha

um bofe me seguindo, continuei andando, e ele atrás, quando eu vi, tava próximo do Ministério, eu parei e falei para ele: olha eu trabalho aqui no Ministério, você, por favor, para de me seguir porque eu não gosto dessas coisas aqui, agora se você quiser pode aparecer lá na Tiradentes mais tarde, eu saí do Ministério lá pelas 5h30.

Por sua vez isto também é acionado para desvinculá-la da imagem de marginalização relacionada à travesti, principalmente no que concerne ao universo da prostituição. Onde mantinha um rigoroso código de ética, não “azuelar” (isto é, não roubar) os clientes, acertar com clareza os detalhes do programa, como preço e a prática sexual que seria realizada. Neste sentido, seu cuidado era deixar claro que só era passiva, procurava manter um relacionamento amigável com as colegas de trabalho, evitando “os bafões” (brigas com as outras travestis) e fazer sexo seguro; diz que sempre se preocupou em usar preservativos quando começou “a surgir a AIDS” no Brasil.

É necessário pontuar que Raquel sempre ressaltou que ao “tornar-se travesti” sua “vida melhorou”. Com a transformação, deixou de sofrer intimidações e até mesmo ameaças de agressão por ser “gay pintosa”. Passou a ser mais admirada e desejada pelos homens, inclusive pelos mesmos que, em algumas ocasiões anteriores, a repudiavam e que passaram a “acentuar suas formas femininas”. Ao contrário de Laura, ela optou por expor e negociar seu projeto de travestilidade no âmbito das suas interações sociais desde o início do processo de transformação. Se não sofreu “pressões familiares” como Laura, estas não estavam por completo ausentes de sua vida, pois se recebia apoio de sua mãe, vivia em conflitos com suas irmãs mais velhas que moravam no Rio de Janeiro. Um projeto que, com o envelhecimento, dá mostras de sua eficácia ao ser constantemente “confundida” com senhora em suas interações cotidianas, como será retomado no capítulo 7 da tese.

Uma senhora que para seu desagravo - apesar de dizer que não se importa mais com isso - não exhibe um corpo torneado, como na fotografia exposta no porta-retrato acima, mas que desde que a conheci sempre se mostrou muito vaidosa e preocupada com sua aparência, sempre com um batom na bolsa, aliás, nunca a vi sair de casa sem passar batom nos lábios. Por gostar muito de doces, refrigerantes e ser “gulosa”, nos últimos anos está sempre às voltas com problemas de excesso de peso, o que, por sua vez, lhe traz malefícios para a saúde, está sempre controlando sua pressão, tomando remédios para o tratamento de problemas como artrose, que nos

últimos meses de campo a incomodava muito.

Em geral tem um temperamento doce, sua fala é mansa, gestos contidos, normalmente está bem humorada, no entanto, é do tipo de pessoa, como ela mesma gosta de frisar, que não leva desaforo para casa! O que pode representar uma mudança significativa em seu comportamento. Em algumas ocasiões, pude presenciá-la em situações onde o que predominava eram sentimentos de fúria que em nada “combinava” com a imagem da “idososa terna e brincalhona”. Quando nos reencontramos estava morando numa quitinete no Centro da cidade aos arredores da Lapa. Um pouco mais amplo das dimensões que normalmente caracteriza um apartamento deste tipo, com uma pequena cozinha, banheiro, quarto e sala conjugados que Raquel optou por separar através de uma parede removível. Logo que se atravessava o estreito corredor que dava acesso à sala, via-se uma estante de mogno escuro com uma TV de 29 polegadas, seus aparelhos de som, DVD e vídeo cassete, seus inúmeros DVDs (grande parte comprados em camelôs espalhados pelo centro da cidade, raramente comprava-os em lojas comerciais) com filmes, em sua maioria dos gêneros de aventura e terror, seus preferidos, um hábito adquirido na infância e que a remete aos tempos do colégio interno quando, à noite, se reuniam, após o jantar, para ver filmes de terror, além de inúmeros CDs de cantores e cantoras nacionais e internacionais e grupos de pagode. No entanto, normalmente quando chegava à sua casa ou mesmo passava tardes e/ou fins de semana com ela, a trilha sonora que predominava no mais alto volume eram os CDs de cantoras italianas.

Ainda em cima da estante eram expostos os mais variados porta-retratos com fotografias de sua mãe, com sua irmã mais velha, dela com amigas, de uma criança, filho de uma antiga vizinha, e inúmeros bibelôs, pequenos bonecos de pano, bichos em cerâmica e gesso, alguns trazidos como lembranças por amigas travestis “européias”, troféus que ganhou em homenagens. Nas paredes, um grande quadro ganha destaque, herança de uma amiga travesti já falecida em decorrência do HIV/AIDS, e quadros com imagens sacras, oratórios de madeira, que poderiam denunciar uma pessoa muito religiosa, mas, todavia não é esse o caso. Em algumas ocasiões cheguei a questionar-lhe se era devota de alguma religião e Raquel me respondia que era católica, mas não freqüentava os cultos católicos o que confirmei ao longo de nosso relacionamento.

Do lado direito da estante, uma cama de solteiro sem encosto coberta com uma colcha com motivos de onça e almofadas do mesmo tecido que tinham várias funções, poderia servir de sofá para as visitas, de cama para as eventuais travestis que trabalham por telefone atenderem seus clientes, e de cama para pernoite de amigos e da pesquisadora. Do outro lado, uma pequena mesa com quatro bancos servia como local para fazer

suas refeições, decorada com uma toalha de mesa e um vaso de plantas, em cima da mesa também ficava um aparador de copos e um cesto para colocar pão, ao lado a geladeira com o micro-ondas em cima. Em frente à estante, do lado da porta que dava para o banheiro, um armário baixo de quatro portas que servia para guardar roupas de cama, caixas de remédios, utensílios de cozinha e sua antiga máquina elétrica de datilografia. Em cima um grande vaso com flores artificiais, suas duas agendas de telefone, uma bandeja de prata com um jogo de xícaras para café que lhe foi presenteada por um casal de alemães que conheceu ainda adolescente quando interna da Casa do Pequeno Jornaleiro e vendia jornais na Rua da Quitanda. Alguns desses objetos, como o quadro da amiga travesti já morta, a máquina de escrever, são da ordem do que Bosi chama de objetos biográficos, pois “envelhecem com o seu possuidor e se incorporam a sua vida. Cada um representando uma experiência vivida” (BOSI, 1994).

No quarto, único cômodo com janela voltada para a rua, a cama de casal era coberta com uma colcha estampada com motivos nas cores rosa e laranja com muitas almofadas em cima, e dois bichos de pelúcia, um armário de quatro portas, uma cômoda, uma mesa com pequenos objetos pessoais e outra TV um pouco menor que a da sala. Ao lado da janela um cabideiro com chapéus, roupas e ainda uma bicicleta própria para exercícios físicos que tampouco era utilizada por ela. Em uma das paredes, uma gaiola que abrigava quatro periquitos, seus xodós e companheiros. Era debruçada na janela do quarto que desfrutava alguns dos seus passatempos à tarde, alimentar os inúmeros pombos que pousavam todos os dias, em sua janela e olhar o “movimento da rua”.

Ao longo do campo, como já mencionado, Raquel mudou-se de endereço duas vezes, deste conjugado descrito acima na Gomes Freire para uma casa em Realengo, numa vila, mais ampla, com dois quartos, depois se mudou para um apartamento de um quarto na Lapa na Rua do Riachuelo, em ambas as moradias mantinha o mesmo estilo de decoração, os móveis dispostos de forma muito semelhante. Apesar da casa de Realengo ter dois quartos este praticamente não era usado, salvo quando a pesquisadora ia dormir em sua casa. Este era decorado com a parte de baixo da cama de solteiro que tinha na sala, e um móvel baixo de três portas do antigo inquilino. Já no conjugado da Lapa foi incorporado um novo objeto em seu quarto, um computador e uma mesa para computador, que, por sua vez, introduziu novos hábitos. Raquel morou em vários lugares no Centro da cidade, depois que sua mãe morreu chegou a comprar um conjugado em Realengo onde viveu alguns anos, depois se mudou para Nova Iguaçu até voltar para o centro da cidade. Mas é importante destacar que tais mudanças de endereço representaram em parte uma mudança de estilo de vida, durante

a época que morou em Realengo, Raquel compartilhava de um estilo de vida mais comunitário, estabelecendo laços de vizinhança mais estreitos e pautados em relações de reciprocidade, diferente de quando morava na Gomes Freire, por exemplo, e não mantinha relações com os vizinhos do edifício onde morava temáticas que serão retomadas no capítulo 7 da tese.

Durante o campo, quando morou na Rua do Riachuelo na Lapa, Raquel chegou a alugar vaga para uma senhora de sua faixa etária que tinha trabalhado toda a sua vida como prostituta. Como Raquel tinha o hábito de receber suas amigas travestis mais jovens que ela, poucas na verdade, para passar fins de semana, ou mesmo, para dormir durante a semana, a convivência com esta senhora foi se tornando difícil e sua estadia não durou mais que quatro meses. Penso que sua iniciativa em alugar vagas está menos relacionada com questões de ordem financeira e muito mais com o fato de não gostar de ficar sozinha, de evitar a solidão que sempre a assustou. Um dos seus arrependimentos é de não ter guardado dinheiro suficiente para ter comprado um bom apartamento para ela, apesar de ter tido esta possibilidade como ela mesma reflete:

Eu ganhei dinheiro, mas eu gastava muito, ajudava os outros. Travestis que às vezes ficava doente, com AIDS, eu pagava remédios, fazia enterros. Por isso eu nunca consegui juntar dinheiro, eu sou muito mão aberta. Até meu último caso, falava: você não guarda um tostão na poupança, você ganha dinheiro no Ministério, ganha dinheiro com essas vagas, você não tem nem um tostão guardado! Eu com 51 anos, naquela época [...]. Aí eu peguei, abri uma poupança na caixa e comecei a botar dinheiro na caixa e depois fazia aplicações, foi quando dava para eu comprar um apartamento para mim, só que com o plano Collor eu perdi todo meu dinheiro.

Na época do trabalho de campo ela reclamava muito que sua aposentadoria só desvalorizava e que já não podia manter o mesmo padrão de vida de antes, de quando alugava vagas, por exemplo. Além disso, o fato de ter apartamento próprio passou a ser uma preocupação maior, principalmente com o avanço da idade, devido aos seus gastos com plano de saúde e remédios, desse modo passou a ter mais cuidado com seus gastos diários e a ser mais organizada com o seu orçamento, o que a permitia manter um estilo de vida modesto sem passar por dificuldades financeiras. Para isso, comprava muitos artigos de uso pessoal, como roupas, acessórios e de uso doméstico, em camelôs estrategicamente escolhidos, o que vendia queijos bons e baratos,

o que vendia os maxixes maiores e mais baratos para os passarinhos, e aqueles que ela já estava acostumada a regatear o preço. Eram momentos propícios para acionar sua identidade de idosa e aposentada, ou, em seus termos, de “geriátrica tombada” para receber um tratamento preferencial. Por sua vez, como informei anteriormente, em abril de 2007, depois de mais de 15 anos de aposentadoria, Raquel retornou ao mercado de trabalho formal e começou a trabalhar como recepcionista em um órgão público vinculado ao município do Rio de Janeiro. Retornar ao mercado de trabalho depois de tantos anos foi fundamental em sua vida e representou uma mudança significativa em seu cotidiano. Para respeitar seu horário de trabalho passou a acordar às seis horas da manhã, já que tinha pela frente quase duas horas de viagem de ônibus de Realengo até o local de trabalho em um bairro na Zona Norte da cidade, e, em seu retorno, precisava utilizar dois ônibus, o que aumentava ainda mais o tempo do percurso. Mas a rotina cansativa não a fez esmorecer e voltar atrás quanto ao trabalho¹²⁹.

Para Peixoto (2004, p.72) a aposentadoria pode representar, para além de uma perda financeira, um vazio social¹³⁰, diretamente relacionado há um sentimento de inatividade e sugiro, com a dissolução de redes sociais e, conseqüentemente, de práticas de sociabilidade. Diante disso, não desconsiderando a importância em termos financeiros, penso que o retorno ao trabalho no caso da Raquel deve a meu ver ser compreendido, sobretudo como uma estratégia para interagir com diferentes redes sociais que orbitam no interior de sua sala de trabalho e através delas vivenciar talvez outras formas de sociabilidades, outros jogos sociais, para além das “fronteiras” do universo das travestilidades.

4.2.2 *Eu gosto de inventar nomes, João Rola, Chuparina, Cú nas trevas: saberes e fazeres*

Quando conheci a Raquel um dos aspectos de sua personalidade que me chamou atenção foi sua jocosidade, ela sempre se destacou por ser

¹²⁹ Para Viegas & Gomes (2007, p.89) não deixar de trabalhar é precisamente uma reorientação central na vida dos idosos. O trabalho, depois da reforma, já não é mais uma atividade assalariada, mas é mais do que nunca encarado como um ato existencial, constituindo a condição essencial para manter a condição de pessoa.

¹³⁰ Segundo Peixoto (2004) em termos de sociedade brasileira muitos aposentados não querem deixar de trabalhar mesmo que não necessitem aumentar a renda familiar. A autora aponta duas razões para isto: a idade precoce da aposentadoria por tempo de trabalho/contribuição que retira da vida produtiva indivíduos ainda jovens que não desejam ficar inativos e o prolongamento da vida estreitamente ligado ao progresso da medicina que lhes proporciona melhores condições de saúde, afastando o sentimento de envelhecimento e favorecendo a emergência de uma nova categoria de aposentados trabalhadores (PEIXOTO, 2004, p. 72).

uma pessoa brincalhona e divertida, uma “caricata”¹³¹ como ela gostava de dizer. Uma de suas práticas era a criação de nomes inusitados com conotações eróticas e sexuais, como os descritos acima, para as pessoas que fazem parte de suas redes de relações. Uma maneira de criar vínculos, e estreitar laços, de ‘aceitação social’. Por sua vez, penso que a capacidade inventiva de Raquel para criar expressões está relacionada com o uso da linguagem que é realizado no âmbito do universo travesti e que não será tratado especificamente neste trabalho, mas que já foi abordado por vários estudos como Benedetti (2005), Kulick (2008), Oliveira (1997), aqui me interessa ressaltar é que segundo tais autores, a utilização de uma linguagem diferenciada e ‘secreta’ para comunicar-se entre elas é, em linhas gerais, uma forma de proteger-se, e Raquel traz isto para suas interações cotidianas. Parece-me importante ressaltar ainda que ela faça uma articulação entre seu hábito de inventar nomes com a experiência da velhice: “Eu não tive infância, agora a minha infância talvez esteja sendo agora depois de velha, que a gente volta a ser criança. Eu sou uma pessoa que gosta de brincar, gosto de inventar nomes. Eu sou muito brincalhona, com toda a minha idade”.

Em suas representações sobre a velhice, e aqui me remeto à dissertação de mestrado, sempre fez questão de enfatizar que aceita e está conformada com sua idade, ou seja, com sua condição de “idosa”, ao mesmo tempo em que, em parte, a velhice, para ela, é entendida como degenerescência física ela aciona uma identidade lúdica própria a esta “fase” que a aproxima “do mundo infantil”, o que, por sua vez, sugere a compreensão da velhice como um período da vida que se perde a autonomia e o controle de si (LINS DE BARROS, 2006b).

Desde que a conheci sempre fez uso de perucas. Atualmente alterna com o costume de prender os poucos cabelos castanhos claros que ainda lhe restam em um pequeno coque. Extremamente vaidosa – de tempos em tempos, nunca a vi sair de casa sem passar batom nos lábios, colocar brincos e retocar os cabelos brancos, com um lápis retocador. Pude presenciá-la diversas vezes durante seu ritual de beleza, podia estar atrasada para algum compromisso, mas dedicava-se com esmero a sua aparência. Ao mesmo tempo, mantinha o costume de vestir-se com roupas decotadas, às vezes justas ao corpo, e, em geral, coloridas e com estampados, optando por uma aparência mais jovial. À medida que nos

¹³¹ Caricata é uma expressão utilizada para designar um tipo de show realizado por travestis, transformistas e drag queens. São performances em que predominam o que é engraçado, às vezes, grotesco e ridículo. Chamar uma travesti de caricata pode querer dizer que ela é engraçada ou ridícula, isso vai depender do contexto.

encontrávamos com frequência percebia que ainda mantinha certos hábitos, como, por exemplo, o de acordar tarde, pois gostava de ficar até de madrugada assistindo novelas e filmes na televisão, de durante as tardes sair para fazer caminhadas no Centro da cidade, em ruas nos arredores do local onde mora. Este hábito, em especial, sofreu algumas mudanças no decorrer da pesquisa depois que se mudou da Lapa para Realengo e também por ter começado a trabalhar. O trabalho, aliado ao fato de passar a residir em outro bairro, longe do Centro da cidade, suscitou algumas restrições com relação as suas antigas práticas, como o de dormir de madrugada e as suas caminhadas vespertinas, que passaram a ser realizadas esporadicamente após a saída do trabalho quando não se sentia muito cansada ou nos fins de semana. Durante o mestrado, outro hábito que cultivava era o de frequentar a Lapa durante as noites de sexta-feira para se divertir ou, em alguns casos, para distribuir camisinhas. Porém, na época do campo não saia mais à noite para distribuir preservativos, mas foi possível acompanhá-la algumas vezes em saídas noturnas à Lapa.

Quando estava em casa tinha a rotina de, ao acordar, logo após tomar seu café da manhã, cuidar dos seus periquitos, limpar a gaiola, colocar comida, conversar um pouco com eles, depois “dar um jeito na casa” que significava, ordenar a cama, alguns objetos fora de lugar, lavar a louça e varrer os cômodos. Devido a seus problemas de artrose e de coluna não podia fazer muitos esforços, assim, a limpeza mais profunda da casa ficava a cargo de ‘Fuguete’, uma jovem travesti negra que prestava pequenos serviços para Raquel, entre eles a limpeza da casa. Como não gostava de cozinhar, almoçava em restaurantes populares e fazia um “lanchinho” à noite. Dizia que se acostumou com o fato de que cozinhassem para ela, primeiro sua mãe e depois seus inquilinos, algumas amigas travestis, e vizinhas que lhe davam refeições. Mas comer é uma das coisas que lhe dá prazer, por isso não deixava de comparecer a eventos promovidos por ONGs quando via a possibilidade de se “atracar nos bandejões”, ou seja, bufê livre; na verdade, esta era uma das principais motivações para comparecer a estes eventos, pois dizia-se descrente com as políticas das ONGs.

Quando estava morando na Lapa tinha o costume de passar as tardes passeando, às vezes ía à Cinelândia e ficava sentada na praça, ou ia caminhando até o Aterro do Flamengo, ou simplesmente recorria às ruas do bairro. Quando retornava gostava de ficar assistindo novelas ou programas de televisão de entretenimento popular. Aos domingos, por exemplo, passava as tardes assistindo o programa do apresentador Raul Gil na TV Record, um programa de calouros com adultos e crianças. Já quando estava

em Realengo, passava mais tempo em casa, recebia visitas de vizinhos, de sua amiga Suzy, e, por vezes, aproveitava para fazer compras no supermercado do bairro.

4.2.3 Encontros e confrontos etnográficos

Raquel, juntamente com Laura, foi uma das principais interlocutoras desta pesquisa sempre disposta a participar de forma ativa e interessada. Encontrei nela uma acompanhante constante e talvez, devido a isto, em alguns momentos se tornava um pouco ciumenta. Ela não se constrangia em reclamar comigo se deixasse de contatá-la por alguns dias durante a semana, senão fosse visitá-la em sua casa com frequência, percebia que se chateava comigo se fosse a algum evento com outras interlocutoras e não a convidava se visitasse a Laura e não fosse também à sua casa. No início do campo, dado em grande parte as dificuldades que enfrentava para compor um universo de pesquisa, me submetia as suas inúmeras demandas, prestando contas dos meus passos, policiando minhas ações de modo que não lhe causasse aborrecimentos ou simplesmente algum desentendimento. No entanto, no transcorrer do campo, fui me dando conta que estava agindo de forma equivocada. Afinal, se pensava em construir uma relação de conhecimento mútuo com ela, os conflitos, os desentendimentos, formam parte da relação de reciprocidade que se pretende desenvolver em campo quando se dá um convívio intenso na “troca de miçangas” (PELÚCIO, 2009). Portanto, tendo que lidar com afetos e desafetos nem sempre compreendidos, e expectativas muitas delas não alcançadas para ambas às partes. Deste modo, chegamos a enfrentar alguns momentos difíceis em nosso relacionamento que exigiram de mim, certo “jogo de cintura”. Aqui destaco, através de um trecho do meu diário de campo, um desses momentos ocorrido durante o ENTLAIDS realizado na cidade de São Paulo em 2007:

O penúltimo dia do congresso foi, sem dúvida, cheio de pistas interessantes para a pesquisa. Após nos levantarmos e tomarmos nosso café da manhã seguimos para o salão onde estava ocorrendo o congresso. Num determinado momento Raquel saiu dizendo que ia ao banheiro e não voltou mais, preocupada com sua demora resolvi sair um pouco para procurá-la. No instante que me levantei e virei para trás vejo a Raquel entrando na sala. Aproximei-me dela e de imediato me dei conta que estava acontecendo alguma coisa, pois parecia perturbada e nervosa [...]. Sem entender o que estava

passando lhe pedi que saíssemos para que ela pudesse me explicar melhor o que tinha acontecido. Do lado de fora, próximo às escadas que davam para o hall do elevador, Raquel, em lágrimas, me contava que havia sido destratada pela Patrícia apenas porque ela era velha, se ela não fosse idosa não teria coragem de humilhá-la na frente de outras pessoas! Contava-me, entre soluços e muito nervosa, que no momento que saiu da sala para ir ao banheiro encontrou com a Alessandra que a levou para assistir uma outra palestra. Ficou algum tempo lá, mas cansada de ficar sentada resolveu sair para caminhar um pouco e ir ao banheiro. Foi quando se deparou justamente com a Patrícia do lado de fora. Esta ao aproximar-se dela questionou, em voz alta e em tom repreensivo, o que a mesma fazia do lado de fora, acusando-a de dar mal exemplo as outras. Raquel sentindo-se ofendida e humilhada retrucou dizendo que ela não tinha que dar satisfações dos seus atos e muito menos se sentia obrigada a ficar sentada horas ouvindo coisas que já estava cansada de ouvir. Não satisfeita, Raquel ameaçou denunciá-la por discriminação a pessoa idosa. Por outro lado, Patrícia respondeu à altura dizendo que ela estava a vontade para ir até a delegacia do idoso fazer a denúncia. No clamor da discussão chegaram outras pessoas que apaziguaram a situação. Neste momento, resolveu me procurar para avisar que ia para o seu quarto arrumar suas coisas e ir embora de volta para o Rio de Janeiro. Estávamos já no hall do elevador e enquanto tentava acalmá-la foram se aproximando outras pessoas, algumas travestis, entre elas a responsável pela organização do congresso passado, e todos de forma muito carinhosa tentavam persuadi-la de sua decisão. Resolvemos que o melhor seria voltarmos para o quarto e lá conversarmos com mais calma. Assim que chegamos pedi que se deitasse um pouco e descansasse antes de tomar qualquer decisão impulsiva tomada pela emoção do momento, além de chamar a atenção para a sua saúde, devido a seu descontrole emocional. No entanto, mesmo mais calma, Raquel não desistiu de sua idéia de retornar ao Rio. Estava com muita raiva e a todo o momento proferia pragas [...]. Arrependia-se de não ter ido à delegacia do idoso e prometia vingança enquanto proferia xingamentos a Fernanda. Como estava decidida a ir embora, lhe ajudo a arrumar suas coisas e lhe explico que para mim era muito importante participar da assembléia final e que tinha um compromisso com a Ângela, portanto não retornaria com ela. Mais uma vez tentei persuadi-la a ficar, afinal já voltaríamos

no outro dia para o Rio, inclusive ofereci que poderíamos voltar às duas sozinhas de ônibus sem precisar retornar com o pessoal da ONG. Em vão, ela estava irredutível. Saímos do hotel juntas e seguimos a pé até a estação da República, no caminho já se mostrava mais tranqüila e inclusive me contava algumas de suas recordações de uma vez que esteve em São Paulo passeando pela Praça. Chegando ao terminal rodoviário do Tietê nos encaminhamos até a sala vip da empresa de ônibus e saio um pouco antes de sua partida. Suspeitava que a Raquel apesar de não ter demonstrado no fundo não havia aceitado muito bem o fato de eu não ter voltado com ela, mas mesmo assim resolvi manter a minha posição [...]

Diário de campo, 07/2007

Todavia, assim que retornei de São Paulo, ao entrar em contato, por telefone, com a Raquel constatei pelo tom de sua voz que, minhas suposições estavam corretas o que me deixou angustiada. Antes deste episódio tínhamos combinado que ao retornar de viagem iria passar uns dias em sua casa juntamente com a Suzy e durante nossa conversa ao questioná-la sobre se o convite ainda estava em vigor recebi uma resposta seca: se você quiser pode vir. Apesar do clima de mal-estar, e justamente por isso, decidi que o melhor a fazer era ir até sua casa e enfrentar a situação. Ao mesmo tempo, sabia que não seria fácil convencê-la e atenuar sua mágoa. Soube, assim que nos reunimos durante uma conversa entre nós duas e a Suzy, que minha atitude tinha sido alvo de severas críticas de uma de suas vizinhas com quem mantinha uma relação de amizade.

Para não dar margens a intrigas e fofocas resolvi não dar atenção ao fato e me concentrei em conseguir que ela compreendesse os motivos de ter permanecido em São Paulo. Percebi que se sentia “traída” por mim, e como estava ainda magoada e com muita raiva do que passou achei, já a conhecendo melhor, que seria mais prudente me afastar uns dias para que ela se acalmasse ou, pelo menos, para que eu não me tornasse o alvo principal de sua fúria. Dormi essa noite em sua casa e no dia seguinte, logo após o almoço, fui embora. Nesse mesmo dia, durante o café da manhã, já me parecia menos hostil a minha presença, mas, de qualquer modo, achei mais prudente deixar que, como acontecia quando brigava com as outras pessoas de sua rede de relações de amizade, que sua raiva passasse por completo para que nosso relacionamento fosse restabelecido.

E foi justamente o que aconteceu. Com o passar dos dias este assunto foi relegado a outros planos e nosso convívio foi sendo retomado sem ressentimentos, à medida que lhe mostrava minha sincera afeição por

ela e a seriedade do meu trabalho. E, sem sombras de dúvidas, no decorrer do campo estabeleceu-se entre nós um laço de amizade que mantemos, através de telefonemas, emails e sites de relacionamento, como o Orkut, apesar do meu afastamento. É sugestivo que já desde a época da pesquisa para o mestrado tenha surgido entre nós uma convivência diferenciada. Naquela época, apesar de termos realizado apenas uma entrevista de caráter formal, esta teve uma duração de mais de seis horas e nos tomou quase o dia inteiro. Ao mesmo tempo foi com quem me relatei com mais frequência, durante a pesquisa de campo para o mestrado, pois nos encontrávamos normalmente toda semana durante as reuniões do “chá das travestis” além de termos cultivado o hábito de após o término das reuniões passearmos pelas ruas do Centro da cidade.

Acredito que quando o foco da pesquisa são grupos urbanos por vezes torna-se tarefa muito difícil aceder a determinadas atividades cotidianas, de manter um contato direto e contínuo, obedecendo aos cânones do fazer antropológico mais tradicional. Entretanto, especialmente com a Raquel, eu tive a oportunidade de participar intensamente do seu cotidiano, de muitos de seus dramas, suas preocupações, suas alegrias, seus projetos e expectativas para o futuro. Além de ter sido a pessoa de quem acumulei o maior número de horas de entrevistas formal e de quem tive um amplo acesso ao acervo fotográfico.

Muitos foram os momentos de exercício de observação, no ambiente do trabalho, em alguns dos seus percursos diários de ida ao trabalho e volta para a casa. Pude acompanhá-la em suas idas a médicos, ou mesmo para resolver problemas particulares quando, por exemplo, se envolveu em um processo judicial contra os abusos da companhia elétrica e em suas negociações com a imobiliária quando resolveu entregar o apartamento antes do término do contrato. Neste caso, em especial, fui intimada para ser testemunha junto ao gerente da imobiliária dos muitos incômodos que o apartamento lhe causava.

Quando foi morar no subúrbio combinávamos de nos encontrar na sexta feira no final do expediente e depois seguíamos juntas para a sua casa, onde eu permanecia quase todo o final de semana retornando no domingo no final da tarde. Nos dois últimos meses da segunda fase do campo isto acontecia com bastante frequência. Tomava conhecimento cada vez mais de suas rotinas diárias e podia também participar ativamente delas, como ajudá-la em suas tarefas domésticas. Por outro lado, não posso deixar de ressaltar que minha presença também alterava um pouco sua rotina. Por exemplo: como já mencionei Raquel não tinha o hábito de jantar à noite, então sempre que voltávamos juntas do seu trabalho chegávamos muito cansadas, devido, em grande parte, ao fato de passarmos, em média, uma

hora e meia dentro do ônibus que nos transportava, e com fome. No início, assim que chegávamos à sua casa saciávamos nossa fome com um lanche, mas com o estreitamento de nossa amizade Raquel já sabia que eu cultivava o costume de jantar e, por mais que eu lhe dissesse que não me incomodava, ela fazia questão de que jantássemos, só que, como ela não cozinhava, quem acabava fazendo a comida era a Suzy, que, às vezes, estava conosco, ou eu mesma. Por sua vez o tipo de relacionamento que se deu entre nós permitia a Raquel participar intensamente da pesquisa, não me refiro aqui somente a sua constante disposição para as entrevistas, para percorrer comigo alguns dos seus percursos cotidianos, para esclarecer minhas dúvidas quanto aos seus modos de ser e fazer presentes em seu universo, ela sentia-se completamente à vontade para criticar meus métodos, minhas estratégias, para sugerir coisas, e fazia um grande esforço para compreender exatamente o quê afinal eu estava fazendo.

4.3 Camille

Eu tive a sociedade inteira do Rio de Janeiro na minha mão

Camille nasceu no bairro de Botafogo, Zonal Sul da cidade do Rio de Janeiro, no mês de setembro de 1944 e na época da pesquisa tinha 63 anos. Ela é cabeleireira profissional e artista, sua mãe, que sempre trabalhou como costureira é do interior do Estado, e seu pai, já falecido, era de nacionalidade portuguesa e veio para o Brasil ainda jovem, estabelecendo-se no Rio de Janeiro, era proprietário de um botequim em Botafogo antes de falecer. Camille tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova que ela. Na época do trabalho de campo morava em Botafogo com sua mãe e sua irmã. Viveu toda a sua infância e adolescência neste bairro do qual fala com apreço: sempre gostei de morar em Botafogo e sobre o qual reflete: “Botafogo sempre foi um bairro de gente muito tradicional, diferente de Copacabana que é uma mistura muito grande. Na minha infância o bairro era muito tranquilo e mais residencial, mas de uns anos para cá, foi ficando boêmio”. Em suas recordações desta fase de sua vida, são salientadas representações do bairro como “tradicional” e “tranquilo”. Como um local que lhe proporcionou uma infância onde se podia brincar pelas suas ruas e lugares com liberdade e certa autonomia; dessas brincadeiras destacam-se principalmente aquelas



que já “denunciava” sua vocação artística: “Tinha um terreno baldio perto do cemitério que a gente brincava, eram sempre brincadeiras de teatro, a gente brincava de Rádio Nacional, eu sempre fazia a Marlene, cantora”. E também o prazer de “brincar o carnaval” na companhia da sua irmã e dos moradores do bairro, “naquela época todo mundo se conhecia”. Neste sentido, o bairro de sua infância e adolescência ganha outra característica, a presença de relações comunitárias, que, por sua vez, vão ratificar a imagem do bairro como um local tranqüilo e tradicional. “Nós tínhamos um bloco chamado banho à fantasia que era na praia que era uma coisa divina, as fantasias eram todas de papel. Aí depois todo mundo entrava na água, desfilava o bloco¹³², era maravilhoso!”.



Foi também em colégios localizados em Botafogo que realizou sua formação escolar chegando a completar o científico, não se interessou em continuar seus estudos, já estava envolvida com a descoberta de um dos seus “talentos”, mas deixou que ela mesma conte:

Um dia eu estava... Eu tinha 12 anos, por aí, uma prima minha casou e eu fui ao cabeleireiro com ela. Eu nem sabia que existia este negócio de cabeleireiro, não passava pela minha cabeça. Aí eu vi o cabeleireiro fazer o cabelo, um coque numa cliente do lado. Ele fez um coque daqueles antigos. Aí eu olhei aquilo assim, aí quando eu cheguei em casa uma parenta desta minha prima começou a chorar feito uma louca, tinha um cabelo assim (mostrando o comprimento do cabelo abaixo dos ombros) que não acertavam o cabelo dela. Aí eu disse assim: deixa que eu faço. A minha madrinha, irmã do meu pai, disse: você é louca! Esse menino [...]. Aí ela deixou e em cinco minutos eu fiz o mesmo cabelo que o cabeleireiro tinha feito lá. Aí eu descobri que eu tinha jeito para cabeleireiro. E como essa prima tinha namorado um cabeleireiro que era do Charme e

¹³² Na fotografia Camille está fantasiada de “alerquim”.

chamava Valter, depois quando eu fiz 15 anos, ah pede o Valter [...]. Aí eu fui ser assistente dele. E quando eu tinha 16 anos eu tinha um monte de clientes dele em casa. Mas eu não ía porque queria dinheiro não, eu ía porque gostava. Quando eu fiz 17 anos ele disse assim: eu arranjei um salão para você e você vai sair, foi no carnaval. Na quinta feira que vem depois do carnaval você vai estrear como cabeleireiro, eu não queria ir de jeito nenhum, eu adorava ficar no Charme... Aquela coisa. Foi assim que eu comecei a trabalhar, eu descobri assim, ninguém me ensinou.

Logo que começou a firmar-se como cabeleireiro profissional Camille, aos 17 anos, foi morar sozinha em Copacabana. Estaria mais próxima do trabalho e de um universo social do qual passava a fazer parte. É uma época recordada por sua intensa sociabilidade, festas, idas a boates, e marcada por iniciar-se na “arte da montagem”, nos bailes carnavalescos justamente pelas mãos de um amigo cabeleireiro profissional:

Eu sei que nessa época de 60 eu era menor e eu tinha um grande cabeleireiro que se chamava Celmar que também, de vez em quando, se montava de mulher nos bailes, numa época que tinham proibido travesti, a gente ia mudar a roupa lá na pedra, ali na subida na Niemeyer, numa pedra que tem ali, que eu esqueci o nome agora, gruta da imprensa, eu acho. Olha que perigo! A gente descia ali, eu não mudava a roupa! Mas ele mudava, porque ele era muito homem, de manhã clareando o dia a gente ía mudar roupa ali para depois ir embora para casa. Isso eu me lembro.

Mas também pelos “perigos da rua”, delineando como em Raquel e Laura, sob outros aspectos, uma “memória do preconceito” articulada a sua vivência na cidade: “Os garotos eram terríveis, garoto assim na rua, garoto que tem afirmação de macho? Quer dizer, até hoje, se tem uma turma de garotos de 15, 17 anos, estão tudo ali conversando, se passa uma bicha no meio eles começam logo a querer fazer afirmação: oh viado! Botam logo a mão no pau, quando estão sozinhos, às vezes viram até o disco”. Para Camille estas atitudes compreendidas como manifestações de preconceito são explicadas não apenas pelo fato de “perceberem que era bicha”, mas também pela sua aparência que não considerava em conformidade com os padrões sociais vigentes:

Eu tinha 39 quilos, meu cabelo era Marilyn, para a época era um escândalo. Como eu não tinha tomado hormônio ainda, eu acho que eu era uma coisa meio andrógina para a época. Nem existia andrógino, eu usava aquelas roupas que o Denner usava, essas calças altas, século XVIII, com sapatilha, era uma coisa fora de época, era uma coisa escandalosíssima, eu não podia sair na rua, eu engordei um pouco, né?

Por sua vez, sua carreira como cabeleireiro deslanchava e ía se tornando um profissional respeitado e reconhecido, sendo inclusive proprietária de salões como ela mesma relata:

Eu trabalhei no Meridien dez anos, no Chopan. Fui dono de um salão no hotel Savoy, na época que o hotel inaugurou eu tive um salão meu no hotel, dez anos depois eu sai, entreguei o salão e fui para o Chopan, do Chopan fui para o Meridien. Mas antes eu tive um salão chamado Vibi na Rua Siqueira Campos que agora é uma casa de vídeo, que era com aquele cabeleireiro Celmar que é meu fã. Trabalhei no Rafine que foi uma mulher de sociedade que abriu este salão, na época o maior sucesso que era na Sá Ferreira e hoje é um açougue. E comecei no Charme, trabalhei no Fame na Rodolfo Dantas quando eu era assistente e no Charme eu era assistente, depois voltei um ano depois como cabeleireiro, de lá eu fui para o Rafine, ai foi minha trajetória. Depois do Meridien eu vim para cá e estou aqui até hoje. Estou a vinte e três anos aqui. Desde que inaugurou. Eu não gosto muito de mudar não, sou igual a gato, eu me acostumo com o local.

A profissão de cabeleireiro foi fundamental para que Camille realizasse alguns dos seus “sonhos e desejos de infância”, um deles foi o de conhecer e tornar-se amiga da cantora Marlene que ganhou fama através da Rádio Nacional, e o outro, desenvolver sua carreira artística. O fato de ter sido responsável por pentear os cabelos e perucas de algumas “travestis-artistas” famosas na época, como a travesti Rogéria, por exemplo, lhe possibilitou que ela se integrasse aos poucos numa rede social de travestis, que chamarei aqui de “rede das famosas”, primeiro como cabeleireiro, depois também fazendo seu *debut* nos palcos. É interessante destacar que isto não foi feito automaticamente e sem tensões para ela, foi justamente o

receio de prejudicar sua atividade como cabeleireiro em plena expansão que fez com que começasse um pouco mais tarde a atuar nos palcos. Com relação a isto Camille, ao recordar alguns dos lugares que freqüentava para se divertir, revive um episódio interessante ao mesmo tempo em que me conta como a Rogéria iniciou sua carreira profissional:

Eu ia ao Alfredão, no Sunset e ao Sótão onde a Rogéria fez o primeiro show dela na Galeria Alaska, eu não me lembro se nesta época se chamava Sótão¹³³, o primeiro nome eu não me lembro. Foi um sucesso, as mulheres de sociedade todas iam. Quem promoveu este espetáculo, o primeiro que a Rogéria fez, foi uma pessoa que se chamava Ligia Dumond que era uma cantora que morava nos Estados Unidos e que promoveu esta história da Rogéria de shows de travestis. E foi um sucesso. A sociedade inteira do Rio de Janeiro ia, um escândalo. Depois elas fizeram *Les Girls*, eu não estava no show. Nesse primeiro show que a Rogéria fez eu ia participar, eu já estava de cabeleireiro famoso e um travesti chamado Lisa Taylor¹³⁴, que é linda, e que não faz mais show, falou para mim: ih você vai participar? Começou enfiar coisa na minha cabeça dizendo que eu ia perder a clientela aí eu fiquei com medo e não fui.

Deste modo foi apenas em meados da década de 70 que subiu aos palcos, inicialmente como apresentadora:



Eu estréia no sótão, na Galeria Alaska, e foi um escândalo porque era a Fabette, não me lembro se a Jane di Castro estava, eram as famosas. E como eu sempre ganhei vestidos de costureiros famosos das clientes, era apresentadora do espetáculo, tinha uma escada, toda hora eu subia e descia, eu cantava no show, não fazia a parte cômica e cada hora que eu entrava em cena eu fazia com uma roupa, com um vestido deslumbrante, eu nunca usei muito vestido de show,



¹³³ A boate anteriormente chamava-se Stop.

¹³⁴ Nome inventado por mim.

sempre usei vestido de mulher de sociedade. Essa coisa glamourosa então foi um sucesso e quatro meses depois eu fui para o Rival.

Em sua trajetória artística Camille teve a oportunidade de trabalhar em várias produções teatrais relacionadas ao “circuito teatral gay e travesti”. Com relação à cidade do Rio de Janeiro, principalmente em teatros, cabarés e boates localizados no bairro do Centro e da Zona Sul, questão que será retomado no último capítulo da tese dedicado as formas de sociabilidade de um tempo evocativo, algumas dessas produções são recordadas com orgulho, principalmente pelo fato de permanecerem por um período de três a quatro anos em cartaz. Mas sua trajetória artística não se restringiu a este circuito, Camille chegou a integrar o elenco de uma produção teatral com diretores e artistas não-travestis reconhecidos nacionalmente o que só contribui como uma marca de distinção em sua rede de relações e também lhe proporcionou apresentar-se em outras cidades brasileiras, como Curitiba, Joinville, Florianópolis, Brasília, Belo Horizonte: “Eu já fiz inclusive uma peça do Miguel Falabella, em 2006, o nome era A pequena Mártir de Cristo Rei, foi muito bom. Eu fazia um gay reprimido na década de 70 que tinha problemas com o pai. Era uma peça que era mais ou menos a vida do Miguel”.



Desde que iniciou os primeiros passos em sua carreira artística Camille manteve a atividade como cabeleireira profissional, inclusive como já assinali e como é possível perceber através de seus relatos, também “aventurou-se” como empresária. Durante alguns anos foi proprietária de uma boate em Copacabana: “eu quase não dormia menina, era uma loucura! De dia salão, depois teatro e ainda tinha que ir para a boate depois”. Dizendo-se sem “vocação para administrar”, sua carreira de empresária foi abandonada por ela, dedicando-se mais ao seu trabalho como cabeleireira e aos palcos. Concomitante a sua intensa vida profissional e estilo de vida extremamente dinâmico, Camille privilegiou ter, como Raquel, relacionamentos amorosos duradouros, como é possível perceber através de um trecho de uma de nossas entrevistas:

Camille: Teve o primeiro que ficou 30 anos comigo, mas que depois virou filho. Estava na porta do cabaré, o primeiro show que a mamãe foi ver meu, quando eu conheci ele. Com

seis anos eu já não queria mais ele, era uma coisa mesmo de mãe. A mãe dele morreu e me pediu para ficar tomando conta dele porque ele era muito levado. Ele atrapalhava todos os casos que eu arranjava, era um inferno. Mas antes dele tive outro que era do sul que eu fiquei uns quatro anos. Ele trabalhava numa farmácia ali em Copacabana, perto da Siqueira Campos por ali e eu possuía um salão na Edmundo Lins, e eu conheci ali. Depois ele voltou para o sul. Depois eu conheci um na porta do cemitério.

Pesquisadora: Como?

Camille: Esta estória é muito engraçada. Tinha um cabeleireiro no Meridien na época em que eu trabalhei no Meridien e era muito engraçado, estava muito doente na época, com cirrose, ele bebia muito. Um dia de madrugada, eu tive uma boate que eu arrendei chamada Smith, hoje é um mercado, acho que é o Mundial; e era uma loucura, porque eu fazia teatro, ia para o salão, naquela época eu tinha duas sessões no teatro, no sábado e no domingo no Serrador, eu era a estrela do espetáculo, eu quase não dormia, era uma loucura. Uma vez eu chego em casa 4h30 da manhã e ele estava tentando abri a minha porta, tava bêbado, vomitando muito, eu cuidei dele, quando acabei de cuidar e tudo, eu liguei para uma pessoa, que era gerente do Meridien: olha está acontecendo isto assim, assim, você leva ele e interna sem ele perceber, porque ele não quer ser internado. Aí ele falou assim para mim, tudo na minha vida são estórias estranhas, aí Camille você é uma pessoa tão boa tão deslumbrante, eu ainda hei de achar uma pessoa para você que te ame muito que seja lindo e novo! Uma semana depois ele morreu. Eu fui ao enterro dele. Quando eu sai do cemitério eu tinha um outro caso que também estava degradingolado e também trabalhava no Smith comigo que era uma pessoa que estudava direito ih [...]. Entrei no carro e ele ia passando do outro lado da rua, e esse meu caso, ele tava olhando porque viu aquela pessoa loira assim e parou para olhar. Ih... Esse meu ex-caso saltou do carro e foi atrás e não sei o que eles conversaram lá. Eu sei que um dia ele apareceu na boate e aí ficou comigo uns cinco quase seis anos. Eu fui muito feliz e hoje é até meu amigo. Depois dele eu viajei para Ribeirão Preto e trouxe uma pessoa de lá que hoje é maquiador. Depois desse eu tive outro que era uma relação mais de sexo com os meus 57 anos por ai e depois nunca mais tive ninguém e nem quero mais. Não sinto mais falta. Não sei, tenho medo.

Pesquisadora: Por quê?

Camille: Porque eu acho que só tem gente ordinária, michetero, e depois na minha idade eu vou acreditar que alguém está comigo porque gosta de mim? Mentira, né? É tudo interesse. Depois, o que me substitui é o trabalho, é o show, e não dá nem tempo de pensar.

Ao refletir criticamente sobre sua trajetória Camille se sente orgulhosa justamente por ter construído duas carreiras profissionais, interpretadas por ela como de sucesso e reconhecimento social, a de cabeleireira e a de artista. Ao mesmo tempo em que dá indícios de como reinventa seu cotidiano em seu desejo de duração (BACHELARD, 1988):

Um cabeleireiro que revolucionou a década de 60 botando as mulheres mais naturais. Você não acha isto maravilhoso? Penteie dois desfiles de costureiros internacionais, Bauman e o Dior, considerado o melhor cabeleireiro do Brasil. Consegui ser uma artista com Camille, conceituada, respeitada. Sou ovacionada no teatro de pé, todo mundo me adora, continuo sendo cabeleireiro, tendo clientela, fazendo trabalhos bonitos, não faço melhor porque a moda mudou tudo não tem mais glamour então eu tenho que entrar mais ou menos dentro de uma modernidade, acompanhar senão eu vou ficar para trás

Se ao narrar sua trajetória Camille fala especialmente sobre os diversos salões de cabeleireiros que trabalhou, sobre as muitas ‘cabeças’ importantes que penteou, sobre os teatros e peças que marcaram sua carreira artística até o momento, delineando-se uma ‘memória do teatro’ onde predomina uma idealização do ‘universo teatral’ que não volta mais, ressaltando, nos dois casos, seu êxito como profissional, é reivindicando o “outro mundo” (DA MATTA, 1997), talvez muito mais que as suas escolhas e esforços individuais, que Camille explica, em grande parte, as razões de suas conquistas, considerando-se uma “pessoa realizada”. Por sua vez, Camille ao narrar histórias que compõem uma “memória do preconceito”, remonta-se fundamentalmente a sua juventude, mas sem o mesmo tom dramático que caracteriza as memórias de Laura e Raquel. Sua trajetória é narrada, sobretudo, a partir da conjugação de elementos da ordem do lúdico e do sagrado (DURKHEIM, 2003). O sonho acalentado desde menino de conhecer e “imitar” a cantora Marlene, que a levou a desenvolver um projeto de ser artista e o dom para ser cabeleireiro.

4.3.1 *Eu sempre fui uma pessoa privilegiada por Deus: estilo de vida e visão de mundo*

Na época em que nos conhecemos, como disse anteriormente, ela morava em Botafogo com sua irmã mais nova e sua mãe. O apartamento em que residia era um quarto e sala espaçosos, de propriedade de sua mãe, sendo que o quarto era compartilhado por elas. Até onde pude observar a decoração do apartamento primava pela simplicidade, na sala dois sofás de três lugares, uma mesa de madeira com base de vidro decorada com um vaso de cerâmica, quatro cadeiras próximas a parede e uma grande estante com a TV, aparelho de som, porta-retratos com fotografias de Camille em apresentações em teatro, com a mãe e a irmã, de crianças que são seus sobrinhos, na parte de cima, compartimentos fechados com porta de vidro, onde estão dispostos copos, e utensílios de cozinha. A cozinha, equipada com utensílios domésticos encontrados com certa facilidade em casas das camadas médias e populares, tive a oportunidade de conhecer quando ia beber água e era gentilmente servida por sua irmã. Morando em Botafogo trabalhava como cabeleireira num centro de estética feminino voltado para

os segmentos altos da camada média e para as elites, localizado no Leblon considerado um dos bairros mais sofisticados da Zona Sul carioca. Como mencionado ela já trabalhava neste salão há mais de vinte anos, o que lhe permitia algumas vantagens como, por exemplo, atender gratuitamente algumas amigas travestis de sua geração como a Marlene, uma das interlocutoras da pesquisa e/ou antigas atrizes do cinema nacional, ou por ventura alguma cliente antiga que perdeu “suas posses” financeiras. Com o fechamento de



algumas boates e teatros, particularmente a famosa Galeria Alaska¹³⁵, em meados da década de 90 do século passado, Camille, durante alguns anos, praticamente não trabalhou em produções artísticas. Apenas em 2004 sua carreira artística foi retomada através da produção do espetáculo Estrelas, que reúne em cena “as famosas”, algumas das “travestis das antigas” integrantes desta pesquisa, como Marlene, Fujika e Jane, por exemplo. Assim, na época da pesquisa de campo, concomitante ao seu trabalho como cabeleireira, estava em cartaz com este espetáculo.

¹³⁵ A Galeria Alaska, localizada na altura do Posto 6 em Copacabana como um *lugar de memória* presente em suas narrativas será retomado no último capítulo da tese.



O trabalho como cabeleireiro profissional proporcionou a Camille o convívio com camadas médias altas e com a elite carioca, o ‘soçaito’ como ela gosta de dizer, uma mudança significativa no estilo de vida de um adolescente que sempre sonhava em conhecer a cantora de rádio Marlene. Não apenas como cabeleireiro e amigo das mulheres advindas destes segmentos sociais, mas também durante alguns anos de sua vida enquanto proprietária de salão de beleza e de uma boate em Copacabana. Este estilo de vida é acentuado quando ela recorda alguns

dos “melhores” restaurantes, bares e boates da cidade, os bailes de carnaval do Copacabana Palace, e do Teatro Municipal que frequentou, em grande parte, devido as suas relações de amizade com pessoas “importantes”. Mas também pelo seu vestuário que sempre primou pela elegância e sofisticação, suas perucas são feitas com cabelo natural (que são as mais caras e cobiçadas no universo trans).

Nos últimos anos, seguindo os costumes das mulheres de sociedade, trocou as jóias (algumas delas recebidas como presentes de suas clientes) por bijuterias caras que imitam ouro e prata. Camille é justamente conhecida entre as travestis e os transformistas por sua elegância e sofisticação, pela beleza do corte de seus vestidos, sempre feito com os tecidos mais caros: tafetá e seda são os seus preferidos, o que inclusive já lhe rendeu alguns troféus e convites para ser júri de concursos gays¹³⁶. Nos últimos anos sua especialidade são os penteados, particularmente para casamentos. Em muitos casos, as noivas, e/ou madrinhas de casamentos, são filhas, sobrinhas, netas de clientes antigas. Por sua vez, o fato de ser especialista em penteados para casamentos faz com que seu trabalho no salão se intensifique, principalmente entre a quinta-feira até o sábado. E o fato de sua trajetória artística, que como já destaquei, ter extrapolado os limites das produções artísticas no âmbito do universo travesti, vez ou outra, lhe proporciona convites para estréias teatrais e lançamentos de livros.



Camille sempre fez uma separação entre a época da juventude,

¹³⁶ Da esquerda para a direita: Camille como júri de um concurso gay na década de 70, arrumada para uma festa no Copacabana Palace (acervo pessoal), e novamente como júri de elegância no concurso Miss Rio de Janeiro Gay em 2007 (foto da pesquisadora).

“quando saia muito”, apropriada para um estilo de vida e visão de mundo mais inconseqüente e voltado para a liberdade, a loucura. Diferente de quando “se amadurece”, como ela dizia. Com a vida adulta foi, segundo ela, tornando-se mais pacata e equilibrada. Nota-se que este período de “loucura” e “inconseqüência”, restrito a sua juventude, está aliado ao fato de ter vivido uma sociabilidade intensa e caracterizada pela freqüência assídua em boates e clubes noturnos, muitas noites sem dormir e a “curiosidade pelo sexo”, características que servem sempre de contraponto ao seu estilo de vida e visão de mundo nos últimos anos, e que são ancorados, em linhas gerais, numa sociabilidade baseada em sua rede de amigos mais íntimos, e na ênfase da ausência de uma vida sexual ativa. Como é possível observar através do seu longo relato sobre seus romances, destacado no tópico acima, ao considerar que com a “sua idade” não seria capaz de ser desejada sexualmente senão pelo interesse material e, no caso dela, também pelo seu prestígio. Por sua vez é, apoiada em seu equilíbrio e maturidade, que Camille vê o único modo de enfrentar um “inimigo cruel”, a velhice: “A idade que eu estou, que eu já passei dos 60 anos, fisicamente estou muito bem, não estou caindo aos pedaços (fala rindo). Me sinto bem quando eu me monto, não é verdade? Consegui ter glamour, consigo passar por uma mulher glamourosa, chique”. Em umas de suas interpretações sobre si, mais recorrentes, definia-se como uma “beata”, apesar de não freqüentar a igreja com assiduidade. Mas como ela mesma coloca: estou sempre rezando. O que de acordo com sua interpretação poderia representar um contraste para as outras pessoas, uma travesti sendo tão beata:

É um contraste [...]. As pessoas olham para mim e não vão acreditar que eu sou esta pessoa que rezo muito, que sou religiosa, pela minha figura, por eu fazer show, acham que eu sou uma pessoa maluca, ainda mais que no palco eu sou elétrica. Acham que eu estou fazendo demagogia. Uma vez, eu estava na Galeria Alaska, eu tinha dado uma entrevista na televisão, e falei que eu era uma pessoa que rezava muito terço, que eu ia à igreja carismática, aí uma pessoa [...] não vou te dizer o nome porque tem uma família conhecida, é um gay que eu tenho a impressão até que já morreu, e virou para mim e disse: você é uma pessoa muito hipócrita! Foi para a televisão dizer que era religiosa, que reza para as pessoas, isto é um absurdo! Imagina, você fazendo show, um travesti, dizendo que é religiosa. Você é uma hipócrita! Porque, você esta querendo me julgar

por você? Cortei assim. Porque, era uma pessoa que ficava na galeria Alaska pegando homem, e eu não faço nada disso, então eu acho que é um contraste.

Nas ‘entrelinhas’ do episódio narrado por Camille evidencia-se a clássica distinção entre sagrado e profano, que fundamentam as crenças religiosas, como duas esferas que não se misturam (DURKHEIM, 2003). Duas modalidades de ser no mundo, dirá Eliade (1992). Por sua vez, vemos como que a representação do universo travesti é também construída pela Camille a partir da idéia de marginalização e como algo impuro (DOUGLAS, 1976), algo que pode contaminar a imagem pessoal. Por sua vez, é muito salientado em seus discursos o fato do “meio travesti” ser competitivo e povoado por intrigas, fofocas e desavenças. Mas Camille, sem sombras de dúvidas, é uma figura unânime entre elas, durante todo o campo sempre ouvia as pessoas se dirigirem a ela com muito respeito e admiração e, em alguns casos, com muito carinho e afeto. Muito simpática e educada com todos, com um jeito extremamente distraído, uma marca pessoal, às vezes parecia completamente alheia a realidade a sua volta. Sempre muito doce, nunca a vi perder a linha, salvo quando relatava as pequenas desavenças com a irmã. Em nossas entrevistas, em geral, ela se dedicava a refletir sobre sua trajetória e sobre o mundo em que vive:

Eu acho que o mundo evoluiu divinamente. Uma coisa divina. Agora melhorou muito, mas por outro lado, ficou muito perigoso. Esse negócio de computador, de internet, por exemplo, é uma coisa divina, inclusive para criança, você não acha? Eu acho que antigamente tinha mais romantismo, acho que era uma coisa mais [...]. Não sei te dizer, não sei explicar. É tinha um romantismo, mas profundidade, as pessoas tinham mais isso, mais delicadeza, mais educação. Agora tudo que é chique é careta, tudo que é brega virou moda. Acho que esculhambou tudo. Você vai num bale no Municipal as pessoas vão de jeans, vão de tênis eu acho um desrespeito ao teatro, ao diretor.

Um “mundo” no qual a “modernização” trouxe coisas “boas” e “más” que “evolui divinamente” em termos dos costumes e comportamentos. Afinal, em sua época, tudo era um escândalo, mas que perdeu, por outro lado, muito dos seus antigos “encantamentos”, “da inocência”, e que, em parte, ela não se reconhece mais.

4.3.2 *Eu queria fazer a linha maneca, bonita: saberes e fazeres.*

Camille não fez modificações no corpo à base de silicone, apenas tomou hormônios e chegou a fazer uma intervenção cirúrgica para a retirada do pomo de adão e uma cirurgia plástica no rosto. No trabalho e em seus



percursos cotidianos veste-se de forma bastante discreta, como pode ser constatado na foto acima em que está enrolando uma de suas perucas. Usa calças compridas, normalmente de tecidos leves como linho, viscose e/ou seda, camisas de mangas também do mesmo tecido, cores e estampados que primam pela sobriedade, sapatos ou botas escuros, mas sempre de modelagem feminina. Cabelos soltos e sem maquiagem, às vezes um leve batom nos lábios. Uma imagem muito diferente da Camille que se monta para eventos sociais e em suas aparições no final dos

espetáculos, onde, como o leitor pode perceber, seu visual prima pela sofisticação e o luxo.

Sua referência principal na composição de sua aparência são as muitas mulheres da sociedade carioca com as quais conviveu durante a sua trajetória. Muitas de suas roupas foram presenteadas por estas suas “clientes-amigas”, mas também feitas por sua mãe, como ela mesma acentua: “quando minha mãe costurava, ela cansou de fazer roupas para mim”. Nas últimas décadas, “como dinheiro mudou de mãos” e o “glamour acabou”, e muitas de suas clientes já faleceram, ela já não pode contar com estes presentes, mas não deixa, em cada festa ou concurso em que é convidada, de “aparecer” com um vestido novo, senão completamente novo, com modificações suficientes para dar-lhe uma nova aparência. Novamente ela conta com sua rede de amigos, e com a ajuda de uma costureira e figurinista amiga dela que remenda tecidos, borda, refaz mangas e barras, confecciona capas e faixas, transforma capa em casaco, saias em blusas, reveste sapatos e cintos com sobras de tecido, e assim por diante.

Quando está em casa aproveita para escutar música, em geral os discos e fitas que tem da cantora Marlene, e às vezes algumas das canções que costuma dublar, o que não é muito comum porque Camille quase não faz apresentações dublando cantoras, apenas em ocasiões mais especiais, como, por exemplo, para homenagear algum amigo, ou quando participa em shows na turma ok. Quando ela se dedica a estas dublagens escolhe cantoras com quais mais se identifica.



Eu estava dublando Marlene, para o talk show de Gilles, não tô me lembrando a música, mas deve ser uma das antigas dela. Eu comecei cantando, mesmo imitando ela eu fazia cantando com música ao vivo, orquestra. Orquestra! Conjunto ao vivo. Cantava um tango fazendo ela que ela cantou na peça *O botequim*, fazia *O Medo* uma musica do Toquinho.

Um hábito bastante peculiar da Camille quando está em casa é o fato de dedicar horas cuidando da pele, do seu rosto e depois maquiarse e ficar maquiada em casa. Ela tem o costume de escrever seus textos para as apresentações do espetáculo Estrelas, já mencionado anteriormente, de ler “salmos da bíblia e livros de coisas positivas”, desempenhando “seu lado beata”.

“Eu rezo muito terço, salmos, eu rezo porque eu sei tudo de cor, eu rezo para pessoas que eu gosto que eu acho que precisam”. A religiosidade praticada em seu cotidiano relaciona-se, para ela, a possibilidade de atingir equilíbrio emocional, e como apoio para aceitar as vicissitudes da vida, uma busca de sentido para as frustrações, mas, em certa medida, até mesmo para as ‘alegrias’ da vida. Neste sentido, cabe lembrar uma das colocações de Durkheim acerca da religião¹³⁷:

A religião consiste em um sistema de idéias, exprimindo, mais ou menos adequadamente, um sistema de coisas. Mas esta característica da religião não é a única nem a mais importante. Antes de tudo, a religião supõe a ação de forças sui generis, que elevam o indivíduo acima dele mesmo, que o transportam para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência profana, e que o fazem viver uma vida muito diferente, mais elevada e mais intensa. O crente não é somente um homem que vê,

¹³⁷ Os estudos sobre a religião no âmbito das ciências sociais abarcam uma literatura ampla e diversificada onde se destaca autores como, por exemplo, Tylor (1958), Frazer (1978), Levi-Strauss (1973; 1978), Durkheim (2003), Weber (1987), Evans-Pritchard (1993), Bourdieu (2002) entre outros. Vale salientar que os estudos antropológicos sobre a religião têm demonstrado que, nas sociedades modernas, marcadas pelo individualismo, ao contrário do que se supunha, verifica-se a presença expressiva da religião. Todavia como coloca Steil (2001,p.210) “é o indivíduo, em sua liberdade, que opta frente a uma imensa variedade de alternativas religiosas que se apresentam”. Para Velho (1999a), por exemplo, as representações e crenças associadas às religiões e cultos de possessão são fundamentais na constituição da sociedade brasileira.

que conhece coisas que o descrente ignora: é um homem que pode mais. (DURKHEIM, 2003, p.37).

No espetáculo mencionado, Camille aparece duas vezes em cena. Quando surge a primeira vez em cena ela faz um esquete onde interpreta uma empregada doméstica que trabalha na casa de uma travesti. A personagem se caracteriza por seus comentários irônicos e debochados sobre temas do cotidiano, podendo enfocar algum acontecimento da política brasileira ou as miudezas do dia-a-dia. Depois reaparece interpretando uma cantora lírica. Quando está em cena é sempre muito aplaudida pelo público, sem falar nas gargalhadas que arranca da platéia. São personagens que a acompanham desde o início de sua carreira artística, na verdade, ela os interpreta há mais de vinte anos, o que, por si só, demonstra seu sucesso. Mas, como ela mesma ressalta, não começou como comediantes e sim como apresentadora, e depois como intérprete da cantora Marlene, no entanto, “descobriram” sua veia cômica: “Eu sempre gostei de coisas de protestos, coisas fortes, pesadas, de interpretação. Mas na Brigitte Blair muitos anos depois que eu fui descobrir que eu era comediantes, eu não sabia, eu não sabia mesmo. E a Brigitte falou para mim: bota o pé no chão, você nasceu comediantes, vai ser comediantes, vai fazer empregada, ai pronto, descobri”. Para concluir, deixo mais uma vez por conta da Camille para esclarecer ao leitor como se deu a escolha de seu nome social, em mais uma demonstração de suas artes de fazer e de saber:



Aí eu mudei meu nome porque ficou todo mundo me chamando de Camille. Eu fui numa numeróloga chamada Gil, depois fui numa outra numeróloga, estudaram bem a coisa e botou meu nome de Camille K. E me chamavam muito de Carlinhos I na época ficou famosíssimo. Antes de eu fazer espetáculo, tinha um baile que começava dia 31 de dezembro e terminava no último dia de carnaval. Todo sábado tinha este baile no teatro São José, primeiro era no Teatro República depois no São José e a gente ia. Então eu botei. Eu parecia muito com aquela Camille essa manequim que é maravilhosa? A gente se parece muito de cara, e meu nome ficou Camille. Aí depois a numeróloga, quer

dizer, todos os três que eu fui, me disseram que Camille segurava mais que Carlinhos I, que Camille K era maravilhoso, e realmente eu me senti muito feliz.

4.3.3 Encontros e confrontos etnográficos

A primeira vez em que ‘vi’ a Camille foi através de um anúncio do espetáculo Estrelas que encenava e que estava em cartaz no Teatro Rival localizado no Centro da cidade. Era uma terça-feira à noite e eu estava na fila do teatro esperando para entrar. Após o término do espetáculo segui - como uma boa parte do público - em direção a sala onde os artistas recebem seus fãs para fotos e homenagens. Fiquei um pouco afastada esperando diminuir a concentração das pessoas em torno delas para que eu pudesse me aproximar. Num determinado momento, percebo que Camille estava sentada em um dos cantos da sala fumando. Como não tinha ninguém ao seu redor resolvi chegar mais perto e puxar conversa. A cumprimentei pela sua atuação em cena e, neste momento, era para ela como mais um de seus “fãs” fazendo elogios quanto a sua performance artística. Sempre com um largo sorriso no rosto, Camille me recebeu de forma simpática e afetuosa.

Algum tempo depois desta noite foi que Laura me forneceu seu contato telefônico e me estimulou a procurá-la. Foram realizadas seis entrevistas com uma duração, em média, de 1h30 à 2hs. Camille sempre se mostrou disponível e muito generosa em suas falas, por vezes quando suas histórias envolviam nomes de pessoas que ela considerava conhecidas ela me alertava quanto ao seu desejo de manter a privacidade dos mesmos. Como dito no primeiro capítulo, resolvi concentrar minhas observações em seu local de trabalho. Ia pelo menos quase toda semana ao salão, às vezes para realizar entrevistas mais formais e às vezes apenas para estar lá com ela e vivenciar um pouco o ambiente de trabalho e as relações ali estabelecidas. Estas tardes sempre proporcionaram momentos ímpares com relação ao exercício da observação participante. Eram tardes nas quais o salão recebia clientes esporadicamente o que, por sua vez, propiciava uma espécie de reunião informal entre alguns funcionários do salão.

Como a sala da Camille era a última e a única que tinha televisão era muito comum que outros cabeleireiros e maquiadores permanecessem ali para matar o tempo. Algumas dessas pessoas eram seus amigos de longa data, sendo que alguns deles, inclusive, eram transformistas. No capítulo 8 deste trabalho me dedico a abordar a sociabilidade do salão. Se no início minha chegada ao salão causava certo “estranhamento”, afinal os funcionários foram se dando conta que eu não estava ali como uma cliente,

minhas idas com regularidade me tornaram presença “esperada” no salão. Quando reiniciei a terceira fase do campo, em outubro de 2007, um dos primeiros lugares que voltei foi ao salão onde Camille trabalha. Assim que cheguei ao local, e à medida que ia atravessando as muitas salas que compõe o centro estético e encontrando alguns funcionários, ia sendo surpreendida com perguntas e expressões do tipo: “Quanto tempo! A Camille me disse que estava viajando! Você voltou? A Camille está lá na sala da Carmen, quer que avise que você chegou?”

Por outro lado, minhas observações no ambiente do salão sofreram algumas limitações. Algumas vezes tive a intenção de fotografar Camille no exercício de suas atividades, mas ela tinha receios de desagradar suas clientes, já que, de acordo com ela, as noivas, mães e madrinhas, gostariam de manter sua privacidade e o segredo com relação aos seus penteados; também não foi possível registrar em imagens o espaço físico do salão por restrição da proprietária. De qualquer forma, eu pude, algumas vezes, observá-la em seu trabalho, principalmente quando escovava e pintava os cabelos de Marlene, uma das interlocutoras da pesquisa, como também de algumas outras clientes, inclusive noivas na fase de escolha do “melhor penteado”.

Como também já mencionado no primeiro capítulo, nossas entrevistas sempre foram realizadas em sua pequena sala no salão e, por vezes, tentei com alguma insistência que as entrevistas fossem realizadas em sua casa, mas isso não foi possível. Por outro lado, como já salientei, esta particularidade do nosso encontro etnográfico proporcionou momentos riquíssimos para a pesquisa. Algumas vezes um amigo ou outro interferia em sua fala com observações, fazendo comentários críticos, chamando sua atenção para datas esquecidas ou trocadas por ela, para acrescentar dados, e, por vezes, o fato de compartilhar tais momentos “alimentavam”, em muito, suas narrativas. Quando Camille levou para o salão sua caixa com fotografias foi um verdadeiro frisson entre os funcionários. E, durante algum tempo, eles manuseavam as fotos que achavam interessantes, em geral as do início de sua carreira artística ou quando era fotografada com algum conhecido em comum, lhe faziam perguntas sobre as fotos e os momentos registrados, até que cada um pouco a pouco ía retomando seus afazeres e o rebuliço se dissipava. Sua atitude com relação às suas imagens (pelo menos as da caixa) foi de total despreendimento, não se importando que levasse comigo suas inúmeras fotos: “você faz o que quiser com elas, quando puder me devolve”. Infelizmente devido a sua última mudança muitas de suas fotos se perderam, como por exemplo, as de sua juventude e o início de sua carreira como cabeleireiro. Por sua vez, no início, Camille justificava o fato de não termos realizados entrevistas em sua casa por

passar muito mais tempo no trabalho, mas depois me confessou que não gostava de falar certas coisas na frente de sua irmã. Foi principalmente devido à saúde frágil de sua mãe que decidiu voltar a morar com elas. No entanto, considerava que tal decisão restringia sua privacidade.

Como mencionado no primeiro capítulo, tive a oportunidade de acompanhá-la em alguns momentos de sociabilidade para além do âmbito do trabalho, quando ia a Turma Ok, em festas de aniversário, como sua acompanhante em eventos que seria jurada, como o concurso Miss Gay Rio de Janeiro de 2007, em suas apresentações no espetáculo Estrelas, em algumas saídas noturnas com o elenco do espetáculo, neste caso em algumas ocasiões contando com a presença da Jane, a outra interlocutora da pesquisa. Às vezes, com seus amigos do salão em um bar nas proximidades do mesmo, e que era tradicionalmente freqüentado por ela. Também fui, em alguns momentos, em sua casa quando ia me encontrar com ela para sairmos juntas. Nestes momentos, como sempre chegava mais cedo e ficava na companhia da sua mãe e irmã na sala, enquanto Camille terminava de se arrumar caminhando apressadamente entre quarto, banheiro e sala procurando bolsa, fechando vestido, pedindo opinião sobre a maquiagem.

Talvez seu jeito tão distraído possa explicar o fato de que, por mais que tenha me esforçado para esclarecer qual era meu “ofício” e minhas pretensões de trabalho para Camille, pelo menos até a fase final do campo, sempre fui sua “amiga jornalista”. Seja no salão ou em alguns eventos sociais que a acompanhei era desse modo que me apresentava e quando era possível eu procurava desfazer o equívoco, um esforço, na maior parte das vezes, em vão. Talvez seja como diz Geertz (2001) que parte da “mitologia” que rodeia o trabalho de campo dos antropólogos provém, justamente, do fato de que ninguém sabe a ciência certa que fazem realmente. Por outro lado, percebia que no caso da Camille ter uma “amiga jornalista” que estava escrevendo um livro sobre ‘a memória do Rio de Janeiro e as travestis’ representava a reafirmação de seus status e reconhecimento social para além do universo travesti.

Ao contrário de Raquel e Laura, Camille quase não se interessava de forma mais crítica pela pesquisa, não me perguntava sobre meus métodos, fazia poucos comentários, suas preocupações sempre se voltaram mais para a minha vida pessoal, preocupações que demonstravam sua afeição por mim. Com ela também pude estabelecer uma relação de reciprocidade, no sentido que procurava oferecer minha ajuda em questões do dia-a-dia em que pudesse fazer por ela. É certo que as demandas de Camille, neste sentido, eram poucas, em relação à Raquel, por exemplo, eram pequenos favores que sempre foram feitos por mim com satisfação. Quando, por exemplo, ela precisou recuperar uma de suas perucas que tinha

sido levada por uma conhecida proprietária de um salão de beleza na Tijuca, na Zona Norte do Rio, como sempre tinha dificuldades em organizar seu tempo, e sabia que eu tinha uma amiga que morava no bairro, me pediu para reaver a peruca para ela. Apesar de não termos mantido um relacionamento tão íntimo, no sentido de compartilhar mais intensamente de seu âmbito doméstico e familiar, como aconteceu com a Raquel e a Laura, posso dizer que devido à proximidade que foi surgindo entre nós, no decorrer do campo, estabeleceu-se uma relação de amizade e afinidade. Por vezes foi na “salinha” do centro de estética que compartilhávamos problemas e preocupações do cotidiano.

Por fim, buscou-se trazer à tona algumas das particularidades e peculiaridades que caracterizam as trajetórias sociais, itinerários urbanos, estilos de vida e visões de mundo daquelas que considero como personagens fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Vimos que suas trajetórias são marcadas pela intensa mobilidade entre diferentes universos sociais e simbólicos, bem como conhecemos um pouco de suas táticas e astúcias (DE CERTEAU, 2008) para realizar estas travessias (VELHO, 1999b). Neste sentido, a idéia do indivíduo, autônomo, sujeito ético-moral é fundamental. Por sua vez, tiveram, em parte, ao longo de suas trajetórias, que gerir projetos de vida contrastantes, os que elaboram para si e aqueles elaborados pelos seus familiares.

As noções de projeto - em sua articulação com a memória - e a de campo de possibilidades (VELHO, 1999a, 1999b,) foram ponto de apoio para análises de suas trajetórias sociais no intuito de considerar suas singularidades, mas também compreendê-las como expressão de determinados contextos urbanos, sociais e históricos. Ao mesmo tempo, através de suas experiências de vida tive acesso a diferentes ‘projetos de travestilidades’ que complexificam a própria trajetória deste fenômeno, pensado em termos amplos, na cidade do Rio de Janeiro. E, portanto, através delas, e com elas, pude realizar diferentes travessias no âmbito deste universo. Assim, no capítulo seguinte o leitor conhecerá um pouco mais de perto as outras participantes da pesquisa a partir também de suas trajetórias, seus modos de viver e de estar na cidade ao longo dos tempos.

CAPÍTULO V

As Senhoras em suas aventuras para além da Capital Fujika, Marlene, Isa, Sarita, Jane e Paola

No capítulo anterior procurei trazer à tona alguns aspectos referentes às trajetórias sociais, aos itinerários urbanos, aos estilos de vida, à visão de mundo, e as “artes de saber e fazer” das principais interlocutoras desta pesquisa. Neste capítulo, que tem o mesmo mote temático e analítico do anterior, convido o leitor a conhecer mais de perto seis interlocutoras com as quais pude travar contato através de Laura e Camille. Como será esclarecido ao longo do texto, são sujeitos que se destacam por terem se aventurado (SIMMEL, 2002) a viver e/ou trabalhar em outras cidades brasileiras e, principalmente, em outros países, ou seja, elementos que nos colocam, mais uma vez, diante da riqueza e da complexidade de suas biografias e trajetórias sociais, e que propiciam perceber a heterogeneidade das travestis enquanto grupo social e urbano no âmbito das sociedades complexas (VELHO, 1999a,1999b) e como habitantes de uma metrópole.

5.1 Fujika

Tudo que eu pensei se realizou



Fujika é natural de Paulista, município da região metropolitana de Recife, capital do estado de Pernambuco, e nasceu em novembro de 1943. Na época em que nos conhecemos ela tinha 64 anos. Fruto da união de um pernambucano, filho de ingleses, com uma maranhense. Seus pais, já falecidos, tiveram mais cinco filhos, três mulheres e dois homens, um deles também já se foi. Na atualidade, seus irmãos moram em diferentes cidades brasileiras, sendo que duas de suas irmãs residem com a família em Recife, uma em Maceió e o irmão em São Paulo. É com orgulho que menciona a origem européia de seu pai e, conseqüentemente, a sua: “Eu te falei que meu pai era filho de inglês? Tanto é que meu nome é [...], eu sou neto de inglês”. Seu pai foi contador da mais importante fábrica de tecidos do Estado com sede na cidade de Paulista, a Companhia de Tecidos Paulista, e também músico. Era maestro e tocava

saxofone em uma banda de música de Recife que se apresentava em festas familiares, formaturas e eventos da cidade; sua mãe era dona de casa.

Os dois [...] Ah! Muito unidos, sabe? Muito “uniduzinho” sempre [...]. Juntinho. Ta vendo?” (pesquisadora e Fujika se despedindo após término da segunda entrevista, quando Fujika ao guardar um dos seus pequenos álbuns de fotos encontra esta foto de seus pais) .

Sobre as lembranças de sua infância, adolescência e do “tempo que convivia” com a família, Fujika sempre procurou ressaltar o amor existente entre seus pais e deles para com os filhos; bem como, fazia questão de enfatizar o fato de “nunca ter sofrido repressão” por parte deles ou de seus irmãos por ser uma travesti. No entanto, não se dedicava muito a falar desta época, e tampouco me permitiu livre acesso ao seu álbum de família, como já mencionei anteriormente, sendo possível ter acesso apenas às fotos destacadas acima. São matérias de suas lembranças, desta época, principalmente as idas ao cinema com seu pai e/ou sua irmã mais velha:



Ah, eu gostava muito de ir ao cinema. Eu ia muito ao cinema com a minha irmã, a Ruth, ela até hoje tá viva, está com 74 anos. Eu ia muito com ela ao cinema, eu adorava ir para o cinema. Meu pai também me levava muito para ver filmes nacionais, aquelas chanchadas? Minha infância foi muito boa. Não tenho do que me queixar não, minha infância foi ótima.



Sobre os passeios que fazia com seus pais, principalmente com o seu pai, para a “cidade”, isto é, para a capital Recife, relata:

A gente ia para Recife sempre. Aqui mesmo essa foto eles foram tirar minha quando eu completei seis anos. Foi num estúdio em Recife. A gente ia para a cidade, fazer compras, às vezes comprava maçã, ai a gente ia junto e voltava junto. Ele sempre me levava. Para fazer compras, né? Comprar roupas, sapatos,

mas ele gostava muito de comprar maçã, pêra, sabe?
Bolo, era ótimo.

Fala também de alguns momentos festivos que reuniam a todos, viagens de férias, lembranças que servem para reforçar a representação de sua família como uma família unida, feliz e festeira, como uma “típica família nordestina”: “Mamãe gostava de fazer aniversários da gente, convidava os amiguinhos da escola. Com aquelas coisas toda, né? Com guaraná, com bolo, enfim [...]. As festas de São João. Eu tinha uma tia que morava em Itamaracá, a gente sempre ia para lá nas férias de junho, a gente ia. Era muito festiva a família, sempre”. Em Paulista, Fujika frequentou o Grupo Escolar Barreto Silva onde terminou o científico, ao contrário de seus irmãos e irmãs não teve interesse em continuar seus estudos, visto que já sonhava com a carreira artística. Durante um momento de nossa conversa informal chegou a mencionar que acompanhava seu pai em suas apresentações da banda, em bailes de formatura, ajudava-o levando os instrumentos. Um dos seus lazeres preferidos era ir aos programas de auditório da Rádio Jornal do Comércio na cidade de Recife, hábito que ajudou a alimentar seu sonho de ser artista. Quando terminou os estudos, fez um curso de datilografia, mas, em seguida, serviu o exército, cumprindo seus deveres de “homem” e “cidadão” para com a pátria.



Pesquisadora: E como foi servir o exército?

Fujika: ah foi normal. Sempre tive muito cuidado porque era uma época muito difícil, também a gente tinha que fazer as coisas com muito cuidado. Mas não tive problema nenhum não. Eu não me lembro muito bem, já faz muito tempo, a gente acordava muito cedo, fazia exercícios, treinava com armas [...].

Após servir o exército trabalhou por algum tempo em um escritório de contabilidade em Paulista, ao mesmo tempo em que iniciou os primeiros passos no “mundo artístico” participando de concursos de fantasias em Recife, como ela mesma nos conta:

Isso foi lá em Recife que eu ganhei o primeiro lugar em fantasia, não está escrito aí? Primeiro Lugar no Retiro dos Artistas no Teatro Du Park. Eu que fiz essa roupinha de conta. Um rei Zulu aí qualquer, sei

lá. Eu nem me lembro mais menina, que estória foi essa. Essa roupa eu fiz todinha de conta. Aí, no Baile dos Artistas eu concorri e ganhei o primeiro lugar. Essa coisa horrórosa!



Ao ser provocada se sua participação em concursos de fantasias durante o carnaval era do conhecimento dos seus pais e irmãos e o que eles pensavam sobre o assunto, Fujika respondia de modo afirmativo, mas acrescentando que eles nunca a repreenderam por isto ou mesmo faziam comentários a respeito. Por outro lado, quando fala sobre a época em que prestou serviço militar ela dá indícios de como manipulava sua “identidade sexual¹³⁸,” ante o contexto sócio-histórico que não era favorável. Com pouco mais de 20 anos Fujika decidiu fazer uma viagem para o Rio de Janeiro, segundo ela, porque sonhava em conhecer a Cidade Maravilhosa, e mesmo o fato de sentir muitas saudades da família não a impediu de estabelecer-se na cidade:

Vim para o Rio em sessenta e pouco e fiquei aqui. Fiquei primeiro em Niterói, na casa de um tio, depois na casa de outra tia, em Gramacho, depois em Caxias. Depois eu fui morar no Centro da cidade. Ah, eu tinha vontade de conhecer o Rio, eu tinha muita vontade. Porque via o Rio através de revista, do rádio, eu gostava muito de revista, do rádio e eu tinha vontade de vir, e fiquei; adotei. Ficou minha segunda cidade. A primeira é a que eu nasci.

Nota-se que em sua ida para o Rio de Janeiro pode contar com uma rede de solidariedade familiar¹³⁹ que a acolheu em seus primeiros anos na

¹³⁸ Citando Foucault, Heilborn (1996) destaca que na modernidade a localização dos sujeitos num mapa social se dá através de “uma explicitação desejanete das pessoas, ou seja: a escolha de certas práticas sexuais revelaria a natureza dos indivíduos, situando-os frente aos outros” (1996, p. 138). Para maiores informações sobre a temática das identidades sexuais como uma dimensão das identidades sociais ver ainda: Louro (2001) e Weeks (2001).

¹³⁹ Sobre rede de famílias que dão apoio aos que se deslocam, ou realizam migrações, sugiro: RIGAMONTE, R.C. Severinos, Januárias e Raimundos: notas de uma pesquisa sobre os migrantes nordestinos na cidade de São Paulo. In: José Guilherme Magnani & Lílian Torres de Luca (Orgs.). *Na metrópole. Textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 230-

cidade. Em suas memórias, deste período, o que predomina são as lembranças de suas idas à Rádio Nacional (localizada num edifício em frente à Praça Mauá) e à Cinelândia, para ir aos cinemas. Entre os programas da Rádio Nacional e os passeios na Cinelândia, Fujika foi conhecendo pessoas e fazendo amigos, entre eles, um amigo muito especial, Guildar, cabeleireiro, que também fazia Teatro de Revista.

Seu primeiro emprego na cidade foi o de assistente de cabeleireiro em um salão na Lapa, conseguido, justamente, através deste seu amigo que lhe ensinou os primeiros passos com a tesoura e a estimulou a fazer um curso de cabeleireira. Com o tempo firmou-se na profissão e trabalhou em outros salões, tanto na Lapa como em Copacabana. Nesta época, dividia um apartamento no Centro com este amigo (que faleceu por volta dos 40 anos, vítima de um enfarto fulminante) de quem ela fala com muita emoção e admiração. Fujika trabalhou por mais de vinte anos como cabeleireira em salões voltados para a classe média, sempre como funcionária, sendo que foi como cabeleireira que se aposentou. Não fala com muito entusiasmo sobre sua profissão de cabeleireira, mas, como Camille, ressalta ter construído relações de amizade com algumas de suas clientes e se orgulha por ter sido considerada uma boa funcionária. Quando passa a viajar para a Europa, deixa de trabalhar como cabeleireira, ou em seus termos, “de fazer salão”.

Seu amigo Guildar foi também “o responsável” por sua estréia nos palcos cariocas como “travesti-artista”. O seu relacionamento com Guildar, que a integra a sua rede de sociabilidade, foi fundamental para que Fujika levasse adiante seus antigos sonhos artísticos e desenvolvesse seu projeto de ser artista, o que se confunde com o projeto da travestilidade. Para Fujika, sua transformação em travesti se dá, principalmente, em decorrência de seu trabalho no teatro. Foi no início da década de 70 que estreou no Teatro Rival em um espetáculo chamado: O Mundo é das Bonecas. Desde então, não parou mais de atuar, fazendo parte de vários espetáculos e shows de travestis. Transcrevo um fragmento de nossa entrevista quando aborda o início de sua carreira artística:

Eu morava com um amigo, ele fazia teatro, até já morreu, chamado Guildar¹⁴⁰. Ai ele: Ah, vou levar você para o teatro, você tem jeito e tal. E ele me

252.

¹⁴⁰ Em outros momentos, durante entrevistas e/ou conversas informais, Fujika dirigia-se a Guildar utilizando-se do artigo e pronome feminino. Os usos dos artigos e pronomes feminino e/ou masculino parecem ser utilizados por elas normalmente em conformidade com a performance de gênero.

levou. Eu fiz um teste, passei e comecei a fazer o show. Eu me sindicalizei, eu tenho minha carteira do sindicato e comecei a fazer teatro. Ai fazia teatro e boate à noite. Fiz o Teatro Brigitte Blair é [...] Mimosas até certo ponto. Comecei até junto com Marlene Casanova e Camille. Que Jane já começou antes de mim. E comecei a fazer teatro. Passei a trabalhar em salão de dia, e de noite fazia teatro, minha vida era assim. (cartaz-acervo Fujika).



Alguns anos mais tarde, durante o famoso Baile dos Enxutos, Fujika conheceu o grande amor de sua vida, Apolo, aquele que foi seu companheiro por mais de 30 anos, e que faleceu em 2005, enquanto dormia; como um passarinho, exclama com tristeza ao falar do falecimento do companheiro.



Fujika: Eu fui pro baile, ele começou a olhar para mim e começamos a conversar. Marcamos um encontro, eu não fui. Depois, eu encontrei com ele novamente. Aí pronto. Aí, marcamos um encontro, ai começamos a se encontrar.

Pesquisadora: E novamente vocês se encontraram aonde?

Fujika: Na frente do baile de novo. Foi na outra semana. A semana pré-carnavalesca.

Foi sempre com muita emoção e saudosismo que Fujika falava do seu relacionamento com Apolo. Nos primeiros anos de união moravam num apartamento no Bairro de Fátima no centro da cidade. Depois, com o

falecimento do pai de Apolo, foram viver em Olaria, na casa que seu companheiro recebeu como herança, local onde mora até hoje. As suas recordações de Apolo se baseavam nos bons momentos passados juntos, no amor, na amizade e na cumplicidade que existia entre eles, constituindo uma memória de um tempo feliz. (Bachelard, 1988)..



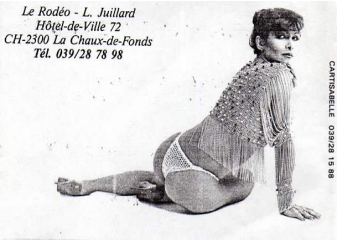
É ressaltado por ela o fato de Apolo gostar de acompanhá-la em seus shows em teatros, boates e cabarés, o fato de irem às festas em casa de amigos, ou seja, de terem tido uma intensa vida social como casal. O que, por si só, é uma marca de distinção, afinal um relacionamento amoroso de tantos anos, baseado em laços de afinidade e companheirismo, e tornado público, não é tido como muito comum neste universo¹⁴¹. No entanto, entre as interlocutoras, temos outros exemplos de uniões estáveis como o leitor se dará conta ao conhecer as trajetórias de Jane e Paola, por exemplo. Com uma carreira bem sucedida no Rio de Janeiro, e estimulada por amigas travestis que “desbravaram” os palcos europeus, como Rogéria, por exemplo, Fujika se envolve em outro projeto (VELHO, 1999a, 1999b): ir para a Europa.

Eu fui para Paris em 83. Depois eu voltei. Fiquei lá uns dois anos. Indo e vindo né? Fui à Portugal, fiz shows em Portugal, na Bélgica. Depois eu voltei e fiquei por aqui fazendo teatro. Aí fiquei aqui até 89, depois fui para a Suíça. Trabalhava lá um ano, e quatro meses ficava aqui. Oito meses lá e quatro aqui. Eu fiquei assim [...] uns quatro anos trabalhando lá.

Os anos em que trabalhou e viveu na Europa são lembrados como uma dos melhores períodos de sua vida, sempre trabalhando em cabarés, fazendo espetáculos, num regime de contratos por oito meses. E é com um

¹⁴¹ Não é propósito deste trabalho deter-se em uma análise sobre as relações de conjugalidade entre as travestis estudadas. Para uma maior compreensão do tema, sugiro o estudo de Heilborn (2004) que trata dos padrões de conjugalidade (mulher/homem, homem/homem, mulher/mulher) nas camadas médias urbanas tendo como contexto a cidade do Rio de Janeiro e os estudos de Pelúcio (2006), voltado para a conjugalidade entre travestis, mais especificamente das camadas populares.

não categórico que responde minha pergunta se chegou a fazer prostituição na Europa, como tantas outras travestis de sua geração. Transcrevo uma parte de nossa entrevista onde ela recorda um pouco desta sua experiência:



*Le Rodéo - L. Juillard
Hôtel-de-Ville 72
CH-2300 La Chaux-de-Fonds
Tél. 039/28 78 98*

CABARET DANCING "LE RODÉO"

*Spectacle international
de 24^h à 4^h non-stop*

Ouvert tous les jours à partir de 21^h

Fermé le dimanche

CABARET DANCING 039/28 78 98

Pesquisadora: E como era viver lá?

Fujika: Maravilhoso, a experiência foi muito boa [...] de ter conhecido a Europa. Porque a cabeça das pessoas é outra lá, né? A cabeça é outra, eles recebem a gente muito bem. Tratam muito bem. É um povo civilizado, né?

Pesquisadora: Pode me falar um pouco sobre seu cotidiano?

Fujika: Ah meu cotidiano [...]. Durante o dia eu dormia né? Porque eu trabalhava à noite. E às vezes [...]. Eu, como não durmo muito, durmo pouco, eu saía muito. Passeava, conheci os grandes shows de Paris, o Torre Brejal, assisti o Moulin Rouge.

No último dia em que fui à sua casa para entregar-lhe algumas de suas fotos que estavam comigo e para dar-lhe um abraço ‘de boas festas’, em um determinado momento, enquanto conversávamos na sala, Fujika começou a remexer em algumas sacolas que estavam no chão próximo a estante. Nelas, havia vários pequenos álbuns de fotografias, fotos em sua maioria da época em que morou e trabalhou em Paris e na Suíça, fotos que, inclusive¹⁴², nunca havia me mostrado. Para minha surpresa, tirou alguns álbuns e foi me mostrando as fotos e comentando sobre elas. Neste momento, enquanto observava as fotografias, suas memórias, deste período

¹⁴² Como já era noite, não tinha condições de efetuar cópias das fotografias e tampouco poderia levá-las comigo, pois já tinha viagem marcada para o dia seguinte de retorno a Florianópolis. Deste modo, como tinha previsão de voltar à cidade alguns meses depois, combinei com Fujika que, neste período, faria a reprodução das fotos. No entanto, quando retornei à cidade, Fujika estava reformando todo o teto da casa e tinha muitos de seus objetos pessoais empacotados, entre eles, seus álbuns de fotografias, impossibilitando meu acesso a este material.

de sua vida, “afloraram” com mais expressividade. Para algumas dessas estórias, muito íntimas, compartilhadas em um clima de confiança e amizade, foi pedido segredo à pesquisadora. As fotos que vimos juntas eram, em sua maioria, registros de seus passeios por cidades da Suíça onde aparece sozinha, bem vestida, em algumas delas com casaco de pele, outras são fotos com amigos do trabalho (mulheres, travestis, homens) em momentos de sociabilidade (como reuniões, aniversários) ou no interior das boates e cabarés em que trabalhou, como a foto já destacada anteriormente no primeiro capítulo.

Foi um tempo maravilhoso, eu trabalhava em Montana-Vermala, uma estação de esqui. 1380 metros de altitude, uma cidade linda! Só tem chalés de milionários, sabe? Um night club chamado Notambule. O nightclub era em cima e aqui embaixo os apartamentos da gente, sabe? Morava embaixo e em cima e ele ficava também na parte de baixo, aqui em Lugano. Ah uma fase muito boa essa fase minha na Suíça, não esqueço. Aqui em Neuchâtel, já pronta para ir trabalhar. Eu me maquiava e depois trocava de roupa.

Enquanto olhava as fotos, e reencontrava companheiros de trabalho que se tornaram seus amigos, ia falando dos destinos de cada um, dos lugares que visitou, dos shows “belíssimos” que pôde assistir em teatros europeus. Assim, ao recordar de sua vida na Europa, ao proceder suas escolhas (BACHELARD, 1988, 1994), é quase um “mundo encantado” que Fujika constrói a partir de suas lembranças desta época. O tom de nostalgia é predominante em sua narrativa, e quando demonstro curiosidade em saber por que não ficou morando na Europa, como muitas de suas amigas, o silêncio e a expressão de desalento toma conta do rosto de Fujika, e me confessa: “eu não fiquei lá por causa do Apolo. Se não fosse ele, eu estava lá em definitivo”.

Foi durante sua estada em Paris que Fujika se encorajou a fazer modificações em seu corpo. Colocou prótese de silicone nos seios e um pouco nas maçãs do rosto. Ela fala um pouco desta decisão: “Fui para Paris e lá que eu fiz a transformação. Porque lá, só podia trabalhar se operasse os seios e tal [...]. Ai eu fiz”. Apesar de, num primeiro momento, vincular sua transformação em travesti às exigências do mercado do show business europeu, como será possível constatar também no depoimento de Isa, em outro momento de nossas entrevistas chega a confessar que já tinha

vontade¹⁴³ de mudar seu corpo: “Eu queria fazer mesmo. Foi bom. Eu tinha ficado meio assim por causa da família, né? Mas mamãe quando veio me visitar e tudo que eu expliquei, ai não teve problema”. E mais uma vez a importância da família é ressaltada como referência para suas ações e decisões individuais. E apesar de sempre enfatizar o fato de “nunca ter tido problemas com a família” parece que a tática (DE CERTEAU, 2008) sempre foi evitar uma situação de confronto drástico com a família nuclear, do tipo situações de impasse (VELHO, 1999a). Situações que podem desencadear conflitos sob a forma de acusações, e como salienta o autor referido, o “comportamento sexual” em desacordo com os padrões paternos são as peças definitivas de acusação.



Como já mencionei, a primeira vez em que foi à Europa Fujika, foi para trabalhar em Paris. Nesta época, morava no Rio de Janeiro com Apolo em um apartamento no Centro da cidade. E, quando estava no Rio, era constantemente convidada para se apresentar como “estrela da noite” em casas de espetáculos e teatros, principalmente na Zona Sul da cidade, mais especificamente em Copacabana e no Cabaré Casanova na Lapa. Em 1989, ano em que morreu o pai de Apolo, consegue, um contrato para trabalhar na Suíça, cidade que menciona em seu depoimento anterior, sendo que depois trabalhou por mais de quatro anos no país em diferentes cidades como Zurique e Lugano, por exemplo.

¹⁴³ Velho já salientou sobre a complexidade da relação entre vontade e projeto quando o cientista social busca lidar com o domínio das emoções. Para maiores esclarecimentos ver especialmente o capítulo “Paixão e Racionalidade”. In: Velho, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, 2002b.

Faz-se necessário pontuar que Fujika, ao longo de sua trajetória, também viajou por diversas cidades brasileiras como Belo Horizonte, São Paulo, Itapagipe (BA), entre outras, fazendo espetáculos em clubes e teatros. Quando retorna ao Brasil e ao Rio de Janeiro, já em meados da década de 90 do século passado, o ritmo de sua carreira artística diminui gradualmente, já que os grandes espetáculos e shows com travestis, do estilo teatro de revista, vivia um processo de decadência. Nos últimos anos, o circuito de shows praticamente resume-se a Turma Ok, ao Cabaré Casanova e a alguns clubes e teatros em cidades do interior do Estado. No momento em que realizava este trabalho de campo, ela era companheira de palco de Camille, Marlene e Jane no espetáculo, já descrito anteriormente, e que estava em cartaz na época. Além disso, nos fins de semana fazia apresentações na Turma Ok e, muito esporadicamente, em algumas saunas localizadas no centro da cidade a convites de amigos.

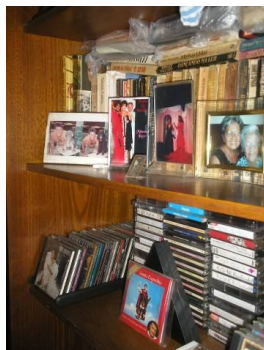
5.1.1 *Eu sou muito caseira: estilo de vida e visão de mundo*

Quando nos conhecemos Fujika morava sozinha com uma cachorra poodle já bem velhinha, doente e praticamente cega. Motivos pelos quais ela lhe dedicava muita atenção e carinho. A cachorrinha foi trazida da Suíça em sua última viagem e é vista, por ela, como uma “verdadeira companheira”, principalmente após a morte de Apolo, e “testemunha” de sua trajetória na Europa. Toda menção feita à cachorra era carregada de muita emoção, inclusive as debilidades físicas do animal eram uma das suas principais justificativas para não ficar muito tempo fora de casa. De todos os modos, para além de suas preocupações com sua querida mascote, Fujika salientava seu gosto por ficar em casa, o que a levava a definir-se como uma pessoa “caseira” e com um estilo de vida muito “tranquilo”.

Tal fato em muito contrasta com seu estilo de vida na juventude e idade adulta marcado pelo vaivém incessante entre o trabalho como cabeleireira e artista e, principalmente, quando passou a viajar com frequência para fora do país. Afinal, o estilo de vida que levava quando morou na França e na Suíça, recordado através do cotidiano marcado por uma vida social intensa, pelos belos lugares que teve a oportunidade de conhecer, pelos espetáculos glamourosos que assistiu - e que são recordados com orgulho por ela - pelas muitas lojas de roupas e acessórios femininos onde comprava seus vestidos de gala, seus casacos de pele, suas perucas, bolsas e sapatos, muitos deles utilizados ainda hoje por ela em seus shows e eventos sociais. Sem falar na oportunidade de conhecer e conviver com pessoas das mais variadas nacionalidades e aprender a se virar no Francês.

Como vimos, de acordo com seu ponto de vista, os “europeus” (e aqui se refere especialmente aos homens) são pessoas mais civilizadas e educadas que os brasileiros. Isso porque considera que são mais liberais em contraponto aos “homens brasileiros”, que são vistos como mais conservadores. Na Europa, sentia-se mais valorizada, não apenas em termos pessoais, mas também no lado artístico, símbolo de status e reconhecimento social em termos de sua rede social e do grupo, num sentido mais amplo.

Em sua casa, Fujika sempre me recebeu vestida com roupas simples e confortáveis, cabelos presos, sem maquiagem, mesmo em seus afazeres cotidianos adota um estilo de vestir informal e discreto. O glamour é reservado para os shows e espetáculos. A casa onde mora, herança de seu companheiro, é bastante espaçosa e muito simples, sendo que, no momento da pesquisa, estava passando por reformas. Logo na entrada da casa, nos deparamos com uma área livre com uma churrasqueira feita com tijolos. Do lado esquerdo, uma garagem para carro, antes da porta de entrada que dá acesso à sala, uma pequena varanda com vasos de plantas, uma velha máquina de costura, esculturas desgastadas pelo tempo e revistas de moda antigas. A sala é



dividida em dois ambientes, o que tem acesso direto para a varanda é decorado com um sofá de dois lugares, uma estante onde guarda suas coleções de revistas da rádio nacional, alguns discos de vinil de cantoras da rádio nacional e de cantores internacionais, bem como artigos de cozinha. Nas prateleiras de cima, alguns elefantes dos mais variados tamanhos como objetos de decoração, alguns deles adquiridos durante suas viagens, outros presenteados por amigos. Em frente, um pequeno armário onde guarda artigos de corte e costura.

O outro ambiente é decorado com dois sofás de dois e três lugares. No centro, uma mesa baixa de madeira com vários álbuns de fotografias, álbuns de espetáculos franceses que assistiu enquanto esteve vivendo em Paris e elefantes de cerâmica.



Em frente à mesa de centro, uma grande estante de madeira com vários compartimentos cumpre a função de armazenar muitos dos seus objetos favoritos: DVDs de filmes brasileiros antigos, as inúmeras

biografias de artistas, cantores nacionais e internacionais, inúmeros CDs e DVDs de cantores e cantoras nacionais e internacionais que utiliza como material de trabalho ou apenas por lazer. Sem falar em seus troféus ganhos em homenagens, porta-retratos com fotografias de sua mãe e irmã, dela com um de seus melhores amigos, quando era mais jovem, e do seu companheiro em momento descontraído brincando com o cachorro. Os dois quartos são decorados de forma bastante similar, com cama de casal, armário de seis portas e cômoda. Em um deles, a janela dá para frente da casa, e é onde ela guarda seus vestidos e acessórios de show. O outro, que fica entre o banheiro e a cozinha, ela utiliza como dormitório. Bem em frente da cama tem uma pequena mesa com uma TV de 29 polegadas onde assiste a seus filmes preferidos. Na parede do lado direito do quarto, dois quadros: a imagem de Jesus Cristo e uma fotografia de uma de suas cantoras preferidas.

A decoração da cozinha é bastante simples, um fogão de quatro bocas, uma mesa com duas cadeiras e uma geladeira de modelo antigo. Mais ao fundo, uma grande mesa de madeira onde serve as refeições. Em cima do fogão um pequeno oratório de madeira com a imagem de Santo Expedito, seu santo de devoção. Apesar de se considerar católica, Fujika não é praticante, no sentido de frequentar alguma Igreja em particular, mas cultiva o hábito de fazer orações ao Santo em seus momentos de aflição em busca de conforto espiritual. Quando não sai de casa devido aos seus compromissos de trabalho ou em virtude de algum evento social, costuma acordar e dormir bem cedo; e a dedicar-se a leitura de suas biografias. Adora saber detalhes da vida de seus artistas favoritos, escutar seus CDs, ver os shows em DVDs, um hábito que mistura trabalho com lazer. Além disso, ela pode passar horas escutando seus CDs. Como não é “fã de novela” e não aprecia os programas de entretenimento veiculados pela televisão aberta, exceto os jornalísticos, tem o costume também de ficar assistindo antigos filmes nacionais da época das chanchadas. Algo que lhe dá prazer é receber seus amigos para almoçar em sua casa. Pude compartilhar com ela um desses momentos de sociabilidade tipicamente caseira, como conto em meu diário de campo:

Já passavam das sete da noite quando Fujika me perguntou se não queria ver com ela um dos seus filmes antigos. Na verdade, titubeie em aceitar o convite porque já estava pensando em ir embora, primeiro queria evitar voltar muito tarde para casa, segundo, não me sentia muito bem, a febre tinha aumentado. Mas ao mesmo tempo, sabia que sendo o último dia que nos veríamos antes do meu retorno a

Florianópolis seguramente não teria outra oportunidade como essa. Fomos para seu quarto; Fujika sentada na beira da cama e eu numa cadeira bem ao seu lado, ambas estrategicamente posicionadas na frente da TV. Durante 1h30 minutos assistimos ao filme intitulado “Garotas do Samba”, um filme da época da Atlântida e encenado inclusive por algumas cantoras e cantores da rádio nacional o que era um motivo a mais para explicar a alegria de Fujika ao começar a fita. No elenco: Adelaide Chioso, Renata Fronzi, Ivan Curi, Jecy Valadão, entre outros. Fujika tinha assistido a este filme várias vezes e estava feliz por ter conseguido gravá-lo de um canal de televisão. Antes de começar, ela já ia me adiantando alguns elementos da estória, ia me falando dos atores, fazia comentários sobre suas vidas, alguns deles chegou a conhecer pessoalmente. Fala um pouco da Rádio Nacional e da atmosfera de ingenuidade da época. Vai cantarolando junto com os artistas, fala das letras das músicas que eram muito engraçadas e ingênuas. Inclusive, uma delas, conta a história de um homem que se casou com uma mulher que acha objetos pela rua e em Copacabana achou um casaco de veludo que segundo Fujika era chique na época, já sugerindo o estilo de vida sofisticado do bairro [...]

Diário de campo 20/12/07.

Em relação ao seu estilo de vida, nos últimos anos, estar “mais tranqüilo” Fujika faz uma associação ao avanço da idade. Para ela, à medida que foi envelhecendo, foi perdendo a vontade de fazer muitas coisas, entre elas até mesmo às vinculadas à atividade artística. Ressaltando, em grande parte, a idéia de “uma pobreza de acontecimentos” (BOSI, 2003) estreitamente articulada à sua concepção de que na vida tudo muda e passa, ou seja, as coisas valorizadas por ela, como a Rádio Nacional, os clássicos filmes de Hollywood, as chanchadas nacionais e, principalmente, os antigos espetáculos de travestis, o universo travesti de sua época, a cidade do Rio de Janeiro que a encantou e que escolheu para ser sua “segunda cidade”¹⁴⁴, são imagens (Durand, 2002) importantes de sua vida que estão envoltas em um passado idílico (supervalorizado e glorificado) e que alimentam suas memórias e seu cotidiano. Uma das preocupações de Fujika quando reflete sobre o seu processo de envelhecimento é a solidão, com a qual se viu confrontada após a morte súbita de Apolo. A morte, como bem coloca Lins de Barros (2000), é uma dessas ocasiões de mudança de vida, ocasiões em

¹⁴⁴ Tais questões serão retomadas no último capítulo da tese.

que a vida deve ser repensada e redefinida, e penso que foi o que passou com Fujika. A morte do companheiro, o avanço da idade e um desencanto com o mundo dos shows business atual serviram de motivação para traçar um novo projeto de vida, o de ir morar em Recife próxima de suas irmãs, o aconchego e o apoio familiar tornaram-se ainda mais imprescindíveis para ela nesta fase de sua vida.

5.1.2 *Coisas de cantora: saberes e fazeres*

Fujika, como já mencionado, aposentou-se como cabeleireira e, desde então, se dedica ao seu trabalho artístico como parte do elenco fixo do show “Estrelas” e como convidada especial em shows da Turma Ok e, às vezes, em algumas saunas localizadas no centro da cidade. Apesar de, durante muito tempo em sua carreira, ter atuado como cantora, já faz alguns anos que não canta mais e apenas faz dublagens e playbacks de músicas que já gravou. A justificativa para ter deixado de cantar é o fato de que, nas últimas décadas, os espetáculos já não contam mais com orquestra e/ou conjunto para acompanhá-la. Como Camille, Fujika também faz performances artísticas



como caricata, além das dublagens. Neste caso, suas performances se destacam, pois são sempre acompanhadas com passos de dança.

“Eu vejo a música que se adapta comigo e faço. Eu dublo Hebe Camargo, não fazendo ela, mas a voz dela. É [...] Zezé Mota, Ângela Rô, Rô, Simone. Tem um disco dela que eu gosto muito de dublar, que ela gravou em espanhol”. Portanto, como ela mesma ressalta, seu repertório é vastíssimo, o que evidencia sua versatilidade artística - uma marca de distinção entre elas - percorre cantoras nacionais, e aqui vale

uma ressalva para as da Rádio Nacional, como Ângela Maria, por exemplo, até as grandes divas da música internacional como Shirley Bassey¹⁴⁵, entre outras. A escolha do repertório musical deve ser entendido para além de uma apreciação da música, está relacionado com a performance da cantora que a interpreta, seus gestos, expressões, sua aparência, modos de vestir e até sua personalidade e estilo de vida, são elementos importantes, requisitos fundamentais que contam na hora da escolha. Foi em minha convivência com Fujika, e na oportunidade de estar com ela no camarim da Turma Ok, que pude me dar conta disso, inclusive presenciei momentos de discussões acirradas onde o que estava em pauta era saber quem era melhor cantando em cena: Shirley Bassey ou Barbra Streisand? Por exemplo. O que me fazia lembrar suas menções “às brigas” entre os fãs de Marlene e Emilinha na época da Rádio Nacional.

Fujika: A gente escuta música bastante para dublar bem, só escutar bem e pronto, o resto à gente já sabe.

Pesquisadora: Está falando da expressão corporal?

Fujika: É. A gente já sabe tudo.

Pesquisadora: Mas como?

Fujika: A gente vai aprendendo, vai vendo, vê muito vídeo, muito DVD, show de vídeo, e ai pega.

Tais performances artísticas são a expressão de um processo minucioso e detalhado de escuta e de observação, nada escapa aos olhos e ouvidos atentos e experientes de Fujika em seus quase quarenta anos de carreira. Sua paixão pela música e sua carreira levam Fujika a ser consumidora quase que compulsiva de CDs e DVDs o que, por sua vez, a estimula a sair de casa e ir até ‘a cidade’ onde costuma comprá-los, em geral, numa mesma loja. Mas, para encontrar artigos mais antigos costuma ir, aos sábados, na feira da Praça XV. Outra ‘arte’ que Fujika se dedica é o bordado: borda a mão seus próprios vestidos de show. Considera-se “autodidata” com relação a isto.

Alguns dos vestidos que aparecem em algumas das fotos destacadas neste trabalho foram bordados por ela. A prática de bordar os vestidos até onde pude perceber é bastante comum entre elas. Quem não sabe, lança mão de costureiras profissionais, mas na verdade é uma forma, como já salientei quando tratei da trajetória de Camille, de renovar as roupas usadas em show. É importante assinalar que “repetir vestidos” é, em

¹⁴⁵ Shirley Bassey é uma cantora nascida no País de Gales, tem 72 anos e tem, entre seus sucessos, as músicas que fizeram parte da trilha sonora dos filmes da saga de James Bond, como por exemplo: *Goldfinger* (1964), *Diamonds are forever* (1971).

geral, uma atitude que pode gerar comentários maliciosos e pejorativos, não é algo bem visto entre elas. Por sua vez, durante o campo, tive a oportunidade de presenciá-la em outras de suas artes: a de cozinhar. Fujika sempre enfatizou o prazer em receber seus amigos em casa e poder preparar-lhes uma boa comida caseira acompanhada de muita música. Todavia, atualmente, já não recebe tanto como antes, quando Apolo era vivo.

[...] Foi à primeira vez que fui até sua cozinha. Fujika foi me falando sobre o cardápio: feijão com carne seca, batatas e farofa, se desculpa por não ter feito sobremesa. Enquanto conversamos, Fujika vai lavando e cortando com a mão um maço de folhas de alface, da forma como Apolo lhe ensinou, e dos almoços que ofereciam quando estava vivo. Enfatiza que o companheiro sempre dizia que comer alface faz bem para saúde. Comentamos as propriedades do feijão, e a conversa passa a girar em torno da necessidade de uma boa alimentação. Enquanto averigua se a carne no fogo já estava pronta, recebe o telefonema de um amigo que está morando em Nova York com quem comenta que está insuportável o clima no Brasil. Falam a respeito de outro amigo em comum, um transformista a quem se referem como “ela”. Comentam também sobre a cantora Dina Washington de quem Fujika conhece toda a biografia e vai contando partes desta para seu amigo ao telefone. Depois comenta: Eu estou com uma amiga minha jornalista, eu fiz um feijão daquele que você conhece. A Monica. Ai ela veio aqui hoje, eu fiz o feijão, fiz a carne que o Apolo gosta [...]. Que me ensinou a fazer [...]. Carne é [...]. Lombinho com batatas, pronto. Ai a gente vai almoçar daqui a um pouco e conversar um pouco e já está. Entendeu? Aquelas coisas de cantora.

Diário
de campo, 11/07/2007.

Giard (1996) já chamou a atenção para o fato de que a arte de cozinhar¹⁴⁶ mobiliza todo um saber transmitido, ah eu fiz a carne que o Apolo gosta [...]. Que me ensinou a fazer, um saber-fazer que traz evocações de um “modo de vida” e de um “tempo de comensalidade” que agora, no presente, está cada vez mais restrito. Fujika não canta mais, mas

¹⁴⁶ Da Matta considera que a comida tem o papel de destacar identidades e, conforme o contexto das refeições, elas podem ser nacionais, regionais, locais, familiares ou pessoais (Da Matta, 1987).

sua “alma” é de cantora, a obsessão pela música, a coqueteria (SIMMEL, 1999), o gosto de ser o centro das atenções, o carisma, o gestual charmoso, e o humor, este, sempre instável, marca das “grandes cantoras”, e porque não, das Divas.

5.2 Marlene

Existem travestis e travestis: eu sou uma artista

Marlene nasceu em 1943, no mês de dezembro, na cidade de Salvador. Na época da pesquisa ela tinha 64 anos de idade. Aposentada como funcionária pública - pela Empresa de Correios e Telégrafos do município do Rio de Janeiro – é também artista e maquiadora profissional. Seus pais se separaram quando era praticamente uma recém-nascida, com seis meses de idade sua avó materna a pegou “para criar”. Ela tem cinco irmãos, um irmão mais velho, fruto da união dos seus pais e quatro irmãs fruto do segundo casamento de sua mãe. Assim, quando seus pais se separaram e, Marlene foi viver com seus avôs maternos, sua mãe ficou em Salvador e seu pai foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou na Empresa de Correios e Telégrafos, localizada no Centro da cidade, na função de inspetor. Sobre sua infância, Marlene nos conta:



Eu tive uma infância divina. Fui criado por meus avôs, de posses, meus avôs foram donos de cinema em uma cidade chamada Mata de São João ih [...]. Eu era o locutor do cinema, eu que ficava: alô, alô pessoal! Logo mais às 20 horas da noite na tela do cine-teatro Vitória não percam o filme Nem Sansão nem Dalila, com Cill Farney e Eliana Macedo. [...] Meu avô montou um studiozinho e eu ficava anunciando a hora da Ave Maria, ficava lá o dia todo.

Desta época, Marlene ainda destaca as horas que ficava em casa com sua avó escutando os programas e telenovelas transmitidos pela Rádio Nacional. Como em Fujika as atrizes de cinema e as cantoras de Rádio eram fontes inspiradoras de suas brincadeiras e ‘sonhos’ infantis: “eu adorava

ficar imitando a Eliana Macedo, o jeitinho dela”. Marlene não chegou a terminar os estudos, tem o científico incompleto, em parte devido a uma mudança significativa em sua vida:

Eu morava em Salvador e já estava bichinha já, maluquinha, doida, com os meus 13 e 14 anos, com os meus amigos na rua [...]. E minha avó, as pessoas viam na rua [...]. Quando chegava em casa, falavam com minha avó, minha avó que me criou, que eu chamava de mãe. E eu via minha avó muito triste, aquele negócio todo, e aí ela disse: eu não agüento mais! Vou escrever para seu pai, para seu pai levar você lá pro Rio, ele está sozinho lá, e você, seu irmão, são todos homens e me encaixotou pro Rio de Janeiro, e eu vim morar com o meu pai e meu irmão [...]. Calcule você [...] machérrimos! Eu tive que fazer [...]. Aí eu vi que eu tinha alguma coisa de artista, eu baixei o machão também [...]. Namorei, ia para baile com o meu irmão e tudo [...]. Porque morava com o meu pai e meu irmão [...]. Tinha que proceder como eles. Meu pai era terrível! Dizia que matava, que acontecia [...]. Que não sei o quê. Então eu fiquei um tempão com o meu pai. Eu sempre pensei: no dia que o meu pai tiver certeza da minha situação, eu largo a casa. Aí um dia eu tive certeza, uma pessoa telefonou para mim dizendo: seu pai já sabe de tudo [...]. Da Cinelândia [...]. Esse negócio todo. Aí, na mesma hora eu peguei um bloco [...]. Um caderno e fiz uma carta de seis folhas para ele [...]. Deixei na mesa e sai.

A longa e rica narrativa de Marlene coloca inúmeras questões e destacarei alguns pontos que me parecem importantes em relação a sua trajetória e aos itinerários urbanos. Primeiramente, Marlene fala sobre a existência de uma rede de sociabilidade em Salvador que compartilhava os mesmos interesses e a diferença (GUIMARÃES, 2004) e que, por sua vez, “denunciava” sua identidade sexual (WEEKS, 2001; LOURO, 2001) – representada de forma ‘estereotipada’ e caricatural - eu já bichinha, maluquinha, doida. Motivo pelo qual era alvo de condenação aos olhos atentos e controladores da avó e dos vizinhos.

A moral e a honra familiar deviam ser resguardadas ante a possibilidade de contaminação (DOUGLAS, 1976) através do estilo de vida de Marlene e de seus amigos, ao ponto de ser “encaixotada” para o Rio de

Janeiro onde, sob os cuidados e alvo da ação paterna, num “ambiente masculino”, seria “reeducada” socialmente e, portanto, convertida e reorientada como adolescente “desviante” para o caminho da “normalidade” (GUIMARÃES, 2004). Os primeiros anos no Rio de Janeiro, morando com o pai e o irmão mais velho, no bairro de Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade, são recordados como uma época muito difícil para ela, em seus termos, “lastimável”.

Não conhecia ninguém, não tinha amigos, estranhava o bairro, e vivia sob o rígido controle do pai e do irmão. Um dos métodos de reeducação paterna foi incorporá-la à rede de sociabilidade do irmão, com quem passa a ir a festinhas e bailes em clubes do bairro e arredores, a monitorar seus gostos e hábitos, “eu tinha que esconder minhas revistas da rádio nacional senão meu pai rasgava!”. Nesse “ambiente hostil”, Marlene lança mão de seus saberes e astúcias (DE CERTEAU, 2008): “Ai eu vi que eu tinha alguma coisa de artista”, de táticas para “disfarçar” aspectos de seu comportamento e de seu estilo de vida considerados inapropriados para um “garoto de família”¹⁴⁷. Assim, não demorou muito para que começasse a trabalhar. Seu primeiro emprego na cidade foi como auxiliar de serviços numa oficina gráfica no bairro de Benfica, Zona Norte da cidade. No entanto, não trabalhou muito tempo neste local já que seu pai lhe conseguiu uma vaga na empresa de Correios e Telégrafos. Sendo que, iniciou suas atividades na empresa fazendo serviços burocráticos até aceder à função de gerência de pessoal.

O fato de estar trabalhando abriu um campo de possibilidades (VELHO, 1999a) para Marlene, visto que lhe propiciou atravessar as fronteiras da casa, cujo simbolismo se estendia para os limites do bairro, e a experimentar o universo da rua (DA MATTA, 1997). Passou a estabelecer outras relações com a cidade que antes parecia “aprisioná-la”. Esta passa a ser vivida e percebida de outra forma. Seus itinerários urbanos passam a expressar uma complexa cartografia da cidade onde determinadas ruas e lugares “proibidos e que deviam ser evitados” começam a fazer parte de seus percursos. Em seu depoimento, menciona a Cinelândia, sem dúvida um marco em suas memórias, recorrente nas narrativas da maior parte das interlocutoras, que também em sua dimensão de “região moral” (PARK, 1979) já faz parte da própria memória da cidade. Em outros momentos, suas recordações trazem à tona outros lugares, como o Largo da Carioca, “quando eu não voltava para casa depois do trabalho eu ia para o Centro

¹⁴⁷ As questões que envolvem o desempenho de determinada *performance masculina* como, por exemplo, a do *machão* desempenhada por Marlene e outras interlocutoras como Laura, será discutida no capítulo cinco da tese.

encontrar os amigos no Largo”, e também a sonhada Rádio Nacional e suas astúcias para se apropriar deles: “Eu era louca para conhecer a Rádio Nacional. Como é que eu faço meu Deus? Até que eu comecei a trabalhar na Bauer do Brasil e, na hora do almoço, eu dava um jeitinho. Dizia que ia nos cartórios e ia para a Rádio ver o programa de Manuel Barcelos que era na quinta feira”.

Através das narrativas de Marlene evidencia-se a questão do anonimato relativo (VELHO, 1999a), característico das grandes metrópoles, como o Rio de Janeiro, e a carga simbólica de determinados espaços citadinos (BACHELARD, 1989). A sua “ligação” -e aqui penso, em termos de Maffesoli (1984), como território afetivo-existencial- com a Cinelândia tornou, como vimos, “insustentável” para Marlene ocultar sua homossexualidade. A opção tomada foi sair de casa, um momento de sua vida revivido cheio de densidade dramática. Passou a morar com amigos gays em um edifício do tipo cabeça de porco na Tijuca e depois num apartamento na Lapa. Insisto que deixar de viver com o pai e o irmão representou uma mudança significativa em sua vida, visto que se sentia mais livre e dona de si enquanto indivíduo-sujeito moral (VELHO, 1999a). Marlene, paralelo ao seu trabalho nos Correios em finais da década de 60, começa a desenvolver sua trajetória como “travesti-artista”:

Eu sempre fui muito tímido, fazia em casa em aniversários de amigos e tudo, de repente uma noite eu [...]. Tinha um barzinho na Rua da Relação, um porão que de dia funcionava uma pensão e de noite a mulher botava umas mesinhas lá e fazia uma boatezinha. Era um rapaz tocando um violão e eu cantando. Eu fui para lá, me encorajei e fiz, fiz a primeira vez e fui. Ai começou a encher, encher até que chegou os ouvidos do primeiro time de travesti na época. Era a Marquesa, a Jane, a Gisela, a Eloína, as grandes. Foram assistir e Marquesa, que tinha um grupo de travestis, que ela era que contratava, que apresentava, foi assistir e gostou de mim. Ai ela me fez um convite para eu trabalhar com elas numa peça que elas estavam montando na Barra da Tijuca “Liberdade para as Borbonecas”, uma peça de Carlos Machado. Primeiro eu fui fazer Praça Mauá; fiz Praça Mauá com elas, depois fomos para a Barra da Tijuca fazer esta peça. Depois vim para o Rival fazer o grande sucesso da minha vida, um dos grandes sucessos o Mundo é das Bonecas. Onde eu fazia uma sátira a Emilinha Borba, entendeu? Entrava de capa e

guarda-chuva fazendo tomara que chova como o filme que ela fez [...]. Aviso aos Navegantes que ela fazia este número.

É neste período também que dá seus primeiros passos para dar cabo ao projeto de travestilidade, segundo ela, em grande parte influenciada pelas outras; é quando começa a ingerir lindiol uma marca de anticoncepcional feminino utilizado na época. Por sua vez, como mantinha seu emprego nos correios e tampouco era “permitido” andar de mulher na rua, a performance do gênero feminino em sua plenitude tinha principalmente uma temporalidade (a da noite) e espacialidades (os teatros, cabarés e boates). Foi justamente no período que encenava o “Mundo é das Bonecas” que teve a oportunidade de conhecer Pedro¹⁴⁸, um guardador de carros que trabalhava na porta do Teatro. Deste encontro, que é recordado por ela como um dos grandes acontecimentos de sua vida, resultou um relacionamento amoroso de nove anos:

Ele ia assistir ao espetáculo todo o dia na primeira fila, porque ele trabalhava como guardador de carro na Rua Álvaro Alvim, então conhecia o pessoal do teatro. Então na hora do meu número, com certeza ele estava na primeira fila para assistir meu número, aí começou uma relação. Ele passou a ser chofer de táxi, aí a gente passou a morar junto, nove anos. Eu ainda hoje, me lembro dele [...] foi uma época muito boa.

Ao longo de sua trajetória, Marlene teve outro relacionamento afetivo que é destacado por ela em suas lembranças:

A minha avó sofria muito, ela me criou, ela não queria que eu fosse, e tudo [...]. E chegou a um ponto Monica, por ela, que eu gostava muito dela, e eu vim aqui pro Rio, conheci uma menina, uma garota que veio aqui pro Rio tentar a vida artística com uns amigos da Bahia, os amigos foram embora e deixaram ela aqui, e aquela história, ela ficou em “papos de aranha” dormindo até na Atlântida e tudo e eu soube disso. Nós morávamos num quarto, eu com dois baianos também. Aí eu falei pros meninos: tá aqui no Rio uma menina da Bahia que está com

¹⁴⁸ Nome fictício.

problemas, podia ser uma irmã nossa, vamos dar uma guarita a ela. Ai ela passou a morar conosco e tudo. Eu nunca senti nada por mulher, absolutamente nada, mas ela tomava banho conosco, ia pra praia e tudo, eu sempre elogiei ela. Eu dizia Maria você [...]. Ela tinha uns seios lindos! Eu dizia: que seios lindos que você tem mulher, a gente ia para praia e pegava bofe junto e tudo. E uma noite, eu tinha caso com uma pessoa, morava em casa, a pessoa tinha ido para uma boate, eu era ciumentíssimo. Eu falei, o Maria vou fazer a cama de Paulo aqui no chão e você dorme aqui comigo no sofá. Ah, mas ele não vai se aborrecer não? Não, não. Aí, dormimos. Aí, conversamos muito, rimos e tudo, ai eu digo: deixa eu apagar a luz, eu tenho que trabalhar amanhã, eu trabalhava nos correios ainda, e quando eu apaguei a luz [...]. Eu senti que os seios dela tocou nas minhas costas, e eu não tenho vergonha de dizer Monica, eu senti os seios dela bater nas minhas costas e o ímpeto que eu tive foi de virar e pegar ela logo [...]. E fiz, não me esfriei, atingimos ao sexo, mas só que, para ela deve ter sido maravilhoso, mas para mim não me realizou em nada absolutamente. No dia seguinte, a menina amanheceu com chininho no pé, com aquelas coisas todas, e eu falei: olha não fica assim não, porque eu não sei o que aconteceu ontem, eu não posso nem explicar o que houve. Mas por favor, você sabe que eu tenho caso com uma pessoa. Ai o negócio foi indo, ai veio à segunda, terceira, a quarta, até que um dia ela veio com a notícia que estava grávida [...] Ai deixou vir a criança. Ela escreveu para família dela, eu escrevi para minha avó, ela foi para Salvador para ter nenê lá e eu fiquei aqui no Rio. Depois eu fui para Salvador, casamos mesmo, no fórum Ruy Barbosa, em Salvador, sou casado e tenho uma filha. Uma filha de 27 anos, maravilhosa que me aceita.

Foram aproximadamente cinco anos de casamento. Após o término, sua ex-esposa e sua filha se estabeleceram definitivamente em Salvador. Sem pretensões de dar conta da complexidade da narrativa de Marlene, gostaria de chamar a atenção do leitor para a construção de sentido, de coerência de sua biografia formulada por ela. Parte-se do princípio que os sujeitos que fazem parte desta pesquisa em maior ou menor

grau viveram e em parte ainda vivem sob “os custos” (GUIMARÃES, 2004) de uma identidade social tida como “desviante¹⁴⁹”. No processo de construção de suas subjetividades, as noções de desvio e estigma (BECKER, 1977; GOFFMAN, 1975; VELHO, 1999c) são constituintes de suas narrativas biográficas e atravessam suas trajetórias, como veremos no próximo capítulo. Em uma de nossas entrevistas, Marlene justifica sua orientação sexual como algo da ordem da natureza “desde que nasci eu sou homossexual”. Assim, a homossexualidade é ‘explicada’ por ser um destino sobre o qual não se tem controle ou mesmo escolha. Deste modo, como justificar uma relação heterossexual que resultou em casamento? E em uma filha, prova de masculinidade, de acordo com os preceitos da matriz heterossexual?

É interessante se dar conta que, em seu processo de interpretação de si (RICOEUR, 1991), do vivido, a partir de suas memórias, Marlene recorra à construção dos laços maternos com sua avó e, portanto, acione seu papel como membro de uma família, como ‘explicação’ para o desejo heterossexual e para a sua união. Um último esforço de corresponder às expectativas sociais e familiares - cumprindo com suas “responsabilidades masculinas” próprias de um homem honrado¹⁵⁰ - onde a noção de pessoa, neto de Dona Mariquinha e filho de Seu José, prevalece, pelo menos temporariamente, sob a de indivíduo (DA MATTA, 1997). Retomando suas atividades profissionais, logo no início de suas experiências com o teatro, Marlene passou a trabalhar como apresentadora “fina” do Cabaré Casanova, já citado anteriormente.

Foram aproximadamente 18 anos exercendo a função de apresentadora neste local, ao ponto de incorporá-lo a seu nome: “as pessoas se referiam a mim como ‘a Marlene do Casanova’, e depois a própria Marlene (cantora da época da Rádio Nacional) me sugeriu incorporar Casanova ao nome”.



¹⁴⁹ Guimarães (2004).

¹⁵⁰ Machado observa que: “No Brasil a força da categoria relacional da honra funda a construção simbólica dos gêneros, no que eles têm de mais naturalizado. Neste sentido, ser homem é associado a ser possuidor da honra do homem, assentada em dois pilares: a assunção da responsabilidade de pai e marido que não pode deixar faltar nada e de ter uma mulher respeitada” (MACHADO, 2001b, p.13).

Ao longo dos anos, ela fez inúmeras peças teatrais, algumas delas com muito sucesso e que ficaram em cartaz por três, quatro anos, como a peça “Mimosas até Certo Ponto”, já ressaltada quando trato da trajetória social de Camille. Neste sentido, é necessário esclarecer que a peça estreou com Marlene como “a estrela principal” do espetáculo e depois de três anos de cartaz, com a sua saída para atuar em outro espetáculo a ser realizado no antigo Teatro Alaska no posto seis em Copacabana, “Mimosas” (re)estudou com Camille. Em seu “currículo artístico”, além de inúmeros espetáculos do tipo “revista”, realizados em teatros como Serrador (no Centro da cidade), Brigitte Blair e Alaska (ambos em Copacabana), constam também algumas peças fora do “circuito teatral travesti e gay”, e viagens por vários Estados brasileiros. Além de uma curta temporada em teatros da cidade de Buenos Aires, na Argentina, dividindo o palco com vedetes nacionalmente conhecidas. Chegou a exercer a função de diretora do Sindicato dos Artistas no Rio de Janeiro no setor de artes e espetáculos que envolvia travestis e transformistas que trabalhavam na noite carioca. Neste período, foi responsável pela sindicalização de várias de suas companheiras de trabalho pelos palcos da cidade.

Já no final da década de 90, devido a problemas de saúde de sua mãe que se agravaram e também se dizendo decepcionada com o “meio”, Marlene resolve voltar a Salvador, onde vai morar com um amigo num bairro do Centro. Em Salvador, chega a fazer alguns shows esporádicos em clubes e em eventos promovidos por clubes de convivência para a Terceira Idade. Permanece na cidade por, aproximadamente, oito anos até que “atendendo” aos apelos dos amigos cariocas decide voltar para o Rio de Janeiro com o intuito de “passar uma temporada”. Em um determinado momento da pesquisa Marlene passou a integrar o elenco da peça Estrelas ao lado de Camille, Jane e Fujika e, às vezes, viajava por cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro.

5.2.1 *A chama apagou um pouco: estilo de vida e visão de mundo*

Algo que sobressaia no modo de vida de Marlene é sua dedicação à religião católica. Antes de seu retorno ao Rio de Janeiro, ia com frequência à Igreja em Salvador e, inclusive, fazia parte de um grupo que se reunia uma vez por semana para rezar o terço. No Rio de Janeiro freqüentava com assiduidade a missa aos domingos, realizada em uma Igreja bem tradicional do bairro onde mora. Além disso, o fato de ser extremamente católica a destacava entre as pessoas de suas redes de relações. A própria Camille, que se define como uma “beata”, vez por outra, comentava comigo: a Marlene consegue ser mais beata que eu! Marlene não apenas freqüentava a Igreja,

mas também costumava ouvir a ave-maria pelo Rádio. O fato é que sua vocação incidia enormemente em seu estilo de vida e visão de mundo. De acordo com Geertz (1989) a religião pode ser entendida como uma perspectiva:

Falar em perspectiva religiosa é falar em um modo de ver, no sentido amplo de ver como significando discernir, apreender, compreender, entender. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo. [...]. A perspectiva religiosa difere do senso comum porque se move além das realidades da vida cotidiana em direções a outras mais amplas, mas sua aceitação, a fé nelas. (GEERTZ, 1989, p. 81- 82).

Se sua vocação religiosa não é própria da atual fase de sua vida ela se intensificou com o avanço da idade e se tornou, por sua vez, um projeto para a velhice¹⁵¹ “eu quero cada vez mais ter fé, ser um beato mesmo”. Um projeto de vida que a leva, inclusive, a questionar sua travestilidade, “às vezes eu penso em fazer cirurgia para tirar os seios e cortar bem curto meus cabelos, de tirar isso”, o que sugere que tais projetos de vida são vistos como contraditórios, uma posição próxima a de Camille, mas numa dimensão mais dramática. Assim, muitos dos seus interesses e hábitos para os quais tinha “um fogo danado” hoje procura evitar ou simplesmente aboliu de sua vida, como o carnaval, por exemplo, que diz “atualmente odiar” sendo que, em sua juventude e idade adulta, participava ativamente das festividades carnavalescas, inclusive como apresentadora do famoso Baile dos Enxutos. Até mesmo no que concerne sua carreira artística, Marlene observa que já não tem a mesma “vontade” de antes. Sua carreira e sua atividade como diretora do sindicato dos artistas proporcionou um leque variado de amigos do ramo, muitos deles, são bastante populares nacionalmente, o que, por sua vez, lhe garante convites para festas, estréias de teatro, entre outros eventos sociais que são, na maior parte das vezes, negados por ela. Ao refletir sobre seu desinteresse por manter uma vida social ativa e até mesmo pelo mundo do show business Marlene acrescenta outro aspecto: o avanço da idade.

¹⁵¹ Como Lins de Barros (2000) observou em sua pesquisa com um grupo de mulheres católicas de camadas médias da cidade do Rio de Janeiro, mulheres cuja idade variava entre 60 e 80 anos, entre os anos de 1977 e 1978.

Porque Monica, eu não sei o que foi essa frieza. Não sei se é a idade, eu não tenho mais aquele fogo! Uau de show! Ai show! Camille, Camille gosta de fazer! Sem ganhar dinheiro, faz uma roupa divina, maravilhosa, porque as roupas de Camille são um escândalo! Agora eu não. Me convidam para tudo! C.T (fala o nome de uma atriz brasileira muito conhecida) me chamou para ir ao Le Boy, está na frente do projeto Selva Amazônica, ela me telefonou e tudo [...]. Tá bom, eu vou! Não vou a nada! Aniversário [...]. Tem amigos que fazem aniversário na boate tal e tal [...]. Tudo bem, tá legal. Não gosto Monica, eu gosto de ficar em casa, você me bota em frente a uma televisão, tá ótimo, me tirou da TV, me tirou de tudo!

É como se com a consciência do envelhecimento fosse “perdendo” o interesse por coisas pelas quais antes tinha “um fogo danado” e resultasse numa mudança brusca em seu ritmo de vida, a tornando cada vez mais seletiva, transformações quase que “esperadas com o avanço da idade”. Neste sentido, Lins de Barros (2000) chama a atenção para o fato de que perceber-se envelhecendo não acontece num instante, é fruto de um desenrolar de eventos. Por sua vez, este seu modo de ver as coisas e seu atual estilo de vida a faz refletir sobre seu lugar em relação à rede social da qual faz parte e a sentir-se, até certo ponto, “deslocada”, não comungando dos mesmos gostos e valores. Para ela, o “meio” é muito vil. O envelhecimento também parece fazer aflorar aspectos considerados negativos de sua subjetividade que antes eram muito mais manobráveis. Marlene se considera uma pessoa muito medrosa e com a “chegada da idade” seus medos se intensificam, vem o temor do desamparo e da morte e, neste sentido, a dedicação a religião coloca-se como um caminho para apaziguar seus temores e lidar com este momento do seu ciclo de vida. Tá chegando a idade e tudo [...]. Mas eu, Graças a Deus, meu Deus, eu tive essa procura por Jesus, eu me agarrei. Ao mesmo tempo em que ao agarrar-se a Deus parece, para Marlene, que encontrou uma forma de pedir perdão pelos erros, já que ela própria diz anteriormente que já pensou em cortar o cabelo bem curto e tirar os seios, numa alusão ‘drástica’ de querer apagar alguns momentos de seu passado e quem sabe, ‘se redimir’.

Outro traço que a diferenciava muito em relação às outras interlocutoras era o fato de não ser muito vaidosa com a sua aparência. Mais “descuidada” e menos preocupada em estar bem arrumada e maquiada, o seu foco de vaidade, eram os cabelos. Estes, quando soltos, estavam sempre

alinhados ou presos por grampos enrolados em um lenço estampado. Neste sentido, cabe esclarecer ao leitor que Marlene justificava este seu cuidado com os cabelos pelo exercício da atividade artística. Como ela não faz uso de perucas, como Camille e Fujika, por exemplo, seus cabelos precisam estar sempre bem arrumados.

Também não fez intervenções cirúrgicas em seu corpo, apenas fez uso de hormônios durante alguns anos fazendo crescer os seios e arredondando um pouco o corpo. Em seu cotidiano, veste-se com muita discrição, sempre procurando passar despercebida. Até onde pude perceber, na atualidade, o estilo de vida de Marlene prima pela simplicidade e sobriedade, não faz muitos gastos com roupas e acessórios, viagens ou passeios; seus gastos voltam-se mais para os cuidados de sua saúde, sendo que seus recursos provêm basicamente da aposentadoria e de alguns shows esporádicos que faz. Mas isto não a impede de ser generosa e praticar a caridade em conformidade com os preceitos de sua vocação religiosa. Nas oportunidades em que compartilhei do seu cotidiano no bairro, pude presenciá-la em pleno desempenho desta prática ao doar dinheiro a pedintes que ficavam em esquinas das ruas nos arredores de sua casa. Minhas primeiras impressões sobre ela me levaram a vê-la como uma pessoa de temperamento tranqüilo, reservada e discreta, de fala pausada e acompanhada de gestos contidos. Com o decorrer de nossa convivência, fui confirmando minhas impressões. Sempre muito doce, atenciosa e carinhosa comigo e com as pessoas ao seu redor.

5.2.2 *Quando eu passo o batom, eu me desligo* : saberes e fazeres

Como já destacado, Marlene iniciou sua trajetória artística cantando, particularmente, um gênero de música conhecido como bolero num “estilo voz e violão”, nos porões de uma pensão na Lapa que, à noite, transformava-se em uma mescla de bar e boate. Apesar de, na época da pesquisa, não cantar mais durante suas apresentações artísticas, ela não deixou seu lado cantora por completo. Enquanto estive em Salvador, gravou dois CDs interpretando músicas das suas cantoras preferidas, tais como Dalva de Oliveira, Marlene, Carmem Costa, entre outras. Como ela mesma ressalta: “Eu gravo para mim, não para comercializar, para as minhas irmãs, para algum amigo que goste”. Marlene não é apenas cantora, mas também se dedica a compor músicas com forte apelo romântico, algumas delas foram gravadas em CD por amigos como a Ângela, por exemplo, citada anteriormente no primeiro capítulo quando esmiúço os

caminhos para montar o universo de pesquisa. Abaixo destaco uma de suas composições gravadas pela Ângela no cd Minha Estrela vai Brilhar¹⁵²:

Medalhas e Brasões

**Se eu recebesse medalhas,
Como prêmio de decepções
Não haveria lugar no meu peito,
Para tantas condecorações
Se é para me fazer feliz
Então faça direito
Só não pode é usar
Meus defeitos e me condecorar, outra vez
Mas para você meu amor
Eu arranco do peito
As condecorações que já me fez
Medalhas e brasões
Promessas e nada mais
Depois decepções sentimentais
Medalhas e Brasões**

A partir de “Mimosas até certo ponto”, Marlene, como Camille, enveredou-se pela comédia e destacou-se como comediante, consagrando-se por representar uma “mulher favelada” num formato de esquete. A composição da personagem prima por uma imagem caricata de uma mulher que vive numa favela carioca, cabelos presos em um lenço, com pouca maquiagem, dentes pintados de forma a dar uma aparência de estragados, podres, um vestido de chita, e chinelos nos pés. O monólogo que apresenta narra às vicissitudes e desgraças de uma mulher pobre, sozinha, alcoólatra e com vários filhos para criar. Marlene fala com orgulho desta personagem que, em seu ponto de vista, simboliza sua total entrega como atriz sem importar-se em estar bonita ou glamourosa no palco. Em seus ‘saberes e fazeres’ evidencia-se também a atividade como maquiadora, que articula com o sonho de conhecer e de criar vínculos com suas cantoras preferidas como Adelaide Chiozzo e Marlene, uma narrativa, mais uma vez, bem próxima a de Camille quando fala também desta última e do sonho em conhecê-la e ser sua amiga. Um dos grandes orgulhos da vida de Marlene é ter sido maquiadora e, conseqüentemente, ter criado vínculos de amizade com estas duas cantoras e atrizes nacionais.

¹⁵² Álbum produzido por Kakau Ramos.

Sabemos que, a maquiagem, em nossas sociedades, além de ser uma prática associada quase que exclusivamente ao “mundo do feminino”, é fundamental para as travestis em seus processos de transformação onde o batom destaca-se e é, simbolicamente, relacionado às idéias de sensualidade e erotismo. Maquiuar é traçar formas que escondam as comuns deformações ou pequenas falhas que um rosto pode aparentar. É dar ao ser maquiado uma forma que esconda imperfeições. Porém, é um saber-fazer que implica em leveza e destreza que exigem uma mão leve criadora de traços e compositora de rostos bonitos e feitos para a noite, para brilhar. Não nos esqueçamos de Laura e sua alusão ao seu saber-fazer como pintor em seu processo de maquiagem/pintura do rosto, definido como uma tela. Por sua vez, a maquiadora se torna, por meio de suas obras, uma referência deste suave saber-fazer “considerado extremamente feminino” em nossa sociedade, posto que exige ‘mão leve’ e um apurado e artístico senso de estética, atributos tradicionalmente relacionados a ‘feminilidade’.

5.3 Isa

Eu devo tudo a Paris

Isa nasceu em Paulo Afonso, uma cidade do Estado da Bahia. Na época da pesquisa tinha 54 anos de idade e residia no bairro da Penha, Zona Norte da cidade. É costureira e também atua no ramo artístico fazendo shows de transformismo, mas não se considera exatamente “uma artista” como as outras interlocutoras. Além disso, também trabalha na Europa fazendo shows e exercendo a prostituição. Isa tem dois irmãos homens e uma irmã mais velhos que ela. Os irmãos residem em Salvador e a irmã em Paulo Afonso. Seus pais são falecidos. O pai, que era oficial do exército e que depois de se aposentar foi proprietário de um pequeno armazém, faleceu quando Isa tinha dez anos, e a mãe, dona-de-casa, há dois anos.



Ao ser estimulada por mim, a falar sobre sua infância Isa foi taxativa: eu tenho muito poucas lembranças da infância, uma porque essas coisas de infância me traumatizam um pouco. Ela está basicamente se referindo às situações de conflito que vivenciou na infância devido a sua “tendência” para a homossexualidade e os primeiros passos para o desenvolvimento de seu projeto de travestilidade. É ainda na infância, por volta dos oito anos de idade, que Isa se refere ao uso de hormônios como será tratado a seguir no capítulo em que discuto, mais especificamente, as questões em torno do processo de transformação em travesti. Por volta dos

doze anos de idade Isa saiu de casa pela primeira vez para morar em Salvador em companhia de um homem bem mais velho:

Minha irmã casou, aí aproveitei que minha mãe foi ao casamento da minha irmã e sai, fui para a casa dele. Pronto não voltei mais. Ele trabalhava na plataforma de petróleo e eu estudava, ele tinha uma mulher que tomava conta da casa como se fosse uma governanta. Eu tinha 12, ele tinha 45. Eu ia fazer 18 anos quando ele sumiu. A gente quase não tinha relação, ele só vivia bêbado, eram 15 dias que ele vivia na terra. Ele tomava 2 litros de vodka por dia, mas não me incomodava, nem nada, o que ele queria era minha companhia. Ele só não queria que eu tivesse outra pessoa. Ele me perguntava: você tem alguém? Eu não. Imagina! Me dava tudo que eu queria, a casa era um luxo, tinha empregada, o jipe da secretaria ia me buscar, me levava no colégio e me pegava todo dia [...]

Ao procurar esclarecer as circunstâncias que se deu o episódio narrado sobre sua fuga de casa Isa me diz que não lembra muito que aconteceu, apenas que “teve muita confusão” e que sua mãe apresentou queixa na delegacia contra seu companheiro. Possivelmente um momento de sua trajetória familiar que traz à tona dramas pessoais e familiares que no âmbito dos jogos da memória (ECKERT & ROCHA, 2000d, 2005) ela escolheu esquecer. Durante os seis anos em que viveu em Salvador, Isa manteve relações muito esporádicas com sua família através, principalmente, de contatos telefônicos com sua irmã mais velha e, pouquíssimas vezes, com sua mãe. Sendo que, os contatos com a mãe, esclarece, sempre estavam envoltos em uma atmosfera de acusações (VELHO, 1999a). Neste período, procurou “seguir sua vida normalmente”. Frequentou colégios particulares e chegou a fazer por um ano o curso de administração de empresas em uma faculdade também particular.

Com o fim repentino de seu relacionamento Isa não tinha mais condições financeiras de arcar com a faculdade e teve, para seu desgosto, que abandonar os estudos. Apesar de durante o tempo em que estavam juntos, o apartamento em que viviam lhe foi doado pelo seu companheiro Isa, se sentido sozinho e sem condições de manter-se, volta a viver com sua família nuclear. Ao voltar a viver com sua família, vê-se novamente com sua “vida vigiada”, seus namoros, suas amigas, seu modo de ser, nada

escapava ao rígido controle familiar. Toma então uma importante decisão em sua vida: ir para o Rio em busca de sua liberdade e independência.

Quando eu cheguei no Rio parecia que eu estava saindo de dentro de uma gaiola, tá entendendo? Quando eu cheguei aqui, vi a liberdade, as bichas na rua todas vestidas de saia, vestido e ninguém dizia nada. Ai eu achei aquilo o máximo. E lá em cima eu não podia fazer por causa da mamãe, estudava também tinha colégio isso tudo, então não podia ir para faculdade de coisa.

Ao migrar para o Rio, Isa se vê ante um campo de possibilidades para desenvolver seus projetos de vida e para viver sua vida da forma como sempre sonhou, pois, apesar de ter saído de casa ainda na adolescência para morar com um homem bem mais velho que ela, mesmo nesta época e depois quando voltou para casa, algumas de suas aspirações, como “andar vestido de mulher”, que, sob seu ponto de vista resultaria em “muita afronta” a moral familiar, não eram levadas adiante. Sua viagem para outra cidade, não qualquer cidade, aquela conhecida por ser maravilhosa, moderna, cosmopolita, hedonista, fruto de uma decisão voluntária, enfatiza, novamente, como observa Velho, a existência do indivíduo como sujeito moral que se destaca para fazer a sua vida (VELHO, 1999a, p. 48).

Guimarães (2004) em seu trabalho com uma rede social de sujeitos homossexuais de origem mineira que migraram para o Rio de Janeiro na mesma década em que Isa chegava à cidade, verificou que a situação de descoberta da identidade homossexual em suas cidades e universo social de origem era fundamental para a decisão de mudar-se para o Rio de Janeiro, mas não para qualquer lugar da cidade, o objetivo eram os bairros da Zona Sul carioca, principalmente Copacabana. A cidade veiculada à Zona Sul era vista, pelos indivíduos estudados por Guimarães, como um “mundo civilizado, educado e culto” em contraste com suas cidades de origem. Green (2000) por sua vez, observa que, o cosmopolitismo e a modernidade do Rio de Janeiro, já em fins da década de 20, atraíam jovens homossexuais migrantes de outras cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, Isa, finalmente, pôde transformar uma “curiosidade” de adolescente em um projeto. Refiro-me ao exercício da costura como atividade profissional: “Quando eu cheguei ao Rio que eu comecei a costurar. Meu primeiro trabalho com costura, foi numa boutique no Centro. Eu cheguei, uma pessoa me apresentou a dona da boutique, era uma moça da Paraíba e ela falou: faça aqui uma pressão, ai me deu uma jaqueta, ai eu passei na máquina de

pressão, ela gostou. No mesmo dia eu fiquei. E fiquei trabalhando com ela um monte de tempo”.

Concomitante ao seu trabalho como costureira, Isa faz seu *debut* nos palcos. Foi estimulada por Marlene, a fazer o teste para o elenco da peça, *O Mundo é das Bonecas*, sendo aprovada logo em sua primeira tentativa. Fazer parte do elenco do espetáculo propiciou a Isa tomar parte da ‘rede de travestis-artistas’ da época, bem como de uma rotina intensa de shows em teatros e cabarés do centro da cidade.

Como a maior parte das interlocutoras, seu cotidiano se dividia entre o trabalho na boutique de dia e o corre e corre entre teatro, cabarés e boates à noite. No entanto, esta rotina para lá de ativa, começava a repercutir de forma negativa em seu relacionamento amoroso. Neste período, Isa vivia com um imigrante português que trabalhava num escritório na Cinelândia, a quem conheceu enquanto se apresentava no Cabaré Cowboy na Praça Mauá, e, devido aos sucessivos conflitos amorosos por causa de sua “falta de tempo” e seu entusiasmo pelo “mundo dos shows”, Isa resolveu abandonar o trabalho na boutique, apesar dos apelos de sua patroa que lhe aconselhava: “Não vai fazer teatro. Mesmo que você faça teatro, você fica trabalhando, fica com seu trabalho. Mas eu não queria nada porque eu achava tudo uma festa”.

Por volta de 1984, Isa, encorajada por sua amiga Zezé (que já mencionei no primeiro capítulo como uma das antigas interlocutoras do mestrado), que vivia em Paris, e muito decepcionada com seu relacionamento amoroso, nesta época morava no centro da cidade com um oficial da marinha e estava insatisfeita com a “vida que levava”, começa a planejar sua ida à Europa. Para isso, vende todos os seus móveis, reúne uma soma de dinheiro suficiente para fazer seu passaporte, comprar seu bilhete e manter-se por um tempo em Paris, onde foi recebida e acolhida por Zezé. Isa passou quase seis anos na Europa, principalmente entre a França e a Suíça, às vezes vinha para o Brasil para descansar e passava temporadas na casa de uma amiga travesti no bairro da Penha.

Em um desses retornos ao Brasil, Isa decidiu comprar um apartamento neste bairro aproveitando o fato que sua amiga poderia cuidar de sua casa enquanto estivesse na Europa. É neste apartamento que Isa reside até hoje. São quase vinte anos morando no bairro da Penha. Até o momento do trabalho de campo Isa mantinha suas atividades na Europa, só que, nos últimos dez anos, nas idas e vindas entre Rio de Janeiro, França e Suíça passava oito meses trabalhando no exterior e quatro meses “descansando” em sua casa na Penha. Ao longo desses anos morando na Europa, Isa teve alguns “amigos”, referindo-se aos homens com os quais manteve relacionamentos afetivo-sexuais, sem compartilhar o mesmo

“teto”. Foi também durante sua primeira estada na França que fez algumas modificações em seu corpo e colocou próteses de silicone nos seios, além de “pequenas correções” cirúrgicas no rosto, especialmente no nariz e no pomo de adão. Enquanto me mostra algumas de suas fotos antigas me conta um pouco de suas experiências profissionais e do seu estilo de vida no estrangeiro:



Os cabarés da Suíça ou da Europa em geral a gente tem que fazer *hotess*, agora só se você for como atração ai é diferente você acaba com o seu show e vai embora. Agora se você for contratada para espetáculos, todas fazem espetáculos, mas tem cabaré que você tem que fazer champanhe tem que consumir champanhe. Foi ai que eu fiquei conhecida pela bebedeira. Eu trabalhei na França inteira, na

maioria das cidades que eu trabalhava tinha cassino, então, eu era contratada como atração. Cassino tem mais atração, é o homem que engole espada, é a mulher que vira onça, é o curinga que aparece dentro da cartola é tudo isso, e eu era atração. Eu fazia número de um macaco que vinha dentro de um carro de frutas como Watusi fazia no Molin Rouge? E os bailarinos vinham carregando o carro e eu saia de dentro daquelas frutas, fazia um número meio tropical, mas não com música brasileira.[...] A França eu conheço quase como a palma da minha mão. Mas a cidade em que eu mais ganhei dinheiro na França foi Dijon. Dijon minha filha, eu ganhava 4 mil francos por dia e gastava tudo, com roupa, com tudo, com viagem. Eu me dava ao luxo de alugar chalé na Cotê d’Azur por cinco mil francos a semana! Chalé, 5 mil francos por semana, eu alugava. Em Lion eu ganhei um dinheiro fabuloso. As cidades preferidas para mim: Dijon. Fiz dois cabarés. Lion, trabalhei em um cabaré..., Continental. Era do hotel, só ia cliente do hotel, o cabaré era embaixo do hotel então, quer dizer, de noite só vinha os clientes do hotel todos os dias. Trabalhei em

Marseille em dois cabarés e o outro na beira do cais do porto. Paris eu fazia Galax, Paris eu fiz o que? Che Martyr, todas fizeram, para passar em Paris tem que passar por lá. Lindo como a Torre Eiffel. Eu adoro a França. Adoro a França, adoro a França, o dia que eu tiver meio louca da cabeça eu vendo isso aqui e vou embora para lá!

É sem constrangimentos que Isa, em seu depoimento, revela que seu trabalho na Europa volta-se basicamente para o exercício da prostituição, quando observa, por exemplo, o fato de ter que fazer champanhe em determinados cabarés. Em sua fala também está imbuído um propósito de desmitificar, em parte, o trabalho delas. O trabalho na Europa está articulado à constituição de uma imagem de “estrela” perpetuado entre aquelas de sua geração que também foram para o exterior. Ao desmistificar, por um lado, o tipo de atividade que é feita no estrangeiro pretende-se desmistificar a imagem de estrela e a de diva. Mas isto não quer dizer uma desmistificação da Europa e do prestígio e ascensão social (VELHO, 1998, 2002b) que o trabalho e a vida no estrangeiro podem proporcionar.

Como assinalai, o fato é que as viagens e o trabalho na Europa garantiam e garantem um status perante o grupo mais amplo. Esta prática vem atravessando os anos tornando-se, para muitas travestis um projeto de vida (SILVA, 1993; KULICK, 2008). Um status acompanhado de um estilo de vida que, dificilmente, teriam no Brasil, como por exemplo, o desfrutar de férias em um chalé na Riviera Francesa, uma região da França associada à riqueza, ao glamour e ao luxo. Além da possibilidade de garantir certa estabilidade financeira, segundo Isa foi através de seu trabalho na Europa que pôde adquirir o apartamento onde mora e “fazer uma pequena poupança”. Ao mesmo tempo, através de seu relato, é possível verificar o quanto suas performances estão, em grande parte, vinculadas ao exotismo sendo vistas como “atrações” bem num estilo circense.

Ao contrário de Fujika que fala da Europa com nostalgia e uma ponta de arrependimento por ter retornado ao Brasil, Isa vislumbra a possibilidade de viver em definitivo na França. Para ela, a Europa faz parte do seu presente e é pensado como futuro, não que isto seja percebido como uma decisão simples e fácil de tomar, afinal precisaria estar “meio louca” para ir embora e fixar-se no país. Durante o trabalho de campo, Isa estava justamente nestes momentos de descanso no Brasil, raras vezes apresentava-se em shows na Turma Ok. Preparava-se para voltar a Paris, onde mantém um pequeno apartamento alugado. Nos últimos anos, tem se dedicado mais ao trabalho da prostituição através de anúncios publicados

em revistas especializadas.

5.3.1 *Eu gosto de ficar na minha: estilo de vida e visão de mundo*

Quando está no Rio de Janeiro, Isa mora em um edifício de quatro andares, de fachada simples. Logo na entrada tem um grande portão de ferro que dá acesso a um espaço de uns 40 metros quadrados com vasos de plantas, cadeiras, que parece ter uma função de área de lazer, ao mesmo tempo em que serve como corredor para se chegar até os apartamentos do primeiro andar e às escadas que dão acesso aos outros andares. Seu apartamento é no primeiro andar. Seu acesso pode ser feito por apenas uma porta que dá para um pequeno corredor que liga o quarto, a sala ao banheiro, a cozinha e a área de serviço. Logo na entrada, na parede em frente à porta, nos deparamos com um console; um móvel que combina um espelho numa moldura em madeira com gavetas embaixo, com bibelôs e um vaso de plantas como decoração. Assim que entramos, Isa faz questão de mostrar-me as dependências da casa enquanto vai me falando das reformas que fez para colocá-lo de acordo com “seu gosto”. Primeiro fomos até a cozinha, que serve também de local de trabalho, no fundo do cômodo estão dispostas sua máquina de costura e uma mesa. Neste mesmo local, uma porta, que antes dava acesso a uma espécie de quintal, e que, após a reforma, transformou numa área de serviço, com um pequeno tanque e máquina de lavar e alguns vasos de plantas.

Seguimos para a sala. Nas paredes, algumas fotografias suas em poses, umas de rosto, outras de corpo inteiro; do lado direito, um sofá de três lugares com almofadas revestidas com tecido que imita pele de onça, do lado esquerdo uma grande estante onde estão localizados a TV, o aparelho de DVD, de som, CDs, e vários objetos decorativos, objetos de cerâmica imitando bichos, a Torre Eiffel em miniatura, e pequenos vasos de plantas. Em ambos os lados da estante, pequenas mesas decoradas também com bibelôs e porta-retratos com fotografias suas, sendo que em uma dessas mesas, mais próxima ao corredor de entrada, está o telefone. Do outro lado do sofá, encontra-se um armário de fórmica de cor vinho enfeitado com bonecas dançarinas de flamenco e porta-retratos com fotografias suas. Em cima, na parede, uma grande foto sua em traje de gala. Em frente ao sofá, num canto da sala que dá para uma janela decorada com uma cortina vermelha, um divã vermelho decorado com almofadas revestidas de tecido que imita pele de zebra. No centro da sala, uma mesa retangular de madeira com vaso decorado com flores artificiais.

O quarto, bem espaçoso, dá para o quintal e a entrada do prédio, se compõe por uma cama de casal, um grande armário, uma cômoda e um

espelho. A cama estava coberta com uma colcha e almofadas revestidas com tecido de pele de zebra. Em cima, na parede, estão dispostas em molduras alguns marcos da cidade parisiense: a Torre Eiffel, o Arco do Triunfo e o cabaré Moulin Rouge. O banheiro é todo revestido com azulejos de cor marrom e decorado, logo na entrada, com armário com espelho; logo abaixo do espelho, uma pequena estante de vidro com cremes para rosto e corpo e perfumes comprados em Paris, um vaso de planta e uma estátua de gesso em dourado, uma escultura da Vênus de Milu. Ao entrar em seu apartamento, o visitante se dá conta que Isa viajou por vários países da Europa, muitos são os objetos símbolos destes países que são utilizados como decoração.

A Isa estabelece muitas diferenças entre seu estilo de vida quando está no Brasil e quando está na Europa, a própria menção ao fato de que vem ao Brasil para “descansar”¹⁵³, já marca uma diferença em seus modos de vida. Se em seus primeiros anos no estrangeiro dividia seu tempo entre o trabalho nos cabarés e seus passeios e viagens por Paris e outras cidades européias, nos últimos anos, tem se dedicado mais ao trabalho (principalmente quando sua mãe esteve doente e foi a responsável pelas despesas com hospitais e remédios) e nas horas de folga participar de reuniões ou eventos promovidos pela sua rede de sociabilidade. Sempre que pode vai assistir aos espetáculos oferecidos pelos cabarés, Lido e Molin Rouge. Quando está na Europa também se mostra mais preocupada com sua indumentária e estilo de sua aparência. Destaco um depoimento de Isa que é bastante sugestivo:

Lá você é respeitada pelo que você é. Eles dão muito valor à aparência; às vezes, eu entro num lugar chiquérrimo com 50, 100 euros na bolsa, se eu fosse requequem, eles não deixavam nem eu chegar. Um restaurante chique daquele de domingo de tarde, eu tomava um chá, com vinte euros na bolsa, lugares chiquíssimos no Champs Élysées, eles contam muito a aparência. E como eu estava sempre bem vestida, eu entrava em tudo quanto é lugar. Nesses tempos de inverno eu botava meu casaco de Vison¹⁵⁴ entrava, passava tranqüila.

¹⁵³ Teixeira (2008) em sua pesquisa sobre a imigração de travestis residentes em Belo Horizonte para a Itália, também verificou em seus discursos, esta idéia de descanso quando retornam ao Brasil por temporadas que variam bastante com relação ao tempo de estadia.

¹⁵⁴ O casaco de pele é uma peça com valor simbólico muito grande neste universo, está associado com o glamour, luxo, riqueza e poder. Fato este percebido por vários dos autores que trabalham com este universo como, por exemplo, Pelúcio (2009), Benedetti (2005) e Kulick (2008).

Isa fala da possibilidade de experimentar um estilo de vida mais sofisticado, glamoroso e com mais liberdade de ir e vir, mesmo sendo uma travesti. Afinal, de acordo com seu ponto de vista, “na Europa” as pessoas são mais civilizadas e menos preconceituosas do que no Brasil, numa posição bastante semelhante à de Fujika como o leitor pôde perceber. Encantamento pelas cidades européias pelas quais passaram, mas principalmente com os costumes e comportamentos europeus. Assim, ao falar sobre seu cotidiano, seja quando está trabalhando em cidades da Suíça ou em Paris, em nenhum momento fez observações em relação a ter experimentado constrangimentos sociais, com exceção de um episódio vivenciado alguns anos atrás quando estava viajando para a Suécia em companhia de um amigo de nacionalidade francesa que a “salvou” de uma situação difícil: “No aeroporto eles me tiraram da fila, mas aí eu tava com dinheiro e como tava com meu amigo, esse Francês. Ele disse: não, é minha noiva, e eles não entenderam nada, eles tiveram uma crise no aeroporto. É minha noiva e eu sou responsável por ela, ela está comigo e vai entrar comigo”.

O fato é que o discurso de Isa e de Fujika a respeito de seus modos de vida na Europa, no qual sobressai um cotidiano “maravilhoso” em que são tratadas como “mademoiselle” até mesmo pela polícia, são falas recorrentes sobre o viver e trabalhar na Europa das “travestis das antigas” e que vem sendo tecido desde as pioneiras e que, por sua vez, contrasta, em parte com as narrativas de viagens e trabalhos na Europa das travestis de gerações posteriores, como será possível perceber através da trajetória de Paola no decorrer do capítulo. Já quando passa suas longas temporadas no Rio de Janeiro, seu modo de vida prima mais pela simplicidade e uma sociabilidade mais restrita à esfera do lar e à vizinhança. Em nossas entrevistas, ela falou um pouco de sua rotina diária:

De manhã eu levanto, faço 10 minutos de ginástica para não deixar a peteca cair! Depois, tomo um banho morno, nunca frio, e fico horas embaixo do chuveiro que eu adoro. Tomo meu café e faço uma massagem na cara toda, no corpo inteiro; uso um creme maravilhoso para manter a aparência e depois pronto! Às vezes, o telefone começa a chamar, às vezes é a minha irmã que me chama; aí eu pego minha agenda e vou ligar para alguém, às vezes chega alguém para costurar, chega uma para fazer alguma coisa, às vezes eu vou para a rua comprar qualquer coisa, e o dia passa.

Uma das preocupações de Isa é com sua qualidade de vida, ou seja, com sua saúde, bem estar e aparência física. Para isso, além da rotina diária de ginástica, ela também faz caminhadas num parque próximo a sua casa, consulta médicos e se submete a exames com regularidade, procura alimentar-se com verduras, legumes e pouca carne, uma receita que, para ela, é sinônimo de comida saudável, inclusive não come à noite porque não faz bem. Isa se orgulha de “não parecer à idade que tem” e de ter um corpo saudável e de boa aparência o que, por sua vez, a aproxima dos padrões de saúde e beleza valorizados pelas camadas médias urbanas (GOLDENBERG, 2002; ALVES, 2006). No entanto, não podemos esquecer que Isa tem também como referência os padrões sociais europeus, principalmente os da sociedade francesa¹⁵⁵. Se quando está no Rio veste-se em seu cotidiano com menos glamour e sofisticação - deixando esta composição para “roupa de show” - procura aliar simplicidade com elegância. O seu depoimento retrata um cotidiano bastante regular e sem muitos “atrativos”. A própria Isa, em outros momentos, reforça esta idéia quando ressalta que prefere ficar “na sua”. Uma de suas justificativas para o ritmo menos intenso de sua vida social para além da vinculação com o descanso está no fato de preferir estar mais afastada do “meio”. Diz não gostar de participar de festas e/ou outros eventos promovidos pelo “meio travesti”, preferindo ficar mais em sua casa envolvida em algum trabalho de costura, assistindo programas de televisão, ou filmes de aventura e ação que aluga numa vídeo-locadora do bairro. Também cultiva o hábito de escutar música de algumas de suas cantoras preferidas como Edith Piaf, Shirley Bassey, ‘o hino nacional dos viados’ como fez questão de pontuar, Celine Dion, Glória Estefano. Considera que tem um gosto eclético para a música, mas, no entanto, prefere à internacional.

Em alguns momentos de reflexão sobre sua vida Isa fazia críticas relacionados à sua maneira de agir. Em sua percepção, poderia, atualmente, estar desfrutando de uma vida muito mais cômoda e confortável: “Se eu tivesse “cabeça” hoje eu tinha cinco, seis, apartamentos”. Não é a primeira vez que nos deparamos com este tipo de avaliação entre aquelas interlocutoras que trabalharam em países europeus. Fujika também compartilha deste mesmo pensamento. Ambas acreditam que poderiam estar em melhores condições de vida se tivessem sido mais racionais com seus gastos, administrado corretamente o dinheiro ganho na Europa, priorizando o futuro e sendo menos “hedonistas”. Por sua vez, durante

¹⁵⁵ Peixoto, em sua pesquisa sobre a sociabilidade de velhos parisienses e cariocas, discorre sobre algumas características da cultura e do estilo de vida parisiense. Destaca, por exemplo, o estilo clássico e elegante da moda feminina no cotidiano (PEIXOTO, 2000a, p. 32).

minha pesquisa de mestrado escutei algumas interlocutoras utilizarem a expressão “cabeça¹⁵⁶” ou “ter cabeça”, entendida como lócus do pensamento, das emoções, dos comportamentos e do “controle de si”, como um dos requisitos fundamentais para um encontro digno com a velhice; e estavam atreladas a esta avaliação justamente questões de ordem de relações intergeracionais, pois, neste discurso, também estava imbuída uma crítica ao modo de vida das mais jovens, como já assinalado em minha dissertação de mestrado:

Assim, segundo sua percepção, para se ter tranquilidade e estabilidade na velhice, considerando que sua iminência, aqui vista como uma ameaça pode trazer inúmeras dificuldades, se faz necessário um investimento no futuro, ou seja, estudar, ter uma profissão, algo que garanta o sustento, e “ter cabeça” (uma expressão recorrente entre algumas das minhas informantes e entre algumas das travestis com quem pude ter contato durante o trabalho de campo), ou seja, se cuidar, levar a vida de forma mais regrada, evitando, principalmente, ser alvo de doenças como a AIDS e tornar-se dependente de drogas químicas. (p.85)

Se Isa utiliza esta expressão mais voltada ao fato de não ter sido capaz de administrar suas economias com mais eficiência, no sentido de poder desfrutar de uma situação financeira melhor, em termos gerais, ao lançar mão de tais noções assinala sua familiaridade com o universo psi, prática típica de indivíduos pertencentes às camadas médias urbanas (VELHO, 1999a) e procura dar conta de uma dimensão psicológica do sujeito considerado responsável por suas ações, por suas conquistas e seus fracassos, demarcando uma forte tônica individualista. Por sua vez, se em suas avaliações sobre si mesma, considera que, para algumas dimensões de sua vida não teve “cabeça” voltou suas preocupações para outras, um fragmento do meu diário de campo pode ser ilustrativo:

Isa vai até o quarto para buscar os últimos exames que fez de HIV, próstata, colesterol, estômago, tiróide e glicose. Orgulhosa por estar bem de saúde e, principalmente, por ter a preocupação em cuidar de

¹⁵⁶ Benedetti (2005) em seu trabalho também discute sobre a noção de cabeça e de estrutura encontradas entre as travestis que estudou.

sua saúde, coisa que segundo ela, as outras não fazem. Ela se cuida. Me mostra então sua bolsinha de trabalho, uma espécie de nécessaire cor de vinho em que guarda preservativos e chilocaina. Faz questão de frisar que esta bolsa é inseparável [...]

Diário de campo, 27/11/07.

Apesar de seus 54 anos, Isa ainda mantém suas diferentes atividades na Europa, dedicando-se mais ao trabalho como profissional do sexo atendendo clientes em seu apartamento. Digo “apesar” porque é muito comum, neste universo, observações que vêm no avanço da idade um obstáculo para continuar no mercado de trabalho, pelo menos no que concerne ao universo da prostituição (SILVA, 1993; KULICK, 2008). Por outro lado, um dado interessante com relação ao trabalho no estrangeiro, mais especificamente na Europa, é justamente a idéia de que para trabalhar na Europa não tem problema “se é mais velha”. Pude ouvir tal informação por parte não apenas de Isa, mas também de Mariza da Lapa, com seus 60 anos, a travesti que contatei no início do campo, como já mencionado ao leitor, e até mesmo de Raquel uma vez, apesar de nunca ter ido a Europa. De todos os modos, o fato de Isa estar ainda “na ativa” está muito relacionado à sua boa aparência física, ao fato de “ainda estar bem”, ou seja, não aparentar a velhice. Eu estou envelhecendo muito bem graças a Deus, as bichas que eu já vi [...]. O que mais teme quando fala sobre envelhecimento é a solidão. Também em seu ponto de vista, o confronto com a velhice é o confronto com a morte e “morrer sozinha” é o que parece assustá-la mais. Isa volta e meia transparecia certo cansaço com a “vida que levava”, demonstrava interesse em parar de trabalhar como profissional do sexo e/ou de fazer champanhe e dedicar-se a um dos seus saberes preferidos: a costura.

5.3.2 Eu sou conhecida pelo meu visual: saberes e fazeres

Apesar do trabalho como artista ser um aspecto de sua trajetória social, Isa, ao contrário das outras interlocutoras, com muitas das quais inclusive dividiu os palcos dos teatros e cabarés cariocas, como Marlene, Fujika e Laura, por exemplo, não se define como “uma artista”, considerando que não tem “muito talento”, obviamente em comparação com as outras. Ela afirmou, numa de nossas últimas entrevistas, que sabia que era muito requisitada para fazer shows quando estava no Brasil devido mais à beleza e ao luxo de suas roupas e acessórios do que pela qualidade de suas performances artísticas. Leroi-



Gourham (s/d *apud* Benedetti, 2005, p.72) já assinalou a eficácia simbólica do vestuário e do adorno no que concerne à comunicação e ao reconhecimento social. Simmel (1999), por sua vez, também sublinhou a importância da moda como sinal distintivo de classes. Portanto, neste universo, como bem assinala Benedetti (2005) “as vestimentas e os adornos são peças importantes, pois tem a função de comunicar ao grupo as características e os atributos da pessoa que os usa” (*Ibid.*, p.72). No âmbito do “mundo dos shows e espetáculos” isto parece ser ainda mais expressivo. Já salientei, quando abordei a trajetória de Camille, a sua elegância e sofisticação ao vestir-se e o quanto isto a diferencia de sua rede e do grupo mais amplo. Contudo, sua indumentária não é tida como um aspecto que se sobrepõe ao seu talento como artista, como sugere Isa em suas avaliações sobre suas performances. Por sua vez, quando Isa fala em termos de “visual” - apesar de não mencionar diretamente - ela não se refere apenas à exuberância e à originalidade de seus vestidos, sapatos e jóias (que ostentam marcas francesas e italianas), mas também por demonstrar uma ótima forma aos 54 anos de idade. O fato de ter um “corpo bom”, magro e bem torneado é motivo tanto para comentários elogiosos como para comentários invejosos. Faz-se necessário pontuar que seus saberes como costureira, em grande parte, são fundamentais para o sucesso de seu “visual”. Afinal, muitos dos seus vestidos, como aquele que ela está vestida na primeira fotografia exposta, são confeccionados por ela. Além disso, quando ela não os confecciona, ela utiliza toda a sua criatividade para realçar antigos vestidos com apliques, bordados, plumas, *boas* entre outros elementos.

Gilbert Durand, num determinado trecho do livro *A fé do sapateiro* destaca que: “Toda a arte do sapateiro consiste em unir com pregos, ou fios, a sola que caminha sobre a terra” (1995, p. 14). Assim, como o sapateiro une com pregos ou fios ao couro que transformará em calçado para os caminhantes, o/a costureiro/a une com alfinetes e linhas o tecido que, inicialmente, caseia para dar forma para, a seguir, transformar em roupa para brilhar na noite. E o resultado é, como pude presenciar, sem dúvida, *um arraso*. Já suas performances artísticas são marcadas, basicamente, pelas dublagens de cantoras e cantores internacionais:

Eu fazia muito jazz, fazia um cantor que se chama Milda Fernandez, um cantor espanhol que faz uma música deslumbrante. “Um convite ao carnaval de Veneza”, eu fiz uma roupa divina para isso! Essa roupa eu não sei que fim eu dei. E tem Body Taylor, que eu adoro, tem um número que eu também faço dela. Tem Jeana Nonina, aquela cantora italiana que eu adoro. Ela, eu conheci pessoalmente lá em Lugano, ela deu um concerto no meio da rua. Tem a Deva uma cantora preta que eu gosto também, Vivian Ri tem um número que eu faço dela, a Diana Ross tinha um número que eu também fazia dela, mas ai, eu desisti porque de Diana Ross eu só tinha a roupa mesmo, porque não tinha nada a ver, ai eu parei de fazer.

Mas, além do “visual”, outro saber destacado por Isa é o sucesso ao *fazer champanhe* na Europa:

Os clubes que eu pegava a maioria era só para [...]. Ai eu fazia chantagem, você prefere o quê espetáculo ou champanhe? Os donos de clube querem champanhe, eles querem é lucro. Ah não precisa fazer espetáculo não! Então você me paga meu cachê normal, como se eu estivesse fazendo espetáculo e eu fico no bar, porque fazia mais champanhe que todo mundo junta; então eles preferiam. Então eu fiquei conhecida lá fora por isso, pela champanhe. E depois, ai uniu o útil ao agradável, a champanhe e o espetáculo, a roupa com o champanhe.

Novamente, com uma franqueza peculiar ao falar sobre suas atividades na Europa, Isa admite, sem rodeios ou constrangimentos, que também atuou como profissional do sexo e que ainda hoje faz programas com os clientes que freqüentam os cabarés e/ou boates. Mostrou-me algumas revistas européias em que aparecia em fotos com poses sensuais. Ter ou não exercido a prostituição durante a temporada européia parece ser um “tabu” entre elas. Refiro-me, principalmente, às interlocutoras com as quais tive contato em termos de mestrado e doutorado. Dificilmente as “travestis artistas” que vão para a Europa vinculam seus trabalhos nos cabarés com a prática da prostituição. Por exemplo, Isa foi muito amiga de Zezé, já mencionada, que em seus relatos sobre suas viagens e estadas na Europa sempre negou, ante meu questionamento, ter exercido a

prostituição. No entanto, Isa, ao falar sobre suas atividades em lugares como Paris, por exemplo, mencionou ter trabalhado junto com ela fazendo programas. Portanto, é mais comum tomar conhecimento da prática desta atividade em roda de amigos íntimos.

5.4 Sarita

Eu sou como um pássaro que voa; só regresso quando tenho vontade

Sarita é natural do Rio de Janeiro, nasceu no Grajaú, bairro da Zona Norte da cidade. Na época do trabalho de campo tinha 63 anos e morava com seu pai e uma empregada da família em Copacabana. Sarita também é artista profissional e maquiador. Atualmente ela é aposentada como autônoma e administra os negócios do pai. Como ela mesma sublinha, advém de uma família de berço, fazendo referência ao seu passado familiar ‘aristocrático’. Seu universo familiar é composto por indivíduos pertencentes às camadas médias altas e aos setores de elite. O pai de Sarita é contador aposentado pelo Tribunal de Contas do Estado, segundo ela uma pessoa pacata e que sempre “teve adoração pelo filho caçula, que sou eu e que leva o nome dele”. Já a mãe – falecida fazia dois anos na época da pesquisa - além de uma “excelente” dona de casa, era costureira; chegou, inclusive, a ser proprietária de uma pequena confecção de roupas para casamento. Sua especialidade eram os vestidos de noiva. Mas também “uma mulher muito astuciosa e com muita picardia”, mas “muito severa”, como Sarita costumava dizer.



Tem um irmão mais velho, médico, proprietário de uma clínica no bairro da Tijuca, Zona Norte da cidade, bairro também de sua moradia. Ao ser provocada a falar sobre sua infância Sarita inicia sua narrativa da seguinte forma:

Eu tive uma infância muito boa porque nasci em berço muito bom. Tive oportunidade de estudar em bons colégios, eu sou carioca, nasci no Grajaú na Rua Oliveira Lima, num bairro muito bom na época. O Rio tem, quer dizer, suas mudanças, transformações. Mas o Rio de Janeiro e a Tijuca era bairro nobre, era considerado. Hoje tem a Barra da

Tijuca que eu não vejo nada de mais, aqueles edifícios, os arranha céus, mas não como Grajaú que tinha casas monumentais com quintal maravilhoso, com tudo dentro do quintal. Você tinha frutas, papai plantava essas coisas, que ele gostava manga, macieira, goiabeira, amora, muito galinha, muito pato, tinha de tudo no quintal. Eu tenho uma foto com os patinhos andando na minha casa na frente, no lago, eu ficava danado porque tinha peixes e os patos iam lá e comiam os peixes do lago e eu ficava possesso!

Em suas recordações da infância misturam-se as alusivas ao seu antigo bairro e de sua cidade como se estes, a exemplo de sua infância, também fossem marcados por um passado de berço que em muito contrasta com o seu presente, visto que os bairros onde cresceu mudaram suas feições e status. É também através de suas lembranças da infância que Sarita ‘legítima’ a construção de sua subjetividade como travesti a partir de seu talento artístico:

Eu nasci, porque aos cinco anos eu pegava meu shortinho para brincar de teatro, eu arregaçava como biquíni, colocava uma folha de coqueiro, uma do lado, outra do outro, enfiada na blusinha virada para cima para dizer que era o adereço da cabeça, e vinha cantando música de carnaval fazendo vedete. Já tinha essas coisas na cabeça! Mamãe não percebia, achava que aquilo era brincadeira de criança porque via os filmes na televisão, Oscarito e Grande Otelo. Meu sonho sempre foi ser artista porque eu via uma cortina subir e descer. Mas eu nunca quis ser artista homem. Eu sempre me via na posição feminina. Tanto é que todos os filmes antigos que eu via, os musicais, eu saía cantando como as cantoras daquela época.

Durante toda a infância e a adolescência estudou em colégios particulares de classe média alta e terminou o ginásio no colégio São José, no Alto da Boa Vista, Zona Norte da cidade, em sistema de internato; “colégio rigorosíssimo, um luxo total, eu dormia ao lado do Príncipe Carlos Orleans de Bragança”. Mas, no entanto, os anos que passou no São José são lembrados com tristeza e certa amargura, interpretado como um “tempo difícil” em sua vida, de conflitos com alguns colegas, com um dos mestres

que a perseguia por já perceber que era homossexual. E, principalmente, conflitos no seio familiar relacionados também á sua sexualidade que, desde já, começou a ser marcada pelo *estigma* (GOFFMAN, 1975).

São também em suas memórias da adolescência que Sarita reconstrói determinadas experiências urbanas estreitamente vinculadas à vivência de sua sexualidade. Seus pais foram morar no bairro da Tijuca, seu irmão mais velho já estava casado e morava na antiga casa do Grajaú, e Sarita, com seus amigos da escola, passou a freqüentar a principal praça do bairro, a Praça Saens Pena, bem como a aventurar-se em outros itinerários: “A Praça Saens Pena era o auge! Foi aonde eu comecei a ver [...]. Ali eu comecei a ter amigos de escola. Aí naquelas amizades de escola, que já levava também para a Cinelândia [...]”. Algumas vezes, para “escapar” da vigilância familiar, a tática utilizada eram as idas aos cinemas existentes em ambas as praças, na época, para ver as “fitas” brasileiras e hollywoodianas. Estes itinerários, ao longo de sua adolescência, são revividos por Sarita como propícios para o “*affair*, muito *affair*” e para fazer novas amizades com outras “monas¹⁵⁷”, um desejo de *estar junto* (MAFFESOLI, 1987). São itinerários recordados como quadros de suas lembranças da cidade (LINS DE BARROS, 1997) nesta fase de sua vida¹⁵⁸. Já no início de sua juventude, Sarita dá os primeiros passos em sua carreira artística participando de concursos de calouros como cantor:

Cantava no canal 9 como homem, foi assim que eu comecei. Aí, sucesso absoluto, tava ganhando o programa e a Rogéria já tava cantando de travesti e eu tava de garoto, mas eu já fazia meu travesti nos bailes de carnaval. Mas meu caso e a mamãe querendo que eu fosse cantor [...]. E eu não era aquilo que eu queria. Quando vi *Les Girls*: procura-se garotos com tendências femininas para se apresentar em tal lugar assim, assim, eu fiquei louca. Eu queria porque queria ficar vestido de mulher e ficar como elas saindo na revista como elas estavam, eu não queria ser homem. Aí eu vim cantar no Balalaika como imitador do belo sexo. Cantando de smoking num belo dia [...]. Foi daí que começou tudo. Depois eu fiz *Les Girls* em 63 no Teatro Independente. Aí não teve mais jeito, não me seguraram mais. Eu botei a saia e a saia ficou.

¹⁵⁷ Expressão muito utilizada como forma de referência entre elas.

¹⁵⁸ Estas questões serão retomadas no último capítulo da tese.

A escolha em seguir a carreira artística “fazendo travesti” não foi fácil e sua decisão a levou a experimentar um verdadeiro drama familiar, “era escândalo atrás de escândalo, minha mãe sonhava em ver seu caçula diplomata”, recorda Sarita. Em suas memórias, é com a mãe representando a moral familiar que Sarita se esforçava em negociar os modos de viver sua vida. Assim, procurava, paralelo ao início de suas atividades artísticas, realizar alguns projetos familiares. Deste modo, cursou uma escola técnica em contabilidade por insistência da mãe e através da rede social dos pais conseguiu uma vaga como contador numa companhia de seguros com sede no Centro da cidade onde cumpriu suas atividades por um período de três anos até que saiu definitivamente da empresa para atuar em *Very, Very sexy*, um espetáculo de revista realizado no antigo Teatro Dulcina, também no Centro. No ano seguinte, integra o elenco de uma nova montagem de *Les Girls* e viaja com a peça para São Paulo. Esta viagem possibilita a Sarita traçar novos rumos para a sua vida. Devido ao seu sucesso como travesti e cantora, recebe um convite para ser uma das atrações principais de uma boate conhecida na Zona Portuária da cidade de Santos. O tempo que trabalhou em Santos é recordado como um dos melhores momentos de sua vida; são lembranças de um tempo em que dividiu o palco com celebridades nacionais como Ângela Maria, Cauby Peixoto, Isaurinha Garcia, entre outros nomes.

Eu trabalhei muito minha filha, eu trabalhei em lugares, eu fico brincando com a minha bá, contando as coisas de tiro, de tiro para cima, dando tiro, ta!, ta!. Até na Serra Pelada eu fui parar. Saímos de Belém do Pará e fomos à Serra Pelada. Eu e Pepito Martins que era um bailarino espanhol, que Deus o tenha! Também que eu enterrei, e Mara Lupion uma das maiores striptease que eu já conheci, lindíssima e muito boa pessoa, e fomos para este lugar. Quando eu cheguei, eu vi uma cidade faroeste. Aliás, eu vi muitas no Brasil, muitas cidades assim que era o verdadeiro bang bang; aquelas casas de madeira no Paraná, Santa Catarina, você sabe como é, eu sou muito conhecido no seu estado. Eu fiz aquelas cidades onde morou Ratinho: Itajaí, Brusque, Blumenau, Pomerode, Joinville, tudo isto eu fiz. Tudo que você possa imaginar em Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul eu andei. Mato Grosso do Sul, sempre trabalhei muito, só fazendo shows.

No Paraguai, em Assunção, numa boate chamada Mambo. Eu já rodei muito. São Paulo, todas as cidades que são circunvizinhas a São Paulo, que antigamente tinham o nome de Distrito eu ia trabalhar. Mogi das Cruzes, Ribeirão Pires, depois é que passaram a ser cidades. Fazia shows muito em presídio. Eu fui fazer show lá na Ilha Grande, para Mariel Marisco aquele bandido [...]. Aquela tal, Mariel era amigo do meio, namorou Darlene Glória, teve um caso com a Rogéria também e tudo. E tinha uma senhora chamada Coralina que ela levava a gente na época do Natal para fazer shows e um desses shows foi na Ilha Grande. Fiz também em Bangu, num presídio só para mulheres, fazia muito isso. Eu cantava, contava piadas, geralmente era eu que apresentava os shows.

A lista de cidades brasileiras - e até algumas fora do país – em que trabalhou fazendo shows é infindável. As memórias deste período de sua vida são recheadas por momentos de muita aventura (SIMMEL, 2002). É um período interpretado como “tempos de glória” em que “não tinha uma noite em que eu não era bizada”, não só de sua capacidade artística, mas também de sua performance feminina, “eu ficava linda como mulher, eu enlouquecia a todos”. Ao refletir sobre sua trajetória social, Sarita assinala que sempre “atravessou fronteiras” referindo-se ao fato de ter sido pioneira ‘fazendo travesti’ em muitas cidades do país, muitas delas, cidades do interior inclusive. É interessante perceber que, para Sarita, ao contrário de Isa, por exemplo, o Rio de Janeiro não representava a vivência plena de sua autonomia enquanto indivíduo, devido às pressões familiares, indo alçar vôos em outros lugares do país: “Fui eu quem abriu, eu desbravei, tanto que eu viajei para esses lugares todos. Naquela época não existia isso, quem botou fui eu e Pipi que desbravamos travesti entrando pelo Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Tinham casas e boates que as donas não aceitavam e que os clientes não queriam [...]. Mas quando me viam [...]”. Durante o tempo em que morou e trabalhou em Santos, Sarita conheceu, na porta da boate, o grande amor de sua vida, um homem bem mais novo que ela com quem viveu durante 17 anos; depois da separação, Sarita “fechou seu coração” e passou a ter parceiros esporádicos e sem compromisso. “Depois do meu marido, ele ficou comigo até 80 eu tava com 35 anos, depois disso apareceu muita coisa para mim, muito namorado, e eu fechei meu coração de uma forma que não deixei mais ninguém dizer I Love You, eu te amo querida, para mim”.

Mesmo morando durante muito tempo fora do Rio de Janeiro, Sarita tinha o costume de passar as festas de fim de ano com seus familiares. Sempre foi muito importante para ela manter o vínculo com sua família. Entre suas idas e vindas ao Rio, no final da década de 90, Sarita decide “parar”. Isso porque sua mãe havia sofrido um grave acidente que resultou em um trauma no osso do fêmur que a impedia de locomover-se, com seu pai “já velhinho” ela decide voltar definitivamente para casa. Desde que voltou para a cidade chegou a fazer parte do elenco de um musical com travestis e transformistas realizado no Teatro Ziembinski na Tijuca. Na época do trabalho de campo, Sarita não estava envolvida em nenhuma atividade artística, sendo que alguns meses antes, tinha feito uma participação no espetáculo *Estrelas* ao lado de Camille, Jane e Fujika. Estava mais envolvida com a administração dos negócios dos seus pais, mas pensava em retornar à vida artística assim que fosse possível. Desenvolvia um projeto de montar um grandioso musical com travestis e bailarinos homens ao estilo dos espetáculos da Broadway.

5.4.1 *Eu sempre fui mão aberta: estilo de vida e visão de mundo*

Atualmente, em seu cotidiano, Sarita não “anda de mulher”, procura sempre sair com roupas consideradas masculinas, num estilo social informal, veste-se com camisas de mangas curtas e bermudas na altura do joelho quando está muito calor, ou com calças. Gosta de usar tecidos leves como o linho, por exemplo, usa os cabelos presos em um rabo de cavalo e nenhuma maquiagem. Optou por “montar-se” apenas para ocasiões em que faz apresentações artísticas, durante o período do carnaval, ou em casa para experimentar suas roupas. Mas nem sempre foi assim. Quando passou a viver fora do Rio de Janeiro e se encontrou longe do universo social do qual fazia parte, Sarita, que já tomava hormônios, se encorajou a injetar silicone no corpo e mesclava com mais constância as performances femininas e masculinas, mas sem ser travesti *24 por 24* (isto é, todo o tempo predominando o gênero feminino), como ela diz. As questões que envolvem o processo de transformação em travesti serão discutidas no próximo capítulo.

O fato de pertencer a uma família de berço foi, várias vezes, enfatizado por Sarita para dar conta do seu modo de vida, e como referência da construção de sua travestilidade, bem como, portanto, de sua posição em termos de grupo. Quando, durante nossas entrevistas, me mostrava e comentava as suas fotos de família (fotos da mãe com o pai, de parentes em festas de casamento, em reuniões sociais, formaturas, viagens) ia desvelando a genealogia familiar e, assim, reconstruía suas origens

aristocráticas. É como se ela me dissesse: você sabe com quem está falando? (DA MATTA, 1979).

O fato de ter, desde sua infância, gozado de estabilidade financeira, de educação de nível, de estar sempre viajando, de ter conhecido Portugal e alguns países do continente africano, de sempre ter tido boas roupas, sapatos, comida “farta” e de boa qualidade, de ter tido em seu círculo de amigos pessoas importantes pertencentes a sociedade carioca, são elementos acionados por Sarita para caracterizar um estilo de vida e visão de mundo distintivo, em comparação à rede de sociabilidade da qual faz parte. Considera-se uma pessoa que tem capital cultural (BOURDIEU, 1974), que sabe conversar sobre qualquer assunto, inteligente, astuciosa e sagaz para os negócios. A inteligência e a astúcia herdou da mãe, e a sagacidade para ganhar dinheiro do pai. Entretanto, o que mais se orgulha é de ter ‘bom gosto’, principalmente com relação ao seu modo de vestir e a excelência em termos de qualidade de suas roupas e acessórios. Em seus parâmetros, iguala-se a Camille que, como assinalei, destaca-se no “meio” pela sua sofisticação e elegância. Sarita salienta ainda um tempo em que ganhava muito dinheiro e vivia num “luxo só”, sua vida era “deslumbrante”; refere-se à sua juventude e a idade adulta. Na época, como demonstrado em sua trajetória social, vivia num vai e vem intenso entre várias cidades brasileiras fazendo seus shows em cabarés, boates e teatros, sempre ressaltando o sucesso de suas apresentações, do “viço de sua beleza”, e o fato que “acumulava amores”. Quando me narrava suas memórias desta época era, sobretudo, sobre uma vida social frenética, das noites e madrugadas regadas a champanhe em jantares maravilhosos dignos de uma estrela que se esforçava em reconstruir.

Na época do trabalho de campo residia com seu pai e uma antiga empregada da família, como já dito – que foi sua babá – num amplo apartamento de propriedade de sua família. Na decoração, mesclam-se peças e móveis de estilo clássico da época de sua infância e adolescência, móveis mais modernos, alguns inclusive adquiridos por Sarita quando passou a morar novamente com os pais. O apartamento tem sala, dois quartos, copa e cozinha, dependência de empregada, além de um pequeno cômodo entre a copa e a cozinha que reformou recentemente.

Como Sarita é adepta do budismo, resolveu construir um local para colocar seu altar e fazer suas orações e também para ensaiar suas canções. Logo na entrada da casa, um console com base de mármore e um grande espelho pendurado na parede. A base do console é decorada com uma escultura em cristal de um ganso, um cinzeiro também de cristal, e um vaso dourado, todos amparados em panos de crochê. A sala é decorada com um sofá de três lugares e duas poltronas independentes, uma delas é a poltrona

do pai de Sarita. Uma mesa de madeira em que fica o telefone e um vaso de flores artificiais, uma estante de madeira para apoiar a TV, o DVD e a coleção de filmes da Atlântida e clássicos de Hollywood de Sarita, fora os DVDs de musicais e de cantores de ópera. Nas paredes, pratos decorativos e pequenas estantes com inúmeros bibelôs, entre eles alguns budas pequenos. Seguindo pelo corredor principal do apartamento, atravessando a sala em direção à janela, se encontra uma grande cristaleira de madeira repleta de louças e pratarias de sua mãe, algumas deles presenteadas na época do casamento dos seus pais. No final da sala, do lado direito, fica o pequeno quarto de Sarita decorado com uma cama de solteiro, coberta por uma colcha de tecido imitando pele de onça, com almofadas do mesmo tecido; um grande armário de madeira, outro console também de madeira. Do lado da cama, uma poltrona em que, normalmente, Sarita se sentava durante nossas entrevistas. Na parede próxima a cama, um grande quadro com a gravura de uma onça. O acesso aos outros cômodos se dá logo na entrada, no final do corredor principal, através de outro pequeno corredor do lado direito.

O apartamento, os objetos e móveis que compõem a decoração constantemente evocam em Sarita imagens de sua adolescência e juventude, e principalmente recordações de sua mãe. A decoração do apartamento, e aqui me remeto a Ferreira (2000, p.217), está vinculada a um universo de valores familiares e os objetos nela dispostos estão imbuídos de forte carga emocional e simbólica. Seguramente, se tivéssemos tido tempo, Sarita teria reconstruído as histórias e a importância da maior parte dos objetos que decoram o apartamento. Alguns deles signos de distinção e representação de um estilo de vida familiar sofisticado e requintado que é reivindicado por Sarita.

Sarita se considera uma pessoa extrovertida e falante que tem prazer em fazer amigos. É amante das festas, sendo que o natal e os aniversários são as suas preferidas. Fica feliz em reunir seus amigos em casa e de ter sempre a mesa farta com ‘tudo do bom e do melhor’, como sua mãe fazia. Devido ao estado de saúde de seu pai, quase não tem saído de casa, só em ocasiões para resolver assuntos bancários, fazer compras no supermercado próximo a seu apartamento. Pela manhã, gosta de descer com seu pai até a pracinha que fica em frente ao apartamento para que ele “pegue um pouco de sol” e se “distraia um pouco”. Ultimamente tem dividido os afazeres domésticos com sua bá, acha que ela já está “muito velha” para fazer certos serviços de limpeza. Tem o costume de, após o almoço, dormir um pouco. Às vezes vai ao salão de beleza que fica bem embaixo do edifício onde mora, para fazer as unhas e tratar os cabelos. Frequenta este salão há muitos anos e todas as funcionárias já conhecem seus gostos.

Aos domingos ia com frequência à Turma Ok para jogar bingo. Como durante o campo, a saúde de seu pai se agravou, já não estava indo. Estava vivendo um momento delicado, às vezes sentia-se deprimida, não tinha muitas esperanças de que a saúde de seu pai melhorasse, reclamava da falta de apoio de seu irmão mais velho, sentia-se sozinha cuidando de tudo. Ao mesmo tempo, o fato de permanecer muito tempo em casa a sufocava um pouco. Dizia-se sem ânimo até para sua religião, achava que estava muito descuidada ultimamente. Mas não podia esmorecer porque precisava manter-se forte para cuidar do pai. Em casa, dedicava-se a escutar suas músicas, exercitar um pouco a voz, ver seus DVDs de musicais que a ajudavam a elaborar o espetáculo que projetava montar. À noite, gostava de assistir novelas e programas de entretenimento.

Um de seus lazeres preferidos é ir à praia, a bolsa¹⁵⁹, diminutivo de “Bolsa de Valores” - denominação relacionada ao tipo de encontros, paqueras e flertes que acontecem neste local – um tradicional *pedaço* (MAGNANI, 1996) da praia de Copacabana onde se reúnem gays e travestis e fica em frente ao Hotel Copacabana Palace. Sarita gosta de ir à bolsa nos fins de semana pela manhã, quando ainda não tem muita gente. O ano passado foi eleita a “Madrinha Eterna da Bolsa”, um título que lhe dá muito orgulho, afinal foi uma das pioneiras neste lugar. Sarita fazia muitas críticas ao “meio”. Como Marlene, achava o “meio vil” e acrescentava “muito competitivo”, todo mundo querendo ser “a estrela”, “brilhar sozinha”. Pensava que todas podiam “ser estrelas”. “Porque eu achava que tinha tantas vedetes, que foram estrelas. “Porque um travesti só que quer ser estrela as outras não podem ser estrela? Não vou ocupar o lugar delas. Mas elas são muito ignorantes! O mundo de travesti é muito ignorante, muito curto de razão”. Mais uma vez Sarita demarca sua diferença como uma pessoa instruída e culta dotada de bom senso, se considera com capital cultural e social (BOURDIEU, 1974) suficiente não apenas para elaborar interpretações sobre o universo travesti, do qual faz parte, embora ao mesmo tempo se coloque fora dele, mas de encontrar novas alternativas de trabalho e de convivência. Para ela, quando eram jovens eram mais unidas e mais amigas¹⁶⁰. Percebia que se considerava uma “injustiçada”, para ela não lhe davam o seu devido “valor artístico” como cantora. Referia-se ao espetáculo *Estrela* que havia participado uma vez e, em sua concepção, deveria, levando-se em conta sua trajetória artística, fazer parte do elenco fixo.

¹⁵⁹ Diminutivo de “Bolsa de Valores” uma área da praia de Copacabana conhecida tradicionalmente como um território de sociabilidade gay, sendo, nas últimas décadas, também incorporado pelas travestis.

¹⁶⁰ Esta idéia romântica das relações de amizade presentes entre elas no passado é recorrente em seus discursos.

Além do projeto de montar um musical com travestis que “levantasse o teatro”, Sarita tinha outro projeto em mente: submeter-se a uma cirurgia plástica, pensava em fazer pequenas correções no rosto na região dos olhos, no nariz e “puxar um pouco” o pescoço porque tinha verdadeiro pavor de exagerar nas correções e ficar muito artificial. Estava insatisfeita com sua aparência física, sentia-se mais envelhecida cada vez que se olhava no espelho e reclamava do excesso de peso. Neste sentido, as fotografias utilizadas durante as entrevistas também eram tomadas como um espelho que refletia ao mesmo tempo sua juventude e velhice. O contraste entre o que ela foi, “olha que cara linda! Eu tinha poder!”, e o que é atualmente, uma “bicha velha cansada”. O contraste recorrente entre o vigor da juventude e a decadência da velhice, da perda do poder; poder de seduzir e de ser atraente aos olhos dos homens que antes enlouqueciam com sua beleza, com seu “olhar atrevido”. Esta imagem de si repercute expressivamente com relação à vivência também de sua sexualidade. Apesar de considerar um certo declínio com relação ao exercício de suas atividades sexuais, ela também pontua que quando tem “necessidade” ou melhor, quando a passarinha [...]:

Se eu vejo uma coisa que vai bater [...]. A passarinha vai bater, que os sinos de Belém vão tocar no meu ouvido, bem, bem, eu bato o olho [...]. Vamos conversar, vamos a um hotel; se ele não me pedir nada, eu já vou com o dinheiro certinho do hotel, se ele pedir eu levo o dinheiro que ele me pediu porque se eu fosse mulher eu receberia, queria ganhar o meu, e se eu fosse homem eu tinha que pagar uma mulher, como eu sou um travesti [...]. Homossexual que não anda vestido de mulher, você acha se o rapaz me pedir: você tem 20 cruzeiros para me dar? E eu vejo que o negócio me interessou que tem mais de 20 cm e que vai cutucar, eu pago o que ele me pediu. Mas isso uma vez na vida outra na morte, porque eu preciso também. Entendeu?

No capítulo quatro de minha dissertação de mestrado eu discuto de forma breve as percepções e vivências da sexualidade entre as interlocutoras na época; não é propósito retomar aqui esta discussão, apenas considero pertinente salientar ao leitor que a articulação entre a perda do poder de sedução e a atração na velhice não é unânime¹⁶¹. Algumas interlocutoras do

¹⁶¹ O antropólogo Julio Simões em um artigo sobre homossexualidade masculina e curso de

mestrado tinham uma visão bastante peculiar sobre isso e chamavam a atenção para o fato de que travesti não tem idade, considerando todo um universo simbólico que envolve a travesti onde predominam a idéia de fantasia e fetiche. Por sua vez, pude perceber, apesar de não ser muito alardeado, e em menor frequência, que existe o costume, entre algumas delas, e aqui tomo como referência também as interlocutoras do mestrado, de pagar por sexo usando os serviços sexuais de um michê (PERLONGHER, 2008). Porém, se a fase atual de sua vida é encarada como um momento de perdas de sua beleza, de seu poder de sedução, do palco e, principalmente, a eminência da perda em seu sentido mais trágico, a morte de seu pai, é também de reinventar-se a partir dos seus projetos. A cada momento que assiste seus musicais, imagina-se num grande palco de teatro, com roupa e cabelos “divinos”, “cantando divinamente” e sendo finalmente coroada com o “bis” do público.

5.4.2 *Eu sou muito comunicativa: saberes e fazeres*

Aliás, eu converso no mercado, no pão
de açúcar, no hortifrutí, em tudo
quanto é lugar, eu converso com
todo mundo, eu puxo
assunto com todo mundo, eu falo
com todo mundo.

Em nossa primeira entrevista, sentada em sua poltrona decorada com estampas de onça, procura ansiosa em uma caixa de madeira, posicionada em seu colo, um documento para me mostrar. Não demorou muito para encontrar um papel escrito a máquina, que me entregou dizendo: Eu queria primeiro que você lesse isso aqui:

Casa dos artistas Rio, Estado da Guanabara 19 de
Abril de 1967. Ao jovem artista Silvio do Amaral:
Prezado Jovem (Que é Sarita Lamark né? interrompe
corrigindo) ao assistir o espetáculo de Teatro no
Carlos Gomes e do Teatro Recreio tive a satisfação

vida fala das diferentes representações sobre o envelhecimento que gravitam na sociedade ocidental, uma ‘pessimista’ pautada pela imagem da decadência com relação ao processo de envelhecimento e no caso de ‘homossexual masculino’ representando pela imagem da ‘tia-velha’ deprimida e solitária para quem só restaria pagar para desfrutar de companhia fugaz e arriscada no ‘mercado sexual homoerótico’. E as novas representações sobre a velhice sob uma ótica mais positiva e ‘enriquecido com possibilidades distintivamente criativas’ (FEATHERSTONE & HEPWORTH, 2000). Onde, no caso do homossexual masculino, surgiria a figura do “coroa” - homens de meia-idade e idosos que gostam de fazer sexo com outros homens – bem disposto e bem acompanhado. (SIMÕES, 2003, p.4-5).

de aplaudi-lo pelo grande mérito de ser portador da arte de cantar e reconhecendo-vos como um gênio nato da arte receba mais uma vez a confirmação deste conceito que faço a vosso respeito artístico. Assim sendo, desejo um futuro de glória no palmilhar de sua grande arte. Atenciosamente, Francisco Ferreira, o Procopinho.

A carta do renomado ator, diretor de teatro e dramaturgo brasileiro nascido no Rio de Janeiro era uma prova que confirmava não apenas seu grande talento na “arte de cantar” mas, já me apresentava o “tipo” de travesti a quem entrevistava. Ela não era “qualquer travesti”, já tinha trabalhado nos principais teatros da cidade, já tinha sido inclusive aplaudida de pé, o que representa o reconhecimento máximo da performance artística no teatro. Reivindicava a si mesma ao reivindicar seu passado de glórias e seus saberes e fazeres. Dentre as interlocutoras, Sarita foi a única a frequentar, em sua adolescência, aulas de canto lírico e afirma que sempre teve voz de soprano¹⁶², nome que se dá ao registro da voz feminina, mas que, nos últimos anos, só consegue alcançar este registro através do uso da técnica do falsete.

Sarita é uma apaixonada pelos bailes de carnaval. Todo ano marca sua presença no famoso baile Gala Gay oferecido pelo clube Scala localizado no bairro do Leblon. Meses antes do carnaval, Sarita já começa a idealizar sua roupa e os acessórios para “arrasar na entrada¹⁶³”. Os vestidos são confeccionados há anos num mesmo costureiro e depois são bordados por ela. Além dos vestidos, um dos acessórios privilegiados é o adorno que vai na “cabeça”. Suas indumentárias, feitas exclusivamente para o carnaval, são um orgulho e um valor de distinção associados à originalidade e ao luxo das roupas e acessórios. Mencionei anteriormente que Sarita em 2006 recebeu o título de “Madrinha Eterna da Bolsa” símbolo de reconhecimento do seu



¹⁶² A afirmação de que sempre teve voz de soprano é mais um “indício” de sua “feminilidade natural” relacionada à constituição de uma *identidade idem* (RICOEUR, 1991), tema que será abordado no capítulo seis da tese quando discuto a idéia da existência de uma “natureza feminina” entre elas.

¹⁶³ A “re-apropriação” do carnaval tendo como referência o Gala Gay será discutida no último capítulo da tese.

pioneirismo e do seu papel com relação à “conquista deste território de sociabilidade”: “Eu sou aqui em Copacabana a madrinha eterna da bolsa de Copacabana. Da praia de Copacabana fui eleita a madrinha eterna, com faixa também. Aí eu não pedi não, fui eleito porque eu fundei [...]. Nós abrimos esta praia, as iniciantes Marquesa, Suzy, eu, Manequim¹⁶⁴ que abrimos esta praia aqui”.



Sarita fala sobre suas apropriações da cidade enquanto parte de uma rede, e assim dá indícios das “astúcias e táticas” e “maneiras de fazer” neste processo de vivenciar os territórios da cidade e “torná-los seus”, evidenciando os saberes do seu grupo em tecer os fios das tramas entre a cidade conceito e cidade ordinária. Mais uma vez recorro a Maffesoli (1984) quando este salienta que o território oferece, enquanto lugar é um ponto de referência, uma âncora para o grupo. Lembrando que o território como expressão do estar junto. São questões que nos remetem as relações entre espaço, cotidiano e memória, que serão tratadas em profundidade no último capítulo da tese.

Outra aptidão marcante de Sarita é o fato de ser extremamente falante e de conversar com muita desenvoltura e sem restrições sobre os mais variados temas, não é por acaso que se define como uma pessoa comunicativa. Ela tem prazer em conversar e não tem vergonha de puxar conversa com um estranho, por exemplo, na fila do banco. Sarita me dizia que era uma “pessoa de lembranças” e, como tal, mostrou-se com sua verve para a imaginação uma grande narradora de suas memórias.

5.5 Jane

Meu sonho era morar em Copacabana

Jane é carioca de Oswaldo Cruz, bairro da Zona Norte. Na época da pesquisa tinha 60 anos de idade e morava em um apartamento de cobertura no bairro de Copacabana. Tem um companheiro há mais de 30 anos, que é fazendeiro e que vive entre sua fazenda em Goiás e o Rio de

¹⁶⁴ Suzy, Manequim e Marquesa são travestis que fazem parte da rede de sociabilidade da Sarita. Elas giram em torno de sua idade, com exceção de Marquesa que é mais velha, esta última é considerada uma das referências do meio, e já tinha sido citado anteriormente pela Marlene quando fala do início de sua carreira. Na época do trabalho de campo Marquesa estava passando por problemas de saúde. Suzy conheci superficialmente, estava retornando de Barcelona na Espanha, e Manequim não cheguei a conhecer.

Janeiro. Sua família é extensa, pai militar, mãe dona de casa, tem três irmãos e duas irmãs. Quando fala de sua infância e o período em que viveu com seus pais e irmãos ressalta a educação rigorosa e repressora a qual foi submetida devido às desconfianças quanto a “sua maneira de ser”, referindo-se a sua orientação sexual. Em suas lembranças sobre as relações com a mãe, destaca em suas evocações, a configuração da figura materna ao mesmo tempo amorosa e severa, e o pai distante e calado. Estudou em escolas no bairro e em bairros vizinhos, fez o científico e, “pressionada por sua mãe”, chegou a iniciar um curso de protético sem terminar: “Minha mãe queria que o filho fosse fazer a linha machão, né? Cadete do ar! O sonho dela era que eu fosse cadete do ar, seguir a carreira de militar, dentista, ela inventou de tudo”. No entanto, para desgosto dos seus pais, e contrariando os projetos familiares, Jane tinha outros desejos e aspirações como ela mesma conta: “Quando garotinho eu participei de vários programas de calouros da Rádio Nacional, eu sempre cantei muito bem desde criança. Em casa eu tinha a mania de colocar um caixote dizendo que era o palco e começava a cantar”. Durante algum tempo, recebeu certo apoio da família com relação a sua vocação para o canto; sua própria mãe a levava para os concursos de calouros espalhados pela cidade. Chegou, inclusive, a participar do coro da igreja freqüentada pelos seus pais e irmãos, até que um dia recebeu um convite tentador:

Uma vez eu ia fazer uma peça Paixão de Cristo, eu tinha 16 anos, uma moça que morava em Oswaldo Cruz, ela já tava no teatro, ela se tornou até uma vedete entendeu? Esqueci o nome dela, agora me deu um branco, Lodia, Lodia Brito maravilhosa! E ela me convidou você não quer fazer uma peça de Paixão de Jesus Cristo no teatro Carlos Gomes? E eu fui escondida da minha mãe, e comecei a ensaiar, e eu que cai na asneira de contar para minha mãe, e minha mãe falou que isso era coisa de viado, teatro? Você trabalha em teatro? Deus que me livre! Isso é coisa de homossexual! De mariquinha, eu não sei o quê, acabou que eu não estreei. Então eu tinha aquele complexo, eu fui praticamente obrigada a me retirar de casa porque era muita pressão em cima de mim.

Foi se tornando insustentável para Jane corresponder às expectativas da família nuclear e desenvolver os projetos construídos para ela, uma de suas primeiras decisões foi abandonar o coro da Igreja e, alguns anos depois, aos 17 anos, resolveu sair de casa para ir morar sozinha. Nesta

época, Jane começou a conhecer outro mundo com qual foi se identificando, o que foi crucial para que tomasse tal decisão:

Eu tinha complexo, eu tinha horror a ser pobre. Eu sou igual ao Miguel Falabella. (Ri). Odiava o bairro, achava que as pessoas se metiam muito na minha vida. Ai um dia eu conheci um homossexual que estudava comigo, porque eu estudava num colégio na rua onde é a Universidade Gama Filho em Piedade. Eu estudava lá, à noite. Eu conheci este menino com 16 anos, e quando eu tinha 15 para 16 anos eu vinha muito para a Zona Sul de dia, eu pegava trem, bonde e parava aqui e meu sonho sempre era vir para a Zona Sul, morar em Copacabana, eu não gostava do subúrbio. Eu sempre falava para a minha mãe: eu nasci pobre errado, eu odeio essa gente daqui, eu não gosto daqui, eu odeio este bairro, entendeu, as pessoas se metiam muito na minha vida, e eu via que aqui tinha muito mais liberdade. Que as pessoas não eram tão pobres de espíritos [...]. Ai eu comecei a fazer muitas amizades por aqui.

Em plena década de 60, com seus 15, 16 anos, Jane saía do seu bairro de trem e no Centro pegava o bonde para Copacabana, num período, como já observou Velho (2002a), que morar no bairro passou a ser definido como símbolo de prestígio social. Em Copacabana, Jane se vê diante de um “outro mundo” de outro modo de vida que em muito contrastava com seu bairro de moradia. O subúrbio representado por Jane como lócus de “gente pobre”, “bisbilhoteira”, “conservadora”, e Copacabana como lócus de “pessoas livres” e “modernas”. Em seu estudo sobre o bairro de Copacabana, Velho também observou, entre seus interlocutores, representações a respeito do bairro associados à noção de liberdade, autonomia de poder viver a vida longe das restrições familiares e da “vigilância” dos vizinhos. Assim, Jane ao descobrir este “outro mundo”, encontra “seu ambiente”, seus semelhantes, pessoas que compartilham interesses, desejos e uma sexualidade estigmatizados. Neste período já existiam alguns territórios de sociabilidade homossexual em Copacabana, algumas boates, bares e a praia por exemplo. Desse modo, o “ambiente” e “o modo de vida” encontrados em Copacabana, a possibilidade de fazer parte de uma rede de relações, surgiam, para Jane, como um *campo de possibilidades* para as suas experiências subjetivas. Por sua vez, também se

delineia, neste período, em seus itinerários urbanos, uma memória do preconceito e da violência relativos a determinados espaços na cidade: “Na Miguel lemos que era uma rua muito perigosa de passar, porque eles odiavam homossexuais, tipos estes pit boys que existem nazistas, que querem bater nos orientais, naquela época existia, aqui em Copacabana você não podia andar muito que você apanhava, a gente tinha que passar pela Miguel Lemos correndo, de ônibus, era uma coisa horrorosa!”.

No entanto, quando saiu de casa, Jane foi morar em uma hospedaria no bairro da Lapa, mas em sua primeira tentativa de dar cabo aos seus projetos de vida longe do controle familiar não foi bem sucedida, sem emprego, sem o apoio de amigos ou conhecidos, tomou a difícil decisão de voltar atrás. É de forma concisa que ela fala sobre o assunto: “Quando eu saí, eu tive uma volta, porque eu não segurei a barra da rua, sofri muito, fui assaltada, passei problemas (ênfase na palavra) problemas até financeiros de não ter o que comer. Ai eu resolvi voltar. Telefonei um dia e pedi para a minha mãe me aceitar de volta, e ela me aceitou”.

Entre 18 e 20 anos de idade iniciou suas atividades profissionais. Trabalhou em um escritório no centro da cidade como datilógrafa e depois como caixa do Banco Bahia até descobrirem que fazia teatro. Foi demitida. Justamente neste período, Jane começou a trabalhar como artista; estreou nos palcos também com o espetáculo *Les Girls*, encenado no Teatro Dulcina no ano de 1966. Jane conta um pouco como surgiu esta oportunidade:



Foi no baile de carnaval em 1966, no automóvel clube. O baile internacional das bonecas. O diretor me viu no baile das Bonecas, me achou bonita e me convidou para fazer o papel de uma mulher fina ao lado de Geórgia Bengson. Foi ai que comecei atuar e aprendi a interpretar, pois até então eu só era cantora.

Após sua estréia em uma das montagens da peça *Les Girls* Jane atuou em um espetáculo de revista no Teatro Rival. Foi um período de mudanças muito importantes em sua vida: conhece seu atual marido e sai definitivamente da casa dos seus pais:

Quando eu sai do teatro, ai eu conheci meu marido, que vive, nós estamos juntos até hoje, 67 né, quarenta anos já, ele está viajando neste momento, ele está em Goiânia. Foi ali que eu conheci ele, e ele que me levou para casa de um tio dele para morar junto, tinha muitos quartos, ai eu fiquei morando lá. Um dia minha mãe foi atrás de mim, entrou lá, me viu dentro de uma cama de casal, perguntou quem dormia comigo. Aí acabou descobrindo que eu era homossexual e tinha um marido que era o Otávio. Morava na Mem de Sá, ali na Lapa, perto do teatro, e fazia Rival, e morava ali.

Após o término da temporada, Jane, estimulada por seu companheiro, faz um curso de cabeleireiro e consegue uma vaga num salão de beleza no Bairro de Fátima no Centro da cidade. Foi quando eu “comecei a me libertar [...]. Ganhar um dinheirinho”. Já dizia Simmel (2002) que o dinheiro confere poder ao seu detentor e liberdade de escolha. O depoimento de Jane sugere que “ao tornar pública” sua homossexualidade, aliado ao fato de ter conquistado sua independência financeira, foram elementos fundamentais para que, finalmente, alcançasse sua autonomia como indivíduo, se sentisse com as rédeas de sua vida nas mãos.

No início da década de 70 é convidada para trabalhar num salão em Copacabana; é o primeiro passo para dar cabo ao seu projeto de morar no bairro. Algum tempo depois Jane e o companheiro mudam-se para Copacabana na altura do posto 3. Em fins da década de 70, viaja para Paris¹⁶⁵ a convite de uma amiga travesti que já estava trabalhando na cidade.

Já trabalhou como atriz no estrangeiro?

Of Course, dear! Em Paris, trabalhei no Trafalgar, uma casa diferente das outras, na qual o único travesti a ter um lugar de destaque e, porque não, a única brasileira a fazer os franceses sonhar. (trecho de entrevista extraída do *Jornal o Lâmpião da Esquina*, ano 3, 1981).

Foram muitos anos vivendo e trabalhando em vários países da Europa, França, Portugal, Espanha, Suíça, Itália, Alemanha e em Nova York, nos Estados Unidos. Trabalhou, como as outras interlocutoras, em

¹⁶⁵ Em nossas entrevistas Jane não abordou este aspecto de sua trajetória social; as informações utilizadas foram obtidas através de entrevistas suas no *Jornal o Lâmpião da Esquina*.

cabarés e boates fazendo espetáculos. Ao retornar de sua temporada na Europa, Jane começa a trabalhar como “coiffeuse” num salão de beleza no bairro de Ipanema, na Zona Sul da cidade e, concomitantemente, apresenta-se em espetáculos teatrais e shows no antigo Teatro Alaska, localizado no interior da Galeria Alaska. O “tempo da galeria” será discutido no último capítulo da tese.

Deste período, entre os muitos espetáculos que participou, destaca duas experiências consideradas fundamentais em sua carreira e relacionadas ao reconhecimento do seu talento e legitimidade como artista. Jane refere-se ao musical *Gay Fantasy*, um espetáculo do estilo revista com travestis e transformistas dirigido por Bibi Ferreira, e a peça *Passando Batom*, dirigido pelo ator Ney Latorraca. Com esses espetáculos teve a oportunidade de viajar por várias cidades brasileiras como Fortaleza, Recife e Salvador, por exemplo. Na década de 90, ela montou seu próprio salão de cabeleireiro no mesmo edifício onde mora em Copacabana, dedicando-se quase que integralmente ao seu trabalho como cabeleireira e fazendo alguns shows de forma esporádica. Na época do trabalho de campo era produtora, diretora e atriz do espetáculo *Estrelas* no qual atuam Camille, Fujika e Marlene e que contou, em diferentes momentos, com as participações de Laura e Sarita.

5.5.1 *Sempre sei qual é o meu destino*: - estilo de vida e visão de mundo

Como mencionado anteriormente, na época do trabalho de campo Jane residia em um apartamento de cobertura em Copacabana nos arredores do Hotel Copacabana Palace, localizado em frente a uma das avenidas mais movimentadas do bairro, sendo que na sobreloja do edifício funciona o salão de cabeleireiro de sua propriedade. O salão é bastante amplo. Logo na entrada tem uma pequena sala que serve para recepcionar os clientes e, ao mesmo tempo, serve de local de descanso. Este ambiente é decorado com duas poltronas, uma pequena mesa de centro, e uma estante com uma pequena TV, DVD e aparelho de som. Nesta estante ela armazena muitas fitas de DVD, CDs e alguns dos seus troféus.

O resto do salão é decorado com cadeiras de cabeleireiro, cada uma com um espelho em frente, algumas poltronas para os clientes esperar, um grande secador de cabelo e uma pia de cabeleireiro. Nas paredes, as muitas fotografias que registram vários momentos de sua carreira artística dão um toque pessoal e glamoroso ao local que recebe seu nome artístico e de travesti. Sua clientela é formada basicamente por moradoras do bairro, mulheres de camadas médias e também de camadas mais altas. Como vimos, Jane trabalhou em outros salões de cabeleireiro até conseguir montar o seu próprio.

Neste sentido, os anos de trabalho na Europa foram fundamentais para adquirir seu apartamento próprio no bairro onde sempre sonhou morar e, principalmente, aceder a um “estilo de vida da zona sul”, já abordado anteriormente. Referindo-se a um modo de vida pautado por valores como liberdade, autonomia, modernidade e cosmopolitismo, que são tradicionalmente associados aos bairros da Zona Sul da cidade a partir da década de 50¹⁶⁶, como já pontuado. A mudança para Copacabana é, como já demonstrou Velho (2002a), um indício de “ter subido na vida”. Isto é ainda mais significativo levando-se em conta que Jane saiu da casa de seus pais, como ela mesma coloca, “sem nada” e sob uma atmosfera de acusações. Por isso, experimentar melhores condições de vida é percebido como um aspecto que confirma uma trajetória social de sucesso.

Cabe salientar que não teve acesso à sua casa e, tampouco, à sua intimidade doméstica. Na época do trabalho de campo Jane trabalhava sozinha no salão, aberto de terça a sábado das nove horas da manhã às seis da tarde. Nos intervalos de suas atividades no salão dedicava-se as atividades concernentes à produção e à criação do roteiro do espetáculo Estrelas, e à sua atividade como síndica do edifício onde mora, o que é me parece bastante relevante em termos de estilo de vida e visão de mundo. Devido ao pouco tempo em que estivemos juntas esta sua atividade foi abordada de forma geral. Tive, inclusive, a oportunidade de vê-la em ação como síndica em momento de observação participante em seu salão, quando ela falava ao telefone com um dos moradores do prédio a respeito da realização de uma assembléia entre os moradores para discutirem os valores das taxas de condomínio.

Seus comentários comigo sobre este assunto sempre destacaram sua boa relação com os condôminos baseada em respeito, educação e autoridade porque, como ela chama atenção, é necessário se impor. Se o fato de Jane exercer a função de síndica do seu edifício pode ser visto como indício de um processo de mudança social que expressa outro processo de inserção social da travesti em nossa sociedade, já evidenciada por autores como Silva (1993), Oliveira (1997) e Benedetti (2005), por sua vez, ainda pode causar “estranhamento” ou é visto envolto em exotismo. Recentemente sua atividade como síndica foi motivo para uma entrevista que concedeu há uma página da internet:

¹⁶⁶ A partir da década de 90 quando a Zona Sul ganha um forte concorrente, o bairro da Barra da Tijuca na Zona Oeste do Rio. Por outro lado, nas últimas décadas do século XX o bairro de Copacabana vem sendo associado a uma imagem de decadência e violência (VELHO, 1999d), que é salientado também pelas interlocutoras desta pesquisa.

Cuido do prédio como da minha própria casa. Sabe uma coisa que não admito? Elevador parado. Não há algo que me irrite mais que isso, discursa. Sou rígida, mas trato todo mundo com carinho e delicadeza. Tudo que preciso pedir peço direito. Síndico tem de ser amigo dos condôminos. Só não admito abuso. Comigo os mal educados não têm vez. Quando me escolheram pela primeira vez, me senti muito bem. Vi que as pessoas não me discriminavam por ser travesti, ou o que eu sou, tenha o nome que tiver. Mas sei que devo isso ao meu comportamento e à minha dignidade. Sou uma artista. Para a maior parte das pessoas, travesti é sinônimo de prostituta e marginal. Um ou outro que torcia o nariz teve de admitir que sou uma boa administradora, e isso basta. (Jane, entrevista concedida ao site www.palmaalouca.com.br)

O fato de, enquanto travesti, poder exercer uma atividade social, não apenas tida como “normal”, mas, principalmente, desvinculada de atividades em geral associadas a travestis como: artista, cabeleireiro, maquiador, está estreitamente articulada com a forma como ela se vê, e é vista, da forma como procura se situar no mundo, e como classifica a sociedade (VELHO, 1999a). Talvez ser síndica do prédio seja encarado como uma forma de resistência (DE CERTEAU, 2008). Há uma sociedade que ainda exclui e discrimina determinadas posições de sujeito para usar um termo de Moore, como as subjetividades travestis, por exemplo. Ao mesmo tempo, é recorrente entre elas a visão de que o comportamento digno lhes garante maior trânsito social. Por sua vez, o fato de ser síndica do prédio, sendo uma travesti, é tomado como uma *marca de distinção* (BOURDIEU, 2007) não apenas para ela, mas também para a sua rede social. Sobre isso, uma vez Camille ressaltou: “Você já pensou um travesti ser síndica do prédio?”.

Jane diz que um dos seus objetivos sempre foi justamente mostrar às pessoas que as travestis podem “ser pessoas sérias” e com “vida digna”, que a travestilidade não se restringe à prostituição e à marginalidade, salientando seu trabalho como atriz e seu modo de vida como um exemplo. Após o seu trabalho no salão, e se não tem outros compromissos profissionais, gosta de fazer caminhadas no calçadão da Avenida Atlântica no final da tarde. À noite tem o costume de jantar em restaurantes do bairro, e admite que boa parte do seu orçamento é gasto com este hábito, já que só gosta de bons restaurantes cuja qualidade é primeiro medida pelo bom

estado do banheiro. Jane confessa que tem o costume de primeiro inspecionar o banheiro do restaurante – estando devidamente limpo - para depois permanecer no local. Considera-se uma pessoa que aprecia “estar com gente”, fazer amizades, mas também que é muito seletiva. Ela tem prazer em organizar reuniões para receber amigos, para “tomar um bom vinho, bater um papo, tomar uma cervejinha, conversar”. Segundo suas palavras, ela está sempre sendo requisitada para ir a festas, estréias de teatro, shows, lançamentos de livros, eventos nos quais normalmente comparece.

Às vezes, também sai à noite para se divertir e tem o costume de freqüentar a boate La Cueva¹⁶⁷, em Copacabana, uma boate gay cujo público é de pessoas acima dos 50 anos. Salienta uma vida social mais ativa em comparação a grande parte das interlocutoras. Por sua vez, observa algumas mudanças em seu estilo de vida no que se refere a sua sociabilidade relacionada, principalmente, ao seu “amadurecimento”. Se em sua juventude gostava de sair com freqüência à noite para ir a boates e bares e ficar até de madrugada fora de casa, e muitas vezes sem destino, atualmente já não tem mais este espírito aventureiro (SIMMEL, 2002). Por isso, prefere outras opções de lazer, como sair com amigos para jantar, reuni-los em sua casa, ir a exposições, teatros, vivenciando uma sociabilidade *mais qualificada* (VELHO, 2002b).

5.5.2 *Eu sou polivalente* : saberes e fazeres

À primeira vista, Jane se destaca pela sua aparência exuberante. Todas as vezes que a vi estava sempre maquiada, geralmente com os cabelos loiros presos num turbante de cores fortes, as roupas sempre marcando as curvas do corpo, de seios fartos que eram exibidos através dos decotes. De gestos muito expressivos, sua voz é firme, seu olhar é desafiador e provocativo, tem uma postura muito altiva, que sugere uma mescla de segurança e arrogância. É conhecida no “meio” por seu temperamento difícil e sua personalidade forte, mas também por ser uma pessoa empreendedora e talentosa.

Jane se destaca em suas profissões, é reconhecida por sua excelência na “arte de cortar cabelos” e em sua “arte de cantar”. Como Sarita, ela se destaca das outras interlocutoras porque em seus espetáculos se apresenta cantando ao vivo. Gosta de cantar músicas de Lisa Minelli, Frank Sinatra, Edith Piaf. Jane começou muito cedo nos palcos e é vista,

¹⁶⁷ A boate La Cueva foi fundada em 1964. É uma das mais antigas boates voltadas para o público gay na cidade e é citada também por Camille como um lugar que freqüentava em sua juventude.

entre elas, como uma pioneira. Foi uma das primeiras da rede a ir para a Europa. É muito popular no circuito artístico travesti e gay, mas também fora dele. Durante as décadas de 70 e 80 do século XX também figurava em revistas brasileiras como *Manchete* e *Cruzeiro*. É presença constante nas Paradas Gay realizadas no Rio de Janeiro, mas como uma espécie de “celebridade” do universo do que propriamente uma militante política. Digo isto porque durante o campo não fez menções a envolvimento com projetos relacionados aos direitos civis de travestis.

Já salientei que nos últimos anos Jane idealizou e produziu um espetáculo que, na verdade, foi um projeto de retorno da sua geração aos palcos da cidade, e uma espécie de “retomada” de uma atmosfera da “travestilidade das antigas”. Este projeto representou um novo desafio para ela, o de trabalhar como diretora e roteirista do espetáculo, como ela mesma conta:

Então eu convidei a Berta Loran para dirigir e fazer o roteiro, eu sou a assistente de direção da Berta. Agora quem faz tudo sou eu, a Berta não mais vai ao teatro. Então eu peguei todo o ritmo dela. Eu que faço os roteiros, os roteiros são muito difíceis, você não pode botar duas músicas para baixo, quando vai uma mais para baixo você tem que levantar, entendeu? Você tem que equilibrar o espetáculo até o final.

Na época da pesquisa, Jane tinha uma “filha”, uma jovem travesti em torno de uns 20 anos que fazia parte do elenco do espetáculo que ela dirigia, a quem transmitia sua experiência (BENJAMIN, 1993). Ensinava as formas de se posicionar em cena, a maquiagem correta, emprestava roupas e acessórios¹⁶⁸. Mas, sobretudo, mostrava a Gabrielle¹⁶⁹ a importância e o significado de sua geração. “Nós, as velhas, realmente somos Divas. Temos *timing*, sabemos nos posicionar diante dos refletores, temos *feeling*. Hoje poucas têm talento, são todas iguais¹⁷⁰” (entrevista concedida ao *Jornal O sexo*, n. 67, 2007). Neste depoimento, dado ao jornal a uma drag queen entre uns 35 anos bastante conhecida no “circuito artístico LGBTT” da cidade do Rio de Janeiro, Jane dá um recado para as gerações mais novas que, segundo ela, não dão valor “às antigas”, considerando-as “ultrapassadas” em suas performances artísticas, opinião corroborada por Laura em seus depoimentos. Junto com “o recado”, quase “um puxão de orelha”, está

¹⁶⁸ E que era um pouco “adotada” por algumas delas, como a Fujika, por exemplo, que uma vez comentou comigo que pensava em doar uns sapatos para Gabrielle.

¹⁶⁹ Nome fictício.

¹⁷⁰ Entrevista concedida ao *Jornal O sexo*, n. 67, 2007.

embutida uma crítica ao universo artístico travesti da atualidade que, para ela, está extremamente banalizado e com “poucas travestis realmente artistas como as velhas que sabem cantar, dançar, atuar e não andam com um cdzinho embaixo do braço”. Neste sentido, Lins de Barros chama a atenção para o fato que: “Nas universidades e meios artísticos existe a figura do mestre – além do status que sua posição lhe confere em seu meio, está a velhice a mostrar o acúmulo de experiência que só os muitos anos de vida poderiam fornecer, experiência que o torna mais sábio que os iniciantes, em sua carreira”. (LINS DE BARROS, 2000, p.140).

“Hierarquia¹⁷¹ sempre será posto”, diz Jane reivindicando sua posição de mestre, sua sabedoria, não apenas como artista, mas no que diz respeito à própria experiência da travestilidade, afinal “abriram os caminhos”, romperam barreiras familiares, sócio-culturais. Como salientei, Jane é uma pessoa muito conhecida no universo travesti e gay; diria que sua “fama” e seu status de “estrela” vêm de longe. A própria Marlene, em de seus depoimentos sobre o início de sua carreira, a insere no hall das “famosas” na época. Assim, o prestígio que goza ante seus pares é, por sua vez, um aspecto primordial para compreender o significado do envelhecimento, percebido por ela como um processo que estigmatiza o sujeito, ou seja, o estigma da velhice pode ser tanto mais antecipado e eminente quanto a identidade pessoal seja prestigiante (ANTUNES & VIEGAS, 2007). O depoimento de Jane, quase em tom de desabafo, é bastante ilustrativo:

É, eu não me sinto velha, por enquanto, eu não gosto da idéia de envelhecer, eu acho horrível. Acho que a Tônia Carreiro tem totalmente razão, é uma coisa horrorosa. Você se olha no espelho [...] e as pessoas me cobram muito [...] magreza, falam sempre na minha cara, você foi um dos travestis mais bonitos que eu vi nos anos 60, 70, é meio chocante você ouvir que você já foi [...].

Antunes & Viegas (2007, p.58), ao fazer uso de Goffman, argumenta que se a responsabilidade dos famosos pode exacerbar as falhas que expõem aos outros, visto que o fato de se atuar num jogo de espelhos identitários também pode ter o efeito reverso. O fato de se ter chegado aos 60 e ter uma vida ativa, gozar de um padrão de vida de classe média, estar ainda atuando nos palcos, se configura num status perante o seu grupo mais amplo¹⁷². Ao

¹⁷¹ Em relação à noção de hierarquia, ver Dumont (1997) e Velho (1999a).

¹⁷² Como sugeri em minha dissertação de mestrado.

definir-se como uma pessoa polivalente Jane refere-se a alguns dos seus saberes e fazeres, como cantar, representar, administrar, de “ser metida a fazer tudo”, estas últimas relacionadas a um saber considerado nato: “o de comandar”. “Eu sempre soube conduzir minha vida” considera orgulhosa, e para chegar a isto suas maneiras de fazer e saber foram imprescindíveis.

5.6 Paola

Se eu não fosse travesti eu hoje seria um grande executivo

Antes de apresentar Paola e desvelar alguns aspectos de sua trajetória social, faço algumas considerações com relação a sua presença no universo de pesquisa. Dentre as interlocutoras da pesquisa Paola é a mais jovem e, apesar de sua diferença de idade com relação à maior parte das interlocutoras principais, ela, como já salientei, me foi indicada pela Laura como uma travesti das antigas com a justificativa de que ela fazia parte de sua rede de relações e pelo fato de que se apresentavam juntas em boates e saunas. No início, tive dúvidas quanto ao fato de considerá-la como parte do universo de pesquisa principal. No entanto, fui me dando conta de seu lugar na rede de Laura. Ela não somente participava dos shows como era considerada sua “afilhada” no universo artístico. Além do que, e, possivelmente, justamente por isso, esta relação extrapolava as fronteiras do “coleguismo de show” e se desenvolvia de forma estreita no cotidiano. Autores como Pelúcio (2007), Kulick (2008) e Benedetti (2005) também observaram, através de suas pesquisas, a existência de uma espécie de “prática de amadrinhamento”¹⁷³. Sobre isso, Benedetti (2005) coloca o seguinte:



Para ingressar no universo de prostituição, por exemplo, é quase fundamental que a novata tenha uma madrinha. Assim, muitas travestis têm filhas. [...] Aquelas que se incluem nesse círculo, tanto as madrinhas como as filhas, são vistas com respeito e admiração. Constituem entre si uma relação forte e duradoura [...]. (*Ibid.*, p.103).

¹⁷³ Uso o termo prática em alusão a noção de prática de apadrinhamento apontada por Da Matta (1997) como uma das características das relações sociais no Brasil.

Portanto, as batizam, escolhem nome, protegem e tutelam em seu processo de transformação. Tendo em vista meu universo de pesquisa - particularmente os exemplos de Laura e Jane - e “as conversas de camarim”, pude perceber a existência de tal prática no âmbito do universo artístico¹⁷⁴. Deste modo, parece que esta prática ao mesmo tempo em que legitima, em termos de status, a posição de superioridade das mais antigas, proporciona “às novatas” um posicionamento no sistema hierárquico da rede social da qual faz parte e do grupo em termos mais amplos, passando a ser filha ou afilhada de alguém, fazendo parte de um circuito de circulação de saberes. Sugiro que aquela que ‘amadrinha’ toma para si a condição de ‘narradora’ no sentido dado por Benjamin (1993) transmitindo seus saberes, sua experiência que são parte da memória coletiva do grupo (HALBAWCHS, 2004) e, portanto, suas tradições. Uma espécie de guardiã da memória do grupo, ‘garantindo’, assim, o próprio sentimento de continuidade de si e do grupo. Paola é natural do Rio de Janeiro, nasceu em Cascadura, bairro da Zona Norte da cidade. Na época da pesquisa tinha 44 anos e morava no bairro do Catete, na Zona Sul. Ela tem dois irmãos mais velhos que ela, sendo que um deles, o que é engenheiro civil, reside com a família em São Paulo. É com a irmã solteira que morava no momento do campo. Seus pais já são falecidos, sua mãe era enfermeira e o pai eletrotécnico da rede ferroviária. Ao falar dos seus pais recorda, emocionada, o trabalho duro e o esforço dos dois para que nada faltasse em casa.

Em suas lembranças, ressalta a vida difícil e modesta, mas que era recompensada pelo carinho e amor que os pais dedicavam aos filhos sem distinções. Paola passou toda a sua infância em Cascadura. Foi numa escola do bairro que cursou o primeiro grau. Depois se recorda que seus pais se mudaram para o bairro do Catete, onde terminou o segundo grau num tradicional colégio de camadas médias no bairro de Botafogo. Quando terminou o segundo grau, Paola fez contabilidade por um ano numa faculdade particular localizada no bairro, depois decidiu fazer administração de empresas e chegou há cursar dois anos, mas não terminou os estudos. Paralelamente aos estudos universitários ela inicia sua trajetória profissional. Em seu primeiro emprego formal tinha 18 anos e trabalhou como *office-boy* em uma empresa de rolamentos. Não ficou mais de seis meses, afinal “queria mais na vida” e, através de uma agência de empregos, conseguiu uma vaga numa indústria de confecção no Centro da cidade onde trabalhou por uns dois anos. A partir desta mesma agência, “pintou” uma

¹⁷⁴ Deve-se ter em conta que, em grande parte, estes universos dialogam entre si, na medida em que algumas travestis que fazem shows de transformismos também trabalham e/ou trabalharam como profissional do sexo.

vaga em uma corretora de valores, também localizada no Centro. A experiência de três anos acumulada nesta corretora foi imprescindível para que conseguisse passar num concurso para a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Na “bolsa” trabalhou por aproximadamente uns dez anos: “Eu era chefe da liquidação de open, eu que fazia todo o fechamento diário para que os operadores pudessem vender e comprar papel. Eu tinha um ótimo relacionamento na bolsa. Todos gostavam muito de mim”.

Em seus últimos anos trabalhando na Bolsa, durante uma festa em casa de amigos gays, Paola conhece Cassandra¹⁷⁵, um transformista mais velho que ela¹⁷⁶. Com o tempo tornam-se amigos e essa amizade é crucial para Paola, visto que, com ela aprende a ‘montar-se de mulher’. Assim, passa a integrar sua rede de sociabilidade e a freqüentar bares e boates, como o Boêmio, por exemplo, boate comandada por Laura e que, apesar de receber um público eclético, a presença massiva era de travestis e gays praticantes do *crossdressing* (VENCATO, 2003). Em fins da década de 80 o setor em que trabalhava na bolsa é transferido para São Paulo. Paola, apesar de ter sido convidada a trabalhar na capital paulista, opta por permanecer na cidade do Rio de Janeiro e a elaborar outro projeto de vida: ir para a Itália.

Eu trabalhava na bolsa, ai a bolsa acabou e foi todo mundo para São Paulo, ai a minha diretoria me perguntou se eu queria ou não ir para São Paulo e eu optei por não ir. Ai eu peguei minha indenização e fui para a Itália na época que também não era tão fácil como hoje. Aí, fiquei na Itália, trabalhei como profissional do sexo. Trabalhei em Milano, Viareggio, Tazana, eu fiz a Itália toda, Pigalle na França, Lugano na Suíça italiana. Eu fui como turista, no início [...] você chega na cidade com muito medo, mas com o tempo você vai pegando a língua e depois vai se acostumando, você sabe que bicha se acostuma a tudo, né? (risos). Meu medo foi durante uma semana, depois eu fui com o seguinte propósito: eu tenho que sobreviver e lá você não tem amigos, ninguém é amigo de ninguém. Você tem que economizar muito porque está num país que não é seu, então você tem que economizar bastante para poder trazer para o Brasil alguma coisa[...] Na Itália você acorda de manhã vai tomar seu café da manhã

¹⁷⁵ Nome fictício

¹⁷⁶ Alguns dos “resultados” desta amizade para Paola no que diz respeito ao desempenho de suas performances de gênero serão retomados no capítulo seguinte.

na rua, eu tomava meu café na rua, eu trabalhava num site, colocava anúncio e trabalhava em casa. Uma vida normal, só que você tem de acordar, botar um cílio postiço, um salto alto, soltar os cabelos, e ficar esperando o cliente em casa. Em Tazana eu trabalhei na rua, mas depois eu consegui um monolocale que é o nome de um apartamento pequeno e aí comecei a trabalhar com anúncio. Eu trabalhava das 6 horas da manhã as 8 horas da noite. Comia muito mal, dormia muito mal, tudo isto para mandar dinheiro para cá. Minhas compras eram uma cestinha, com um pacotinho de biscoito, uma latinha de arroz com frutos do mar e mais nada.

De imediato as lembranças de Paola sobre sua estada na Itália¹⁷⁷ já evidenciam uma experiência em parte diferente das mencionadas por Fujika e Isa, no sentido de que sua narrativa acentua outros aspectos desta experiência que não se restringe ao universo do glamour. Paola fala sobre suas dificuldades em um país estranho, mas imediatamente acentua suas capacidades de superação, relacionada a uma concepção de que ‘a bicha’ é um “ser especial”¹⁷⁸, diferente das outras pessoas. Acentua também alguns detalhes de sua rotina na Itália, sua forma de trabalho, a ausência de laços de solidariedade entre as travestis e seu objetivo de acumular recursos para trazer para o Brasil, este último característico dos imigrantes brasileiros em geral. Segundo Paola, foram mais de oito anos na Itália até que decidiu voltar, “morria de saudades da família”.

De volta ao Rio de Janeiro aluga um apartamento na Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade e, ao ir numa noite prestigiar um show de uma amiga travesti em uma boate em Jacarepaguá, conheceu Otávio, comerciário, com 40 anos de idade. Com pouco tempo de namoro decidiram morar juntos. Durante um tempo ainda residiram na Barra da Tijuca, mas depois foram morar em uma casa no Méier, na Zona Norte da cidade. A memória sobre os dez anos desta relação é constituída pela mescla de momentos dolorosos devido a separação, e de momentos de felicidade, de intensa paixão e da experiência singular de um tipo de ‘performance feminina’ que é valorizado entre elas:

¹⁷⁷ Em meados da década 80 verifica-se um fluxo migratório maciço de travestis para a França a tal ponto de o governo francês passar a adotar uma política severa de controle da entrada no país. Já no final da década a saturação do mercado leva as travestis a procurarem outros espaços de trabalho e a Itália é o país escolhido. (KULLICK, 2008; TEIXEIRA, 2008).

¹⁷⁸ É comum em seus discursos a atribuição de “qualidades especiais” a bicha, do tipo: bicha é tihosa, não tem medo de nada (Camille), bicha é muito criativa (Sarita).

Quando eu era casada [...] de noite sempre tem a produção para dormir, uma mulher requintada, a gente capricha mais na hora de dormir quando a gente está casada. Eu usava rendas da melhor qualidade, meias bordadas, espartilhos, um lápis no olho para ficar sensual, um batom bem vermelho, uma coisa assim que deixasse você mais na luxúria, para que o homem que vive com você não enjoje e não se torne uma rotina Porque nós damos valor ao glamour.

Com o término da relação Paola vai morar com sua irmã mais velha no Catete e encontra, na noite, um conforto para a sua tristeza. É nesta época que volta a frequentar, com mais assiduidade, o Boêmio, a estreitar suas relações com Laura, e a fazer parte dos shows. Faz um curso de cabeleireiro e inicia suas atividades de ajudante em salões de Copacabana e da Lapa. Dedicar-se, cada vez mais, às suas performances artísticas e chega a fazer parte, como “vedete principal”, de um espetáculo teatral montado no Rio de Janeiro. Na época do trabalho de campo sentia-se realizada porque, finalmente, tinha logrado montar seu próprio salão de cabeleireiro e, paralelo a esta atividade, se apresentava, esporadicamente, em saunas e boates dublando cantoras internacionais, principalmente cantoras italianas e norte-americanas.

Quando a conheci estava saindo de um salão de cabeleireiro na Lapa para ir trabalhar em outro em Copacabana, mas, ao mesmo tempo, estava muito envolvida com a compra de uma sala comercial no bairro onde morava. Seus esforços visavam montar seu próprio salão de beleza e, para isso, estava contando com o auxílio financeiro de familiares. O projeto de montar seu próprio salão tomava todo o seu tempo e ela praticamente não ia trabalhar em seu novo emprego, até que decidi desfazer o acordo de trabalho. Ao refletir sobre sua trajetória social, do ponto de vista profissional, Paola, apesar de não demonstrar arrependimentos por determinadas escolhas e opções, faz reflexões sobre seu projeto de travestilidade ao mesmo tempo em que faz uma avaliação crítica da sociedade da qual faz parte e na qual “ser travesti” e “ser executivo” são compreendidos como projetos de vida sem condições de serem desenvolvidos e vividos.

5.6.1 *Eu não fico à toa na rua: estilo de vida e visão de mundo*

Paola trabalhava em seu salão a partir das dez horas da manhã – porque não acordava muito cedo - até nove horas da noite, às vezes poderia

ficar até mais tarde se surgisse um cliente inesperado. Seu salão era mais simples e popular se comparado ao de Jane ou ao salão em que trabalhava Camille, por exemplo. Localizava-se no quarto andar de um edifício de seis andares que se caracterizava por ser residencial e comercial sendo que, com exceção de um escritório de contabilidade, toda a parte comercial é de pequenos e populares salões de cabeleireiros, um deles, inclusive, também contava com uma travesti como funcionária. Paola estava decidida a trabalhar muito para “estabelecer” o salão, e, por isso, tinha diminuído o ritmo dos shows e, inclusive, em seu tempo livre, preferia ficar em casa descansando. Nos últimos meses de campo, quando não estava exercendo suas atividades profissionais no salão, costumava passar algumas horas durante a madrugada navegando pela internet pesquisando letras de músicas, vídeos no YouTube¹⁷⁹ de cantoras internacionais, em comunidades como Orkut¹⁸⁰, mas, principalmente, estava “obcecada” com os jogos. Para Paola, alguns aspectos de seu modo de vida se modificaram ao longo de sua trajetória. De acordo com seu ponto de vista, a idade seria a medida para estas mudanças: “Quanto mais idade você adquire você vai mudando de acordo com a idade, sua faixa etária interfere na sua cabeça; com 18, você pensa de um jeito, com 30 de outro, com 40, com 50 e 60 de outro”.

Demonstrando uma visão bastante rígida do ciclo de vida com comportamentos apropriados para cada fase da vida, em grande parte é neste sentido que podemos compreender quando diz “eu não fico à toa na rua”. Primeiro sugere uma concepção da “rua” bem próxima à noção desenvolvida por Da Matta (1997); depois, a expressão acomoda um “tempo vivido” que se caracterizava por um modo de vida onde predominava as *perambulações a deriva* (PERLONGHER, 2008): “A gente se reunia no centro, ali no edifício Avenida Central, lá no Largo da Carioca. Aí vamos sair, vamos para sauna, para o cinema. Ia nas boates, ia ao Zigue-Zague, ao La Cueva no Leblon”.

Um tempo em que se deslocava por determinados *circuitos* (MAGNANI, 1996) de sociabilidade homoerótica, que se estendia do Centro da cidade aos bairros da Zona Sul¹⁸¹. Ao contrário de seu modo de vida, na atualidade, marcado, segundo ela, por uma sociabilidade mais voltada para seu círculo principal de amigos, com quem sai para restaurantes, barzinhos, festas de aniversário, almoços de domingo. Cabe

¹⁷⁹ O YouTube é um site que permite que os usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Fonte: <pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>, acessado 25 set. 2009.

¹⁸⁰ Durante o campo não usufruí de internet em casa, fazia uso de cybers café em Copacabana. O fato de Paola navegar na internet basicamente durante a madrugada representou um limite de observação da pesquisa, neste caso.

¹⁸¹ Alguns destes lugares já destacados por Parker (2002) em seus trabalhos.

salientar que está também embutida nesta decisão uma representação da cidade sob a ótica da violência urbana que resulta numa reavaliação de antigos hábitos diretamente relacionados à vivência de sua sociabilidade.

Durante nossas entrevistas e conversas informais Paola, sempre fez questão de salientar alguns pontos de vista sobre o seu “meio” e o lugar que ocupa nele. Paola, como a maior parte das interlocutoras, sempre procurou se diferenciar dos estereótipos que circundam as travestis, e o fato de ter freqüentando uma faculdade, de ter tido trabalhos “normais” principalmente de ter trabalhado na bolsa de valores e de, principalmente, manter um bom relacionamento com sua família nuclear, eram elementos constantemente utilizados por ela para reafirmar esta diferença. Considera-se uma pessoa “versátil” e “que vai a qualquer lugar”, uma importante qualidade que atua como elemento de distinção já que, segundo seu ponto de vista, a maior parte das travestis tem um circuito social restrito ao universo das travestilidades. E isso se deve porque, para ela, a sociedade brasileira é extremamente preconceituosa com relação a travesti levando estes sujeitos à formação de “guetos”. Assim, uma das *táticas* para manobrar e desvincular-se do “desvio” (GOFFMAN, 1975; BECKER, 1977) seria estar em contato com outros grupos e/ou outros “mundos” (VELHO, 1999a).

5.6.2 *Eu sou muito querida e amada: saberes e fazeres*

Paola, em seu cotidiano, usava roupas tidas como femininas. Ela sempre estava de calça jeans de corte feminino, com a cintura baixa e colada ao corpo, camisa de mangas curtas, ou sem mangas, de cores neutras, sandálias abertas, com os dedos dos pés sempre pintados de cores de tonalidades mais fortes, como o vermelho, por exemplo. No rosto, nenhuma maquiagem e os cabelos, geralmente, presos em baixo de um boné. Paola é muito alta e magra, sua figura esguia dificilmente passava despercebida entre as pessoas na rua, mas ela seguia sempre muito rápida em suas caminhadas e com a cabeça erguida. Esta sua forma de andar “quase correndo” é motivo de comentários de seus funcionários e amigos.

Durante algum tempo chegou a fazer uso de hormônios, mas há quase dez anos abandonou esta prática. Na época da pesquisa parecia desejar colocar uma prótese de silicone nos seios, mas tinha muitos receios da repercussão que isto causaria entre seus familiares mais próximos, principalmente com relação a sua irmã. Como o leitor pode se dar conta, através da foto anteriormente exposta, a indumentária de Paola contrasta com as outras interlocutoras da pesquisa - com exceção de Isa que vez por outra ousa mais em suas vestimentas - suas roupas de show são compostas por mini-saias, tops e, às vezes, usa uma capa ou casaco de vison por cima

da roupa que é retirada nos primeiros momentos do desempenho de sua performance ou ao término da mesma. Suas apresentações são baseadas em dublagens de cantoras internacionais das antigas, tipo Shirley Bassey, como vimos em Fujika e Isa, mas predomina as cantoras mais contemporâneas como as norte-americanas Madonna e Beyonce, e a cantora italiana Laura Pausini que adotam um gênero de música denominado “pop/rock”.

Em seu trabalho como cabeleireira considera que se destaca entre as clientes pela qualidade de seus reflexos e da forma de escovar os cabelos. Durante o campo, ao fazer observação participante no salão, pude presenciá-la no desempenho desses saberes e fazeres. Numa ocasião, uma mulher em torno de uns 40 chegou ao salão procurando por ela, havia visto o reflexo realizado por Paola no cabelo de sua amiga e queria fazer algo semelhante nos seus. Nos momentos de observação participante transcorridos no salão e, às vezes, até mesmo no decorrer de algumas entrevistas, vez por outra, Paola recebia visitas. Eram funcionárias que trabalhavam em outros salões de cabeleireiro no prédio, ou que faziam a limpeza do edifício, ou alguma amiga íntima que aparecia de surpresa. Na maior parte das vezes, estas visitas não duravam muito tempo e as pessoas passavam simplesmente para dar um abraço em Paola e trocar algumas palavras. Estas visitas eram compreendidas como verdadeiras demonstrações de afeto por ela, afinal sentia orgulho de ser “muito querida e amada”. Mas isto não era por acaso, pois, segundo ela, sempre procurou ser simpática e agradável com todas as pessoas sem distinção de raça, classe, gênero. E, além disso, as pessoas a procuravam para conversar, para trocar confidências, falar de suas angústias e ela acreditava que tinha “um saber em lidar com as pessoas, que era um pouco psicóloga”.

Por fim, de acordo com Bachelard (1994),

Quando queremos falar de nosso passado, ensinar a alguém como é nossa pessoa, a nostalgia das durações em que não soubemos viver perturba profundamente nossa inteligência historiadora. Gostaríamos de ter um contínuo de atos e de vida para contar. Mas nossa alma não guardou uma lembrança fiel de nossa idade nem a verdadeira medida da extensão de nossa viagem ao longo dos anos; guardou apenas a lembrança dos acontecimentos que nos criaram nos instantes decisivos do nosso passado (BACHELARD, 1994, p. 39).

Neste sentido, proponho ressaltar “as lembranças dos acontecimentos” que marcaram as trajetórias sociais aqui apresentadas.

Uma das dimensões mais significativas de suas trajetórias sociais são aquelas relacionadas aos percursos e às vivências no mundo do teatro, mas especificamente o Teatro de Revista e o dos shows de transformismos. Tais percursos e vivências são, para Marlene, Fujika, Jane, e Sarita, extremamente relevantes para a constituição de suas identidades sociais e suas imagens como travestis, e, mais do que isso, como deusas e divas. Assim, o mundo dos shows e do Teatro emerge como um dos principais quadros sociais (HALBWACHS, 2004) de suas memórias. Suas evocações do vivido “no tempo” do teatro de revista e dos musicais com travestis são marcadas por um “tempo de glórias e de triunfos” e os muitos troféus estão aí para comprovar. Suas experiências teatrais e no mundo dos espetáculos nos convidam a perceber como estes indivíduos foram construindo, através da consolidação de uma identidade de artista, sua relação com a sociedade mais ampla, uma identidade que lhes deu acesso a outros grupos sociais e o desenvolvimento de uma “imagem positiva” da travestilidade.

Suas narrativas nos falam, em grande parte, também de deslocamentos, deslocamentos de suas cidades de origem para outras cidades. Fujika, Isa e Marlene deslocam-se para o Rio de Janeiro, Sarita inicialmente para Santos (SP) depois para tantas outras cidades brasileiras. A ida para estes lugares proporciona a elaboração e a realização de projetos pessoais, como o “ser artista”, “ser costureira”, “ser cabeleireira”, e assim atingir autonomia como sujeito. Como diz Velho (1999a), ao tornar-se um *stranger* em algum outro lugar ou meio, o sujeito, o agente empírico, sublinha sua particularidade. Por sua vez, para algumas das interlocutoras, como as trajetórias de Isa e Sarita sugerem, este processo representou conflitos com suas famílias de origem.

É também a partir de tais deslocamentos na cidade que foram constituindo suas redes de sociabilidade. Neste caso, como vimos, alguns territórios citadinos se destacam em suas evocações, como a Cinelândia, a Rádio Nacional, o Largo da Carioca, pontos de amarração (BOSI, 2003) da memória, alguns deles, já anteriormente citados por Laura e Camille. A ida para o exterior, principalmente para o continente europeu, com destaque para países como França, Suíça e Itália, que evocam uma memória do trabalho, é um marco em suas vidas.

Velho, em Nobres e Anjos (1998), salienta que entre os sujeitos de sua pesquisa, que ele denomina de “nobres”, pertencentes aos estratos altos das camadas médias urbanas, a ida ao exterior funcionava como uma espécie de rito de iniciação e lhes fornecia um status mais elevado entre suas redes de relações, proporcionando o desenvolvimento de uma espécie de aristocracia do espírito. Podemos dizer que, entre as travestis estudadas, a ida à Europa pode ser vista como um rito de iniciação que lhes conferiu

status e prestígio social em termos da rede de relações e do grupo mais amplo (*op.cit.*, p.30-31). Vale esclarecer ao leitor que, tanto Fujika, como Jane e Isa, são pioneiras numa prática entre as travestis, em um sentido amplo, que vem atravessando décadas tornando-se, para muitas travestis, um dos principais projetos de vida (SILVA, 1993; KULICK, 2008). De acordo com os dados que obtive, e com a própria literatura, o fluxo migratório de travestis para Paris se dá a partir da década de 70. Deste modo, acredito que é possível pensar esta experiência entre elas em termos de projeto social que, como observa Velho (1999a, 1999b), sintetiza os diferentes projetos individuais, mas não é vivido de modo completamente homogêneo pelos sujeitos que o compartilham. Além do que, como todo projeto é dinâmico, pode sofrer alterações com o tempo, como o leitor pôde perceber na medida em que conheceu as experiências de Fujika, Jane, Isa e Paola, esta última já fazendo parte de uma segunda corrente migratória do grupo com a mudança de destino do glamour e do dinheiro para a Itália.¹⁸² Por todos estes aspectos, as viagens e o trabalho na Europa lhes garantia (e garante) um status perante o grupo mais amplo. São classificadas como “européias” subindo mais um degrau no sistema hierárquico que é característico deste universo. Vale destacar que este rito de iniciação proporciona não apenas status e ascensão social, mas também uma espécie de “verniz” com relação às suas performances de gênero sendo um elemento decisivo na construção da imagem de “endeusada”, característica de suas trajetórias individuais e sociais e relacionada inicialmente ao universo artístico. Neste sentido, concordo com Silva quando observa que “mais que uma experiência cosmopolita, a Europa enseja o coroamento de uma experiência toda rendilhada por cruzamento de fronteiras. Estes países trazem dólares, língua estrangeira, requinte e delicatessa” (SILVA, 1993).

Em linhas gerais, ao narrarem sobre suas trajetórias sociais, estes sujeitos demonstram, ao acentuarem suas escolhas e decisões, justamente o papel do indivíduo no desenvolvimento de sua trajetória, como sujeitos. Assim, a idéia do sujeito atuando, operando e optando, é dominante (VELHO, 1999a, 2002b). Em termos gerais, no processo de construção das memórias sobre suas trajetórias sociais se vêem como sujeitos que enfrentaram inúmeros desafios, atravessaram barreiras, e conquistaram seu lugar na sociedade e, dessa forma, interpretam suas trajetórias sociais, sobretudo como trajetórias de sucesso.

¹⁸² Para maiores informações sobre a migração das travestis para a Itália ver Teixeira (2008).

CAPÍTULO VI

“Imitadores do belo sexo”:

Procuram-se rapazes com tendências femininas

Olha, você sabe onde eu estava? Eu estava mais além de Marilyn e de Rita Hayworth, de qualquer uma dessas! A mulher incorporou, porque quando ela vem é um babado você dizer que não é, entende isso? Eu duvido você dizer que não é mulher! Eu não quero que digam que eu sou mulher, não é nada disso, mas incorpora uma coisa. Uma atitude. Uma postura é uma postura que entra que você esquece que você não é mulher, que você é travesti. E você se põe, eu me sinto muito, eu não sei o que é isso, eu me sinto muito, eu sou muito eu, eu não sei o que é isso! (Sarita).

A convocatória –“imitadores do belo sexo”. “Procuram-se rapazes com tendências femininas” - para teste de elenco visando à montagem do espetáculo *Les Girls*, na cidade do Rio de Janeiro, em meados da década de 60 do século passado, expressa, em grande parte, o modo como os indivíduos que fazem parte desta pesquisa vem construindo imagens sobre si e sobre a forma como eram vistos, e ‘consumidos’ pela sociedade da época. Nos processos de reordenação dos tempos vividos, e pensados, através de suas memórias, as travestis que fazem parte desta pesquisa tomam como referência ‘marcos identitários’ que dizem respeito à ‘etapas’ constituintes dos seus processos de transformações em travesti.

Ao longo do trabalho o leitor vem se deparando, e irá se deparar, com expressões que contém categorias classificatórias, do tipo: ‘quando eu era gayzinho’, ‘boyzinho’, ‘rapazinho’, ‘bichinha’ ou ‘eu já era travesti’. Expressões e formas de classificações êmica que traduzem formas de pensar o corpo em suas dimensões temporais, que nos remetem as transformações subjetivas e corporais, mas que também dão conta, em certos aspectos, de determinados estilos de vida, itinerários urbanos e formas de sociabilidade no âmbito de contextos históricos, sociais e urbanos específicos. Deste modo, este capítulo debruça-se, especialmente, sobre as narrativas biográficas das “travestis das antigas” com o intuito de revelar os processos de construção de uma subjetividade e corporalidade travesti em consonância com o desenvolvimento de um projeto (VELHO, 1999a; 1999b; SILVA, 1993) de travestilidade - e feminilidade - elaborado por elas.

6.1 A corporalidade em cena: aproximações teóricas

Laqueur (2001), em *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*, chama a atenção para o fato de que o sexo, como o corpo, devem ser vistos como produtos de momentos históricos e culturais, compreensíveis somente dentro do contexto de lutas sobre gênero e poder. Com a invenção dos dois sexos opostos¹⁸³, os sujeitos e suas condutas morais, passam a ser avaliados por sua conformidade as suas supostas “naturezas”, o que culminou na instituição de um corpo natural como padrão de ouro do discurso social instaurando a diferença entre homens e mulheres¹⁸⁴. Foucault, já em seu primeiro volume da *História da Sexualidade* (1978), procura desconstruir a noção de “sexo como algo natural” e já dado, salientando também que este deve ser compreendido dentro de um modelo jurídico de poder¹⁸⁵.



E neste exercício ‘desconstrucionista’, de repensar as relações entre natureza e cultura, encontramos Judith Butler e reencontramos Foucault, uma das fontes de inspiração da autora. Butler nos coloca diante de questões as mais instigantes no que diz respeito à complexa relação entre sexo, corpo e gênero. Em seu livro *Bodies That Matter. On the discursive limits of sex*¹⁸⁶ (1993) observa que a categoria sexo é sempre normativa, e, mais que

¹⁸³ Portanto como nos ensina Laqueur (2001), durante o século 18, o modelo científico dominante era o do sexo único. Assim, os órgãos sexuais da mulher eram compreendidos como uma versão invertida dos órgãos genitais masculinos, isto é, seu órgãos eram os mesmos que os dos homens mas voltados para dentro e, portanto, eram vistas como um homem imperfeito. Desta forma, o que conhecemos como vagina era o pênis, os ovários os testículos, a vulva o prepúcio, o útero o escroto. Já no final do século do XVIII, se consolida um novo modelo de dimorfismo radical, é “instituído os dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e, consequentemente, a vida política, econômica e cultural dos homens e mulheres, bem como seus papéis de gênero passam em certa medida a serem baseados nas propriedades naturais específicas de cada sexo. (LAQUEUR, 2001, p.189-239).

¹⁸⁴ De acordo com o autor o corpo da mulher, por sua vez, tornou-se um campo de batalha para redefinir a relação social entre homens e mulheres. (LAQUEUR, 2001).

¹⁸⁵ Conforme o autor, as práticas jurídicas constroem o que ele denomina *scientia sexualis*, que, por sua vez, definem a sexualidade como um *dispositivo* que supõe uma oposição de ordem binária entre os sexos. Uma construção a serviço da regulação e do controle social da sexualidade e dos corpos.

¹⁸⁶ Na tese faço uso da tradução em castelhano *Cuerpos que importam. Sobre los limites materiales y discursivos del sexo* (2002), realizada pela Editora Paidós /Buenos Aires. E também do primeiro capítulo do livro original traduzido em português como *Corpos que pesam. Sobre os limites discursivos do sexo*. In: Lopes Guacira (Org.) *O corpo educado:*

uma norma, o sexo é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, uma norma cultural que governa a materialização dos corpos. Para que se entenda tal argumento é necessário esclarecer que, para Butler, não podemos pensar o gênero como um construto cultural que dá forma e significado ao sexo e/ou corpo, sendo que devemos entender o processo de materialização dos corpos a partir da noção de performatividade de gênero. Neste sentido, diz a autora:

A performatividade deve ser compreendida não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mas especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2001, p. 154).

De acordo com seus argumentos existiriam (1) os corpos que se materializam, aqueles que adquirem significado e se tornam legítimos, e (2) os corpos abjetos, aqueles que não têm lugar como ser na ontologia fabricada pela matriz heterossexual. Ou seja, os corpos abjetos não encontrariam legitimidade social por não se referenciarem nos ideais hegemônicos heterossexista e, por sua vez, não se materializariam no sentido de não terem relevância político-social (BUTLER, 2002, *apud* PELÚCIO, 2007, p.242). Todavia, o fato de que as normas regulatórias só logram produzir a materialização dos corpos-sexuados através de uma reiteração forçada de suas normas demonstra que a materialização nunca é totalmente completa, como explica a autora: “São as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória” (BUTLER, 2001, p. 154).

É neste sentido que Butler (2002) compreende a experiência travesti, ou nos termos da autora, o travestismo. Assim, o fato de não ser possível encontrar entre as travestis a relação de *mimesis* entre sexo e gênero as tornaria seres abjetos, aqueles seres que são alocados no discurso

heteronormativo nas “zonas invisíveis” e “inabitáveis”, onde estariam os que não são adequadamente generificados. Deste modo, o ‘travestismo’ torna-se subversivo à medida que reflete a estrutura mimética mediante a qual se produz o gênero hegemônico, e então desafia a pretensão à naturalidade e a originalidade da matriz heterossexual. Já a filósofa e teórica *queer* Beatriz Preciado¹⁸⁷ (2002) considera o gênero como uma tecnologia social heteronormativa constituída por um conjunto de instituições tanto lingüísticas, médicas ou domésticas que produzem, constantemente, corpos-homens e corpos-mulheres. Entretanto, para a autora, o gênero não deve ser entendido apenas em seu caráter performativo como efeito de um discurso, como coloca Butler, mas, antes de tudo, como protético, isto é, não se dá senão na materialidade dos corpos. Assim, de acordo com Preciado, faz-se necessário compreender os corpos como próteses a fim de desfazer-se da relação dicotômica corpo-natureza para apontar o corpo como resultado de tecnologias, e o gênero como o resultado de tecnologias sofisticadas que produzem corpos-sexuais.

Para a autora referida, a noção de performance de gênero e de identidade performativa de Butler, considerando seus primeiros trabalhos, se desfaz prematuramente do corpo e da sexualidade tornando impossível uma análise crítica dos processos tecnológicos de inscrição que faz com que as performances passem como naturais ou não. Para ela, tais noções não são suficientes para dar conta, por exemplo, das transformações físicas, sexuais, sociais e políticas que sucedem nos corpos transgêneros e transexuais (PRECIADO, 2002, p.249).

No entanto, como observa Pelúcio (2007) tendo em vista trabalhos mais recentes de Butler (2004), Preciado considera que a autora reavalia algumas de suas idéias e “tem se esforçado em restituir os corpos que tinham ficado diluídos entre os efeitos paródicos e a performatividade lingüística” (PRECIADO, 2004 p.249 *apud* PELÚCIO, 2007, p.97) o que significa dizer que os ‘sujeitos trans’ ao desenvolverem “suas transformações físicas, sexuais, sociais e políticas estas ocorrem não num cenário, mas num espaço público” (PRECIADO, 2004, p. 250 *apud* PELÚCIO, *op.cit.*, p.97).

Por sua vez, se o nosso corpo é o nosso modo de ser (estar) no mundo e, portanto, o terreno da experiência (MERLEAU-PONTY, 1994), parece que no caso das travestis isto se mostra mais contundente, afinal é fundamentalmente no (e através dele) corpo e na constituição de uma corporalidade que uma pessoa “se torna” travesti. Um dos marcos dentro da

¹⁸⁷ Agradeço especialmente ao Prof.Miguel Vale de Almeida por ter me indicado a leitura dos trabalhos de Beatriz Preciado durante o período de estágio de doutoramento no ISCTE/Lisboa.

literatura antropológica, para aqueles que se dedicam ao estudo do corpo, é o clássico texto de Marcel Mauss, *As técnicas Corporais*, onde ressalta que as formas de utilizarmos o corpo, ou seja, as formas de caminhar, de nadar, de comer, de higiene, entre outras, devem ser compreendidas como parte de um habitus (MAUSS, 2003) que, de natureza social, configura os múltiplos elementos da arte de utilizar o corpo.

Segundo Mauss a cultura seria de importância fundamental na determinação de gestos e posturas corporais, estando estes vinculados a um aprendizado. Deste modo, existiria uma série de "atitudes e técnicas corporais" próprias a cada sociedade, que são transmitidas culturalmente. Anunciando a dimensão social do corpo este seria modelado conforme hábitos culturais. Mauss procurou pensar o corpo a partir da idéia de interseção entre os planos biológico, psicológico e sociológico. Neste sentido, como salientou Resende (2008), o corpo seria elemento articulador das relações tanto entre o indivíduo e a sociedade quanto entre a natureza e a cultura. Outro importante autor para pensarmos a noção de corpo é o sociólogo Pierre Bourdieu que, como bem pontua Benedetti (2005), através da teoria da prática, argumenta que o corpo é o espaço onde se situa a cultura, onde encontramos os principais esquemas de percepção e apreciação do mundo, formado a partir das estruturas fundamentais de cada grupo, como as oposições entre masculino e feminino, forte e fraco e etc. (*Ibid*, p.53) Assim a cultura, portanto, seria incorporada por meio de habitus que, de acordo com Bourdieu, pode ser entendido como: “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas funciona como uma matriz de percepções, apreciações e ações” (BOURDIEU, 1974, p. 261) Deste modo, seria através deste sistema que se realizaria a articulação entre o nível simbólico e o corporal (natural). Assim, o corpo deve ser sempre considerado como um produto social (BENEDETTI, 2005). Diante disso, o “socially informed body” seria o princípio unificador que faz com que o habitus não gere práticas de forma aleatória. (VALE DE ALMEIDA, 2000, p.152).

Um interessante trabalho que também ressalta e procura demonstrar o caráter social e cultural do corpo é a obra *A civilização dos costumes*, de Norbert Elias (1990), que nos brinda com uma detalhada genealogia dos usos do corpo em relação a comportamentos, atitudes, sentimentos e sensações, onde o disciplinamento dos corpos e das emoções (principalmente no sentido de controle), apoiadas na oposição entre os espaços públicos e privados, tornou-se referência do processo civilizatório ocidental.

Não tenho a intenção de dar conta de uma revisão teórica sobre o corpo na literatura antropológica¹⁸⁸ a perspectiva que permeia esse estudo se apóia nos argumentos de Maluf (2002a) que, inspirada pela teoria do embodiment de Thomas Csordas, procura compreender o corpo não apenas como simples receptáculo das produções simbólicas ou das representações sociais geradas na e pela cultura (como salienta os trabalhos acima), isto é, não apenas como objeto da cultura, mas também como dotado de agência própria, como produtor de sentido, de regras e valores culturais, portanto, não como algo dado pela natureza (*Idem*, p.96-99). Em relação à corporalidade travesti, Maluf (2002b), ao fazer uma análise do filme *Tudo sobre minha mãe*, do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, tendo como foco a personagem travesti de nome Agrado, sugere que quando lhe é dado o palco, ela apresenta o “caráter fabricado” de seu corpo, um corpo que, conforme sua narrativa, foi sendo construído aos poucos:

[...] Um corpo transformado, fabricado, que aparece e se afirma como corpo fabricado, não um corpo substantivo, objetificado, mas corporalidade, veículo e sentido da experiência. A autenticidade desse corpo, segundo o próprio discurso de Agrado, sua 'natureza' estaria no processo que o fabricou. Ao dizer que o que tem de mais autêntico é o silicone, Agrado está revelando que o 'autêntico' nela é justamente produto de sua criação, da intervenção de seu desejo, de uma agência própria. (MALUF, 2002b, p.145-146).



Diante disso, o corpo, sendo a base existencial da cultura, não pode ser entendido como simples suporte de significados, mas como elemento produtor e cenário primeiro desses significados. É neste sentido que

Csordas (1994) desenvolve o conceito de *embodiment*, sugerindo um novo paradigma para refletir sobre o corpo em sua relação com a cultura no intuito de atribuir significado a participação do corpo nas produções de sentido e símbolos atribuídos as mais diversas práticas sociais. Já Le Breton

¹⁸⁸ Dentro do campo da antropologia existe uma vasta literatura sobre o tema, para citar alguns: MOORE, Henrietta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, 14, 2000. GROSZ, Elisabeth. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp, 2000, e BORDO, Susan (1997).

(2006) observa que o corpo é o lugar do contato privilegiado com o mundo, e é no corpo, e por reivindicarem um corpo, que as travestis são socializadas. Assim, é na experiência da corporalidade que as travestis se produzem como pessoa¹⁸⁹. Portanto:

As travestis, ao investir tempo, dinheiro e emoção nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como um mero suporte de significados. O corpo da travesti é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem a pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos (BENEDETTI, 2005, p. 55).

Ao mesmo tempo, Pelúcio (2007) chama a atenção para o fato de que, neste processo de subjetivação, não é só o corpo que muda, opera-se uma alteração em planos correspondentes ao psíquico e à moral, e portanto também em termos de estilo de vida e visão de mundo. Paraphraseando Maluf (2002a), no processo de transformação de tornar-se outro, o corpo deixa de ser uma substância previamente dada, ele se apresenta como corporalidade ou corporificação, ou seja, enquanto experiência que reúne afetos, afeições e habitus, como coloca Csordas em sua discussão sobre embodiment. (*Ibidem.*, p. 147)

A corporalidade da travesti também deve ser contextualizada, isto é, o ‘corpo travesti’ tem como referência os padrões estéticos de uma determinada sociedade, cultura e camada social da qual são oriundas. Deste modo, as interlocutoras desta pesquisa nos conduzem, através de suas lembranças, aos processos de construção de uma subjetividade e de uma corporalidade travesti, de estilos¹⁹⁰ de travestilidades que são por sua vez

¹⁸⁹ “Se certas experiências sociais contemporâneas, como nas sociedades ameríndias, estão voltadas para a *fabricação de corpos* que – investidos de agência e subjetividade – *fabricam cultura* é também da fabricação de pessoas (e de sujeitos) que se trata. Elas também não são uma *coisa dada*, são produto e produtoras de sentidos e de novas experiências sociais” (MALUF, 2002a, p.99). A concepção de pessoa é usada nesta tese com o sentido atribuído por Mauss (2003) e Dummont (1985; 1997) ao termo.

¹⁹⁰ Segundo Benedetti (2005, p.72) o estilo, para as travestis, é uma personagem que vai sendo construída a cada esforço implementado no processo de transformação do gênero. [...] É o modo como ela quer ser representada (ou representar) para os outros atores sociais com quem convive e para toda a sociedade. A meu ver, o autor, refere-se à questão do estilo em termos mais individuais, não desconsidero esta perspectiva, mas, inspirada nela, penso em termos de formas distintas de construção e representação da experiência travesti enquanto grupo social e em termos de memória coletiva.

reinventados em suas vivências cotidianas e interações sociais. Através de suas narrativas desvelam-se alguns dos valores e códigos, representações de gênero, padrões estéticos compartilhados em suas redes de sociabilidades que nos falam a respeito de tradição, mas também de mudança e reinvenções.

6.2 *Descobrimo-se como diferente: construções de “si”*

Quando eu ia jogar bola, mamãe prendia [...] então, eu brincava só, e qual era a minha brincadeira? De boneca, mas eu não digo que eu brinquei de boneca [...]. Eu brinquei, porque gostava de boneca mesmo, gostava de vestir as bonecas, fazendo vestidinhos, fazendo casamentos, e nessa brincadeira de fazer casamentos, botava dalias, fazia altarzinho embaixo da máquina da minha mãe na varanda, eu fazia a brincadeira, cantava marcha nupcial [...]. Papai e mamãe sempre aquela história, tem pai que é cego tem mãe que é cega, que não via, que não enxergava, mas no decorrer da minha idade, mesmo com dez anos de diferença de idade de mim, o meu irmão era mais abusado, então os garotos contavam certas particularidades que eles sentiam em mim, não que eu fizesse coisas que eu não fazia, mas eu já brincava com os menininhos, até uma brincadeira, praticamente. O que um garoto de seis, sete, oito anos, pode pensar de sexo, naquela época, eu da década de 40 né? Que um garoto poderia ter de imaginação sexual? Porque nunca ninguém havia me contado nada, era um despertar, não é verdade? Mas eu tinha um despertar fêmea dentro de mim muito grande, porque eu não me via menino, porque eu queria namorar, ficar noivo e me casar como eu ouvia falar as garotas. (Sarita).

Desde sete, oito anos eu olhava para um garoto assim e sentia atração. Na época a atração não era penetração, era como se fosse um amor, um amor platônico, amor mesmo, sem intenção de sexo entendeu? Era aquela atração, vontade de pegar, de beijar, pegar na mão, mas nunca pensei em penetração quando era garoto. Brincava às vezes com garoto, brincadeiras. Mas eu já sentia que era diferente, mas não sabia por que, porque na época

ninguém falava em homossexualismo, todo mundo escondia tudo da gente. (Laura)

Eu me lembro que tinha um rapaz que era homossexual, que ele era muito pintosa, a vizinhança toda falava, eu tinha nove anos, eu vinha da escola e ele passou: eu não sabia definir muito bem, mas eu olhei e pensei comigo assim: é isso que eu vou ser. Eu sabia que era aquilo, por esse lado que eu queria. Só não sabia definir bem, entendeu? Então sempre eu soube, e a vizinhança comentava, falavam e tudo né? E a mamãe no fundo sempre sabia, claro. (Camille).

Ao narrarem suas recordações da infância¹⁹¹, Camille, Sarita e Laura encontram sentido para a ‘experiência de se sentirem diferentes’¹⁹², ou, em termos de Sarita, para um ‘despertar’ para a diferença. As narrativas destacadas são tomadas como exemplos de uma experiência recorrente entre elas, e sugerem que o ‘sentimento da diferença’ articulado a processos de ‘construções identitárias’ se dá em uma relação de espelho para com o outro. Este outro pode ser o irmão mais velho, os primos, os amigos da vizinhança, da escola, por exemplo.¹⁹³ Como também, pelo interesse por “coisas tipicamente femininas”, que podem ser expressas nas brincadeiras com bonecas, ou por gostar de vestir-se com roupas e acessórios femininos e de “imitar” gestos e comportamentos femininos, bem como o fato mesmo de compartilhar de desejos e projetos de vida considerados característicos do ‘universo feminino’, como a vontade de casar-se, expressa por Sarita. E,

¹⁹¹ Áries (1986), em *História social da criança e da família*, aponta para o surgimento do sentido da infância em nossas sociedades entre os séculos XVII e XVIII, momento em que ela passa a ser compreendida a partir de idéias como fragilidade e ingenuidade, ao mesmo tempo em que a criança passa a ser alvo de educação escolar em sua função disciplinadora. Ao surgimento da infância articula-se o deslocamento da família extensiva para o desenvolvimento da família nuclear.

¹⁹² Utilizo a expressão ‘experiência da diferença’ inspirada em Bachelard (1988) e em suas formas de compreender a infância. Para este autor as qualidades sensíveis que a criança extrai da matéria não se devem apenas à percepção, mas muito a uma atitude lúdica de curiosidade e observação, uma vontade de investigar as provocações do mundo, assim, na infância, o conhecimento é baseado sempre na experiência.

¹⁹³ Neste sentido, Soares observa que a questão em torno do tema da identidade na vida social refere-se ao reconhecimento especular de um outro significativo – essa preposição, *de*, guarda o sentido *de* ‘relativo a’ e ‘proporcionado por’. Isto é, em sociedade, identidade é sempre a *identidade a* ou *com*, antes de ser *identidade de* [...] Identidade é identidade com alguém, com alguma postura, com algum modo de ser. Depende, portanto, de uma dupla-interpretação, sobre si e sobre o outro significativo, esse objeto do reconhecimento especular (SOARES, 2002, p. 133-134).

tendo em conta, como sugere Berger, que nós nunca deixamos de interpretar e reinterpretar as nossas vidas, na medida em que elas lembram suas infâncias e a ‘reconstruem’ fazem de acordo com as suas idéias no presente sobre o que é ou não é importante (BERGER, 1976). Ao mesmo tempo em que nos informa sobre as noções de gênero e as concepções acerca do masculino e do feminino entre elas, percepções que são como fios tecendo as tramas de suas narrativas ao longo de todo o capítulo.

É recorrente nos trabalhos que versam sobre o universo das travestilidades (OLIVEIRA, 1997; KULICK, 2008; FERNANDEZ, 2004; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007, CARDOZO, 2006,) que as travestis, ainda na infância, comecem a se dar conta que são ‘diferentes’ dos outros meninos, daqueles que ‘jogam bola’, que ‘brigam na rua’ e em alguns casos a se identificarem com aqueles cujo comportamento é alvo de ‘fofocas’ e condenação. Neste sentido, a atração pelos meninos surge como um argumento fundamental para que a diferença começasse a ser nomeada (KULICK, 2008; BENEDETTI, 2005; FERNANDEZ, 2004). Ao mesmo tempo, através de seus relatos, é possível perceber que compreendem a infância como uma época que se caracteriza pela inocência e a ingenuidade, ou seria a infância que elas viveram que é interpretada dessa forma? Afinal, a própria fala de Sarita é bastante sugestiva neste sentido quando diz: “o que um garoto de seis, sete, oito anos, pode pensar de sexo, naquela época, eu da década de 40 né?”.

Um período no qual, de acordo com seus depoimentos, imperava o ‘silêncio’¹⁹⁴, no âmbito doméstico e social com relação à sexualidade, principalmente no que diz respeito às práticas sexuais consideradas ‘anormais’. Por sua vez, outros momentos nesta fase de suas vidas são selecionados para compor as memórias da infância; episódios de sofrimento e constrangimentos, alguns deles já destacados anteriormente, outros ‘omitidos’ justamente por ‘trazer à tona’ situações dramáticas que preferem esquecer. Assim, a descoberta e experimentação desta diferença

¹⁹⁴ Neste sentido, Parker elucida que: “Ainda em meados do século XX categorias como homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade, tornaram-se fundamentais para a discussão médica e científica sobre a vida sexual e foram plenamente incorporadas à linguagem da lei, do governo e da religião, demarcando um mundo de normalidade e anormalidade – de saúde sexual em oposição à doença, perversão e desvio. Restritos a uma elite reduzida conceitos como homossexualidade (entendido não apenas como uma forma de comportamento sexual, mas também como uma classe de pessoas, ou mesmo uma maneira diferente de ser no mundo) não conseguiram penetrar na vida diária ou da cultura popular”. (PARKER, 2002, p.67).

são, em grande parte, violentamente reprimidas¹⁹⁵ pelos ‘pedagogos da sexualidade’¹⁹⁶ (pais, professores, sacerdotes etc.) responsáveis pela socialização infantil e que manifestam, explicitamente, quais as atitudes e os comportamentos apropriados (GUIMARÃES, 2004) de acordo com as normas sociais, no que diz respeito ao sexo e ao gênero. Como esclarece Foucault à “pedagogia do sexo da criança” é uma das estratégias da educação sexual responsável pela formação de mecanismos de saber e poder com relação à sexualidade, centrada fortemente no contexto familiar e também escolar. Neste sentido, Bento (2006) apontará a infância como o momento em que os enunciados performativos são expostos e em que se produz a estilização dos gêneros, que, por sua vez, tem a função de criar corpos que reproduzam as performances de gênero hegemônicas (BENTO, 2006, p. 90).

Entre os sujeitos da pesquisa destaca-se a figura da autoridade materna¹⁹⁷ como o detonador dos conflitos mais frequentes e graves. Isa por exemplo, comentou ter sido mais severamente “punida” por “ser diferente” e expressar esta diferença; neste caso é a figura materna que mais se sobressai, como também no caso de Sarita. São momentos de sua vida que Isa recorda com certo tom de amargura:

Quer dizer que minhas coisas, minha vida sempre foi vigiada pela minha mãe. Ela percebia que meu comportamento já era diferente [...]. Me maltratava muito [...] minha irmã que ia atrás e segurava um pouco [...]. Meus irmãos eram tudo solteiro na rua, trepação, jogo de bola, era quebrar a cara do vizinho e eu já era dentro de casa, arrumando a casa, lavando as coisas [...] nota, nota sim.

Assim, de acordo com suas narrativas, desde muito cedo, este processo de conhecimento de si era acompanhado e rigidamente controlado pelo “sistema panóptico familiar”¹⁹⁸, um sistema que podia

¹⁹⁵ Autores como Kulick (2008), Benedetti (2005), Fernandez (2004), por exemplo, verificaram entre as travestis estudadas, a menção a castigos físicos violentos no período da infância e da adolescência.

¹⁹⁶ Esta expressão, tomei emprestada de Guimarães (2004), que, inspirada em Foucault, refere-se a uma ‘pedagogia da sexualidade’. Esta última é utilizada por Louro em seu artigo *Pedagogias da Sexualidade* (2001), onde salienta a dimensão social e política da sexualidade e seu caráter construído e aborda a relação entre o ‘aprendizado’ da sexualidade, gênero e corpo e as instituições escolares.

¹⁹⁷ Aragão já destacou a existência nas sociedades mediterrâneas, como a brasileira, por exemplo, da dependência moral em relação à figura materna (ARAGÃO, 1983).

¹⁹⁸ Faça uma alusão ao sistema panóptico tal como analisado por Foucault (1987).

contar, às vezes, com a cumplicidade de parentes mais próximos e dos vizinhos. E quando o controle não era exercido através de castigos físicos os familiares recorriam a repressões de ordem moral e psicológica como, por exemplo, o que fazia o pai de Laura: “meu pai sempre tomava conta de mim, me recriminava porque eu usava muito perfume, ou porque gostava de ficar me olhando no espelho”. Além do fato de que também já é na infância que somos envolvidos pela “pedagogia dos espaços”, como ilustra a fala de Isa quando se utiliza de suas apropriações do espaço - entendido aqui como espaço vivido (BACHELARD, 1989)-, para pontuar suas ‘tendências femininas’: “meus irmãos eram tudo na rua e eu já era dentro de casa”. Ao mesmo tempo em que se destaca entre elas a produção de um discurso da diferença de gênero como algo inato “servindo no presente como formas de auto-legitimação”¹⁹⁹. Nota-se também uma interferência no estilo de vida, sendo o alvo principal a rede de amizades consideradas “suspeitas”:

Tinhas umas bichas, que eram umas amigas minhas, a filha do prefeito de Feira de Santana. A Raimundinha era filha do prefeito e a gente tinha intimidade; Raimundinha sempre ia lá em casa, mas a minha mãe ficava meio [...] com vontade de estrangular! Está entendendo? Porque eu queria seguir o mesmo rumo que Raimundinha, porque Raimundinha era homossexual, mas trabalhava na Petrobrás, porque o pai era influente tá entendendo? E botou ele para trabalhar na Petrobrás, e ele sempre ia lá em casa, a gente sempre saía junto, uma gracinha como pessoa. Mas minha mãe não aceitava muito. Mamãe ficava querendo estrangular a criatura. Ela achava que Raimundinha estava me botando a perder e não era nada disso, desde os anos nove anos que a minha tendência mudou. (Isa).

Eu não levava meus amigos em casa, eram tudo bichinha louca e minha avô já percebia [...]. E os vizinhos também comentavam com ela. (Marlene).

Evidencia-se um ‘receio’ a contaminação com relação à homossexualidade²⁰⁰ uma ‘identidade’ marcada pela discriminação e

¹⁹⁹ Conforme orientação da profa. Sônia Maluf.

²⁰⁰ Poderíamos pensar, levando-se em conta os relatos e a época em que viveram suas adolescências, numa aproximação, em termos de Velho (1999a), à categoria de drogado, que é

preconceito social e que parece exigir um controle social que inibe relações como, por exemplo, as de amizade. Neste sentido Goffman coloca que existe uma tendência do estigma a difundir-se do indivíduo estigmatizado até suas relações mais próximas, o que explicaria o porquê de tais relações serem evitadas ou no caso de existirem, não durarem (GOFFMAN, 2001 *apud* JONES, 2008, p.56). Mas se na infância predomina as ‘experimentações eróticas’, com exceção da trajetória sexual de Raquel²⁰¹, a partir das brincadeiras infantis e as carícias trocadas com outros meninos escondidos em porões, atrás dos muros das casas, no meio do mato, nos lugares mais ermos dos bairros de moradia, é em geral, na adolescência, e em determinados cenários urbanos que ‘situam’ suas primeiras relações sexuais, como nos conta Laura:

Em olaria eu me transformei em homossexual [...]. Eu me entreguei à primeira vez para um homem [...]. O cara me descobriu no cinema [...]. Eu tinha uns 12 anos mais ou menos, o cara me viu no cinema, veio sentou do meu lado, pegou na minha mão, e me beijou na boca. Eu estranhei aquilo [...]. Nunca tinha visto aquilo, porque na época ninguém falava em homossexualismo [...]. Em gay, nada disso! Era uma obscuridade! A gente desconhecia tudo isso. Ai o que aconteceu, eu fugi dele [...]. Ele me perseguiu e descobriu onde eu morava. Descobrimo onde eu morava, no dia do meu aniversário, ele mandou uma caixa de bombom, ao invés de botar o nome dele de Rubens, colocou Ruth, nome de mulher. Um dia [...]. Ele ficava me esperando sai de casa [...]. Um dia ele me convenceu e eu fui ao apartamento dele. Lá eu me entreguei me transformei em mulher [...]. Em termos, né? No início a gente tem que fazer tudo, entendeu? Tem que dar e comer.

De acordo com a literatura antropológica sobre o universo das travestilidades, a relação sexual e o fato de deixar-se penetrar durante a relação anal, constitutivo das narrativas de infância e adolescência das

entendida como uma acusação moral e de dimensão totalizadora. A idéia é que há acusações parciais porque ficam no nível de segmentos ou aspectos particulares do comportamento enquanto existem outras que contaminam toda a vida dos indivíduos (VELHO, 1999a, p. 60).

²⁰¹ Nas muitas etnografias já citadas (OLIVEIRA, 1997; SIQUEIRA, 2004; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2007; KULICK, 2008) que trabalham com travestis destaca-se com certa recorrência a existência de relações sexuais com sexo penetrativo ainda na infância.

travestis, é argumento utilizado para assumir-se como viado (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008) e, por sua vez, crucial para compreenderem-se como travestis²⁰². Neste sentido, é necessário esclarecer que para as travestis a dicotomia passivo/ativo é equivalente a dicotomia masculino/feminino estruturante de suas noções e valores acerca do gênero²⁰³. Em geral, e aqui penso também em termos de minha pesquisa de mestrado e doutorado, estes relatos sobre experiências sexuais²⁰⁴, que dizem respeito aos processos de construção de suas subjetividades, ressaltam o desempenho, durante o ato sexual, como passiva justamente devido à carga simbólica que isto expressa²⁰⁵. Neste sentido, o relato de Laura sobre sua experiência sexual na adolescência salientando sua participação também como aquele que penetra parece ser bastante incomum.

Os acontecimentos selecionados por ela para falar de sua primeira experiência sexual podem suscitar inúmeras discussões. Aqui,

²⁰² Como coloca Foucault (1997) na modernidade 'as verdades sobre si' são verdades produzidas no sexo, ou seja, a sexualidade aparece com dimensão privilegiada da inteligibilidade do sujeito.

²⁰³ Ao tratar dos sistemas de classificação das práticas sexuais encontrados na sociedade brasileira Peter Fry (1982, *apud*. MONTEIRO, 1997) procura deixar claro que tais sistemas não representam uma natureza ou essência do indivíduo, mas são construções históricas e sociais, que permitem que um mesmo conjunto de práticas tenha significados e representações diferentes em culturas diversas e períodos históricos específicos. Fry vai elaborar ainda dois esquemas de classificação e representação da sexualidade masculina: o sistema hierárquico e o simétrico. O sistema hierárquico se caracterizaria por uma relação sexual que se dá entre não iguais: o "homem" penetra e domina a "bicha", que é passiva, dominada. O ser que penetra é o masculino, dominante, enquanto que o ser penetrado é efeminado, dominado, inferior. O "homem" pode ter relações com outros machos "bichas" sem perder seu status de "homem". O que diferencia ambos é o papel masculino ou feminino, ativo ou passivo. Já o sistema simétrico ou igualitário surge entre indivíduos provenientes das camadas médias urbanas, centrada na figura do entendido. O "entendido" mantém relações homoeróticas com outros "entendidos", o que caracterizaria o sistema de classificação como igualitário ou simétrico. Para Parker "é em termos desta distinção simbólica entre atividade e passividade que noções como macho e fêmea, de masculinidade e feminilidade, e similares, foram organizadas no Brasil" e que por sua vez expressam a influência da herança patriarcal nas interações sexuais e construção social do gênero (PARKER, 2002, p. 55).

²⁰⁴ De acordo com Gouveia e Ávila em nossa sociedade a idéia de que nos tornamos homens e/ou mulheres quase que somente a partir da vivência sexual é ainda muito presente [...] sendo a genitalidade e a penetração, o lugar demarcador e limitador de quem é homem ou mulher, papéis e posições (GOUVEIA & ÁVILA, 1996 *apud* KULICK, 2008). Neste sentido, Preciado (2002) argumenta que o processo da diferença sexual é uma operação tecnológica de redução, que consiste em extrair determinadas partes do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais e eu diria morais.

²⁰⁵ Cumpre notar que para Wittig (2006, p.21-29) os papéis e as práticas sexuais que naturalmente se atribuem aos gêneros masculinos e femininos fazem parte de um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um 'sexo' sobre o outro.

como não tenho pretensões de esgotar sua complexa construção narrativa gostaria apenas de destacar alguns pontos. Assim, ao mesmo tempo em que poderia ser compreendida como um exemplo típico das proposições mencionadas acima, ao identificar-se como homossexual, ao colar homossexualidade à feminilidade, e gênero a sexo, e, portanto de constituir-se enquanto ‘sujeito feminino’, ao mesmo tempo, neste processo, não está em questão apenas a relação sexual em si, mas as *intrigas* (RICOEUR, 1994, 1991) que caracterizam a experiência, ou seja, ela foi seduzida por um homem, que a pegou pela mão, que a beijou na boca, por outro lado a fuga, a perseguição, o ato sexual consumado que sugere uma relação de submissão e aliciamento sexual.

Tudo isso nos leva a questionar esquemas interpretativos do tipo passivo/ativo, feminino/masculino no que se refere à construção de uma subjetividade travesti. Todavia, em outras entrevistas, ao falar de sua sexualidade vivida na juventude e idade adulta ela demarca a predominância do papel passivo em suas relações sexuais²⁰⁶, “nos amávamos como uma mulher”, dizia Laura, referindo-se a uma espécie de ‘padrão nos relacionamentos afetivo-sexuais’ em sua época, em que, por exemplo, “usávamos uma toalhinha para cobrir o pênis, andávamos de mãos dadas”. Enfim, sugiro que seu relato evidencia principalmente o quanto elas jogam com as noções de feminino e masculino presentes em nossa sociedade, num processo de *ficcionalização* de si; e, sua astúcia em lidar, ou melhor, seria, em apropriar-se de padrões culturais dominantes e de expor o caráter ficcional com relação a construção de uma subjetividade travesti²⁰⁷.

²⁰⁶ Também no que diz respeito às relações sexuais com os clientes quando ‘fazia pista’ (em linguagem êmica prostituição de rua) sempre ressaltou o papel passivo. Por várias vezes, Raquel salientou que, dispensava muitos clientes porque justamente não aceitava fazer o papel ativo na relação sexual. Por outro lado, isto não é unânime, o que demonstra a existência de uma flexibilidade destes papéis, a princípio tão rígidos no que diz respeito ‘pelo menos’ ao mercado sexual. Autores como Pelúcio (2007), Benedetti (2005) e Kulick (2008) ressaltam que entre as travestis que fizeram parte de suas pesquisas é bastante comum no mercado sexual (o tamanho do pênis é extremamente valorizado no universo da prostituição travesti e entre os michês, como Perlongher (2008) demonstrou) a demanda de clientes que solicitam que as travestis sejam ativas nas relações sexuais. Tais clientes são classificados por *mariconas*, em parte porque assumem o papel passivo na relação, mas também porque *não assumem* sua homossexualidade. No entanto, esta ‘flexibilidade’ entre as travestis estudadas pelos autores tem limites, em suas relações sexuais e afetivas, com seus maridos, namorados e em geral com *seus vícios* (quando fazem sexo eventual de forma gratuita com homens apenas por atração) elas não aceitam serem ‘ativas’ (SIQUEIRA, 2004; CARDOSO; 2006; KULICK, 2008; PELÚCIO, 2007, 2009; BENEDETTI, 2005).

²⁰⁷ Neste sentido, destaco o célebre caso de Agnes, a transexual estudada por Garfinkel, um exemplo, segundo Vale de Almeida, que mostra que ser ‘homem’ ou ‘mulher’ depende de monitorização (vigilância, autocontrole) cerrada do corpo e da gestualidade (VALE DE ALMEIDA, 2000).

Por sua vez, se sentimentos como o temor e o medo de serem “descobertas”, por seus familiares e vizinhos, marcam a vivência de suas sexualidades, estes não foram impedimentos para suas ‘aventuras homoeróticas’, aventuras estas que nos fornecem pistas sobre as estratégias para experimentarem sua sexualidade e sociabilidade, dimensões centrais no processo de construção de suas subjetividades, como podemos observar a partir deste depoimento de Marlene: “Quando adolescente saía com os colegas e fazia as loucuras que todo mundo faz, ia para a praça, descíamos para a cidade baixa, perto da base naval, os fuzileiros levavam a gente para os navios de guerra. Saímos de noite em grupos e o que pintava a gente [...]”.

A sexualidade experimentada sob o imperativo do segredo e do ocultamento em alguns casos proporcionou a formação de uma rede de sociabilidade de pares onde compartilham experiências, elaboram táticas, vão se criando e estreitando laços de solidariedade, como sugere a narrativa de Marlene destacada acima. Através de sua fala, Marlene nos leva a conhecer um *circuito* (MAGNANI, 1996) de vivências homoeróticas em sua cidade natal²⁰⁸. Essas primeiras experiências vividas ainda na adolescência já demonstram que desde muito cedo tais sujeitos recortam a cidade em cenários específicos de territórios de sociabilidade estreitamente articulados à sexualidade. Alguns deles já apontados em capítulos anteriores quando realizei a análise de suas trajetórias sociais, outros virão à tona no último capítulo da tese quando serão abordados seus antigos territórios de sociabilidades na cidade do Rio de Janeiro, muito deles já parte da memória da cidade em termos de sociabilidade homoerótica (GREEN, 2000; FIGARI, 2007; PARKER, 2002, GUIMARÃES, 2004). De fato, deve-se levar em conta que, se, como afirmei acima, os sujeitos desta pesquisa recortam a cidade é porque eles reconhecem socialmente estes territórios, e são capazes de decifrar seus códigos sociais.

Suas trajetórias afetivo-sexuais (HEILBORN, 1998, ALVES, 2006) nos remetem a diferentes contextos e itinerários urbanos. Laura menciona o cinema no bairro de sua moradia onde foi “descoberta” por aquele com quem teria sua primeira ‘relação sexual’. Sendo assim, o cinema freqüentado por Laura em sua adolescência apesar de não ter sido identificado por ela como um cinema para *pegação* (ou seja, próprio para encontrar parceiros sexuais e para o exercício da prática sexual) sugere a constituição de um *campo de possibilidades* relacionado com suas vivências homoeróticas (COSTA, 1992). Já Marlene lembra de suas “aventuras” com

²⁰⁸ Silva (2003) também trabalha com a noção de circuito como recurso analítico para refletir sobre os espaços de sociabilidade GLS existentes na cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

os colegas pelas ruas e praça de uma região da cidade de Salvador conhecida como cidade baixa, mais especificamente nos arredores do porto da cidade, em suas errâncias sexuais (MAFFESOLI, 1985) já experimentava o sentimento de pertencimento a um ‘grupo’.

E à medida que se constroem a partir da noção de indivíduo, sujeito ético moral, (VELHO, 1999a) e a “homossexualidade” torna-se parte constitutiva desta sua individualidade - e tendo em vista o fato de que eram alvos de discriminação, repressão familiar e social-, elaboram mecanismos que as possibilitem ser como eram, mecanismos estes que serviam ao mesmo tempo de proteção (GOFFMAN, 1975) pessoal e familiar. Uma das táticas utilizadas era o exercício de atuar de acordo com o que é prescrito ao gênero masculino desempenhando uma performance de macho²⁰⁹, circunscrita a masculinidade hegemônica, que em termos gerais, é definida por Vale de Almeida (2000, p.148-149), como uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades. E apoiado em Connell (1987), observa ainda que, entre seus traços mais importantes seria junto com a conexão com a dominação, o fato de ser heterossexual. Neste sentido, o depoimento de Sarita é sugestivo:

Eu fazia os dois gêneros, o garotão fingido, o machinho, era fingido porque era cinco minutos para este cabelo sair do gumex e virar a coisa. Eu sempre procurei imitar os modos do meu irmão (enquanto fala comigo Sarita me mostra como fazia: uma expressão séria no rosto com o nariz levantado para cima demonstrando segurança e altivez), ele sempre foi bem machão.

6.3 *Meio tubarão e meio sereia - A vida entre mundos*

Como já dito, os sujeitos da pesquisa ainda na adolescência se deram conta que a lógica que deveria imperar, com relação as suas experiências de vida, era a do segredo e ocultamento. Para isso aprenderam a lançar mão de *táticas e astúcias* (DE CERTEAU, 2008) para “mascarar” e “disfarçar” suas sexualidades e subjetividades, como

²⁰⁹ Castañeda define “o machismo como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas idéias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele” (CASTAÑEDA, 2006, p. 18).

veremos mais adiante. Como vimos, às interlocutoras desta pesquisa, em determinados momentos de suas trajetórias individuais e sociais, viveram entre ‘mundos sociais’ que se caracterizavam por territorialidades e temporalidades distintas, em termos mais extremos, o ‘mundo do dia’, marcado pelo viés da normatividade e formalidade e o ‘mundo da noite’, não completamente isento de ‘normatividade’ (refiro-me principalmente a ação do aparelho coercitivo policial que procurava ‘normalizar as ruas’ da cidade), mas intensamente marcado pelo viés da ‘anormalidade’, da vivência mais ordinária. Guimarães, quando desenvolveu sua pesquisa de mestrado na década de 70 com sujeitos homossexuais residentes no Rio de Janeiro, também verificou a existência entre eles de mundos sociais distintos com fronteiras simbólicas e relações sociais diferentes. A autora, por exemplo, fala em termos, de um mundo caracterizado por relações homosociais e da ordem do privado, e um mundo das relações heterossexuais, e da ordem do público (GUIMARÃES, 2004).

Especialmente para algumas delas, durante algum tempo, estes mundos se caracterizavam por serem antagônicos e sem estabelecer relações entre si. E no que diz respeito ao ‘mundo da noite’, a participação em uma rede social pertencente ao universo das travestilidades apresentou-se como crucial, refiro-me à Laura, Sarita, Marlene e Jane, e, neste sentido, a experiência de Laura em sua ‘vida-dupla’ como ela costumava afirmar é ilustrativa. A noção êmica ‘vida-dupla’ aproxima-se da expressão que utilizei para nomear este subtítulo, ‘meio-tubarão, meio-sereia’ usada por Marlene que ao falar de sua juventude e grande parte da vida adulta comenta: “quando eu trabalhava na repartição eu era um rapazinho, de noite eu botava peruca e fazia meu show”. Por isso tomo estas expressões como metáforas não somente da idéia de ocultamento de suas orientações sexuais e da experiência da travestilidade, do vai e vem entre casa/trabalho como professor e no teatro, cabarés e boates fazendo shows, mas, também, de um determinado contexto histórico sócio-cultural e urbano que, por exemplo, “perseguia os homossexuais e que não se podia sair na rua de mulher”, e que expressa às relações destes sujeitos com seu entorno social. Ao mesmo tempo, que é uma metáfora do estilo de vida próprio das sociedades complexas, no sentido, já apontado por Velho (1999a, 1999b), ou seja, das formas de apropriação desses sujeitos dos ‘muitos mundos’ existentes na cidade. Neste sentido, é fundamental assinalar, o fato de tais indivíduos viverem numa metrópole como o Rio de Janeiro, onde o desenvolvimento de uma vida-dupla – sob o pano de fundo do anonimato relativo, uma das principais características do modo de viver

urbano - encontra um campo de possibilidades para ser elaborada e experimentada.

Mas viver uma ‘vida dupla’ também dependia do exercício, e habilidade, constante de ‘fazer os dois gêneros’. Sarita e Marlene acreditam que através da criteriosa observação dos gestos, expressões e comportamentos de seus irmãos aprenderam a se comportar como ‘machos’. Sarita, já nos tempos do colégio interno, colocava em prática sua aprendizagem “ih eu brigava muito com os meninos, caía na porrada mesmo! Não

deixava ninguém tirar sarro de mim. Dava uma de machão”. Deste modo, no ‘mundo do dia’ o ideal de conduta a ser seguido primava pelo ocultamento de suas orientações sexuais e de sua travestilidade. Esforçavam-se para não *dar pinta* como se disso dependesse o ‘sucesso’ e manutenção da vida dupla. Para algumas delas, a tática privilegiada, era o desempenho de uma performance de macho como mencionei anteriormente. Laura, por exemplo, não somente no âmbito do trabalho ‘formal’ procurava atuar desempenhando uma ‘performance masculina’, que primava pela seriedade e discrição, mas, durante algum tempo de sua vida, esta era levada a cabo inclusive em momentos de sociabilidade²¹⁰, voltada para o lazer, por exemplo.

Por fim, no desempenho desta performance era válido inclusive ter namoradas e noivas. Mecanismos e estratégias a serviço de uma “ética da invisibilidade”, do armário (SIVORI, 2005, p.200) e que, por sua vez, exigia delas um esforço permanente de esconder, encobrir o ‘feminino’ que transbordava.

²¹⁰ Nas fotos temos dois momentos distintos que ilustram o desempenho destas performances no que diz respeito à Laura. A fotografia posicionada no lado esquerdo da página registra Laura (da esquerda para a direita, Laura é a sétima integrante do grupo em pé) em seu primeiro emprego após o término da faculdade, e na foto abaixo durante um passeio com um amigo à cidade de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro.

. 4 O “*ser feminina*”

Nessa época eu sentava com a mamãe no portão lá de casa e as pessoas passavam e perguntavam: é menino ou menina? Vê se eu não pareço uma menininha aqui²¹¹. (Laura).



Isso aqui era para o carnaval. Eu e minha irmã a Odete, de odalisca. A mamãe sempre fazia roupas para gente. Olha eu! Que bonitinho todo arrumadinho. As fantasias eram muito bem feitas. Que fantasia é esta que mamãe fez para mim? Eu sei que a mamãe só me botava com fantasia de homenzinho e eu já de olho nas fantasias das minhas irmãs. (Laura).

Eu com 12 anos quando estava na casa do jornalista, tinha uma piscina enorme para a gente nadar ai eu trepava no trampolim eles davam um short para a gente, um shortinho de amarrar do lado eu fazia aquele short pela metade ficava um biquíni, era abusada. Ai ficava na piscina começavam a gritar: pula Marta Rocha, me chamavam de Marta Rocha, meu corpo já era feminino quando eu tinha 12 anos, sem hormônio nem nada, bumbum grande só não tinha o peito, mas o corpo era feminino. (Raquel)

Mas na minha época. Eu era muito perfeito para minha época, meu tipo era muito perfeito para a época em que eu vivi. Vou te dizer o porquê. Por ter nascido no berço em que eu nasci e ter tido as melhores roupas, os melhores calçados, os melhores sabonetes, os melhores cremes que minha mãe usava eu passava na minha cara. O trato, que eu quero dizer. Eu era um garoto de fino trato. E nasci com uma coisa, o que era? Pequenininho, mão pequenininha, pernas grossas, bem feitas, cintura fina, bunda, tá entendendo? Colo perfeito, sem barba, isso com 19 anos. (Sarita).

²¹¹ Esta foto, como o leitor poderá se dar conta, foi utilizada por um dos personagens “periféricos” do documentário para justamente colocar em pauta esta questão.

Entre elas, sobressai a idéia de um feminino como essência, em seus discursos e já ‘marcado’ em seus corpos, desde muito cedo o que faz com que suas identificações com o gênero feminino sejam compreendidas como um “destino²¹²”, apesar de terem sido socializadas de acordo com o gênero que lhes foram enunciados (BUTLER, 2002, 2001) ao nascer. Não é a toa que Laura afirma que “eu sempre fui feminina, não precisaria botar um vestido nem nada para ser feminina”. Neste sentido, através de suas narrativas, é possível verificar a configuração de uma *identidade idem* (RICOEUR, 1991) ao reivindicarem para si um “feminino que sempre esteve presente em suas vidas” evidencia-se uma “mesmidade” - no sentido que são sempre iguais a elas mesmas desde que nasceram - e que atravessa os tempos e que desafia a todos, isto é, a todo o universo sócio-cultural do qual fazem parte.

Todavia, este ‘corpo’ cujas ‘formas femininas’ já ‘eram aparentes’ precisava ser ‘lapidado’ para atingir uma corporalidade feminina em sua plenitude. Como bem salienta Maluf ao questionar que corpo é esse dos transformistas (referindo-se aos sujeitos que ultrapassam as fronteiras de gênero), os momentos e formas diferenciadas de inscrições corporais que fazem parte dos processos de transformação, “ao contrário de ser o início da mudança, aparece, no discurso e nas narrativas de muitos desses sujeitos como o desfecho de uma mudança interior” (MALUF, 1998, p.6). Portanto, apesar da indumentária de “boyzinho” o seu “verdadeiro eu” escapava e a feminilidade que era imanente denunciava o gênero que se identificavam. Por sua vez, como bem observa Ricoeur (1991) “a narração mostra-se como o primeiro laboratório do julgamento moral”. Neste sentido, se através de suas narrativas é possível verificar que faz parte do processo de constituição de suas subjetividades a configuração de uma *identidade idem* ao reivindicarem para si um “sempre fui feminina”, ao mesmo tempo, a meu ver, elas procuram tornar ‘compreensível’ o desenvolvimento de um “projeto de vida desviante” e, assim, criam ‘estórias’ que legitimam a experiência e proporcionam a ilusão de coerência (BOURDIEU, 1996).

Essa reivindicação de uma feminilidade que transborda, que é percebida em seus corpos e que se traduz em corporalidade através de gestos, expressões, posturas, atitudes, sentimentos e desejos considerados típicos do “gênero feminino”, não se faz num sentido de uma “imitação”, mas se configura a partir de interpretações, leituras do feminino. A narrativa de Sarita é muito significativa neste sentido:

²¹² Pelúcio (2007) também percebeu esta idéia de destino articulado à experiência da travestilidade.

Eu já viciada [...] 16, 17 anos eu já era viciada ao espelho na minha solidão, no meu devaneio. Eu me trancava sozinha no meu quarto, em vez de estudar, eu pegava o pó da mamãe, base da minha mãe, tintas guaches e começava [...] achava a cara deslumbrante, eu me achava linda e fazia a maquiagem no quarto e mamãe às vezes não estava. Eu entrava lá pegava os vestidos da minha mãe, os sapatos da minha mãe, vestia vestido de bailes essas coisas e sempre ficava uma mulher, mas não era aquilo que eu queria porque, as roupas da minha mãe eram o estilo dela, não eram o meu. Então eu criava, eu criava com panos porque a minha mãe era dona de loja como eu te falei. Muitos panos que tinha na minha casa então eu me vestia com panos fazia roupas com os panos. Porque mamãe ia fazer um vestido para uma pessoa, aqueles panos maravilhosos, eu pegava o pano, enrolava, fazia um babado, já botava um negócio aqui, ai me arrumava toda no quarto, cabelinho cumprido chi, chi (faz o som do spray e o movimento de passar pelo cabelo) no cabelo pegava spray jogava ai depois ia para o banheiro tirar tudo e tomar banho. Mas antes, eu brincava sozinho, eu e a Sarita.

A partir dos ‘devaneios’²¹³, de Sarita se vislumbra o complexo jogo entre a *identidade idem* e *ipse* que constituem a noção de identidade narrativa tal como preconizada por Ricoeur (1991). Portanto, ela não fala apenas de um devir mulher, mas dos muitos outros devires que estão envolvidos em sua construção de si. Em seu quarto, sozinha, em suas brincadeiras, em sua relação com o espelho, entram em cena a relação entre aquilo que ela sempre foi e, o outro, que também habita nela. Portanto, neste jogo entre o idem e o ipse da identidade narrativa, Sarita, ao afirmar uma forma de ser, ou seja, uma identidade mesma, ela será sempre afetada por este outro. No livro *Certas Cariocas* Silva (1996b) faz uma articulação entre a experiência com o espelho e o que ele chama ‘travesti histórico’ aquele que não se socializou e que: “Teatraliza para si ante o espelho e, para o reduzido grupo de amigos entendidos, na praia deserta, ou para os outros no teatro e no carnaval a virtualidade que a educação ensina evitar em qualquer situação, a todo o tempo e em todos os espaços” (*Ibid.*, p. 18).

²¹³ De acordo com Bachelard “uma infância potencial habita em nós quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios” (1988, p. 95). Sendo o devaneio compreendido como a própria capacidade de imaginar, de criar e de alçar vôos.

Sendo que as festividades carnavalescas teriam no plano do social o mesmo estatuto do espelho no plano da solidão. É possível dizer que as travestis que fazem parte da pesquisa vivenciaram esta experiência do espelho de acordo com o sentido dado por Silva. Mas, por outro lado, foram além das experiências do travesti histórico ao ultrapassarem esta fase. A construção do feminino entre as travestis já foi demasiado discutido entre os autores que desenvolveram etnografias acerca deste universo. Para Silva (1993) os atributos físicos obtidos pelas travestis em vias da “invenção do feminino” se conquista graças a uma renhida luta contra a natureza, ou seja, contra o homem natura. Sobre isso, Maluf (1998) observa que, Silva ao salientar, com relação às travestis, uma idéia de combate com a “natureza masculina” acaba por apoiar-se num dualismo binário dos gêneros onde “a natureza aparece como a grande mestra dos corpos” e por sua vez contribuindo para uma “substantivação do corpo e da pessoa” (MALUF, 1998, p.10).

Já para Benedetti (2005) as travestis, ao fabricarem seus corpos, constroem um feminino que não é o das mulheres, é um feminino tipicamente travesti caracterizado pela convivência de valores ambíguos, como diz o autor “É um feminino que não abdica de características masculinas porque se constitui em um constante fluir entre esses pólos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes de gênero” (BENEDETTI, 2005).

O que leva Kulick (2008), por exemplo, a considerar que as travestis são ao mesmo tempo essencialistas e construtivistas; essencialistas porque suas concepções acerca de sexo e gênero são pautadas numa idéia de essência e natureza, e construtivistas porque exploram diferentes possibilidades de gênero. Ao solicitar-lhes que falassem a propósito do processo de constituição de uma imagem e corporalidade feminina ao longo de suas vidas elas evocam, através de suas narrativas, aspectos da própria trajetória social da travestilidade. Suas recordações esmiúçam as primeiras táticas para dar cabo à composição de uma imagem feminina em articulação com a experiência da travestilidade que se desenvolvia em consonância com o campo de possibilidades (VELHO, 1999a) da época, negociado e manipulado a partir de suas “artes de fazer” e “artes de saber”. Uma experiência vivenciada em determinadas redes sociais, itinerários urbanos e territórios de sociabilidade:

Nenhuma de nós se atrevia a botar roupa de mulher ou andar na rua vestida de mulher na época da ditadura na época de 60 a não ser quem já era de zona, quem morava pela Lapa. Não fazia não, andava com os cabelos delas assim, maquiavam o



rosto, nós todas passávamos *angel face* e lapisinho embaixo dos olhos e jogava o cabelinho como aquela foto que você está levando é daquele estilo que a gente andava. (Sarita).

Até o surgimento do hábito entre elas de fazer uso do hormônio, em sua composição do feminino não apenas usavam de maquiagem e determinadas formas de pentear os cabelos como salienta Sarita, mas também usavam de enchimentos – chamados entre elas de Pirelli - para

simular seios e para “fazer quadril”, ou seja, para dar contornos arredondados ao quadril (esta técnica em especial apontam como não utilizadas por elas, mas sempre por alguma travesti de sua geração que, diferente delas, não tinham o corpo tão feminino), modelagem das sobrancelhas, cintas para afinar a cintura, perucas, eram os recursos utilizados para dar ‘materialidade’ as suas performances femininas. Neste sentido, destaco o relato da Raquel:



Raquel: Aqui sou eu, com uma das mais bonitas do Rio de Janeiro, a Angélica Silipano, era o nome dela, porque naquela época ela usava enchimento, usava Pirelli, ela esta de Pirelli e peruca Marilyn.

Pesquisadora: Era comum naquela época usar enchimento? Era, eu não porque eu sempre tive corpo, não precisava, mas o nome dela era Silipano por cauda disso. Ela era muito bonita de rosto. Na época tinha prótese, mas silicone injetável ainda não tava.

Informei que as travestis utilizam a palavra montagem²¹⁴ para se referirem as suas composições do feminino e neste processo lançam mão

dos mais variados artifícios. Neste sentido, Sarita nos fala de uma montagem presente entre elas e que se dava num período específico, no

²¹⁴ Esta expressão é também utilizada por *transformistas* (MALUF, 1998) e *drag queens* (VENCATO, 2002), por exemplo.

caso, a década de 60 e que era feita para determinados territórios de sociabilidade, em bares, boates, para o *footing* no calçadão de Copacabana²¹⁵, em seus itinerários no Centro da cidade, para estar entre amigos no bar Amarelinho na Cinelândia, para ir aos cinemas, entre outros itinerários urbanos e territórios de sociabilidade que serão tratados no último capítulo. Mas os depoimentos de Sarita e Raquel sugerem as existências de diferentes ‘montagens’ e de experiências da travestilidade. Sarita, por exemplo, faz uma diferença entre as ‘bichas femininas’²¹⁶, de sua rede social, formada por garotos de família com tendências femininas que ‘faziam travesti’ em bailes carnavalescos e nos palcos de teatro da cidade, e aquelas ‘de zona’, e que moravam na Lapa, talvez, como Raquel, por exemplo, que, nesta época, já dava seus primeiros passos na arte do *trottoir* pelas ruas da Lapa e que não demoraria muito para fazer uso de hormônios, como ela mesma nos contará a seguir. Mas, por agora, Raquel nos remete para o final dos anos 70 e, em sua fala, salienta para o uso de enchimentos para fazer seios, quadril e do uso de perucas entre pessoas de sua rede social na época, inclusive no exercício da prostituição. Não que na década de 60, ou em décadas anteriores, não se fizesse uso do enchimento para simular quadris e seios. Mas, em geral, entre as interlocutoras, elas ressaltam o uso destes artifícios em situações como o carnaval, para suas montagens para os espetáculos artísticos ou ainda em reuniões íntimas na casa de amigos.

De certo modo, durante suas juventudes, a experiência da travestilidade entre elas as aproximava e até se confundiam com os praticantes de transformismo e/ou *crossdressing* (VENCATO, 2003). É principalmente à medida que elas começam a ingerir hormônios que as fronteiras entre estes sujeitos trans vão sendo demarcadas²¹⁷. O surgimento deste hábito entre elas situa-se, tomando como referência o conjunto de seus relatos, em torno de meados da década de 60 do século passado. Já por volta da década de 80, passam a fazer inscrições corporais a partir da aplicação de silicone industrial, no caso de Raquel e Sarita, e de próteses de silicone, no

²¹⁵ Como também salientado em Green (2000).

²¹⁶ Na parte introdutória, já falei, a partir dos trabalhos de Silva (1993), Vencato (2002), Henning (2008), sobre o sistema classificatório e hierárquico presentes entre gays, lésbicas, travestis, transexuais, *crossdressing*, drag queens, drag kings. Que demarcam as diferenças de cada uma dessas categorias (VENCATO, 2003). Um sistema classificatório feito de categorias e subcategorias que expressam o que Maluf chamou de *obsessão classificatória* utilizado por Henning (2008) em seu trabalho com sujeitos da cena GLS de Florianópolis. No caso do meu estudo, ouvi algumas vezes a expressão *bicha-feminina* para designar aquele sujeito que se identifica como homossexual, em termos de orientação sexual, e cuja corporalidade se destaca por ‘uma feminilidade natural’.

²¹⁷ Numa extensão do uso de hormônios a modelagem definitiva das sobrancelhas através da retirada dos pêlos com uma pinça de modo a obter o aspecto mais ondulado e fino, também é apontada como fundamental neste processo.

caso de Isa, Fujika e Jane. Estas inscrições, em algumas partes do corpo, representou uma mudança fundamental em suas vidas, à passagem do “fazer travesti”, durante as festividades carnavalescas e no teatro, para “tornar-se travesti” em seus cotidianos. E é com riqueza de detalhes que Raquel e Sarita nos conduzem através de suas reminiscências para o espaço fantástico de suas memórias (ECKERT & ROCHA, 2005), mais especificamente a memória do corpo (CLASTRES, 2003, p.201-204), um corpo que se revela ao mesmo tempo em que é constituído em suas narrativas e na reconstrução de suas trajetórias:



Comecei a tomar hormônio com 24 anos quando entrei para o Ministério, para virar travesti. Com 27 anos eu já estava de peitinho e quadril grande. Eu me intoxiquei, tomava muito comprimido e injeção também. Há mais de vinte anos que eu não tomo hormônios. Quando eu fui fazer o exame de taxa hormonal, agora com 68 anos, a médica me disse que meus hormônios são femininos. Só a parte da mama que não é, porque não está saindo leite, antigamente se tomasse hormônio saía. Mas meu organismo é feminino até hoje, por eu ter tomado muito hormônio para me transformar rápido em travesti, me intoxiquei demais da conta. Tomava cinco, seis comprimidos por dia. E depois quando eu já tava hormonizada e tudo, quando minha mãe morreu, eu tinha uns 45 anos, aí eu peguei, e resolvi botar silicone. Aí o pessoal falava: isso é perigoso, pode morrer, não sei o que mais. Aí eu falei: se eu morrer, eu faço companhia para minha mãe. Minha mãe morreu em agosto, aí quando foi em dezembro, uma travesti me levou lá na Raquel, uma bombadeira que estava iniciando na época, tinha bombadeiras conhecidas aqui no Rio, aqui no Centro Severina e outras, mas eu não confiava nelas e fui botar nessa. Aí eu cheguei lá, foi lá em Nova Iguaçu, ela botou um litro de cada lado, a primeira vez.

Queima muito aquilo quando coloca assim, né? Mas eu suportei. A pessoa para se transformar suporta muita dor. Uma coisa que não parece nada, mas é um óleo estranho. O silicone é um óleo, não é um silicone 100% entendeu? Ela vai aplicando de um lado, dá quatro agulhadas em baixo, outra em cima, outra de um lado e outra de outro lado. Bota o silicone num copo, esses copos de 300 ml de requeijão, enche aquilo e aí vai tirando dali e aplicando. Acho que quatro copos daquele é um litro, ela botava

assim quatro de um lado e depois mais quatro de outro. Depois ela amarrou, não dava anestesia, não dava nada, era ao natural,



normal. Hoje elas dão anestesia e tudo. Mas ai ficou bom, elas tinham mania de botar um troço aqui no meio do peito um canudinho e amarrar uma corda aqui por baixo contornando do lado e amarrando no pescoço; a gente tinha que ficar um mês com aquele troço para não descer. Tomava banho, mas tinha que tirar e voltar a botar e não podia dormir de bruços. Eu que só gosto de dormir de bruços foi um terror! Tinha que está dormindo de lado.

Mas ai um mês depois eu achei pequeno, eu voltei lá. Ai você tem que botar mais! Não ficou grandão como eu queria. Eu seu que eu apliquei três vezes, três litros de silicone em cada peito. (Raquel, 05/12/ 2007).

Pesquisadora: Quando você começou a tomar hormônios?

Sarita: Ah, eu comecei com 17, 18 anos. Eu primeiro tomei novolon, era novolon ou novolar, depois tomei primodiol, em injeção foi isso que também mexeu com a garganta, dizem que mexem e me deixava muito nervosa.

Pesquisadora: E o que você sentia?

Sarita: Vichi [...]. Nossa senhora! Como eu ficava irritada [...]. Porque, não goza (falando baixo) a pessoa fica toda vida [...]. E num (bate palma) a pessoa fica avoadada, sabe? E ainda mais com coisa na cabeça. E diziam não bebe Sarita, não bebe porque isso faz mal [...]. Eu punha sangue pelo ânus (falando em tom de sussurro) e não sabia porque estava acontecendo aquilo.

Pesquisadora: E era por causa do hormônio?

Sarita: É era o hormônio. Ai o homem disse, você é um menino que nasceu com tendências femininas demais. Tem mais hormônios de mulher do que hormônios de homem. E você esta tomando isso e não tem por onde sair!

Pesquisadora: E você tomava muito?

Sarita: Eu tomava muito. Eu tomava dois, três, por dia. Eu tenho medo que isso que esteja fazendo mal para o meu rim qualquer coisa.

Pesquisadora: Alguma vez perguntou ao seu médico as conseqüências?

Sarita: Nunca perguntei nada, depois que eu conheci esse homem lá do Paraná esse homem vinha com caixas e caixas e

caixas. Meu peito chegou a ficar assim (faz um gesto na frente do peito na tentativa de mostrar como tinha ficado grande). Assim quando eu conheci esse rapaz (referindo-se a pessoa com quem viveu por mais de 17 anos) comecei a parar de tomar hormônio. Ele mesmo disse não quero que tome hormônio, não quero que tome hormônio (imitando o jeito da pessoa ao falar com ela) Porque eu já estava ficando toda desfigurada, já tava acinturada, com bunda grande, sabe? Porque ele mexe no corpo todo da gente. E a bebida, com a bebida provocou eu ficar gorda.

Pesquisadora: E você parou de tomar quando?

Sarita: Ichi [...]. Eu nunca mais tomei. Deixei de tomar isso já estava com 33 anos, quando deixei de tomar hormônios, não quis mais. Eu nunca mais botei hormônio na boca, tenho até medo de tomar hormônio e até morrer.

Pesquisadora: Sentiu mudanças quando parou de tomar hormônios?

Sarita: Não, mudança eu não tive não. Tive que eu baixei o peito aqui. O que eu tenho aqui é silicone injetado. Um copo em cada um foi o que ficou. Mas se tomar, eu agora não quero tomar isso. Mas se tomar, começar a tomar direitinho, não bebo mesmo agora, num instantinho o peito vai tomando forma. Ele estufa, né?

Pesquisadora: Mas mesmo assim com os seios grandes você ainda pôs silicone?

É (dá um suspiro) porque depois que toma hormônios se você deixa de tomar ele vai baixando ele fica esticado, fica aquela pele, mas ele vai, ele murcha. Quando é época de calor, muito calor você tá hormonizado, toma hormônio, o peito sempre cresce mais um pouquinho, ele fica durinho, ele enrijece. Mas como eu tomei muito era uma bola. Era um peitão assim, tão bonito! Eu não tinha posto silicone não até então. Aquele peito assim [...]. Isso tudo diminuiu. Parou de tomar hormônio ele vai diminuindo entendeu? Mas fica aquela pele. Ai eu tava [...]. Em [...] Rio Negro as bichas foram colocar [...]. Eu ia botar duas vezes ai ele ia ficar num tamanho bom. Botei uma. Ai eu disse: bicha não vai fazer isso, passa para seu pulmão você [...] depois começaram a me meter medo [...]. Eu sempre fui assim: começo a fazer uma coisa, outro bota medo eu pego [...]. Parei. Eu digo: eu não vou botar mais. Ai ficou esse pouquinho, esse pouquinho já levanta no sutiã, não precisa. A bunda ficou bonita, a minha bunda é bonita, embora seja pequena a minha bunda é bonita. Ficou aquela bunda bem feitinha, eu não queria aquela bunda de gigante que elas ficam com aqueles quadris feito umas loucas, eu não queria. Eu queria ter bundinha, uma bundinha arbitada, que bota no vestido fica a bundinha, entendeu? Era isso que eu

queria. Eu já tenho as perninhas grossas, entendeu? A minha bunda eu tomei um litro de uísque, né? (risos). Minha bunda foi à coisa mais engraçada. Eu tinha ganho um concurso em Curitiba, eu tenho até a fantasia ali, primeiro lugar no baile do atlético, depois ganhei também no operário. ‘Rainha do carnaval de Curitiba’ tenho até faixa ai hoje. Ai o Pepito [...] Vamos, vamos bicha que “tenes” que colocar silicone na bunda, para ficar com a bunda cheia! (Imita a voz do amigo). E eu me deitei na maca e todas as filhas, irmãs de silicone, inclusive amigas minhas já de outras épocas e tinham me visto ganhar o concurso, e diziam: Sarita, Sarita é maravilhosa, que ganhou concurso em Curitiba, com uma fantasia maravilhosa está botando silicone e, elas todas já feitas. Estava Merla que depois veio trabalhar comigo no Marius, Primavera, um monte delas e todas deitadas lá, sentadas na sala. E a bicha na sala desenhando minha bunda. Pá! A primeira vez eu não senti nada, pá! Na segunda eu não senti nada! Botou, apertou, desparafusou, colocou de novo, e tudo eu olhando para ver se as seringas eram descartáveis porque, já estava o babado (referindo-se a AIDS), 1983 [...] (sai para procurar a faixa) a faixa tem que estar por aqui. (Mas não conseguiu encontrar a faixa nos armários). Ai, pá! Desparafusava, eu olhando tudo. Pá! Botando silicone e ela disse: eu vou botar um litro e meio, 75 mg para cá e 75 mg para cá (se referindo as nádegas) mililitros né? Menina! 750, 750 é. Ai [...]. E as bichas todas lá assistindo ai eu tinha visto que tinham posto mesa na outra saleta e tudo ai gritaram, a mulher falou assim: Daniele já esta pronto o jantar, venha jantar! Já acabou? Tô quase acabando aqui! Mas eu vi que ela só tinha dado de um lado, só tava pronto uma bunda, uma metade de uma bunda. E elas todas saíram e Pepito tudo e o litro lá na mesa e eu tomando, e Pepito também. Vai se colocando viado porque, você depois vai dizer que não vai fazer, eu vou dar na sua cara que você fica mandando eu fazer! E eu tomando o meu uísque. Menina [...]. Sem comer nada. Deu à primeira, deu à segunda, deu a terceira, deu a quarta!! Já começava esperar a quinta, começava esperar a sexta ai, aquilo vai te dando uma aflição que não acaba e a sétima, a oitava [...]. Bicha do céu [...]! É um terror!! E desparafusada. Coloca de novo e você já ficando louca, ai eu sei que ela fez a bunda toda, mas eu já estava começando a ficar nervosa mas o uísque já vai tirando a coisa. Ai começamos a conversar e eu digo já não quero mais, já estou colocado, agora vamos só falar, conversa comigo bicha, conversa, para mim não ficar pensando na que vai entrar, na seguinte (dá um suspiro). Não é dor do silicone é dor de toda a vez te espetar, dá agulha entrar. Ai que ódio, ai elas foram para

lá. E tá essa Pepita bêbada já falando, bicha não come muito, porque depois te dá uma embolia bicha. Não coma Pepito, coma pouquinho ai não fica se encharcando não porque depois você vai fazer. Daqui a pouco as bichas estão lá de conversa e eu tô com a bunda lá. E eu me levantei da mesa de ladinho para olhar quando eu olho assim está este lado aqui, porque incha um pouquinho, este lado belíssimo, eu digo nossa vai ficar lindo! Ahhh! Dá um negocio em você que você já sente que vai virar Marta Rocha ali. Menina, aquele tempo todo que eu passei sofrendo aquelas agulhadas, começou do lado de cá. É pior quando este lado ainda não recebeu e você começa, a saber, que ali vai começar a bater. Eu sei que terminou minha bunda elas me pegaram, me levantaram, me botaram deitada no chão em cima de um negócio e a bicha botou [...]. Não pode botar nada em cima, por que senão, não pode botar calcinha, não pode usar nada certo? Nem usar cueca, nada. Você tem que botar a calça e ir embora assim depois vai tirar. Por que solta, fica soltando. Ela bota um liquidozinho em cima para não correr, mas fica correndo, como perde também.

Pesquisadora: E vocês podem sentar?

Sarita: Pode sentadinha no táxi, devagarzinho né? Sentadinha, sentada o táxi levou a gente lá, mas direto para cama. Ai eu morrendo de fome, morrendo de fome! Sabe que horas chegamos? Todo mundo dormindo. E nós com fome, três horas da manhã terminou a bombada da Pepita. Bombada que nos chegamos em casa quatro horas da manhã. Agora uma febre, um frio! Me deu aqueles calafrios de febre e nos duas deitadas oh!! As duas deitadas na mesma cama. Não podia virar de bruço, deitada com a bunda para cima. As duas gemendo a noite toda. Ai depois levantava e pedia para ir ao banheiro porque você fica toda dolorida, né?

As narrativas de Raquel e Sarita sobre o processo de transformação dos seus corpos a fim de atingir uma “aparência feminina em sua plenitude” são construídas a partir de um incessante diálogo entre passado, presente e futuro. Elas não se detêm apenas em descrever dimensões da trajetória deste processo, mas refletem, analisam criticamente sobre suas experiências individuais e sobre os fazeres e saberes (DE CERTEAU, 2008) desenvolvidos pelo “grupo” mais amplo. Fazeres e saberes que sofreram mudanças.

É muito interessante quando descrevem em detalhes o processo minucioso, doloroso e cheio de riscos que envolvem a aplicação do silicone em seus corpos, dando lugar através da fala de Raquel, a uma reivindicação da experiência e da vivência da travestilidade de ‘seu tempo’ em

comparação com a de hoje. No ‘seu tempo’ transformar o corpo talvez fosse mais legítimo e mais autêntico, afinal “não dava anestesia, não dava, era mais natural”; a dor e o sofrimento eram maiores²¹⁸. É necessário pontuar que esta idéia de naturalidade não está apenas relacionada à idéia tão cara a elas de tendências femininas desde a infância, mas também a ingestão de hormônios (do tipo contraceptivos). Nota-se que Raquel relata que já estava “hormonizada” o suficiente para dar cabo à decisão de aplicar silicone, a explicação que ela dá a respeito de uma amiga travesti é contundente:

É necessário tomar hormônio porque o hormônio dá elasticidade à pele e é preciso isto para o silicone ficar direito, senão fica duas bolas; às vezes o que elas fazem é colocar uma prótese de 200 (litros) para dilatar alguns meses depois uma de 400 (litros) e assim vai dilatando. As pessoas que não tomam hormônio e botam uma prótese ou silicone injetável o peito fica horrível, fica uma coisa horrível. Não fica um peito feminino.

As explicações de Raquel, que expressam alguns dos saberes sobre o corpo, compartilhados entre elas, estão vinculadas a importância de se atingir uma aparência o mais natural possível. O jogo complexo entre o natural e o artificial, com relação à fabricação dos seus corpos, já foi apontado por muitos dos autores que trabalham com este universo. Sobre isto, Kulick (cf. 2008) considera que existe uma tensão entre o desejo de naturalidade – aspecto importante da subjetividade travesti - e a necessidade de meios artificiais. Em termos gerais entre as travestis que compõe o universo de pesquisa pude verificar que a exaltação da naturalidade, de ‘ser natural’ está intrinsecamente relacionada ao esforço de não *dar pinta*, ou seja, não passar por travesti, e que interfere sensivelmente em suas interações cotidianas como será discutido no capítulo seguinte da tese. De acordo com Benedetti (2005) o uso de hormônios entre as travestis é concebido como o veículo do feminino, como se o medicamento suprisse o corpo de algo que lhe estava faltando, como se estivesse corrigindo um erro da natureza (BENEDETTI, 2005, p. 77).

Tendo em vista as travestis por mim estudadas e a carga simbólica do hormônio entre elas, parece mais que o hormônio estimula o

²¹⁸ Duarte (1998) chama a atenção para o fato de que o sofrimento é parte de um complexo sistema de representações sobre a relação da Pessoa com o mundo que, inserida na tensão estruturante própria à origem dos saberes sobre o humano na cultura moderna, herda da tradição cristã a ênfase na dor, na paixão e no sacrifício de si como acesso ao valor, no caso, à proximidade ao divino, como o mito de Cristo evidencia.

desenvolvimento de algo que já estava presente nelas. É como se o hormônio aflorasse o feminino. Em termos gerais, começaram a ingerir hormônios na juventude e idade adulta, com exceção de Isa que foi a única a mencionar o fato de ter começado a tomar hormônios ainda na infância contando com a ajuda de uma travesti mais velha que ela.

Não sei, eu via uma bicha que morava na mesma cidade que eu, ela tomava hormônio e eu achei aquilo bonito. Um corpo lindo! Meio mulatinha de corpo, uma gracinha. Ai os peitos começaram a crescer e, naquela época, o hormônio chamava-se lindiol, e eu tomava lindiol, como se estivesse chupando uma bala. Caixas de lindiol, caixas de lindiol, ai o peito foi se desenvolvendo. Para minha mãe não perceber tanto eu não tomava tanto ta entendendo? Mas o cara que eu morava ele não tava nem ai, ele ficava 15 dias na água, 15 dias na terra. Continuei estudando como era antes, eu levei uma vida normal, fiz tudo quanto era curso que não devia de fazer, fui estudando.

Segundo nos conta Isa, ela começou a tomar hormônios por volta dos nove anos de idade, como a lendária travesti Chispita de Salvador, mencionada por Kulick, em sua etnografia. Tanto em Chispita como em Isa a possibilidade de fazer uso de hormônios ainda na infância está relacionado à vivência de uma experiência compartilhada. Como nos informa Kulick, Chispita vivia numa casa com travestis que a “encorajaram” a ingerir-los²¹⁹. Isa sentiu-se estimulada através da experiência de corporalidade do outro, pela possibilidade de materializar sua “natureza feminina”. E, mesmo aquelas que começaram a tomar hormônios já adultas evocam este sentido de compartilhamento, como nos diz Marlene: “ah elas todas estavam tomando eu resolvi tomar também”. Laura, por exemplo, quando menciona sua motivação para tomar hormônios salienta: “eu já tinha peito, mas quando começou a ‘guerra dos peitos’ eu resolvi tomar hormônio e



²¹⁹ Kulick (2008) observa que, em termos gerais, as travestis mais velhas e/ou mais experientes incentivam a ingestão de hormônio o mais cedo possível, no sentido de almejar um melhor efeito do hormônio e assim “apagar” as características da “anatomia masculina”.

ai eles cresceram dessa forma”. Todos os trabalhos sobre travestis já citados por mim fazem referência aos processos de transformação do corpo travesti, alguns deles se detém, de forma mais aprofundada, neste aspecto, como é o caso de Pelúcio (2007, 2009), Kulick (2008) e Benedetti (2005), por exemplo, e destacam em detalhes as fases e os procedimentos para a fabricação de um “corpo feminino”. Para Pelúcio (2009) tendo como base as experiências de vida das travestis com as quais realizou seu estudo, “o desejo de ter um corpo sobrepõe-se aos riscos, dores e sacrifícios implicados nessa materialização”. Pelúcio argumenta, apoiada em Duarte, que a dor entre as travestis “tem um caráter estatuinte, porque está dedicada ao projeto de acesso a estatutos atribuídos, pré-determinados, e como constitutiva, uma vez que está dedicada a projetos de aquisição pela via da construção ou transformação interior” (DUARTE, 1988, p. 22 citado por PELÚCIO. 2009, p.232). Com relação às travestis que fazem parte desta pesquisa, não apenas Sarita e Raquel deixaram de tomar hormônios em determinados momentos de suas vidas. Em geral, todas elas afirmam ter suspenso o uso de hormônios ainda na idade adulta, sendo, em alguns casos quando já tinham atingido os efeitos corporais que desejavam. De todos os modos, a partir de uma determinada época, já podiam contar com silicone para os eventuais retoques e aprimoramentos.

Mas a “dor da beleza”, ou melhor, seria a dor do pertencimento²²⁰, e aqui eu considero tanto em termos do uso de hormônios quanto à aplicação do silicone industrial e/ou líquido, como elas dizem, parece que tem limites, em conexão com o fato de que se sentem satisfeitas com os efeitos “positivos” do hormônio, como ter seios, arredondar as formas do corpo, diminuir os pêlos, afinar a voz. Além disso, a aplicação de silicone associado à aquisição ‘instantânea’, eu diria, quase que mágica, das formas femininas tão desejadas, afinal “dá um negócio que você já sente que vai virar Marta Rocha ali”.

Mas, ao lado dos efeitos positivos podem estar os efeitos “negativos”, é neste ponto quando refletem sobre os riscos, as dores e os sacrifícios, alguns deles podem ser irreversíveis, como a queda de cabelo da Raquel que a levou quase a calvície, como ter partes do corpo com caroços devido ao endurecimento do silicone²²¹. Sarita, em uma de nossas últimas conversas fez questão de mostrar alguns desses caroços localizado no joelho direito. Em termos gerais, tais ‘reclamações’ podem ser evidenciadas, em grande parte, nas narrativas das travestis entrevistadas pelos autores já referidos.

²²⁰ Refiro-me ao pertencimento ao grupo social.

²²¹ Conhecido como mondrongos.

Tanto Raquel quanto Sarita aplicaram silicone industrial²²² em seus corpos por intermédio de uma bombadeira, nome dado a pessoa que injeta silicone. Em geral, é uma outra travesti que faz este tipo de serviço. O silicone industrial é uma substância de textura pastosa semelhante a um óleo, grosso e incolor, e é normalmente encontrado nos grandes centros urbanos. Conforme já apontado por Benedetti (2005) e Kulick (2008), sua comercialização e circulação são controladas pelas bombadeiras, sendo sua aquisição considerada – inclusive pelas travestis –, como ‘comércio ilegal’²²³. Por sua vez, o surgimento da figura da bombadeira é associado às grandes cidades, por exemplo, Raquel comentava que na década de 80 muitas travestis de outras cidades brasileiras e de países da América Latina, como Argentina, Peru migravam para o Rio de Janeiro para *bombar* o corpo.

São dados que sugerem as especificidades do fenômeno em contextos urbanos. Um fenômeno que se não é típico das metrópoles, como já observou Silva & Florentino (1996) encontra, nestes contextos, condições mais favoráveis de se desenvolver. O próprio Silva (1993) na década de 90 chamava a atenção para a existência de uma “rede de serviços” e de cooperação em função da travesti. Profissionais como costureiros, depiladores, médicos, farmacêuticos, manicures, pedicures, cirurgiões, donos de pensão, de bares e restaurantes, taxistas, e, logicamente, o público que os consome não apenas sexualmente, mas através de espetáculos e shows. E acrescento aqui o carnaval, pelo menos desde as primeiras décadas do século passado.

Como é evidente em suas narrativas, o processo de aplicação de silicone era feito de forma quase ‘artesanal’ (e continua sendo) envolvendo inúmeros ‘riscos’ para a ‘saúde’. Como é possível verificar através de suas narrativas, os eventuais ‘danos’ causados pelo uso desta técnica são, em parte, conhecidos, mas não foram motivos de impedimento na época, como já assinalado anteriormente. Raquel em sua última aplicação passou por complicações durante o processo que causou a perda da respiração e fortes dores no peito sendo hospitalizada em seguida. A aplicação de silicone na região do peito é ressaltado por elas como uma das regiões mais perigosas,

²²² De acordo com Raquel, a utilização de silicone por travestis no Rio de Janeiro aconteciam já a partir da década de 70. Já a travesti Fernanda, em livro autobiográfico, acredita que as primeiras aplicações de silicone aconteceram na cidade de Curitiba em 1981. É difícil precisar quando o silicone passou a ser utilizado pelas travestis no Brasil.

²²³ Kulick (2008) ressalta que durante seu trabalho de campo não conseguiu confirmar se afinal a venda do silicone industrial é realmente considerada ilegal no Brasil. A cartilha *Ser Travesti* produzida pelo Ministério da Saúde/Programa Nacional de DST/AIDS chama a atenção não para a venda do produto, mas para a prática de aplicar silicone pela bombadeira como contravenção prevista no Código Penal como exercício ilegal da medicina (artigo 312), de curandeirismo (artigo 313) e de lesão corporal grave (artigo 129).

devido ao risco do produto escorrer para o pulmão causando a morte²²⁴.

Para além dos resultados desejados e indesejados no corpo são salientadas as conseqüências no âmbito das ‘emoções’ (BENEDETTI, 2005). Neste sentido, entram em cena, algumas conseqüências bastante recorrentes nos discursos das travestis, como salienta Sarita: “me deixava muito nervosa [...] ficava irritada”, também ressaltado pela Raquel em outros momentos durante as entrevistas, o fato de engordarem, de provocar a calvície, dificuldades de ereção. Sarita salienta ainda dificuldades para atingir o orgasmo em suas relações sexuais. Destaco aqui uma dessas conseqüências relacionadas à noção de pessoa que foi evidenciada pelas interlocutoras em geral, o fato de que os hormônios as deixavam muito nervosas.

Duarte (1986), a partir de seus estudos sobre os fenômenos da saúde e da doença entre contextos populares, apoiado na categoria nervoso, entendido como uma ‘perturbação físico-moral’ estruturante destes contextos, desenvolve o argumento de que estes últimos se apóiam em representações holistas sobre corpo, saúde e doença em contraste com as representações individualistas próprias dos agentes da biomedicina²²⁵. Os relatos apresentados demonstram que tanto Raquel quanto Sarita, ao contarem sobre as transformações empreendidas em seus corpos e as conseqüências de ordem física e moral, sugerem uma coexistência de representações holistas e de caráter mais individualista em suas concepções sobre corpo e pessoa. As de caráter holistas podem ser exemplificadas devido à articulação entre uso de hormônio e alterações de ordem moral como o nervosismo e a irritação, que de acordo com o argumento de Duarte (1986), fazem parte do sistema de representações e valores acionados pelas classes populares e que são, tradicionalmente, atribuída as mulheres²²⁶. Por sua vez, é interessante se dar conta que Raquel, por exemplo, ao falar desse

²²⁴ Estas informações também foram verificadas por Benedetti (2005), Pelúcio (2009) e Kulick (2008).

²²⁵ Como explica Langdon (1995) os estudos no campo da Antropologia da Saúde vêm, nas palavras da autora: “repensando a relação saúde/cultura, há uma proposta de um modelo alternativo ao da biomedicina. A biomedicina é relativizada, vista como um modelo médico entre vários outros modelos, seja este dos chineses, hindu, ou índios. O enfoque principal da biomedicina, em seu sensu strito, é a biologia humana, a fisiologia ou a patofisiologia, onde a doença é vista como um processo biológico universal. As novas discussões em antropologia questionam a dicotomia cartesiana presente no modelo biomédico e concebem saúde e doença como processos psicobiológicos e socioculturais”. Para maiores esclarecimentos sobre o campo da Antropologia da Saúde ver ainda: Canesqui (2002), Minayo e Coimbra Jr (2002).

²²⁶ Duarte verificou entre as camadas populares que a mulher e o homem são caracterizados por uma série de aspectos em oposição, numa relação complementar e hierárquica. Assim, enquanto a mulher se associa elementos de fraqueza, interioridade e moralidade, relacionam-se ao homem a exterioridade, o físico e a força. (DUARTE, 1986 citado por BENEDETTI, 2005, p. 80).

corpo no passado e ao lhe atribuir sentido no presente se apóia no discurso da biomedicina em suas explicações. Ao mesmo tempo, pude constatar a realização de exames médicos com certa regularidade entre outras interlocutoras, como Isa e Marlene, por exemplo, preocupadas com a manutenção da saúde. Em termos gerais, constatei a coexistência de tais valores e que, segundo Velho, pode ser compreendido como uma das marcas do modo de vida nas sociedades modernas. É ainda Velho que chama a atenção para o fato de que o contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e estilo de vida de indivíduos situados em determinadas classes sociais estabelecendo diferenças internas (VELHO, 1999b). Acredito que tal argumento pode ajudar a compreender este ‘sincretismo’ entre as representações holistas e individualistas que encontrei entre os sujeitos da pesquisa.



Assim, se Pelúcio (2007, p.259-260) em seu trabalho com travestis de camadas populares, na cidade de São Paulo e São Carlos/SP, observa que as travestis se baseavam em dois modelos explicativos para pensar o corpo e a saúde: um modelo da cultura popular e o biomédico ambos sendo chamados quando necessários. Usando como exemplo o processo de aplicação de silicone entre elas onde aos saberes populares somam os da medicina ocidental, por exemplo, como o uso de anestésicos, antiinflamatórios e antibióticos. Acredito que fiz o caminho inverso, trabalhando com sujeitos provenientes dos segmentos das camadas médias urbanas na cidade Rio de Janeiro encontrei também uma espécie de sincretismo de modelos para pensar o corpo e a saúde²²⁷, por sua vez, naquilo que é mais específico aos processos de transformação corporal e as noções de corpo, saúde e pessoa que estão em jogo. Sugiro que as narrativas de Raquel e Sarita também fornecem indícios para se pensar à difusão e a circulação dos saberes, fazeres e valores que configuram um *ethos* travesti e que são reinterpretados pelos sujeitos a partir dos seus lugares e vínculos sociais.

²²⁷ É necessário esclarecer que não é meu objetivo fazer uma discussão mais aprofundada em torno desta problemática. Neste sentido, destaco mais uma vez a tese de doutoramento de Larissa Pelúcio, que deu origem ao livro *Abjeção e desejo. Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS* (2009), onde a autora apresenta uma rica etnografia entre travestis que se prostituem, incluindo os clientes, discutindo o modelo oficial preventivo para DST/AIDS baseado na biomedicina em relação com as concepções de corpo, saúde e doença entre as travestis estudadas. Segundo a autora, algumas dimensões da vida das travestis, como as transformações corporais e de gênero, o prazer sexual, e o cotidiano de riscos com o qual as travestis que se prostituem têm que lidar, são negligenciados pela medicina oficial.

Em seus “trabalhos de lembrar” a construção dos seus corpos em um corpo travesti (BENEDETTI, 2005) tanto Raquel quanto Sarita reconstruem a memória deste corpo, transformado e fabricado com base nas questões e problemas do presente sobre seu corpo, ao mesmo tempo em que refletem sobre os resultados e as conseqüências deste processo em seu corpo envelhecido. Resultados estes que também servem para reafirmar sua condição feminina e o sucesso do projeto de passar por mulher (SILVA, 1993), no caso, passar por senhora (SIQUEIRA, 2004). É com orgulho que Raquel tece comentários sobre o diagnóstico de sua médica que em seu organismo tem mais hormônios femininos que masculinos. Apesar de ter consciência dos excessos para chegar a isto, como ela mesma ressalta: eu me intoxiquei de hormônios. Mas, como Pelúcio observou, a produção desta substância simbólica da fertilidade e da feminilidade é interpretada, muitas vezes, como uma propensão natural do organismo para o feminino, uma vez que não é em todas que este se dá (PELÚCIO, 2007, p.258). Vale ressaltar, neste sentido, que entre as interlocutoras Raquel foi a única a afirmar a produção de leite nos seios.

As travestis constroem seu corpo tendo como horizonte para suas intervenções um corpo feminino que é lido com a minúcia de quem lê um texto dramático que se deve aprender de memória para atuar em seguida²²⁸. Como demonstrei, este processo de aprendizagem em geral se dá ainda na infância e adolescência quando, escondidas em seus quartos, desenvolvem suas composições da performance feminina. Os trejeitos, os gestos, as expressões, o olhar, a postura, formas de composição de uma performance minuciosamente estudada, memorizada, sonhada, praticada incessantemente, e criativamente interpretada por elas, muito além, a meu ver, de uma ‘imitação do belo sexo’. Em geral o processo de transformação do corpo tinha como inspiração os padrões corporais e as performances femininas de algumas mulheres muito especiais: as estrelas da Rádio Nacional e dos filmes de chanchadas brasileiros, as famosas vedetes do Teatro de Revista e as atrizes de Hollywood²²⁹.

Quando eu comecei a me transformar eu achava bonito o corpo da Wilza Carla. Quando ela foi Rainha do Carnaval. Me lembro que ela saiu na revista. Ela com um maiô e aquele corpão divino que eu ficava apavorada. Meu Deus! Será que existe esse corpo dessa mulher, desse jeito? Ficava passada

²²⁸ Fernandez (2004, p. 162) tradução minha.

²²⁹ Fato também percebido por Green (2000) em estudo já referido anteriormente.



quando olhava a Wilza Carla. Então, eu achava ela uma cara divina, porque ela era linda, como era linda essa mulher. Ah, o corpo da mulher parecia um violão, aquela cinturinha desse tamanhinho, com aqueles quadris tão desenhados, aquelas pernas que eu ficava apavorada! (Isa).

A mulher para mim ela tem que ser acinturada, com uma cintura fina, depois aqueles quadris bonitos, aquela coisa que vem de 93, 92 seria o ideal, a cintura 56 é o que eu queria ser, né? Sempre quis ser aquela de cinturinha fina, pequenininha com isso aqui (colo) deslumbrante. Isso eu fiz questão. Eu tinha um homem no meu prédio um senhor português com a esposa que dizia [...]. Isso não é loucura, isso é uma coisa que passou na minha vida. Eu fui tão bonitinha a esse ponto. Das pessoas dizerem. O homem dizia assim [...]. Não adianta que não é você. Pode olhar eu não tenho gogó não tenho nada. Quando chega aqui (me mostrando o colo) olha o colo como fica. Isso meu aqui é muito bonito. E aquilo cheio num vestido. E eu sempre dei valor à mulher com colo excepcional, cheio! Não mulher pombo, aquela mulher furada, depois que teve



moda de mulher magra, seca. (depoimento e foto de Sarita na sua juventude).

Elas se referem a um padrão estético-corporal feminino e a determinadas performances de gênero condizentes a um universo feminino das décadas de 50 e 60, referência para ao universo “travesti das antigas” e que em nada se parece com os padrões estéticos femininos da atualidade. Sarita, durante uma de nossas conversas, comentava comigo a respeito de uma amiga travesti também *das antigas* que, apesar de ser muito alta, tinha suas ‘estratégias’: “Bicha grande não era muito apreciado na nossa época. Afinal no Brasil, as mulheres eram pequenas e então as bichas pequenas e mais delicadas que faziam sucesso”.

Tais referências femininas apontam para determinados padrões de beleza e estética corporal que, como colocou Goldenberg, nos remetem às observações de Gilberto Freyre (1986) “sobre as “encantadoras ancas

femininas” que possuíam, na cultura brasileira, significados não apenas estéticos, mas, também, enobrecedores das mulheres portadoras de tais formas. Antes “dignas”, “virtuosas” e “dignificantes”, como adjetivou Freyre, as protuberâncias do corpo feminino parecem estar gradativamente perdendo o valor em nossa cultura”(GOLDENBERG, 2005, p.3). De acordo com Le Breton, nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e valores (LE BRETON, 2006, p. 81) o corpo, diria Bourdieu, é a objetivação menos irrefutável do gosto de classe (BOURDIEU, 1989). Assim, se por um lado a experiência travesti é marcada pela idéia de que elas ultrapassam as fronteiras do gênero e do corpo (MALUF, 1998), por outro elas tomam como base em suas performances e experiências corporais os padrões sociais de corpo e beleza. Neste sentido, se as antigas sonhavam com as formas arredondadas, a cintura fina e a pernas grossas de vedetes como Wilza Carla, por exemplo, as travestis nas últimas décadas tem outros modelos de beleza e corporais como inspirações. Quanto a isso, o relato da Raquel a este respeito é bastante ilustrativo:

Hoje em dia elas estão mais para Gisele Bunchen. Querendo ficar magras, peitão, não estão botando muito silicone no bumbum, tá menos. Não está aquele estilo mulherão de chamar a atenção como tinha a falecida Joinha, uma mulata que tinha uma cintura fina, aquele peitão, aquele corpão, passava na rua todo mundo via porque chamava a atenção. Então este tipo não tem mais. As travestis atuais, não estão fazendo mais este estilo. O que elas estão fazendo é botar uma prótese natural, botar um pouquinho de silicone para tampar o buraco, mas não fazem mais aquele corpão, não existe mais isso. Elas querem fazer um estilo mais garotas, as cocotinhas mesmo não têm esses bundões. Elas têm corpo normal, busto porque todas as mulheres estão botando agora, porque estão copiando os travestis. Porque travesti que fazia isto, que tirava peito todo mês, no mês seguinte já não queria já botava outro. E as mulheres estão copiando os travestis nesta parte. Na minha época, era assim. As travestis que tinham dinheiro, que iam para a Europa, ah já não quero este peito, vou ao Sergio Levi, vou lá no Puga vou tirar, vou botar um de quatrocentos. Hoje em dia, as mulheres estão fazendo coisas que travestis fazia a

20, 30 anos atrás. As mulheres brasileiras não botavam silicone no peito.

Hoje, pondera Raquel, elas não querem mais fazer o estilo “travecão”, seios volumosos, bundas grandes, pernas grossas, maçãs do rosto salientes e sim serem mais cocotinhas, ou seja, mais naturais. Por outro lado, é necessário salientar que o estilo ‘travecão’ tampouco é unânime entre elas. Ao contrário, em geral, ouvi críticas por parte de outras interlocutoras, como Sarita, por exemplo, sobre este estilo travecão.

Porque eu via travesti, as bichas com o peito deste tamanho, com aqueles quadris e bundas enormes, com aquele nariz pequeno, com uma cara enorme. E eu fui vendo minhas amigas que eu tinha veneração. Ih! Quando eu via de longe fazendo strip-tease que elas estavam pensando que estavam abafando. Eu olhava [...]. Meu Deus do céu [...]! Aquilo é uma moringa? É um vaso de duas ânforas, de uma ânfora? E depois aqueles dois negócios daquele tamanho [...]. Aquela coisa [...]. Parecendo [...] um [...]. Aquele fofão! Aquelas coisas assim, menina cada figura [...].

O que, por sua vez, coloca como relevante as diferentes redes sociais e os respectivos estilos de vida e visão de mundo que elas expressam e que conformam o universo de pesquisa. Portanto, apesar de suas referências corporais do “mundo do lúdico” serem, até certo ponto, compatíveis, bem como chamam a atenção para questões de ordem geracionais, faz-se necessário levar em conta o universo social em que esses corpos são construídos. A Raquel tem como referência principal o universo da prostituição quando fala do corpo, seu corpo foi construído também para atrair clientes. Não quero dizer com isto, tendo em mente a observação de Kulick (2008) quanto ao cuidado de não reduzir todo o processo de fabricação do corpo ao intuito de atender as demandas de um mercado sexual, que todos os investimentos feitos por Raquel em seu corpo para adequá-lo a aparência feminina que desejava visava, apenas, o universo da prostituição, mas sim chamar a atenção para o fato de que todo este investimento foi feito tendo como base principal os padrões corporais vigentes neste universo.

Camille, por exemplo, como foi mencionado, sempre procurou fazer a linha manequim, de acordo com a imagem feminina que queria atingir, a de uma mulher de sociedade. Sarita empenhou-se em atingir a

aparência feminina de uma mulher sexy, sedutora²³⁰ e sensual, mas sem exageros. O fato é que como bem coloca Maluf (1998, p.6) “É difícil definir um caminho para a transformação. Em geral, essa inscrição de novos signos no corpo começa com a gestualidade, a maneira de andar, de gesticular, de falar. A seguir, há a combinação das roupas com a maquiagem. O que significa também um novo aprendizado”.

Um aprendizado longo e cuidadoso realizado no âmbito da rede de sociabilidade da qual fazem parte, que se torna elemento fundamental neste processo, afinal dificilmente um indivíduo inicia o processo de transformação em travesti se não está inserido em uma rede social. Os depoimentos de Paola e Camille são um exemplo:

A primeira vez que eu me vesti de mulher fui produzida por um cabeleireiro amigo meu para ir ao baile do República. Depois eu fiquei fazendo, foi divino. Todo mundo adorou. Ai era proibido travesti e ficava polícia na porta do baile do República. As bichas se vestiam lá dentro, ou então, chegavam pronta, mas na hora de sair tinham que tirar a roupa. Eu não, passava batido. Saía normal entrava e ninguém percebia que era travesti, ninguém percebia. E fui melhorando, eu não sabia me montar ele foi me ensinando eu fui aprendendo, tomei muito hormônios femininos. Ficava no salão para prestar atenção nos maquiadores, e olhando as clientes do salão, fui tendo bom gosto. Fui me polindo, fui aprendendo tudo. (Camille)

Primeiro truque quem me ensinou foi uma amiga minha que é transformista da antiga, da época da Laura. A primeira coisa foi aprender a botar meia-calça. Ela falava: bote uma calcinha por baixo, duas meias cor da pele, uma meia preta e outra calcinha por cima. Ai você bota o que quiser: uma calça, uma saia, você vai estar pronta para sair. Coloca um sapato muito bonito, sapato é muito importante, a maquiagem. Começou a me ensinar a fazer olho fumê e depois começamos a sair juntas.

Pesquisadora: E qual o lugar que saiu a primeira vez de mulher?

Paola: Foi no tênis clube Jacarepaguá na Praça Seca, primeiro lugar que eu fui vestida de mulher.

Pesquisadora: Como foi?

²³⁰ Segundo Morin, a imagem da mulher sedutora não deve ser considerada apenas como objeto do desejo masculino sendo também modelo identificatório para as mulheres tanto das camadas médias como as das camadas populares, que vão absorvendo tal modelo desvinculando-a da figura da prostituta, figura na qual a mulher sedutora ficou durante muito tempo associada. (MORIN, 1969).

Paola: Ah, foi um caos! Eu parecia a Xuxa, estava com uma sainha de franja, era morena ou era loura? Não sei. Uma coisa horrorosa! Eu não gosto nem de lembrar. A primeira vez era uma caricata, uma palhaçada. Mas valeu, porque dali eu fui. Comecei a ir a festas com ela vestida de mulher, concursos gays em Juiz de Fora, ao Boêmio, comecei a andar e fui me aperfeiçoando.

Através de suas narrativas não são pontuados apenas os primeiros truques, conselhos e ensinamentos dos mais experientes, mas, principalmente, de especificidades da experiência da travestilidade destas pessoas; as relações estreitas com transformistas não apenas em suas primeiras experiências, mas ao longo de suas trajetórias, o que de certo modo as diferencia com relação à experiência da travestilidade na atualidade. É recorrente, entre os depoimentos das travestis, em algumas das etnografias já citadas que as relações entre elas e os transformistas e/ou praticantes de crossdressing são bastante conflitantes, não nego isto, pude verificar a existência de tensões entre elas, mas o que pude perceber entre as minhas interlocutoras foi à existência de relações de amizade que tem origem neste processo de aprendizado e vem atravessando o tempo.

E como já apontado nos capítulos que tratam de suas trajetórias sociais, estilos de vida e visões de mundo, à medida que falam sobre seus corpos, o processo de envelhecimento é sublinhado; na minha dissertação de mestrado enfatizei que era basicamente a partir dos aspectos corporais que elas se dão conta das marcas do envelhecimento em seu rosto, em seu corpo, que esses sujeitos dão lugar à velha²³¹. É como diz Lins de Barros (2000a), o belo contrastando com o feio, a doença com a saúde e, me permitindo avançar, a tristeza com a alegria aparece como oposições utilizadas para se classificarem e definirem como velhas. Por sua vez, como bem lembra a autora citada:

Em nossa sociedade os indivíduos não se percebem envelhecer como uma totalidade. A idéia tão difundida atualmente, da velhice como um estado de espírito, dissocia a aparência decaída do corpo, da vivacidade e juventude de espírito. As mãos podem ser ágeis como na juventude, embora a visão tenha perdido sua acuidade. (LINS DE BARROS, 2006b, p.15).

²³¹ Neste sentido, Motta (2002) salienta: a identidade etária da velhice está marcada pela presença do corpo como definidor do que é ou não velho, e do que é ou não saudável.

Assim, pude perceber, durante o mestrado e também em grande medida durante o doutoramento, que o acionamento da “identidade de senhora” como status (SIQUEIRA, 2004) era uma forma de negociar com o envelhecimento e reinventar a velhice de uma forma ‘positiva’, e aí entram em cena as táticas, astúcias e saberes para manter-se feminina, sedutora, sexy e desejável, como quando Raquel coloca:

[...] porque os homens gostam é do colo feminino, eles adoram. Como o meu mesmo. O meu já está caído por causa da idade, muito peso, mas quando eu boto o sutiã e junto o peito e fica aquele colo, os homens olham ali, eles gostam de ver o colo, eles tem tesão no colo, no decote do colo.



[...] Pergunto se vai querer colocar alguma foto em seu perfil no Orkut, Raquel diz que sim e me pede para colocar a foto que está em um dos seus porta-retratos na estante da sala, a foto (ao lado) que está com “os peitos na bandeja”

e que foi tirada pela Suzy [...]”. (Diário de campo, nov. 2007).

Por sua vez a consciência de que o corpo já não é mais o mesmo pode ser percebido também a partir dos limites e obstáculos que impõe a experiência da travestilidade em certos aspectos, um trecho do meu diário de campo pode ser sugestivo:

Enquanto fotografava Fujika percebo que não está conseguindo abrir o frasco de cola usado para colar os cílios. Resmunga alguma coisa que não entendo. Pergunto se quer que a ajude. Ela me dá o frasco e diz, enquanto escolhe uns brincos, que já não está conseguindo ver direito de uns tempos para cá, ‘a vista só piora’, os ósculos esqueceu em casa.



Tento abrir o frasco, mas também encontro dificuldades, o excesso de cola endureceu a tampa. Fujika comenta que está chegando sua hora de parar, já tô ficando velha minha filha para este negócio de show. [...] tendo que ser carregada para o palco

No entanto, ela persiste porque afinal suas mãos e pernas ainda são ágeis na gestualidade do palco, onde a experiência reivindica seu lugar; seus gestos e expressões, sua forma de dançar ainda encantam e seduzem o público. O grande temor é a incapacidade física, como observou Alves (2004) em sua pesquisa com mulheres idosas de camadas médias residentes no Rio de Janeiro, dançarinas de salão, cujo corpo é construído para a dança, espaço onde, sobretudo, este se mostra ágil e sedutor²³². A incapacidade física que para ela não tem lugar no palco, não se expõe sob a ameaça do ridículo. Neste sentido a questão do trabalho como artista é fundamental. A capacidade para o trabalho – no sentido de manter-se ativa – tem uma relação estreita com a manutenção do seu prestígio como artista, conquistado ao longo de todos esses anos. Fujika quer ser ‘comentada’, ‘lembrada’ por aquilo que sempre foi não pelo que deixou de ser.

A incapacidade física, que presume inatividade, ainda em nossa sociedade está intrinsecamente vinculada ao “corpo velho”, assusta e pode dar conotações mais “trágicas” e talvez irremediáveis, quero dizer, com poucas possibilidades de negociação da experiência de envelhecer. Quando, por exemplo, os sinais negativos da velhice são denunciados de forma a perder o controle de si (LINS DE BARROS, 2006b). Quando Laura, devido a sua saúde frágil e debilidade de seu corpo, se deixou “abater” pela velhice em seus ‘sentidos negativos’ e que ela vivamente procurava “driblar” como o leitor pôde perceber através do documentário e como assinalei em outro trabalho²³³:

²³² A autora entende a sedução a partir do conceito de *coqueteria* de Simmel (1969) como um jogo do que se mostra e do que se esconde. Assim, ao refletir sobre suas informantes observa: Ao entrar nesse jogo, a mulher mais velha encontra-se numa posição de domínio, que tradicionalmente lhe é negada. Este aspecto da sedução está diretamente relacionado com a forma como o corpo velho é pensado em nossa sociedade (ALVES, 2004, p. 113). Neste sentido, apoiada na autora é que ressalto as astúcias elaboradas pela Raquel na busca de manter-se sedutora.

²³³ Refiro-me ao ensaio *Sexualidade entre senhora*. In: 30º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2006, (GT 22 – Sexualidade, corpo e gênero. Coord. Júlio Assis Simões, Sérgio Carrara, et. al)

Laura faz questão de contradizer aqueles que pensam que o seu corpo imensamente gordo e envelhecido, portanto muito aquém dos padrões estéticos dominantes entre as travestis hoje e na sociedade como um todo, seja um limite para encontrar parceiros sexuais, ou mais ainda, que não seja um corpo capaz de seduzir e atrair. Ela manipula constantemente esse corpão todo, de modo a favorecê-la, utiliza, por exemplo, os atributos que desde o início de sua transformação em travesti foi motivo de orgulho e muita admiração, os fartos seios que são constantemente exibidos por ela, em grandes decotes. Seu corpo é um corpo ágil, experiente e que sabe muito bem como ser atraente dentro do seu universo apesar das disparidades de ordem estéticas. (SIQUEIRA, 2006, p.14).

Questões que expressam a difícil tarefa de envelhecer como integrantes de um grupo com padrões estéticos tão exigentes. As ‘travestis-artistas’ se sentem duplamente cobradas por seu status na rede que são integrantes e com relação ao grupo mais amplo, afinal são ‘as famosas’, as ‘estrelas’, e que não deixam escapar nada em suas críticas extremamente minuciosas e rígidas. Ao mesmo tempo, cabe salientar que numa sociedade, como a brasileira, e em termos de sociedades ocidentais, cujo culto ao corpo²³⁴ é predominante, principalmente vivendo numa cidade como o Rio de Janeiro que traduziria em termos nacionais o desenvolvimento de uma ‘cultura do corpo’²³⁵, que, segundo Goldenberg & Ramos (2002), é altamente valorizada nos segmentos das camadas médias urbanas, por um corpo sempre jovem e bonito, em ‘boa forma’²³⁶, leia-se magro, rígido e

²³⁴ Já dizia Baudrillard ao analisar as sociedades na contemporaneidade sob a égide da moral do consumo: ‘Tudo testemunha hoje que o corpo tornou-se objeto de salvação’ (apud GOLDENBERG, 2002, p.33). Sendo que a enorme valorização da aparência corporal inscreve-se num processo em que o corpo físico assume um papel fundamental na exteriorização da subjetividade e na construção das identidades. (IRIART, *et. al.*, 2009, p.775).

²³⁵ Para um aprofundamento com relação à valorização do corpo no Rio de Janeiro e, portanto de suas conseqüências em termos de estilo de vida, visão de mundo e formas de ocupação dos territórios da cidade ver, por exemplo: GOLDENBERG, Miriam. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro, 2002.

²³⁶ Goldenberg & Ramos (2002, p.114) salienta que “assistimos, no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos, a uma crescente glorificação do corpo, com uma ênfase cada vez maior na exibição pública do que antes era escondido e, aparentemente, mais controlado. No entanto, um olhar mais cuidadoso sobre essa “(re)descoberta” do corpo permite enxergar nela não apenas os indícios de um arrefecimento dos códigos da obscenidade e da decência, mas, antes, os signos de uma nova moralidade, que, sob a aparente libertação física e sexual, prega a conformidade a um determinado padrão estético, convencionalmente chamado de “boa forma”.

musculoso. Numa sociedade cuja velhice ‘permitida’ é a *em forma* - a tal ponto que o sujeito velho não se reconheça enquanto tal -, extremamente disseminada a partir da expressão Terceira Idade. Debert ao analisar as práticas relacionadas à Terceira Idade coloca que estas têm um papel ativo no que ela identifica como reprivatização da velhice onde o envelhecimento: “É transformado em um problema dos indivíduos que se recusam a adotar formas de consumo e estilos de vida capazes de combater a decadência física e ausência de papéis sociais” (DEBERT, 1999).

O aspecto de caráter disciplinador dos modelos de envelhecimento da Terceira Idade (LINS DE BARROS, 2006b) tem no corpo seu principal campo de ação. Debert apoiando-se em Featherstone (1992) faz uma relação entre a disciplina voltada para o corpo e a cultura do consumidor, onde se misturam disciplina e hedonismo, e o corpo passa a ser alvo das mais variadas intervenções (dietas, exercícios físicos, cirurgias plásticas, cosméticos, vitaminas entre outros) em virtude da conquista da boa aparência e, conseqüentemente, de saúde, e torna-se ao mesmo tempo veículo de prazer e da auto-expressão (DEBERT, 2000b, p. 305). Neste processo os indivíduos não só passam a ser responsáveis pelos seus corpos, alvo de constante vigilância, mas também pela sua saúde²³⁷. Neste panorama, o corpo torna-se um valor que identifica o indivíduo com determinado grupo e, simultaneamente, o distingue de outros (GOLDENBERG, 2002).

Ao se depararem com as fotos de Isa, Camille e Gino, com as fotos em suas mãos, faziam comentários elogiosos sobre o corpo de Isa, admiravam-se com seu “corpo enxuto” “magro” e “sem barriga”. Camille ressaltava que desde que se conhecem Isa sempre teve o corpo assim. Nestor faz comparações com outras travestis de sua geração salientando a beleza do corpo da Isa apesar dos seus mais de cinquenta anos.

Diário de campo, 11/2007.

Kulick (2008) ao pensar em termos de uma ‘cultura travesti’ argumenta que esta se caracteriza principalmente por valorizar intensamente a juventude e a aparência física, uma cultura baseada na atração, no *sex appeal* e na feminilidade. A referência de Kulick é basicamente o universo

²³⁷ O que para Debert levaria há uma mudança com respeito à noção de juventude que perde conexão com um grupo etário específico, deixando de ser um estágio na vida para se transformar num bem que pode ser conquistado e deve ser mantido em qualquer idade (2000b, p. 305).

da travestilidade sob a ótica da prostituição, onde o corpo sempre jovem e atraente é condição para manter-se na batalha. Um universo onde a velhice, por exemplo, pode ser vivenciada por uma travesti por volta dos seus 30 anos como bem observou Silva (1993) e que, por sua vez, coloca em cena outros elementos para se pensar o envelhecimento entre elas e que não é meu objetivo aqui discutir. De todos os modos, algumas dimensões colocadas por Kulick são em geral muito valorizadas pelas travestis que pesquisei ao longo de minha trajetória de pesquisa neste universo. Inclusive, como apontei em outros capítulos, ser ainda atraente, ter *sex appeal* e manter-se feminina (considerando que para algumas a feminilidade é medida ao adquirir o status de senhora) são fundamentais entre elas e são aspectos utilizados em suas negociações com o processo de envelhecimento e em suas táticas ao reinventarem suas vidas cotidianamente.

Ao procurar focar os caminhos percorridos pelos sujeitos da pesquisa em seus processos de transformação de ‘rapazes’ a ‘divas e/ou deusas’. Tendo em vista que em suas primeiras experiências com a travestilidade, ‘ser travesti’ não pode ser entendido com os mesmos contornos que esta experiência ganhou nas últimas décadas. Durante boa parte de sua juventude esta experiência as aproximava de fenômenos como transformismo e o crossdressing. E, neste sentido, como vimos, o uso de hormônios femininos foi fundamental para o processo de tornar-se travesti. A travestilidade aqui é pensada em termos de projeto (VELHO, 1999a, 1999b) não só individual, mas também social devido a sua articulação com as redes de pertencimento. Vale insistir que, penso a travestilidade em termos de projeto - sempre em construção e reconstrução²³⁸ - devido ao caráter de organização e planejamento dos investimentos feitos em seus corpos. Cabe pontuar ainda a relação entre o desenvolvimento de tais projetos e os campos de possibilidades que foram encontrando em suas trajetórias, especialmente no que diz respeito as suas vivências na cidade do Rio de Janeiro.

Assim, ao mesmo tempo, elas não narram apenas suas experiências subjetivas, suas transformações e alterações corporais, relacionadas ao processo de tornar-se travesti elas também falam de transformações de suas formas de viver, experimentar a cidade, em última instância narram sobre um corpo transformado e que se transforma em um ritmo incessante de diálogo e interação com a cidade²³⁹, através de seus itinerários e formas de

²³⁸ Penso especialmente na idéia de um contínuo ‘devir’ constituinte das experiências da travestilidade ressaltada por Maluf (1998, 2002) estendida as drag queens e transexuais.

²³⁹ Sennett em *Carne e Pedra* (2008) procura salientar as articulações entre as experiências corporais e a cidade.

sociabilidades. Sabemos que o corpo também é construído em suas relações com o espaço e em um determinado contexto (MARQUES, 2002) e de diferentes modos como é evidenciado nas trajetórias sociais das interlocutoras desta pesquisa, um corpo, que é pensado aqui como corporalidade, que se faz e refaz em suas intrincadas relações com a cidade, no jogo entre o conceito e o ordinário. Por outro lado, há que se considerar que no processo de envelhecimento de seus corpos a cidade do Rio de Janeiro também se ‘degrada’, a maior parte dos espaços onde seus ‘corpos triunfavam’ desapareceram, e em seus deslocamentos e itinerários quase não reconhecem a ‘cidade de outrora’, que para algumas delas foi acolhedora e condição para viver a travestilidade. Mas, isto não quer dizer que elas são ‘reféns’ de um desencantamento da cidade e de seus corpos, à medida que elas narram sobre a cidade e sobre seus corpos, conhecemos suas táticas para ultrapassar a vida (BACHELARD, 1988)

Enfim, a segunda parte desta tese convida o leitor, mais uma vez, para acompanhar as travestis – e a pesquisadora - em seus itinerários urbanos e formas de sociabilidades no cotidiano e a vivenciar e experimentar também através de suas memórias seus movimentos, deslocamentos e sociabilidades de um tempo evocativo. Nesta aventura entram em cena experiências corporais e subjetivas destes indivíduos na cidade apreendidas na rítmica incessante entre presente, passado e futuro.

PARTE III

Sociabilidades: ontem e hoje

Nós sempre trabalhamos juntas naquela época, nos anos 60, o último espetáculo foi *Gay Fantasy* dirigido pela Bibi Ferreira. Eu sempre tive, eu sonhava, nós ficamos muito tempo afastadas, cada uma pro seu lado. Eu estreei alguns shows com outros travestis, mas esse grupo não se reunia, né?. Eu, Rogéria, Valéria, Eloina. Então eu sempre tive esta vontade. Quando eu vi a volta das cantoras do rádio [...] Eu fui assistir as cantoras do radio, me bateu na cabeça assim: eu tinha que fazer isto com a gente, as antigas, fazer uma coisa para movimentar. Tirar todo mundo do buraco, ficava todo mundo guardada dentro de casa, ninguém fazia nada. Eu tenho que agitar. Ai um dia eu fui lá no Rival conversei com a Ângela Leal, dei esta proposta para a Ângela, e a Ângela aceitou maravilhosamente bem. Sabia que nós fazíamos parte da história do teatro Rival também, tudo foi feito em cima da história do teatro Rival. Porque nós fizemos está história lá. Ai eu vi as cantoras do rádio e pensei: porque não fazer também com os travestis famosos que fizeram a história? ai eu fui lá na Ângela, ela mandou eu escolher o elenco eu escolhi todo mundo. Rogéria, Valéria, o elenco original, Fujika, Camille, Eloina, eu, entendeu? ai fui muito interessante. As pessoas achavam que não ia acontecer nada. Eu sempre achando que ia ser um grande sucesso. Tanto para os jovens que não assistiram a este tipo de espetáculo porque este espetáculo é uma homenagem ao que nós fizemos na estréia do teatro Rival em 1967, o show era: "Vem quente que eu estou fervendo". Então era em cima deste espetáculo que tinha um *variété*, cantora, comicidade, balé eu fiz igual. Então eu convidei a Berta Loran para dirigir e fazer o roteiro eu como a assistente de direção da Berta, agora quem faz tudo sou eu a Berta não vai mais ao teatro. Então eu peguei todo o ritmo dela. Eu que faço os roteiros, os roteiros são muito difíceis você não pode botar duas musicas para baixo, quando vai uma mais para baixo você tem que levantar, entendeu? Você tem que equilibrar o espetáculo até o final; isso eu aprendi também com os meus diretores. Ela confiou em mim.. Então é isso. Levei, eu sempre achando que ia ser um grande sucesso. Elas não. Algumas falaram, será? Será? Vocês vão ver! E aconteceu uma bomba! O teatro lotou

na primeira semana, transbordou. Já tem três anos, nos vamos fazer em agosto, mas vamos comemorar em julho. E as pessoas falam às vezes que é ultrapassado, essas travestis novas são pessoas que não conheceram o teatro de revista. Elas acham moderno, jogar cabelo, aquela musica barulhenta, essa coisa muito sem arte, né? Ai então nós viemos mostrar o glamour o que elas não fazem mais hoje. Porque a gente entra em cena, glamourosas, hollyodianas, você foi ver, você sabe, a gente bota, boá de pluma, estrass, a gente faz uma maquilagem impecável. A gente bota purpurina, tudo isso que se usava. Então é uma homenagem ao teatro de revista, o nosso espetáculo. O nosso público é muito grande, de meia idade, porque são pessoas que revivem aquela época e os jovens gostam também, eles acham diferente não é aquela coisa que eles estão acostumados aquela barulheira de boate, não tem. Eles vão ver o quê? Uma coisa mais suave, um charme, uma cantando uma francesa outra cantando em inglês cantando em francês em português uma coisa mais tchan, mais light, não é essa coisa de: uh, uh, uh... Essa gritaria toda no ouvido da gente. Então elas levam susto, ficam estranhando, mas depois elas voltam três, quatro vezes, jovens porque não viram aquele glamour. Eu sempre falo: quer glamour? Vá ao nosso espetáculo que é o único lugar que realmente tem. (Jane).

CAPÍTULO VII

Senhoras dos seus percursos



Se a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior associada ao ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais, os mais confusos, os mais antagônicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação – idéias gerais- até a aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, idéias particulares. (JOÃO DO RIO, 2005, p. 73).

O hedonismo de todos os dias tem necessidade de um território para irromper e exprimir-se (MAFFESOLI, 1984, p. 79).

O capítulo tem a intenção de trazer à tona algumas cenas da vida cotidiana e formas de sociabilidade através das quais as travestis habitam/habitaram sua cidade e são/foram habitadas por ela. E assim refletir sobre o complexo jogo de negociação da realidade envolvendo o fenômeno da travestilidade no âmbito das metrópoles brasileiras e da sociedade moderno-contemporânea.

7.1 Calçando as sandálias²⁴⁰

O antropólogo Don Kulick (2008), em sua etnografia realizada com travestis residentes no bairro do Pelourinho em Salvador/BA, entre os anos de 1996 e 1997, observou que:

²⁴⁰ Aqui faço uma referência 'jocosa' as muitas caminhadas que realizamos Raquel e eu pela cidade do Rio de Janeiro e a um dos nossos 'rituais cotidianos': o de ajudá-la a calçar as sandálias sempre no furo que apertasse – ao máximo - as tiras.

Quando as travestis se aventuram pelas ruas da cidade durante o dia, é uma sensação que pode provocar desconforto e superexposição em muitas travestis, por que elas sabem, por experiência própria, que as pessoas costumam olhar, comentar e azucrinar tão logo elas colocam os pés para fora do quarteirão onde moram e são conhecidas. Algumas travestis se recusam a ser importunadas no meio da rua e acabaram desenvolvendo línguas afiadas e comportamento agressivo para garantir que a pessoa desrespeitosa receba uma boa resposta em troca. Mas há aquelas que odeiam ter de rebater olhares, piadas e injúrias e preferem evitar locais públicos durante o dia para além da vizinhança e do quarteirão onde moram. Quando precisam fazer compras ou mandar recado a alguém, costumam pagar outras pessoas - em geral senhoras ou travestis mais velhas - para fazer pequenos serviços [...] (KULICK, 2008, p. 229).

Sem se aprofundar em torno desta questão, o autor parece sugerir que as travestis mais velhas²⁴¹ se deslocam com mais ‘facilidade’ pela cidade de Salvador, o que lhes permitiria uma maior circulação pelo espaço urbano, ao contrário das mais novas que, devido aos receios e medos em depararem-se com situações de violência e comportamentos agressivos por parte de outros habitantes, em geral, optam por não se locomoverem pela cidade durante o dia, e procuram manter-se dentro dos ‘limites de segurança’ do ‘quarteirão’ do bairro onde moram não se ‘aventurando’ em trajetos por outros bairros e lugares da cidade. E, quando o fazem, optam por utilizarem vestimentas consideradas masculinas na tentativa de ‘disfarçarem’ seus corpos femininos²⁴².

²⁴¹ Kulick trabalhou com travestis entre 11 e 58 anos de idade. Mas, sem especificar com exatidão o seu panorama etário, deixando a entender que, em seu universo de pesquisa, as travestis eram, em sua maioria, jovens. O autor traça um quadro bastante trágico com relação às travestis entre 40 e 50 anos residentes em Salvador, argumentando que estas, como já não têm as mesmas condições de se manterem na prostituição, procuram outros meios de sobrevivência engajando-se, por exemplo, no tráfico de drogas, prestando pequenos serviços as outras travestis mais jovens. Dentre as travestis mais velhas, as que se encontram em melhores condições de vida são as que conseguiram juntar dinheiro e compraram uma casa alugando-as para as jovens exercitando o papel de cafetina. Sem desconsiderar a probabilidade de que uma situação como esta possa fazer parte do cotidiano das travestis na cidade do Rio de Janeiro, que tem na prostituição seu único meio de sobrevivência, como o leitor já se deu conta em minha pesquisa, tanto de mestrado como na de doutoramento, me deparei com um quadro distinto deste apresentado pelo autor.

²⁴² Uma tarefa que se torna bem mais árdua para aquelas que, por exemplo, tem próteses e/ou

As colocações de Kulick põem em cena a travesti como uma categoria social estigmatizada (GOFFMAN, 1975) no âmbito da sociedade brasileira e como isto ‘interfere’ em suas vidas cotidianas e em suas formas de relacionar-se com e situar-se na cidade de Salvador, uma das grandes cidades brasileiras. Afinal, o fato de subverterem a ordem binária dos sexos e dos gêneros, tida como natural (PELÚCIO, 2009) no contexto de uma sociedade heteronormativa baseada em uma ideologia patriarcal as faz lidar com o ‘estigma’ desde muito cedo. Conforme coloca Velho: “People who, in their behavior, mix up the expectations the different roles (eg. male and female), are considered dangerous in any society and are likely to be accused” (1976 *apud* GUIMARAES, 2004, p. 50).

Por sua vez, cabe a pergunta: por que as travestis mais velhas circulariam ‘sem transtornos’ pela cidade de Salvador ao contrário das mais jovens? Elas chamariam ‘menos atenção’? A “identidade deteriorada” (GOFFMAN, 1975) da travesti se ‘acomodaria’ quando estas envelhecem e passariam, assim, ‘despercebidas’, sendo mais um indivíduo na multidão indiferente e anônima das grandes metrópoles brasileiras na contemporaneidade? Por sua vez, delinea-se a questão da velhice também como categoria social estigmatizada em nossa sociedade. Neste ponto, vale ressaltar que concordo com Lins de Barros (2000) quando observa que a “velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice [...] ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, a morte, a tristeza, a inatividade, a falta de consciência de si e do mundo” (LINS DE BARROS, 2000, p. 139), e aqui cabe acrescentar a corporalidade ‘depreciada’, como já apontada no capítulo anterior.

Tendo em vista as questões acima, o que acontece entre as participantes desta pesquisa que tem como cenário de atuação a cidade do Rio de Janeiro? Quais seus itinerários e percursos urbanos? Como se apropriam dos espaços da cidade onde moram? Que tipo de relações sociais estabelecem em seus cotidianos? Ao procurar refletir sobre as formas de sociabilidade e, conseqüentemente, as redes de relações constituídas pelas senhoras desta pesquisa, um dos objetivos é, justamente, trazer à tona alguns aspectos de suas interações cotidianas levando em conta que, como bem pontua Luckman & Berger (1983), a realidade da vida cotidiana apresenta-se como um “mundo intersubjetivo [...]. De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (Ibid., p. 40). E o fato de compreender a noção de sociabilidade, em termos amplos, como um conjunto de relações sociais

tecidas pelos indivíduos e as formas (SIMMEL, 1983; 2002) como estas são estabelecidas. Parafraseando Eckert & Rocha (2005) a cidade é, sem dúvida, um repositório de excedentes de sentido, e em seus territórios os sujeitos vivem cotidianamente estratégias de negociação de realidades, de opções de consumo, de escolhas de interação (*Ibid.* p. 92). Deste modo, meu propósito é descortinar alguns percursos, itinerários, e sociabilidade na intenção de trazer à tona os jogos sociais vividos pelas travestis em suas práticas cotidianas junto com a pesquisadora que, por sua vez, são constituintes do corpo coletivo (MAFFESOLI, 1984) da vida urbana.

Assim conhecer as ‘formas sociais’ das interações tecidas pelas minhas interlocutoras na cidade do Rio de Janeiro através de seus percursos e deslocamentos é, logicamente, conhecer a vida urbana tecida desde sua lógica interna. Neste sentido, já afirmava Simmel (2002) que a unidade da vida social não é composta apenas por indivíduos, mas sim por indivíduos em relação. A vida social é algo, portanto, que os indivíduos fazem e sofrem. São os laços sociais feitos, desfeitos e refeitos de maneira fluídica que compõem a sociação, sendo a sociabilidade, considerada pelo autor, como uma forma (dentre outras) especial de sociação.

Pode-se falar de um impulso do homem até a sociabilidade. Sem dúvida é por causa de necessidade e interesses especiais que os homens se unem em associações econômicas ou em fraternidades de sangue, em sociedades de culto ou em bandas de assaltantes. Mas, muito além de seu conteúdo especial, todas estas associações estão acompanhadas de um sentimento e uma satisfação no puro fato que um se associa com outros e de que a solidão do indivíduo se resolve dentro da unidade. Pois entre os motivos efetivos para a associação existe um sentimento do valor da associação como tal, um impulso que até esta forma de existência, e que freqüentemente só mais tarde origina o conteúdo objetivo. Este impulso a sociabilidade, destila, por fora das realidades da vida social, a pura essência da associação, do processo associativo como um valor e uma satisfação (SIMMEL, 2002, p. 195-196, *tradução minha*).

E, sendo a interação um fenômeno fundamental para vida do social, interessa-me, durante as caminhadas pela cidade com minhas interlocutoras da pesquisa, vislumbrar as formas de interações que

teciam com a cidade e seus diferentes personagens, bem como as situações em que estas interações aconteciam. Deste modo, ao contrário do que promulgava as ideologias modernistas onde a rua é pensada apenas como ‘lugar de passagem’, de circulação, como chama a atenção De Certeau, a rua aparece aqui na perspectiva da idéia do espaço como um lugar praticado, a rua geometricamente definida por um urbanismo sendo transformada em espaço pelos pedestres²⁴³ (DE CERTEAU, 2008, p. 202). Neste sentido, alinho-me aos estudos antropológicos no contexto dos grandes centros urbanos (MAGNANI, 1993, 1996; ECKERT & ROCHA, 2001; 2005) que tem cada vez mais revelado que a rua está para além de sua materialidade. Conforme pontua Magnani (1993), “está se falando não da rua em si, mas de experiência da rua, não como espaço de circulação, mas enquanto lugar e suporte de sociabilidades”. Foi, assim, dentro desta perspectiva que procurei compartilhar com as interlocutoras alguns dos seus trajetos pela cidade a fim de experimentar aqueles *pequenos nada*s que sedimentam a cultura vivida no dia-a-dia das travestis numa grande metrópole e que constituem o cimento essencial de toda a vida societal (MAFFESOLI, 1987, p. 34).

Com elas me propunha a apreender o exercício da sociabilidade no interior deste grupo social, e em suas múltiplas formas possíveis. Aqui faço alusão ao termo sociabilidades possíveis utilizado por Motta (2004) em seu trabalho sobre sociabilidades de idosos desenvolvido entre os anos de 1994 e 1997 com quatro grupos de idosos, sendo de duas associações de bairros, universitários e grupos de homens idosos que se reúnem em uma praça de bairro. A autora, que também se apóia em Georg Simmel para pensar a noção de sociabilidade, observa que este ao defender uma pureza formal²⁴⁴

²⁴³ Figari observa que é a partir da segunda metade do século XVIII, um dos aspectos do processo de moralização e civilização da cidade, e conseqüentemente dos espaços públicos, que a sociedade de corte em formação passa a apropriar-se da rua de outra forma: a rua não é mais o depósito de lixo da casa, a representação do escuro, do perigo e da ausência. A rua se abre como possibilidade de encontro (FIGARI, 2007, p.137). Já Mônica Veloso chama a atenção para o fato de que a partir do século XX as ruas já aparecem, por exemplo, como temática inspiradora da literatura carioca - lembremos novamente de João do Rio e Machado de Assis - e seria por intermédio delas que grande parte dos intelectuais cariocas procuraria reconstruir a história da cidade [...] Na vida social carioca, as ruas seriam "a arena do confronto, o local do trabalho ambulante, do convívio social, da ajuda mútua e da troca de informações" (VELLOSO, 1996, p.27-28), citado por COUTINHO, 2003).

²⁴⁴ “Na base das condições práticas e das necessidades, nossa inteligência, nossa vontade, nossa criatividade e nossos sentimentos trabalham os materiais que desejamos arrancar da vida. De acordo com os nossos propósitos, damos a estes materiais certas formas e apenas sob estas formas nós os acionamos e usamos como elementos de nossa vida” (SIMMEL, 1993, p. 166 apud VERDANA, 2009).

e a estrutura igualitária e democrática da sociabilidade – tomando-a como modelo privilegiado da sociologia formal - não deixa de fazer referência à dificuldade de manter-se esse nível, principalmente quando vivenciada por indivíduos de classes sociais diferentes, podendo ser amiúde inconsistente e dolorosa²⁴⁵.

Tais ponderações de Simmel, diante das dificuldades da sociabilidade manter um estado ideal de pureza, permite a autora sugerir outras reflexões e diferenciações sobre o que ela denomina de sociabilidades possíveis, quando vivenciadas por outros atores além das classes sociais, segundo as idades e gerações, ou do ponto de vista das relações de gênero (MOTTA, 2004, p. 111). Estas observações me conduziram a estar atenta, em campo, em meus percursos urbanos junto com minhas interlocutoras nas ruas de alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro, aos saberes, práticas e táticas que instrumentalizam/instrumentalizaram a sua inserção e atuação no contexto social e urbano. Por sua vez, ciente de minha condição de narradora (ECKERT & ROCHA, 2005), e inspirada em De Certeau (2008), tinha em mente aventurar-me com elas em suas deambulações pelas ruas, bairros e territórios da cidade a fim de acompanhá-las em suas práticas do espaço. Entre as participantes da pesquisa, sem sombras de dúvidas, foi principalmente através das caminhadas e passeios com Laura, circunscritos aos bairros da Lapa, Centro e Copacabana, com Raquel também pela Lapa, Centro e arredores, e no bairro de Realengo, e com Marlene em Copacabana, que pude compartilhar mais de perto o exercício social da rua e suas práticas cotidianas (DE CERTEAU, 2008) enquanto senhoras.

7.2 Caminhadas: encontros na cidade

Para iniciar este capítulo descrevo algumas das caminhadas²⁴⁶ (DE CERTEAU, 2008) com as interlocutoras, a partir de minhas anotações e

²⁴⁵ Frúgoli Jr. também observa que: “ainda que em Simmel as formas de sociabilidade constituam uma esfera marcada pela suspensão momentânea de posições sociais, paradoxalmente as mesmas também permitem uma leitura na direção da formação de círculos intraclassistas, implícita na idéia de que tais relações só poderiam efetivamente transcorrer no interior de um estrato ou segmento social, já que pressupõem um mínimo de valores compartilhados. Nesse caso, a qualidade de ser praticada ou jogada “entre iguais” desliza entre uma construção artificial e uma condição prévia” (FRÚGOLI JR. 2007, p. 13).

²⁴⁶ Para De Certeau (2008) o “ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. Ele tem, com efeito, uma triplíce função enunciativa: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua) é uma realização espacial do lugar (assim como o ato da palavra é uma realização sonora da língua) enfim implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, contratos pragmáticos sob a forma de movimentos. O ato de caminhar parece, portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (DE CERTEAU, 2008, p. 177).

notas de campo, que me possibilitaram conhecer alguns dos seus ‘lugares’ na cidade, formas de apropriação dos espaços e algumas dessas histórias do dia-a-dia da vida de uma travesti nas ruas, nos bairros e na cidade:

Passavam das três horas da tarde de uma quinta feira, muito quente e ensolarada, quando encontrei com Marlene a caminho da agência do seu banco, na Av. Nossa Senhora de Copacabana, nas imediações do Hotel Copacabana Palace. Estava vestida de forma bem simples, como de costume, uma camiseta sem mangas de cor laranja, calças cumpridas pretas, sandálias e tinha seus cabelos soltos, nas mãos apenas sua pequena carteira cor-de-rosa. Eu estava voltando para casa a pé e tinha uma longa caminhada pela frente até o posto seis, e ela vinha em sentido contrário. A princípio pensei que pudesse estar voltando para casa, mas mesmo assim ao pararmos na calçada para nos cumprimentarmos e ao tomar conhecimento que faria algumas coisas pelo bairro me convidei para acompanhá-la. Afinal, eram raras as possibilidades de estar com ela em alguns dos seus percursos cotidianos. Seguimos em direção contrária ao Hotel, a caminho do banco. Marlene estava indo retirar sua aposentadoria e aproveitaria para pagar algumas contas do apartamento no qual morava. Normalmente cabia a ela realizar os pagamentos no lugar de sua amiga Sueli que era a proprietária; provavelmente obedecendo às regras da relação de dom e contradom. Após irmos ao banco fomos até a sala de espetáculo Baden Powel. Marlene queria se interar da programação cultural do mês, quando se apresentavam cantores e/ou cantoras de “sua época” ela costumava ir principalmente porque, em geral, os shows eram apresentados em horários vespertinos o que era fundamental para ela. A sala Baden Powel é bastante tradicional no bairro e devido à natureza dos espetáculos que oferece tem, nos idosos, seu público mais expressivo. Assim que chegamos à entrada da sala Marlene dirigiu-se para a recepção do outro lado e, através de uma janela, trocou cumprimentos afetuosos com a recepcionista que lhe perguntava quando seria o próximo espetáculo. A funcionária referia-se ao espetáculo Estrelas que, de vez em quando, era encenado na sala. Marlene esclarece que não sabe por que, pois, quem decidia essas coisas era a Jane. Em seguida, informou-se sobre a programação e certificou-se que uma cantora da época da Rádio Nacional iria fazer um espetáculo no final do mês, o que, por sua vez, a deixou muito animada. Em seguida, não sem antes nos despedir da recepcionista, voltamos um pouco até entrarmos numa padaria para Marlene comprar um pão doce que, segundo ela, só poderia

ser encontrado nesta padaria e que ela e sua amiga gostavam muito. Lá ela falou diretamente com um homem branco de uns 45 anos perguntando pelo tal pão. O atendente se desculpou tratando-a como senhora e informou que o tal pão só sairia mais tarde. Aproveitamos ainda para tomar um café, sentadas no balcão; Marlene não queria demorar porque tinha hora marcada no pet shop para buscar a cadela que tomava conta. Assim que terminamos, fez questão, apesar da minha insistência, de pagar o que consumimos. Passamos ainda pelo pequeno supermercado uma quadra antes do edifício onde mora para comprar leite e, em seguida, nos dirigimos para a pet shop que ficava bem ao lado do prédio, para sua surpresa e desapontamento a cadela não estava pronta e teria que esperar que a levassem depois até sua casa [...]

Diário de campo, 15/05/07.



Este fragmento do meu diário de campo descortina alguns dos itinerários e práticas cotidianas de Marlene no âmbito do bairro de Copacabana, na Zona Sul da cidade. Caminhadas pelas avenidas principais do bairro, como a Barata Ribeiro e a Avenida Nossa Senhora Copacabana para ir ao banco para fazer pagamentos, retirar dinheiro, a padaria para comprar o pão preferido, ir até o pet-shop buscar a cachorrinha, ao mercado a uma quadra do local onde mora, em um dos espaços de sociabilidade voltado ao lazer e, esporadicamente, para o trabalho como artista. Nestes percursos interage com os mais diferentes atores sociais que passam, então, a também, de algum modo, a compartilhar do seu cotidiano nas ruas do bairro onde vivia na época.

Com alguns chega, inclusive, a desenvolver uma interação do tipo face-a-face (GOFFMAN, 1975), como com a recepcionista da casa de espetáculos, o senhor atendente da padaria, o dono do pet-shop. A partir de nossa convivência, poderia acrescentar ainda, outros percursos realizados no bairro: suas idas esporádicas a consultórios médicos, para se consultar ou para acompanhar sua amiga, proprietária do apartamento onde morava na época da pesquisa,



a Igreja Nossa Senhora de Copacabana²⁴⁷, nas imediações da Praça Serzedelo Correa²⁴⁸, duas vezes por semana, sempre à tarde e aos domingos, e esporadicamente uns passeios pelo calçadão da praia, para se exercitar um pouco²⁴⁹.

Estava no shopping Cidade, tinha ido lá revelar umas fotos da festa na Ok para entregar a Camille. Enquanto espero ficar pronta, o celular começa a tocar, era a Marlene. Diz que está indo para a Igreja e pergunta se eu não quero me encontrar com ela, depois quer fazer umas comprinhas de natal e pergunta se eu não quero acompanhá-la. Combinamos de nos encontrarmos na Igreja, do lado de dentro, em frente à entrada principal. Pego minhas fotos e saio apressada do shopping em direção a Igreja. A Nossa Senhora de Copacabana está mais movimentada do que nunca. A proximidade do natal aumentou o número de camelôs nas esquinas e calçadas. Vende-se de tudo, toda espécie de bugigangas decorativas para enfeitar a casa para o natal, acessórios femininos, bolsas, roupas, cintos, chapéus, perfumes [...] muitas pessoas pelas calçadas da avenida. Uma param para olhar os produtos dos camelôs, outras entrando e saindo das lojas com suas sacolas de presentes. O ritmo era frenético. Quando passo pela Praça Serzedelo o ritmo ali é sem dúvida outro. Duas senhoras sentadas em um banco conversando. Uma mulher com uniforme (provavelmente babá) passeando com bebê no carrinho. Meninos jogando bola. Um senhor de meia-idade sentado lendo. E um grupo muito grande de homens, de meia-idade e idosos em torno das mesas jogando xadrez. Dou-me conta que a senhora negra que ficava sentada no chão pedindo esmolas já não está mais ali, pelo menos não próximo ao ponto de ônibus. Esta senhora sempre me intrigou, sentada no chão, em cima de um pano, em volta dela alguns objetos, um radinho de pilha, uma bolsa grande de plástico, uma marmita. Ali encostada às grades da praça, na esquina, tinha construído seu cantinho.

²⁴⁷ Construída em 1977 em lugar da antiga Igreja Irmandade do Senhor do Bonfim datada de 1892.

²⁴⁸ A Praça Serzedelo Correa foi construída em fins do século XIX pela Companhia Ferro Carril Jardim Botânico recebendo o nome de Malvino Reis. Na praça funcionou uma das primeiras estações de bondes em Copacabana, quando da abertura do Túnel Velho. A partir da década de 60 do século passado passou a ser conhecida como a *Praça dos Paraibas*, em referência a expressiva freqüência dos migrantes nordestinos. Durante os anos 90 foi restaurada ganhando um playground, mesas de jogos e banheiro subterrâneo. (FRAIHA & LOBO, 1998)

²⁴⁹ Pode parecer ao leitor que esteja restringindo os percursos e práticas cotidianas da Marlene (ou das interlocutoras que serão destacadas ao longo do texto), de modo algum é esta a minha intenção, apenas procuro realçar – a partir dos seus relatos, e da nossa convivência – as suas experiências cidadinas. Afinal, seus cotidianos e suas vidas vividas continuamente ‘escapam’ aos olhos, ouvidos e à escrita (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000 p. 17-35) do pesquisador/a.

Chego à Igreja, Marlene não tinha chegado ainda. Espero nas escadarias no local combinado. Uns 10 minutos depois chega Marlene um pouco apressada. Estava vestida com calça preta e uma blusa sem mangas laranja. Os cabelos soltos. Sem maquilagem. Ela me cumprimenta e vai direto falar com a senhora que fica numa espécie de balcão de informações bem na frente da entrada principal da Igreja. Aproxima-se e fala com a senhora tratando de querida e lhe dá uma lembrancinha de natal ressaltando que não repare porque é presente de ‘aposentado’. A senhora sorri e agradece dizendo que não precisava se incomodar, abre o presente, é uma blusa de malha com estampas de cores suaves e com mangas curtas. A senhora pareceu satisfeita com o presente. Marlene então entrega outro pacote de presente e diz que é para entregar ao Padre Pedro como recomendação, diz que era uma lembrancinha da Marlene Casanova, pontuando seu trabalho artístico. Entregue os presentinhos nos dirigimos para a Av. Nossa Senhora de Copacabana, caminhávamos olhando as vitrines. A umas duas quadras da Igreja, entramos meio ao acaso, estimuladas pelas promoções, numa loja, estilo meio misturado, roupas com preços bem populares e outros mais caros, de roupas femininas, logo na entrada da loja inúmeras araras circulares com blusas de modelos e cores os mais variados. A intenção era comprar uma blusa para a dona do salão, Marlene não queria comprar qualquer coisa, afinal era a dona do salão, me pediu para que eu escolhesse alguma coisa próxima ao meu gosto, estava insegura. Em uma das araras de roupas de noite com blusas com brilhos, comenta que nunca gostou muito deste tipo de roupa, muito chamativa. Entre araras observando as roupas enfim achei alguma coisa do meu gosto e mostrei a Marlene: uma blusa sem mangas, com botões na frente e um pouco acinturada, de cor verde claro, enfim uma que eu usaria. Aprovada a escolha, enquanto pagava Marlene conversava com a atendente sobre a euforia do Natal. Saímos da loja em direção a Lojas Americanas para comprar presentes para sua dentista, para o seu cardiologista e para Suely.

Diário de campo, quarta-feira 05/12/07.

Para além dos ‘limites’ do bairro, toda terça feira Marlene saía para ir até o salão de beleza onde Camille trabalhava, localizado no bairro do Leblon e, ocasionalmente, ia a cidade²⁵⁰, seja em decorrência das

²⁵⁰ Expressão usada com recorrência entre elas para se referirem ao Centro da cidade. E que parece estar relacionado ao fato de que durante, pelo menos até a década de 60, existia uma grande separação entre o Centro da cidade, enquanto espaço de trabalho, pólo econômico,

apresentações do espetáculo Estrelas, no Teatro Rival, localizado no Centro, ou para resolver algum problema de ordem burocrática, relacionado à sua aposentadoria, ou para ir em lojas nas proximidades da Praça XV, em busca de CDs de música “antiga”- cantores e cantoras da época da Rádio Nacional – ocasiões, algumas vezes oportunas, para aquela passadinha na Cinelândia para, segundo ela, descansar e também para ficar vendo os bofes. A Cinelândia, se no presente não é apropriada, segundo ela, em termos de sociabilidade, com a mesma intensidade de ‘tempos de outrora’, ainda guarda alguns dos seus significados, no que diz respeito às interações sexuais homoeróticas, mesmo que seja apenas no exercício da arte da *coqueterie* (SIMMEL, 1999). Da descrição do percurso com Marlene na Zona Sul da cidade passo agora a descrever os percursos que realizei em companhia de Raquel e Laura pelas ruas da Lapa e do Centro:

Tinha combinado com a Raquel de nos encontrarmos às 12h30 da tarde para almoçarmos e depois sairmos para dar uma caminhada no Aterro do Flamengo. Ultimamente tem feito caminhada pelo Aterro e pelo Centro da cidade para, segundo ela, emagrecer. Quando chego ao seu apartamento, na altura da Gomes Freire, ela me recebe com cara de sono e mastigando alguma coisa, o que me faz pensar que já estava almoçando sem mim. Pensamento que expus a ela de imediato e que foi retrucado entre sorrisos dizendo que acabava de acordar. Disse que foi dormir muito tarde, ficou assistindo ao filme *Os cafajestes* reprisado pela Rede Globo em homenagem ao ator Jece Valadão, por quem ela sempre teve admiração como homem, acha-o bonito e muito viril. Fui caminhando atrás dela até o quarto. Sem pressa começa a se arrumar: primeiro abre a primeira gaveta da cômoda a procura de uma blusa, puxa uma blusa, e outra e outra e acaba encontrando um vestido com estampas em verde, azul, amarelo e coloca. Decide que não vai colocar a peruca, está muito calor, arruma os cabelos prendendo-os num minúsculo rabo de cavalo e, com um lápis marrom, retoca alguns cabelos brancos, coloca os brincos, passa batom e em pé esticando um pé depois do outro me pede ajuda para calçar as sandálias, está com dificuldades para abaixar o corpo devido às dores na coluna. Enfim saímos do apartamento, e vamos caminhando pela Rua Gomes Freire em direção ao restaurante que iríamos almoçar, na Rua do Senado. A rua estava bem tranqüila, bem diferente do que normalmente acontece em

dias de semana quando o movimento de pessoas indo e vindo, de automóveis e ônibus é muito intenso. No caminho Raquel cumprimenta algumas vendedoras ambulantes que ela costuma comprar acessórios. Em uma das barracas resolve parar para perguntar o preço de uma bolsa, ao mesmo tempo em que faz uma brincadeira com a vendedora a respeito do decote de sua blusa, chamando-a de “chuparina”. Chegamos ao restaurante, num sobrado antigo, um lugar bem simples, que serve refeições do tipo self-service. No andar de baixo, ficavam dispostas as mesas, o pequeno balcão onde ficava uma atendente que se mesclava em duas funções, a de caixa e a de garçonne, na parte de cima eram dispostos os pratos. Enquanto almoçamos falamos de sua família, de sua irmã que faleceu, do seu único sobrinho que não a visita mais e nem telefona, diz que atualmente sua única amiga é uma mulher a quem ela chama de “Jupiara” que foi sua vizinha quando morou no subúrbio. Diz que esta é amiga mesmo, pois uma vez passou mal em casa sozinha e ao ligar para ela a mesma veio socorrê-la prontamente levando-a até ao hospital e indo inclusive visitá-la. Acha que vai acabar morrendo e ninguém vai saber. Tento animá-la e aconselho a ter sempre por perto telefones úteis, como o de hospitais, posto de saúde, polícia, bombeiro providências que qualquer pessoa que mora sozinha deve tomar. Terminamos de almoçar. Raquel se levanta e me diz que vai ao banheiro, mas antes passa pelo caixa e entrega nas mãos da funcionária duas cartelas de camisinhas que tínhamos pego na ONG. Em seguida me dirijo até a moça para pagar e a mesma me olha constrangida e desabafa que a Raquel a deixou numa situação difícil ao lhe dar as camisinhas na frente de sua mãe, diz que é evangélica e a mãe não sabe que ela não é virgem! Apesar do constrangimento não parecia chateada com a Raquel. Ao receber o troco me despeço dela e fico esperando Raquel na porta do restaurante. Olhando para dentro, vejo-a sair do banheiro e se dirigir até a saída, mas antes passa pela mesa onde estava sentada uma jovem travesti almoçando e a cumprimenta, depois passa pela mesa onde está sentado um senhor e o cumprimenta também. Enquanto caminhamos em direção ao Campo de Santana, conto o que a moça da caixa me falou e Raquel me diz que foi ela quem pediu e inclusive a mãe dela é evangélica, e que já conversou com ela algumas vezes lá no restaurante, e lhe pareceu liberal. Sempre vai ali, inclusive pensou que as camisinhas eram para o irmão da moça. Entre um assunto e outro, Raquel me diz que tem uma amiga travesti que é do candomblé e que joga búzios na Rua do Ouvidor, me convida para passarmos por lá para que eu possa conhecê-la. Passamos novamente em frente ao seu antigo prédio, na Rua Vinte de

Abril, na portaria dois porteiros conversando, Raquel cumprimenta o mais velho, um senhor pardo, em torno de uns 50 anos, e pergunta se está tudo bem, e em tom de brincadeira, se tem apartamento para alugar. Os dois entabulam uma conversa no meio da calçada, Raquel comenta que se arrepende de ter saído do apartamento, e conta seus problemas com o apartamento onde mora, o porteiro promete comunicá-la caso surgisse alguma coisa para alugar. Seguimos em direção ao Campo de Santana. No caminho pergunto se já chegou a batalhar no campo, ela diz que não, que não é comum travestis batalharem no campo, me informa que a Zezé gostava de ficar lá, ia ao final da manhã e ficava lá. Pergunto para que, e como sabe, porque não me lembrava da existência de amizade entre elas, me diz que às vezes para arrumar um bofe. E que como ficava às vezes na janela olhando a rua pôde vê-la algumas vezes no campo de Santana. Não me lembrava de na época do campo para mestrado Zezé ter comentado que costumava freqüentar o Campo de Santana em busca de parceiros. Raquel ressalta que não gosta de passar pelo Campo, só passa pela parte onde a maioria das pessoas passa, uma espécie de caminho de pedestres que atravessa toda a praça. Diz que tem um local de pegação para gay durante o dia, já que o campo à noite esta fechado, que é próprio para isso. Enquanto andávamos pelo campo em direção a saída que dá para o Saara, Raquel comenta que se alguém do meio nos visse ali ia dizer logo que ela estava no campo, indo atrás de pegação.

Diário de campo, 03/07.

O longo trecho transcrito do meu diário de campo suscita inúmeras questões, no entanto, enfatizo aquelas mais relacionadas às suas experiências na cidade, bem como suas interações cotidianas no espaço citadino da rua. Com Raquel percorremos alguns dos seus percursos pelas Ruas Gomes Freire, do Senado, 20 abril, ruas do bairro em que morava na época. E, nestes percursos, alguns dos seus 'lugares' foram sendo desvelados como, por exemplo, o restaurante *self-service*, lugar que ela costumava almoçar na época da pesquisa e durante o tempo em que morou na Gomes Freire, ao mesmo tempo em que aproveitava para 'bater papo' com as proprietárias e funcionárias do local. Assim, interagimos também com alguns personagens que fazem parte de suas interações no cotidiano, a 'moça sorridente' vendedora de bolsas, a senhora que, enquanto vendia cintos femininos, aproveitava para comer seu almoço servido em uma marmita, ali mesmo, em plena rua, os porteiros do antigo prédio onde morava. Novamente, através das

caminhadas realizadas com a Raquel desvelam-se espaços da cidade que já foram apontados por outros autores (GREEN, 2000; PARKER, 2002; FIGARI, 2007) como parte do circuito, em termos de Parker (2002), de interações homoeróticas da cidade. Assim, em nossos itinerários também percorremos aquelas áreas da cidade classificadas por Park como regiões morais na quais:

É inevitável que indivíduos que buscam as mesmas formas de diversão devem, de tempos em tempos, se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que dentro da organização que a vida cidadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar, não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e temperamentos (PARK, 1979, p.64).

Refiro-me ao Campo de Santana, uma área oficialmente consagrada como ‘lugar de memória’ (NORA, 1986) da cidade do Rio de Janeiro e do próprio país²⁵¹, que ganha nos percursos de Raquel outros sentidos quando investigados como parte de suas histórias vividas (HALBWACHS, 2004). Um território da cidade que se configura como ponto de amarração (BOSI, 2003) de suas memórias especialmente marcado por um tempo, ‘o tempo de quando ainda era gayzinho’ portanto uma relação com este lugar que estava ligada a uma determinada performance de gênero e estilo de vida. Segundo ela, como travesti, deixou de freqüentar o Campo, ou melhor, dizendo, de praticá-lo enquanto espaço de realização de seus desejos, de interação homoerótica, alterou-se sua relação com este espaço, que se tornou, em grande parte, um lugar de passagem. Hoje, Raquel procura evitá-lo, tendo em vista que é por ela definido como local de ‘pegação gay’. O Campo de Santana a relaciona, hoje, a uma prática e a uma performance com a qual Raquel diz não se identificar mais, ou seja, que ‘contamina a sua imagem’ principalmente tendo em vista, que já é ‘uma senhora de idade’.

²⁵¹ Ao longo da ‘história’ o Campo de Santana passou por transformações em seu uso e em sua paisagem. No século XVIII era um local utilizado como área de despejo de lixo e esgoto da cidade. Com a chegada de Dom João VI na primeira metade do século XIX este uso foi abolido e passou a abrigar o primeiro Quartel Militar da Cidade, sendo utilizado para exercícios militares. Nesta época também, em seu espaço eram realizadas cerimônias religiosas, de festividades públicas e oficiais como, por exemplo, a aclamação de Dom João VI e Dom Pedro I como Imperadores do Brasil. Em fins do século XIX passou por um processo de remodelação dos seus jardins. O campo de Santana foi em 1968 tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Cultural. Fonte: Site Prefeitura do Rio de Janeiro.

À medida que caminhávamos, eu e Raquel, o Campo de Santana foi se configurando um espaço de sociabilidade. Um fenômeno que apareceu no percurso de minha interlocutora Zezé, mencionada anteriormente por mim, e que se repetirá com Laura na Rua da Lapa, e que transformam os espaços de uma grande metrópole num daqueles lugares da cidade que a memória escolheria para retirar sua seiva (BOSI, 2003, p.71). Vale pontuar as diferentes apropriações do Campo de Santana, como espaço urbano, lugar de passagem durante a semana para muitos cidadãos habitantes ou não da cidade, em seus deslocamentos para o trabalho, compras, entre tantos outros afazeres do cotidiano. Território de passeio para casais de namorados e famílias, de descanso e em algumas épocas propício para os que gostam de saber de seu destino e são seduzidos pelas ciganas que transitam pelo local, às vezes também pode abrigar manifestações artísticas populares.

Assim que cheguei ao apartamento da Laura, a porta estava entreaberta, mesmo sabendo que já esperava por mim fui entrando e anunciando minha chegada. Laura, do seu quarto, me mandava entrar. Estava terminando de se arrumar: vestia calças jeans, tênis e sutiã de cor preta e procurava entre suas gavetas uma blusa larga para colocar; enfim no amarranhado de roupas dentro de uma das gavetas do seu armário encontrou uma blusa de mangas curtas estampadas. Dizia-me que Luis (seu afilhado) vinha mais tarde para jantar e havia se dado conta que não tinha nada em casa para ele comer e nem café para tomarmos mais tarde. Queria descer para fazer umas comprinhas no mercado e aproveitar para ir até a gráfica para saber quanto lhe custaria alguns panfletos de divulgação. Antes de sairmos, pega o boné em cima da cama e o ajeita com cuidado na cabeça. Foi a primeira vez que a via colocar seu boné para sair, às vezes verifiquei o costume de colocá-lo para prender os cabelos em casa. Entramos no elevador, e assim que chegamos ao térreo, o porteiro, um homem em torno dos seus cinquenta anos, nos abriu a porta cumprimentando-a como Dona Laura costume que verifiquei com o porteiro do edifício da Glória na época do mestrado. Na recepção tinham dois senhores moradores do prédio que Laura cumprimentou cordialmente. Fomos primeiro ao mercadinho que fica bem próximo ao edifício onde mora, mas exatamente uma quadra de distância; o mercadinho como a denominação sugere é um mercado pequeno, bastante simples, localizado num prédio antigo e mal cuidado, logo na entrada duas moças atendem no caixa. Quando entramos, havia duas senhoras cada uma sendo atendida por uma caixa e um senhor

dentro fazendo suas compras. Como Laura sabia o que buscava, nossas compras foram rápidas, comprou duas latas de atum, um pacote de macarrão, café e um rolo de papel higiênico, somente os artigos que precisava em casa no momento, enquanto recolhia os produtos nas prateleiras reclamava comigo da falta de dinheiro, tinha feito uns empréstimos e as prestações reduziam em muito sua aposentadoria e como ganhava pouco no teatro, além do fato de estar gastando muito com os remédios para a perna. A ‘sorte’ é que seu vizinho do andar de baixo que era enfermeiro estava fazendo os curativos sem lhe cobrar nada. Quando chegamos ao caixa, a moça lhe cumprimentou sorridente tratando-a por Laurinha. A moça observou que andava meio sumida e que estava preocupada com ela. Laura comenta superficialmente sobre suas dores na perna e procura salientar que está em fase de recuperação. A atendente ainda comenta – dirigindo-se também a outra caixa- sobre sua ida ao programa do humorista Jô Soares e faz elogios a sua entrevista dizendo que se divertiu muito. Laura agradece orgulhosa os elogios e aproveita para convidá-las para ir a peça que em breve estaria em cartaz num teatro ali mesmo na Augusto (referindo-se a rua Augusto Severo). Após pagar a conta se despede das duas atendentes. Retornamos em direção ao apartamento e no final desta mesma quadra chegamos ao nosso outro objetivo à gráfica. Somos atendidas por um senhor muito educado que vai informando a Laura o orçamento para fazer os 500 panfletos de publicidade do seu próximo show na boate RedStar em Copacabana. Laura fica preocupada com o valor do orçamento e tenta conseguir um desconto, o funcionário nega e lhe explica que para ter desconto teria que fazer pelo menos 1000 panfletos, Laura acha muito e resolve fazer os 500 apesar de achar caro o preço. Pergunto-lhe se não gostaria de ir a outro lugar, fazer uma pesquisa de preço, ela me diz que não porque estava acostumada a fazer ali e sabia que eles faziam bem os panfletos. Atravessamos a rua em direção a farmácia, antes passamos em frente à papelaria e um homem jovem parado a porta a cumprimenta chamando-a por Dona Laura. Em seguida entramos na farmácia e vamos em direção ao balcão que fica no fundo. Laura foi comprar um antiinflamatório para a perna e aproveitou para tirar algumas dúvidas com o funcionário, um senhor que deve ter mais ou menos a sua idade a quem, devido à forma como conversavam, parecia conhecer de longa data. Voltamos para o prédio e assim que entramos no elevador Laura me confessou que a perna estava incomodando um pouco, fiquei preocupada, pois como não gosta de admitir que sente dores, achei que poderia estar escondendo o seu estado real. Chegando

ao apartamento, Laura guardou as compras e foi fazer um café para nós duas e para Luis que estava prestes a chegar.

Diário de campo, dia 28/11/06.

Com Laura, fomos conduzidos pela Rua da Lapa através de um trecho do meu diário de campo cuja arquitetura se caracteriza pela mescla dos típicos sobrados antigos encontrados em toda a extensão do bairro e edifícios residenciais mais modernos. É uma rua pequena que está entre a Rua Mem de Sá e a Rua da Glória, no bairro da Glória. Contêm um diversificado comércio, faculdade, hotéis para solteiros. Através de uma de suas transversais se conecta a Av. Augusto Severo, tradicional ponto de prostituição travesti desde as últimas décadas do século XX. Ela tem, em dias de semana, um



intenso tráfego de automóveis e linhas de ônibus em direção aos bairros da Zona Sul, alguns camelôs localizados nas calçadas da rua. A Rua da Lapa é um território extremamente heterogêneo com um fluxo intenso de pessoas, moradores, funcionários dos estabelecimentos comerciais, executivos e secretárias que vão almoçar em seus restaurantes *self-service* localizados no bairro da Glória (Zona Sul) com o qual faz limite, além de outros personagens urbanos (estudantes, catadores de lixo, turistas, e obviamente a pesquisadora) que ‘passam’ pela rua. É nestes muitos ‘mundos’ que se tocam, cruzam, relacionam, mas não se confundem (VELHO, 1999d, p.17), entre outros tantos que encontramos nas ruas das grandes cidades, que, por sua vez, Laura sentia-se ‘em casa’ na Lapa. Ali era reconhecida e identificada como Laurinha, e/ou Dona Laura ou simplesmente Laura.

Evidencia-se, a partir das descrições acima, itinerários urbanos e cenas cotidianas circunscritas a determinados espaços e à predominância de um regime temporal, o diurno. Alguns ‘flagrantes’ do cotidiano de Laura e Raquel, deslocamentos pelas ruas do bairro onde moram e trabalham (no caso de Laura especialmente), Centro e Lapa respectivamente; ida ao mercado próximo do local onde mora para comprar alimentos que faltam, a farmácia para comprar remédios, itinerários com “objetivos” até certo ponto definidos e delimitados, mas que, sobretudo, estimulam o exercício da sociabilidade naquilo que ela

tem de mais importante que é a interação em si mesma.

Nos percursos e itinerários com minhas interlocutoras pude observar o que Caiafa (2007, p.89) já havia registrado sobre certas ruas da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, sua vocação para uma ocupação coletiva tendo em vista uma grande variedade de estímulos que nelas se condensam, incluindo uma diversidade humana que passa por elas e a que elas se expõe com o que lhes é próprio. No espaço da rua, mesmo aquela dos nossos bairros, sempre há lugar para o encontro com inesperado, para as situações imprevisíveis e há também um ‘tempinho’ para as conversas, tal qual o que muitas vezes transcorreu comigo e minhas interlocutoras em nossos percursos de campo.

A arte da conversação é vista em muitas dessas situações como uma situação social, fruto das condições advindas da circulação de pessoas e das coisas nas grandes metrópoles (CAIAFA, 2007). Segundo Simmel (2002), na seriedade da vida, as pessoas conversam por causa de algum conteúdo que querem comunicar ou sobre o qual querem se entender, enquanto que, numa reunião social, conversam por conversar. Para este autor, a conversa é a forma suprema de jogo das relações sociais. Neste sentido, observei em meus deslocamentos ou nas caminhadas pelas ruas dos bairros onde moram e trabalham minhas interlocutoras que a conversa é um elemento importante de estimulação da sociabilidade, na qual importa menos o conteúdo e mais a prática da conversa em si mesma. Gabriel Tarde (1992, p.136 *apud* CAIAFA, 2007 p.107) ponderava, por seu turno, que a conversação é agente das interações sociais, sendo fundamental na medida em que forma opiniões e faz circular os costumes, podendo, até mesmo transformar as situações políticas. É justamente sua característica de comunicação interpessoal e das idéias gerais que tornam a conversação, segundo o autor, uma força social expressiva.

Neste ponto, observei que ao longo dos itinerários urbanos percorridos com minhas interlocutoras nossos deslocamentos eram constantemente permeados e atravessados por conversas. As caminhadas da Raquel e de Laura são um bom exemplo, sejam as de caráter mais pessoal ou aquelas que denunciam algum grau de proximidade ou intimidade com quem se fala. Por vezes percebi que se estabelecem relações efêmeras que se resumem à simples cumprimentos e saudações próprias dos habitantes das metrópoles. Por outro lado, obviamente, no que diz respeito às interações que se dão em seus bairros de moradia, o fato de serem, em sua maioria, moradoras antigas do bairro já interfere na natureza das relações que são estabelecidas e as conversas ganham um tom mais pessoal. Cabe insistir na importância destes locais com relação as suas trajetórias sociais e itinerários urbanos, já apontados como ‘marcos’ de suas memórias.

Em ‘nossas’ interações cotidianas pela cidade – e em parte os relatos dos diários de campo dão indícios disso – constatei que as conversas são fatores importantes na compreensão das paradas pelo caminho que fazem as travestis, como aquela ‘conversinha rápida’ que a Laura mantinha em seus percursos até as preocupações da atendente do mercado com ela. Conforme De Certeau, a arte de conversar são práticas transformadoras ‘de situações de palavras’ [...] um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis (DE CERTEAU, 2008, p. 50). Desse modo, a arte de conversar praticada pelas interlocutoras em seus percursos foi para mim importante para conhecer também como algumas das redes de contatos em seus bairros²⁵² são compostas.

No caso de Raquel, Isa e Fujika, por exemplo, pude verificar a existência de relações de vizinhança²⁵³ configurando uma rede social importante em seus cotidianos e formas de sociabilidade. Vale sublinhar, tendo em vista suas trajetórias sociais, uma mudança com relação às relações de vizinhança, em geral, quando minhas parceiras de pesquisa falavam de suas adolescências e juventude. Nestes instantes de suas vidas a vizinhança era uma referência de controle moral, sempre com os ‘olhos’ e ‘ouvidos’ em vigília de suas ações e comportamentos, agora, sem perder de todo este aspecto, como veremos a seguir, ressaltam os laços de solidariedade e confiança; quem sabe numa experiência de reversão de uma ‘memória traumática’, e assim recriam seus cotidianos a partir de relações de reciprocidade (MAUSS, 2003) expressas, muitas vezes, nas miudezas do dia-a-dia:

Estávamos arrumando a casa quando bateram no portão. Era Marta, a vizinha do lado. Nas mãos um pote de tupperware, tinha feito pro almoço carne assada com batatas e, como sabia que Raquel não cozinhava, trazia um pouco para ela. Raquel agradece e Marta ainda fica algum tempo conversando. Falavam a respeito do estado de saúde do proprietário das casas onde moravam. Estavam

²⁵² Cabe esclarecer que minhas reflexões sobre as relações das interlocutoras com o bairro estão baseadas, sobretudo em minha experiência de compartilhar com elas algumas de suas apropriações cotidianas do e no bairro e logicamente das informações obtidas através das entrevistas.

²⁵³ De acordo com Park (1979) a proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida cotidiana. O que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. Para o autor cada vizinhança, sobre as influências que tendem a distribuir e segregar as populações citadinas pode assumir o caráter de uma região moral (PARK, 1979, p. 30-31).

preocupadas. O estado de saúde do proprietário, praticamente dono de todas as residências da vila, era o assunto do momento, fio condutor das conversas [...].

Diário de campo, 19/05/07

Laura me recomendou para pegar a pomada para a alergia na farmácia do lado da papelaria, era só falar com Seu Paulo que era para ela que ele me daria o medicamento, eu questiono o fato de que ele não me conhece e poderia desconfiar e não querer me entregar o medicamento sem receber o pagamento. Ela insiste que Seu Paulo já está acostumado e que eu dizendo que era para Laura de Vison já bastava, mas que qualquer coisa era só dizer o número do edifício e do apartamento e não teria problemas.

Diário de campo 7/03/07

Ali na esquina da rua, tem dois vídeos, são meus amigos tá entendendo? É um que faz limpeza nos meus aparelhos, no meu som, na minha televisão, eu ligo para ele ou ele me liga: Ah... Chegou filme novo. Então manda para mim, vem trazer aqui em casa. (Isa)

Ao estudar o bairro Pierre Mayol (1996), argumenta que a organização da vida cotidiana se articula levando em consideração dois objetivos:

[...] os comportamentos que são visíveis no espaço social da rua e que se manifestam na maneira de vestir, na utilização dos códigos de cumprimentos, o ritmo de andar, as formas como se evita ou se valoriza determinados espaços públicos e pelos benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de se portar no espaço do bairro.

Desse modo, os bairros de moradia de minhas interlocutoras de pesquisa aparecem como o lugar onde acontece o seu engajamento numa forma de ser do social ou como exercício de uma arte de conviver com seus parceiros – os vizinhos, comerciantes – que estão ligados a elas pelo fato concreto e essencial, da proximidade e da repetição (MAYOL, 1996, p.39). Como observa Velho, o individualismo moderno no seio das relações

sociais numa grande metrópole não exclui, por conseguinte, a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias²⁵⁴ (VELHO, 1999b p, 27). Logicamente que tais experiências, no que diz respeito ao estabelecimento de redes de contatos na rede social das travestis por mim pesquisadas, parecem ser circunscritas a determinadas regiões dos bairros mencionados, aqueles espaços entendidos por Magnani (1984) como *pedaço*

Novamente os comentários de Mayol (1996) sobre “os benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de se portar no espaço do bairro” me faz pensar em que bases estas relações de proximidade de minhas interlocutoras com os seus vizinhos de bairro foi sendo construída considerando suas trajetórias sociais. Um exemplo que me vem à mente é o de Helô, uma de minhas interlocutoras com as quais travei contato para a elaboração de meu trabalho de campo de mestrado. “Helô, em uma de nossas conversas, me confessou que, quando era jovem, teve alguns problemas no prédio em que morava, justamente por ter optado por uma postura mais hostil - não se incomodava em chocar, fazia muitas festas no seu apartamento e isso acabava criando uma situação de conflito” (SIQUEIRA, 2004, p.123).

Este trecho extraído da minha dissertação de mestrado, confirma o que percebi durante meu trabalho de campo de doutorado, em especial, com Raquel que me dizia freqüentemente que havia procurado “fazer a linha” com os vizinhos, principalmente quando morava em Realengo, devido à maior proximidade com a vizinhança e ao fato de ‘repararem em tudo’. Afinal a convivência entre vizinhos pressupõe abrir mão de certas pulsões individuais nos contatos sociais, com o fim de obter os tais benefícios simbólicos, como, por exemplo, respeito. ‘Fazer a linha’ é uma expressão êmica que pode ser usada de diferentes formas: você pode “fazer a linha amiga”, a ‘linha educada’, a ‘linha elegante’, e a ‘linha discreta’, formas de construção de uma imagem de si que lhes garanta ‘sucesso’ em suas interações sociais” (GOFFMAN, 1975). Estas questões serão discutidas no decorrer do capítulo, especificamente no próximo tópico em que abordo “as etiquetas do cotidiano”.

O fato é que até onde pude observar, em relação há algumas interlocutoras, a vizinhança constitui uma rede importante para suas vidas. Tomo como exemplo, nesse caso, meus deslocamentos com Raquel pelo

²⁵⁴ Neste sentido, cabe ressaltar que autores como Maffesoli (1987) enfatiza justamente o desenvolvimento de uma ambiência tribal (comunitária) no seio das sociedades-modernas contemporâneas que ele chama de paradigma estético no sentido de um *sentir em comum*. Diz o autor: “Com efeito, enquanto a lógica individualista se apóia na identidade separada e fechada sobre si mesma a pessoa (persona) só existe em relação com o outro”. (1987, p. 18).

bairro de Realengo²⁵⁵, bairro da Zona Oeste da cidade. Realengo faz parte da XXXIII Região Administrativa da cidade junto com Campo dos Afonsos, Deodoro, Jardim Sulacap, Magalhães Bastos, Vila Militar. Tem uma população numerosa mais de 170 mil habitantes e é considerado como um bairro onde se concentra a população das camadas da classe média e médio-baixa e das camadas populares. O bairro Realengo concentra, em sua área central, os mais variados estabelecimentos comerciais (supermercados, shoppings, restaurantes, bares, lanchonetes, padarias, oficinas de automóveis, etc) além de faculdades, uma área cultural e estação de linha de trem. Onde fica a praça principal do bairro se localiza a Igreja Nossa Senhora do Carmo. Na sua ‘periferia’, o bairro é dividido em sete sub-bairros. Entre eles o sub-bairro Periquito, onde na época da pesquisa, morava Raquel. Na época residia em uma espécie de vila²⁵⁶ (com 12 casas, sendo a sua a segunda casa da vila com dois quartos) residencial onde a maior parte dos moradores eram pessoas de classe médio-baixa e das camadas populares.

A rua onde morava tinha uma ambiência particular. Apesar de ser basicamente residencial (exclusivamente casas e boa parte delas com quintal) se caracterizava por concentrar um comércio, até certo ponto variado (padaria, mercado, farmácia, hortifruti (sacolão), lan-house, loja de aviamentos e presentes,



bar e lanchonete e uma pequena Igreja evangélica) que provia as necessidades dos moradores da região. É também ponto de ônibus para os bairros como Bangu e Padre Miguel, com os quais faz limite, e de kombis de uma cooperativa de transportes, sendo também provido pela linha de ônibus 391 que sai da Praça Tiradentes, no Centro. Em dias de semana a rua onde morava era bastante movimentada, um vai e vem de moradores principalmente devido à concentração dos transportes públicos. Nos finais

²⁵⁵ Durante o século XIX era povoado por escravos e emigrantes portugueses advindo da Ilha dos Açores que se dedicavam exclusivamente a agricultura. Foi a partir da década de 70 do século passado que o bairro vai ‘perdendo’ seu aspecto rural e passa a concentrar alguns conjuntos habitacionais voltados para a população de baixa renda e uma Escola Militar

²⁵⁶ Vila é uma categoria êmica utilizada para denominar o local onde moravam. A configuração espacial física predominava as casas próximas uma das outras, a maior parte do tipo casas geminadas. Em vários bairros do Rio de Janeiro, principalmente os da zona norte é comum este tipo de modalidade habitacional. Não foi permitido a divulgação das fotos do local na tese.

de semana, a paisagem da rua mudava, grupos de homens conversando na padaria e no barzinho tomando cerveja, algumas moradoras fazendo suas compras no sacolão, outros apenas conversando na porta de seus estabelecimentos, crianças soltando pipas na entrada da vila. Por vezes ficavam algumas moradoras conversando em pé no portão. Em minhas idas periódicas à casa de Raquel pude observar a recorrência de cumprimentos entre as pessoas que se cruzavam na rua, as conversas rápidas no meio da calçada enquanto se espera o ônibus ou a Kombi. Sem querer afirmar que ‘todos se conhecem’, a presença de um cotidiano de atos de conversação como pauta das trocas sociais parecia restringir a idéia de um ‘anonimato’ nas ruas do bairro. Logo que passei a frequentar as ruas do bairro muitos eram os olhares em minha direção, mas à medida que a minha presença se tornava mais constante os olhares foram se transformando em cumprimentos e saudações. Lá minha identidade de pesquisadora ganhava um tom mais pessoal, eu era ‘a amiga antropóloga de Raquel que estava fazendo uma pesquisa sobre ela’.



Raquel, quando estava residindo em Realengo, em seu cotidiano era expressivo os contatos com seus vizinhos, principalmente com os moradores da rua e da vila onde residia. Com estes últimos os contatos se davam através de visitas um à casa do outro. Seguidamente, nos fins de semana, chegava à sua casa e encontrava alguma vizinha assistindo televisão com ela. Muitas vezes saíam juntas para fazer compras no supermercado do centro do bairro. A troca de favores e uma rede de solidariedade no caso de provisão de emergência de algum alimento que faltava na dispensa, ou da colocação de roupas dos vizinhos para quasar em seu quintal. O que expressava a existência de uma rede de relações de malha mais estreita (BOTT, 1976) entre moradores de uma mesma rua e até mesmo de um forte laço de sociabilidades entre vizinhos. Evidentemente que minhas observações se circunscrevem a pouco mais de quatro meses no bairro de Realengo, no entanto, é necessário esclarecer que, em parte, os laços de sociabilidade entre Raquel e seus vizinhos (pelo menos com relação a alguns deles), foram cultivadas em outros tempos, afinal há alguns anos atrás Raquel já tinha morado no bairro (só que em outra rua deste sub-bairro) e feito alguns laços de amizades como o que fez com a Jupiará, a senhora da mesma idade que ela com quem mantinha contato freqüente mesmo morando no Centro da cidade. O fato é que Raquel mantinha relações de amizade (em graus diferenciados como procurei salientar

através do diagrama da rede social de vizinhança no final do capítulo) com os moradores da vila. Eram eles: Jupiara, 67 anos, dona de casa, e João Rola, seu esposo, 69 anos, aposentado; Wanda, 36 anos, solteira, prestava serviços administrativos para o proprietário da vila referente à manutenção das casas e recebimento dos aluguéis; Marta, casada, 45 anos, dona de casa; Valéria, 20 anos, solteira, estudante; Márcia, 22 anos, casada, dona-de-casa; Wilma, 50 anos, funcionária pública, divorciada; Pedro, 32 anos, solteiro, camelô) e com alguns comerciantes (a moça do ‘sacolão’, e o casal de proprietários do bar bem ao lado da porta de entrada da vila).

No que tange as questões de envelhecimento e saúde a solidariedade entre vizinhos se torna importante dimensão da vida social entre minhas parceiras de pesquisa, pois, segundo elas, é com eles “que se pode contar”, principalmente para o caso de Raquel, Isa e Fujika que moram sozinhas. A solidão faz com que se sintam, em certa medida, desamparadas em seus cotidianos. De acordo com Eckert (2002) a visibilidade da condição solitária²⁵⁷ dos idosos é um dos pontos de maior motivação para os programas de terceira idade angariarem novos adeptos. Entretanto a participação em sociabilidades organizadas (PEIXOTO, 2000a) pela ideologia da terceira idade (DEBERT, 2000b) não faz parte do cotidiano destas senhoras e muito menos é pensada como alternativa para ampliação de seus laços sociais. Para algumas de minhas interlocutoras as trocas sociais entre elas e seus vizinhos constitui-se num aspecto relevante da vida cotidiana no bairro onde moram e das suas formas de sociabilidade. Através desta rede social, por exemplo, surgem os convites para festas de aniversários, batizados, casamentos, ou até mesmo, convites para passar o Natal.

Por outro lado, é necessário assinalar que este relacionamento mais estreito com a vizinhança tem seus limites demarcados por minhas parceiras de pesquisa no sentido da manutenção de sua privacidade²⁵⁸. Sobre o assunto, Fujika sempre fazia questão de pontuar: “eu me dou muito bem com todos aqui” (referindo-se há alguns moradores de sua rua), “mas é cada um no seu canto”. Manter estes limites era visto por elas como fundamental para a continuidade de uma boa convivência em seus locais de moradia sem abdicarem de suas ‘individualidades’.

Apesar de identificar vínculos mais estreitos de minhas parceiras de pesquisa com seus vizinhos, observei que Marlene, Paola e Camille não

²⁵⁷ Ainda, conforme destaca a autora, o medo da solidão é um ‘fenômeno endêmico’ do modo de vida urbana.

²⁵⁸ Situação semelhante foi encontrada por Barros (2001) entre mulheres idosas residentes no bairro do Méier, na Zona Norte da cidade.

se dedicaram a esta modalidade de rede social. No caso de Laura, por exemplo, com exceção do seu vizinho que morava no apartamento situado um andar abaixo do seu, que era enfermeiro e que como já mencionei lhe prestava serviços de enfermagem, não tinha laços sociais mais estreitos com o restante dos moradores do edifício. Seguramente, Laura conhecia boa parte deles e quando se cruzava no elevador e/ou na portaria do prédio trocavam cumprimentos e saudações, mas os laços sociais não atravessam os limites da convivência formal. A condição de vida num prédio de apartamentos certamente relaciona-se a esta modalidade de vida social mais reclusa. Uma realidade que se aproxima daquela estudada por Gilberto Velho (1999d, p.12) pesquisando no bairro de Copacabana, e onde o autor aponta que tais formas de moradias, e em especial os edifícios de apartamentos estão associados a valores e estilos de vida marcados por fortes dimensões individualistas

Em relação às outras interlocutoras como Camille e Paola, por exemplo, observei uma escassa rede de solidariedade entre elas com seus vizinhos de moradia e de bairro o que pode decorrer das formas de uso do espaço urbano que elas praticam em seus percursos cotidianos para o exercício de suas atividades profissionais Um trabalho intensivo com poucas horas para sociabilidade de rua e que se estende por longas oito horas, todos os dias, de segunda à sábado.

A expressão “falta de tempo” é acionada, por elas, por exemplo, para justificar o pouco uso dos serviços do bairro e das opções de lazer o que lhes permitira conhecer a vizinhança de forma mais próxima. Mas, por sua vez, as interações, se dão, principalmente, no contexto do bairro onde trabalham, como é o caso da Camille (fenômeno que veremos no próximo capítulo quando abordo outros territórios de sociabilidade das travestis relacionados aos seus ambientes de trabalho) a partir das relações de amizades voltadas para o *universo trans* (BENDETTI, 2005). Neste caso em particular, a exceção é Jane que sempre procura encontrar um “tempo livre para” os afazeres do dia-a-dia e, neste caso, utiliza seu horário de almoço para resolver seus assuntos bancários, para ir ao supermercado, ou o final da tarde para fazer suas caminhadas no calçadão da praia com direito a uma paradinha em um dos seus quiosques:

Em Copacabana eu freqüento muito o calçadão. Eu gosto muito da praia de Copacabana, mas eu não vou à praia. Adoro à tarde quando o sol vai embora, sentar num quiosque, tomar um chopinho. Porque Copacabana é um bairro que você não sente solidão, você vai numa esquina, você sempre encontra

alguém, você vai à praia, você para, tem sempre alguém para conversar com você. É um bairro de gente solitária sim, mas se você sai na rua à solidão vai embora, bairro que você tem tudo na mão.

A redução dos laços sociais no âmbito de uma sociabilidade pública vivida por minhas interlocutoras contrasta com outros instantes de suas vidas que foram relatados, onde a ocupação dos espaços das ruas, calçadas e praças definiam suas relações primordiais com a cidade. Em alguns momentos, a expressão “caseira” que é acionada por elas, contemporaneamente, para dar conta do ‘costume’ que adquiriram de “passar mais tempo em casa”. Numa clara pontuação a um ciclo de vida, muitas das travestis referem-se a essa restrição de deslocamentos como fenômeno decorrente de uma opção individual em suas vidas, agora mais dedicada a um tipo de sociabilidade voltada para esfera do “privado”:

Eu saio muito pouco prefiro ficar na minha casa, ainda mais agora nessa época. Esse Rio está tão perigoso. A gente sabe que sai, mas não sabe se volta. Então eu prefiro ficar na minha casa. Ah [...] eu fico aqui no meu circo, tem meu DVD, tenho minha televisão no meu quarto, quando não estou aqui na minha sala vou para meu quarto ligo minha televisão e tá ótimo. E qualquer coisa que eu preciso tem aqui. Tudo tem aqui. Ali tem o Guanabara que é um mundo de supermercado, tem o Continental, tem o Preço não sei o quê do outro lado, aqui tem o Bradesco na ponta, tem o banco do Brasil, o Itaú dentro do shopping. Eu desço aqui vou de pano na cabeça, vou de sandálias, salão tem um atrás do outro, eu costuro para a dona do salão, a Sandra loira, eu conserto as calças delas e do marido dela. Então minha filha aqui [...]. Hospital aqui do lado, essa semana eu fui tirar o sangue, fui com a Doutora Auxiliadora, a vem que eu estou aqui no hospital! Tirei o sangue lá, fiz os exames todos. Quatro tubos de sangue, fiz tudo, até tiróide eu fiz sem pagar um tostão.

Acompanhando os deslocamentos de algumas de minhas interlocutoras pela cidade, dentro e fora de seus locais de moradia, ficava evidente com o processo de envelhecimento um movimento de contração da sociabilidade ‘pública’, sendo que em alguns momentos pude perceber

em suas narrativas biográficas uma espécie de ‘rejeição’ a determinadas formas de sociabilidade de outrora, vividas principalmente na juventude: eu não fico mais à toa na rua (expressão empregada por Paola). Outro aspecto mencionado por elas refere-se às transformações pelos quais a cidade do Rio de Janeiro e alguns de seus bairros vem passando nas últimas décadas. As imagens da violência, do perigo, do medo e da insegurança influenciam, segundo elas, as formas de ocupação dos espaços públicos que elas vem realizando, seja em seus bairros de moradia, seja naqueles onde trabalham. A temática da violência urbana (ZALUAR, 1996, SOARES, 1994-1995; ECKERT e ROCHA, 2005) é matéria de suas representações da cidade no presente em profundo contraste com o Rio ‘de antigamente’ ‘uma cidade muito mais tranqüila’ e ‘que se podia sair despreocupado pelas ruas’. Vale salientar ainda que, Lins de Barros (1997, 2006a) também verificou em suas pesquisas com velhos moradores da cidade do Rio de Janeiro estas representações da cidade envolta em um passado idílico.

7.3 O espaço das ruas e seus lugares de reconhecimento

“O relato descreve, mas toda descrição é mais que uma fixação, é um ato culturalmente criador”, diz De Certeau (2008). Assim, os relatos das interlocutoras, e também os meus através dos meus diários, são organizadores de lugares pelos deslocamentos que descrevem, ou seja, constroem uma concepção de lugar. Os itinerários aqui destacados pelos diários e pelos relatos de Marlene, Laura, Raquel, Camille e Jane, nos conduzem a diferentes zonas da cidade do Rio de Janeiro, Centro, Zona Sul, e bairros considerados do subúrbio, como Penha e Realengo. Entretanto, bairros que como vimos com Heilborn (1999), são mais do que regiões administrativas do município uma vez que suas formas de ocupação nos informam sobre as diferenças de estilos de vida e visões de mundo entre os habitantes de uma grande metrópole contemporânea.

Em particular, na cidade do Rio de Janeiro, a Zona Sul da cidade está histórica e culturalmente associada às idéias da modernidade, da riqueza, do cosmopolitismo, em contraste com a Zona Norte e os seus diferentes subúrbios, como os bairros em que moram Fujika (Olaria) e Isa (Penha) respectivamente por ocuparem uma posição de bairros mais “tradicionais” na memória coletiva da comunidade urbana carioca. Em muitas circunstâncias, é interessante se perceber que essas diferenças “estilísticas” do viver urbano nos mais diferentes bairros das grandes metrópoles criam verdadeiras fronteiras simbólicas entre seus territórios subdividindo-os em “regiões morais”(PARK, 1979). Em muitos casos, a

presença de sujeitos travestis no espaço citadino e o maior ou menor grau de ‘possibilidade’ de sua ‘inscrição social’ na esfera pública da rua contribui para a organização desse sistema classificatório da vida urbana.

No imaginário urbano da cidade do Rio de Janeiro, determinados bairros da cidade, especialmente Lapa e Copacabana, estão fortemente marcados pela presença da figura da travesti (devido em grande parte a prostituição), um fenômeno que aparece, inclusive, nas narrativas biográficas de minhas interlocutoras ao acionarem as lembranças das experiências do ‘universo trans’ vividas por elas nesses bairros²⁵⁹. Trata-se aqui de tomar os devidos cuidados para justamente não restringir as experiências citadinas desses sujeitos e o grau de complexidade no que diz respeito ao exercício constante de negociação de suas subjetividades. Afinal, como chama atenção Gilberto Velho ao referir-se a Copacabana, “também encontramos toda uma dimensão mais convencional em termos de estilo de vida no bairro que não se alinha a sua “imagem transgressora”. A complexidade e heterogeneidade do bairro expressam-se através de vários mundos sociais com particularidades, densidade própria e fronteiras. (VELHO, 1999d, p 23)

Investida dessas intenções foi que, em campo, retomei minhas caminhadas com Marlene por algumas das principais ruas e avenidas do bairro de Copacabana. Com ela conheci alguns dos seus percursos cotidianos, em geral concentrados entre as estações do metrô Arcoverde e o metrô Siqueira Campos. E como já mencionado, nesta região do bairro, está a sua Igreja, o seu médico, a sua dentista, os mercados onde gosta de comprar providorias, as lojas onde compra suas roupas e acessórios e às vezes, mais ao final da tarde, Marlene se aventura a caminhar pela extensão do calçadão da Orla. Nesse “pedaço” (MAGNANI, 1984) moram alguns dos seus amigos e, sua rede social no bairro é composta por alguns amigos transformistas e “travestis das antigas” como ela, e cujas relações sociais com eles em grande parte não foram sendo construídas tendo como referência a vivência do bairro. Hoje esta rede social de amizade se mantém ativa em grande parte pela convivência que o ato de compartilhar um mesmo bairro lhes possibilita. Ampliando sua rede social, há ainda as pessoas ligadas a Igreja que Marlene frequenta com assiduidade. Porém, suas trocas sociais com estas pessoas não ultrapassam o mundo público, não desenvolvendo com elas vínculos mais íntimos.

²⁵⁹ Logo no início do trabalho de campo durante uma caminhada no posto 5 à noite com duas travestis entre 30 e 35 anos a procura de um local que vendesse cartão para celular pré-pago, a mais jovem fez o seguinte comentário: *Como é diferente aqui em Copacabana ... Se eu saísse assim lá por casa, não teria sossego!*

No itinerário de seus percursos cotidianos no bairro ainda há aqueles relacionados às suas práticas de lazer vinculados de certo modo à sua antiga profissão. Refiro-me aqui a sala de espetáculos Baden Powel, e isto não é por acaso, este espaço oferece shows musicais de cantores e cantoras relacionados à época da Rádio Nacional e a Jovem Guarda, estilos musicais de sua preferência e que marcaram sua trajetória social. Com alguns desses artistas, que ela conhece pessoalmente, mantêm vínculos de amizade. Assim, em seus itinerários pelo bairro cruzam-se passado, presente e futuro, a sociabilidade de outrora é constantemente ‘revivida’ face às urgências do presente, em seus percursos até a Igreja, os seus sonhos e projetos para o futuro.

É também em Copacabana que acompanhei Jane, através dos seus relatos, em alguns dos seus deslocamentos pelo seu bairro. Um bairro cuja ‘aura’ (MAFFESOLI, 1984) de liberdade, cosmopolitismo e glamour (principalmente entre as décadas de 40 e 60 do século passado) a fascinaram ao ponto de vislumbrar ali a fixação de sua moradia definitiva. Jane em seus relatos descreve uma apropriação intensa do bairro com relação também ao lazer, freqüenta seus restaurantes, bares e boates destacando-se um uso noturno do local. Com Jane e Marlene, minha experiência em Copacabana me possibilitou pensar o espaço praticado do bairro através da idéia de uma ‘solidariedade de base’ (MAFFESOLI, 1987), configurada em laços simbólicos que une entre si os habitantes do local, e por meio dos quais seus moradores tornam-se aptos a ‘subverter’ a solidão e a anomia própria das grandes metrópoles contemporâneas, pontuada no pensamento simeliano.

Saindo da Zona Sul, percorro com Isa o outro lado da “cidade maravilhosa”, o bairro da Penha, situado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Isa reside num apartamento térreo de um pequeno edifício de três andares. A rua onde seu edifício está localizado é extensa e sem saída, cortando uma das principais avenidas do bairro, a Avenida Brás de Pina. Em toda sua extensão a Avenida Brás de Pina abriga um comércio extremamente variado, desde uma importante rede de lanchonetes, cartórios, shopping, supermercados, bancos, consultórios dentários, clínicas médicas, imobiliárias, perfumaria, além de cinema, restaurantes e bares. Não se pode esquecer, obviamente, o pequeno salão de cabeleireiro que Isa freqüenta, além da videolocadora de seus amigos.

Na rua onde Isa mora, “muito bem localizada” apesar de sua ambiência predominantemente residencial (casas de classe média e mais outro edifício), existem alguns estabelecimentos comerciais, uma grande farmácia e loja de material de construção em suas esquinas. Em suas imediações localiza-se um importante hospital da cidade e do Estado do Rio

de Janeiro, um Parque já tradicional no bairro e a famosa Igreja da Penha, um símbolo não só do bairro, mas que se estende ao imaginário urbano dessa cidade. Em seus relatos durante suas caminhadas Isa descreve algumas de suas práticas cotidianas estreitamente articuladas com a vivência do bairro onde mora e alguns dos personagens com os quais interage em seu dia-a-dia. Entre freqüentar o bairro e ser moradora passaram-se quase 20 anos. Antes de residir no bairro da Penha, Isa morou na casa de uma amiga travesti, a convite seu, após seu retorno da Europa. O bairro é então concebido quase como uma extensão de sua casa, como no caso de Laura, ou seja, um local de reconhecimento (MAYOL, 1996) onde ela se permite estar mais despreocupada com a aparência e viver um estilo de vida mais ‘familiar’, diferente de quando está na Europa trabalhando. Para além das fronteiras do bairro, apesar de afirmar que quase não saía de casa, quando ela o faz tem por tradição deslocar-se para o Centro da cidade em busca de materiais para suas costuras. Tem por costume ir ao Saara (tradicional comércio popular da cidade), ou a Praça Tiradentes, onde se localizam muitas lojas de perucas. Nestes percursos as interações de Isa com seus vizinhos e outros atores sociais são tecidas assim como os seus modos de ser e estar no bairro e na cidade. De acordo com Goffman (1975), nas interações sociais, seja do tipo face-a-face ou mesmo a do tipo não focalizada, os indivíduos estão sempre projetando imagens sobre si. Aqui entra em jogo um ‘eu’ que, para o autor, é determinado durante o processo de interação, durante a dramatização das cenas cotidianas. Com Isa (e por extensão com as outras interlocutoras) pude perceber a relevância da construção do sujeito travesti no interior da dramatização das cenas cotidianas que ela tecia com seus amigos, vizinhos e outros indivíduos. Nesta encenação, pode-se perceber aquilo que os atores sociais elaboram sobre suas identidades sociais e o que desejam para si (para elas) como imagem (GOFFMAN, 1975 citado por PEIXOTO, 2000a).

Obviamente, deve-se levar em conta que, em grande parte, o espaço da rua, que foi particularmente enfocado aqui, é especialmente o do bairro de moradia das interlocutoras. Disto resulta a maior dificuldade de Laura, Isa, Jane e Raquel serem ‘confundidas’ no âmbito dos seus “pedaços”, apesar de ter-se claro que mesmo no “pedaço”, existe a possibilidade de lidar com ‘estranhos’. Neste sentido, gostaria ressaltar o fato de minhas interlocutoras, mesmo para aquelas que têm no seu bairro a vivência do cotidiano por excelência, nos seus percursos diários atravessam fronteiras simbólicas de ordenação das relações de sexo e gênero, experimentando, assim, um certo tipo de errância (DE CERTEAU, 2008). Deslocam-se, assim, por determinados trajetos, evitando outros, construindo seus caminhos através dos quais configuram a sua cidade,

contribuindo para a presença da descontinuidade de seus territórios. Alguns dos bairros mencionados como Copacabana e Centro são bairros profundamente marcados pela heterogeneidade de indivíduos e/ou grupos sociais deslocando-se e apropriando de seus territórios, que se caracterizam justamente por sua diversidade de províncias de significados e regiões morais.

É necessário esclarecer que, especialmente com relação à Laura, Jane e Marlene, no que diz respeito as suas interações cotidianas no âmbito dos seus bairros, neste jogo de encenação de imagens e de negociação da realidade social entra em cena a identidade de artista. Ser reconhecida como artista é sinal de status e concede certa popularidade em seus pedaços. Pude presenciar, algumas vezes, ao acompanhá-las em seus percursos cotidianos pelo bairro, encontros efêmeros em meio às ruas e calçadas da Lapa e de Copacabana com outros moradores do bairro onde paravam para trocar cumprimentos (beijos no rosto) e breves saudações e depois ser informada que eram pessoas (principalmente senhoras de meia-idade e/ou idosas) que conheceram não pelo convívio propiciado por residirem no mesmo bairro, mas porque iam assisti-las em seus espetáculos. Deve-se considerar que este sucesso no processo de comunicação interpessoal tem, para elas, um significado todo especial. À medida que compartilhava os percursos de minhas parceiras de pesquisa nos bairros do Rio de Janeiro fui me dando conta que o espaço da rua, principalmente em bairros como o Centro, Lapa e Copacabana, permaneciam como lugares de enraizamento de suas redes de sociabilidade.²⁶⁰ Importante lembrar que foi Laura quem me aconselhou ir a Lapa à noite para encontrar a Raquel, que andava ‘sumida’. Além disto, foi nas ruas da Lapa que encontramos Raquel e eu, com Cláudia, uma travesti que chegou a fazer parte da pesquisa em seu primeiro momento.

Não raras vezes, Marlene e Sarita, em seus percursos pelo bairro, encontravam com travestis de suas gerações com as quais, ali no meio da rua, retomavam seus laços sociais de outrora, reconstruindo-os. Em uma das ocasiões, durante uma de minhas caminhadas pelo bairro do Centro, com Raquel e com Laura, ‘esbarramos’ em Luiza que saía de sua casa no Engenho de Dentro, Zona Norte da cidade e ia para o Centro. Segundo ela, ia fazer compras de tecidos e aviamentos para suas costuras e também para

²⁶⁰ A importância da rua como espaço privilegiado para as sociabilidades homoeróticas já foi pontuado por inúmeros autores, tais como: Perlongher (2008), Green (2000) Parker (2002) Silva (2003) Córdova (2006). No que diz respeito às travestis que se prostituem, a rua como já mencionado, é destacado como espaço por excelência de socialização da travesti e como espaço de sociabilidade (SILVA, 1993; PELÚCIO, 2007; 2009; BENEDETTI, 2005)

dar continuidade ao seu tratamento de fisioterapia. Estes e outros encontros que presenciei durante meu trabalho de campo eram momentos importantes para elas atualizarem seus assuntos de cunho pessoal: onde estavam morando, se estavam morando no mesmo lugar, como estavam de saúde, o que andavam fazendo, além de colocar-se a par do paradeiro das outras, na preocupação de tecer as tramas das antigas redes sociais das quais faziam parte.

7.4 Os modos de ‘parecer’: etiquetas²⁶¹ do e no cotidiano

Em minha dissertação de mestrado trabalhei com a noção de estigma (GOFFMAN, 1975) e comportamento desviante (BECKER, 1977; VELHO, 1999c) pela recorrência de uso destas categorias - particularmente a de estigma - nas falas de minhas interlocutoras. Importante ressaltar que, na ocasião, minha convivência com este ‘universo trans’ esteve estreitamente mediada por uma ação de militância, seja através das reuniões do chá das travestis, seja participando da ONG Charlats.²⁶² É importante pontuar que de acordo com Goffman (1975) não devemos compreender o estigma²⁶³ na sociedade ocidental como um atributo de um indivíduo concreto: o ‘normal’ e o ‘estigmatizado’ não são pessoas, mas perspectivas.

Nesta mesma linha de argumentação ao tratar do desvio H. Becker (1977) sustenta que este não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma conseqüência da aplicação, por outras pessoas, de regras e sanções a um transgressor. De antemão esclareço que durante o trabalho de campo para o doutorado não vivenciei em nenhum momento, seja

²⁶¹ Sendo uma formalização das relações sociais entre pessoas, grupos, espaços e posições sociais, a etiqueta expressa, constrói e modela, pelo regramento dos gestos, os limites da pessoa. (HEILBORN, 2004, p.59).

²⁶² De certa forma posso dizer que acompanhei a criação desta ONG voltada para travestis e transgêneros na época do mestrado, já que, fez parte de um projeto elaborado por Charla Novi a coordenadora do chá das travestis no período do campo para o estudo em questão. Esta ONG estava sediada na própria casa da Charla, no bairro Cidade Nova na Zona Norte da cidade. Charla veio a falecer em decorrência da AIDS dois anos após a pesquisa.

²⁶³ Goffman, ao tratar do “estigma” como uma forma de discriminação, utiliza duas categorias: a condição de *desacreditado* e a de *desacreditável*. A primeira compreende três tipos de “estigmas”: as abominações do corpo - as deformações físicas; as culpas de caráter individual, que poderiam ser vícios, alcoolismos, homossexualismo; e os stigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de uma linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Todos esses “estigmas” são de uma forma ou de outra, expostos pelos indivíduos nos processos de socializações. E desses processos e contatos sociais decorrem: medo, vergonha, humilhação, entre outros. Já a condição de *desacreditável* é entendida como a diferença que não é imediatamente manifesta, não é aparente, sua condição não é conhecida previamente. (GOFFMAN, 1975, Cap. II). -

durante as caminhadas e passeios pela cidade, no convívio cotidiano, um episódio de discriminação e segregação. Mas o retorno a estes temas do estigma e do desvio pode ser interessante tendo em vista que a experiência de campo para o doutorado me permitiu compartilhar mais de perto o cotidiano dos sujeitos travestis nos espaços públicos de seus locais de trabalho e moradia e, assim, observar os modos de ‘manipulação do estigma’ (GOFFMAN, 1975) desenvolvidos por minhas interlocutoras em seus itinerários urbanos e práticas cotidianas. Retomo aqui uma cena vivida durante meu trabalho de campo de mestrado e que se torna um contraponto a etnografia que realizei para o doutorado assim como ao que venho tratando neste capítulo, a cidade como um ‘espaço praticado’ pelas travestis:

Após o término da reunião saí da sala em direção ao elevador acompanhada de duas travestis, ambas com mais de 50 anos, vestidas com calça jeans, camiseta e calçando sandálias tipo unissex. Enquanto aguardávamos o elevador, conversávamos animadamente a respeito da reunião. Quando chegou o elevador, cuja capacidade é para oito pessoas, havia em seu interior, além do cabinista, uma mulher aparentando uns 25 a 30 anos e um homem cuja idade deveria estar em torno de 45 a 50 anos. Assim que entramos no elevador, tanto a mulher quanto o homem se afastaram encostando-se às paredes²⁶⁴ [...]. Durante alguns minutos o silêncio tomou conta do lugar, até ser interrompido pela voz da Paula, a travesti que estava em frente à moça, perguntando se eu ia ao churrasco no próximo domingo. A partir daí a conversa transcorreu normalmente, mas pude perceber que a mulher passou todo o tempo com a cabeça um pouco abaixada (o suficiente para não encarar Paula) e com um meio-riso nos lábios. Quando chegamos ao térreo e a porta do elevador abriu, deparamos com muitas pessoas que aguardavam o elevador, o que ocasionou um pequeno tumulto, fazendo com que esbarrássemos um nos outros. A mulher que estava ao lado de

²⁶⁴ Sennett (2008), citando Goffman (1971), destaca a noção de ‘desestimulação defensiva’ elaborada por este último que influenciaria as pessoas em suas experiências corporais na cidade. Assim, ao olhar de relance, segue-se um posicionamento que acarrete menos risco de contato físico. Deste modo, é possível reduzir-se a complexidade da experiência urbana. Afastando-se dos outros, e mediante um conjunto de clichês, o cidadão sente-se mais à vontade; ele pressente a realidade e desloca o que lhe parece confuso ou ambíguo (SENNETT, 2008, p. 368).

Paula, para não esbarrar nela, desviou-se bruscamente; sua atitude resultou numa reação imediata (que me parece ela estava controlando, pois dentro do elevador ela estava bem atenta aos risos da moça) de Paula que, olhando ora para mim ora para a mulher perguntou, com a voz bem exaltada: qual era o problema?, do que ela estava rindo? E foi logo avisando que ela não tinha nenhuma doença que pegasse pelo contato. A moça não respondeu e nem olhou para Paula, seguindo seu caminho com passos apressados. Continuamos as três ali paradas, no meio do térreo do edifício, enquanto Paula, visivelmente chateada, reclamava dizendo que as pessoas ainda as viam como “monstros”. (SIQUEIRA, 2004, p.121-122).

Analisei esta situação a partir das noções de retraimento e agressividade utilizadas por Goffman (1975) para classificar o comportamento daquele indivíduo que se sente estigmatizado, e sugeri, na época, que Paula apresentava um comportamento que poderia ser interpretado como ‘agressivo’, não se conformando com aquilo que lhe foi imposto pelos outros atores sociais. As travestis com as quais interagi na época do mestrado assim como aquelas que formaram a rede social investigada na tese de doutorado, procuravam salientar que tais cenas sociais não predominavam com tamanha intensidade na vida presente, mas tinham sido freqüentes em sua biografia, no momento de infância e juventude.

É notório que a realidade cotidiana e as muitas tramas das interações sociais são marcadas por contínuas negociações que dependem da posição em que os personagens ocupam, ao mesmo tempo em que coloca em cena o jogo de representações²⁶⁵ do eu. Não é por acaso que durante uma conversa com uma travesti, na época, em torno de uns 40 anos, ouvi, pela primeira vez, falar da “síndrome do cotovelo”, referindo-se ao gesto corriqueiro que as pessoas fazem ao se tocarem com as pontas dos cotovelos quando elas entram em algum lugar, ou que Marlene prefira andar com mulheres, que Raquel implicava com a Suzy que ela dava muito *na pinta*.

[...] eu entro em qualquer banheiro de mulher. Ninguém me olha, ninguém me cutuca. Agora se vai

²⁶⁵ A soma total de atividades de um indivíduo durante um período de presença continua diante de algum conjunto de outros e com certo tipo de efeito sobre eles se descreve como representação. (GOFFMAN, 1975)

uma noiva cadáver, se vai uma outra, o pessoal já olha: Eh! Tem uma bicha ai, não sei o quê. Eu não, já sou uma senhora; qualquer banheiro eu entro. Entrei no banheiro ontem no restaurante, a moça falou assim: esse banheiro aqui é horrível não tem uma ventilação. Eu falei: é mesmo. Não catam que eu sou travesti. Eu fiz por onde para chegar onde eu cheguei. De entrar em qualquer lugar e passar por senhora. Em Realengo eu faço a linha porque ali tem que fazer mesmo. Eu procuro ficar mais destacada.

Em a “representação do eu na vida cotidiana”, Goffman (1975) parte da metáfora de conceber a sociedade como um cenário apostando numa perspectiva dramaturgica da vida social, discorrendo sobre os inúmeros modos que o indivíduo usa para guiar e controlar as idéias que os demais formam dele. Assim, “manipulando as impressões” como um recurso estratégico o indivíduo trata de apresentar uma imagem dele mesmo que resulte vantajosa e, ao mesmo tempo, seja crível aos demais²⁶⁶. Deste modo, os modos de apresentação de si (estendendo a construção do corpo), o uso da roupa, da fala, dos gestos, veiculam informações convencionais acerca da pessoa que o exerce funcionando como marcas sociais que se posicionam frente ao outro nas relações na vida cotidiana. Le Breton (2006), por sua vez, considera que a apresentação física de si parece valer socialmente como apresentação moral.

E é, neste ponto, que a retomada da problemática em torno do comportamento e da conduta no espaço público, principalmente nas ruas, surge, assim, como aspecto fundamental para compreender alguns códigos ético-morais e padrões de comportamento (VELHO, 1999a) que tecem o universo simbólico travesti no contexto metropolitano pesquisado. O “saber se comportar” aparece nas falas das minhas interlocutoras como uma senha de acesso para entrada e participação em outros espaços sociais e universos simbólicos para além do “meio” travesti, em alguns casos, para manter uma boa convivência com os vizinhos, familiares, e amigos. E, principalmente, tal tática está associada a uma astúcia de conseguir entrar e sair dos lugares e deslocar-se pela cidade “passando batido” sem “dar pinta” e no caso da maior parte das participantes desta pesquisa, “passando por senhora” em suas relações cotidianas.

²⁶⁶ De acordo com Goffman (1975) “os valores culturais de uma instituição determinarão em detalhe o modo como os participantes se sentiram a respeito de muitos assuntos, e ao mesmo tempo estabelecerão um quadro de referência de aparências, que devem ser mantidas, quer existam, ou não, sentimentos por detrás delas” (1975, p. 221).

Como já abordado no capítulo anterior os sujeitos associados ao ‘universo trans’ (BENEDETTI, 2005), como pude verificar juntamente com outros autores (SILVA, 1993; OLIVEIRA, 1997; KULICK, 2008; VENCATO, 2003; FERNANDEZ, 2004; CARDOZO, 2006; PELÚCIO, 2009), em geral, desenvolvem concepções e práticas muito particulares acerca de suas performances²⁶⁷ de gênero, sobre o que é feminino e masculino²⁶⁸, e assim fixam papéis e prescrevem comportamentos. Um dos argumentos que desenvolvi em minha pesquisa de mestrado é que as travestis com quem convivi na época reivindicavam para si o fato de serem ‘confundidas com senhora em seus cotidianos’. Passados alguns anos, no doutorado, com exceção de Sarita e Paola, não foi diferente. Assim, com a passagem do tempo em seus corpos e mentes, em suas interações sociais e práticas cotidianas elas procuram cada vez mais desempenhar uma ‘performance de senhora’, cada uma ao seu estilo, obviamente. Neste sentido, penso que o depoimento da travesti Fernanda Albuquerque em seu livro autobiográfico *Princesa* (1996) pode ser revelador:

De noche me ven todos. Si como puta quiero ganar un poco más de dinero tengo que exhibir mi cuerpo. Pero sólo de noche, sólo en las zonas adonde voy para ese tipo de trabajo. Por la tarde, o de noche, cuando no trabajo, me gusta, en cambio, vestir como una señora casada. Aunque no tenga marido, siempre me he comportado así. De día nunca me he paseado vestida como una puta; a mi me da asco una mujer que se comporta como una puta delante de toda la gente, delante de los niños o de las personas mayores. De día se debe tener un poco de respecto por uno mismo. Yo nunca me he desnudado de día,

²⁶⁷ Neste sentido, concordo com Benítez (2006) que, ao empreender um estudo sobre as diferentes categorias autodenominativas encontradas em comunidades homossexuais, afirma que podemos pensar que a construção do *bicha*, *barbie* ou *urso* é uma experiência de gênero levado à prática mediante a repetição de atos estilizados e formas particulares de utilizar o corpo. “A prática faz o mestre”, essa prática ou repetição cria o hábito e este se incorpora. Assim, aprende-se a ser viril ou *pintosa*, o corpo é o instrumento que viabiliza esse aprendizado, aprende-se a “dar pinta” e a repeti-lo até naturalizá-lo, aprende-se a fazer uso de um corpo másculo (seja *urso* ou *barbie*, *metro gay* ou *bofe*), aprendem-se formas particulares de colocar esses corpos em cena, de mostrá-los e de possuí-los. Olhares, gestos, poses, movimentos das mãos e modos de caminhar são construídos e com eles produzem gênero. Benítez, Maria Elvira. Corpo, Gênero e posições de sujeito em comunidades homossexuais. 30º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, out de 2006; (GT 22: Sexualidade, Corpo e Gênero).

²⁶⁸ Alguns autores dedicaram seus estudos para refletir acerca das representações de gênero encontradas entre as travestis, aqui destaco o trabalho de Josefina Fernandez (2004).

salvo en una playa [...]. Pero en los ambientes donde me movía de día era una señora y siempre era respetada. (*Ibid.*, p.130-131)

As interlocutoras que optam por ‘andar de mulher’ e/ou ‘estar de mulher’ (expressões êmica) em seus percursos cotidianos adotam uma aparência discreta e “natural”, mais próximo segundo elas, da aparência das mulheres. Assim, mesmo aquelas que são mais ‘ousadas’ em suas aparências como Raquel e Jane e que usam roupas bem decotadas e mais justas no corpo, tomam cuidado com ‘os excessos’ tendo como referência sempre os territórios que transitam socialmente. Por sua vez, aliada a entrada em outra etapa social e culturalmente demarcada como “ciclo da vida”, o processo de envelhecimento agudiza esta composição do gênero feminino numa mescla de discrição e naturalidade, na qual elas se apóiam para serem ‘confundidas’ com senhoras. De um jeito ou de outro, ‘as maneiras de estar’ elaboradas pelas travestis em seus cotidianos estão em conformidade com os territórios de sociabilidades destes sujeitos, ou seja, de suas territorialidades²⁶⁹ e temporalidades, e assim vão se constituindo enquanto sujeitos.

Um exemplo é Sarita que, em seus percursos cotidianos seja por Copacabana onde mora, ou para ir à cidade, ou simplesmente para passear durante o dia, adota a “linha menino”²⁷⁰, utilizando roupas de corte masculino, os cabelos presos em um rabo de cavalo, todavia numa construção do gênero masculino menos ‘rígida’ que as desempenhadas em épocas passadas, na juventude, quando se esforçava para desempenhar a performance do “machão” em alguns destes contextos.

No caso de Sarita, como já assinalado, o desempenho da performance feminina ficou circunscrita a determinados eventos sociais, por exemplo, quando saía à noite para fazer shows, nos bailes de carnaval. Em relação à Laura, durante o doutorado, pude vislumbrar uma situação

²⁶⁹ Silva (2004) apoiado em Perlongher (1987) propõe que a territorialidade consiste na distribuição dos corpos no espaço, mas num espaço decodificado, em que determinadas sociabilidades - e não outras - são inscritas, uma distribuição que é tanto populacional quanto semântica ou retórica, num nível discursivo. Significa dizer que a territorialidade não se limita a um espaço físico, mas, sobretudo a um espaço do código, pois é este código que se inscreve num determinado lugar e lhe dá um sentido não apenas descritivo (o que é feito lá) e muito mais prescritivo (o que pode ser feito lá). (*Idem.*, p.14)

²⁷⁰ É interessante que mesmo nesses casos para um bom observador sempre algo ‘as denuncia’ mesmo em sua aparência masculina, certa vez Sarita comentou comigo que estava em um dos vagões do metrô na estação arco verde em Copacabana e ao oferecer seu lugar para uma senhora idosa, percebeu que ela ficou olhando de forma estranha: *com certeza percebeu minha sobranceira feita*. Algo do feminino que sempre pode aparecer requerendo nestes casos uma vigilância contínua.

um pouco diferente com relação a minha experiência anterior com ela em meu trabalho de campo para o mestrado. Pude perceber, assim, que em alguns momentos de seu cotidiano, quando saía à rua, compunha sua aparência numa mescla de roupas e acessórios tidos como próprios das indumentárias masculinas e femininas. Ou seja, num estilo mais ‘unissex’ usando, por exemplo, blusas soltas no corpo, calça jeans de corte masculino, boné para esconder os cabelos²⁷¹, sem nenhuma maquiagem no rosto. Para Silva & Florentino (1996) a travesti demonstra a possibilidade do trânsito, a possibilidade de ir, vir ou mediar, demonstra que não sou mulher, mas sim, ‘estou mulher’ bem como poderia estar outra coisa [...] opta pelo tipo de mulher: estar prostituta, estar recatada, estar artista, estar [...] (*Ibid.*, p.116)

Para minhas interlocutoras da pesquisa que em sua vida cotidiana ‘estão de mulher’ e ‘almejam passar por senhora’ observo que elas lançam mão de táticas e astúcias (DE CERTEAU, 2008) que visam, na maioria das vezes, dissimular ‘a identidade travesti’ ou revertê-la afirmativamente. Táticas tais como o caso ‘de fazer a linha’, ‘artes de composição’, modos de “manipular impressões” indesejadas, que visam em linhas gerais ‘não chocar’, evitar confrontos e conflitos em suas interações sociais com seus vizinhos, parentes e colegas de trabalho, e principalmente não vivenciar o papel de estigmatizadas (GOFFMAN, 1975). Tais táticas funcionam como marcadores de prestígio entre elas.

A meu ver, as táticas empregadas por elas para manipular impressões indesejadas no caso de ‘reversão afirmativa’ de suas imagens, estão diretamente relacionadas às representações sociais sobre as travestis na sociedade brasileira normalmente associada à marginalidade²⁷² e a formas de ser e de comportar-se pejorativas, são tidas como agressivas, violentas e perigosas²⁷³. Tais representações por sua vez têm como referência o fato de a experiência travesti estar, sobretudo vinculada ao universo da prostituição e a carga simbólica relacionada esta prática (RAGO, 1996). E como venho apontando, são representações que elas mesmas acionam para dar cabo aos seus ‘sistemas de acusações’ (BECKER, 1977) com relação ao grupo mais amplo²⁷⁴.

²⁷¹ Os cabelos cumpridos e soltos como uma das grandes marcas de feminilidade.

²⁷² Não esqueçamos de todo imaginário social em torno da figura de Madame Satã.

²⁷³ O fato das travestis nos anos 80 no Rio de Janeiro se cortarem com navalhas no intuito de evitar eventuais coerções policiais e detenções, contribui, a meu ver, para alimentar estas representações.

²⁷⁴ Um exemplo bastante interessante são justamente as inúmeras expressões classificatórias presentes no universo travesti e o das homossexualidades que servem para criar hierarquias entre seus membros. A partir da minha experiência de campo posso destacar algumas: *bicha padre* (marginal e que faz barraco) *viciosa* (que esta sempre a procura de um parceiro sexual)

Por sua vez, a articulação entre bom comportamento, discrição e inserção social não é nenhuma novidade e já foi exposta por Silva (1993, 1996) e Oliveira (1997), e constatada por mim durante pesquisa de mestrado. Mas penso que é importante destacar mais uma vez, pois ainda é um elemento extremamente presente no âmbito de suas relações cotidianas visto como um ‘valor’ também em suas redes de sociabilidades num sentido mais amplo. Lembremos com Norbert Elias (1990) de todo arsenal de etiquetas e de condutas visando o controle das emoções e pulsões que são parte do processo civilizador que configurou a sociedade moderna. Ainda que apresentando o desenrolar de um jogo social singular de valores, comportamentos e códigos ético-morais (SIMMEL, 1983) a sociedade brasileira e seus grandes centros metropolitanos persistem na disseminação de uma ‘moral patriarcal’ (COSTA, 1979) como padrões de conduta das relações de sexo e gênero, seja na esfera privada, seja na pública. Neste sentido, cabe insistir que, se a cidade é o espaço da liberdade, da fragmentação e da heterogeneidade foi também na cidade que se construiu um sistema de controle, de disciplinarização do indivíduo moderno. (OLIVEIRA, 2002). Os estudos de Foucault (1982, 1987, 1999) sobre o nascimento da medicina social e dos asilos na cidade moderna são um exemplo concreto da intervenção dos mecanismos disciplinares na construção subjetiva dos gêneros, a partir do “controle sobre os corpos”. Seja “pelo recorte mesmo da cidade, seja pela localização das famílias (cada uma numa casa) e dos indivíduos (cada um num cômodo)”, seja até mesmo pela “normalização dos comportamentos, pressões que a própria organização da cidade exerce sobre a sexualidade”, e as pressões que se exercem sobre a higiene das famílias²⁷⁵ a modernidade origina novos regimes de ordenamento e controle moral dos espaços tanto públicos quanto privados (FOUCAULT, 1999, p. 299). Regimes de ordenamento e controle moral dos corpos que os sujeitos travestis por mim investigados, em seus itinerários urbanos procuram ‘escapar’, moldando seus territórios de vida e de trocas sociais nos ‘moldes’ de suas memórias dos ‘passos perdidos’ (DE CERTEAU, 2008), na direção de uma cidade ordinária.

Sem dúvida, é relevante se considerar uma significativa mudança com relação à presença e circulação das travestis em termos amplos na

bicha pobre entre outras. Henning (2008) também encontrou entre os sujeitos que transitam pela cena GLS de Florianópolis uma miríade de expressões deste tipo destacando suas interseções com marcadores sociais como gênero, geração, corporalidade, classe e raça demonstrando a complexidade que envolve estas ‘configurações hierarquizantes’.

²⁷⁵ Como Jurandir Costa Freyre (1979) bem apontou a respeito da importância da higienização das famílias na consolidação do Estado Moderno no Brasil e urbanização das cidades.

cidade do Rio de Janeiro²⁷⁶. Silva (1993) como vimos, observa que somente nas últimas décadas do século XX que as travestis deixam de ser tidas como ‘enigmas’ figuras estreitamente vinculadas ao carnaval e ao mundo do teatro e passam a integrar-se a vida urbana de modo mais banalizado e assim em constante processo de negociação da realidade. Para o autor, a travesti se constituiu como fruto histórico do asfalto e das grandes aglomerações urbanas. (Silva, 1993, p.39). Por sua vez, as trajetórias sociais das travestis participantes desta pesquisa são expressões singulares e complexas deste panorama salientado por H. Silva (1993) para o caso do Rio de Janeiro. Enquanto ‘as artistas’ contam que só podiam vestir-se de mulher dentro do teatro, Raquel em sua ‘batalha’ tratava-se de arriscar-se pelas ruas da cidade, atenta a proximidade do camburão da policia.

Sem dúvida alguma foi à medida que a sociedade brasileira se industrializa e urbaniza ao longo do séc. XX e, mais especificamente, nas suas últimas décadas, quando se modernizou e complexificou que as transformações no que se refere às questões da sexualidade, das relações de gênero e dos padrões de comportamentos a elas associadas ocorreram de forma mais contundente no contexto das grandes metrópoles do país. Neste processo, ressalta-se a importância das lutas dos movimentos feministas e homossexuais (MAC RAE, 1990) que atuando no campo dos projetos sociais ampliaram o campo de possibilidades dos projetos de vida (VELHO, 1999a) do sujeito travesti para o caso das grandes capitais brasileiras. Parece ser o caso da geração onde se situam as redes sociais de travestis por mim pesquisadas que lhes possibilitaram um trânsito por universos simbólicos diferentes daqueles das travestis de outras épocas. Todas elas são unânimes em afirmar que as travestis hoje se situam em uma outra realidade social considerando-se a ordem social do contexto metropolitano carioca de sua juventude: “na nossa época tudo era escândalo”. Todas as minhas parceiras de pesquisa são conscientes da importância de seu ‘engajamento’ no panorama das lutas sociais que transformaram a sociedade brasileira nas últimas décadas do séc. XX, tornando-se ao longo deste tempo “senhoras de seus percursos” urbanos.

Tais transformações no campo dos projetos sociais e dos projetos individuais envolvem a superação de conflitos no âmbito das práticas sexuais, das relações de gênero e dos padrões de comportamentos a elas associadas no espaço público das grandes metrópoles brasileiras. Apoiada em Simmel (1983), penso que o conflito como forma pura de sociação é

²⁷⁶ Como também em outras cidades brasileiras, como observaram Oliveira (1997) e Córdova (2006) em Florianópolis capital do Estado de Santa Catarina.

tão necessário para a vida dos indivíduos em relação a outros indivíduos e/ou grupos sociais em termos de sua continuidade no interior dos territórios da vida urbana quanto o consenso. Neste sentido, o conflito como o consenso são elementos indispensáveis para resolução das divergências e a promoção de mudanças de uma forma de organização social para outra. O conflito, assim, não é patológico nem nocivo a vida social, pelo contrário, é condição para sua própria manutenção. Em parte, acredito que situações discriminatórias e estigmatizantes vividas por minhas interlocutoras de pesquisa em suas trajetórias sociais ao promover o seu confronto com valores e normas sociais patriarcais, possibilitaram uma margem de ‘manobra’ no interior dos paradigmas socioculturais relacionados às práticas sexuais e as relações de gênero no corpo da sociedade brasileira

Como por exemplo, a situação social vivenciada pela Raquel quando foi tirar sua carteira de transporte público gratuito na estação do metrô da Central do Brasil, no Centro da cidade do Rio de Janeiro:

Eu fui providenciar o meu RIOCARD SÊNIOR quando cheguei eu tive que conversar e dar os meus dados para a funcionária. Quando chegou a hora de tirar a foto no computador para o cartão a funcionária me disse que eu não podia tirar a foto, pois tinha que ser a pessoa que estava inscrita, teria de ser. O Sr. José Barbosa meu marido que paga as minhas contas. Aí eu tive que explicar a funcionária que essa pessoa era eu mesma, ela ficou sem entender nada, pois ela jurava que eu era uma senhora, aí a gente ficou conversando, eu expliquei a ela que queria mudar meu nome de batismo para Raquel, mas ainda não podia. Ela então perguntou se eu não gostaria de colocar o nome que eu uso no social. Eu falei para ela que era tudo o que eu queria. Ela perguntou se eu queria colocar no cartão o Raquel Barbosa e fazer a retirada do nome José. Não, pode deixar o José, pois tem Maria José, Maria João, porque não Raquel José? E aí a funcionária falou isso é para a senhora não sofrer constrangimentos nas roletas dos ônibus.

O depoimento de Raquel coloca em evidencia, para além da afirmação/confirmação constante da eficácia de sua performance feminina, a problemática da vivência da travestilidade em contexto metropolitano; e especialmente a situação vivida em interação face a face (GOFFMAN, 1975) por Raquel é um bom exemplo, sob meu ponto de vista, de como as ‘situações’ podem ser revertidas durante as práticas de interação e a partir

das astúcias dos participantes e, portanto inventando constantemente o jogo social e em última instância a própria experiência da travestilidade.

Ao dar ênfase nas formas de manipulação do estigma realizadas pelas travestis em suas interações sociais, a intenção é menos sublinhar uma idéia de vitimização com relação a estes sujeitos do que enfatizar a forma inteligente que encontraram para operar com o conflito – como agente e um ‘ser no mundo’. Uma situação de conflito que poderia restringir suas formas de sociabilidade na esfera pública e colocá-las como vítimas é re-inventada em novas práticas sociais suficientemente articuladas para alterar até mesmo ‘normas disciplinares’ (DE CERTEAU, 2008). Sem dúvida, conforme coloca Velho (1999a) é precisamente no seio de uma sociedade moderno-contemporânea que tem como característica os postulados da ideologia individualista (DUMMONT, 1985) e onde o indivíduo se destaca como valor, que é possível compreender as senhoras desta pesquisa como donas de suas vidas vividas e de seus percursos. Conforme Da Matta (1997), para o caso da sociedade brasileira, o espaço da rua seria por excelência o lócus do indivíduo, de individualização “zona onde cada um deve olhar por si enquanto Deus olha por todos”. Espaço da circulação de estranhos e onde nos sentimos protegidos pelo ‘anonimato relativo’ (Velho, 1999a), em decorrência do “caráter altamente diferenciado da organização da produção nas grandes cidades da sociedade industrial, com seu gigantismo paralelo”, a rua oferece aos seus habitantes uma oportunidade singular de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos não coincidentes e, até certo ponto, estanques (Velho & Machado, 1977:80)

Um dos argumentos de Da Matta (1997) em seus trabalhos é precisamente o fato de ser característico da sociedade brasileira a coexistência entre as noções de indivíduo (modernidade) entendido a partir de autonomia e igualdade, com direitos de escolhas, e a noção de pessoa, (ligada a uma tradição patriarcal e hierárquica) neste caso, somos seres relacionais membros de um grupo familiar, de vizinhos etc. Segundo o autor, conforme o contexto que transitamos podemos experimentar a condição de indivíduo – na rua - ou a de pessoa – na casa. É o próprio Da Matta (1997) que ressalta o caráter complexo da relação entre a casa e a rua para a sociedade e a cultura brasileira. Da mesma forma, Magnani (1996) pontua a relevância de se pensar as diferentes formas de apropriação social dos espaços na rua, gerando modalidades distintas segundo as formas de sociabilidade ali presentes, sejam como manchas sejam como pedaços, por exemplo.

Neste sentido, minhas interlocutoras revelam que seus locais de trabalho e os bairros onde residem na condição de pedaços praticados-

através de suas caminhadas e percursos- vão sendo construídos segundo um sentido de *ser* e *estar* na cidade (ECKERT e ROCHA, 2008) que se transfigura no tempo de suas vidas. Sob esse ângulo, suas relações com o contexto metropolitano foram mediadas pelas suas formas de relacionar-se e apropriar-se de seus bairros de moradia e/ou trabalho ao longo de sua existência, e onde algumas delas experimentam a cidade ora a partir da noção de pessoa, como Laura, que em seu bairro é tratada como Laurinha e Dona Laura; ora como indivíduo, como no caso de Raquel, segundo a singularidade de seus apelidos.

Segundo Lins de Barros (2006a: 21), a cidade deve ser pensada por diferentes imagens, configuradas em função da particularidade da experiência e do habitus de cada geração. E isto é uma verdade no que se refere aos sujeitos travestis por mim estudados, ainda que, em seus cotidianos e interações sociais, os travestis de hoje tenham que lidar, assim como os “travestis das antigas”, com a ambigüidade em relação as suas escolhas de gênero e aos usos do seu corpo, numa transgressão em relação às normas de gênero e de sexo com base nos postulados hegemônicos de uma ordem patriarcal que se mantém como padrão moral da sociedade brasileira.

Por fim, salientei que no caso da rede social por mim investigada, das “travestis das antigas”, as formas de vestir, maquiarse, de andar, de falar, os gestos, são elementos constituintes do processo de “montagem” do sujeito travesti e representam, assim, um processo de construção de uma apresentação convincente do ponto de vista das travestis de sua ‘feminilidade’ (BENEDETTI, 2005). É justamente esta performance ‘convincente’ nos itinerários urbanos cotidianos, em suas locais de moradia e em seus bairros, que lhes possibilita uma ‘eficaz’ (no sentido de passar por mulher e/ou senhora) circulação pelos diferentes espaços na cidade em seus itinerários urbanos. Por sua vez, Norbert Elias (1990) salienta que a experiência das pessoas que envelhecem deve ser compreendida no interior da forma como o processo de envelhecimento produz uma mudança fundamental da posição de uma pessoa numa dada sociedade e cultura, e, portanto, no interior de suas relações sociais. Esta afirmação do autor me faz refletir sobre a relevância da dimensão geracional para se pensar a natureza dos laços e vínculos sociais tecidas pelas travestis por mim pesquisadas no contexto da vida urbana do Rio de Janeiro

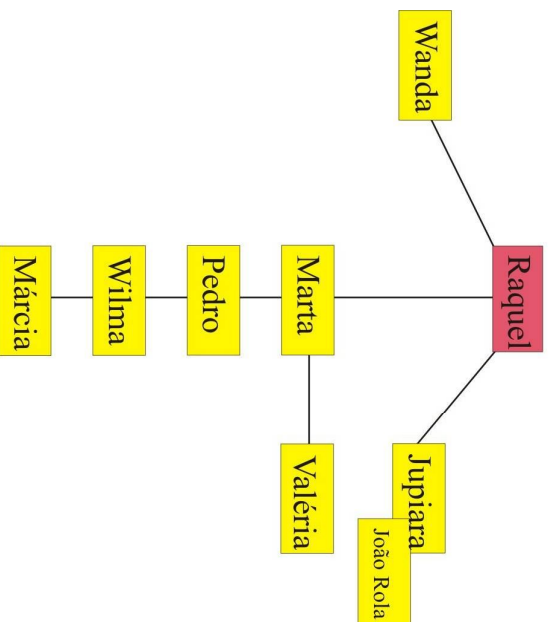
Neste particular, é necessário considerar aqui, além das transformações na cidade do Rio de Janeiro, aquelas transformações associadas à entrada de minhas parceiras de pesquisa em outra etapa dos seus ciclos de vida. Hoje são outros os corpos que elas constroem para a sua identidade ‘trans’ na cidade do Rio de Janeiro (ela própria já outra!). A

antiga imagem do corpo altamente erotizado e sexualizado da travesti já não é mais, em grande medida, um elemento de destaque no jogo do social das minhas interlocutoras de pesquisa. São como ‘senhoras’ que elas circulam pelos diferentes territórios citadinos. E, neste sentido, talvez a corporalidade da travesti que tanto fascina quanto incomoda e constrange, tendo em vista o ‘estigma’ com a relação ao ‘corpo envelhecido’ (MOTTA, 2002) em nossa sociedade, resulte, finalmente, envolvida por certa ‘docilidade’ (FOUCAULT, 1987).

A antiga erótica corporal perde seu lugar de glamour na mise-en-scène da identidade trans no espaço de prática da vida metropolitana de minhas parceiras de pesquisa, dando lugar a emergência da situação de envelhecimento como um fenômeno a ser acomodado por elas (DEBERT, 2000a; 2000b PEIXOTO, 2000a; 2004; LINS DE BARROS, 2000; 2006a), O que transcorre de forma complexa. Por um lado, procuram afastar-se dos estereótipos da identidade trans associados à velhice no contexto da vida cidadina, acionando uma ‘identidade de senhora’ (SIQUEIRA, 2004), por outro, procuram reverter em parte este possível estigma a seu favor, ao operarem de forma inteligente com o envelhecimento de seus corpos em suas interações sociais no espaço público, em referência a idéia de respeito e dos direitos ‘assegurados’ aos cidadãos idosos na sociedade brasileira.

Iniciei o presente capítulo acompanhando minhas parceiras de pesquisa em suas ‘deambulações’ (DE CERTEAU, 2008) cidadinas pela metrópole carioca. Assim alguns itinerários urbanos foram destacados e a cidade do Rio de Janeiro foi surgindo a partir do espaço praticado por elas, numa prática constante de reinvenção e reencantamento da vida urbana local. Em nossas caminhadas pelos bairros de Copacabana, Lapa, Centro, Realengo e Penha pude observar as modalidades de laços sociais que mantinham com outros atores sociais e os processos de construção de suas identidades sociais negociadas, segundo suas escolhas de trajetos e percursos (DE CERTEAU, 2008). Neste sentido, a metrópole carioca e os espaços públicos que antes conhecia iam se expandido (LINS DE BARROS, 2006a) para mim, se desvelando a partir de minhas novas experiências e relações com ela, num complexo jogo entre o exótico, o familiar e o conhecido (VELHO, 1999a), num contraste complementar a outros territórios de sociabilidade percorridos por mim com minhas interlocutoras, na esfera do privado, os quais passo a relatar no próximo capítulo.

Rede de Vizinhança - Raquel (bairro de Realengo)



— Linhas de contato

□ a posição dos quadrados equivale ao grau de proximidade com Raquel

Jupiarra (67 anos, dona-de-casa)

João Rola (69 anos, comerciante aposentado)

Wanda, (36 anos, solteira, auxiliar de serviços)

Marta (45 anos, dona-de-casa, casada)

Valéria (20 anos, solteira, estudante, filha de Valéria)

Pedro (32 anos, solteiro, camelo)

Wilma (50 anos, divorciada, funcionária pública)

Márcia (22 anos, dona-de-casa, casada)

CAPÍTULO VIII

Percorrendo outros territórios de sociabilidade

Uma das propostas desta tese foi desvelar os territórios de sociabilidade apropriados pelas travestis que participam da pesquisa da forma mais ampla possível. Para tanto, me preocupei em seguir seus passos, tanto no âmbito dos ‘espaços públicos’, como no do ‘privado’. Neste capítulo destaco três ‘territórios de sociabilidade²⁷⁷’, em termos de relações de trabalho, familiares e também a partir de um clube social que faz parte da ‘cena GLS’²⁷⁸ carioca e que, na época da pesquisa, era freqüentado por algumas delas.

8.1 No ‘interior’ da Turma Ok: *Quem será a Musa?*

Nos dias atuais os espaços de sociabilidade que compõem a ‘cena GLS’ carioca, em termos de bares, boates, festas, quiosques, concentram-se em algumas regiões da cidade, como por exemplo, no Bairro de Fátima, entre a Lapa e o bairro de Santa. Teresa, onde é possível encontrar a boate Buraco da Lacreia, também conhecida como Star Clube, o bar Flor do André²⁷⁹, na Lapa, a boate Cabaré Casanova e o bar Sal e Pimenta, no Centro, a boate Sem Noção. Em alguns bairros da Zona Sul, como Copacabana, é possível encontrar, as boates Le boy, Le Girl, La Cueva, o quiosque Rainbow, em frente ao Copacabana Palace, a boate Dama de Ferro e Galeria Café em Ipanema, na Zona Norte, como Madureira, onde está localizada a boate Papa G, ‘as quartas gays’ do Shopping Madureira em Bangu na Zona Oeste, a boate Casa Grande, a 1140, na Praça Seca em Jacarepaguá. Existem ainda aqueles territórios diretamente voltados para as

²⁷⁷ Inspiro-me nas teses de Maffesoli (1987) para pensar a noção de território. Para o autor, os agrupamentos humanos são organizados em territórios, sejam eles reais ou simbólicos com a carga de mitos que compartilham.

²⁷⁸ A sigla GLS quer dizer gays, lésbicas e simpatizantes. Neste sentido, cabe ressaltar que me inspiro em Henning (2008) que, em trabalho já citado, fez uso da expressão *cena GLS* para referir-se aos contextos espaciais em sentido mais geral, abrangendo tanto bares e boates quanto os demais espaços públicos pesquisados.

²⁷⁹ Lacombe em sua dissertação de mestrado sobre a socialização lésbica focalizada neste bar observa uma predominância de espaços de sociabilidade para o público ‘homossexual masculino’. Diz ela: “A letra ‘ele’ da sigla GLS parece tragada por um onipresente ‘ge’ que ocupa e invade todos os espaços supostamente também freqüentados por lesbianas” (LACOMBE, 2006, p. 28).

interações erótico-sexuais, como as saunas²⁸⁰ encontradas, por exemplo, em bairros como Catete, Centro, Copacabana, Ipanema; os cinemas, em grande parte, localizados no Centro da cidade, entre outros²⁸¹. Neste amplo panorama marcado, logicamente, por diferenças de classe, geração e raça²⁸², que não é objetivo deste trabalho salientar, me detenho especialmente num desses espaços que surgiu, de meu ponto de vista, como território de sociabilidade frequentado na época do trabalho de campo pela maior parte das interlocutoras da pesquisa, mas de forma mais intensa por Fujika, Sarita e Camille.

Refiro-me a ‘Turma Ok’, um tradicional ‘clube social’ (como assim o qualificam os seus diretores fundadores), que na época do trabalho de campo para o doutoramento, localizava-se na Rua do Resende, esquina com a Avenida Mem de Sá e a Rua dos Inválidos, na região da Lapa. A Rua do Resende é uma rua extensa que se caracteriza por ser residencial e comercial, com hotéis, bares, hospitais e centros médicos. No quarteirão onde se localizava a Turma Ok predominava os antigos sobrados do século XVIII, em sua maioria residencial, dois hotéis, e um bar na esquina da Rua do Resende com a Rua dos Inválidos. A Rua do Resende, em sua topografia oficial, inicia na Rua do Lavradio, tradicional mancha (MAGNANI, 1996) de antiquários e ateliês artísticos que, à noite, muda o seu caráter e se transforma em bares, casas de show de samba e choro, onde ocorre, todo primeiro sábado do mês, uma feira de antiguidades que faz parte do roteiro

²⁸⁰ No Rio de Janeiro, grande parte das saunas em determinados dias da semana oferecem shows de travestis e/ou crossdressing e drag queens. Inclusive como já informei anteriormente a Laura e a Paola faziam shows em saunas do Centro e do bairro do Catete, mas no final do campo Fujika chegou a se apresentar em saunas do Centro. Assim, ao longo da pesquisa tomava conhecimento, por intermédio delas e de alguns dos seus amigos, das renovações das saunas já tradicionais na cidade, no sentido de modernizar o ambiente e oferecer mais recursos de infra-estrutura e divertimento aos clientes como também a abertura de ‘mega saunas’ e/ou clubes de três andares.

²⁸¹ Para uma idéia detalhada destes lugares e suas localizações na cidade entre os anos 80 e 90 do século passado ver, por exemplo: Parker (2002) e Figari (2007). Alguns deles já foram mencionados pelas interlocutoras ao longo do trabalho e serão retomados no último capítulo da tese.

²⁸² Moutinho (2006) em sua pesquisa no Rio de Janeiro sobre as redes de sociabilidade propiciadoras e facilitadoras dos encontros afetivo-sexuais, homossexuais e heterocrômicos, observou um maior trânsito entre indivíduos de classes e cores diferenciadas em boates tais como o Buraco da Lacreia, a Le Boy, e o Cabaré Casanova. Para maiores informações sobre a questão em torno dos marcadores de diferença, nestes espaços, especialmente com relação à cena GLS carioca, sugiro também os trabalhos de: Parker (2002), Oliveira (2006), Lancombe (2006), Benítez (2006). Neste sentido, sugiro também os trabalhos de Henning (2008), Silva (2003, 2004), Vencato (2002), Córdova (2006), que versam sobre os espaços de sociabilidades homoeróticos encontrados na cidade de Florianópolis, especialmente a dissertação de mestrado de Henning que faz uma detalhada discussão sobre os marcadores de diferença (gênero, geração, raça, classe, corporalidade) ‘atuando’ nestes espaços.

cultural turístico da cidade, e termina na Rua do Riachuelo, uma das principais ruas do bairro²⁸³.

Tendo em vista minha experiência de campo neste local, o público majoritário era formado por sujeitos homossexuais masculinos, de diferentes faixas etárias, em sua maioria, brancos e/ou pardos, pertencentes às camadas médias e médio-baixas. Todavia, apesar da presença de pessoas das mais variadas idades, a frequência se caracteriza pelo seu público composto por pessoas de meia-idade e de idosos, muitos deles transformistas, e em menor quantidade de travestis. A maior presença de travestis no clube é relativamente recente e é bastante condicionada a determinados eventos, como aniversários, ou na ocasião de algum show. No entanto, as interlocutoras desta pesquisa que frequentam o clube já o fazem há muitos anos, como será discutido nas linhas que se seguem.

Antes, faz-se necessário pontuar que também são frequentadores do ‘Clube’ os familiares (mães, irmãs, filhos, avôs) e amigos deste ‘público’, o que é fundamental para edificar a imagem do clube como ‘familiar’. O caráter familiar do clube é reivindicado como uma ‘marca de distinção’ em relação aos outros espaços de sociabilidade na ‘cena GLS’ carioca. Um das regras do clube é zelar pelo bom comportamento onde cenas mais explícitas de afeto e/ou de carinho entre os frequentadores são rejeitadas. Neste sentido, Alves (2004, p.50), citando Simmel (1983), observa que “todo espaço de sociabilidade é permeado por regras de conduta. Essas regras funcionam como guias das relações individuais nesses espaços, permitem as pessoas saberem o que se espera delas”. A denominação de seu caráter familiar, a meu ver, busca, justamente, desvincular o local de outros espaços que compõem a cena GLS, como as boates e aqueles mais voltados para as interações homoeróticas, como as saunas, por exemplo. Por sua vez, sugiro que as regras de conduta estabelecidas neste espaço, servem, sobretudo, para reverter o que se ‘espera socialmente’ de um espaço de sociabilidade – e das pessoas que o frequentam - cuja presença majoritária é do público gay e trans. Para Figari, por exemplo, em seus comentários sobre a ‘Turma Ok’ coloca que acoplado a esta idéia de ‘clube familiar’ está “um apelo para mostrarem-se dignos e

²⁸³ As ruas citadas são contempladas por um projeto do Governo do Estado do Rio de Janeiro do ano de 2002 denominado Distrito Cultural da Lapa. “O projeto se propõe há uma ampla tarefa de requalificação do bairro através de um programa de desenvolvimento socioeconômico, que recupere o patrimônio imobiliário público, treine mão-de-obra com ofertas de cursos artísticos e profissionalizantes, implante serviços essenciais para a comunidade local, destine espaços para atividades artísticas e culturais, e invista no turismo”. MAGALHAES, Roberto Anderson de Miranda. *Distrito Cultural da Lapa*. Texto disponível em: <<http://www.inepac.rj.gov.br/arquivos/LapatextoSite17.10.2005.pdf>>. Acesso 01 nov. 2008.

comportados, aceitos pelas senhoras/mães em um intento de reconhecimento e inclusão” (FIGARI, 2007, p. 389).

Até onde pude perceber, a ‘Turma OK’ tem um quadro administrativo formado pelos seguintes cargos: presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor social, diretor da sede, departamento feminino, departamento médico, assessor de relações públicas e assessor cultural. Conta, em média, com duzentos associados que pagavam, na época da pesquisa, R\$ 25,00 (vinte e cinco reais) de mensalidade. Na atualidade, o clube marca um tempo social específico: o do lazer (MAGNANI, 1996), e oferece aos seus sócios, e ao visitante, uma programação cultural variada, a partir da execução de projetos artísticos por alguns dos seus sócios. O local funciona de segunda as quintas feiras como espaço para ensaio dos espetáculos e de sexta a domingo, para a realização dos shows com performances de dublagens, talk-show (sempre no segundo domingo de cada mês), realização de bingos²⁸⁴, concursos para eleger musas, rainhas, reis, e eventuais festas de premiações, aniversários, jantares, festas juninas, bailes de carnaval etc.

Quando entrei na Rua do Resende algumas pessoas conversavam na calçada da rua em frente a um dos sobrados um pouco antes de chegar ao clube, provavelmente são moradores: tinham duas mulheres sentadas na calçada conversando, um grupo de jovens conversando e umas crianças na rua. Quando passei por eles senti que me olhavam. Não me lembrava muito bem à localização do clube, da última vez tinha ido de carro e à noite. Guiava-me pela numeração ou imaginando que a qualquer momento avistaria uma placa com o nome do local, o que não aconteceu, e foi com ajuda do número que achei o antigo sobrado. O clube fica num sobrado antigo de dois andares. A entrada principal é bastante estreita, e, logo na entrada, tem uma escada cumprida e estreita à esquerda, do outro lado, está o recepcionista, um homem negro de aproximadamente uns 40 anos, alto, forte, muito simpático e educado, que, após ser informado de que eu estava indo para assistir ao show da Fujika, me passa a comanda de bebidas avisando-me que o show ia demorar. Comento que a Fujika estava me esperando, demonstrando-se surpreso com minha presença ele me pergunta se é a primeira vez na casa. Digo que não e que já havia estado

²⁸⁴ O bingo, de acordo com o Dicionário Aurélio da língua portuguesa, é definido como um “jogo de azar em que se empregam cartões numerados de 1 a 90, que os jogadores vão marcando à medida que esses números, impressos em pedrinhas de madeira ou de outro material qualquer, são tirados, ao acaso, de um saco, ganhando aquele que primeiro preencher os cinco números de uma linha ou, se combinado o cartão todo”.

ali há alguns anos atrás. Se voltou a segunda vez é sinal de que gostou então! Sorrio dando a entender que sim e vou subindo as escadas. Seu comentário me fez lembrar a primeira vez que eu fui ao local, com minha amiga Gisele, e as caras meio surpresas com a nossa presença, as perguntas se éramos namoradas e o quanto nos divertíamos aquela noite, a alegria e o ambiente descontraído que, na época, nos deixou encantadas. E de termos voltado para casa admiradas com a presença de senhoras idosas no local. À medida que se sobe os degraus da escada o visitante depara-se com a parede do lado esquerdo tomada completamente por fotos dos inúmeros frequentadores do local, entre elas algumas travestis já falecidas e fotos dos eventos realizados. Tais fotografias vão decorando as paredes do corredor de acesso ao primeiro andar, onde ficam os dois banheiros, um masculino e outro feminino, em frente à entrada para o camarim, e ainda uma espaçosa sala que é da diretoria e secretaria do clube. A sala estava vazia. Escutava vozes, e pensei que o som vinha do segundo andar. Meio sem saber o que fazer, resolvo subir para ver se Fujika estava por lá. Aos poucos ia me recordando do lugar, o corredor estreito que dá acesso a escada também estreita e tão cumprida quanto a primeira e que leva ao segundo andar. No segundo andar fica um salão de festas, com mesas e cadeiras que estavam dispostas nos cantos das paredes e das janelas, mais no fundo do salão, um pequeno palco para as apresentações decorado com uma cortina azul com franjas em dourado e o nome da casa também em dourado. É neste salão também que fica o bar e a cabine de som. Tinham duas pessoas no salão conversando. Dois homens aparentando uns 50 anos ou mais. Aproximo-me e um deles me pergunta se estava procurando alguém. Apresento-me e digo que sou amiga da Fujika e que estava procurando por ela. Eles me dizem que ela está no camarim. Desço a caminho do camarim. A porta estava fechada. Ao bater uma voz masculina pergunta: quem é? Digo meu nome e que estou procurando por Fujika. Pela porta entreaberta Fujika com o rosto meio maquiado e com um lenço na cabeça me pede para esperá-la que está terminando de se arrumar.

Diário de campo, 12 /04 /07.

A primeira vez que tomei conhecimento da existência da Turma Ok foi durante o trabalho de campo para o mestrado, na primeira reunião do 'chá das travestis' que participei. Foi através de Chacrete (travesti mencionada anteriormente) durante uma conversa após o término do chá. Em seguida, por meio de Zezé, antiga interlocutora do mestrado, que na

época da pesquisa me convidou para vê-la em uma de suas apresentações na casa²⁸⁵, o que não acabou acontecendo. Foi apenas a partir do convite de Lú, uma travesti moreno-clara, de 40 anos, que também fazia shows na casa, que pude, enfim, conhecer o clube, numa noite de domingo, em dia de bingo. Na época, já estava terminando o trabalho de campo para o mestrado, o que impossibilitou outras idas ao local e, portanto, um conhecimento mais detalhado. Por outro lado, apesar de ter sido novamente levada a este lugar, durante o doutorado, por algumas de minhas interlocutoras - especialmente por Fujika - quero assinalar que não tinha pretensões em realizar uma etnografia exaustiva do clube, meu foco sempre foi compreender quais os usos que as travestis faziam do espaço²⁸⁶ e quais as relações sociais que estabeleciam. Um dos seus mais antigos freqüentadores fala um pouco da história do surgimento do clube:

A Turma Ok fora criada em 13.01.1961, por um grupo de rapazes que tinham desejos de criar um grupo que viesse ao encontro de seus pensamentos e forma de ser [...]. Era uma época ruim onde ser gay não comungava com os preceitos do momento [...]. Mesmo assim, enfrentaram todos os preconceitos e formas de repressão e aí estamos com 48 anos de existência [...]. Seu fundador, Antonio Perez, já falecido, e mais uma dúzia de pessoas integravam o grupo de jovens com idéias e ideais diferentes da época [...]. Mesmo assim, tentaram e conseguiram burlar os negativos do tempo e foram criando forças para chegarmos aonde hoje estamos! As reuniões eram feitas em pequenos apartamentos e a alegria e descontração eram os destaques [...]. Aplausos (palmas) nem pensar! A vizinhança não podia imaginar algo acerca do que se passava [...] chamavam a polícia e assim, complicava ao que se propunham[...]. Estalar de dedos (tipo castanholas) era gostar e concordar com o que era visto e/ou dito [...]. Assim, os encontros satisfatórios e cobertos de fatos positivos [...]. As festas bem descontraídas [...].

²⁸⁵ Zezé freqüentava a Turma Ok com assiduidade e, foi convidada para fazer um show na casa e, desde então, passou a freqüentá-la tornando-se sócia.

²⁸⁶ Vale assinalar que, pude me dar conta de que uma gama variada de relações se desenvolve no interior do clube diretamente vinculadas aos diferentes projetos artísticos (e conseqüentemente ao seu condutor (a)) que se dão em determinados dias da semana e fins de semana. O que quero dizer é que a organização sócio-espacial do lugar pode ganhar novas características dependendo em muito do tipo de programação que oferece.

Bailes onde os pares se faziam com o mesmo sexo estavam na programação [...]. Eleições de belezas [...]. Discussões sobre os momentos que atravessavam [...]. Enfim, era uma gama de fatos que estavam nascendo e renascendo nos momentos que juntos estavam [...]. E os frequentadores só podiam ser aqueles que estavam sendo levados por alguém já participante [...]. E assim, foi constituída a Turma OK.

Diana K, transformista, 65 anos²⁸⁷.

Era uma vez... No início da década de 60 - época em que determinados habitantes da cidade, que ‘não comungavam com os preceitos morais’ do momento, eram alvos privilegiados do controle estatal, através da polícia, podendo ser presos sob a acusação de ‘vadiagem’²⁸⁸, - no Rio de Janeiro, quando “um grupo de rapazes que tinham desejos de criar um grupo que viesse ao encontro de seus pensamentos e forma de ser” passaram a se reunir ‘às escondidas’ durante à noite, inicialmente em um apartamento do bairro do Flamengo, na Zona Sul, depois em Copacabana, para compartilharem seus desejos, interesses, aspirações e para se divertirem. Este grupo de rapazes, em sua composição original, contava com jovens migrantes de cidades nordestinas, como, por exemplo, Recife e Fortaleza²⁸⁹, e também com aqueles nascidos na cidade. Green (2000) argumenta que, já em meados da década de 50 se configurava em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo ‘uma rica sociabilidade homossexual’²⁹⁰ que incluía as “interações na rua, os bailes de travestis, a praia e os concursos de Miss Brasil [...] sendo que os edifícios dessa subcultura”²⁹¹

²⁸⁷ Diana K é um nome inventado por mim. Diana é um dos transformistas mais antigos e populares da Turma Ok. Pude conhecê-la através da Fujika devido à relação de amizade que as une para além das fronteiras do clube. Diana é moradora da Lapa e na época da pesquisa vivia sozinha. Esta entrevista me foi concedida em 02/11/07 nas dependências da Turma Ok.

²⁸⁸ A esse respeito observa Figari: “o motivo da prisão era antiga vadiagem, a mesma que sempre operou no Brasil para o controle das classes trabalhadoras e dos desvios morais, reeditada agora no século XX” (FIGARI, 2007, p. 373).

²⁸⁹ Green (2000) também verificou esta composição, e acrescenta estados como Sergipe e Rio Grande Norte sem informar as cidades.

²⁹⁰ Sobre o desenvolvimento de uma sociabilidade homoerótica, neste mesmo período na cidade de São Paulo ver, além de Green (2000), Perlongher (2008)

²⁹¹ Velho chama a atenção para o fato de que “a utilização desenfreada de subcultura constantemente leva a reificação de traços, elementos que podem ser particulares a certo grupo social, mas que não expressam necessariamente um sistema cultural propriamente dito. Muitas vezes se confunde, seguindo esse caminho, cultura ou subcultura com estilo de vida. Ou seja, a maneira de ser e de se comportar, a prática cotidiana de um determinado segmento social, é a sua forma de expressar sua participação em um sistema de relações simbólicas e significativas mais que denominamos cultura” (1999, p. 84).

eram os grupos de amigos (as turmas) que funcionavam como uma família alternativa para os homossexuais enfrentarem a hostilidade social” (GREEN, 2000, p. 290).

Tanto Green quanto Figari salientam a existência, neste período, da formação de grupos de jovens homossexuais em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro. Estes grupos eram identificados com seus territórios de procedência. Por exemplo: existiam os grupos que se reuniam na praia de Copacabana, na já citada Bolsa de Valores, na Praia do Flamengo ou os grupos do subúrbio, ou ainda aqueles que se reúnem em torno da produção de um jornal caseiro (FIGARI, 2007, p.378). O interessante é que estes rapazes não se reuniam apenas porque compartilhavam de uma mesma orientação sexual, mas em torno de outros interesses comuns. Assim, tanto podiam formar um grupo de amigos que tinham em comum pertencerem ao fã-club de alguma cantora da Rádio Nacional, por exemplo, como também, a partir de afinidades de classe e regionais. É neste contexto que um grupo de jovens moradores do bairro do Flamengo e freqüentadores da praia formaram a Turma Ok, mesmo não comungando com os preceitos do momento, ou seja, reconstruindo, através de suas memórias, uma época de intolerância e discriminação com relação à vivência da homossexualidade na cidade. Entretanto, os fios que tecem as tramas de suas memórias não são feitos apenas de dificuldades e adversidades, mas principalmente das ‘conquistas silenciosas’ (DE CERTEAU, 2008) e cheias de astúcias desenvolvidas no interior dos apartamentos onde moravam. O que faziam estes rapazes quando se reuniam a portas fechadas? Eram festas, bailes, concursos de beleza, como Diana, em sua narrativa carregada de poesia, nos conta, e que vem atravessando os tempos como se verá a seguir. É relevante ressaltar que estas turmas que se formavam em diferentes territórios da cidade, e a partir de diferentes ‘motivações’, não ficavam isoladas e relacionavam-se entre si justamente nestes momentos festivos.

Ao mesmo tempo, à medida que o número de amigos da Turma Ok foi aumentando decidiram reunir-se em um espaço físico que abrigasse toda a ‘potência’ (MAFFESOLI, 1987) presente nesses encontros. Assim, a partir da década de 70, a turma ‘arrisca-se’ extraparedes dos apartamentos da Zona Sul e passa a realizar suas reuniões em diferentes sedes:

Entre 71/72 as reuniões começaram a sair dos pequenos apartamentos e no Clube 1º de Maio – em São Cristóvão, os encontros eram realizados [...]. O movimento somando com mais participantes os então jovens da época mais amadurecidos - e os meninos/jovens, começaram a participar também, e

assim deram uma conotação maior aos pensamentos e propostas iniciais [...]. E o somatório era cada vez mais latente [...]. Saímos do Clube 1º de Maio e nos alojamos no Cabaret Casanova, Rua Mem de Sá, nº. 25, Lapa, onde então, o seu proprietário, Nilson Salgueiro de Paiva, abriu as portas do estabelecimento a favor da Turma OK para que pudessemos discutir e levar avante tudo aquilo que já vinha ocorrendo há anos. (Diana).

No período de formação da turma, as interlocutoras desta pesquisa não faziam parte deste grupo. Algumas freqüentavam, com suas ‘turmas’, a Cinelândia, o bar Alcazar em Copacabana, a boate La Cueva, também no bairro. Iniciavam suas carreiras artísticas nos palcos do Teatro Recreio e Carlos Gomes, na Praça Tiradentes, entre outros lugares da cidade, marcos de suas memórias e que serão abordados no capítulo seguinte da tese. Foi apenas quando o clube se instalou definitivamente na sede da Rua do Resende, já no início da década de 80, que algumas interlocutoras passaram a fazer parte do clube. Neste período, o Centro da cidade e a Lapa eram ainda importantes regiões para a vivência de sociabilidades homoeróticas²⁹². Nesta época, Marlene já trabalhava no Cabaré Casanova, na Lapa, como diretora artística da casa e apresentadora dos shows, e foi a primeira das interlocutoras que passou a freqüentar a Turma Ok após ser convidada pelo Presidente do clube, na época, o ‘Sr JK’, primeiro para fazer um show, depois para comandar um talk-show. “Eu fazia entrevistas com cantoras da época da Rádio, com artistas que estavam fazendo espetáculos, com as pessoas que se destacavam na noite. Uma vez inclusive entrevistei a Camille, a Ângela”. De acordo com Camille, foi a partir desta noite, em que foi entrevistada pela Marlene, que ela foi convidada pessoalmente pelo Presidente para tornar-se sócia do clube. Era década de 80 e ela estava em cartaz com ‘Mimosas até certo ponto’ no Teatro Brigitte Blair, em Copacabana, e fazia um sucesso ‘estrondoso’. Já Fujika, passou a freqüentar o clube: “desde 89 que eu freqüento a turma ok. Fui receber um prêmio num show lá que tinha e fazer um show juntamente com Rogéria. Aí fiquei [...]. Eles ficaram me convidando para fazer. Aí eu faço até hoje. Eles gostam, eu sou muito bem recebida lá, aí eu vou. O meu divertimento é esse, ir lá. O pessoal gosta muito de mim lá”.

²⁹² É necessário pontuar que, como chama atenção Parker, “na maioria dos principais centros urbanos brasileiros, houve pouca definição geográfica dos bairros gays em comparação com a área do Castro, em São Francisco, Greenwich Village, em Nova York, Covent Garden, em Londres, e a área de Oxford Street, em Sydney - aquelas geralmente mais associadas com as comunidades gays anglo-europeias” (PARKER, 2002, p. 175).

Evidencia-se, através de suas experiências, um dos princípios do clube, como observou Diana: “os freqüentadores só podiam ser aqueles que estavam sendo levados por alguém já participante [...]” já apontando o caráter seletivo da turma²⁹³ e sugiro que também a reivindicação de uma distinção, por parte delas, ao enfatizarem que foram convidadas pela autoridade máxima do clube na época. Assim, Isa passou a freqüentar o clube a partir do convite da Camille, Sarita apenas nos últimos 10 anos passou a participar como associada a partir também de um convite e, no caso de Gino (amigo de Camille, já mencionado), para fazer uma apresentação no talk-show. Na época da pesquisa, a freqüência de cada uma das interlocutoras mencionadas, com exceção de Fujika, era bastante casual. Camille praticamente condicionava suas idas ao clube aos eventuais convites que recebia para fazer shows no talk-show, ou em festas de aniversário. Já Sarita, costumava freqüentá-lo com mais assiduidade em dias de bingo, aos domingos. Porém, como já dito, com o agravamento da saúde de seu pai não estava indo mais. Isa, por sua vez, ia apenas quando recebia convite para apresentar-se fazendo show, e, neste sentido, restringia suas participações ao talk-show do Gino, com quem mantinha relações de amizade. As outras interlocutoras, como Laura, Raquel, e Paola, na época do trabalho, diziam não freqüentar o local como espaço de sociabilidade.



Nesta parte da tese procuro destacar as apropriações do espaço e seus significados no cotidiano para aquelas interlocutoras que ainda se utilizam do clube como território de sociabilidade. Dentre as variadas atrações oferecidas, a principal são os shows de transformismos. Em todos os projetos culturais que fazem parte da programação, o grande momento da noite é quando os artistas, as estrelas, sobem ao pequeno palco para se apresentar. E são tantas as estrelas. E, em sua maioria, são “crias da casa”

²⁹³ Numa investigação mais aprofundada da ‘Turma Ok’ seria interessante pensar sobre as relações de poder e de status que constituem o interior do clube tendo como horizonte os estudos de Norbert Elias (2000) em *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*.

que, dependendo do projeto, o número de espetáculos pode ultrapassar dez, ou até mais. Fujika, por exemplo, é sempre convidada a participar dos projetos apresentando seus shows (como é possível perceber na fotografia em destaque) às vezes em dias seguidos.

Entretanto, não são os shows o principal estímulo que faz com que Fujika se desloque do subúrbio de ônibus, carregando uma grande e pesada bolsa, com vestidos (é muito comum que faça duas apresentações na mesma noite e estas requerem troca de roupa), sapatos, maquiagem, brincos, colares, entre outros acessórios, até o Centro da cidade. Sobretudo, é a oportunidade, quase que única, de estar entre amigos de longa data, de trocar experiências, seja as do cotidiano ou aquelas revividas. Foi no âmbito das interações sociais que ocorrem no interior do clube que conheci uma Fujika diferente daquela que me recebia em sua casa - em nossas primeiras entrevistas - com uma simpatia formal. Uma Fujika que contava anedota, brincalhona, sedutora, demonstrando suas habilidades na arte da *coqueterie* (SIMMEL, cf. 1999). Na época da pesquisa, a Turma Ok era um dos principais territórios de sociabilidade apropriados por Fujika em seu cotidiano, sendo que algumas das pessoas que fazem parte do seu círculo de amigos mais íntimos são antigos (alguns deles já eram associados quando ela passou a freqüentar o clube) freqüentadores do local. São amizades que ultrapassam as fronteiras da convivência no âmbito do clube; falo aqui especialmente de Diana, já citada, de Sissy (56 anos, transformista) e Lona (65 anos, transformista) relações que procurei destacar no diagrama da rede social de entrada delas na Turma Ok.

Sem sombra de dúvida o local é um ponto de encontro para pessoas que se conhecem a muitos anos, em alguns casos desde a juventude. Ali se estabelece uma sociabilidade aparentemente “desprovida de sentido” (MAFFESOLI, 1984), mas que organiza o grupo em torno de algumas práticas simbólicas relevantes no que concerne a experiência geracional e do compartilhar de memórias (RICOUER, 2007). Neste sentido, conforme Halbwachs (2004), a memória só pode ser pensada em termos de convenções sociais que seriam os “quadros sociais da memória”, que podem ser a linguagem e as instituições sociais, como a família, a classe, a escola etc. Ou seja, os grupos de convívio e de referência peculiares ao indivíduo. Sua ênfase é que as memórias se formam e são renovadas devido a laços de solidariedade entre indivíduos, os quais são construídos através de elementos simbólicos comuns. Há de se considerar também que a Turma Ok configura-se como um espaço em que existe a oportunidade de se estabelecerem relações que implicam num exercício de sociabilidade não só “intrageneracional” como “intergeracional”. E, portanto de transmissão de experiências (BENJAMIN, 1993) e de uma memória em

termos transgeracional. Neste sentido, é inspiradora uma das reflexões de Halbwachs (2004):

Chegará um momento em que olhando em torno de mim, encontraria somente um pequeno número daqueles que viveram e pensaram comigo [...] em que compreenderei como tive, às vezes, o sentimento e a inquietude que novas gerações se desenvolveram sobre a minha e que uma sociedade que, por suas aspirações e seus costumes, é para mim em larga medida estranha, tomou o lugar daquela a qual me ligo mais estreitamente; e meus filhos, tendo mudado de ponto de vista, surpreender-se-ão ao descobrir subitamente como estou distante deles, e que, por meus interesses, minhas idéias e minhas lembranças, eu estava tão próximo dos meus pais. Eles e eu estaremos então sem dúvida sob a influência de uma ilusão inversa: não estarei tão longe deles posto que meus pais não estão tão longe de mim; mas conforme a idade e também as circunstâncias, ficamos admirados sobretudo das diferenças ou das semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem. (HALBAWCHS, 2004 p. 74-75).

As ‘crias da casa’, que anteriormente mencionei, colocam em cena justamente a questão da memória transgeracional colocada por Halbwachs, da transmissão das experiências em que entram em jogo as memórias de ‘saberes’ e ‘fazeres’ (DE CERTEAU, 2008) que neste processo de transmissão geracional são propagados e reatualizados. As ‘crias da casa’ é um termo que se refere justamente aos novos frequentadores e/ou associados que, à medida que vão se “enturmando” e fazendo cursos na casa, como de dublagem, por exemplo, vão aprendendo as artes do transformismo. E, logicamente, neste processo, vislumbram-se também relações de ‘amadrinhamento’ (PELÚCIO, 2007) de algum membro mais antigo. Neste sentido, como sugere Lins de Barros, o indivíduo que transmite sua experiência e suas lembranças é, na verdade, um mediador entre gerações (2006, p.113).

Na ‘Turma Ok’, como acontece em grande parte nos espaços propícios à sociabilidade, sejam eles públicos ou privados, a delimitação dos grupos não é percebida de imediato. Requer um olhar mais cuidadoso sobre tais sutilezas, o que não fez parte dos propósitos deste trabalho.

Porém, gostaria de pontuar que a impressão imediata do local é que todos se conhecem, pois se cumprimentam com abraços, tapinhas nas costas, beijos no rosto, sorrisos e olhares de cumplicidade, falam entre si, o que dá ao lugar um ‘caráter igualitário’ no que se refere ao tipo de relações que ali se constituem. No entanto, à medida que freqüentava o lugar, e que ia conhecendo as pessoas e me tornava conhecida (ganhei algumas denominações durante este processo: a amiga jornalista da Fujika e/ou de Camille) fui tendo acesso a algumas das fronteiras que compõem o lugar. Percebi que o clube se caracterizava por ser um espaço de sociabilidade bastante organizado, com regras de certa forma rígidas, em que os freqüentadores, em grande medida, formam grupos a partir de critérios como afinidade, antiguidade ou, em alguns casos, por parentesco, já que filhos/as, mães, irmãs também freqüentam o local.

Em algumas ocasiões, as sociabilidades são inicialmente desenvolvidas e circunscritas às “paredes do clube”, como os projetos culturais (onde se mesclam entrevistas e shows) o bingo, as festas de aniversários, entre outros eventos, para então se aventurarem extramuros. Estou me referindo especialmente aos concursos organizados pela diretoria para eleger as mais novas rainhas, musas, ladys e também os reis da Turma Ok. Durante o campo, tive a oportunidade de participar de um desses “grandes eventos” que foi realizado nas dependências do clube do sargento do exército localizado em Engenho Novo, bairro da Zona Norte da cidade. Tal espaço foi escolhido tendo em vista um conjunto de fatores: as dimensões físicas do lugar, o valor do aluguel e a localização.



A realização de concursos em clubes de bairro é uma das tradições da Turma e fazem parte do seu ‘repertório’ de rituais²⁹⁴, juntamente com as

²⁹⁴ Para Peirano (2006) os rituais podem ser vistos como tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados, mais estáveis e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos – eles possuem uma certa ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo, uma eficácia *sui generis*, e uma percepção de que são diferentes. Como atos de sociedade, os rituais revelam visões de mundo dominantes ou conflitantes de determinados grupos (p.11). Sobre o ritual ver ainda Durkheim (2003), Leach (1974), Van Gennep (1978), Levi-Strauss (1982, 1985). Um estudo clássico sobre a noção de ritual e festa na antropologia brasileira são os trabalhos de Roberto Da Matta sobre o carnaval (como rito de inversão do mundo) e os festivais da ordem (como ritos de reforço) cívicos/ou religiosos. De acordo com o autor: o estudo dos rituais não é um modo de procurar as essências de um momento especial e qualitativamente diferente, mas uma maneira de estudar como elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim, transformados em símbolos que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário (DAMATTA, 1979, p.60). Para uma discussão mais detalhada sobre as relações entre festa e ritual ver: AMARAL, Rita.

cerimônias de premiações. Através deles, suas tradições²⁹⁵, entendida aqui como um conjunto de práticas e significados geridos e reformulados pelos indivíduos e pelos grupos²⁹⁶, são transmitidas o que é fundamental para o sentimento de pertencimento e de continuidade do grupo. Acredito que tais concursos e cerimônias de premiações podem ser pensados como rituais no sentido dado por Durkheim (2003), ou seja, como produção de uma ‘efervescência coletiva’ que mantém a integração e promove a partilha do coletivo.

O clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército é um lugar amplo de três andares, localizado em rua basicamente residencial. O concurso foi realizado no dia 10 de novembro, num sábado, a partir das 22h30min no salão do segundo andar. Na entrada deste salão, o visitante depara-se com uma espécie de hall decorado com poltronas e plantas; nos fundos foi improvisado um camarim para as candidatas estrategicamente localizado atrás do palco que, por sua vez, fica bem no centro do salão principal. No centro do salão foi colocada uma grande passarela em formato de T que saia do palco e terminava bem em frente à mesa dos jurados; ao seu redor, as mesas dos convidados.

O concurso, seguindo os modelos tradicionais dos concursos de beleza, era apresentado por um casal formado por um dos diretores do clube e um antigo associado que pratica o transformismo. No transcorrer do evento, as candidatas desfilarão, primeiramente em trajes de fantasias temáticas, e depois em trajes de gala (o momento mais esperado do concurso). Entre os desfiles, os convidados eram entretidos com performances artísticas e, antes do casal de apresentadores anunciarem os nomes e sobrenomes das cinco primeiras vencedoras, é feita uma homenagem para a musa eleita no ano anterior que, ao ser convidada a subir ao palco, se despede em grande estilo apresentando uma performance artística acompanhada pela bateria da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis. É chegado o grande momento da noite, o casal de apresentadores anuncia, em ordem decrescente, os cinco primeiros lugares. Anunciada a nova musa OK esta recebe das mãos de sua



Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério". Disponível em: <WWW. URL: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>>. Acesso: 20 nov. 2009.

²⁹⁵ Para Ricoeur (1997, p.378) “antes de ser um depósito inerte, a tradição é uma operação que só se compreende dialeticamente no intercâmbio entre o passado interpretado e o presente interpretante”.

²⁹⁶ Conforme Vale de Almeida (2000).

antecessora, a coroa, o cedro, o manto e a faixa, e inicia seu desfile pela passarela em passos lentos sob uma chuva de papéis, distribuindo sorrisos e acenos para os convidados como as muitas misses Brasil e Universo. Obviamente a competição²⁹⁷ e a disputa são os componentes chaves de qualquer concurso em si. Mas, além do concurso, da competição e das disputas entre as candidatas, estes sentimentos impregnam muitos dos frequentadores da Turma Ok que estão ali apenas como convidados (em alguns casos como torcedores) e/ou jurados. Refiro-me, especialmente, ao desempenho da performance feminina que encontra nestes eventos – de ‘ritualização do feminino’ - um contexto privilegiado para atuar e se re-atualizar, sendo exposta aos olhares críticos. Apesar da maior parte dos associados do clube serem transformistas, o desempenho de uma performance feminina não se dá em todos os momentos que se encontram no clube, mas em determinadas ocasiões, como shows e festas que acontecem no interior do clube e em ocasiões como essas propiciadas pelos concursos. Neste caso, antes mesmo de começar o concurso, existe uma expectativa muito grande para com aqueles que irão para o evento “de mulher”.



Preocupações do tipo: Com quem será feito o cabelo? A maquiagem? Qual o modelo e a cor do vestido? Como combinar os acessórios? Estão presentes muitas semanas antes do evento. E, em alguns casos, todo esse investimento visual e gestual a fim de construir uma performance de gênero feminino está envolto em muito mistério e segredo. Lembro-me que havia combinado com Camille de irmos juntas ao concurso e que, alguns dias antes, ela me avisou, constrangida, que não poderíamos ir juntas porque o companheiro de um dos funcionários do salão, ambos seus



²⁹⁷ Simmel ao chamar a atenção para o efeito sociativo da competição argumenta: a competição impele o pretendente que tem um rival – e muitas vezes só desse modo chega a tornar-se um pretendente propriamente dito – a procurar o objeto pretendido, a aproximar-se dele, a estabelecer laços com ele, a descobrir suas forças e fraquezas e ajustar-se a elas, a encontrar todas as pontes ou criar novas, que possam conectá-lo ao próprio ser e obra do concorrente (SIMMEL, 1983: 139).

amigos, resolveu ir ‘de mulher’ e queria que ela fizesse o penteado e o ajudasse a arrumar-se. Ao propor que fossemos todos juntos Camille me disse que não seria possível já que seu amigo não queria que ninguém o visse arrumado antes do evento.

Outro ponto a ser destacado é com quem compartilhar os lugares à mesa? É outra preocupação constante que pode auxiliar a desvendar os diferentes graus de amizade e intimidade que se dão no âmbito do clube. Os convites para o evento eram vendidos num sistema de mesa, ou seja, poderiam ser comprados individualmente ou se comprar uma mesa com todos os lugares reservados. Em alguns casos, esses lugares eram doados. Por exemplo, nesta noite, além de Camille, iriam Isa e Fujika, sendo que Camille e Isa no papel de juradas. Como juradas, tinham direito a um convite para acompanhante. Nesta noite, eu fui com o convite que me foi doado por Camille e durante quase todo o evento compartilhei a mesa com Fujika, Diana e Fábio (26 anos, frequentador da Turma Ok). As mesas, em geral, eram compradas em grupos de amigos ou familiares que prestigiavam

alguma candidata em especial ou simplesmente o concurso em si. Durante o concurso, mais especificamente, quando as candidatas desfilavam em seus trajes pela passarela as pessoas ora mantinham sua atenção no desfile, ora conversavam entre si trocando informações sobre o que estava acontecendo ou mesmo para fazer comentários algumas vezes



elogiosos, mas também críticos sobre as candidatas e, às vezes, comentários pejorativos. O fato é que, para os participantes, o concurso era vivido como um rito de passagem²⁹⁸, onde o tempo em que transcorre o concurso vive-se um estado liminar e, quando finalmente é dado a conhecer seus ganhadores, se atinge uma nova identidade dentro do grupo, um status diferenciado.

Antes e após o término do concurso, o que predominava era o vai e vem intenso e animado das pessoas entre as mesas quando avistavam algum amigo que não viam há muito tempo, ou um conhecido em particular, para cumprimentar os familiares de algum frequentador do clube, para se cumprimentarem e se elogiarem entre si pelos vestidos, cabelos, perucas, para conversarem sobre o concurso e as possíveis vencedoras, para combinar o

²⁹⁸ De acordo com Van Gennep (1978). Para este autor, “para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer” (VAN GENNEP, 1978, p. 157).

retorno para casa, para conversarem em tom de fofoca e/ou segredo pelos cantos do salão. Um clima alegre e efervescente, bastante típico da Turma Ok, tomava conta do lugar, o que me leva a compreender, em termos de Simmel, a sociabilidade como um meio para manter a vivacidade, o entendimento mútuo, a consciência comum do grupo (SIMMEL, 2002, p.205).

Ir à Turma Ok aponta, a meu ver, para múltiplas apropriações e significados na busca pela companhia, não a de qualquer pessoa, mas a dos “amigos verdadeiros”, das pessoas de confiança e, principalmente, daqueles com quem se pode trocar experiências e lembranças, como também a oportunidade de conviver com pessoas de outras gerações, de sentir-se em família, sentimento caro para aqueles que estão longe de seus familiares, fisicamente ou afetivamente. Quero chamar a atenção para o fato de que, neste território de sociabilidade, as performances masculinas e femininas se misturam e se confundem, sendo que o fato de, neste espaço, conviverem, principalmente, homossexuais masculinos, sendo uma grande parte deles transformistas e/ou praticantes do crossdressing (VENCATO, 2003), travestis, já concorre para isto. Um espaço onde feminilidades e masculinidades são expostas, experimentadas, aprendidas e transmitidas proporcionando um diálogo entre diferentes gerações. Neste sentido, no caso de nossas interlocutoras, de sua travestilidade vinculada diretamente ao acionamento da identidade de artista.

O que estou sugerindo é que este espaço de sociabilidade se configura também num cenário de ‘disputa de memórias’ (POLLACK, 1989) com relação à experiência trans na cidade do Rio de Janeiro. Enfim, revela-se, como Peixoto (2000a) bem observou, com relação aos espaços de sociabilidade dos aposentados parisienses e cariocas, um sentimento de identificação com o local que está diretamente relacionado ao pertencimento a uma determinada esfera do seu grupo social mais amplo. Se há uma disputa de memórias por um lado, um sentimento de identificação por outro, perpassa estes espaços de sociabilidade também um imbricado exercício de duração do qual se aprofunda Bachelard (1988, 1989). Ou seja, o encontro não é um à toa, mas um momento específico que junta gerações e ‘amigos de longa data’ fazendo com que se teça um encadeamento de continuidades em meio às descontinuidades do cotidiano. Portanto, é na oportunidade de ensinar aos mais jovens ou no encontro com os amigos de longa data que se torna possível *durar* como sujeito que pertence a estes espaços. No caso, o espaço da Turma Ok dá um *ok* para que, por exemplo, Fujika, Diana, entre tantas outras amigas, durem enquanto pertencentes a este grupo e como constituintes e constituidoras da

memória destes espaços e delas próprias²⁹⁹. Há aí, portanto, “uma pluralidade de durações” que faz com que as memórias destes espaços de sociabilidade sejam também as suas próprias memórias.³⁰⁰

8.2 Entre escovas, pentes, cremes e muito bate-papo

Outro território de sociabilidade, que pude verificar entre algumas interlocutoras, é o do “salão de beleza³⁰¹ e/ou cabeleireiro”. Como já destacado, algumas integrantes do universo de pesquisa já trabalharam como cabeleireiras e maquiadoras sendo que, na época do trabalho de campo, algumas delas, falo aqui de Camille, Jane e Paola, ainda exerciam estas atividades profissionais em seu cotidiano.

Ao propor pensar o ambiente de trabalho, aqui representado pelo salão de cabeleireiro, como um território de sociabilidade, me concentrarei, neste tópico, no salão de cabeleireiro que Camille trabalhava, porque foi neste espaço que realizei uma observação participante mais intensa. Faz-se necessário ressaltar, mais uma vez, que Camille trabalha por aproximadamente vinte anos neste local.

O salão está localizado no Leblon um bairro da Zona Sul da cidade e que, de acordo com o ‘imaginário social’, é considerado um bairro de elite, o ‘mais chique’ da cidade, principalmente porque nele se concentra as camadas mais altas da população, inclusive muitos de seus moradores são celebridades nacionais³⁰², shoppings centers de luxo, restaurantes modernos e sofisticados. O salão situa-se numa das avenidas principais do bairro, a Avenida Ataulfo de Paiva, paralela à praia. Ele fica no interior de um pequeno shopping com vários estabelecimentos comerciais (lojas de roupas femininas, de decoração, de acessórios femininos como bijuterias, bolsas, livraria, de informática, atelier de costura, entre outros), cafés, uma lanchonete de produtos naturais, escritórios de advocacia, imobiliárias. Pelo menos durante a tarde e em dias de semana a circulação de pessoas no shopping não é muito expressiva, aumentando mais no final da tarde. Percebi que a elegante e cara cafeteria que fica no térreo era um dos locais de maior movimento, principalmente por volta das 13 horas e a partir das 18 horas da tarde.

²⁹⁹ No final do capítulo apresento o diagrama da rede social de entrada do clube

³⁰⁰ Agradeço a colega Rose Mary Gerber por nossas discussões sobre estas temáticas.

³⁰¹ Ver Simmel (1999, p.206-208) sobre a relação entre a idéia de beleza e o feminino.

³⁰² De acordo com o site Wikipédia o Leblon é um dos bairros mais cobiçados da cidade e o que mais valoriza por ano. Tem o metro quadrado mais caro do Estado do Rio e do país em média, custando R\$12 mil. Nas áreas próximas à praia, no entanto, esse valor pode chegar a R\$ 20 mil, o mais caro da América do Sul. Fonte www.wikipedia.com.br. Acesso em nov. 2009.

O salão fica no terceiro andar do shopping. Em linhas gerais, o espaço físico do salão configura-se da seguinte forma: na entrada uma sala para atendimento e recepção dos clientes decorada com poltronas e mesa de vidro onde há revistas de moda nacionais e internacionais que se dedicam a registrar a vida de celebridades, atravessando a recepção, e seguindo pelo lado esquerdo, adentra-se, a partir de um pequeno corredor, o banheiro social, há uma grande sala cujas paredes são decoradas com grandes espelhos retangulares e aparadores com gavetas nas cores branca e madeira, ali ficam as cadeiras de cabeleireiros, no fundo uma pequena ante-sala decorada com poltronas de couro branca, ao lado de cada uma delas, uma pequena mesa decorada com vasos com flores. Neste mesmo lugar, do lado direito, uma minúscula cozinha com um balcão, este é o 'território' de Fabiano (30 anos, morador da Cruzada de São Sebastião), quem serve o café, o chá e a água para as clientes. Seguindo do outro lado, tem outra sala espaçosa também decorada da mesma forma que a anterior com o acréscimo de que, nos fundos, do lado direito, é onde ficam os tanques para a lavagem dos cabelos dos clientes. Deste local sai outra saleta com uma cadeira de cabeleireiro e a parede decorada com espelho, nos fundos, do outro lado, passamos pela sala de Gino, um dos principais maquiadores do salão e pela sala de Camille, cuja parede é toda de vidro. Apesar da sala de Camille ser decorada da mesma forma que as anteriores, é a única que tem televisão. Em termos gerais a decoração do salão prima pela sofisticação e, em sua 'versão oficial', o local se denomina um Centro de Estética. No entanto, Camille, quando se refere ao mesmo, sempre o faz a partir do termo 'salão'. Trabalhavam no salão na época da pesquisa, além de Camille, em torno de 17 funcionários, cabeleireiros, auxiliares de cabeleireiro, manicures e pedicures, maquiadores, esteticistas, depiladoras e recepcionistas. Em maior número eram os cabeleireiros (quatro homens e uma mulher) e os maquiadores (três homens entre 50 e 60 anos). O salão é voltado, exclusivamente, para mulheres, em linhas gerais provenientes dos estratos mais altos das camadas médias urbanas e dos segmentos mais altos da população.

Como já assinalei anteriormente durante todo o tempo em que realizei trabalho de campo Camille ia para o trabalho com roupas de corte feminino discretas, mesclando cores neutras e escuras, às vezes com blusas estampadas, mas com calças de cor escura, nunca a vi trabalhar de saia e/ou vestido. Saia e vestido faziam parte de sua indumentária fora do universo do salão. Com os seus cabelos soltos na altura dos ombros, geralmente sem maquiagem (algumas vezes um leve batom nos lábios), e sapatos femininos fechados com salto, que não passavam de cinco centímetros. Isto sim, sempre saltos, não sabe andar sem eles. Os saltos altos são um desses signos

por excelência que compõem a ‘cultura feminina’ (SIMMEL, cf. 1999) em nossa sociedade e que estão relacionados à elegância e a sensualidade.

Algumas vezes a presenciei penteando, escovando e colocando *bobes* em suas perucas preparando-as para um evento, como alguma festa, ou para fazer um show na Turma Ok, ou porque tinha apresentação do espetáculo ou simplesmente para sua manutenção. Em um desses dias, enquanto Camille experimentava um novo penteado para a peruca colocando e a penteando em frente ao espelho em sua sala, chegou um dos assistentes de cabeleireiro e lhe perguntou se ela ia fazer algum show, Camille limitou-se a responder que não, sem alongar a conversa. Assim que o rapaz saiu, ela, em voz baixa, me confessou que este tipo de indagação a deixava muito irritada, “pois é só eu começar a pentear a peruca ou me maquiar na frente do espelho que vem sempre alguém me perguntar: tem show hoje? Vai para alguma festa? Isso me deixa muito chateada”.

No salão Camille é, normalmente, tratada pelo seu nome social, seja pelos funcionários ou pelos eventuais clientes. Com relação aos funcionários, às vezes em tom jocoso, aqueles que são seus amigos mais íntimos, a chamavam pelo seu nome de cabeleireiro, diminutivo do seu nome de batismo. Apenas uma vez presenciei uma cliente chamá-la pelo seu nome de cabeleireiro como era usado na época em que estava no auge de sua atividade. Era uma senhora de mais de 80 anos, vestida de forma muito elegante e sóbria, usava brinco e colar de pérolas, o rosto com uma maquiagem que realçava os olhos e os lábios. Era uma das suas clientes mais antigas, mais de 30 anos que cuida de seus cabelos. Enquanto escovava os cabelos da cliente nos momentos que mantinha o secador desligado faziam alguns comentários, trocavam informações familiares, temas sobre saúde, sobre aumento da violência no bairro, antes tão tranqüilo! Ali meu papel era de observadora. Observava o fluir da conversa cuja rítmica dependia dos movimentos das mãos hábeis de Camille, em pleno desempenho de seu saber (DE CERTEAU, 2008).

Quando a senhora foi embora Camille comentou, com um misto de nostalgia e tristeza: “essa foi uma das mulheres mais bonitas do Rio! E agora você vê [...]. Para essas mulheres assim que foram lindas quando jovem deve ser muito difícil aceitar a velhice, você não acha?”. É uma reflexão da sua própria velhice que Camille está fazendo ao pensar sobre a velhice de sua cliente. Neste jogo de espelhos ela afasta de si própria a identificação com a velhice, que passa a ser a vivida pelo outro. Neste espelho dos processos de constituição da identidade, na velhice, perguntamo-nos quem é mais velho do que nós com o objetivo de que a nossa própria imagem possa ser salva nessa comparação (ANTUNES & VIEGAS, 2007). No salão, as relações entre envelhecimento e corpo, vez

por outra, vinham à tona. E aqui, vale ressaltar, que, quando eu chegava com as fotos que tirava de algum evento que participei com ela e com seus amigos, funcionários do salão, configurava-se um jogo de espelhos que se complexificava, por vezes, porque eram permeados por um sistema de acusações (VELHO 1999a).

Grossi (2004) ao refletir sobre as práticas coletivas e regulares às quais “as mulheres se dedicam em determinados momentos históricos, e que se tornam, de alguma forma, rituais obrigatórios de constituição e reafirmação de feminilidade”, acentua que:

Há algumas décadas, o lugar onde se ia regularmente era o salão de beleza. Uma mulher “normal” ia ao cabeleireiro pelo menos uma vez por semana para passar uma tarde fazendo bobs no cabelo, penteando, fazendo as unhas, se depilando, etc. – atos que poderíamos dizer que constituíam um ritual de feminilidade. Não que não se vá mais ao cabeleireiro; hoje as pessoas vão ao cabeleireiro mais rapidamente do que antigamente, pois as mulheres “não têm mais tempo” de ficar uma tarde no cabeleireiro. O salão de beleza era também um espaço da construção do corpo, construção que naquele momento era muito marcada pelo penteado – lembrem-se dos coques, toucas e cabelos laqueados, processos demoradíssimos de constituição da imagem feminina. (GROSSI, 2004, p.10).

Quando abordei a construção da corporalidade e subjetividade travesti, no sexto capítulo da tese, Camille, em um de seus depoimentos, destaca justamente a importância fundamental do ‘salão de beleza’ - e o mundo feminino que aí se constrói - onde trabalhava na juventude como espaço privilegiado de aprendizagem e de constituição de sua ‘feminilidade’ e, conseqüentemente, de sua travestilidade. Inspirava-se nas formas de comportar-se, de vestir-se e de maquiarse de suas clientes. Novamente, em termos de Simmel (1999), um lugar por excelência de desenvolvimento e propagação da ‘cultura feminina’³⁰³.

Era raro chegar até “a sala de Camille” e encontrá-la sozinha, e não falo aqui de cliente. Normalmente me deparava com algum funcionário, ou

³⁰³ Em sua diferenciação entre cultura objetiva e cultura subjetiva Simmel relaciona o homem/masculino com a noção de cultura objetiva e a mulher/feminino com a cultura subjetiva. Uma das críticas feitas pelos estudos feministas ao autor é justamente o fato de ‘ratificar’ a idéia de uma essência do masculino e do feminino.

um amigo funcionário, e, às terças-feiras no período da tarde, com a Marlene que ia cuidar do cabelo e às vezes aproveitava para “tirar o chuchu”, ou seja, depilar os pêlos de algumas regiões do rosto, como queixo, face, frente do pescoço, que conformam ‘a barba’. Camille e Marlene se conheceram, em fins da década de 70, durante o espetáculo *Bonecas também podem* realizado no Teatro Rival. Desde então são ‘grandes amigas’. Elas se falam com certa frequência por telefone, no período noturno, mas quase não saem juntas, e ocasionalmente se visitam; as terças no salão se transformaram em um importante espaço de interação entre as duas e de troca de saberes e fazeres a respeito da construção da feminilidade. É Camille quem cortava e pintava os cabelos, às vezes fazia apenas retoques nos fios brancos que teimavam em sair. Discutiam os melhores cortes e cores de tintura que combinavam com Marlene.



Trocavam impressões sobre suas performances no teatro. Sobre as muitas solicitações do presente, dos esforços em viver seus cotidianos, e principalmente sobre a experiência de *envelhecer juntas* (RICOEUR, 2007).

Já em relação aos funcionários, algumas vezes estavam assistindo algum programa na televisão ou simplesmente conversando na sala de Camille. Não tenho como deixar de pontuar que a televisão era um chamariz para os funcionários em geral, ocasionando um intenso vai e vem de pessoas em torno dela. Mas, ao mesmo tempo, isso possibilitava um dinamismo extra às conversas devido à fluidez das informações e comentários trocados entre eles dos programas que assistiam. A minha chegada, principalmente nos primeiros meses de campo, estava diretamente relacionada com a realização de entrevistas com a Camille e isto interferia nesta dinâmica, já que Camille, normalmente, solicitava que abajassem o volume da televisão ou até mesmo, em alguns casos, a saída dos funcionários.

Sem dúvidas um rico universo de interações sociais se dava no interior de sua sala. Posso afirmar que o salão em si se constituía em um cenário de relações de diferentes ‘mundos sociais’, e sugiro que de bastante contrastante, pois, apesar de atender a uma clientela de classe alta e até algumas celebridades nacionais como artistas e cantores famosos, alguns funcionários eram das camadas médias, especialmente os cabeleireiros e maquiadores, e, em sua maioria, moradores de bairros da Zona Sul, que, por vezes, comentavam sobre suas viagens ao exterior, sobre suas amizades

com artistas famosos, mas boa parte dos funcionários era proveniente das camadas mais populares, alguns moradores de bairros do subúrbio, longe do local de trabalho, e alguns moradores da Cruzada São Sebastião, já citada anteriormente.

Muitas vezes, mas não exclusivamente, ao redor da televisão, reuniam-se essas pessoas com estilos de vida tão diferentes que ali interagiam, mesmo que de forma efêmera. Afinal, “a sociabilidade é o jogo no qual se faz de conta que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e fazer de conta não é mentira mais do que o jogo e a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade” (SIMMEL, 1983, p.173).

Karla, uma das manicures, entra na sala e avisa a Camille que ela tem uma cliente para mais tarde. Uma noiva que ia fazer teste de penteado e maquiagem. Dentro de uns 40 minutos ela chegaria. Karla me pergunta se eu estava fazendo entrevista, digo que não, neste momento toca seu celular, ela atende ali mesmo na nossa frente. Camille está mexendo em sua bolsa de trabalho, dela tira seu secador, e uma escova. Depois abre uma das gavetas do móvel aparador do espelho, procura alguma coisa e não encontra. Enquanto isso, Karla conversa ao telefone, parecia marcar um encontro com algum namorado. Pergunto a Camille se precisa de ajuda. Ela me diz que esta procurando seu creme modelador e não encontra. Sai da sala e vai para outro cômodo mais amplo e pergunta a Mercedes, a outra cabeleireira, se ela viu seu creme. Esta responde que não. Volta para a sala e se pergunta se não esqueceu na casa de sua cliente que foi pela manhã. Karla já tinha desligado o telefone. Volta-se para Camille e fala com um largo sorriso no rosto: era ele. Tá querendo voltar, completa ela. Camille ainda procurando o creme pela bolsa, pergunta meio displicente: e você? Quer voltar? Resolvo participar da conversa e pergunto a Karla se era seu namorado ao telefone. Ela diz que sim. Ou seja, mais ou menos. Era. Estavam terminados. A gente briga muito pondera. Camille, ascendendo um cigarro, diz enfática. Ah tem homem que azucrina a vida da gente! Um horror!

Diário de campo 29/05/07.



Percebia que muitas vezes era também um espaço para as conversas mais íntimas entre Camille e alguns dos seus amigos,

funcionários do salão. Falo especialmente dos três maquiadores do centro, Gino (60 anos, o que está com ela na foto à direita), Jair (53 anos), Beto (35 anos), amizades construídas através de anos de convivência no ambiente do trabalho que extrapolam seus limites ao reunirem-se, por exemplo, após o expediente para tomarem um chope, em festas de aniversários, em determinados momentos na própria Turma Ok.

No entanto, apesar de ter verificado a existência de uma sociabilidade para além dos limites do salão, esta se dá de forma mais ocasional sendo predominante a convivência no contexto de trabalho. Talvez isso se dê, pelo menos no caso da Camille, por sua pouca disponibilidade após o trabalho, já que normalmente em dias de semana, e às vezes até nos finais de semana, sai do trabalho para visitar uma amiga muito especial, a famosa cantora da época da Rádio Nacional com quem mantém laços de amizade bastante estreitos. Mas, quando os amigos estão reunidos, é momento para trocar experiências cotidianas, para ajudar nos problemas diários, para dar conselhos, para fazer críticas, para contar anedotas do passado, para expor seus medos com o futuro, ou simplesmente para focar e praticar a arte da conversa.

Camille resolveu tirar suas sobrancelhas e, como Gino estava livre, ela decidiu pedir a ele aproveitando que não tinha que atender a nenhuma cliente. Fomos até a cabine de Gino, Camille deitou-se em sua cadeira (tipo cadeira de consultório odontológico) e eu fiquei em pé ao seu lado. Gino, enquanto tira com firmeza e agilidade os fios de cabelo da sobrancelha de Camille, me pergunta se eu iria em seu próximo *talk show* na turma ok. Confirmo minha ida. A conversa passa a girar em torno dos artistas que ele estava pensando em levar. Depois me pergunta se eu me incomodaria de emprestar-lhe as revistas que tinha levado porque ele queria ver com mais calma. Comenta a sua surpresa por eu ter achado estas revistas e comenta rindo: a gente fazia muita loucura naquela época menina, não é Camille? Camille sorri, e Gino começa a falar que a Camille era muito engraçada, e que ela tinha o costume de chegar quase no fim do baile, não é bicha? Gino dirigia-se a Camille buscando uma confirmação. Camille rindo comenta que gostava de chegar tarde para chamar a atenção de todo mundo no baile, então chegava normalmente de táxi e sozinha por volta das 3 horas da madrugada e sempre com um vestido maravilhoso e arrasava com as monas. Gino complementa dizendo que Camille chegava fazendo sempre essas caras e bocas dela (conta imitando seus gestos) [...]

Ao compreender o salão como território de sociabilidade, estou considerando o caráter central das relações estabelecidas por Camille em seu ambiente de trabalho para a formação de sua rede de sociabilidade, como já assinalo no capítulo em que trato de sua trajetória social.

8.3 “No interior da casa” – sociabilidades íntimas

Uma das maiores dificuldades que encontrei em campo foi justamente compartilhar de suas interações familiares. Em alguns casos, penso que tais dificuldades, em grande parte, podem ser ‘explicadas’ pelas particularidades das trajetórias sociais de algumas interlocutoras, tendo como horizonte o universo familiar, afinal, algumas delas, moram longe de seus familiares e parentes, mas também pelas minhas dificuldades em ter acesso a casa, lócus por excelência do ‘mundo do íntimo’, da família³⁰⁴ (DA MATTA, 1997). Meu acesso ao “interior da casa” – “esse nosso canto no mundo” (BACHELARD, 1989, p.24), ocorreu, portanto, de modos distintos, dependendo, em grande parte, tanto da natureza da minha relação com minhas interlocutoras de pesquisa, quanto de suas relações familiares e concepções sobre a família. Refiro-me especialmente a Paola, pois, apesar de termos construído um relacionamento de proximidade e convivência, através, principalmente de minhas idas ao seu trabalho, me pareceu que ela ‘evitava’ um contato mais estreito entre mim e seus familiares, no caso, sua irmã mais velha, pois, arrisco a dizer, que minha presença, enquanto pesquisadora, em sua casa, representaria ‘misturar’ sua família com o universo da travestilidade, o que me parecia que ela procurava evitar. Meu acesso, em termos de convívio cotidiano, às interações familiares se deu basicamente através de Camille, Laura e Sarita. Deste modo, ao procurar descortinar as formas de sociabilidades vivenciadas pelas travestis participantes desta pesquisa, no contexto familiar, pude ter acesso a algumas das práticas e representações assumidas por elas neste ambiente, bem como refletir sobre quais os ‘lugares’ que ocupam.

³⁰⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre a família no Brasil ver, por exemplo, desde os estudos clássicos sobre a família patriarcal (FREYRE, 1977, 1978; CORREA, 1982; DA MATTA, 1987) aos que enfocam os processos de modernização e as relações familiares na contemporaneidade (ARANTES, 1984; COSTA, 1989; FIGUEIRA, 1987; LINS DE BARROS, 1987; FONSECA, 2000 e 2007; SCOTT, 1996; 2006; VELHO, 1999; 2002; PEIXOTO & BOZON, 2001; MACHADO, 2001; PEIXOTO, 2004, entre outros). Destaco ainda os estudos sobre as famílias homoparentais como os de GROSSI (2003, 2004), GROSSI & UZIEL (*et. al.* 2007). Já em termos das discussões sobre família e parentesco na literatura antropológica ver, por exemplo: Strauss, (1972, 1982), Radcliffe Brown (1982), Schneider (1984).

A maior parte das pesquisas que tem como temática o universo da travestilidade ressaltam - mesmo que não seja este o foco principal - a importância da família para as travestis. E no caso das minhas interlocutoras, em geral, também constatei que as relações familiares sempre surgiram como fundamentais no processo de construção de suas subjetividades, fato que, em parte, ficou demonstrado ao conhecermos suas trajetórias sociais. Neste sentido, concordo com Lins de Barros (1987) para quem a família:

[...] pode ser vista como um grupo de pessoas que, unidas pelos laços de parentesco e de afinidade, estabelecem, entre si, códigos próprios capazes de fazer fluir inúmeras facetas de relacionamentos. A comunhão de uma linguagem reafirma a presença de uma história não só de laços de sangue, mas de laços morais (de socialização), que diz respeito a todos os elementos do grupo. Através dessa história, são alinhavados os laços de parentesco, ao mesmo tempo em que se delinea uma unidade moral familiar. (*op.cit.*, p. 12).

Verifiquei, baseada em minhas observações e em nossas conversas, que, ao mesmo tempo em que algumas interlocutoras mantinham uma proximidade maior com seus familiares, existiam aquelas em que predominava um distanciamento expressivo visto que os contatos aconteciam através de visitas ocasionais e telefonemas esporádicos. No caso da Paola, Camille e Sarita, por exemplo, notei a existência de uma convivência familiar mais estreita, caracterizada pelo convívio com seus progenitores, mais especificamente Camille e Sarita, ou com seus irmãos e irmãs, o caso de Paola. Isto se dá em grande parte porque, nestes casos, configura-se um convívio cotidiano justamente pela situação de co-residência; como vimos, Camille mora com sua mãe e irmã mais velha, Sarita com seu pai e Paola também com sua irmã mais velha. Em relação à Marlene, por exemplo, apesar da ausência de um convívio mais cotidiano com a família ela mantém um relacionamento - mesmo que esporádico - com seu irmão mais velho, que mora em Jacarepaguá, na zona oeste da cidade, através de visitas a sua casa, vale ressaltar que seu irmão mais velho, casado e com filhos, é o único membro de sua família que reside no Rio de Janeiro. Por sua vez, quando morava em Salvador tampouco tinha uma convivência cotidiana com suas irmãs por parte do segundo casamento de sua mãe, salvo em situações comemorativas, do tipo festas de aniversários, por exemplo. Seu convívio mais estreito dava-se com sua filha através de

visitas – normalmente de sua filha ao apartamento onde Marlene morava em Salvador - e contatos telefônicos.

A inexistência de interações familiares, numa situação de convívio cotidiano, é justificada, às vezes, por distanciamentos geográficos, como especialmente no caso da Fujika cujos familiares de origem residem em diferentes cidades do nordeste do país. Nestes casos, a falta de um convívio direto com os membros da família nuclear de origem é substituída por telefonemas e cartas que diminuem as distâncias e amenizam as saudades. Foi sempre com muito carinho e cuidado que Fujika me mostrava os convites de formatura e de casamentos de sobrinhos e sobrinhas. Estes convites, sempre exibidos com orgulho, eram usados como “provas” do bom relacionamento familiar enfatizado em seus relatos. Através deles ia acompanhando, mesmo que de longe, a vida cotidiana dos membros de sua família nuclear, de parentes, e assim, sentindo-se também parte da ‘história familiar’.

Já a ausência total de laços familiares foi verificada apenas em relação à Raquel, caso em que deve-se considerar algumas particularidades de sua história de vida quando o assunto é o âmbito familiar. Como já mencionei, ao abordar alguns aspectos de sua trajetória social, sua mãe teve vários filhos, em sua maioria com pais diferentes, que foram criados por parentes ou outras famílias. Durante a infância, até o momento de ser levada para um colégio interno, conviveu apenas com sua mãe, e apenas em sua juventude retomou contato com suas irmãs mais velhas. A relação com as irmãs, durante muito tempo, foi permeada por conflitos e desentendimentos devido a sua ‘opção’ pela travestilidade.

Entretanto, durante o mestrado era justamente ela que cuidava da irmã mais velha que, na época da pesquisa, passava por problemas de saúde. A morte de sua mãe e de sua irmã mais velha - afinal fazia visitas freqüentes a sua irmã, passava as festas de fim de ano com ela, seu marido e seu filho – representou, para Raquel, o fim de uma sociabilidade familiar em sua vida cotidiana, pois, apesar de suas irmãs terem tido filhos, ela não manteve os laços com os sobrinhos. Esta ausência de vínculos familiares é percebida pela Raquel com muita tristeza e desalento.

Notei que, em geral, o exercício da sociabilidade familiar estava diretamente vinculado ao do universo feminino mediado pelo relacionamento afetivo com uma irmã em especial: “ah minha irmã era maravilhosa, me entendia, nunca me criticou” dizia Laura, em depoimento destacado no segundo capítulo, referindo-se a irmã mais velha que a criou. Sendo que no caso de algumas delas como, por exemplo, Sarita, Isa e Laura, em suas memórias familiares, ao evocarem os relacionamentos com os irmãos, por exemplo, suas narrativas eram baseadas em episódios de

brigas, acusações e preconceito sempre relacionados à vivência de suas sexualidades, sendo os irmãos apontados como os ‘denunciadores’ de suas diferenças no contexto da família nuclear e também entre os parentes. Neste sentido, a fala de Fujika é ilustrativa: “Meu irmão mais velho que sempre achava que eu estava brincando muito com menina. Mas mamãe esse menino só quer brincar com menina, mamãe! Sabe? Mas meus pais num [...]. Ficava na deles”. Por sua vez, como vimos, algumas delas se ‘inspiravam’ nos comportamentos dos seus irmãos, ‘homens de verdade’, representantes da masculinidade hegemônica (VALE DE ALMEIDA, 2000), para desempenharem suas performances masculinas como foi visto no capítulo seis da tese. Em geral, quando as interlocutoras se detêm em suas memórias familiares sobressaem lembranças de episódios – alguns deles bastantes dramáticos - que reafirmam os dilemas por serem ‘diferentes’, pelo fato de suas sexualidades serem vistas socialmente como ‘desviantes’ e, principalmente, pela escolha da travestilidade como um projeto para suas vidas. Penso que o relato de Sarita pode ser sugestivo:

Foi desde a época do São José que nós começamos até pinimba forte, não pinimba de ódio não, mas mamãe fez coisas incríveis! Mamãe pegava uma toalha molhada, porque me via saindo linda e ela se olhava no espelho não se via mais linda, ela ficava com ódio, pegava a coisa e passava na minha cara [...] fazia coisas que [...]! Ai eu voltava, chorava, chorava, acabava voltando a fazer e sair.

No entanto, as tensões, os dramas, a não aceitação e a falta de apoio com relação aos seus projetos, e, portanto, a articulação conflituosa entre os projetos individuais e familiares, não diminui o valor da família em suas vidas. Não se caracterizando, a meu ver, um processo de individualização radical com relação à família e aos seus valores (VELHO, 1999a). No que diz respeito ao significado da família entre elas, penso ser relevante destacar o caso de Laura. Laura, apesar de falar com certa frequência sobre sua irmã mais velha, de mencionar a existência de um bom relacionamento familiar, com exceção do seu irmão, de acordo com minhas observações, ela não mantinha vínculos cotidianos com seus familiares mais próximos, suas relações com suas irmãs e seu irmão, sobrinhos e sobrinhas se limitava também a telefonemas e visitas bastante ocasionais, de sua iniciativa, a sua irmã mais velha que morava em Olaria bairro do subúrbio carioca. Mas, como pontuei, Laura formou, ao longo de sua vida, uma ‘família de coração’ - como ela mesma definiu certa vez para mim durante

uma de nossas caminhadas pelo Centro da cidade - em contraponto a sua 'família de sangue' - desenvolvendo para si um projeto familiar.

O núcleo de sua família de coração baseava-se na seguinte formação: a mãe (Marina, 42 anos, balconista), o pai (Carlos, 46 anos, taxista) e os dois filhos, Carla uma jovem de 14 anos e um jovem de 19 anos; sua 'família de coração' era sua principal referência familiar. Os laços estabelecidos entre eles eram muito estreitos, conviviam cotidianamente desde o momento que a família foi constituída. Marina, pelo menos duas vezes por semana, ia até seu apartamento para ajudá-la em alguns serviços domésticos, arrumação da casa, lavar e passar roupa entre outras coisas. O filho mais velho do casal era seu afilhado e ia muitas vezes por semana ao apartamento, inclusive para pernoitar em alguma delas. Aqui uma sociabilidade familiar se configurava e ganhava densidade através dos almoços de domingo, do lanche da tarde, das festas de aniversário, ou simplesmente através do compartilhar de companhia para assistir a algum programa de televisão. Momentos fundamentais que serviam para estimular e manter o compromisso afetivo, a proteção, o cuidado e a ajuda mútua, elementos que compõe o sentido atribuído por elas à família.

Apesar da maior parte das participantes desta investigação não cultivarem o hábito de participarem, efetivamente, de eventos familiares tais como: festas de aniversários, casamentos, batismos, ou mesmo reuniões de caráter mais informal, denunciando uma inexpressiva sociabilidade familiar, à ênfase, em seus relatos, em termos gerais, é na existência de um bom relacionamento com a família de origem em alguns casos em que a individualização e autonomia, como sujeito, representou rupturas familiares mais graves, como no caso da Marlene que saiu de casa após a constatação de que seu pai e seu irmão descobriram 'sua homossexualidade' ao serem avisados, por amigos, que seu 'filho andava pela Cinelândia'; ressalta-se a existência de uma reconciliação e reaproximação com a família diretamente vinculada a idéia de uma trajetória social de sucesso relacionado à experiência da travestilidade em termos de performance artística.

O relato de Marlene é fundamental neste sentido: "Muitos anos depois tivemos uma reconciliação e eu, já como artista consagrado e posando ao lado de gente famosa, lhe mandava fotos que lhe enchiam de orgulho do meu sucesso". Mesmo quando elas ressaltam, como faz Raquel, Sarita e Isa, o predomínio de um relacionamento familiar bastante conflituoso que implicou em um distanciamento dos entes familiares e parentes, de alguma forma procurou-se manter alguns laços através de alguns dos membros da família. Ao mesmo tempo, as relações que se dão no seio familiar podem ser cheias de matizes, nuances e contradições internas, como bem ilustra outro relato de Marlene:

Agora eu tô vendo que o problema [...]. Minha mãe faleceu estava decepcionada com o meio, fui para a Bahia. Pensei tô perto da minha família, minhas irmãs [...]. Ai que eu fui cair em mim e ver o que era família. Família é cada um [...]. Gostam muito de mim e tudo, mas é cada um na sua casa, cuidando da sua vida, entendeu? Ai eu fui ver o que era família. Quando eu precisei agora de vim para cá. Quem abriu as portas para mim foi estranho, porque minhas irmãs moram em apartamentos pequenos, mas se quisessem até um pedaço de pano, um colchonete, eu sofri um pouco de decepção, mas como eu sou muito católico, perdoei, rezo por elas. No fim, eu na casa de uma pessoa amiga, uma das minhas irmãs foi lá e viu, não sei se teve remorso, me tirou de lá. Não você vai lá para casa até você viajar.

E, neste sentido, concordo com Rocha-Coutinho quando diz que “a família deve ser entendida em sua complexidade e discrepância de interesses, necessidades e sentimentos. Deve, assim, ser apreendida não só em suas funções-econômicas, ideológicas, reprodutivas e, sociais, como também em todas as suas contradições internas” (ROCHA-COUTINHO, 2006, p.97).

O fato é que já observava Silva (1993) que são poucos os lugares em que se fala tanto na família quanto na Lapa das travestis. Ao tomarmos como referência os estudos acadêmicos realizados sobre este universo de algum modo, as relações entre as travestis e seus familiares de origem são salientados. Por exemplo, Oliveira (1997) em seu estudo com um grupo de travestis residentes em Florianópolis pôde observar que tais sujeitos, ao contrário do imaginário social acerca de tal temática, procuram e encontram em suas famílias refúgio e proteção mantendo vínculos estreitos com mães, irmãs e irmãos. Cardozo (2006) também percebeu um quadro semelhante em sua pesquisa - quase dez anos depois - sobre as relações de parentesco entre travestis também residentes em Florianópolis. A autora – tendo como base a informação de uma de suas interlocutoras - salienta que a cidade de Florianópolis apresenta especificidades no que tange às sociabilidades e às relações familiares das travestis à medida que a maioria delas vive com os familiares. Além disso, não existem, na capital catarinense, casas de cafetinagem, o que as inclina a morar com a família ou com amigas (CARDOZO, 2006, p. 86).

Por outro lado, alguns estudos apontam para a situação de isolamento, afastamento e, conseqüentemente, rompimento do convívio

familiar (PERES, 2005; BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008; FERNANDEZ, 2004). Para tais autores o abandono do lar, e na maior parte dos casos o afrouxamento dos laços familiares, são como já assinalou Cardozo (2006), elementos constitutivos do processo de transformação, “é desse modo que elas se socializam com outras travestis nos locais que elas costumam frequentar e aprendem a corporalidade e as vestes desse universo” (*Idem*, p.108.).

No que se refere a algumas travestis desta pesquisa o processo de transformação do corpo em um corpo travesti (BENEDETTI, 2005), temática abordada no capítulo 6 da tese, num sentido mais ‘radical’ a partir da prática de ingerir ou injetar hormônios e até a aplicação de silicone, se não foi realizado totalmente fora do contexto familiar o fato de conviver com os familiares requeria medidas de cuidado e proteção, como nos coloca Isa:



Eu já tinha muito hormônio no meu corpo, o seio é de hormônio. Essa foto preto e branca o seio é de hormônio. E pronto já tinha tomado muito hormônio já tinha mudado alguma coisa, mais aí eu me segurava um pouco por causa da mamãe, para não chocar tanto a mamãe. Mas aí quando eu fui embora para Paris lá eu botei a primeira prótese. (foto preto e branca Isa)

Outra foto que me foi mostrada durante nossa primeira entrevista veio à tona num momento em que o tema de nossa conversa girava em torno de seu relacionamento conflituoso com a mãe devido a sua orientação sexual e a escolha pela travestilidade, ocasião em que Isa refletia sobre sua trajetória individual e social, e o fato de que os caminhos que escolheu para si, enquanto sujeito autônomo, não corresponderem ‘às expectativas familiares’. Como podemos observar neste depoimento de Isa:

Eu tenho umas fotos aí que ela ficou horrorizada quando ela viu os peitos que eu tinha botado. Eu botei lá na época paguei 10 mil francos, era o cirurgião da moda. Então quer dizer que eu montei umas fotos para o espetáculo e mandei as fotos para ela. Quando ela viu os peitos, ela ficou magra! Meu

Deus, para que esses peitos tão grandes! Essa peitaria toda! É minha filha lá é assim, para trabalhar é assim.

Apesar da mudança quase que “irreversível” do seu corpo ter sido realizada em um contexto que a afastava dos valores éticos e morais de sua família, ao realizar sua cirurgia lhe enviava as fotos demonstrando que em seu processo de individualização não se afastou de todo de suas referências familiares. Nota-se que, ao enviar as fotos da transformação do corpo que traduz a experiência da travestilidade em sua ‘radicalidade’, esta é justificada pelo trabalho, uma referência fundamental para a inserção na família e na sociedade brasileira (MOREIRA, 2001 *apud* PEIXOTO, 2004, p.74). Sugiro que o trabalho serve aqui, principalmente, para dar outra conotação- diria “normativa” para uma experiência considerada desviante³⁰⁵ (BECKER, 1977). Outro ponto a destacar com relação à problemática das relações de gênero no seio familiar é a questão em torno de suas performances de gênero. A ida a um evento familiar exige uma preocupação e cuidado particulares com a roupa, os acessórios, o cabelo, a voz, os gestos, a postura entre outros elementos intrincados no processo de construção de gêneros. O que também foi salientado por Silva: “Lucrecia visita a família com certa constância, tomando sempre a precaução de enrolar os cabelos sob um boné ou um chapéu e usar camisas folgadas para não delinear os seios” (SILVA, 1993, p.49). Algumas das minhas interlocutoras, como Paola e Sarita, só comparecem a estes eventos familiares ‘vestidas de homem’, para ilustrar destaque um trecho do meu diário de campo:

Paola comenta comigo que estava preocupada com a saúde de sua irmã, foi o suficiente para introduzir o tema relacionamento familiar em nosso bate papo. Paola observa que para ela a família sempre foi fundamental em sua vida, e por isso sempre mesmo sendo travesti procurou respeitar acima de tudo seus pais e irmãos. Não era a primeira vez que Paola enfatizava a importância de sua família em sua vida, mas motivada pelo fato de estarmos sozinhas procurei aprofundar mais nossa conversa e indaguei temas mais delicados. Como tinha feito aniversário na noite anterior e apesar de eu ter ido ao local que ela havia me dito que

³⁰⁵ Neste sentido Cardozo argumenta baseada em sua pesquisa com travestis em Florianópolis que “de modo geral, os pais e as mães aceitam a assunção da identidade travesti por parte de seus filhos. Porém essa aceitação se dá por meio da comparação a outras situações ditas de desvio (VELHO, 1974) que eles considerariam menos aceitáveis, como o envolvimento com drogas ou com atos criminosos” (CARDOZO, 2006, p. 86).

comemoraria seu aniversário nos desencontramos e não pude participar da comemoração. Resolvi perguntar-lhe mais sobre a noite, quem tinha ido, como ela tinha ido, como foi a produção para o aniversário [...]. Desconfiava que tivesse ido um pouco maquiada porque ainda restavam resquícios de lápis de olho em seus olhos. Relata-me que foram poucas pessoas, sua irmã, seu irmão, cunhada e amigas mais íntimas, quanto a produção foi “normal”, mais “natural”, isto é, sem uma produção mais elaborada, mais discreta. Quando estou com meus familiares sempre busquei a discrição, me diz ela. Até dentro de casa, agora que moro com a minha irmã evito que ela me veja com roupas muito curtas, com essas saíngas que eu uso quando saio à noite. Ela acredita que deste modo está demonstrando respeito, e consideração com sua família. Em um determinado momento, me narra um episódio interessante. Foi convidada para ir ao casamento de um dos seus sobrinhos em São Paulo, uma parte abastada de sua família mora lá. Sublinha o tipo de público da festa, engenheiros formados como o seu sobrinho, pessoas de classe média alta. Resolveu então ir de homem, de camisa e calça preta, cabelos presos e sem maquiagem e tomou cuidado para tirar os esmaltes das unhas e apará-las um pouco porque as usa muito grande, porque ficou imaginando que seria constrangedor para seu sobrinho, no dia do seu casamento, exibir um tio travesti.

Fica evidente a idéia da travestilidade, enquanto ‘identidade social’, como aquela capaz de contaminar (DOUGLAS, 1976) a honra e moral familiar. Também verifiquei, em conformidade com outros estudos como o de Silva (1993) e Cardozo (2006) que, no contexto de interação familiar, o que predomina como forma de tratamento é o uso do nome masculino. Como aponta Cardozo (2006, p. 97): “é a partir desse nome masculino escolhido pelos familiares, reconhecido legalmente e retificado através de processos religiosos (sobretudo o batismo) que as formas de referência se desencadeiam”.

A forma de tratamento em família dividiu opiniões entre elas, num primeiro momento elas não pareciam se incomodar ou constranger com o fato de seus familiares a chamarem pelo nome de batismo ou apelidos masculinos usados na juventude, como no caso de Laura que era tratada pelos membros de sua família de coração e ‘de sangue’ pelo seu nome de batismo no diminutivo, ou mesmo Paola, a quem a irmã mais velha também a tratava pelo seu nome masculino. Todavia aos poucos fui percebendo que isto pode às vezes ser considerado um desagravo ou mesmo uma forma de

desrespeito e punição velada.

Em seus depoimentos Raquel revelava que sua mãe sempre a chamava por seu apelido de infância “Mimi” que nunca conseguiu lhe chamar pelo nome feminino. O fato de ser chamada de Mimi pela mãe não era motivo de conflito porque, em parte, o apelido tinha, para ela, uma conotação ‘delicada’, portanto ‘feminina’, mas o fato de suas irmãs e seu sobrinho lhe tratarem pelo nome de batismo sempre rendeu brigas e discussões. O mesmo acontece com Camille que diz que dificilmente sua mãe, irmã ou familiares mais próximos lhe chamam por seu nome feminino o que a incomoda principalmente quando foi ficando mais velha e atribuindo para si a ‘condição de senhora’. Arrisco a dizer que estas atitudes colaboram significativamente para a hesitação em participar de reuniões familiares. Assim, nos termos de Rocha-Coutinho (2006, p.96) citando Bruschini (1990), a família deve ser entendida como um espaço de convivência privilegiado sendo o lugar das trocas afetivas e de informações e das decisões coletivas, como as que dizem respeito aos interesses comuns [...]. É um grupo composto por indivíduos de sexos diferentes, e de grupos etários distintos que se relacionam em seu cotidiano gerando uma complexa e dinâmica trama de emoções.

E quais seriam os lugares que ocupam? De acordo com alguns autores (MOTTA, 2004; PEIXOTO, 2004; 2006; LINS DE BARROS, 1987) nas últimas décadas os idosos passam a ocupar um papel central no grupo familiar, seja como esteio econômico do grupo num papel de provedor e/ou como figura fundamental nas relações de apoio e ajuda mútua. Uma das coisas que sempre me pareceu muito peculiar durante a pesquisa para o mestrado era o fato de que ‘coube’ a Raquel, no seio de sua pequena família, e apesar das relações conflituosas com os seus integrantes, cuidar de sua irmã mais velha. Não foram poucas às vezes que desmarcou compromissos comigo ou que redefiniu seu cotidiano para acompanhar sua irmã a consultas médicas, ou para atendê-la em casa. Fato que a bem da verdade a aproximou desta irmã criando um laço de cumplicidade que fez com que esta, talvez num gesto de reconhecimento, já a chamasse, por exemplo, pelo nome feminino.

Ao mesmo tempo, nessa época, verifiquei que algumas interlocutoras desempenhavam um papel senão de provedor, mas fundamental na rede de solidariedade familiar em termos de recursos econômicos. Aspectos que também constatei durante o campo para o doutorado principalmente entre quatro integrantes do universo de pesquisa principal. Para além das dificuldades de relacionar-se com sua mãe, Isa ‘tomou para si’ o papel de sua “cuidadora” de, por exemplo, arcar com as despesas financeiras dos seus tratamentos de saúde, levando-a inclusive

para Paris em busca dos ‘melhores médicos’.

Minha mãe tinha a ponte de safena já e era diabética e tinha o bicho maior, o câncer. Minha mãe durou muito [...]. Minha mãe foi para Paris fazer as varizes que eu levei. E eu gastei tudo com a mamãe. (referindo-se ao dinheiro que ganhou na Europa, trabalhando em cabarés) Eu cheguei lá (em sua cidade de origem) tinha uma conta de quase 14 mil reais na farmácia para pagar. Meu irmão [...].

Na verdade, um papel que já ‘ensaiava’ desde que saiu de casa pela primeira vez:

Não voltei mais para casa, então sempre vivi fora e durante este tempo que eu morei com o Tonai ela nunca foi na minha casa. E tudo que vinha da barça, de produtos de casa, alimentos, frutas tudo eu dividia com ela até o botijão de gás eu mandava um para ela e ficava com outro para mim. Tudo, eu falava para ela assim: eu não quero que você precise de meus irmãos para nada, para nada! Ela tinha a pensão de papai, papai morreu, né? Quer dizer que eu sempre banquei a mamãe.

Ao mesmo tempo, é Camille e Sarita que, entre os irmãos, são as que se responsabilizam pelos cuidados de seus pais que na época da pesquisa tinham um estado de saúde bastante debilitado. “Estes dias mesmos tive que ir a Niterói, levar minha mãe na clínica de olhos para fazer os exames da vista, ela só confia em mim”, diz Camille. Não foram poucas as ocasiões nas quais Camille me confidenciou que não voltava a morar sozinha porque sabia que sua mãe ficaria desamparada. Sarita por sua vez ainda quando sua mãe era viva resolveu voltar para o Rio de Janeiro em definitivo e novamente morar com os pais para cuidar da mãe. Sem esquecer de mencionar Laura que ocupava um papel de provedor no seio do grupo “familiar de coração”.

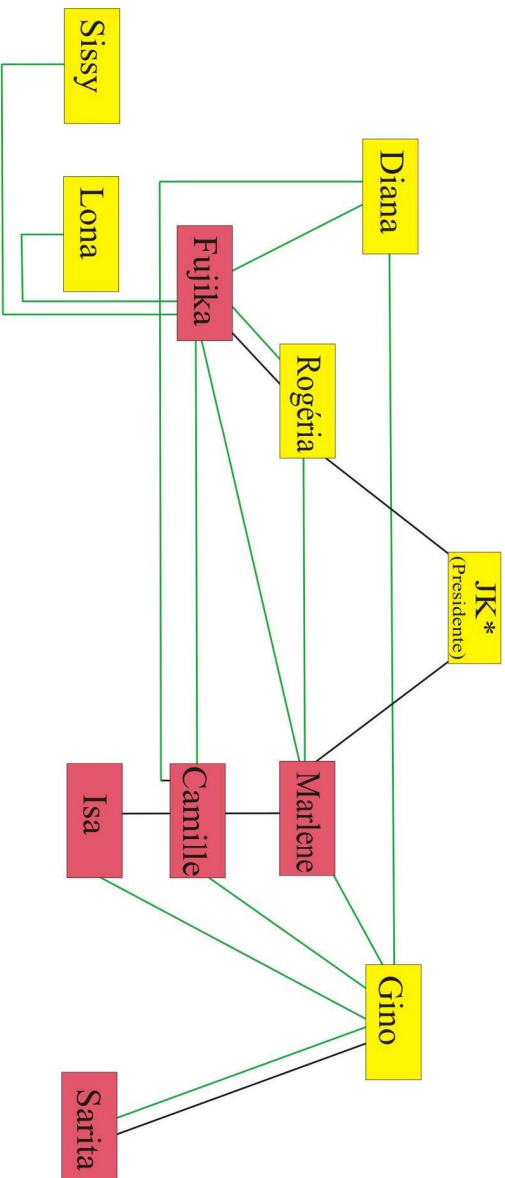
Talvez seja mais interessante deixar os pormenores de tais situações de lado e vislumbrar as conseqüências destas práticas para elas; penso que configura-se aqui um quadro ‘de empoderamento de si’, que não é destacado por elas, mas que é à base deste lugar que elas “tomam para si”, um lugar que, por sua vez, pode representar a manutenção dos laços familiares, ou a criação deles, a oportunidade de retomar vínculos, de ser,

senão ‘compreendida’ pelo menos respeitada e tolerada em suas escolhas. Deve-se considerar ainda, no que diz respeito à articulação entre família e gênero na sociedade brasileira, o fato de que “o trabalho de cuidar de outros é uma atividade que, em geral, é privilégio de mulheres dentro do espaço doméstico”³⁰⁶ (FONSECA, 2000), o que as aproxima ainda mais do universo feminino e é a confirmação de suas feminilidades. Enfim, o que é predominante entre elas é um discurso que salienta a importância da família e da moral familiar. Para Da Matta o valor da família como prestígio se estende por toda a sociedade brasileira, diz o autor: “Quem não tem família já desperta pena antes de começar o entrecho dramático; e quem renega sua família tem de saída, a nossa mais franca antipatia” (1987, p.125).

Afinal já assinalava Silva que a “transgressão” pode conviver com a manutenção de ideário centrado em instituições as mais tradicionais. Neste sentido, Velho (1999a), em seus estudos que tem como foco indivíduos das camadas médias urbanas, pondera que “numa sociedade como a brasileira, em que a hierarquia exerce papel crucial, com a forte crença que cada coisa tem e deve estar em seu lugar, o pertencimento a uma família específica é fundamental no sistema de classificação dos universos investigados até nos processos mais radicais de individualização” (*op.cit.*, p.119). Com relação as minhas interlocutoras, tendo em vista suas narrativas biográficas e trajetórias sociais, fica evidente em seus processos de individualização o ‘peso’ das referenciais familiares de origem. Ao longo de suas trajetórias algumas delas, em busca de conquistar suas autonomias, afastaram-se de suas famílias de origem, em alguns casos de suas cidades de origem, mas este afastamento nunca foi total, pelo menos no que diz respeito ao ‘universo do simbólico’. Por outro lado, parafraseando Roucha-Coutinho (2006, p.101) é oportuno considerar que, apesar da família desempenhar importante papel na transmissão e perpetuação de valores e comportamentos, estes não podem ser dissociados da realidade social mais ampla na qual a família esta inserida. Quando se fala em família na contemporaneidade está se falando, assim, da coexistência e da mistura de diferentes códigos e visões de mundo.

³⁰⁶ Neste sentido, como já apontado por Costa (1978 citado por ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 92) vinculado ao desenvolvimento da família moderna na sociedade brasileira está um processo de redefinição de papéis entre os homens e as mulheres e crianças. Ao homem foi dado o direito de exercer poder apenas sobre a mulher que se tornou responsável pelo bom funcionamento da casa, pelo cuidado e educação dos filhos e pelo bem estar da família.

Rede Social - Turma OK



Legendas

- Interlocutoras
 - Freqüentadores Turma OK
 - Linhas de contato
 - Relações de amizade
- * Falecido

CAPÍTULO IX

Epílogo

Memórias de uma *Diva*

Sassassaricando
Todo mundo leva a vida no arame
Sassassaricando
A viúva, o brotinho e a madame
O velho na porta da Colombo
É um assombro
Sassaricando

Quem não tem seu sassarico
Sassarica mesmo só
Porque sem sassaricar
Essa vida é um nó³⁰⁷

Sassaricando [...]. Sassaricando, cantarolavam alegres e emocionadas Laura e Luiza, e, enquanto cantavam o refrão da música, Laura, deitada em sua cama devido ao tratamento em sua perna, gesticulava com os braços na tentativa de acompanhar a amiga que, a sua frente, balançava sensualmente os quadris e as mãos em um ritmo compassado. Neste momento, eu estava sentada na poltrona ao lado de sua cama, na qual ela sentava-se para se maquilar para os shows e espetáculos. Não apenas as observava com olhos de pesquisadora, mas, acima de tudo, as admirava, me encantava, à medida que a cena se dava no entrelaçar dos fluxos dos tempos. Uma grande emoção tomou conta de mim, e foi Laura que, com sua voz marcante, me despertou a “razão”: a Luiza era do babado [...] sempre saía na rua com um vestido de cintura marcada e saia rodada

³⁰⁷ *Sassaricando* é uma composição de Luiz Antônio, Zé Maria e Oldemar Magalhães de 1952 gravada pela vedete Virgínia Lane. Inspirados na revista *Eu quero sassaricá*, os autores compõem uma marcha que prima pela malícia e pelo deboche passando a mensagem que todos gostam de um sassarico. Foi um grande sucesso da época popularizando o termo que virou moda.

e com uma rosa no cabelo [...]. Luiza sorri e diz que elas eram muito atrevidas e comenta, em tom de admiração, que Laura tinha um corpão lindo! Usava uma blusa preta na cintura, calça branca justa, salto alto e caminhava toda elegante [...]. As duas sorriem em total cumplicidade. Luiza observa que elas já viveram muitas coisas juntas e quem sabe ainda podem fazer shows juntas.

Diário de campo 15/02/07.

A cidade não tem história, ela só pode viver se preservar todas as suas memórias.

Michael de Certeau, (2002)

9.1 As antigas e suas lembranças: na interface entre memória, envelhecimento e cidade

De modo geral, para o senso comum, a memória é percebida como capaz de reter o fluxo do tempo, como resgate do passado e de nossas origens, como principal aliada em nosso combate com o tempo que a tudo destrói e degenera. Por outro lado, discordando de tais pressupostos, inicialmente, neste trabalho, compreendo a memória em termos de Halbwachs³⁰⁸ (2004) enquanto construção social. Não podendo, portanto, ser entendida como uma simples conservação do passado³⁰⁹ (BERGSON, 1990). A memória, para Halbwachs, exige uma relação de diálogo constante entre passado e presente. Deste modo, o indivíduo, ao lembrar, não estaria apenas revivendo suas experiências e sim as refazendo. Gilbert Durand

³⁰⁸ Maurice Halbwachs, seguindo a sociologia Durkheimiana, defendeu a idéia básica de que a memória, por mais pessoal que pudesse parecer, era construída socialmente.

³⁰⁹ Henri Bergson se apóia em uma perspectiva introspectiva para pensar a memória. De acordo com sua abordagem, o passado se conservaria em forma de lembrança em estado latente no espírito (inconsciente). Assim, o passado – e a memória compreendida como a conservação deste – sobrevive, quer chamado pelo presente em forma de lembranças, quer em si mesmo, em estado inconsciente (BOSI, 1994). Existiriam duas formas de memórias, uma sob a forma de imagem-hábito (o eu superficial) e a outra sob a forma de memória lembrança (o eu profundo). De acordo com Eckert, a concepção de duração de Bergson será revista por vários autores, entre eles, Gilbert Durand ao observar que Bergson define duração apoiado em seu sentido mais comum como na expressão desde que dure, ou seja, desde que permaneça, que fique. Questiona, assim, onde estaria em Bergson o que é próprio da duração, que é o ser devir e o passar (ECKERT, 2000, p.157).

também critica Bergson argumentando que a memória, longe de ser uma intuição do tempo, escapa a este no triunfo de um tempo reencontrado, portanto negado (DURAND, 2004, p. 408).

O passado não se conserva inteiro no decorrer do tempo, como analisou Bergson (1990), mas se constrói e se reconstrói a partir de faltas, ausências, lacunas. Portanto, como venho insistindo, a memória se configura como uma reflexão do presente a partir do passado, um passado que vem à tona submetido às experiências do indivíduo no presente. “É por isso que a memória em Halbwachs deve ser vista como espaço não só de seleção, mas de reinterpretação e reformulação do passado, portanto num processo de transformação e renovação de sentido” (TEDESCO, 2004, p.59). Assim, ela seria, ao mesmo tempo, “um fator de identidade do indivíduo e/ou do grupo e a expressão e manifestação do momento presente” (*op.cit.*, p.58).

Simultaneamente, o “trabalho de lembrar” o passado não seria exclusivamente um ato individual implicando, sobretudo, em relações com outros indivíduos: “estamos sempre dependendo das lembranças de outras pessoas para recordarmos e dar a elas legitimidade; nossas lembranças são, portanto, provocadas, estando em constante articulação com os grupos e as instituições sociais com os quais convivemos e que constituem nossas referências” (HALBWACHS, 2004). Diante deste panorama, o indivíduo se apropria dos elementos de sua memória – das lembranças - através de seu pertencimento e interação a um grupo com o qual compartilha as suas lembranças. É neste sentido que devemos entender a noção de memória coletiva em Halbwachs centrada, para o autor, na noção de grupo. Conforme o referido autor, ao lembrarmos, nunca estamos sós:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque sempre temos conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2004, p. 30).

A argumentação central de Halbwachs sobre a memória é a de que, quaisquer que sejam as lembranças e por mais pessoais que possam parecer como resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir de “convenções sociais”, ou seja, por

intermédio dos “quadros sociais da memória” (HALBWACHS, 2004). A memória é, assim, ao mesmo tempo, um fenômeno social e individual. Por sua vez, para o autor, a memória só se constitui a partir de categorias como tempo e espaço em que “um esforço de rememorar cria um espaço e um tempo específicos”, diz o autor. Uma discussão fundamental em Halbwachs com relação à memória coletiva é que esta se diferencia da ‘memória histórica’, pois, “enquanto esta última se caracteriza por transcender os sujeitos e não se concretiza imediatamente nos seus cotidianos, a memória coletiva caracteriza-se, justamente, por aproximar-se da história vivida por uma comunidade afetiva entrelaçada por elos de solidariedade, cujos valores e normas são transmitidos pelos guardiões da memória, donos de uma experiência de tradição” (ECKERT, 2000, p. 59).

Isto posto, faz-se necessário ressaltar - como já apontado em capítulo anterior - que os estudos da memória e do tempo, neste trabalho, pretenderam seguir as linhas de pesquisas realizadas por Eckert & Rocha (2005) que, inspiradas em autores como Bachelard (1989), Ricouer (1994) e Durand (1989), sugerem a realização de uma etnografia da lembrança da duração e das lacunas na duração ao invés de uma etnografia da lembrança do passado. Afinal, como salienta Bachelard (1994):

Não se pode reviver o passado sem o encadear num tema afetivo necessariamente presente. Em outras palavras para termos a impressão que duramos – impressão sempre singularmente imprecisa – precisamos substituir nossas recordações, como os acontecimentos reais, num meio de esperança ou de inquietação, numa ondulação dialética (BACHELARD, 1994, p. 37).

Assim, tomando como referência o conceito de dialética da duração de Bachelard (1989, 1994), que propõe uma dialética do ser na duração numa superposição de tempos pensados e vividos, onde a duração como continuidade psíquica não pode ser entendida como um dado, mas como uma obra, as autoras referidas, ao sugerirem uma etnografia da lembrança da duração, concebem o tempo como uma série de rupturas no processo de trajetória dos grupos e dos indivíduos, compreendendo a memória como conhecimento de si e do mundo, a partir do trabalho de recordar narrado pelos sujeitos (ECKERT & ROCHA, 2005, p. 153-154). Desse modo, a memória das travestis não seria a manifestação de um eu profundo, simples repetição, mas composição do passado e do futuro. Portanto, os trabalhos da memória e da duração são entendidos como

fabricações intelectuais, produtos da inteligência humana que se conduz reflexivamente no mundo, ou seja, construtos da imaginação criadora (ECKERT, 2005, p. 149). Diante deste panorama, contemplar o estudo da memória das travestis é evidenciar a multiplicidade de experiências de indivíduos e/ou grupos já que habitar o espaço da memória é conviver com memórias coletivas, individuais e sociais negociadas, e não simplesmente domesticar um território vazio e opaco, lugar de reativação de tradições perdidas ou da nostalgia do passado (*Ibid.*, p.117). A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. E ao permitir que se volte sobre o passado possibilita, em parte, a reparação dos ultrajes do tempo. A memória está realmente sob o domínio do fantástico porque organiza esteticamente a recordação (DURAND, 2004, p. 409). Tendo em vista que a experiência do envelhecimento é uma das características do meu universo de pesquisa, retomo algumas idéias de Halbwachs (2004) e Bosi (1994) sobre a relação entre memória e velhice. É comum, entre os autores citados acima, que se dedicam à análise e interpretação da memória de idosos, a afirmação de que estes têm mais presentes em suas lembranças coisas do passado. De acordo com Halbwachs (*apud* BOSI, 1994, p.60) o velho, de uma forma geral, se interessa mais pelo passado do que o adulto. Por outro lado, chama a atenção que o velho não espera ser despertado pelas lembranças participando ativamente no processo de evocação, provocando-as, seja através de suas relações com outros velhos, seja através de objetos e lugares. Assim, Ecléa Bosi, ao referir-se às lembranças das pessoas idosas, salienta que é somente através de suas memórias que é:

Possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente que a uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p. 60).

Ao destacar o trabalho de reflexão que a lembrança exige, Bosi enfatiza ainda, inspirada pelas teses de Halbwachs, que nossas lembranças não são, de todo, originais. Muitas delas se “constituíram inspiradas nas

conversas dos outros”, enriquecidas por outras experiências. Portanto, a memória coletiva vai se desenvolver por meio de laços de convivência que podem ser familiares, escolares, profissionais. Por outro lado, salienta que, “por muito que se deva à memória coletiva, é sempre o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a que tem acesso e pode reter os objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p.411).

Desta forma, há, na memória das travestis, algo de imemorial, anônimo, posto que tecida na representação do coletivo que, partindo de um *estar junto* (MAFFESOLI, 1987) traz do esquecimento, lembranças que ultrapassam gerações e se perpetua para além das consciências sociais e individuais. A memória coletiva das travestis atravessa as gerações considerando que está depositada nas estórias narradas e vividas que extrapolam o próprio vivido das sociedades em que elas se inserem quando constroem e constituem seus itinerários urbanos.

Ao mesmo tempo, o pressuposto de se considerar que quando estamos envelhecendo cabe a nós uma potencial capacidade de evocar o passado está, por sua vez, relacionado com as representações da velhice como última etapa da vida na qual o sujeito, afastado de suas atividades produtivas, passaria mais tempo dedicado às atividades reflexivas (FERREIRA, 2000, p.209). Neste sentido, é pertinente trazer à tona a crítica de Bosi quanto à função social dos velhos de lembrar, apontada por Halbwachs. A autora chama a atenção para o fato de que esta função social deve ser relativizada já que nem toda sociedade espera ou exige dos velhos que se encarreguem dela. Seria mais apropriado considerar é que o indivíduo ativo (independente de sua idade) se ocupa menos em lembrar, ao passo que o indivíduo já afastado dos afazeres mais prementes do cotidiano se dá, mais habitualmente, à refração do seu passado (BOSI, 1994, p.63). A memória, atualizada pela categoria lembrança, constitui, ela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida (FERREIRA, 2000, p.208). Neste sentido, as narrativas de memórias das interlocutoras deste estudo nos contam sobre acontecimentos vividos individualmente ou em grupo, de pessoas, de emoções, de objetos e de lugares e, principalmente, de suas formas de sociabilidades, práticas e saberes em suas relações tecidas com a cidade. Ao mesmo tempo em que a própria memória da travestilidade está constituída e entrelaçada à própria história da cidade do Rio de Janeiro.

Por sua vez, vimos que, de acordo com as pesquisas de Figari (2007) e Green (2000), desde a década de 1930, ‘jovens afeminados’ que usavam ‘pó de arroz’ e ‘ruge’ e pinçavam as sobrancelhas sugerindo uma aparência feminina já podiam ser encontrados pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, principalmente no bairro da Lapa. Sendo que, os autores

salientam que suas presenças no cotidiano da cidade, eram circunscritas ao mundo da noite. A presença pública de tais habitantes da cidade desempenhando performances femininas estavam estreitamente vinculadas ao carnaval, que se configura como um dos *mitos de fundação* (ECKERT & ROCHA, 2005) desta forma de viver a cidade, e porque não a própria vida.

Já salientei apoiada em Bosi que as lembranças dos mais velhos se apóiam nas pedras da cidade, sendo que a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva (2003, p.71). Afinal, as memórias individuais e/ou coletivas têm, nos lugares, uma referência importante para a sua construção, já que, as memórias dos grupos se referenciam também nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Portanto, a cidade, a apropriação do espaço urbano, se apresenta como um dos principais quadros de referência das memórias das travestis pesquisadas. Enfim, é como propõe Marques (2005, p.5) a partir das reflexões de Eckert & Rocha (2001)

A memória desempenha um papel essencial na compreensão das lógicas de apropriação dos espaços urbanos na contemporaneidade na medida em que ela organiza o cotidiano e arranja o tempo, tornando contínuo algo que, em si mesmo, é fragmentado e descontínuo, marcado por cortes e rupturas. A memória que os grupos urbanos detêm acerca dos seus territórios de vida é então como que uma luta contra a ação corrosiva do tempo nas modernas sociedades contemporâneas, já que é a memória que mantém vivo os espaços imaginados e os espaços anteriormente vividos pelos habitantes dos grandes centros urbanos, é ela que orienta a nossa vivência cotidiana e a própria vida da cidade.

Parafraseando Canevacci, uma cidade é também, simultaneamente, a presença mutável de uma série de eventos dos quais participamos como atores ou como espectadores, e que nos fizeram vivenciar aquele determinado fragmento urbano de uma determinada maneira que quando reatransamos esse espaço são reativados fragmentos da memória (1993, p.22). Desse modo, a partir das idéias do referido autor, sugiro que a cidade do Rio de Janeiro se anima com as recordações das travestis participantes desta pesquisa sendo que, através de suas memórias biográficas, elaboram-se mapas urbanos. Neste sentido, é possível dizer que a cidade do Rio de Janeiro e seus espaços urbanos se constituem também pelo conjunto de recordações que as interlocutoras elaboram ao seu respeito. É através de

suas memórias que restabelecem determinados vínculos e formas de relacionar-se com a cidade (CANEVACCI, 1993). É através de seus itinerários urbanos e de suas narrativas que as travestis remetem a uma cartografia urbana que foi sendo desenhada com traços fundamentalmente marcados pela experiência da travestilidade. Ou seja, seus modos de viver e habitar a cidade do Rio de Janeiro a partir da experiência de *fazer e ser* travesti. Bosi, ao discorrer sobre as memórias de seus velhos e velhas paulistanos sobre sua cidade, argumenta que é característico do meio urbano afastar as pessoas, “faltam os companheiros que suscitavam as lembranças, já se dispersaram ou já se foram”.

Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos das nossas histórias mais recentes: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Ficamos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida a nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado (BOSI, 2003, p.70).

Sem desconsiderar de todo o argumento da autora referida, e levando em conta que muitas de suas companheiras ‘já se foram precocemente’, penso que é possível relativizar e tratar desta problemática que, em última instância, diz respeito à relação entre memória, envelhecimento e cidade a partir de outras perspectivas. Neste sentido, quero ressaltar, justamente, a importância do coletivo, que sabemos não se reduz ao social como suporte da memória. E, através de um trecho de meu diário de campo, quero exemplificar como as formas de sociabilidade e as dinâmicas cotidianas são fundamentais para a compreensão do fenômeno da memória coletiva tecida na trama da vida urbana carioca:

Enquanto caminhávamos pela Rua do Riachuelo, Raquel comentava comigo suas dúvidas com relação à Dona Cida, não sabia se queria que continuasse a morar com ela [...]. O conflito se deu justamente nesta semana quando Vanuza, após um desentendimento com seu marido, apareceu de madrugada em sua casa e quem teve que abrir a porta foi Dona Cida, já que Raquel, como toma remédios para dormir, não acordava. No caminho, um pouco antes de passarmos pela Igreja, tive uma grata surpresa ao avistar Luiza que estava do outro lado da rua parada na calçada esperando o sinal fechar para atravessar, parecia estar saindo da Igreja. Assim que a avistei falei com a

Raquel e gritamos seu nome. Ao nos ver, nos sorriu e acenou com a mão para que esperássemos. Fazia um bom tempo que não a via, a última vez foi na missa de sétimo dia da Laura. Assim que se aproximou nos abraçamos e nos beijamos. A primeira coisa que Raquel mencionou foi justamente o seu sumiço, um costume de sua parte porque me lembro que a Laura falava sempre isso: a Luiza de vez em quando some e ninguém sabe dela. Ficamos ali paradas na esquina embaixo de um sol escaldante, Raquel aproveitou o momento do reencontro para colocar Luiza a par das últimas novidades de sua vida, o fato de ter se mudado novamente, os problemas com a imobiliária, o trabalho, suas idas ao médico. Luiza, por sua vez, lhe deu alguns conselhos alimentares preocupada com o excesso de peso de Raquel. Conversamos sobre a Laura e a falta que sentíamos dela e do quanto era espirituosa, Raquel recorda os bons tempos do Boêmio quando Laura era a estrela da casa e a boate ficava sempre cheia: Eu ia muito ao Boêmio, sempre tive sorte lá (referindo-se a conseguir programas ou parceiros), inclusive um dos meus maridos eu conheci lá, era muito bom, quando fechava a boate todo mundo ia comer lá na barraca de cachorro quente da Maria. Ainda se lembrava da época na qual batalharam juntas, que dividiram *calçada*. Foi neste período que se conheceram. Fiquei surpreendida com Luiza, sempre tão avessa às recordações, comenta também que às vezes fazia show no Boêmio quando era convidada pela Laura. Por um momento, a melancolia deu o tom da conversa dantes tão animada. Enfim, Luiza resolveu retomar o assunto de seu projeto de voltar a Buenos Aires para tentar receber sua aposentadoria. Todas as vezes que encontrei com Luiza na casa da Laura ela falava sobre isso, seu desejo de voltar a sua cidade natal impedido pelos temores do que iria encontrar lá. Ela mesma que tomou a iniciativa de se despedir, dizia que estava com pressa tinha ido ao Centro para comprar umas coisas de costura, aproveitou para ir à igreja e agora tinha que voltar para casa para terminar seu trabalho, estava costurando um vestido para uma moça que morava próximo a sua casa. Despedimos-nos com a promessa de almoçarmos juntas no próximo sábado na casa de Raquel. Assim que estávamos sozinhas, novamente Raquel comenta: você quer ver como a Luiza vai acabar me ligando dizendo que não vai poder ir? Ela sempre faz isso.

Diário de campo, 10/11/07.

Neste momento, em plena tarde calorosa, a Rua do Riachuelo, na Lapa, se configura para nós, Raquel, Luiza e eu, em um espaço da

sociabilidade pautado por tessituras da memória, uma forma de ‘habitar’ o espaço da cidade que, por sua vez, restaura o tempo passado em pleno tempo presente. Em meio a reminiscências de um determinado imaginário da travestilidade, reatam-se lembranças que se tornam os fios que tecem a trama da cena cotidiana constituída por alguns instantes em um trecho da Rua do Riachuelo. Afinal, é como diz Silvia H. Borelli (1992, p. 90): “para Benjamim, onde existe experiência restaurada, existe a conjunção inevitável entre passado individual e referenciais coletivos, sendo que é a vida cotidiana a que fornece os materiais para a experiência coletiva e individual, porém ambas se correlacionam numa perspectiva dialética”. Deste modo, concordo com Tedesco (2004) quando diz que a vida urbana situa todos nós nas experiências tecidas por memórias compartilhadas em que o tempo do cotidiano e o tempo da experiência se conjugam na consideração de um particular tempo vivido, o tempo da memória. Assim, penso que Laura aqui ‘renasce’ através da fala de Raquel e Luiza, suas parceiras em muitas aventuras, como centro em torno do qual a sociabilidade de ambas é revivificada ou revivida. Como já pontuei anteriormente, à medida que compartilhava os percursos de minhas interlocutoras de pesquisa nos bairros do Rio de Janeiro fui me dando conta que o espaço da rua, principalmente em bairros como Centro, Lapa e Copacabana, permaneciam como lugares de enraizamento de suas redes de sociabilidade.

Foi a partir daí, das redes sociais, que procurei esboçar as relações entre as interlocutoras a fim de demonstrar algumas linhas que ligam as travestis participantes da pesquisa em estreita relação com determinados territórios da cidade e de suas formas de habitá-los e, por conseguinte, as formas sociais (SIMMEL, 1983, 2002) e suas interações em que as redes são tecidas por diferentes ‘formas de ser travesti’ e, conseqüentemente, conformam diferentes estilos de travestilidades. E, neste sentido, sugiro que colocam ‘em jogo’ diferentes memórias e imagens da travestilidade.

9.2 “*Flutuações*”, “*desfiles*”, “*corridas*” e “*pegações*”: itinerários urbanos e sociabilidades de ‘tempos de outrora’

A partir das narrativas biográficas e trajetórias sociais das travestis aqui pesquisadas fui conhecendo seus modos de viver e de estar na cidade ao longo dos tempos. E, neste sentido, pensadas em conjunto, como venho pontuando ao longo da tese, alguns lugares foram selecionados como pontos de amarração (BOSI, 1994) de suas memórias, referências de suas lembranças e marcos constitutivos de suas biografias e de suas experiências como habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, nos termos de Lins de Barros (1997), nos relatos, “a cidade aparece como um cenário onde

acontecimentos tem lugar. Os espaços públicos, alguns instituídos em lugares de memória, ganham este estatuto não porque oficialmente passaram a ser consagrados como espaços simbólicos, mas porque indivíduos e grupos os vivenciam enquanto símbolos da experiência de vida de uma geração ou de grupos sociais” (*Ibid.*, p. 102).



Como já mencionado, duas das regiões da cidade do Rio de Janeiro que sobressaem em seus relatos são o bairro do Centro³¹⁰ e a Lapa. Neste sentido, alguns lugares foram se configurando como territórios de sociabilidade fundamentais ao longo de suas vidas, dotados de múltiplos conteúdos simbólicos³¹¹ representando, ao longo de suas trajetórias sociais, diferentes formas de viver e experienciar estes espaços. Por exemplo, vimos com as interlocutoras Raquel e Laura que o Centro foi sendo circunscrito,

re-configurado e representado como lugar de passeio na infância e na adolescência, lócus de uma sociabilidade familiar ou fraternal. É com muita emoção e, em alguns casos, com um misto de tristeza e nostalgia que Raquel revive os passeios com Dona Mariana, a patroa de sua mãe, pela Cinelândia para tomar sorvete, como também os passeios pela Rua da Alfândega. Camille também se recorda quando saía com seus pais e sua irmã para ir ao Centro, principalmente quando era época de carnaval e iam assistir aos antigos desfiles de blocos na Avenida Rio Branco. É também com muita nostalgia que Laura refaz, através de suas narrativas, os passeios realizados com sua mãe, as caminhadas pelas ruas do Centro para admirar as vitrines das lojas, e os passeios pela Cinelândia. Estes passeios, durante sua adolescência vão ganhando outros significados e passam a ser interpretados por ela como um “divisor de águas” em sua vida: “Ai eu comecei a entender o mundo. Eu tinha medo de revelar o que eu era. Pensando que aquilo não existia. Eu era uma pessoa diferente, mas não sabia por quê. Ali eu comecei a conhecer o mundo gay. Mas sempre me ocultando [...]”.

³¹⁰ Como foi observado por Lins de Barros (1997, 2003, 2006a) em seus estudos sobre memória e uso do espaço urbano por velhos – entre 64 anos e 90 anos – moradores de diferentes bairros do Rio de Janeiro, o Centro da cidade também foi ressaltado como marco de suas memórias.

³¹¹ Para Cassirer (1994) a realidade é construída por diferentes formas simbólicas; deste modo, a relação do homem com o mundo é mediada por um sistema de signos.

‘Ali’, na Cinelândia, ‘começou’ a ‘constatar’ que a ‘diferença’ não era só atributo dela; pôde então se conhecer e reconhecer num processo de identificação com o outro. Deter-se na questão em torno do processo de construção de identidade social é, antes de tudo, reconhecer a dificuldade de localizar identidades estáveis na deriva das identificações fragmentárias que os indivíduos produzem (VELHO, 1981 *apud* SIVORI, 2005, p.17). Ao mesmo tempo, implica em pôr em suspenso, em primeira instância, a idéia de uma essência anterior à sociabilidade na qual se dá o processo de construção do sujeito. Assim, neste momento, a Cinelândia ganha outras dimensões em termos de sociabilidade relacionada à vivência de sua ‘homossexualidade’. Já Sarita, ao referir-se à Cinelândia como território de sociabilidade fundamental em sua trajetória individual e social, articula-o com a experiência da travestilidade revelando a existência de uma rede de sociabilidade com a qual ela se identifica:

Eu frequentei muito a Cinelândia, era o grande ponto, né? Dos travestis, ali era o lugar, da zona sul, todo mundo ia para a Cinelândia, anos 60, início de 60, antes (entonação aguda) já existia, mas no meu caso foi anos 60, 61 por ai, eu já estava na Cinelândia ih fiquei até os anos 70 por ai. Andávamos de uma ponta a outra desfilando para lá e para cá. Foi quando eu conheci todo mundo, fui para a Cinelândia, conheci a Rogéria, Valéria, Eloína e Veruska, aquela turma da antiga mesmo, foi ali que eu me achei, ver que aquilo ali era meu ambiente.

É importante destacar que Sarita, ao dar ênfase à existência de uma determinada rede social, menciona travestis que se destacaram e se destacam no universo travesti e são consideradas personalidades nacionais, como Rogéria, por exemplo. Ela articula este espaço a uma determinada rede de travestis - a de travestis-artistas - e forma de sociabilidade ao mesmo tempo em que, ao inserir-se, demarca sua ‘identidade’ como travesti no presente. Simultaneamente, penso que é possível considerar a Cinelândia como um território da cidade de expressão da memória coletiva deste ‘grupo’.

Neste sentido, me parece interessante retomarmos a experiência de Fujika. Ao narrar sobre sua trajetória social, Fujika faz menção a um encontro marcante em sua vida que se deu em meio a seus percursos na cidade, um encontro que teve como cenário, um tradicional bar localizado na Cinelândia. Refiro-me ao bar Amarelinho destacado por ela em seus relatos como um ‘ponto de encontro’ das travestis que trabalhavam no

Teatro Rival, localizado nos arredores do bar. É necessário pontuar que este bar, identificado como território de sociabilidade, surge também nas narrativas de outras interlocutoras da pesquisa, como Marlene, Jane e Isa, por exemplo, configurando-se assim como um ponto de amarração (BOSI, 1994; ARANTES, 2000) de suas memórias. Um local para encontrar e beber com os amigos após uma ‘exitosa’ noite de espetáculo no Teatro Rival, ou talvez após a ‘sessão de cinema’ no Cine Odeon. Evidencia-se a memória coletiva sendo, portanto, apreendida desde a experiência de uma memória do cotidiano em que o aprendizado de saberes e fazeres (DE CERTEAU, 2008) se dá no contexto citadino noturno em um universo em que as travestis das antigas ocupam espaços do tecido nervoso da cidade (SIMMEL, 1987). Neste ínterim, recorro a um fragmento da narrativa de Marlene que sintetiza a ‘aura’ (MAFFESOLI, 1984), ‘as maneiras de freqüentar este lugar’ (DE CERTEAU, 2008) e as múltiplas formas de interações sociais (SIMMEL, 1993, 2002) estabelecidas:



A Cinelândia era um ponto, tinha muitos cinemas, era um movimento terrível, não tinha essa violência, essas coisas [...]. Não tinha nem travestis siliconizadas, eram as pessoas que eram gays que colocavam enchimento, se vestiam de mulher. As pessoas passavam, já naquela época, famílias passavam, ninguém parava para achincalhar, nada disso. Eu morava em Jacarepaguá. Nesta época, com meu pai e meu irmão. Iam todas. Porque ali atrás da Cinelândia, onde hoje é o Teatro Rival, o Américo Leal, tio da Ângela Leal, foi quando estava terminando o teatro de revista, as grandes vedetes não tinham mais. Ai, ele convidou um grupo de artistas transformistas para fazer uma réplica do teatro de revista com os transformistas, ai ele fez a primeira peça, que foi a peça ‘Vem quente que eu estou fervendo’. Uma peça que estourou! Ficou mais de dois anos em cartaz, lotando. Neste tempo, eu nem sonhava em fazer espetáculo, ia escondido do meu pai e tudo. Justamente por isso se aglomerava todo mundo ali, aquele amarelinho que ainda tem, era cheio de alegria, era isso a Cinelândia Não ia

vestida de mulher, ficava com a mesma roupa que saía de casa, mas [...]. Pintava o olho, colocava um brilho na boca.

Neste trecho de sua narrativa, Marlene traz à tona vários aspectos referentes à Cinelândia como território de intensa sociabilidade em que fervilhava “um movimento terrível”, os cinemas, os bares cheios, as pessoas que passeavam na praça, os grupos de rapazes em pé conversando, ou paquerando, um espaço também para o convívio e o lazer das famílias. Época em que a ditadura militar imperava no país e não se podia sair à rua “vestida de mulher”. Época também ‘na qual não existiam travestis siliconizadas’ em que a feminilidade era marcada através de gestos, olhares, formas de maquilar-se. Evidenciava-se, portanto, um estilo de travestilidade próprio deste período que se constituía no fluxo das interações sociais desenvolvidas naquele espaço; e que contrasta com a definição de sujeito travesti das últimas décadas.

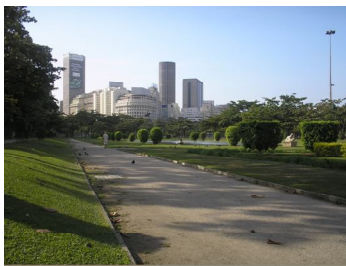
Havia ali aprendizados de saberes e fazeres em que não se saía vestido de mulher de casa, mas se aprendia formas de maquilar, de pintar os olhos e colocar brilho nos lábios para circular naquele espaço. Um espaço urbano e de sociabilidade em que as redes sociais se constituem em espaços de memória, de um ser e estar junto em que o espaço vai favorecer uma estética e produzir uma ética imbricada em uma fidelidade às regras do grupo, frequentemente não-ditas (MAFFESOLI, 1987, p. 22).

Espaço este que também pode ser entendido como ‘refúgio’ em que se podia ser quem era sem disfarces, embora já não seja o mesmo de hoje, em que as referências materiais se perderam ou se transformaram. Neste aspecto, é interessante notar que as referências espaciais não estão mais lá, mas as lembranças permanecem dando à memória um constituir-se em um espaço fantástico (ECKERT & ROCHA, 2000b). Ou seja, os lugares não mais existem fisicamente, mas estão no registro do espaço fantástico da memória e ali permanecem inalterados. Assim, as narrativas das travestis se compõem de uma duração que junta ambos, o tempo vivido e o tempo pensado.

Outro aspecto que aflora nas narrativas em relação aos espaços que se transformam é que estes antigos espaços de sociabilidade ganharam uma imagem inversa. Por exemplo, dos muitos cinemas que existiam restou apenas o Cinema Odeon, o bar amarelinho está lá, mas já não é mais ponto de encontro, palco de tantas alegrias que, ao longo dos anos, foi se transformando em um cenário que suscita outros sentimentos, como os de medo e insegurança, como é corroborado pelo depoimento de Raquel. “Em 70 o bom era a Cinelândia, as famílias iam ao cinema. Hoje em dia é muito

perigoso. Naquela época não tínhamos medo de ficar na rua à noite. Eu ficava na Lapa até as 5hs”.

A narrativa de Raquel não apenas ratifica o desenvolvimento da violência no local, mas, ao remeter a um tipo de sociabilidade vivenciada na época, revela, a partir de suas lembranças, observações sobre os processos de mudanças que a cidade do Rio de Janeiro viveu, as rupturas que sofreu, sendo a violência urbana e a criminalidade (ZALUAR, 1996, 1997, SOARES, 1995) um elemento decisivo para estas transformações³¹². Da ‘passarela’ da Cinelândia, seus itinerários nos levam também a outros lugares do Centro da cidade como a Praça Paris, por exemplo, palco de muitas aventuras:



Ali mesmo na Praça Paris se fazia o concurso de Miss Suéter durante o inverno, era tudo ali na Praça Paris, e os rapazes que freqüentavam a Cinelândia eram o júri. E desfilavam todas, a Rogéria que já era famosa na época. E outras [...]. Eu estava

começando. Então, ficava olhando o movimento e tudo [...]. Nunca participei do concurso. E nem me dava com elas também, sabia do nome delas, quem eram e tudo, mas ficava meio de longe, estava chegando da Bahia recente. Acontecia de noite [...]. De vez em quando estava no melhor do gosto lá [...] polícia! Aí, todo mundo saía correndo, rapazes para um lado [...]. O pessoal pro outro [...]. E quando via que não tinha mais [...]. Voltava todo mundo de novo. Todo inverno fazia o Miss Suéter e o Miss Cinelândia (Marlene).

Aqui, na narrativa de Marlene, podemos observar a contradição entre o que a lembrança inicialmente quer fixar remetendo a um passado idílico, harmonioso e as mostras que as lembranças fazem emergir sobre a vigilância e violência policial que já foi evidenciado nos interstícios das muitas narrativas. Como já mencionado anteriormente, sabemos que ainda

³¹² Em relação à questão do medo e da experiência de vitimização vividos pelas travestis no Rio de Janeiro estreitamente articulada a mudança de hábitos cotidianos, busco inspiração nos trabalhos de Eckert & Rocha (2005) sobre as feições dos medos e das crises no contexto das sociabilidades cotidianas da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

durante a década de 60 – época em que se dão os eventos narrados por Marlene acima - e meados da década 70, sujeitos homossexuais e as travestis no Rio de Janeiro sofriam severas retaliações quando saíam às ruas (SILVA, 1993) principalmente da parte do poder público que, através de seu aparelho coercitivo policial, restringia e tentava regular, no caso das travestis, não somente as atividades de *trottoir* do grupo, mas também qualquer espécie de “aparição” desses sujeitos no cenário social. O que por sua vez, penso, é um componente a mais para corroborar esta imagem afirmativa da experiência da travestilidade de suas juventudes tão presentes em suas narrativas de memórias relacionadas ao desafio da travestilidade como estilo de vida e visão de mundo (VELHO, 1999a) num contexto sócio-cultural da época. Por sua vez, é possível verificar, nas memórias das interlocutoras, imagens descontínuas no que diz respeito às formas de sociabilidade no espaço da rua vinculadas ao universo da travestilidade, ora temos a idéia de discriminação e exclusão social, e ora relatos de integração e inserção nas formas mais tradicionais de sociabilidade nos espaços públicos.

9.3 A pianista *dormiu*: um cabaré muito especial

Pesquisadora: Fujika, e esta outra foto, foi tirada quando? É de estúdio?

Fujika: Não, foi em casa. João, um fotógrafo que foi namoradinho meu. Ai [...]. Eu não conhecia nem o Apolo. Isso foi no começo da carreira menina! Muito antiga esta foto, horrorosa! Demônio, um cão!

Pesquisadora: É de 72.

Fujika: É olha ai [...]. Muitos anos [...] olha o cabelo como era estranho! Não era peruca não!

Pesquisadora: E por que você acha que está feia?

Fujika: Ah claro [...]. Eu acho. Sei lá (rí) eu não tinha nem peito [...]. Não tinha nada! Tinha essa aparência, cabelo enorme! Era castanho escuro, meu cabelo, eu usava só ele não usava peruca não. Tinha um contrato na boate Casanova. Eu cantava na boate Casanova. Tinha um conjunto, eu e a Marlene a gente cantava nós duas. Ah arranjei novo amor no Leblon. Conjunto e tudo [...]. Piano! Ai que corpo bonito que pele tão linda [...]. Amar é tão bom, tão bom. É Fujika? Eu digo: É. Ele tinha o nariz levantado, os olhos verdinhos [...]. Aquela



música do Dick Farney com [...] Lúcio Alves. Beleza da Praia. Ai eu digo: Ele é meu [...]. É meu garoto da praia. Ai ela dizia assim: Se ele é seu é meu também [...]. Pergunta a ela, não deu entrevista? Não falou nada dessas coisas, não?

Se existe uma região da cidade que se tornou conhecida por seus inúmeros cabarés, por sua boêmia e ‘ambiência’ transgressora é a Lapa. As estórias e os mitos sobre essa região são inúmeros e atravessaram as primeiras décadas do século passado, e desde muito cedo se tornou conhecida também por seus ilustres (ou nem tanto) *habitués* e moradores. Por sua vez, desde Madame Satã a Lapa é também vinculada ao surgimento e ao desenvolvimento da travestilidade enquanto fenômeno social, cultural e histórico. Talvez, seguindo as trilhas deixadas por Madame Satã, e outros travestis menos ilustres, para algumas das interlocutoras a Lapa e, um cabaré em especial, são destacados como um dos principais territórios de sociabilidade estreitamente articulado às suas vivências como artistas, como é possível perceber através do fragmento de entrevista supracitado. Não apenas para Fujika e Marlene, mas para Laura também o cabaré Casanova é mencionado como um marco para a sua carreira artística:



Laura: Aqui é o Casanova, olha como é que eram as mesas e as cadeirinhas, tá vendo? Essa é Wanderléia (a direita) que foi ver a gente. Eu, olha como era, elegantíssima, tão bonita [...]. Essa é Caputini, canta que é uma beleza, uma voz que tinha Caputini.

Pesquisadora: E onde ela está?

Laura: Ela [...]. Eu acho que está no Ceará. Então aqui eu fazia show, olha só as perucas lindas

que tinha antigamente, né? Wanderléia [...]. Eu fazia um número dela, “na hora da raiva”.

Pesquisadora: E como eram os shows? Quando trabalhei no Casanova eu era apresentadora, mal chegava à porta o público já aplaudia. Mas era um cabaré mesmo [...], não lotava como lota hoje em dia e tinha uma orquestra, a gente tinha que cantar. Todo mundo bêbado, eu fazia assim (batendo palmas com a mão), batia palma, a pianista levantava tocando piano. Depois eu que lancei a moda da dublagem. Peguei o meu som, uma vez, um som que eu tinha,

né? Botava a vitrola, e tinha que correr. Aquele som manual [...] eu levei as caixas de som para lá, eu botava o disco, botava a agulha no disco e saía correndo para fazer o número, era muito engraçado. Daí por diante nasceu à dublagem.

O cabaré Casanova está localizado desde sua fundação, em 1939, na Avenida Mem de Sá, uma das mais conhecidas e movimentadas da região nas proximidades do Largo da Lapa. E, aproximadamente, desde os primeiros anos da década de 1960 foi, pelo menos para as interlocutoras desta pesquisa, palco principal para o desempenho de suas performances artísticas e do exercício da sociabilidade. Através da generosa fala de Fujika, dando uma “canja” de como eram alguns dos shows apresentados na casa, somos remetidos, pela via dos jogos da memória, no esforço entre esquecimento e lembrança (ECKERT & ROCHA, 2005), à atmosfera alegre e bem humorada do local. Ao mesmo tempo, Laura ensaia uma descrição física do ambiente: decorado com pequenas mesas e cadeiras, um palco com orquestra, com direito a uma pianista cuja desatenção é mais um aspecto pitoresco do local e faz parte das histórias que elas contam deste tempo e deste espaço, ao enquadrarem suas memórias (HALBWACHS, 2004), afinal, outras vezes ouvi delas as histórias sobre esta ‘inusitada’ pianista, personagem de um cabaré da Lapa.

O “tempo” do Casanova, quando algumas delas eram as estrelas da casa, como Marlene e Laura, por exemplo, em diferentes momentos de suas trajetórias é sempre revivido com muita alegria e satisfação e, conseqüentemente, muito saudosismo. Isso não apenas porque suas carreiras artísticas estavam no auge ou em pleno desenvolvimento no qual ganhavam prêmios e troféus, mas também pela natureza das relações estabelecidas entre elas que são rememoradas, logo recriadas e, dessa forma, re-situadas no tempo presente na fragilidade das redes de apoio entre elas. De modo geral, em seus relatos, elas apontam o passado como o tempo quando as relações de amizade entre elas eram mais duradouras, pautadas em fortes laços de solidariedade; poder-se-ia dizer que sugerem que o “meio” era, inclusive, “mais limpo”.

O Casanova era ótimo, no tempo de Benito era maravilhoso. Todo mundo entrava, todo mundo se divertia, a gente fazia show, era ótimo o Casanova. Eu adorava, primeiro eu fazia o Rival depois ia para o Casanova. Eu, Marlene, fazíamos aquela turmazinha e ia para o Casanova. Era ótimo, eu gostava daquela época. Agora não, é tudo na

falsidade, cada uma querendo matar à outra, puxando o tapete da outra. Não tinha esse veneno todo tá, entendendo? Não tinha essa quantidade de travesti, não tinham tantas e as que tinham, uma considerava a outra (Isa).

Nos seus jogos da memória fazem referência ao tempo que passa e transforma as relações, os afetos e os vínculos. Entre o que merece ser lembrado e aquilo que deve ser esquecido, as lembranças selecionadas falam de suas redes sociais e, por extensão, das formas sociais de travestilidade de sua época, aquelas que constituem uma memória de tempos de solidariedade, de parceiras, de harmonia, guardando as tensões e os conflitos para a socialidade (MAFFESOLI, 1984) do tempo presente. No entanto, vale lembrar junto com Maffesoli, inspirado nos trabalhos de Simmel (2002), que toda socialidade é conflituosa, toda harmonia é fundada na diferença e que, mesmo na troca mais estereotipada, como a relação amorosa, seu contrário está em jogo (MAFFESOLI, 1984 p. 39).

Eu fui trabalhar no tempo que o cabaré era com mulheres, com Bete Nando, iam trabalhar, mulheres que chegavam batiam cartão, ficavam nas mesas esperando cliente e tudo, eu peguei essa época, tinha um conjunto ao vivo e eu cantava ao vivo, era um cabaré de mulheres e que tinha show de travestis no meio da noite, três horas da manhã por aí. Mem de Sá só cabarés. A sociedade com a curiosidade de conhecer o que era um cabaré da Lapa, o que é que faziam? Iam para as boates e no final da noite, quatro horas da manhã [...] quantas vezes eu entrei em cena, e me deparei com Carmem Marynke e Veiga, Maisa, gente de sociedade, Walter Clark invadiu um dia com Sandra Bréa e finado Silvinho, eram pessoas assim que iam ver o que era o cabaré Casanova, e lá assistiam nosso show. E Madame Satã que era aquele grande [...] bandido e tudo [...] já era um senhor de cabelo branco e tudo [...]. Ia sempre assistir nosso show. (Marlene).

Por fim, Marlene, em suas recordações, nos convida a conhecer um pouco mais deste lugar e as interações que eram estabelecidas, o que nos coloca diante do fato de que a travestilidade não é só festa, só glamour, só luxo, é constituinte e constituidora de uma força de trabalho e do mercado existente que pode conduzi-las longe, até mesmo ao exterior, aos shows ou

a outros espaços, assim como cria, em torno delas, uma infra-estrutura que se compõe e se volta para o mundo da maquiagem, da manicure, da costura, da criação.

Aliado a estas redes de sociabilidades e de trabalho, outras redes são tecidas para além de seus espaços, mas são redes que se compõe de artistas de televisão, de teatro e de casas de shows. Trata-se, assim, de sociabilidades lúdicas, portanto não conflitivas em que, em alguns aspectos, todos comungam estilos de vidas e visões de mundos próximos. Neste sentido, no interior do cabaré conviviam e interagiam mulheres prostitutas, travestis, personagens da sociedade carioca, celebridades nacionais e até uma célebre figura do lugar, Madame Satã, ao mesmo tempo artista, 'bandido' e 'velho', como mais um elemento que compunha o exotismo do lugar, exotismo esse fundamental para a gestação desta sociabilidade lúdica. Por sua vez, acredito que é possível pensar o Cabaré Casanova como um dos mitos de fundação do universo da travestilidade quando recordam e revivem a sociabilidade hedonista e lúdica. Ainda que não possamos deixar de considerar a presença da dimensão do trabalho e da profissão vivenciada no Cabaré Casanova, ali se sentiam reconhecidas, admiradas, acolhidas, sentiam-se parte do lugar.

9.4 Noites de *fantasia*: os carnavais que não voltam mais

Pesquisadora: Era só um dia o baile dos enxutos?

Camille: Não [...]. Tinha os pré-carnavalescos, depois do natal e do ano novo começava todo sábado, depois ia o carnaval todo! Todos os dias, sexta, sábado [...]. Sexta feira era a noite quente, tinha também o grito do [...]. Numa rua, que era sexta-feira, que era um grito de carnaval que faziam na rua e botavam palanque, todo mundo desfilava, e sábado e domingo, segunda e terça era o baile dos enxutos no cinema São José. Teve baile também no Teatro República, no João Caetano, tinha muito bailes, eram monumentais, com desfiles de fantasias, uma vez eu até ganhei um desfile de fantasia tirei em terceiro lugar

Eu era anfitriã no cinema São José onde era o baile dos enxutos na época de carnaval, continuava o cinema na parte de cima, e embaixo eles tiravam aquelas cadeiras todas para fazer aquele salão

enorme para fazer o baile dos enxutos. A entrada com o salão enorme, a parte de cima com cadeiras. E aqui (falando da entrada do cinema) na ocasião de carnaval eles faziam uma passarela porque as famílias iam para porta vê as entradas dos travestis, as fantasias, eles faziam uma passarela aqui na porta. (Marlene)

De acordo com Roberto Da Matta (1997), o carnaval é um ritual de inversão, de troca de posições sociais, é a oportunidade de fazer tudo ao contrário: viver e ter uma experiência do mundo como excesso – mas agora como excesso de prazer, de riqueza, de alegria e de riso, de prazer sensual que fica – finalmente, ao alcance de todos (DA MATTA, 1997, p. 73). Visto como um momento de *communitas*, serve, no entanto, para manter a hierarquia e a posição das classes. Por outro lado, James Green (2000), apoiando-se na análise de Maria Pereira da Cunha sobre a história do carnaval carioca, compreende que, tendo como base o entrudo, as festas carnavalescas devem ser vistas menos como um espelho invertido da estrutura social do país e uma expressão de igualitarismo comunitário do que como um momento no qual as diferentes classes sociais expõem suas feridas e seus conflitos cotidianos. Sugere que travestir-se durante o carnaval seria mais que simplesmente inverter papéis de gênero e códigos de vestuário socialmente definidos, revelando tensões sociais profundamente arraigadas. (*op.cit.*, p.334).



Para as interlocutoras desta pesquisa, o carnaval, mais do que significar um ato de inversão, propiciava a oportunidade para uma intensificação de suas próprias experiências como sujeito que transgride as fronteiras dos gêneros e do sexo socialmente padronizadas (GREEN, 2000, p.335). Ao trazer à tona os antigos carnavais retomados em suas narrativas, estes são reelaborados pelas travestis como espaços de transmissão e recriação de uma memória coletiva deste universo, e articulados às questões de gênero e corporalidade, temática já discutida no capítulo seis da tese.

Deve-se ter em conta o caráter espetacular dos carnavais daquela época na cidade do Rio de Janeiro, dos grandiosos bailes realizados pelo governo no Teatro Municipal com seus luxuosos concursos de fantasias; um

carnaval de projeção internacional que recebia os mais ilustres foliões. Algumas interlocutoras, inclusive, salientam que este período era extremamente oportuno para ‘ver de perto’ alguns dos artistas que viam nas telas de cinema. Basta folhear as revistas Manchete e Cruzeiro, especialmente entre as décadas de 50, 60 e 70, que se verifica a presença, entre os foliões da cidade, não apenas de celebridades do mundo artístico, mas também de personalidades do universo da política e da moda, por exemplo. Nota-se que um dos bailes mais citados por elas é o Baile dos Enxutos que acontecia nas dependências do antigo Cinema São José, localizado nas imediações da Praça Tiradentes, que também foi absorvido pela indústria do turismo, e que atraía ampla cobertura da mídia e participantes do mundo inteiro (GREEN, 2000, p.332).

Mas, de qualquer forma, o baile dos enxutos era um daqueles momentos esperados com ansiedade e euforia, como podemos perceber através de suas falas, de suas lembranças que pinçam no íntimo do que é hoje, as lembranças que quer fixar de momentos vividos. Assim, sendo um dos componentes fundamentais desta maratona carnavalesca, o traje para o baile, cada dia pedia uma roupa e/ou fantasia diferente, acompanhada de cabelos, maquiagem e acessórios que compunham a indumentária. Os bailes são, portanto, revividos por elas como um momento extremamente significativo em suas vidas, de reconhecimento pessoal e até certo ponto também social.

É recorrente entre elas, quando querem enfatizar a qualidade dos bailes de outrora, compará-los com os bailes de carnaval Gala Gay promovidos por uma casa de espetáculo localizada no Leblon: “os bons mesmos eram os bailes que tinham na minha época. Agora elas vão para esse Gala Gay do Scala só para se exibir e falar besteira”. Os antigos bailes e, principalmente, os dos Enxutos recordados como momentos de glória, de entradas triunfais, quando desfilavam com orgulho seus elegantes e glamorosos vestidos, cenários e época onde podiam desempenhar suas performances femininas. Brincar o carnaval representava, acima de tudo, levar ‘a sério os gêneros’. Afinal, já dizia Huizinga (1993) ao falar da brincadeira e do jogo que estes têm a qualidade de envolver os participantes seriamente naquilo que está acontecendo, lugar onde os participantes podem ser livres da vida real. Nos bailes da atualidade, por sua vez, elas são, em grande medida, motivo de deboche, chacota e, principalmente, confrontadas de forma cruel com sua condição de ‘velhas’.

Assim, é possível observar que, de acordo com a maior parte das travestis, as representações dos bailes daquela época apontam para uma aceitação positiva de suas presenças no carnaval como, principalmente, para o papel de destaque que ocupavam: eu era esperada, acentua Camille.

Marlene completa: “eles faziam uma passarela porque as famílias iam para a porta ver as entradas dos travestis, das fantasias; eles faziam uma passarela na porta”. Por sua vez, Helô (72 anos), Gilda (60 anos) e Laura (64 anos), na época do mestrado, apresentam pontos de vistas bastante contraditórios sobre o mesmo ‘fenômeno’:

Cabe evidenciar que, para Helô, esses bailes aparecem sempre como um momento de glória total. Em nenhum momento ela destaca alguma espécie de retaliação por parte da população, o que já aparece no depoimento de Gilda e de Laura, por exemplo, que, apesar de falarem com entusiasmo desses bailes, observam que durante o carnaval eram constantemente xingadas e ameaçadas de forma ostensiva por algumas pessoas nas ruas (SIQUEIRA, 2004, p.64).

Estes matizes aí observados, me parece, fortalecem a argumentação de James Green (2000), ao salientar que a apropriação homoerótica do espaço durante as festividades carnavalescas tem sido um processo longo e árduo. Tal aspecto é visto pelo autor como sendo acomodado de forma desigual pela sociedade brasileira, oscilando entre a aceitação e a repressão, a curiosidade e a repulsa. No entanto, apesar das interlocutoras da pesquisa, com suas diferentes performances nestes bailes, ora como travesti, ora como “gayzinho”, citarem a existência de situações de conflito, preconceito, discriminação e repressão policial, nada disso parece apagar o brilho e o significado destas comemorações carnavalescas e, em consequência, uma memória coletiva da travestilidade no contexto cidadão do Rio de Janeiro.

Talvez justamente por serem conscientes que a apropriação de tais espaços foi sendo feita, como diz Green, através de um processo longo, porém para elas sem valorizar o tão “árduo”, que atualmente reivindicuem, não só seu lugar, nestes espaços, como aproveitem para dar uns “puxões de orelhas” nas mais jovens para quem, argumentam, “abriram caminhos”. Ou como nos diz Bosi, “aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor. As idéias de memória e conselho são afins: memini e moneo, 'eu me lembro' e 'eu advirto' são verbos parentes próximos” (BOSI, 1994, p. 399). Assim ao demonstrarem que tem condições de advertir e dar uns “puxões de orelhas” nas mais jovens, as mais velhas estariam, não só tecendo lembranças em suas memórias, mas

reclamando um lugar na constituição da memória das mais jovens. Como precursoras na constituição destes espaços da travestilidade carioca, se consideram elas próprias, de certa forma, ‘mitos de fundação’ (ECKERT & ROCHA, 2005) deste universo travesti.

Para além dos limites do circuito do centro da cidade, outros itinerários e sociabilidades rememorados por nossas interlocutoras deixam a descoberto novos territórios. Assim, o bairro de Copacabana, com seus bares, boates, teatros, é revivido como palco das mais variadas e instigantes interações sociais. Sem dúvida, um dos locais recorrentes em suas lembranças é a Galeria Alaska, localizada mais exatamente na altura do posto seis, como elas mesmas nos contam:



Ah, era maravilhoso [...]. Ali na frente, o pessoal ficava tomando chope. Era um movimento muito bom, sabe? O teatro tinha uns espetáculos [...]. Na época, eu estava fazendo dois espetáculos lá; eram O Gay Girls e o Hollywood

Gay. Eram dois, terminava um e entrava em outro. E era maravilhoso, muito alegre. Agora não tem mais não, fechou tudo, né? Acabou tudo, né? Não tem mais (Fujika).

A galeria era uma coisa muita movimentada, pívetes, travestis, meninos de rua, moradores, aquela galeria como Agnaldo gravou a música, a galeria do amor, uma mistura. Até que Eloína fez um espetáculo: A Noite dos Leopardos. Eram vinte rapazes nus em cena, foi uma coisa estrondosa, senhoras, mocinhas faziam des-pedida de solteira. Tinha um teatro, bares, duas boates, Katacom-be e Sótão, embaixo do teatro tinha um cinema pornô. Agora o que tem é igreja, o cinema virou igreja, a boate também virou igreja (Marlene).

Marlene e Fujika nos remetem a um lugar que se caracterizava por uma intensa sociabilidade configurada a partir de relações sociais entre pessoas das mais diversas camadas sociais onde imperava a convivência, pelo menos por alguns momentos, de diferentes grupos em que o espaço lúdico compõe uma memória em que o campo das travestilidades vai sendo montado. A Galeria era um dos principais espaços de sociabilidade

homoerótica na cidade durante as décadas de 70 e 80 (PARKER, 2002), neste lugar de lazer, de interações eróticas, ‘diversão exótica’ e de aventura, por sua vez, inserido em uma rota turística nacional e internacional vislumbrou-se o consumo do gênero travesti através de seus espetáculos e shows realizados principalmente no Teatro Alaska. Da mesma forma, nos jogos da memória, o Rio de Janeiro de ontem e de hoje se diferencia apontando-se para ambos o tema da acomodação do tempo, o do mundo e o do subjetivo, o tempo vivido e o tempo pensado, num esforço de compreender o seu *si-mesmo* (RICOUER, 1991) neste processo de descontinuidades da cidade. Os espaços de sociabilidade eram, por um lado, um local de trabalho para elas, principalmente de reconhecimento artístico e legitimidade social. Ali se constituíam seus itinerários urbanos no interior de algumas profissões que cercam este universo simbólico da travestilidade, como manicures, maquiladoras, costureiras, cabeleireiras, artistas. Por outro lado, locais também de encontros com os amigos para tomar um chope e para o bate-papo informal. Mas eram também lugar de conflito (SIMMEL, 1983) no interior do lúdico no sentido mais de uma sociabilidade agonística que parece ser característica da estética deste universo em que se conjugava os primórdios de uma sociedade de consumo da cultura do espetáculo.

A partir dos trechos de suas entrevistas, vislumbram-se mais uma vez, uma memória das mudanças ocorridas neste espaço: agora virou tudo “igrejola”, diz Marlene remetendo-se à ocupação maciça por diferentes congregações evangélicas dos antigos lugares que configuravam a Galeria Alaska, o teatro Alaska, e as boates. Aqui, a memória coletiva destes ‘territórios-mitos’ da travestilidade no contexto urbano do Rio de Janeiro vai se compondo e, de certa forma, incluindo lembranças sobre a transformação de espaços, de profanos a sacralizados. Com isso, inicialmente, a perda da referência física da Galeria leva as travestis a um nomadismo, sendo que passam a trabalhar em saunas e outros shows, até que, se recompondo em suas descontinuidades, outros territórios passam a ser buscados e apreendidos como de sua sociabilidade.

De todo modo, em linhas gerais, a “época da Galeria Alaska” é lembrada com muito orgulho para elas. Este sentimento de orgulho está, como já destaquei, quando falo do Cabaré Casanova, relacionado a um momento de glória de suas carreiras artísticas devido não apenas ao fato de



ser um período de intensa atividade neste campo, mas, em grande parte, porque eram vistas e admiradas por pessoas dos mais diversos segmentos sociais, e principalmente por artistas não travestis, muitos deles celebridades nacionais. Por sua vez, estes territórios de sociabilidade ganham recortes hierárquicos próprios e em relação à própria cidade. A seguir, na fala de Sarita, emerge uma apropriação inteligente e astuciosa (DE CERTEAU, 2008) de determinados espaços na cidade constituídos em territórios de sociabilidade relacionados à vivência da homossexualidade e da travestilidade:

Copacabana era um lugar que elas não vinham muito não; porque Copacabana de noite, se passasse na Miguel Lemos de noite e a Figueiredo Magalhães dando pinta e se rebolando pela rua levava pau e batiam na gente e corriam atrás e davam curra nos viados. Na Avenida Atlântica, a mesma coisa. Se pegassem fazendo pose ou fazendo gracinha [...]. Bicha não anda sozinha, né? Anda de cinco, seis; Então nós começamos a fundar locais. A inteligência era fundar local, porque eles não iam poder me tirar de dentro de um Alcazar, onde as bichas mais velhas começavam a sentar quietinha com aquelas caras bonitas maquiadinhas. Não demais. Não era nada de batom, só um riscozinho dentro do olho, um brilhinho, aquele cabelo jogado de cá, aquelas bichas lindas [...]. Como você vê no cinema na França, tomando um café, um drink. Uma coisa assim. Foi assim que nós fomos entrando. Fundavam-se barzinhos, tinha uma galeria perto do posto seis que saía de um lado para o outro e a gente sentava nesta galeria. Não eram todas, aí eram bichas de Copacabana, Zona Sul. Da Zona Norte até Grajaú e Tijuca porque eram os melhores bairros; porque passavam para cima, elas já não vinham para cá, elas ficavam pela Cinelândia mesmo. E tinha os buracos quentes. As bichas adoravam ir para os buracos quentes. Iam para a Cinelândia, iam para a Lapa, andavam pelo buraco da Maisa, no largo do São Francisco onde os homens botavam o peru para fora para fazer xixi, fazer pipi. Bicha gostava dessas coisas. Iam ficar na Quinta da Boa Vista, na ponte de São Cristovão, esperando os soldados passar. Eu mesma morei ali na Tijuca, eu com minhas amigas, aonde a gente se encontrava? Quando não era na

Praça Saens Pena, que levava curra na Praça Saens Pena, que fazia medir o lago e jogava dentro do lago ainda.

Através do relato de Sarita vê-se que os recortes hierárquicos característicos dos territórios de sociabilidade têm como referência a própria segmentação espacial da cidade do Rio de Janeiro. As ‘bichas’ da Zona Sul e dos bairros mais nobres da Zona Norte, como Tijuca e Grajaú, que freqüentavam Copacabana em contraponto com as ‘bichas’ do subúrbio. Indica-se, assim, um recorte de classe nestes espaços e uma diferenciação a respeito dos estilos de vida, além das diferenças com relação às interações sociais estabelecidas nestes espaços de sociabilidade ‘homoeróticas’. Seu relato também traz à tona a existência de manifestações violentas por parte de determinados segmentos da população. Sarita refere-se especialmente às chamadas ‘turmas de rua’, presentes em Copacabana, o que também foi pontuado por Camille e Jane. Outro território de sociabilidade recorrente em suas narrativas é a boate Alfredão, localizada, na época, na altura da Praça do Lido em Copacabana, um território representado por elas com forte presença do recorte de gênero e corporalidade:

É, o Alfredão. Era uma casa que era de travesti, de gay (se corrige), travesti, bicha como nós, eu Marquesa, Rogéria, Eloina, nós não nos misturávamos para entrar nesses locais. A não ser quando era nosso, com outro tipo de homossexualismo, nós nunca fomos bicha gay, nos fomos bichas femininas, então tinha que ser lugares que nós podíamos mostrar o que nós éramos, nossa luta era mostrar o que nos éramos: as mulheríssimas! Não querer ser mulher, mas ser artista, mas vestida de mulher, andar de mulher, entendeu? (Sarita).

A fala de Sarita nos remete também, além de uma memória relacionada à ação da polícia, às variações do universo da travestilidade em que termos como ‘gays’, ‘travestis’, ‘bichas’ remetem aos modos que elas se movimentam, se reconhecem e são reconhecidas em um sistema classificatório. Aliado a isso, nestes espaços em que tecem seus itinerários, a Cinelândia se mostra como um lugar de enraizamento das travestis oriundas dos subúrbios, diferente das de Copacabana. Há, aí, a presença de *circuitos* entre bairros e suas destinações, compondo uma memória coletiva do universo da travestilidade na cidade do Rio de Janeiro no que diz respeito às astúcias e táticas (DE CERTEAU, 2008) deste universo e de seus percursos

urbanos. Há aí também a própria memória coletiva de um determinado grupo, memória esta estruturada com suas hierarquias e classificações; memória que, ao definir o que é comum a um grupo, marca o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimentos e as fronteiras socioculturais (POLLACK, 1989, p. 3).

9.5 Os territórios de *pegação*³¹³:

No que se refere às senhoras em questão, alguns lugares foram apontados em seus relatos como propícios para o exercício da ‘pegação’, ou seja, territórios vinculados às interações sexuais. Parker (2002), em suas pesquisas, procurou dar conta de uma topografia do desejo homoerótico no Rio de Janeiro, destacando um espaço urbano extremamente erotizado quando se fala de sujeitos como travestis, gays, michês e seus clientes. Através das falas de seus entrevistados, o autor traça um mapa erótico-sexual que circunscribe um circuito gay com bares, boates, praças, cinemas, ruas, entre outros.

Em alguns desses territórios se estabelece uma estreita relação entre sociabilidade e sexualidade, espaços onde se encontram parceiros sexuais e se pratica o sexo ocasional com mais liberdade ou que serve como local para a paquera que resulta em atividade sexual em alguma “hospedaria” ou hotel da cidade. O Aterro do Flamengo³¹⁴ foi sem dúvida um desses espaços recorrentes nas narrativas das travestis, como se pode dar conta através dos trechos a seguir:

Construíram o aterro em 60 para fazer o congresso eucarístico, então depois que construíram o Aterro é que ficou bom. A praia do Flamengo foi construída com o Aterro que veio do morro do Santo Antônio, do Largo da Carioca, foi aterrado aquilo tudo, fizeram o parque do Flamengo, isso foi em 60, quando foi feito o congresso eucarístico. O Papa João 23 veio ao Brasil, resolveram fazer ali, o primeiro congresso eucarístico da Sul América, essas coisas eu me lembro tudo, era muito bom. E tinha umas pedras, uma prainha ali que os travestis ficavam, onde tinha umas pedras, uns entulhos que eram da obra do Aterro, os gays ficavam lá transando

³¹³ Pegação é um termo êmico utilizado para referir-se a busca de parceiros sexuais.

³¹⁴ O Aterro do Flamengo oficialmente denominado Parque Brigadeiro Eduardo Gomes estende-se do Aeroporto Santos Dumont, no Centro da cidade, pela praia de Botafogo na Zona Sul tendo sua maior parte ao longo da praia do Flamengo.

com os rapazes, e me chamavam. Eu era travesti já. Já descia, botava meu sutiã, já tinha meu peito, meu corpo feminino, descia e ficava lá nas pedras, jogada, me queimando nas pedras. Ai passava os iates, paravam lá para pegar a gente, nós, travestis. Às vezes, eu tava lá, o iate vinha apontava para mim, era eu. Parava um pouco distante, empurravam uma escada, um negócio que eles empurram para encostar nas pedras, eles apertam um botão e saia um troço. Então, eu trepava nas pedras em cima daquilo e entrava no iate. Já fazia prostituição, era muito bom fazer prostituição na minha época, fazia prostituição dentro de iate. (Raquel).

Eu ia muito aqui [...] freqüentei muito esta praia, umas pedras que tinha [...] aqui já é no fim (referindo-se ao postal) lá no início onde tem aquele negócio dos militares, como é, aquela homenagem aos soldados, a gente entrava lá dentro, não tinha nada disso, eram umas pedras, pedrona, a gente ia para lá, eu, Rogéria, todo mundo, e os bofes sabiam que a gente ia para lá, os rapazes, a gente ficava lá, tinha mato [...] era só mato e pedra. (Marlene).

Segundo nos relata Raquel, o Parque do Flamengo foi construído, a princípio, com o propósito de sediar um evento da Igreja católica, de grande importância e proporções internacionais: a vinda ao Brasil e à cidade do Rio de Janeiro da autoridade máxima da Igreja, na época Papa João 23. No entanto, aproveitando o “descuido” do poder público, gays e travestis apropriaram-se, a seu modo, de algumas áreas do parque para suas vivências sexuais e para o desenvolvimento de redes de sociabilidade. A narrativa de Raquel nos coloca diante, mais uma vez, da problemática em torno da normatização dos espaços públicos nas sociedades moderno-contemporâneas e dos saberes e fazeres dos indivíduos que, ao atravessarem as barreiras do normativo, imprimem sua marca ao espaço que ganhará forma e significado a partir do modo como os sujeitos o habitam.

É recorrente, em suas narrativas, destacar o Aterro do Flamengo como um território de sociabilidade, mas de uma sociabilidade estreitamente relacionada à sexualidade que poderia, dependendo dos atores sociais e das maneiras de freqüentar o lugar (DE CERTEAU, 2008), ganhar outras conotações. Em alguns casos, voltado para a prática do sexo ocasional em outros vinculado ao exercício da prostituição, como fica claro a partir da fala de Raquel. Se, por um lado, este território não ganha a

mesma ambiência glamourosa presente nos espaços relacionados à atividade artística, através da narrativa de Raquel e no 'espaço fantástico de suas memórias', esta ambiência é resgatada para o universo da prostituição de sua época, pois, recorrendo novamente a Durand (2002, p. 402), a memória pertence ao domínio do fantástico, dado que organiza esteticamente a recordação.

Ao mesmo tempo, cabe esclarecer que a apropriação subjetiva do Aterro como território de sociabilidade homoerótica estava submetida a determinadas fronteiras simbólicas que separavam, por exemplo, quem freqüentava o lugar dos gays e os gays das travestis, e das travestis entre elas. Para ser mais exata as áreas do Aterro freqüentadas por Marlene e seu grupo não eram as mesmas freqüentadas por Raquel. Por sua vez, de acordo com seus relatos, a prática da *pegação* não se dava apenas no Aterro do Flamengo. Outros locais também foram salientados por elas como, por exemplo, os cinemas espalhados pelo Centro da cidade, Odeon, Orly, Captólio, Iris, Vitória³¹⁵. Tais espaços já foram destacados por Parker (2002), Green (2000) e Figari (2007) como tradicionais territórios de interações homoeróticas na cidade já desde a segunda metade do século XX. Mas a utilização destes lugares não se restringia às interações sexuais:

Para te dizer a verdade eu nunca gostei muito desta estória de sentar em cinema e ficar pegando em coisa. Naquele tempo existia muito bofe lindo que adorava e queria essas coisas. Os cinemas eram ótimos, existia o Iris que existe até hoje, o Odeon, o Pathe lá embaixo e sempre aparecia essas coisas. Era um ritual, né? Ver Ben Hur, ver Covadis, os Dez Mandamentos, a Noviça Rebelde, essas coisas todas. Todas iam ao cinema, filmes de Raquel. Quando apareceu a Raquel com Toni Curtis vestido de mulher era um escândalo, todo o filme com essas coisas de viadagem a gente tava para ver, né? Ai apareceu a Sarita Montiel com aqueles trajes, uma mamava e outra já era fã. (Sarita).

Deste modo, os cinemas eram também um espaço para a socialização entre elas, de aprendizado e aperfeiçoamento de suas

³¹⁵ O cine Vitória, localizado na Rua do Senado não funciona mais, restando o prédio em péssimo estado de preservação e o Capitólio foi demolido para a construção de um edifício comercial. O Orly e o Iris, ambos ainda em funcionamento, atualmente são cinemas pornôs. O cinema Odeon, localizado na Praça da Cinelândia, há alguns anos passou por um processo de remodelação em suas dependências visando sua revitalização e modernização.

‘performances de gênero’ tendo como referência o ‘imaginário feminino’ veiculado pela indústria cinematográfica norte-americana e também pelos filmes brasileiros. Como já mencionado no capítulo seis da tese, os gestos, as posturas, a voz, os olhares, as roupas e, principalmente, as ‘personagens’ femininas, no sentido de modelos de feminilidades que surgiam nas telas do cinema eram matéria de suas construções do gênero feminino. Isto não se dava apenas com esta geração de travestis. Como acentua James Green, já na década de 30 do século passado, as ‘bichas femininas’, para usar uma expressão de Sarita, se inspiravam nestes modelos para criar suas performances de gênero feminino.

Sobre seus espaços de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro, como o bairro da Lapa e a Cinelândia, os bailes e os teatros localizados na Praça Tiradentes, o Aterro do Flamengo, a Praça Paris, os cabarés da Praça Mauá, se vislumbra a construção de uma memória social do grupo, apesar das diferenças em seu seio no interior das intrigas que pautam suas narrativas biográficas, baseadas por valores positivos em contraste com a experiência da travestilidade na atualidade. No olhar do presente sobre o passado, as travestis lembram alguns aspectos de suas vidas e esquecem outros. E assim, procuram fazer concordar uma experiência discordante do tempo, ou seja, o universo simbólico da travestilidade com seus territórios, itinerários e formas de sociabilidade do tempo passado e do tempo presente concomitante à experiência de envelhecimento e da morte.

No plano dos jogos da memória, ao mesmo tempo, é interessante perceber como as diferentes vivências de um determinado lugar podem traçar caminhos que ora levam ao luxo, ao glamour e à diversão, ora podem levar a episódios considerados violentos e dolorosos em uma constante tensão da memória que perpassa e é perpassada por alegrias e constrangimentos, lembranças e esquecimentos (ECKERT & ROCHA, 2005). Sugiro que os lugares da cidade relatados pelas interlocutoras da pesquisa, numa intensa sinergia entre espaço físico e formas de sociabilidade, podem ser compreendidos como territórios-mito deste universo que conformam uma memória coletiva da travestilidade que vai além de suas experiências geracionais.

Assim ‘apesar dos pesares’, ou seja, apesar de uma sociedade e regime coercitivos a travestilidade surge em suas memórias envolta por uma aura de misticismo e encantamento num mesmo movimento que suas representações sobre a cidade do Rio de Janeiro de um ‘tempo antigo’ onde predomina uma noção do Rio de Janeiro do *glamour* articulada por sua vez, com determinada idéia de uma ‘experiência de travestilidade’ também de ‘ontem’, da qual elas se elegem como representantes e sobreviventes.

Os itinerários urbanos e territórios de sociabilidades aqui evocados pelas travestis integrantes desta pesquisa, justamente por serem entendidos como “nichos de sentido” (ECKERT & ROCHA, 2005), são pensados a partir das possibilidades de interações sociais que suscitaram e que ainda suscitam, onde são delineadas posições de sujeito e performances de gênero, tais como o “gayzinho”, a “bicha feminina”, a “travesti”, a “travesti-arte”, dimensões fundamentais para o processo de configuração de um determinado “ethos travesti” que comporta diferentes estilos de vida e visões de mundo.

Apesar da predominância, no caso das interlocutoras deste trabalho, de auto-identificação como “travesti-arte”, ou artista, este “ethos” se configura a partir de inúmeros matizes e nuances dada a heterogeneidade deste universo. No entanto, parece que se configura através das formas de sociabilidade características de um tempo evocativo de uma memória coletiva da travestilidade baseada em valores afirmativos que contrastam fortemente a experiência do fenômeno na atualidade. Um “ethos” que tenta resistir ao tempo do desgaste e do desaparecimento de seus referentes materiais (ECKERT & ROCHA, 2005). Deste modo, as travestis, quando nos contam sobre as formas de sociabilidades de “tempos antigos”, estão nos desvendando mais um pouco sobre suas trajetórias sociais e, por sua vez, alinhando a própria trajetória do fenômeno da travestilidade em nossa sociedade e na cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, tais territórios e itinerários, acredito, podem ser pensados como, nos termos de Velho (1999a), “um campo de possibilidades”; para antes da efetivação de seus projetos de travestilidades, a possibilidade mesma de imaginá-los.

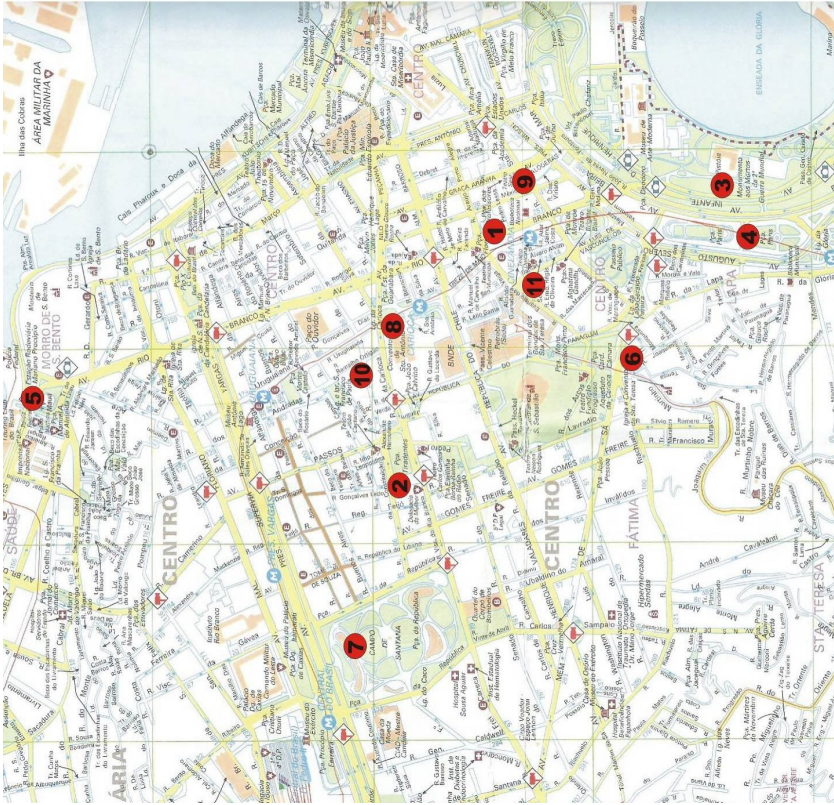
Finalmente, busquei trazer à tona algumas das particularidades e peculiaridades que caracterizam as trajetórias sociais, os itinerários urbanos, formas de sociabilidade, estilos de vida e as visões de mundo de sujeitos que se identificam como “travestis das antigas”. Vimos que suas trajetórias são marcadas pela intensa mobilidade entre diferentes universos sociais e simbólicos, bem como conhecemos um pouco de suas táticas e astúcias (DE CERTEAU, 2008) para realizar estas *travessias* (VELHO, 1999a, 1999b). Neste sentido, a idéia do indivíduo autônomo, sujeito ético-moral, foi fundamental para este trabalho. Por sua vez, tiveram, em parte, ao longo de suas trajetórias, que gerir projetos de vida contrastantes, os que elaboraram para si e aqueles elaborados pelos seus familiares e pela própria ‘sociedade’.

As noções de projeto - em sua articulação com a memória - e a de campo de possibilidades (VELHO, 1999a) foram ponto de apoio para as análises de suas trajetórias sociais no intuito de considerar suas singularidades, mas também compreendê-las como expressão de determinados contextos urbanos, sociais e históricos. Ao mesmo tempo,

insisto que, através de suas experiências de vida tive acesso a diferentes ‘projetos de travestilidades’ que complexificam a própria trajetória deste fenômeno, pensado em termos amplos, na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, através delas, e com elas, pude realizar diferentes *travessias* no âmbito deste universo o que me levou a percorrer suas redes sociais e conhecer às suas formas de sociabilidade com as quais apreendemos o universo da travestilidade e por meio das quais ele consegue *durar!*

Mapa 1

Itinerários urbanos e sociabilidade



Centro (Lapa) e Flamengo

1. Cinelândia (bar amarelinho/teatro Rival /cine Odeon/Capitolio/ Orly)
2. Praça Tiradentes (Teatro Carlos Gomes/ Teatro Recreio/ Teatro João Caetano)
3. Aterro do Flamengo (Monumento dos Prajinhas/ 'as pedras')
4. Praça Paris
5. Praça Mauá (cabarés e boates)
6. Cabaré Casanova
7. Campo de Santana
8. Largo da Carioca
9. Boêmio
10. Cinema Iris
11. Cine Vitória



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBURQUERQUE, Fernanda Farias de; JANELLI, Maurizio. *Princesa*. Traducción de Joaquín Jordá. Barcelona: Editorial Anagrama, 1996.
- ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.67-89.
- _____. Fazendo antropologia no baile. Uma discussão sobre observação participante. In: KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto (Org.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003, p.174-189.
- _____. Velhice, mudança social e percepção do risco. In: VELHO, Gilberto; Kuschmir (Orgs.) *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2001, p.213-236.
- ANTELO, Raul. *João do Rio, 1981-1921. A alma encantadora das ruas*. In: ANTELO, Raul (Org.). *Retratos do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ANTUNES, Gomes Catarina; VIEGAS de Matos Susana. *A identidade na velhice*. Lisboa: Âmbar, 2007.
- ARAGÃO, Luiz Tarlei. Em nome da mãe: posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, n. 3, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, p. 109-145.
- ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP: São Paulo: Imprensa Oficial, 2000 (Coleção espaço e poder).
- ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. Cad. Pagu. Campinas, n. 28, June 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

83332007000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Feb. 2010. doi: 10.1590/S0104-83332007000100007.

ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

_____; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico*. Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.

ASCH, Timothy. Porque e como os filmes são feitos. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ, v. 2, n.3, 1996.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.86-108.

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cad. Pagu, Campinas*, n. 27, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332006000200009&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 Feb. 2010.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *A dialética da duração*. 1994

_____. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989

_____. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

BAUMAN, Richard. *Verbal Art as performance*. Rowley, Mass: Newbury House Publishers, 1977.

_____. *Story, performance and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

- _____. *O Segundo sexo: Fatos e Mitos*. Tradução Sérgio Milliet. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- _____. A calçada das máscaras. In: GOLIN, Célio; WEILER, Luis (Org.) *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Pequena História da Fotografia*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1993, p.197-221.
- _____. A obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução. In: BENJAMIN, Walter. São Paulo: Ed. Abril, Série Pensadores, 1985.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos, um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.
- BENÍTEZ, María Elvira. Buraco da Lacraia: Interações de raça, classe e gênero. In: VELHO, Gilberto. (Org.). *Rio de Janeiro: Cultura, Política e Conflito*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007, p. 2-232.
- BERGER, Paulo (coord.) *Fotografias do Rio de ontem*. – A. Malta. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, v. 7, 1979 (Coleção Memória do Rio).
- BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística* – 4.ed. Petrópolis : Vozes, 1978.
- _____. ;LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

- BERGSON, H. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BERTAUX, Daniel. *L'enquête et ses méthodes: le récit de vie*. 2. ed. Paris: Nathan Armand Colin, 2005.
- BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 92, 1994.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOLIN, Anne. Transcending and transgending: male-to-female, transexuals, dichotomy and diversity. In: HERD, Gilbert (Org.). *Third sex and third gender: beyond sexual dimorphism in culture e history*. New York: Zone Books, 1996.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGUAR, Alison M; BORDO, Susan. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos tempos, 1997.
- _____. A feminista como o Outro. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 8, n. 1, 2000, p. 10-29.
- BORGES, Valdeci Resende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 28, 2001. p. 49-69.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *O Tempo vivo da memória – ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ, Renato: *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- _____. Condição de Classe e Posição de Classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____. A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaina Amado B. de; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. 319p.
- BRIGGS, Charles. Learning how to ask: A sociolinguistic appraisal of the role of the interview: In: BRIGGS, Charles. *Social Science Research*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BRUNER, Edward. Ethnography as narrative. In: TURNER, V; BRUNER, E. (Org.). *The Anthropology of Experience*. Urbana: University of Illinois Press, 1986, p. 139-155.
- BRUSCHINI, M. C. A. *Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1990.
- BUIL, Gaspar Mairal. Una exploración etnográfica del espacio urbano. *Revista de Antropología Social*. Madrid, v. 13, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.
- CABRAL, Benedita E. S. Lima. A vida começa todo dia. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: Editora UFSC, v. 5, n.1, 1997.
- _____. A sociabilidade, alternativa de solidariedade na velhice. ANAIS DA REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 20, Vitória, 1998.
- CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- CANDAU, Joel. *Antropología de la memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth (Org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 156p
- _____. *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no estado de São Paulo*. São Paulo: Primus, 1995. [1973] 220p
- CARDOZO, Fernanda. Parentesco e Parentalidades de Travestis em Florianópolis/SC. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais). UFSC. Florianópolis.

CARRARA Sérgio e VIANNA, Adrianna. Tá lá um corpo estendido no chão. A violência letal contra travestis no Município do Rio de Janeiro. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v.16, n.2, p. 233-249, 2006.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem*: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do fenômeno transexual (1910-1995). *Revista Brasileira de História*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, 2001.

CASTAÑEDA, Marina. *O Machismo Invisível*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006, p.7-51 (Capítulo I).

CASTRO, Celso. *Antropologia cultural*. Franz Boas; textos selecionados. Apresentação e Tradução Celso Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005.

_____. Narrativas e Imagens do Turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia Urbana*. Cultura e sociedade no Brasil e Portugal. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.

CAVALCANTI Maria Laura V. C; FRANCHETTO, Bruna; HEILBORN, Maria Luiza (Orgs.). Antropologia e Feminismo. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v.1, 1981.

CAVENACCI, Máximo. *A cidade Polifônica*. Ensaio sobre antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Editora Livros Estúdio Nobel, 1993.

CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas. A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: RAISSA SCHPUN, Mônica (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o estado*: pesquisas de Antropologia Política. Tradução Theo Santiago. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica*: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COLLIER JR, John. *Antropologia Visual*: A fotografia como método de Pesquisa. São Paulo: EDUSP, 1973

CÓRDOVA, Luiz F. N. Trajetórias de Homossexuais na Ilha de Santa

Catarina: temporalidades e espaços. 2006. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/UFSC, Florianópolis.

COSTA, Jorge Ricardo Santos de Lima; LEMOS, Maria Teresa Torfio. Lapa: desejo e subversões no espaço da cidade. In: LEMOS, Maria Teresa Torfio; MORAES, Nilson Alves de. (Orgs.). *Memória, Identidade e Representação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p 50-63.

COSTA, Icléia T. M.; ORRICO, Evelyn (Org.). *Memória, Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2002.

_____. *Memória e Construções de Identidades*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>. Acesso em: 24 nov.2008.

COSTA, Cláudia de Lima. Revisitando o sujeito do feminismo. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 19, 2002, p.59-90.

CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luis Vicente; FIRMINO da Costa, Antonio. (Orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta Editora, 2003.

CSORDAS, Thomas. Introduction: the body as representation and being-in-the world. In: CSORDAS, Thomas J. (Org.). *The Existencial Ground of Culture and Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

CUNHA CAMPOS, Maria Consuelo. Roberta Close e M. Butterfly: transgêneros, testemunho e ficção. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 7, n. 1/2, 1999.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

_____. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5.

ed. Rio de Janeiro:Rocco, 1997.

_____. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura sociológica*. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar Editores Editores, 1978, p.23-59.

_____. *O que faz o Brasil, Brasil?* 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. A família como valor: Considerações não familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, Ângela Mendes (Org). *Pensando a família no Brasil: Da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, UFRJ, 1987, p. 115-136.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representações sobre a velhice. ANAIS DO VI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Caxambu, 1988.

_____. Gênero e envelhecimento. Os Programas para a Terceira Idade e o movimento de aposentados. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 2, n.3, 1994, p.33-61.

_____. Envelhecimento e curso de vida. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 5, n. 1, 1997, p.120-128.

_____. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999 (2002).

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou Terceira Idade*. Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000a.

_____. Terceira Idade e Solidariedade entre gerações. In: DEBERT, G; Goldstein, D. M. (Orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000b.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 15.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DENIZART, Hugo. *Uma erótica da prótese e da exuberância*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

D'INCAO, Maria Ângela. 1997. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência*, gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 1998.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, Luis Fernando Dias. A construção social da memória moderna. Três ensaios sobre pessoa e modernidade. Boletim do museu nacional. Rio de Janeiro. Série Antropologia, n. 41, 1983.

_____. *Da vida nervosa: nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editores; Brasília: CNPq, 1986. (Antropologia social)

DUBOIS, P. *A imagem fotográfica e outros ensaios*. São Paulo: Papiрус, 1994.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução. Paulo Neves. Coleção Tópicos. Editora Martins Fontes, 2003.

_____. *Lições de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DURAND, Gilbert. *A fé do sapateiro*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1995. 231p

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução a arquetipologia geral* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. El espacio forma a priori de la fantástica. In: DURAND, Gilbert. *Las estructuras antropológicas del imaginário*. Introducción a la arquetipologia general/Gilbert Durand. Traducción de Victor Goldstein –México FCE, 2004.

DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade*. A vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1973

DURST, Rogério. *Madame Satã: com o diabo no corpo*. 2. ed. São Paulo:Brasiliense, n.68, 2005. (Coleção encanto radical)

ECKERT, Cornelia. A saudade em festa e a ética da lembrança. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 5, n. 1, 1997, p.182-192.

_____. Tempo e Memória. Da Duração continua a Dialética da

Duração. In: DEBERT, G; Goldstein, D. M. (Org.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

_____. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. *Revista Humanas*. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, IFCH, v.16, n.1, 1996-1997, p.21-44.

_____. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetórias de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos E. A. (Org.) *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p.73-102.

_____. O que não esquecemos? Tudo aquilo que temos razões para começar. In: POSSAMAI, Zita; ORTIZ, Vitor. (Orgs.) *Cidade e Memória da Globalização*. Seminário das Mercocidades. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, Unidade Editorial, 2002, p.77-87

_____; GODOLPHIM (Org). *Horizontes Antropológicos*. Antropologia Visual. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 1, n. 2, 1995.

_____; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Revista Iluminuras*- O espaço vivido e o tempo narrado: por uma etnografia da duração. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, n.1, 2000a.

_____. A memória como espaço fantástico. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Revista Iluminuras* - O espaço vivido e o tempo narrado: por uma etnografia da duração. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, n.1, 2000b.

_____. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Revista Iluminuras* – O espaço vivido e o tempo narrado: por uma etnografia da duração. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, n.1, 2000c.

_____. Os jogos da memória. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Revista Iluminuras* - Os jogos da memória e seus espaços fantásticos. Porto Alegre. PPGAS/UFRGS, n.2, 2000d.

_____. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Revista Iuminuras - Antropologia urbana: cidades e estilos de vida*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, n.4, 2001.

_____. Etnografias na rua. *Revista Iuminuras - Etnografias na rua*. Porto Alegre. PPGAS/UFRGS, n.7, 2003.

_____. A aventura antropológica de narrar à cidade: nas trilhas da antropologia urbana e da antropologia da imagem. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Revista Iuminuras- No curso do tempo: estórias e histórias do viver urbano*. Porto Alegre. PPGAS/UFRGS, n.19, 2008 [2007]

_____. Cidade “com qualidade”. Estudo de memória e esquecimento sobre medo e crise na cidade de Porto Alegre. *Sociedade e cultura*. v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p.61 - 79. Disponível em: <Inhttp://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/282/2123>. Acesso: 30/10/2009.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994

_____. *A solidão dos moribundos*. Seguido de envelhecer ou morrer. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

_____; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000 (Introdução p.19-50. Apêndices p.187-198)

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERDMANN, Regina Maria. Reis e Rainhas no Desterro - um estudo de caso. 1981. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFSC, Florianópolis.

EVANS T. David. *Sexual Citizenship*. The material construction of sexualities. London and New York, Routledge, 2004.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os nuer: uma descrição do modo*

de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, n.53, 1993. (Estudos)

FEATHERSTON, M.; HEPWORTH, M. Envelhecimento, tecnologia e curso da vida incorporado. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna (Org.). *Políticas do corpo e curso de vida*. São Paulo: Sumaré, 2000.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam Moreira. (Org). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.

FERREIRA, Maria Leticia. Olhares fixos na Imensidão do tempo: Fotografia e Lembrança. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, v. 2, 1996.

_____. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.) *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FERNANDEZ, Josefina. *Cuerpos desobedientes*. Travestismo e identidad del genero. Buenos Aires: Edhasa, 2004.

FICHER.S, Claude. To Dwell Among friends. Personal Networks. In: *Town and City*. The University of Chicago Press, London, 1982.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s carioc@s: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro Séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FIGUEIRA, Sérvulo. .O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo (Org.). *Uma Nova Família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1987 p. 11-37.

FIRTH, Raymond. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974

FLORENTINO, Cristina de Oliveira. Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher! – uma etnografia de travestis em P. Alegre. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/PPGAS/UFSC, Florianópolis.

FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

_____. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. Cad. Pagu [online]. 2007, n.29, pp. 9-35.

_____. ; BRITO, Maria Noemi (Org.). *Horizontes Antropológicos: Gênero*. Porto Alegre, v.1, n. 1, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. *Historia da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Historia da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro Graal, 1985.

_____. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. 6 ed. Tradução de Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A microfísica do poder*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1982.

FRAIHA, Silvia; LOBO, Tiza. (Orgs.). *Leme e Copacabana. Bairros do Rio*. Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 1998.

FRANCE, Claudine de. *Cinema e Antropologia*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

FRAZER, Sir James George. *O ramo de ouro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 19. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1978.

_____. *Ordem e progresso*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

_____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985 (Coleção Primeiros Passos).

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: Prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

GARFINKEL, Harold. Passing and the managed achievement of sex status in an intersexed person: transgender studies reader. Edited by Susan STRYKER and Stephen Whittle. New York, Routledge, 2006.

_____. *Studies of Ethnomethodology*, Cambridge England: Polity Press, 1984.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 – morar, cozinhar*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

GOLIN, Célio; WEILER, Luis Gustavo (Org). *Homossexualidade: cultura e política*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

GONDAR, Jô. Lembrar e Esquecer: desejo de memória. In: GONDAR, Jô (Org.) *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

GOLDENBERG, Miriam. (Org.) *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____; RAMOS, Marcelo S. *A civilização das formas: o corpo como*

valor. In: GOLDENBERG, Miriam (Org.) *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, p.19-40, 2002.

_____. O corpo como valor na cultura brasileira. Disponível em: www.ciudadaniasexual.org/Reunion/M3%20Goldenberg.pdf, p.1-11, 2005. Acesso. Setembro de 2009.

GONZAGA, Juliana Jaime. *Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNICAMP, Campinas.

GRAEFF, Lucas. *O mundo da velhice e a cultura asilar. Estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique em Porto Alegre*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/ UFRGS.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade. Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis: PPGAS/UFSC, n. 24, 1998.

_____. Masculinidades. Uma Revisão Teórica. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis: UFSC /Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, n.75, p.1-37, 2004.

_____. Famílias homossexuais: novas famílias? Algumas reflexões sobre a parentalidade gay e lésbica no Brasil e na França. In: RIAL, Carmen S. M; TONELI, Maria Juracy F. *Genealogias do Silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 85-93.

_____. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil.. *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP, 2003.

_____; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. (Orgs.) *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GROSS, Elisabeth. *Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp, 2000.

GUBER, Rosane. *El sevaje metropolitano*. Reconstrucción Del

conocimiento social en el trabajo de campo. 1 ed. Buenos Aires: Paidós, 2004, p. 328.

GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ, v. 1, n. 10, 2000, p. 155-165.

_____. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (Org.). *Infância e velhice: pesquisa de idéias*. Campinas: Editora Alínea, 2003

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP & Aed, 2002.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HAMBURGER, Esther Império. A expansão do "feminino" no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2007, vol.15, n.1 [citado 2009-12-14], pp. 153-175. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2007000100010&lng=pt&nrm=iso>.

HANNERZ, ULF. *Exploracion de la ciudad*. Hacia una antropología urbana. Fondo de Cultura Económica, 1986.

HARTMANN, Luciana. Performance e experiência nas narrativas orais da Fronteira entre argentina, Brasil e Uruguai. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 125-153, jul./dez. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a07v11n24.pdf>. Acesso:17 nov. 2009.

HEAP, Chad. The City as a Sexual Laboratory: The Queer Heritage of the Chicago School. *Journal Qualitative Sociology*, v.26, n.4, p. 457-48, December, 2003 (Humanities, Social Sciences and Law)

HECK, R. M. & LANGDON, E. J. M. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em comunidade rural. In: MINAYO, M. C. S; COIMBRA Jr, C. E. A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002, p. 129-152.

HEILBORN, Maria Luiza. A costela de adão revisitada: gênero e hierarquia. Trabalho apresentado na 18ª reunião da ABA. Belo Horizonte, Mimeo, 1992.

_____. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.

_____. Gênero: um olhar estruturalista. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998a, p. 43- 55.

_____. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina (Orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA-IMSUERJ, 1996.

_____. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. A primeira vez nunca se esquece. Trajetórias sexuais masculinas. In: *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.6, n.2, Rio de Janeiro, IFCHS/UFRJ, p. 394-405, 1998b.

HENNING, Carlos Eduardo. As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

HERDT, Gilbert. Introduction: third sexes and third genders. In: HERDT, Gilbert. *Third sex, third Gender: beyond sexual dimorphism in culture and history*. New York: Zone Books, 1996.

HOCHMAN, Gilberto. Aprendizado e difusão na constituição de políticas: a Previdência Social e seus técnicos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 3 (7), 1998.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Estudos; 4. Filosofia)

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos; ORLEANS, Roberto Ghignone de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. *Cad. Saúde Pública* [online] v.25, n.4, p. 773-782, 2009.

IWATA, Nara. O Rio e o mar. A influência da orla marítima na formação do imaginário da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp069.asp>, maio, 2001. Acesso em agosto de 2009.

JARDIM, Denise Fagundes. Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos. In: LEAL, Ondina (Org). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre/UFRGS, 1995.

JOAQUIM ESTEVES, Antonio. Envelhecimento: contas da idade e as contas com os modos de viver e morrer. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia – Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas*. Porto, 2003.

JONES, Daniel. Estigmatización y discriminación a adolescentes varones homosexuales. In: PECHENY, Mário; FIGARI, Carlos; et. al. *Todo sexo es político: estudios sobre sexualidad en Argentina*. 1 ed. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2008, p.47-72.

KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil – Século XIX*. Rio de Janeiro:Funarte, 1980.

KULICK, Don. *Travesti: sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998

_____. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução Cezar Gordon. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LANCOMBE, Andrea. *Para hombre ya estoy yo: masculinidades y socialización lésbica en un bar de Río de Janeiro – 1 ed.* –Buenos Aires : Antropofagia, 2006. (Serie Etnográfica)

LANGDON, Esther Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética da literatura oral. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 5, n. 12, p. 13-36, dez, 1999.

_____. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Brigs. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis/PPGAS/UFSC, n. 94, 2007.

_____. A doença como experiência: o papel da narrativa na construção sociocultural da doença. *Etnográfica: Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*. Lisboa, p.241-260, 2001.

_____. Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu

Desafio para a Prática Médica. Palestra oferecida na Conferencia 30 Anos Xingu, Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 23/08/95. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~nessi/A%20Doenca%20como%20Experiencia.htm>. Acesso em out/2009.

LANG, Sabine. There is more than just women and men – Gender variance. In: *North American Indian cultures*. London: Cambridge University Press, 2000.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: o corpo e gênero, dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.

LEAL, Ondina Fachel (Org.). *Corpo e significado: ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M.S Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LEITE, Márcia Pereira. Vozes e imagens do morro: as favelas cariocas no cinema brasileiro. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, UERJ, v. 11, p. 49-68, 2000.

_____. Da metáfora da guerra a mobilização pela paz: temas e imagens do Reage Rio. *Cadernos de Antropologia e Imagem- A cidade em imagens*. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3, n. 4, p. 1997.

_____. Imagens, escolhas e dilemas de uma cidade em pé de guerra. Proposta. Rio de Janeiro, FASE, n. 66, 1995.

_____. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. *Rev. bras. Ci. Soc*, São Paulo, v. 15, n. 44, Oct. 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092000000300004&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Feb. 2010. doi: 10.1590/S0102-69092000000300004.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LEMEBEL, Pedro. *La esquina es mi corazón*. Santiago do Chile: Editorial Planeta Chilena, 2004.

LEROI-GOURHAN, Andre. *O gesto e a palavra*. Técnica e Linguagem. Lisboa, Edições 70, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A família. In: SHAPIRO, Harry (Org). *Homem, Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1972, p. 309-333.

_____. *As estruturas elementares do parentesco*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982[1908].

_____. *Antropologia estrutural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

_____. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. 443p. (Biblioteca tempo universitário; 7)

_____. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

_____. Memória e família. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 29-42, 1989

_____. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

_____. Velhice na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Ehlers Clarice. (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Rede sociais e cotidiano de velhos num subúrbio carioca. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro, PPCIS-UERJ, ano 3, n. 2, 2001, p.233-246.

_____. O passado no presente. Aos 70 falando do Rio de Janeiro. *Cadernos de Antropologia e Imagem- A cidade em imagens*. Rio de Janeiro, UERJ, ano 3, n. 4, 1997, p.91-119.

_____. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: LINS DE BARROS, Myriam (Org). *Família e Gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006a, p.17-38.

_____. Trajetória dos estudos sobre velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas* n. 52, p. 109-132, 2006b.

_____. Velhos e Jovens no Rio de Janeiro: processos de construção da realidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003, p.156-173.

LOIZOS, Peter. Construções de vida real: biografias e retratos. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, UERJ, ano 2, n. 3 1996.

LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOPES, Susana Helena. Corpo, metamorfose e identidades – De Alan a Elisa Pop Star. In: LEAL, Ondina (Org). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre/UFRGS, 1995.

_____. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte. Autentica, 2001.

_____. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e individualismo. *Série Antropologia*. Brasília UNB, n. 291, Brasília UNB, 2001a.

_____. Masculinidades e violências. Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. *Série Antropologia*. Brasília /UNB, n.290, 2001b.

MACDOUGALL, David. Mas afinal, existe realmente uma antropologia visual? In: MONTE-MÓR, Patrícia; PARENTE, José Inácio. (Orgs.) Catálogo da 2ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico. Rio de Janeiro, outubro, 1994

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *A violência totalitária: ensaio de antropologia política*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *A Conquista do presente*. Tradução de Márcia C. de Sá

Carvalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. *A sombra de Dionísio*. Contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução de A.R. Trinta. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

MAGNANI, José Guilherme Castor. Quando o campo é a cidade. Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole*. Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

_____. *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. A rua e a evolução da sociabilidade. *Cadernos de História*. São Paulo, Museu Paulista-USP, n. 2, jan/dez, 1993.

MALIGHETTI, Roberto. Etnografia e Trabalho de Campo. Autor, autoridade e autorização de discursos. *Cadernos Pós-Ciências Sociais*. São Luis/MA, v. 1, n.1, mar/jul, página, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *A vida sexual dos selvagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 143-153, 2002a

_____. O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero. In: Fazendo Gênero III, Texto apresentado na Mesa Redonda «Corpo, sexualidade e representações», Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, maio de 1998.

_____. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 69-82, 1999.

_____. Gênero, poder feminino e narrativas de bruxaria.. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Entre a Virtude e o Pecado*. São Paulo: Ed. Rosa dos Tempos/FCC, 1992, p. 191-212.

_____. Corpo e Corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. *Esboços (UFSC)*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História/UFSC, v.9, p.87-101, 2002b.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa,

- a noção do Eu. *Sociologia e antropologia*. São Paulo (SP): Cosacnaify, 2003. 535p
- _____. As Técnicas Corporais. *Sociologia e antropologia*. São Paulo (SP): Cosacnaify, 2003. 535p.
- MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- _____. Visual anthropology in a discipline of words. In: *Principles of Visual Anthropology*, Paris: Ed. The Hague, 1975.
- MENEZES, Claudia. Registro visual e método antropológico. Cadernos de textos: Antropologia Visual. Rio de Janeiro, ano 4, n. 16, 1985.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1945].
- MIGUEL de M. Jesús. La memória perdida. *Revista de Antropologia Social*. Madrid, v. 13, 2004.
- MONTE-MOR, Patrícia e PEIXOTO, Clarice (Org.). *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Antropologia e Fotografia. Rio de Janeiro, UERJ, n. 2, 1996.
- _____. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Antropologia e Cinema: Primeiros Contatos. Rio de Janeiro, UERJ, n. 1, 1995.
- _____. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Construção e Análise de Imagens. Rio de Janeiro/UERJ, n. 3, 1996.
- MOORE, Henrietta L. *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 1999, p. 151-171.
- _____. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. Cadernos Pagu. Campinas, n.14, 2000.
- MORAES FILHO, Evaristo de. Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- MOREIRA, Regina da Luz. Trópico versus civilização nas imagens de Augusto Malta (Rio de Janeiro, 1903-1906). Cadernos de Antropologia e Imagem – A cidade em imagens. Rio de Janeiro, UERJ, ano 3, n 4, 1997.
- MOTT, Luis. *Dez Viados em questão: tipologia dos homossexuais na Bahia*. Salvador: Editora Bleff, 1987.

MOTTA, Flávia de Mattos. *Velha é a vovozinha*: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

MOTTA, Alda Brito da. Chegando pra idade. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: Editora da UFSC, v. 5, n. 1, 1997.

_____. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Ehlers Clarice (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.109-144.

_____. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos E. A. (Org.) *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p.37-50.

MOTTA, Marly Silva da; SANTOS, Angela Moulin S. Penalva. O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). *Revista Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. 2003.

MOUTINHO, Laura. Homossexualidade e religiosidade em cultos de possessão no Brasil. Comunicação apresentada no VII congresso luso afro-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra/Portugal, 2004, p.1-15.

_____. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v.14, n.1, p.103-11, abril/2006.

NAMASTE, Viviane K. Genderbasching. Sexuality, Gender, and the Regulation of Public Space. *Environmental Planning D: Society and Space*. London, v 14, p 584-600, 1996.

NANDA, Serena. Hijars: An Alternative Sex and Gender Role in India. In: HERDT, Gilbert (Org). *Third Sex, Third gender: Beyond Sexual Dimorphism*. Culture and History. New York: Zone Brooks, 1994.

NARDI M.Peter. The Mainstreaming of lesbian and gay studies? In: SEIDMAN, Steven; RICHARDSON, Diane (Orgs.). *Handbook of Lesbian and Gay Studies*. Sage Publications, London, 2002.

NOVAES, Silvia Caiuby. Um casamento no Paquistão: na captura de imagens. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro/UERJ, ano 2, n. 3, página, 1996.

OCHS, Elinor and CAPPS, Lisa. Narrating the Self. *Annual Review of Anthropology*. Published by: Annual Reviews, v. 25, 1996, p. 19-43.

O'DONNELL, Júlia. *De olho na Rua*. A cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 36-41. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso: abr. 2009.

OLIVEIRA, Marcelo Dias de. O lugar do travesti em desterro. 1997. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/PPGAS/UFSC, Florianópolis.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: CEB/UFBA, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. 2. ed. Brasília, São Paulo: Paralelo 15, UNESP, 2000.

_____. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEN, Ruben. Por uma Antropologia em Cidades Brasileiras. In: BARAT, Josef. *Contribuições em desenvolvimento urbano 2*. Rio de Janeiro: Campus, 1980 p.23-36.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *A moderna tradição brasileira*. Cultura Brasileira e Indústria Cultural. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. ; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, Jose Mario Ortiz. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1989. 197p

ORTNER, Sherry. .Está a Mulher para o Homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, p. 95-120.

OVERING, Joanna; RAPPORT, Nigel. *Social and Cultural Anthropology. The Key Concepts*. Routledge, London and New York, 2007.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para investigações do comportamento social no meio urbano. In: VELHO, O. G. (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979[1916].

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador*. Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PELÚCIO, Larissa. No salto: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, Alinne; FLECHTER, Soraya (Org). *Entre Saias Justas e Jogos de Cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente (no prelo)*.

_____. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre prostituição travesti. *Cadernos Pagu*. Campinas: PPGAS/Unicamp, n. 25, p. 217-248, 2005.

_____. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo da AIDS*. 2007. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) São Carlos: UFSCar.

_____. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2006, vol.14, n.2, pp. 522-534. ISSN 0104-026X. doi: 10.1590/S0104-026X2006000200012 .

_____. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

PEIRANO, Mariza. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Campos*. Brasília, 7(2), p.9-16, 2006.

PEIXOTO, Clarice. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000a.

_____. Entre o estigma e a compaixão, e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: LINS DE BARROS. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000b.

_____. Histórias de mulheres, de envelhecimento e de sexualidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, Donna (Orgs.). *Políticas do corpo e curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000c.

_____. Os jardins ao longo dos séculos: notas sobre as ideologias paisagísticas na França e no Brasil. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, UERJ, v. 4, p. 57-70, 1997.

_____; BOZON, Michel. Apresentação: Comportamentos familiares: resultados e perspectivas. Interseções: *Revista de estudos interdisciplinares*. Rio de Janeiro, 3(2), p.25-30, 2001.

_____. (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PERES, Wiliam Siqueira. Subjetividade das Travestis Brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. 2005. Tese. (Doutorado em Saúde Coletiva). PPG em Saúde Coletiva/Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PIAULT, Marc-Henri. Antropologia e a sua passagem à imagem. *Cadernos de Antropologia Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ, n.1, 1995.

_____. Antropologia e cinema. In: MONTE-MÓR, Patrícia; PARENTE, José Inácio. (Orgs.) Catálogo da 2ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico. Rio de Janeiro, outubro/1994

PIÑA, Carlos. Sobre la naturaleza del discurso autobiográfico. Anuário Antropológico/88, Editora Universidade de Brasília, 1991.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 5, n. 10, 1992.

_____. A homossexualidade masculina ou a felicidade no gueto? In: ÁRIES, Philippe e BÈJIN, André (Orgs). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PRADO, Rosane Manhães. Mulher de novela e mulher de verdade: estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela. 1987. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PRADO JUNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1933.

PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual*. 1. ed. Madrid, Editorial Opera Prima, 2002

PRICE, Richard. Meditação em torno dos usos da narrativa na

antropologia contemporânea. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 10, n. 21, 2004

RADCLIFFE-BROWN, A. R. In: RADCLIFFE-BROWN, A. R.; FORDE, Daryll. *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*. Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1982.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Sexualidade e Identidade na historiografia brasileira. SILVA, José Glaydson da; (Org.) *Revista Aulas* (Dossiê de Identidades Nacionais). Campinas, n.2 outubro/novembro, 2006

REDFIELD, Robert. *The Cultural Role of Cities*. Indianapolis: Bobbs-Merrill (Economic Development and Cultural Change) 3/1(1954): p. 53-77, 1963.

RESENDE, Claudia Barcellos. Os limites da sociabilidade: cariocas e nordestinos na Feira de São Cristóvão. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.28, 2001.

RIAL, Carmen. Contatos Fotográficos. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis, PPGAS/UFSC, n. 2001.

_____; SERZEDELO, Gilka. Ruas, falas e imaginário. *Estudos feministas*. Rio de Janeiro, v 2, n. 2, 1992.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

_____. *Temps et récit*, Tome I. Paris, Seuil, 1983

_____. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. São Paulo: Papyrus, 1994.

_____. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. São Paulo: Papyrus, 1997.

_____. Memória pessoal, memória coletiva. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 106-154.

RIGAMONTE, R.C. Severinos, Januárias e Raimundos: notas de uma pesquisa sobre os migrantes nordestinos na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lílian. (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996, p.230-252.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Tecnologias Audiovisuais na Construção de Narrativas Etnográficas, um percurso de investigação. *Campos* 4, 2003, p. 113-134. Disponível em

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/1601/1349>>. Acesso abr. 2009.

_____. A terra e os seus filhos monstruosos: a gestão da cidade sob os trópicos. *Revista Iluminuras*. Porto Alegre, BIEV/UFRGS, n. 19, 2008.

_____. Bonfim: feições de uma cidade no plural... Ou o lugar da desordem. *Revista Iluminuras*. Memórias afetivas e a força dos sentidos Porto Alegre, BIEV/UFRGS, n.5, 2002 [2001].

_____. Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.

_____. Direito autoral, de imagem, som e produção de conhecimento na web. Mimeo, 2006.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: PEIXOTO, Ehlers Clarice (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.

ROSALDO, Michelle. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 1, n.1, p.11-36, 1995.

_____; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

ROSALDO, Renato. Ilongot hunting as story and experience. In: TURNER, V.; BRUNER, E. (Org.). *The Anthropology of Experience*. Urbana: University of Illinois Press, 1986, p. 97-138.

SAMAIN, Etienne. Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos*. Antropologia Visual. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, n. 2, 1995, p.19-48.

_____. As questões heurísticas da imagem. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Desafios da Imagem: Iconografia, fotografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papirus, 1998, p.51-64.

SANTANA, Marco Aurélio. Memória, cidade e cidadania. In: GONDAR, Jô. (Org.) *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

SANTOS, Myriam. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Revista brasileira de Ciências Sociais/RCBS*, ano 8, n.23, 1993.

SANTOS, M.C. Quem pode falar e como? Uma conversa não inocente com Donna Haraway. *Cadernos Pagu: situando diferenças*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

SANTOS, C. N.; VOGEL, A. (Coord). *Quando a rua vira casa*. São Paulo, Projeto, 1985.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Incorrigíveis, afeminados e desenfreados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 40, n.2, p.145-182, 1997.

SCHERER, Joana. Documento Fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, UERJ, n. 3, 1996.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. (Org.) WAGNER, Helmut R. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHPUN, Monica Raisa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

SCHNEIDER, David. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1984.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra*. O Corpo e a cidade na civilização ocidental. Parte III Artérias e Veias. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

SCOTT, Joan W. *A cidadã Paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.16. n. 2, p. 5-22, julho/dezembro, 1990.

SCOTT, Parry. A etnografia da família de camadas e de pobres urbanos: trabalho, poder e a invenção do público e do privado. *Revista de Antropologia*. Recife: UFPE, v.1, n.2, p.142-160, 1996.

_____. Gerações, comunidades e o Programa Saúde da Família: reprodução, disciplina e a simplificação administrativa. In: LINS DE BARROS, Myriam (Org.) *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.107-126

SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Castelo a Tancredo: 1964-1985*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro:

Relume-Dumará/Iser, 1993.

_____.; FLORENTINO, Cristina de Oliveira. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996a.

_____. *Certas Cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1996b.

SILVA, Marco Aurélio da. Se manque: uma etnografia do carnaval no pedaço GLS da Ilha de Santa Catarina. 2003. 134f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social UFSC. Florianópolis.

_____. O Carnaval das identidades. Homossexualidade e Liminaridade na Ilha de Santa Catarina. In: SANTIN, Myriam Aldeman (Org.). *Revista Grifos: Dossiê Gênero e Cidadania*. Chapecó: Argos Ed Universitária, v. 16, p. 53-76, maio/2004.

SILVA, Rogério Araújo da. *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia.: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2000.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio .G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

_____.; MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.) *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Sobre la individualidad y las formas sociales* - 1 ed. Quilmes: Universidade Nacional de Quilmes, 2002.

_____. *Cultura feminina y otros ensayos*. Barcelona: Alba Editorial, 1999 (Col. Pensamiento, Claicos, 3).

SIMOES, Júlio. Provedores e Militantes. Imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice. *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro. FGV, 2004. p 24-56.

_____. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. Comunicação apresentada na Mesa-Redonda Novas Interfaces da Homossexualidade, no Simpósio Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras, organizado pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM)/IMS/UERJ e

Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas, em 2003

_____; DEBERT, Guita Grin. A aposentadoria e a reinvenção da terceira idade. *Textos didáticos: Antropologia e Velhice*. Campinas, IFCH/UNICAMP, n. 13, p.31-4, mar, 1994.

SIMÕES JR., A. C. Vozes da bichórdia – Construções de memórias através do discurso dos leitores do jornal Lampião da Esquina. In: ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, São Luís, 2006. Disponível em: http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/alternativa/a_simoes_jr.doc. Acesso em: abril de 2008.

SIQUEIRA, Monica Soares. Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice. 2004. 148f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

SIVORI, Horácio Federico. *Locas, chongos y gays*. Sociabilidade homossexual masculina durante la década de 1990. 1 ed. Buenos Aires: Antropofagia, 2005.

SOARES, Luis Eduardo. Criminalidade e violência. Rio de Janeiro, São Paulo e perspectivas internacionais. Comunicação e Política. Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1994-1995.

_____. Sair do armário e entrar na gaveta. In: GOLIN, Célio; WEILER, Luis Gustavo (Orgs.) Homossexualidades, cultura e política. Porto Alegre: Sulina, 2002, p.133-139.

SOBRAL, Jose Manuel. Memória Social, identidade, poder e conflito. *Revista de Antropología Social*. Madrid, v. 13, 2004.

SONTAG, Susan. *Notas sobre Campo*. Contra a Interpretação. Porto Alegre: L&PM, 1987.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do Campo Religioso. *Revista Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, v. 3, n.3, p.115-129, out. 2001.

TARNOVSKI, Flávio Luiz. .Pais Assumidos: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. 2004. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social /UFSC. Florianópolis.

- TEDESCO, João Carlos. *Georg Simmel e as sociabilidades do moderno: uma introdução*. TEDESCO, João Carlos [et al.]. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica*. Investigação social e enquête operária. São Paulo: Pólis, 1980.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. Cad. Pagu. Campinas/UNICAMP, n.31, p.275-308, dez, 2008.
- TERTO JR, Veriano. Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: questões da homossexualidade masculina em tempos de AIDS. In: *Sexualidades brasileiras*. PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Orgs.) Rio de Janeiro, Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996. 90-104 p
- TRAVASSOS, Sônia Duarte. Fotografia e construção etnográfica. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ, ano 2, n. 3, 1992.
- TURNER, Victor; BRUNER, Edward (Orgs). *The Anthropology of experience*. ILLINOISUNIVERSITY, 1986
- _____. Social dramas and stories about them. In: MITCHELL, W. J. T. (Org.). *On narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1981. p. 137-164.
- _____. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. Dramatic ritual/ritual drama: performative and reflexive Anthropology. In: TURNER, Victor. *From ritual to Theatre*. New York: PAJ Publications, 1982. p. 89-101.
- TYLOR, Edward Burnett. *The origins of culture*. New York: Harper & Brothers, 1958.
- UZIEL; Anna Paula; et al. Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. Horiz. antropol. [online]. 2006, vol.12, n.26, pp. 203-227.
- VAINFAS, R. *Trópicos dos Pecados*. Moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VALENTINE, Gil. Hetero (sexing) space. Lesbian Perceptions and Experiences in Every days Spaces. In: Environmental Planning D: Society and Space. London, v. 11, p 395-413, 1993.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo: Annablume, 2000.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si*. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa/Portugal: Fim de Século Edições, 2000.

_____. Corpo Presente: antropologia do corpo e da incorporação. In: VALE DE ALMEIDA, Miguel (Org.). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta Editora, 1996.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999a.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2.ed Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999b

_____.(Org.) *Desvio e divergência: uma critica da patologia social*. 7.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999c. [1974]

_____. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002a. [1973] (Antropologia Social)

_____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002b.

_____. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. 2. ed Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999d.

_____. *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas/FGV, 1998.

_____. Antropologia e cidade. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002c. p. 36-41. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso: abr. 2009.

_____. (Org.). *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar Editores Ed. 2007. .

VELHO, Otavio Guilherme. *O fenômeno urbano*. 4.ed. Rio de Janeiro

:Guanabara, 1987.

VELLOSO, Monica Pimenta. *As tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

_____. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VENCATO, Anna Paula. *Fervendo com as drags: corporalidade e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. 2002. Dissertação. (Mestrado Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC, Florianópolis.

_____. *Confusões e Estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros*. *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas, UNICAMP/ IFCH / AEL, v. 10, n.18/19, p. 185-218, 2003.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIEGAS, Suzana de Matos. *Pessoas Presentes, Pessoas Ausentes*. In: VALE DE ALMEIDA, Miguel. (Org). *Corpo Presente: Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta Editora, 1996.

VILHAÇA, Nízia. *Corpo à moda mídia na cidade do Rio de Janeiro*. Projeto de pesquisa *Construção do corpo na mídia: texto e imagem*. Pós-Eco/ UFRJ, 2007. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/nvillaca_2.pdf. Acesso Agosto/2009

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2000.

WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1987. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais)

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In: LEAL, Ondina. *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. (Org.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. WELZER-LANG, Daniel. *Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo*. In: RAISSA SCHPUN, Monica (Org). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Otávio

(Org.). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 90-114.

WITTIG, Monique. La categoria del sexo. In: WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Traducción de Javier Saez y Paco Vidarte. Madrid: Editorial Egales, 2006, p. 21-29.

_____. El pensamiento heterosexual. In: WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Traducción de Javier Saez y Paco Vidarte. Madrid : Editorial Egales, 2006. 45- 59 p

ZALUAR, Alba. *O antropólogo e os pobres*. Introdução metodológica e afetiva. In: ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. As organizações populares e o significado da pobreza. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1985, p. 8-32.

_____. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, H. (Org.) *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. *Da revolta ao crime* S.A. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)